

BOLETIM
DE
FILOLOGIA

TOMO XII — FASCÍCULO I

CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS
TRAVESSA DO ARCO A JESUS, 13
LISBOA

1951

Sumário:

Artigos	Pág.
MANUEL DE PAIVA BOLÊO, <i>Dialectologia e história da língua — Isoglossas portuguesas</i>	1-44
H. STEN, <i>Accusatif + infinitif et nominatif + infinitif</i>	45-59
MARIA ADELAIDE VALLE CINTRA, <i>Bibliografia de textos medievais portugueses publicados</i>	60-100
Miscelânea	
SANTOS AGERO, <i>And. mojasuela</i>	101-103
JOSÉ INÊS LOURO, <i>Alguns nomes de aves de origem onomatopeica</i>	104-116

Assinatura (4 fasc.)

Portugal e Espanha	60\$00
Colónias e Estrangeiro	70\$00
Fascículo avulso.	15\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS
TRAVESSA DO ARCO A JESUS, 13 — LISBOA (PORTUGAL)

PEDIDOS À **LIVRARIA SÁ DA COSTA**
RUA GARRETT, 100-102 — LISBOA (PORTUGAL)

BOLETIM
DE
FILOLOGIA

TOMO XII

CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS
TRAVESSA DO ARCO A JESUS, 13
LISBOA

1951

ÍNDICE DO TOMO XII

Artigos

BOLEÓ (MANUEL DE PAIVA), <i>Dialectologia e história da língua — Isoglossas portuguesas</i>	1-44
HUBSCHMID (JOHANNES), <i>Studien zur iberoromanischen Wortgeschichte und Ortsnamenkunde</i>	117-156
LOURO (JOSÉ INÊS), <i>Considerações Etimológicas (Lampa, lampo; canga; pescaz; piscola, etc.)</i>	267-290
LÜDTKE (HELMUT), <i>Sobre a função do verbo em românico, germânico e eslavo</i>	157-183
MENÉNDEZ PIDAL (R.), <i>Mars Carioctecus</i>	225-227
NEUVONEN (EERO K.), <i>Los arabismos de las Cantigas de Santa Maria</i>	291-352
ROHLFS (GERHARD), <i>Aspectos de toponimia española</i>	229-265
STEN (H.), <i>Accusatif + infinitif et nominatif + infinitif</i>	45-59
VALLE CINTRA (MARIA ADELAIDE), <i>Bibliografia de textos medievais portugueses publicados</i>	60-100

Miscelânea

CINTRA (LUÍS F. LINDLEY), <i>Sobre uma tradução portuguesa da «General Estoria» de Afonso X</i>	184-191
LOURO (JOSÉ INÊS), <i>Alguns nomes de aves de origem onomatopeica</i>	104-116
SÁ NOGUEIRA (RODRIGO), <i>Crítica etimológica — devanear</i>	192-193
SANTOS AGERO, <i>And. mojasuela</i>	101-103

Recensões Críticas

AEBISCHER (PAUL), <i>Chrestomathie franco-provençale. Recueil de textes franco-provençaux antérieur à 1630</i> (M. A. Valle Cintra)	209
— <i>Perspective cavalière du développement du suffixe -arius dans les langues romanes et particulièrement en italien</i> (H. Meier)	208-209
ALARCOS LLORACH (EMILIO), <i>Fonología española</i> (H. Lüdtke)	355-358
BEINHAEUER (WERNER), <i>Das Tier in der spanischen Bildsprache</i> (H. Meier; D. Maçãs)	366-373
CÂMARA JR. (J. MATTOSO), <i>Os fonemas em português</i> (H. Lüdtke)	353-355
CASARES (JULIO), <i>Introducción a la lexicografía moderna</i> (G. Manuppella)	358-365

JORGE DIAS, <i>Vilarinho da Furna</i> (H. Meier)	208
KRÖLL (HEINZ) <i>Ein Beitrag zur portugiesischen Wortgeschichte</i> (H. Meier)	206-207
MALER (BERTIL), <i>Synonymes romans de l'interrogatif «quais»</i> (H. Meier)	207
MALKIEL (YAKOV), <i>La derivación de rebelde, rebel-dia y las fuentes del grupo de consonantes -id- en ibero-románico</i> (J. Inês Louro)	200-202
MEIER (HARRI), <i>Span-port. cama, rum. pat Bett</i> (Luís F. Lindley Cintra)	376-378
MENÉNDEZ PIDAL (<i>Estudios dedicados a—</i>), tomo I (L. F. Lindley Cintra)	194-199
PINON (ROGER), <i>La coccinelle wallone, messagère de bonheur</i> (D. Maças);	
— <i>Le folklore de la coccinelle dans la province de Liège;</i>	
— <i>Le folklore de la coccinelle;</i>	
— <i>Le folklore de la coccinelle dans la province de Namur;</i>	
— <i>Le folklore de la coccinelle dans le Roman Pays de Brabant;</i>	
— <i>Le folklore de la coccinelle dans le Hainaut;</i>	
— <i>Le folklore de la coccinelle dans la province de Luxembourg;</i>	
— <i>Le carabe doré dans la folklore wallon;</i>	
— <i>Le folklore du grillon en Wallonie;</i>	
— <i>La chauve-souris dans le folklore wallon</i> (Delmira Maças) ...	373-376
RÉVAH (I. S.), <i>Recherches sur les Oeuvres de Gil Vicente</i> , tomo I (J. do Prado Coelho)	210-213
TOVAR (ANTONIO), <i>Estudios sobre las primitivas lenguas hispánicas</i> (J. Inês Louro)	214-223
VIDOS (B. E.), <i>Noms de villes et de provinces flamands et néerlandais devenus noms communs dans les langues romanes</i> (D. Maças)	202-206
<i>Índice de palavras e expressões do tomo XII</i>	379-419

Dialectologia e história da língua

Isoglossas portuguesas

«Dans une étude générale sur les limites dialectales, leur caractère et leur origines, nous avons insisté sur cette nécessité d'une collaboration de la part des philologues et des historiens, pour arriver à mieux connaître la période de formation de notre peuple (Voy. *Archiv für das Studium der neueren Sprachen*, 1904, CXI, p. 365 ss.)».

L. GAUCHAT, in *Bulletin du Glossaire des Patois de la Suisse Romande*, ano III, n.ºs 2 e 3, 1904, p. 21.

Creio que uma das melhores formas de prestar, de novo, homenagem ao introdutor do método filológico científico em Portugal, é retomar um problema por ele versado, procurando trazer algumas achegas novas.

Consiste esse problema, a que aludi no meu trabalho *Adolfo Coelho e a filologia portuguesa e alemã no século XIX* (separ. de *Biblos*, vol. XXIII, 1948, pp. 644-645), em saber se há um português do norte e um português do sul, e se é aplicável, portanto, ao domínio linguístico, a tese dos «dois Portugais», que foi enunciada por Oliveira Martins⁽¹⁾ e desenvolvida, em vários trabalhos, por Alberto

(1) Depois de citar a *Origem da língua portuguesa* de Soromenho, OLIVEIRA MARTINS escreve, na sua *História de Portugal*, vol. I, 5.ª ed., 1894, pp. 11-12: «Esta diferença coincide singularmente com as diferenças, evidentes para todos, no clima, na vegetação, no carácter das populações do norte e do sul do nosso país». E logo a seguir acrescenta: «Não se pretenda por forma alguma dizer, contudo, que ao sul do Mondego houvesse uma língua diversa; diga-se, porém, que o argumento da *unidade actual* da língua, depois de sete séculos de vida nacional, não tem valor. Todos vêem ainda hoje como é rara a população no sul, menos densos, portanto, os laços colectivos; e todos sabem como essas regiões, sujeitas por séculos a guerras exterminadoras, habitadas por moçárabes, invadidas por berberes, taladas pelo fanatismo almorávide, passaram para sob o império da monarquia nascida na Galiza portuguesa. Como

Sampaio⁽²⁾. A zona divisória seria constituída, *grosso modo*, pelos rios Vouga e Mondego⁽³⁾.

Adolfo Coelho ocupou-se do assunto no seu artigo *Origens do português do sul* (publicado nos *Serões*, vol. VIII, 1909, pp. 317-324). Aí critica indirectamente A. Soromenho que, na sua tese de concurso *Origem da língua portuguesa* (1867), estabeleceu uma analogia «absolutamente gratuita» (na expressão de Adolfo Coelho) entre Portugal e a França: «Pode sem receio dizer-se — escreveu Soromenho — que, à semelhança do que se dava além dos Pirenéus, em Portugal havia também uma *langue d'oc* e uma *langue d'oïl*, a língua do norte e a língua do sul. E se no estudo dos monumentos diplomáticos atendermos, para a história dos dialectos, à situação topográfica

não receberiam a língua do vencedor? Não podia haver luta entre duas línguas românicas, porque a arabização do sul fora completa: podê-la-ia haver entre o árabe e o português, quando a população cativa passava à condição de escrava? Quando as novas terras conquistadas eram povoadas por colónias francas, ou pelos cavaleiros hierosolimitanos?»

Seria alongar demasiado esta nota pretender rectificar algumas afirmações de Oliveira Martins, uma das quais, além de exagerada, é inexacta: a «completa arabização do sul» (ver a nota 3). (Actualizei a ortografia).

(2) Entre outros, interessam especialmente ao problema aqui debatido os seguintes trabalhos, que foram mais tarde incluídos nos *Estudos históricos e económicos*, vol. I, 1923: *As vilas do norte de Portugal*, *As povoações marítimas*, *O norte marítimo e Ontem e hoje*. Para não sobrecarregar esta nota, apenas reproduzo o seguinte período: «Tomando para base delas [das investigações relativas ao século XII] os *Diplomata* e *Chartae*, não era possível avançar para o sul além do Mondego; esses documentos terminam aqui. Entendi, porém, que não devia ultrapassar o Vouga; entre estes dois últimos rios, os costumes e a cultura do norte modificam-se sensivelmente, também já algum tanto a população geral» (*Estudos*, p. 13). Sobre as ideias e teorias de Alberto Sampaio, relativamente às quais, não obstante algumas vistas penetrantes, há bastantes reservas a fazer, ler-se-á com proveito o artigo de TORQUATO DE SOUSA SOARES na *Revista Portuguesa de História*, vol. II, 1943 [1947], pp. 539-556.

(3) Embora não se tenha pronunciado claramente por essa tese, que eu saiba, não devo deixar de mencionar, a este propósito, GAMA BARROS, que, na sua *História da administração pública em Portugal nos séculos XII a XV*, afirma que, na segunda metade do século XII, o núcleo principal do repovoamento dos territórios situados além do Tejo «estava na população preexistente nos mesmos territórios onde sucediam as guerras». (Veja-se a 2.^a edição, dirigida por Torquato de Sousa Soares, vol. V, 1945, p. 23). No vol. IV, cap. I da mesma obra, fala-se da «persistência da população cristã sob o domínio dos muçulmanos e seus direitos civis», o que representa, segundo creio, uma forma atenuada e indirecta de reforçar a tese a que se faz referência no texto.

Numa sugestiva conferência intitulada *Formação do espírito nacional por-*

do ponto onde foi redigido o documento, estamos certos de que se poderá traçar uma linha divisória, o Mondego, entre essas duas línguas». Adolfo Coelho pensa, ao contrário, que «as populações cristãs, do sul do que veio a ser Portugal, falavam já, antes da Reconquista do século XII, a mesma língua que as do norte, embora um pouco diferenciada».

Era evidentemente falso o ponto de vista de Soromenho, pois a situação linguística portuguesa é muito diferente da francesa. A separação que se estabeleceu em França entre norte e sul provém, como é sabido, da profunda, extensa e duradoira influência do elemento germânico, especialmente do franco, no domínio galo-romano. A

tuuguês (separ. da revista *Estudos*, Coimbra, 1949), TORQUATO DE SOUSA SOARES procurou rebater a tese dos dois Portugais. Vale a pena reter as suas ideias fundamentais: aquilo a que Alberto Sampaio chamou o «cigano do sul» «não é senão o homem do norte, do velho solar português, adaptado a um novo condicionalismo mesológico que o obriga a mudar de hábitos, mas nunca a mudar de alma».

Outra ideia da conferência, que importa fixar, é o papel atribuído à região conimbrigense no robustecimento, nos fins do século X, do núcleo português. Esses novos moradores seriam provenientes, não da Galiza, como supõe a tese tradicional, mas «especialmente da região, recentemente ermada, de Coimbra».

Esta tese — que «precisa de ser amplamente revista», segundo as próprias palavras de T. S., que a esboçou numa comunicação ao II Congresso do Mundo Português e a expôs igualmente na *Bíblia*, vol. XVIII, 1942, com o título de *O repovoamento do norte de Portugal no século IX* —, a verificar-se, viria corroborar o ponto de vista daqueles que, como LEITE DE VASCONCELOS (*Opúsculos*, IV, pp. 799-800 e *Revista Lusitana*, vol. III, 1895, p. 48) e HARRI MEIER (crítica, na *Zeitschrift für romanische Philologie*, vol. 57, à obra de J. Huber, *Altportugiesisches Elementarbuch*), afirmam que a língua portuguesa «não foi formada no norte e depois propagada para o sul com a reconquista do território aos árabes» (*Rev. Lus.*, III, 48), mas sim no centro e no sul. Adiante, no texto (p. 38), se voltará ao assunto.

Conquanto se coloque num ponto de vista diferente, salienta igualmente a importância do território entre Douro e Mondego o medievalista RUI DE AZEVEDO no seu artigo *Período de formação territorial: expansão pela conquista e sua consolidação pelo povoamento* (capítulo I da *História da expansão portuguesa no mundo*, vol. I, 1937, p. 10). «A persistência, durante as guerras da Reconquista — escreve ele —, de uma população agrícola numerosa, em grande parte do território entre Douro e Mondego, é-nos comprovada de maneira irrefragável por avultado número, ainda existente, de documentos autênticos a respeito de variados actos de direito privado, ali consumados nos séculos X e XI. Nesses e em outros monumentos se nomeiam os seculares mosteiros da região, inúmeras igrejas e ascetérios, vilas, aldeias, casais e terras de cultivo ou as pequenas *portiones* em que se subdividia o *fundus*».

língua francesa ainda é hoje, de todos os idiomas neolatinos, o mais germanizado ⁽⁴⁾.

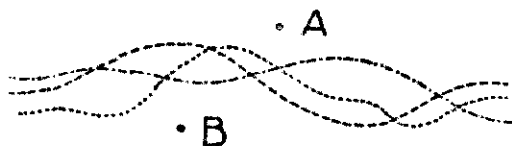
Não basta, porém, declarar falsa a tese de Soromenho. Torna-se necessário explicar as diferenças que existem entre o norte e o sul de Portugal, tanto no aspecto fonético como no lexical; indagar se elas são antigas — isto é, se remontam ao século XII — ou relativamente modernas; e se é possível traçar, para um conjunto de fenómenos, linhas isoglossas ⁽⁵⁾. O interesse e a actualidade do assunto estão bem patentes no facto de, em obras de mestres consagrados,

⁽⁴⁾ Vejam-se, entre tantos outros trabalhos, os de W. von WARTBURG, *Évolution et structure de la langue française*, 2.^a ed., 1946, e E. GAMILLSCHEG, *Romania germanica*, 1934-36, especialmente os vols. I e III.

⁽⁵⁾ Chamam-se *linhas de isoglossas*, *linhas isoglossas* ou simplesmente *isoglossas* os limites que separam um dado fenómeno linguístico de outro (p. ex. a zona de *ch* da de *tch*). As regiões onde o fenómeno se verifica são *áreas de isoglossas*. Por vezes, este termo genérico especializa-se, conforme se trata de fenómenos fonéticos, morfológicos, etc., e daí expressões como *isófonas*, *isomorfeias*, etc. (Cf. MAROUZEAU, *Lexique de la terminologie linguistique*, 2.^a ed., 1943, p. 124).

F. de SAUSSURE considera «obscuro e impróprio» o termo *isoglossa*, preferindo-lhe o de «ondas de inovação». Vale a pena recordar o trecho respectivo do seu *Cours de linguistique générale*, 3.^a ed., 1931, p. 277: «On a appelé «lignes isoglosses» ou «d'isoglosses» les frontières des caractères dialectaux; ce terme a été formé sur le modèle d'*isotherme*; mais il est obscur et impropre, car il veut dire «qui a la même langue»; si l'on admet que *glossème* signifie «caractère idiomatique», on pourrait parler plus justement de *lignes isoglossématiques*, si ce terme était utilisable; mais nous préférons encore dire: *ondes d'innovation* en reprenant une image qui remonte à J. Schmidt.

Quand on jette les yeux sur une carte linguistique, on voit quelquefois deux ou trois de ces ondes coïncider à peu près, se confondre même sur un certain parcours:



Il est évident que deux points A e B, séparés par une zone de ce genre, présentent une certaine somme de divergences et constituent deux parlers assez nettement différenciés. Il peut arriver aussi que ces concordances, au lieu d'être partielles, intéressent le périmètre tout entier de deux ou plusieurs aires:

se falar, como de coisa evidente, de um português do norte e de um português do sul. Bastará citar, a este respeito, a *Introducción a la lingüística románica* (Madrid, 1926, p. 53) de Meyer-Lübke — onde se distingue, na área do português, o galego, o português do norte, o português do sul, o açoriano e o madeirense — e o já referido artigo de Adolfo Coelho, onde se fala de «português meridional» (que abrange as províncias da Estremadura, Alentejo e Algarve).

Um tal estudo precisa de se basear não só em trabalhos linguísticos parcelares, que ainda não existem (como sejam a linguagem dos nossos cartulários, distinguindo, na medida do possível, as características das diversas províncias⁽⁶⁾), a doutrina dos nossos ortografistas e o conhecimento pormenorizado da situação dialectal espanhola, especialmente nas zonas fronteiriças), mas ainda em vastas leituras de carácter geográfico e histórico, em particular sobre o povoamento, limites de antigas províncias e dioceses, etc. Para esse efeito, são trabalhos de leitura indispensáveis, entre tantos outros: a *História de*



Quand ces concordances sont suffisamment nombreuses on peut par approximation parler de dialecte. Elles s'expliquent par des faits sociaux, politiques, religieux, etc., dont nous faisons totalement abstraction ici; elles voient, sans jamais l'effacer complètement, le fait primordial et naturel de la différenciation par aires indépendantes».

Não obstante as reservas de Saussure, o termo *isoglossa* é hoje aceite e empregado correntemente em trabalhos dialectológicos, no sentido que indiquei. Vejam-se, entre outros, os que tem publicado a Comissão Dialectal da Real Academia Neerlandesa das Ciências de Amsterdão, ou os que têm saído na Bélgica e na Suíça.

(⁶) Para o estudo do dialecto beirão na Idade Média, já LEITE DE VAS-CONCELOS, na sua *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, 1901, p. 150, mostrou o interesse dos *forais* publicados nos *Portugaliae Monumenta Historica* (*Leges et Consuetudines*). Receio, no entanto, que esse estudo, que oxalá alguém empreenda, por muito interessante que venha a ser, não traga resultados suficientemente seguros para se estabelecerem diferenciações, e isto por dois motivos: em primeiro lugar, porque havia, como ainda hoje, uma linguagem notarial, bastante uniforme; em segundo lugar, porque o escriba espelhava no documento mais a linguagem do seu mosteiro ou da «escola» notarial do que a língua viva da sua terra natal.

Portugal de Alexandre Herculano; a *História da administração pública em Portugal nos séculos XII a XV* de Gama Barros; a *Etnografia portuguesa* de Leite de Vasconcelos (vols. II e III); os *Estudos históricos e económicos* de Alberto Sampaio; o trabalho de Rui de Azevedo sobre o *Período de formação territorial: expansão pela conquista e sua consolidação pelo povoamento* (cap. I da *História da expansão portuguesa no mundo*, vol. I, 1937, com um mapa dos «Territórios conquistados, séculos XII e XIII», ao sul do Mondego) e o artigo de Paulo Merêa e Amorim Girão, *Territórios portugueses no século XI* (separ. da *Revista Portuguesa de História*, vol. III, 1943 [saído em 1947], pp. 255-263, com dois mapas). Se acrescentar que os trabalhos de cartografia linguística exigem um considerável dispêndio de tempo e de dinheiro⁽⁷⁾, ficará justificado o facto de o presente artigo não ser mais que o esboço de um estudo que se prepara e que só poderá ser publicado depois de elaborar mais alguns mapas e de reunir mais abundante material de factos. Mas, não obstante o seu carácter fragmentário e provisório, julgo que apresenta alguma novidade e interesse, não só para os romanistas, como também para geógrafos e historiadores.

*

São muitos os trabalhos publicados em diferentes países sobre fronteiras linguísticas e dialectais. Mas, pelo que respeita a Portugal, não foi possível, até hoje, traçar com precisão os limites de um único fenómeno. É certo que Leite de Vasconcelos publicou em 1897 um *Mapa dialectológico do Continente português*, onde marcou, a cores, os limites daquilo a que chamou «dialectos» e a que prefiro dar

(7) A simples recolha, em verbetes, das formas que, para uma única palavra, se encontram nas 2.000 e tal respostas ao Inquérito linguístico de 1942 e a marcação respectiva no mapa exige uma média de 70-80 horas! Se não fossem pequenos subsídios (que, de novo, reconhecidamente, se agradecem), concedidos pelo Fundo Sá Pinto da Universidade de Coimbra e pelo Instituto para a Alta Cultura a um auxiliar para, sob as minhas vistas e durante longos meses, copiar desse Inquérito o material necessário, este artigo não teria sido possível. Se acrescentar agora as elevadas despesas com as zincogravuras e impressão dos mapas, poder-se-á fazer uma vaga ideia da dificuldade que apresenta a publicação de um trabalho deste género.

a designação de «falares»⁽⁸⁾. Mas ele próprio reconheceu (na *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, 1901, p. 153) que essa classificação geográfica, embora cómoda, não era perfeita, e entreviu o alcance científico de mapas e estudos como os que se iniciam agora: «La distribution que je viens de faire de nos dialectes, fondée sur la géographie, se heurte à quelques difficultés, parce que des phénomènes que l'on présente comme caractéristiques du parler d'une région, peuvent aussi appartenir à d'autres (par ex. *ôu* appartient en même temps à Entre Douro e Minho et à Beira Alta). La seule classification rigoureuse serait celle où l'on considérerait non l'ensemble des phénomènes, mais *chacun* séparément. Nous aurions, par ex.: *é* pour *a* dans certains endroits de la Beira Baixa et d'Alto Alentejo; (...) *b* $\diamond$ *v* dans tout le nord, dans le centre, et dans quelques points isolés du sud; *ch-x* dans le nord et dans le centre; (...) on verrait en même temps, et d'un coup d'oeil, que les phénomènes dialectologiques sont nombreux».

São quatro os factos de natureza fonética que neste trabalho se apresentam e estudam, factos cuja distribuição geográfica, extensiva a todo o Portugal continental e insular, só foi possível graças aos materiais recolhidos por meio do Inquérito linguístico por correspondência de 1942, completados com inquéritos directos feitos por mim e por alunos meus⁽⁹⁾:

- 1) a africada *tch* (*tch*), inicial e medial (*tchuva*, *catcho*);
- 2) a troca do *v* por *b* (*chuba*);
- 3) o ditongo *ui* em *chuiva*;
- 4) a velar oclusiva sonora em *gacho* (*cacho*).

Pelas condições em que foi recolhida a maior parte dos materiais, o referido inquérito tem carácter preferentemente lexical e,

(8) Veja-se: *O estudo dos dialectos e falares portugueses*, 1942, p. 5, nota, e *Brasileirismos*, 1943, pp. 9-18. Reservo o termo *dialecto* «só para os casos em que se trate de um conjunto de fenómenos mais individualizados, que afectem profundamente a fonética ou a morfologia» (*Brasileir.*, p. 10). Emprego, no entanto, o adjectivo «dialectal» tanto em relação a *dialecto* propriamente dito como a simples «falar», em virtude de não se poder formar desta palavra um adjectivo.

(9) Designo pelas siglas ILB (= Inquérito linguístico Boléo), como já fizeram outros autores, o material do inquérito linguístico por correspondência, completado por inquéritos posteriores.

sob esse aspecto, oferece, por via de regra, confiança. Sob o aspecto fonético, o seu interesse é muito mais restrito, mas nem por isso deixa de fornecer valiosas informações, como já ressalta deste artigo e como se verá melhor em trabalhos subsequentes.

Para a devida apreciação dos materiais aqui sinteticamente apresentados, permito-me remeter o leitor para os seguintes trabalhos que se referem ao inquérito de 1942:

- a) *O estudo dos dialectos e falares portugueses*, 1942;
- b) *O interesse científico da linguagem popular* (separ. da *Revista de Portugal*, Dezembro de 1942, onde não saíram as 19 páginas do Apêndice, relativas ao Inquérito);
- c) Aditamentos ao artigo de K. Jaberg, citado em nota (10).

No segundo desses trabalhos tive o ensejo de escrever que o referido inquérito iria «fornecer dados para se traçarem, ao menos provisoriamente, as fronteiras de alguns fenómenos fonéticos, p. ex. do *ch* e *tch*, do *s* e *z* normais, do *s* e *z* beirões, do *v* e do *b*, etc. Determinar a distribuição desses e de outros fenómenos — escrevi então, — é da maior importância para aclarar problemas da história das línguas peninsulares. Que o assunto interessa em alto grau, mostra-o bem o seguinte pedido de informação de um eminente filólogo estrangeiro [o Prof. Menéndez Pidal]: «Peço-lhe que me ajude a aclarar dois pontos de fonética que desejo precisar: um é a extensão geográfica do *s* côncavo ou «chiado», quase *x*, que na *Revista Lusitana*, vol.

(10) Pode fazer-se uma ideia do interesse e valor dos materiais desse inquérito (sejam quais forem as suas deficiências), através dos trabalhos já publicados que os utilizaram: KARL JABERG, *Géographie linguistique et expressivisme phonétique. Les noms de la balançoire en portugais* (avec une carte), separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. I, 1946, 44 pp.; MARIA PALMIRA DA SILVA PEREIRA, *A nespereira. Estudo linguístico*, separ. de *Biblos*, vol. XXIV, Coimbra, 1949, 119 pp. A estes poderei acrescentar as teses de licenciatura (dactilografadas) que acabam de apresentar à Faculdade de Letras de Coimbra (Junho de 1950) as Sr.^{as} D. MARIA CLEMENTINA DUARTE: *Alguns aspectos geográficos da dialectologia portuguesa: Isófonas e isoglossas. Estudo baseado no «Inquérito linguístico por correspondência»* (de 1942) e D. IVONE MARIA GABRIEL: *Os nomes do diabo em português*.

Não falando de alunos — quer para trabalhos de casa, quer para outras teses de licenciatura — aproveitaram esses materiais os Drs. MAX L. WAGNER (expressões para «chuva miúda»), VINCENZO COCCO (para um artigo a publicar na *Biblos* sobre «corgo») e HEINZ KRÖLL (designações portuguesas para «embriaguez»).

36, pág. 314, se diz começar desde Pombal para o norte. Muito desejava poder assinalar com precisão o limite meridional de tal s. — O segundo ponto é a extensão da diferença de pronúncia entre s e ç (*passo-paço*) nos dialectos da Beira ocidental, noroeste de Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes. Desejaria traçar um limite aproximado entre a distinção de s e z, e a confusão ou «sesseio» corrente no resto de Portugal».

As palavras que estão na base deste estudo são as seguintes, mas não houve tempo de elaborar o mapa dê todas:

A africada *ç* (*tch*) inicial em:

- n.º 13⁽¹¹⁾ — *chuva* (e subsidiariamente n.º 14: *chuva grossa e chuva miúda*); nesta palavra estudou-se também o ditongo *ui* e a troca do *v* por *b*;
 n.º 202 — *choca* (galinha —);
 n.º 203 — *chocar*;
 n.º 392 — *chave*;
 n.º 400 — *chaminé*.

A africada medial em:

- n.º 161 — *cacho(s)*; nesta palavra estudou-se também a velar sonora: *gacho*;
 n.º 184 — *mocha* (cabra —);
 n.º 187 — *cachorro* ou *cachorrinho*;
 n.º 194 — *bichas*, quer com o sentido de «cobras pequenas» quer de «sanguessugas»;
 n.º 195 — *bicha* «cobra»;
 n.º 322 — *cachopo*, -a «rapaz, rapariga».

Além destas palavras, a palatal ou a africada aparece por vezes noutras, p. ex. *pecarrechinho*, *cartchanetinha* «rapariguinha» (n.º 322), *petcheira* (= *picheira* «vasilha para água»), etc.

Embora o assunto principal seja a africada palatal [ç], estudaram-se ao mesmo tempo outros aspectos que essas palavras ofereciam, como já ficou dito. Desta forma ressaltam melhor as vantagens

(11) Os números são os do questionário do *Inquérito linguístico* publicado em 1942. A abreviatura P. = Ponto indica as povoações (ou as freguesias) de onde vieram respostas. Veja-se também a observação que faço adiante, no texto (pp. 17 e 41).

de se fazerem estudos dialectológicos extensivos a todo o território. Efectivamente, o exame de uma única palavra pode apresentar diversos aspectos : fonético, geográfico, semântico, etimológico e ergológico. Vejamos cada um deles em separado.

a) **Fonético.** Sirvam de exemplo as variantes das palavras *chuva* e *cacho* a seguir mencionadas ⁽¹²⁾:

chôba	chuiba	tchôbe
chobe	chuva (pron. normal)	tchôve, está [a] tchover
chôbe moito	chuva (<i>ch</i> explosivo)	tchuba
chober	chûva	tchubada
chôber	chuvada	tchúbia
chôiva	chuvas	tchúbi
chôuva	chuver	tchuber
chove	chúvia	tchúiba
chover	chuviscar	tchuíbé (= chover)
chuba	chuvisco	tchuiþa
chube	chuisnar	tchuiva
chuber	chver	tchuva
chubia	chvisquer	(t)chuva

cachêra (<i>cacho</i> = bago da cachêra)	gaichos
cacheiras	gaichos d'ubas
caches	gáinchos
cacho	carrapicho («parcela de cacho»)
câcho	catches
cacho de uvas	catchiços
cacho d'uvas	catcho
cachos	catchos
cachos d'uba	catchus
cachos de uvas	gaches
cachus	gachos
caicho	gáchos
caichos	gachos d'ubas
caitchos	gaicho
	gáichose
	gátchuz
	kéchos

O material do ILB respeitante à africada *c* (*tch*) sugere, pelo menos, duas observações de carácter fonético :

(12) A semelhança do que já fiz na *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. I (editamento ao artigo do Prof. Jaberg), menciono todas as formas indicadas nas respostas, tanto as que se referem ao substantivo como ao verbo, visto que as simples diferenças de grafia correspondem geralmente a variantes de pronúncia.

A primeira refere-se às gradações que se podem notar na pronúncia da africada e que são apontadas por alguns correspondentes, p. ex., entre vários outros:

PP. 145 e 650: «o *t* quase se não pronuncia»;

P. 650: «quase *catchos*»;

P. 162: «*ch* explosivo»;

P. 716: «*ch* carregado, em *cachos*»;

P. 62: *catchos*: «pronúncia castelhana do *ch*»;

P. 100a (Bragadela, Ribeirão, V.^a N.^a de Famalicão, Braga): «*catchos* — dando ao *ch* um som diferente de *x*.»

Um inquiridor escreve: «Pronunciou *tchuva* com a língua unida aos dentes superiores». E outro explica: «A pronúncia deste *ch* é a usada nas Beiras. Exemplo: «*É* uma chapa de chumbo chapada no chão» ⁽¹³⁾. Pronunciam um *xê* apertado contra os dentes incisivos superiores» ⁽¹⁴⁾. Para o P. 713 dão os respectivos inquiridores ⁽¹⁵⁾ os seguintes esclarecimentos: «O povo nunca confunde o *x* com o *ch*. Conforme a escrita é diversa, assim diversa é a pronúncia. Os bois pastam no *Enxido*; mas a carne está *enchida*, ou o farinheiro *enchido*» [*tch*].

Alguns correspondentes, sem qualquer influência de leituras, distinguem *xoca* (*pita*) e *choca*, *xocar* e *chocar* (P. 246), exactamente como fizeram alguns ortografistas do século XVIII. Quer dizer, a grafia pode ser, por vezes, enganadora. Em geral, porém, a representação por meio de *tch* deve corresponder à africada. Nela se podem, todavia, notar diversos cambiantes. Um deles, como se observa na linguagem popular, consiste em projectar a língua sobre o pré-palato, devido a um sopro mais forte da corrente expiratória, e em fazer avançar um pouco o lábio inferior. Daí resulta um som intermédio entre *tch* e *ch*, e por isso alguns inquiridores observam que o *t* mal se pronuncia. A diferença pode ser devida a circunstâncias diversas: hábito articulatorio pessoal, pronúncia da palavra isolada ou na frase, etc. No P. 623 observou o inquiridor: «diz-se *chuva*, mas: «está [a] *tchober*».

⁽¹³⁾ Entenda-se: «*É* uma *tchapa* de *tchumbo* *tchapada* no *tchão*» (P. B.).

⁽¹⁴⁾ Observação ao n.º 13 (*chuva*) do P. 734 (inquérito do Sr. António Inácio Caldeira, professor em Paços de Serra, Gouveia, Guarda).

⁽¹⁵⁾ A professora da escola de Castelo Bom, Sr.^a D. Maria Emília Simões de Carvalho.

A segunda observação que o material da africada sugere é a de que, nos falares portugueses actuais, a evolução dos grupos consonânticos *cl-* e *pl-* se apresenta com uma grande simplicidade, ao contrário do que se verifica no francês e no italiano, e até mesmo, embora em menor escala, no espanhol⁽¹⁶⁾. É certo que o futuro Atlas Linguístico de Portugal, com materiais recolhidos por filólogos, há-de trazer certos cambiantes que não constam do ILB (é admissível, p. ex., que se encontre uma fase *ty*: *tyave*); mas pode-se desde já afirmar que, nem de longe, a situação portuguesa é comparável à das línguas francesa e italiana, tal como ressalta do *Atlas Linguistique de la France* (ALF), do *Sprach- und Sachatlas Italiens und der Südschweiz* (AIS) e de numerosos estudos dialectais. Basta percorrer os mapas *clé* (n.º 301) e *chiave* (n.º 889) ou trabalhos como o de Guerlin de Guer, *Essai de dialectologie normande* (Paris, 1899), para nos darmos conta do interesse que, para a história dos referidos grupos consonânticos, apresenta o estudo dos dialectos modernos. Só o grupo *cl-* em *clé* (< **CLAVIS**) aparece aí com as seguintes variantes, entre outras: *klé* (o acento tónico fecha aqui a vogal), *klyé* (= *klhé*), *kyé*, *k'yœ*, *k'yà*, *tyè*, *tyà* (quase como *tchà*). A fase representada por *k'*, em que há, por assim dizer, «luta» entre os fonemas velar e dental, é das mais interessantes, porque ajuda a explicar — segundo creio — a passagem mais difícil e curiosa na evolução do grupo. Noutra oportunidade procurarei mostrar que a dialectologia ainda não foi suficientemente aproveitada para ajudar a esclarecer a história dos grupos consonânticos *cl-*, *pl-* e *fl-*.

b) **G e o g r á f i c o**, como ressalta dos mapas que acompanham este artigo e cujos comentários são feitos mais adiante.

c) **S e m â n t i c o**, porquanto permite saber, p. ex., que a palavra *cacho* não significa apenas «conjunto de bagos de uva», mas pode designar um simples «bago de uva». Em terras onde tem este último significado, o *cacho*, no sentido corrente, toma o nome de *cacheira*.

d) **L e x i c a l**. O inquérito sistemático por meio de questionário, extensivo a todo o território do país, sejam quais forem as suas deficiências, tem a enorme vantagem de reunir material comparável. Se,

(16) Vejam-se, entre outros trabalhos: MENÉNDEZ PIDAL, *Orígenes del español*, 2.ª ed., 1929, pp. 527-529; ALWIN KUHN, *Der hocharagonesische Dialekt*, 1936, pp. 32-34.

por um lado, permite conhecer os diversos sentidos que uma palavra apresenta (é o caso de *enxoval*, que na linguagem corrente sugere a ideia de «noiva», mas que na boca do povo se aplica geralmente à roupa da criança, oferecida pela madrinha), por outro dá a conhecer as diversas formas ou os diferentes termos que existem para designar um dado objecto ou exprimir a mesma ideia. Assim, à pergunta «como se fecha a porta?», responderam os informadores com as seguintes palavras, entre outras: *chave* (*tchave*, etc.), *fechadura*, *fecho*, *gancho*, *chinqueta*, *chumbadoiro*, *pincho*.

Algumas das formas recolhidas para as palavras estudadas (p. ex. *mona*, *monacha* e *manocha* para «cabra mocha» («com um ou os dois chifres partidos»), põem logo problemas que se relacionam com dois outros aspectos: o etimológico e o ergológico.

e) **Etimológico.** Já noutros lugares (*O interesse científico da linguagem popular*, p. 14, e *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. I, p. 201), mostrei ser hoje verdade incontestável que o conhecimento das formas dialectais (e não somente das literárias) é indispensável à investigação etimológica. Logo que me seja possível estudar, sob o aspecto lexicológico, o material do ILB, apresentarei exemplos portugueses que ajudarão a resolver ou a pôr em novas bases (assim o espero) alguns problemas etimológicos.

f) **Ergológico.** Algumas das expressões atrás indicadas para «chave» já nos mostram que não se trata exactamente da mesma forma do objecto, embora tenham a mesma finalidade (com excepção de uma ou outra, que deve corresponder a ideia diferente, p. ex. *chumbadoiro*). Notar-se-á que, com excepção de *chave*, todos eles designam um modo precário de fechar a porta. A situação portuguesa deve confirmar a história do objecto, que mostra ser tardio o emprego da chave tal como hoje a concebemos (chave de ferro com fechadura). E por aqui se vê como é pouco aceitável a explicação daqueles que vêm no *f* inicial de *fechar* <PESSULARE a influência de *f e r r u* (é, p. ex., a explicação de Cornu, *Die port. Spr.*, 2.^a ed., § 167, repetida depois por vários outros autores). Que haja relação entre *pechar* e *fechar*, como entre *pincho* e *fecho* (veja-se a lista supra) parece aceitável; mas o *f* de *fechar* deve ter outra explicação⁽¹⁷⁾.

(17) Depois de redigida esta parte do presente estudo, recebi do Prof. GUNNAR TILANDER o artigo *L'étymologie de portugais fecho, fechar élucidée par la construction des serrures primitives* (separ. de *Studia Neophilologica*, vol. XXII, n.º 1, 1949, 13 pp.), um dos melhores exemplos recentes da

O objecto de que me estou ocupando apresenta ainda um aspecto curioso. Depois de recolher o material de *chave*, notei a pequena percentagem de respostas, a qual mais ressalta ainda se a confrontarmos com a das respostas para *chuva* e *cacho*, como se vê no seguinte quadro estatístico:

DISTRITOS	<i>chuva</i>			<i>cacha</i>			<i>caça</i>		
	N.º de respostas (17a)	Vezez que aparece (17b)	Percentagem	N.º de resp.	Vezez	Percent.	N.º de resp.	Vezez	Percent.
Viana do Castelo	81	31	34,3	82	14	17	66	23	34,8
Braga	107	56	52,3	101	16	15,8	103	53	51,4
Vila Real	41	15	36,5	43	7	16,2	47	26	55,3
Bragança	167	68	40,6	184	25	13,5	107	57	53,2
Porto	137	72	52,5	113	22	19,4	122	68	55,7
Aveiro	122	19	15,5	110	9	8,1	115	27	23,4
Viseu	213	65	30,5	244	12	4,9	270	108	40
Guarda	77	42	54,5	100	10	10	116	73	62,9
Coimbra	70	9	12,8	78	3	3,8	93	19	20,3

feliz associação das palavras e coisas. O Autor refere-se aos tipos primitivos de fechaduras de madeira (com chave igualmente de madeira) e mostra que o port. *fechar*, como o gascão *fliscar*, o mod. logud. *friçu*, o ant. logud. *affliscare*, vem de *fistulare*, derivado de *fistula*: «Le développement sémantique FISTULA «serrure» s'explique par certain détail d'un type de serrure primitive, dont le pêne, de forme allongée, est creusé comme un tuyau et muni par-dessus de trous, dans lesquels passent les chevillettes qui ferment la serrure. Le pêne, la partie centrale et principale de cette serrure, a été appelé FISTULA à cause de la grande ressemblance qu'il a avec une flûte, et l'action de faire jouer le pêne, qu'il fallait pousser pour fermer la serrure et qui ne cédait pas sans grincement et bruit strident, a été indiquée par le verbe FISTULARE») (p. 13).

O artigo é acompanhado de extensa bibliografia sobre as fechaduras primitivas. Temos, portanto: *pechar* < PESSULARE; *fechar* < FISTULARE. Este último étimo, entrevisto em 1911 por Spitzer, só agora ficou esclarecido, graças à história do objecto.

Não podia encontrar melhor confirmação para a dúvida apresentada no texto quanto à possível influência de *ferro* em *fechar*.

(17^a) Número de respostas à pergunta, não número de inquéritos.

(17^b) Alguns inquiridores adoptaram o sistema de não escrever a palavra, quando era igual à pronúncia corrente. Em geral, essas respostas não foram tomadas em conta. O número de vezes que aparece não corresponde ao número de povoações marcadas no mapa, porque alguns inquéritos foram feitos posteriormente à elaboração deste e não figuram nele.

Esse resultado veio corroborar a observação, que tenho feito durante os meus inquéritos, de que a chave não é para o povo das nossas aldeias um objecto tão importante como o é para o homem da cidade, o que foi também confirmado, entre outros, pelos inquiridores do P. 713: «No primeiro ano que vim para esta terra, há 23 anos, bati à porta de um cidadão, às 10 horas da noite. Empurrei, e a porta abriu-se. Responde o dono, à minha admiração: «Perdi a chave há três anos e ainda não comprei outra». Fui a outra casa, a seguir, e a porta abriu-se igualmente: «Há mais de um mês que não sei da chave». Ainda como nota digna de registo acrescento que nunca dei pela falta de qualquer coisa: nem um figo, nem uma péra, nem nada. Presentemente (Novembro de 1942) não se pode fazer uma afirmação tão solene, mas a queixa é pequena».

Observação idêntica podia fazer relativamente ao objecto designado por *chaminé*, que não existe em muitas casas do povo das aldeias, pois o fumo ou sai pela janela e pela porta, ou por entre as telhas, ou pelo orifício obtido com o levantamento de uma telha. Esta circunstância ou a forma diferente da *chaminé* devem justificar, até certo ponto, os diversos nomes que apresenta, o mais importante dos quais, a seguir a *chaminé* — generalizado a todo o país e com numerosas variantes: *cheminel*, *cheviné*, *chimbené*, *choné* (distr. de Évora e Beja), *chulené*, *tcheminé*, *tchuminéia*, etc., — é o de *chupão*, que aparece nos distritos de Bragança, Guarda e Beja, em concorrência com *chaminé*, e esporadicamente noutros pontos (p. ex. 637, 890a, 1177, 1237) ⁽¹⁸⁾.

*

* *

Antes de estudar mais de perto os mapas, importa dar alguns esclarecimentos, que são necessários para a sua correcta interpretação.

⁽¹⁸⁾ No seu pequeno trabalho, ilustrado com desenhos, *Chaminés de Portugal* (Famalicão, 1929, 19 pp.), indica LUÍS CHAVES os principais tipos de chaminés portuguesas. Sobre a distribuição geográfica dos termos, diz-nos apenas o seguinte: «Quando a telha permite a abertura de orifícios ou fendas, a *chaminé* toma formas diversas, desde a goteira do Minho e o boeiro da Serra de Montezinho, por exemplo. [Suprimi a nota]. Frequentemente, um pedaço de telhado alteia-se em guisa de alçapão entreaberto, e os intervalos, à frente e dos lados, dão passagem ao fumo; são as *trapeiras* trasmontanas. Se o material abunda, e a obra se aperfeiçoa, a *chaminé* desenvolve-se. Alça-se no telhado; curta nos lugares altos; longa na planície, para «chupar» o fumo e atirá-lo pelo vento em correntes mais subidas, o que por isso é o *chupão* alentejano».

1. Por lapso na revisão de provas do questionário do Inquérito linguístico por correspondência, deixou de se mencionar, na pág. 51, a pergunta relativa à idade do informador — indicação que figurava nos inquéritos que fiz antes da publicação desse questionário e que é muito importante. (Tal indicação já se encontra, felizmente, em mais de uma centena de inquéritos de alunos meus). Basta esse pormenor para se explicarem certas divergências de pronúncia. Na mesma povoação ou em povoações vizinhas pode um informador mais idoso dizer [ɔ] e outro [ɛ]. Por exemplo, em Maninho (Melgaço, Viana do Castelo) uma resposta dá *chave*, outra *tchave*. Trata-se de pessoas de gerações diferentes? Não podemos sabê-lo senão fazendo novos inquéritos. Noutros casos as variantes provêm de os informadores pertencerem a camadas sociais diferentes, embora ambos sejam do «povo». Assim, para o P. 488a, concelho de Águeda (distr. de Aveiro), há quatro respostas dos seguintes lugares:

A-dos-Ferreiros: *tchuba* (informadora: analfabeta);
 Espinhel: *chuiva* (informadora: pequena lavradeira);
 Casal de Álvaro: *chuiva* (idem);
 Macinhata do Vouga: *tchuiba* (idem).

Para o P. 436a (Arouca) há duas respostas: uma de Chave, onde se diz *chuiva*; outra de Monte do Pego, em que já aparece a africada: *tchuiba*.

Finalmente, a diferença pode resultar de, numa povoação, ter servido de informador um homem e na outra uma mulher, que em geral é mais conservadora. Assim, para o P. 840 (Cabril, Pampilhosa da Serra, Coimbra), o informador pronunciou [ɛ] e a informadora [ɔ].

Para se ver melhor como na mesma povoação se podem encontrar diversas pronúncias, é elucidativo confrontar o meu inquérito pessoal, feito na Zebreira (Idanha-a-Nova, Castelo Branco), com duas respostas que recebi dessa mesma povoação:

Inquér. de P. B.	ILB (dois inquiridores)
<i>chuber</i> [ʃuβér]	<i>tchuva</i>
<i>tchoca</i>	
<i>cheminé</i>	<i>chaminé</i>
	<i>tchaminé</i>
<i>gachos</i>	<i>gatchos</i>
<i>motcha</i>	<i>motcha</i>
<i>catchorro, cachorrinho</i>	<i>catchorrinho</i>
<i>bitcho-matcho</i>	<i>bitcha.</i>

A africada, nalgumas palavras, deve ter mais vitalidade, em gerações mais antigas, do que as respostas mostram ; só por meio de inquéritos feitos por pessoas com preparação filológica se poderia verificar o facto.

2. Por dificuldades de ordem técnica, nem sempre foi possível inscrever no mapa as povoações de onde recebi respostas, mas sim localidades vizinhas. Assim, no caso do P. 2, marca-se Melgaço e, no entanto, há só uma resposta desta vila, embora haja várias do concelho. O mesmo número pode designar, portanto, mais de uma povoação e daí o não coincidirem, por vezes, os fenómenos. Assim, o P. 725 refere-se a Celorico da Beira e, no entanto, apresenta aí fenómenos ou pronúncias que pertencem à aldeia de Casas de Soeiro, como ressalta do seguinte quadro (adopto a grafia dos inquiridores):

Celorico da Beira	<i>tchuva</i>	<i>tchoca</i>	<i>tchocar</i>	<i>tchave</i>	—	<i>gatcho, catcho</i>
Casas de Soeiro	<i>tchuva</i>	<i>tchoca</i>	<i>chocar</i>	—	—	<i>chaminé catchos, gatchos</i>
—	<i>catchorrinho</i>	<i>bitcha</i>	<i>cartchanetinha</i>	(n.º 322)		
<i>motcha</i>	<i>cachorrinho</i>	<i>bitcha</i>	—			

Quando o mesmo ponto representa várias respostas, de povoações diferentes, e as formas não coincidem, adoptei o seguinte critério:

P. 2 (Melgaço) — 10 respostas, de nove povoações (duas são de Maninho: uma respondeu *chabe*, outra *tchabe*. O inquérito onde vem esta última está feito com mais cuidado; a africada [c] aparece em muitas outras palavras). Desses dez inquéritos dois responderam *tchave*, sete responderam *chave* e um não respondeu à pergunta. Como a maioria respondeu *chave*, representei a resposta, no mapa que se publica, por um rectângulo a envolver o número; mas, num mapa colorido para meu uso e que não se reproduz por medida de economia, da seguinte maneira: um círculo azul a envolver o vermelho; a cor que fica interior é a mais importante. Assim se imprime maior rigor ao mapa, vendo-se mais claramente em que pontos a área de [ʃ] está em avanço sobre a de [tʃ]. O leitor pode fazer sobreposições por meio de mapas em papel transparente.

No caso de haver, para um mesmo número, só duas respostas da mesma povoação ou de povoações diferentes, tomo como mais importante a que provém do inquérito que inspira mais confiança, para o que se tornou necessário ir folhear os próprios inquéritos. É o caso do P. 9, referente a Cainheiras e Rodeiro, dois lugares da freg. de Castro Laboreiro, conc. de Melgaço. Inspira mais confiança a pri-

meira, que dá as pronúncias *chave* e *cachos*, embora [ç] apareça noutras palavras.

A circunstância de haver muitas vezes, da mesma terra ou de lugares próximos, mais de uma resposta, permite verificar, até certa medida, a genuinidade das informações.

Os pontos envolvidos em rectângulo têm bastante importância sob o aspecto linguístico-geográfico, porque indicam geralmente zonas de transição e deixam prever os futuros limites do fenómeno. Por isso entendi que não deviam acompanhar este artigo apenas mapas sintéticos (simples traçado de linhas isófonas), mas também mapas de áreas (marcadas com círculos e rectângulos).

3. O traçado de fronteiras oferece algumas dificuldades e pode suscitar interpretações divergentes ou mesmo erradas. Assim, se, no mapa de *chuba* (*b* e *v*), eu unisse o P. 1119 (no distr. de Setúbal) com o P. 1023 (no distr. de Santarém), como fiz primeiro, daria a impressão de que a região situada entre a linha imaginária que passa pelos pontos 858, 863, 979, 984, 1005, 1009 e 1113 era uma zona de *b*, o que não é exacto (aí só se encontra *v*). Tive, por isso, de interromper a fronteira, deixando fora dela algumas ilhotas, que não têm importância de maior para a visão do conjunto, embora ofereçam interesse para a interpretação do mapa. (Ver adiante p. 29).

Quanto à linha isófona do [ç], podemos abstrair do P. 1013, visto que a africada só aparece em [çuva] e em mais nenhuma outra palavra. Do P. 1064 (Montalvão, Nisa, Portalegre) há três respostas: duas são quase iguais: nelas só aparecem as palavras *catchos* e *môcha*. No outro inquérito, feito com mais cuidado, aparecem registadas com [ç] oito das onze palavras estudadas ([s] em *catchorrinho*, *cachopo* e *cachopinho*). A diferença de pronúncia pode explicar-se pelo facto de aos dois primeiros ter servido de informador um homem, ao passo que ao terceiro uma mulher. Todos os informadores eram naturais de Montalvão, mas o homem, quando soldado, tinha ido a Lisboa e fez viagens a Portalegre, Nisa, Castelo de Vide, etc. É nesse ponto que termina a isófona.

Junto ao litoral há dois pontos que deixei fora da fronteira: os PP. 787 e 462. No P. 787 (Cova, Lavos, Figueira da Foz, Coimbra), que está isolado, a informadora, de 63 anos, diz *tchoca*, *tchocar*, *catchos*, *catchorrinho* e *bitchas*; mas: *chave* e *chaminé*. No P. 462 (Quintas da Torreira, Torreira, Murtosa, Aveiro), aparece [ç] em nove palavras e [s] em *chave* e *cheminé*. Acerca do informador, dá-

-nos a inquiridora ⁽¹⁹⁾ os seguintes esclarecimentos: «É impossível arranjar no lugar pessoa de idade superior a 30 anos que cá tivesse nascido, visto o lugar ter sido formado há pouco tempo.» «O lugar é conhecido nas redondezas por «a Areia», devido à natureza do solo.» — Segundo o *Dicionário corográfico de Portugal continental e insular* de Américo Costa, a freguesia da Torreira foi criada em 1926. Não menciona ainda o lugar de Quintas da Torreira. A Torreira é uma pequena povoação que, em certas épocas do ano, por motivo de cheias da ria, chega a ficar completamente isolada. Visitei-a, com breve demora, há uns nove anos. É de notar que, do concelho da Murtosa, há cinco respostas e em nenhuma das outras quatro aparece, nas palavras estudadas, a africada [ç]. No P. 439 diz-se [ʃ] ao lado de [ç].

Quer dizer, a isófona pode já recuar-se, sem grande perigo de erro, mais para o interior. Em vez de partir do P. 462, seguindo pelos PP. 488a, 782 (ʃ e ç), 501, 787, 799, 837a, 1013, 973 e 1064, pode traçar-se (pelo que respeita a *tchuva*) desde o P. 330, seguindo a linha marcada nos mapas n.ºs 1 e 4. É de notar que marquei esta fronteira, que poderia chamar «rectificada», antes de conhecer a de *tchave* e *catcho*, e é interessante observar que, pelo que respeita a esta última, elas coincidem quase inteiramente até ao P. 488a, e, pelo que respeita a *tchave*, aproximam-se bastante desde o P. 347 e coincidem desde 389 a 457.

Há pontos que constituem verdadeiras ilhotas, perdidas na área de [ʃ], embora ainda apresentem vitalidade. Assim, no P. 501 (Sargento-Mor, Barcouço, Mealhada, Aveiro), a africada aparece nas 11 palavras estudadas e ainda noutras, p. ex. n.º 197: *bitcha ribeirinha* «cobra de água». No P. 799 (Rio de Galinhas, Almalaguês, Coimbra), onde serviu de informador um homem, agricultor, a africada aparece nas onze palavras e ainda noutras, p. ex. n.º 416: *p(e)tcheira* «vasilha para a água», n.º 431: *ratcha* «fenda na parede», *satchola*, etc.

A desorganização que se verifica na situação que devia ser a primitiva (distinguiem-se na pronúncia as palavras com *ch* e com *x*, assim como as que têm *c* antes de *e*, *i* ou *ç* e *s* ou *ss* ⁽²⁰⁾), manifesta-se,

⁽¹⁹⁾ Sr.^a D. Diana Maria Gonçalves, professora da escola de Quintas da Torreira.

⁽²⁰⁾ Fiz referência a este último facto em *O interesse científico da linguagem popular*, 1943, pp. 11-13.

Sobre a distinção, em espanhol, entre o *s* surdo e o sonoro, o *s* alveolar e o pré-palatal, o *ç* e o *z* (*plaza*, *hazer*), veja-se R. MENÉNDEZ PIDAL, *Manual*

p. ex., no P. 424, entre outros, onde aparece a pronúncia [ẽçãda] (enxada).

Para não sobrecarregar demasiado o mapa, tracei apenas as isófonas de três palavras: *chave*, *chuva* e *cacho*; mas, a avaliar pela palavra *choca* (galinha —), os limites das outras palavras em que entra a africada não devem diferir sensivelmente daqueles.

Tomando apenas em conta a palavra *chuva* — cuja fronteira, na parte em que não coincide com as outras duas, fica por assim dizer entre a de *chave*, mais setentrional e prolongando-se mais para leste, e a de *cacho*, mais meridional —, eis a linha que segue (*grosso modo*): Parte ⁽²¹⁾ do concelho de Póvoa de Varzim (distr. do Porto), passa pelos de Vila do Conde, Maia, Valongo, Penafiel, Castelo de Paiva (distr. do Porto), Vila da Feira, Vale de Cambra, Sever do Vouga (distr. de Aveiro), Vouzela (distr. de Viseu), Tondela, Mangualde, Gouveia, Seia (distr. da Guarda), Oliveira do Hospital, Pampilhosa da Serra (distr. de Coimbra), Castelo Branco e Vila Velha de Ródão (distr. de Castelo Branco), para terminar no de Nisa (distr. de Portalegre), junto à fronteira política.

Nos distritos de Leiria, Santarém, Lisboa, Évora, Beja e Faro não aparece a africada [ç] em nenhuma das palavras estudadas. Há um caso esporádico de [ç] em *motcha* no P. 1141, freguesia da Glória (Évora). A informadora era natural da Glória e tinha aí vivido sempre. Mas o inquiridor, pouco experiente, tê-la-ia influenciado com a pergunta do questionário: «cabra sem cornos: *motcha*?» Há ainda mais dois exemplos esporádicos: um de *catcho* no P. 1000 (conc. de Azambuja) e outro de *motcha* no P. 1052 (conc. de Almeirim).

*

* *

Examinemos agora mais de perto os mapas apresentados.

Eram escassas e bastante genéricas as informações que possuíamos até 1942 acerca dos limites da africada [ç] e da troca do *v* por *b*.

de *gram. hist. esp.*, 8.^a ed., 1949, pp. 103-104 e 112-113 e bibliografia aí citada. A 8.^a edição do *Manual* é acompanhada de um mapa da «Espanha dialectal», onde se traçam limites de alguns fenómenos fonéticos. Pelo que respeita a Portugal, esses limites são, como o próprio A. reconhece, muito imprecisos.

(²¹) Por uma questão de comodidade, indico sempre a fronteira a partir do norte para o sul e de oeste para leste, mas isso não significa que ela tenha seguido essa progressão. Indicá-la a partir do sul teria ainda maior inconveniente, porque iria reforçar uma tese (a de ser Lisboa o centro de irradiação) em que, como se verá, ponho bastantes dúvidas.

Quanto à primeira, escrevia Gonçalves Viana em 1883 no *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise*: «(...) La consonne composée *ch* (t^s), qui se maintient dans les dialectes du nord, s'est simplifié en s , par la chute de la prépositive t dans tout le pays au sud du Mondego, et même dans presque tout le littoral au nord du Mondego, jusqu'à Viana» (na 2.^a ed., Lisboa, 1941, p. 17).

E Leite de Vasconcelos, na sua *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, que tem a data de 1901, escreveu o seguinte (pp. 116-117): «L'ancienne distinction entre *ch* e *x*, encore aujourd'hui conservée par l'orthographe, se maintient dans ces régions: Trás-os-Montes, Entre Douro e Minho (exception faite de quelques endroits où l'on remplace *x* par *ch*), Beira (jusqu'à Figueira da Foz); ce fait s'observe même dans les localités du sud voisines du Centre, par ex. à Alvaíazere⁽²²⁾, où il semble que se termine l'aire de la distinction. Exs. *chamar*, *coxear*. Dans tout le sud, *ch* a été généralement remplacé par *x*, qui a passé à la langue littéraire; ex. *xamar* = *chamar*: cela arrive au moins dès le XVIII^e siècle. À Vila do Conde *x* est remplacé par *ch*⁽²³⁾, par ex.: *baicho* = *baixo*, *caicha* = *caixa*, *faicha* = *faixa* (*faxa*), *cuôicho* = *coixo* (*coxo*): phénomène vraiment remarquable, mais pas du tout surprenant, parce que l'on constate un échange semblable entre *s* et *ç*».

Também Cornu se ocupou do assunto, consagrando-lhe extensa nota em *Die portugiesische Sprache*, 2.^a ed., pp. 972-973; mas quase se limita aí a reproduzir as opiniões já citadas de Gonçalves Viana e de Leite de Vasconcelos. Repete a observação deste último de que a pronúncia da africada [$\ç$] devia ter sido geral até ao século XVIII e afirma, baseado em Madureira Feijó, que a pronúncia de *x* em vez de *tx* começou em Lisboa. Para Verney, acrescenta Cornu, a pronúncia *tx* não passa de uma «particularidade provinciana».

Não me foi possível, por causa deste trabalho, ir percorrer todos os nossos ortografistas (e numerosos são eles) desde o século XVI ao século XIX. Não creio, no entanto, que o resultado dessas leituras fosse bastante frutuoso, porquanto muitos deles se repetem uns aos outros. Pude, todavia, consultar Duarte Nunes de Leão (1576), João Franco Barreto (1671), Madureira Feijó (1739), Verney

(22) O concelho de Alvaíazere pode localizar-se no P. 653 do mapa do ILB (P. B.).

(23) Entenda-se *tch* (P. B.).

(1747) e Monte Carmelo (1767). Basta ler as escassas e por vezes bastante vagas indicações que fornecem, quer sobre a africada [ç] quer sobre a troca do *v* por *b*, para nos convenceremos de que não deviam estar bem informados quanto à situação dialectal em todo o país. Se ainda hoje os nossos gramáticos conhecem tão mal os falares portugueses, o que não seria naqueles séculos!

Acresce ainda que uma das autoridades invocadas, Verney, não inspira confiança, porquanto se coloca na atitude do homem que dita normas e não do que observa factos: «Digo que os portugueses devem pronunciar como pronunciam os homens de melhor doutrina, da provincia de Estremadura, e, posto isto, devem escrever da mesma sorte que a pronunciam». (*Verdadeiro método de estudar*, 1747, p. 11. Actualizei a ortografia e a pontuação). A atitude dos gramáticos e ortografistas era geralmente a do desprezo pela linguagem popular. Muitos deles podiam fazer suas as palavras de Jerónimo Contador de Argote nas suas *Regras da língua portuguesa*, 1725, p. 299 (não obstante ser o primeiro autor a consagrar mais detida atenção aos dialectos da língua portuguesa): «Há um modo — escreve ele,—de falar a língua portuguesa, mau e viciado, ao qual podemos chamar dialecto rústico, e dele usa a gente ignorante, rústica e incivil, e dele é necessário desviar aos meninos bem criados.

M. — E em que difere esse mau dialecto do dialecto verdadeiro?

D. — Difere na pronúncia, nas palavras, e no modo de falar a língua portuguesa.

M. — Dizei exemplos.

D. — Para dizerem os rústicos *por certo*, dizem *boté*. Aos *tostões* dizem *tostães*; aos *grãos*, *grães*; etc. A letra *z*, muitas vezes pronunciam como *g*, ao *vizar* dizem *vigitar*, à *vizita* *vigita*. *Eu fizera* dizem *eu figera*, *eu trouxe* dizem *eu trouve*, a *ouvido* dizem *ouvisto*. *Atrever-se* dizem *estrever-se*. *Flores* dizem *froles*, etc.» (Actualizei a ortografia e a pontuação).

Para se ver melhor a posição do autor do *Verdadeiro método de estudar*, bastará dizer que ele nega a diferença de pronúncia entre ç e s, que é atestada por outros ortografistas, antes e depois dele, p. ex. por Madureira Feijó e Monte Carmelo: «Nenhuma diferença na pronúncia — diz Verney — se acha entre o ç e o s; se algum contareia [contraria] isto, que me faça a mercê de mo provar; porque o meu ouvido, que é bastantemente advertido, não conhece esta diversidade.»

Além disso, o sentimento linguístico de outros ortografistas, menos ferozmente «lisboetas», era bastante diferente do de Verney.

Assim, Madureira Feijó considera *vício*, que deve ser corrigido, a troca do *v* por *b*. Mas também considera «erro ou vício pátrio» pronunciar *ch* em *chave*, *chuva*, *China*, como se fosse *x*.

Servem estas reservas para dizer que, no estado actual dos nossos conhecimentos, não se pode afirmar com segurança que a africada [ç] foi geral em todo o país até ao século XVIII e que depois, por influência da pronúncia da Estremadura, em particular de Lisboa, foi recuando a sua área, para o sul e para o norte. Três considerações me levam a fazê-lo:

Em primeiro lugar, se observarmos o mapa sintético (n.º 4), ver-se-á que a fronteira da africada coincide, nas suas linhas gerais, com os limites que em 1883 lhe assinalava Gonçalves Viana: sul do Mondego e ao longo do litoral até Viana do Castelo. Ora seria estranho que até ao fim do século XIX o fenómeno (substituição da africada por ç) avançasse tão rapidamente, e que, ao contrário, nos últimos 70 anos, se mantivesse quase estacionária, não obstante a acção niveladora da escola (certamente a mais importante de todas), dos meios de comunicação muito mais fáceis e da imprensa.

A outra observação diz respeito ao papel que Lisboa possa ter desempenhado na formação da língua portuguesa. É opinião aceite por alguns filólogos, sobretudo estrangeiros, que o português, como língua nacional, provém do dialecto de Lisboa⁽²⁴⁾. Leite de Vasconcelos (*Esquisse*, 15), mais cauteloso, e porventura mais próximo daquela realidade que parece desprender-se de alguns factos aqui apresentados, põe a alternativa de Coimbra ou Lisboa: «À partir des XV^e-XVI^e siècles, la langue littéraire présente quelques caractères qui sont en désaccord avec le langage de la province du Minho, et d'accord avec le langage actuel du Centre du pays (Beira) et du Sud, par exemple la terminaison -ão dans les noms de la III^e déclinaison latine. Ainsi l'origine de notre idiome littéraire pourrait être, plutôt qu'ailleurs, cherchée à Coïmbre où à Lisbonne».

Que a linguagem da cidade de Lisboa tem certo poder de irradiação numa zona circunvizinha, é natural e evidente. Mas imaginar que, pelo facto de ser a capital, exerce grande influência na linguagem do resto do país, especialmente do centro e norte, é sermos vítimas de uma miragem. A situação portuguesa não é comparável à da França, onde a influência de Paris, desde a formação da língua,

(24) Cf. W. GIESE no *Boletim de Filologia*, VI, 1939, p. 200, citado por M. PAIVA BOLÉO, *Os nomes dos dias da semana em português*, 1941, p. 13.

é manifesta e conhecida, nem à da Itália, onde há cidades, como Florença, que foram e continuam a ser fortes centros de irradiação.

Ainda hoje Lisboa, não obstante o poder de sedução que exerce, como cidade, no espírito de todos os provincianos, não tem, para estes, qualquer superioridade linguística. Assim como há no país, de uma maneira geral, a consciência de que onde se fala melhor é na região de Coimbra — opinião já defendida no século XVII por D. Francisco Manuel de Melo nos seus *Apólogos dialogais* ⁽²⁵⁾ —, assim existe também a ideia de que em Lisboa não se fala bem. Daí a reacção de muitos portugueses à dicção dos próprios locutores da Emissora Nacional, de que encontramos ecos em jornais e revistas ⁽²⁶⁾ e que se ouvem com frequência em conversas. É lícito, portanto, perguntar: se ainda hoje é tão diminuta a capacidade de irradiação linguística de Lisboa ⁽²⁷⁾, poderemos atribuir somente à sua acção o desaparecimento da africada ao sul do Mondego?

A terceira observação, que me parece bastante probativa, é-me

(25) Cf. LEITE DE VASCONCELOS, *Esquisse*, p. 60: «L'idée d'après laquelle Coïmbre est la ville où l'on parle le mieux est encore aujourd'hui admise par bien des gens». Ver também M. PAIVA BOLÉO, *Brasileirismos* (separ. de *Brasília*, vol. III), 1943, p. 11, nota.

(26) Ainda há poucos anos escrevia um médico na *Revista de Portugal* (série de Língua Portuguesa), Agosto de 1943, p. 41, o seguinte: «Diz V. [refere-se a um colaborador da Revista] que essa pronúncia normal se faz ouvir no centro do país, desde o Mondego ao Tejo. Peço licença para observar que essa região me parece demasiado extensa, devendo, em minha opinião, limitar-se, simplesmente, ao distrito de Coimbra (com excepção da orla litoral) e, muito principalmente, à *bacia hidrográfica do Mondego*. Bastará notar que não há ninguém nesta região, pessoa culta ou inculta, que pronuncie *espálho*, mas sim, e bem nitidamente, *espêlho*. É mesmo vulgar gracejar com os lisboetas de torna-viagem, dirigindo-lhes esta ou outra pergunta parecida: «— Então que novidades nos trazes lá da terra dos *espálhos*?» O e com o som de *â* só se ouve antes do grupo [aliás fonema] *nh*, como nas palavras *lenha*, *penha*, *senha*, *tenha*, etc. Nunca antes do grupo *lh*. Vou ainda mais longe: a região que acima indico é não só aquela onde se pode ouvir a *pronúncia normal portuguesa*, mas onde se fala com mais propriedade». E mais adiante o mesmo autor observa: «A pronúncia lisboeta arranha-nos quase tanto o ouvido como a algarvia ou a minhota». E termina por fazer esta observação de carácter prático: «Todos os locutores das várias emissoras, mas, muito principalmente, os da Emissora Nacional, porque é uma emissora oficial, deviam ser obrigados a usarem nas suas transmissões a *pronúncia normal portuguesa*, e nunca o modo de falar desta ou daquela região».

(27) Um fenómeno que julgo ser devido à influência da pronúncia lisboeta é o *r* uvular, bastante generalizado na capital, mesmo nas classes populares.

sugerida pelo exame da linguagem dos Açores e da Madeira. Percorrendo o material do ILB, verifiquei não se encontrar nesses dois arquipélagos a africada [ç] nas palavras estudadas. Tendo estes sido descobertos e colonizados no século XV, não era crível que, se a africada se estendesse a todo o país até ao século XVIII, a não fôssemos encontrar nos ditos arquipélagos, tanto mais que algumas ilhas são bastante conservadoras. Põe-se, portanto, o problema de saber se a distinção entre o norte e o sul de Portugal, no que toca a este fenómeno fonético, não será mais antiga.

Mas — poder-se-á perguntar — se o desaparecimento da africada não é devido à influência irradiadora de Lisboa, como se explica então?

Observarei, em primeiro lugar, que a pronúncia da africada é tida como um fenómeno popular, rústico, que evitam as pessoas dotadas de alguma ilustração, ainda que elementar. Só em gente do povo, sem instrução, se ouvirá dizer *tchave*, *tchapéu*. Já o mesmo se não verifica com a troca do *v* por *b*, que se mantém na dicção de muita gente culta (quer o *b* seja bilabial, quer, mais correntemente, fricativo: [u βêtu] = (vento). Isto explica, em parte, segundo creio, que a área do *b* por *v* se estenda até mais ao sul e a leste que a área de [ç]. (Ver o mapa n.º 5).

Em segundo lugar, não devemos esquecer que as províncias da Estremadura e do Alentejo desde cedo foram zonas de colonização interna e de imigração. Leite de Vasconcelos, na sua *Etnografia portuguesa* (vol. II: ver índice, s. v. «colonização interna»; e III, p. 399 e segs.), cita, para aquelas províncias, «eloquentes exemplos», tanto de colonização interna como de deslocamentos de populações.

Observarei ainda, pelo que respeita à Estremadura, que esta província não tem a individualidade que as outras apresentam, o que está patente no próprio nome étnico. A designação de *estremenho* não oferece um conteúdo semântico-psicológico que se possa comparar ao das outras províncias. Não se diz «sou estremenho» com a mesma ufanía com que se afirma «sou minhoto», trasmontano, beirão, alentejano ou algarvio. Qualquer português pode ainda hoje corroborar a afirmação de Leite de Vasconcelos (*Etnogr.* III, p. 417) de que tanto o adjectivo como o nome étnico (*estremenho*) se usam pouco. Quer dizer, a Estremadura, por ser região de muitas e variadas gentes, como a sua capital, não chega a adquirir características próprias de província.

Observação idêntica poderei fazer quanto à zona do litoral até

Póvoa de Varzim. Nele convergem pessoas de quase todos os pontos do país, pelo que os seus habitantes sentem a necessidade de eliminar alguns traços linguísticos típicos das respectivas províncias, principalmente os que podem suscitar o riso ou a troça dos originários de outras províncias.

Acresce que é nesta zona que está situada a mais importante linha de caminho de ferro, a Linha do Norte, que fez surgir ou desenvolver numerosas povoações, e — o que me parece ainda muito mais importante — é nela que passa a estrada de mais tráfego do país, a de Lisboa-Porto. Diz o P.^o João Bautista de Castro, que «esta estrada [a via militar romana que saía de Lisboa para Braga], como bem adverte o Padre Argote, tom. II, l. 3, cap. 9, das «Memórias de Braga», era quase a mesma, que ainda hoje se pratica, posto que em algumas partes se diference da romana» (*Mapa de Portugal antigo e moderno*, tomo III, parte V, 3.^a ed., 1870, p. 304.) (27^a). Além dessa estrada principal, há hoje uma outra que segue mais junto ao mar.

O outro fenómeno de natureza fonética que estudei é o da troca do *v* por *b*. Distribui-se numa área bastante diferente da africada. Abrange, como esta, as duas províncias transdurienses, mas, ao sul do Douro, o aspecto que o mapa oferece é muito diverso. (Ver o mapa n.^o 5). Apresenta-se a isófona com a forma de um V, de braços desiguais, prolongando-se um até ao norte de Aveiro (P. 462), junto à costa, e o outro até aos concelhos de Macedo de Cavaleiros e Mogadouro (PP. 259 e 281); o vértice chega ao Tejo (P. 1023). O fenómeno estende-se, portanto, mais para o sul e para oeste que a africada [ç].

Estes limites não coincidem inteiramente com os que lhe assinalou em 1901 Leite de Vasconcelos (*Esquisse*, p. 112), que registou o fenómeno também no Algarve, por influência (segundo ele) do espanhol: «C'est là un caractère dialectal très important. Ces phénomènes s'observent au moins jusqu'à Alvaizere et à Arnal (Leiria); ils sont étrangers à la plus grande partie du sud. A Barrancos (Alen-

(27^a) A determinação dos lugares por onde passava a via militar romana é muito difícil de fazer, por falta de informações precisas. Alguns estudos se têm publicado sobre o assunto, os quais são citados pelo P.^o MIGUEL DE OLIVEIRA, *De Talábriga a Lancóbriga pela via militar romana*, 1943, pp. 5-6 (separ. do *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. IX).

tejo) et à Vila Real [de Santo António] (Algarve), on trouve aussi la même confusion de *b* avec *v*, par influence de l'espagnol, qui se parle dans le voisinage de ces localités; en espagnol, comme on sait, il n'existe pas aujourd'hui de *v*.» Por seu lado, J. J. Nunes, num estudo sobre os *Dialectos algarvios*, publicado na *Revista Lusitana*, vol. VII, 1902, p. 43, menciona a troca de *v* por *b* e vice-versa na *Linguagem de Barlavento*, ou seja na zona que vai do Cabo de Santa Maria a Sagres, onde a influência espanhola não é tão fácil de se verificar: «*B* e *V*, como na língua escrita, trocam-se por vezes entre si: ex.: *casabeque* (*casaveque*)⁽²⁸⁾, *lavareda*, *brebe* (na locução adverbial *em breve*), *barrer*, *bassoira*, *livra*, *hável*, *bája* ou *báge*, *béspra* (*véspera*), *abéspra* (*vespa*), *voda*, *bapor*, *vengala*, *avanar* (a par de *abanar* e *embanar*), etc.»

No material do ILB, ao contrário, não aparece a troca do *v* por *b* no Algarve, tanto pelo que respeita a *chuva* como a outras palavras⁽²⁹⁾.

É antiga ou moderna esta troca do *v* por *b*? Que já se verificava no século XVI, sabemos-lo por Duarte Nunes de Leão que, na sua *Ortografia* (1.^a ed., 1576, p. 112), o menciona para a região de Entre Douro e Minho, facto igualmente referido no século XVII por J. Franco Barreto (*Ortogr. da líng. portuguesa*, 1671, p. 114). Mas, nos séculos anteriores, devia ser bastante rara, a avaliar pelos trechos da *Crestomatia arcaica* de J. J. Nunes, que percorri.

Representa essa permuta a continuação de um fenómeno já verificado no latim vulgar e registado pelos gramáticos (*bobis* por *vobis*, *iubentutis*, etc.), ou trata-se de uma modificação fonética posterior?

Parodi, no seu conhecido estudo *Del passaggio di V in B e di certe perturbazioni delle leggi fonetiche nel latino volgare* (publicado na *Romania*, ano 27, 1898, pp. 177-240), inclina-se para a primeira hipótese. Eis as suas palavras (p. 194): «Il *v* iniziale rimaneva intatto nel latino volgare, se il vocabolo precedente terminava in vocale; diveniva *b*, se terminava in consonante. È un fenomeno di fonetica sintattica, che ha estesissime analogie, com'è noto, in parte dell'Italia

(28) Hoje a forma mais corrente é *casabeque*. (P. B.).

(29) A Sr.^a D. Maria Clementina Duarte estudou o fenómeno relativamente às palavras *vaca* (n.º 171 do Questionário), *fava* (n.º 127), *carvalho* (n.º 123) e *árvore* (n.º 99) e verificou que, para nenhuma delas, os inquiridores registaram a troca do *v* por *b*; no Alentejo só aparece, esporadicamente, *árbore* ou *arbe*. Esses resultados serão apresentados na sua tese de licenciatura.

centrale, nell'Italia meridionale, nelle tre grandi isole, Sicilia, Sardegna e Corsica, e nei dialetti settentrionali del Portogallo⁽³⁰⁾; si potrebbe anzi affermare ora, con molta verosimiglianza, che in codeste regioni si continui, sotto apparenze alquanto diverse, l'antico fenomeno latino, e che sia possibile, riunendo gli anelli dispersi, ricostituire l'antica catena, ridotta in frantumi»⁽³¹⁾.

A troca entre os fonemas *v* e *b* é fácil de dar-se, especialmente entre a labiodental e a bilabial fricativa: basta uma aproximação dos lábios para se passar da primeira à segunda ou, inversamente, um ligeiro relaxamento muscular para que a bilabial se transforme em labiodental. Assim se explica que, ainda hoje, nas línguas românicas — designadamente no português —, nos apareçam não só palavras em que o *b* é proveniente de um *v*, como *bodo* < VOTU, ant. *bo-divo* < VOTIVU, *bainha* < VAGINA, etc. (ver mais exemplos em J. J. Nunes), evolução que é a normal em logudorês (*VACCA* > *bakka*, *VENENU* > *belenu*, *VINU* > *binu*⁽³²⁾), mas vocábulos com duas variantes de grafia e pronúncia (embora uma delas seja mais usada), como *taberna* e *taverna*, *cobarde* e *covarde*, *vodas* (ant.) e *bodas*, etc.

⁽³⁰⁾ Parodi remete para GONÇALVES VIANA, *Romania*, XII, 53 e segs. (onde foi publicado o *Essai de phonétique*) e para o *Grundriss*, I, 767, nota (na 2.^a ed., p. 984, n.º 2).

⁽³¹⁾ Sobre o *v* e *b* em latim vulgar consultem-se, além do trabalho de PARODI, que aponta numerosos exemplos de *b* inicial por *v* (*BAGINA* > *bainha*, *BANNU* > *abano*, *BASCELLU* [dimin. de *VASUS*] > *baixel*, etc.), os seguintes, entre outros: GUARNERIO, *Fonologia romanza*, 1918, pp. 499-506; MEYER-LÜBKE, *Introducción a la lingüística románica*, 1926, pp. 251-254; GRANDGENT, *Introducción al latín vulgar*, 1928, pp. 203-206; J. J. NUNES, *Comp. de gramát. histór. port.*, 2.^a ed., 1930, p. 92; ELISE RICHTER, *Beiträge zur Geschichte der Romanismen*, 1934, p. 60-61. (Esta autora diz que o material fornecido pelas inscrições não é tão abundante como afirma Parodi, visto que se trata apenas de algumas palavras que aparecem repetidas, como *bolo*, *bivo*, *boto*, *bales*, com suas flexões e derivados); M. L. WAGNER, *Historische Lautlehre des Sardischen*, 1941, p. 95. Para o espanhol, o estudo mais desenvolvido de que tenho notícia é o de RUFINO CUERVO, *Disquisiciones sobre antigua ortografía y pronunciación castilanas*, incluído nas *Obras inéditas*, Bogotá, 1944, pp. 357-371.

⁽³²⁾ Cf. GUARNERIO, *Fonol. romanza*, p. 500; M. L. WAGNER, *Historische Lautlehre des Sardischen*, pp. 95-101 («o betacismo na Sardenha é de antiga data»); G. ROHLFS, *Historische Grammatik der italienischen Sprache*, 1949, pp. 282-285.

A referida troca de labiodental pela bilabial ($v > b$) podia explicar-se, portanto, por uma evolução fonética natural. Mas outras considerações me levam a pôr a hipótese de ser a continuação de um estado de coisas muito mais antigo (que pode, no entanto, não resultar de uma evolução ininterrupta desde o latim vulgar), o que seria confirmado pela circunstância de o fenómeno aparecer com mais intensidade nas províncias mais conservadoras.

Pode objectar-se a essa interpretação que, até aos fins do século XV, como ressalta do estudo de Cuervo já citado em nota, existiu em espanhol uma «distinção real» entre o *v* proveniente de *u* ou *b* latinos (*breue*, *auer*) e o *b* que resulta de *p* (*abeja*), e que só no século XVII está realizada «a unificação dos dois sons diferentes». Mas isso não impedia, observarei eu, que, na Espanha, como certamente em Portugal, houvesse regiões onde, na linguagem popular, se verificasse a permuta do *v* por *b*, a par de outras em que a distinção se mantinha nítida. Teríamos assim áreas fonéticas, como existem áreas lexicais.

Admitindo que o fenómeno é moderno, torna-se difícil de explicar o facto, que não deixa de surpreender, de a permuta do *b* por *v* se não verificar, em Portugal, numa larga zona fronteiriça com a Espanha (cuja influência se poderia fazer ou ter feito sentir), zona que abrange as províncias da Beira Alta e da Beira Baixa — com excepção dos PP. 757, 767, 768, 769 e 943 (nestes dois últimos subsistem *b* e *v* lado a lado) —, e que, pelo contrário, o vamos encontrar no litoral, até Leiria (onde, como vimos, desapareceu a africada *c*), se prolongue até ao Tejo (P. 1023) e deixe ainda algumas ilhotas nos concelhos de Torres Vedras (PP. 979-985), Mafra (1005), Barreiro (1113) e Palmela (1119). O facto é tanto mais significativo quanto é certo que parte da área desta isoglossa se encontra na faixa do litoral, mais sujeito, como vimos, às inovações.

É interessante notar que os pontos junto à fronteira, onde persiste a troca do *v* por *b*, pertencem ao concelho do Sabugal, um dos que fizeram parte das terras de Riba-Côa ou Cima-Côa, que só passaram a pertencer a Portugal em virtude do tratado de Alcañices de 1297⁽³³⁾. Convém, por conseguinte, ter presente, nos estudos linguísticos portugueses, que a zona que se estende desde a foz do Côa à

(33) Cf. LEITE DE VASCONCELOS, *Etnografia portuguesa*, vol. III, 1941, pp. 280-286.

fronteira e que abrange, *grosso modo*, os concelhos de Vila Nova de Foz Côa, Figueira de Castelo Rodrigo, Almeida e Sabugal, não faziam parte do território português no século XII, essa época decisiva do povoamento.

Quanto às ilhotas situadas na parte meridional da província da Estremadura (distr. de Lisboa e de Setúbal), é de notar que as primeiras (PP. 979 e segs.) pertencem a um concelho confinante com a região dos saloios, ou seja os «campónios» dos arredores da capital, que provêm, como é sabido, de mouros e cristãos⁽³⁴⁾. Estará aqui a razão do carácter esporádico do fenómeno na zona referida? Segundo Alberto Sampaio, a zona saloia estendia-se, para o norte, até Óbidos (P. 880), mas Leite de Vasconcelos (*Etnogr. port.*, III, p. 437) afirma que termina em Mafra (P. 1002).

Nos PP. 1113 (Barreiro) e 1119 (Palmela) deve tratar-se igualmente de ilhotas linguísticas e não de pronúncias individuais, porquanto a troca de *v* por *b* aparece em várias outras palavras (especialmente no Barreiro): *baca*, *cebada*, *orbvalho*, etc. Não sei como explicar o isolamento do fenómeno nessas duas únicas povoações ao sul do Tejo. O *Dicionário corográfico* de Américo Costa informa-nos que foram fundadores do Barreiro «alguns pescadores algarvios, que, encontrando na barra de Lisboa excelente colheita de peixe, nesta praia se abrigavam depois da faina, começando a construir barracas para suas moradias». Mas esta explicação, que é a tradicional, não a julgo aceitável, porquanto *Barreiro*, nome de mais de duzentos lugares portugueses, não se deve relacionar com «barra», mas sim com «barro». É lícito, por conseguinte, perguntar se não terá sido aquela zona colonizada por gente do norte.

Pelo que respeita ao ditongo *ui* (ver mapa n.º 6), é de notar a sua vitalidade. Estende-se por uma vasta zona, que abrange o Minho, com excepção de uma faixa litorânea, o Douro Litoral, parte de Trás-os-Montes (distr. de Vila Real) e algumas, poucas, localidades do distr. de Bragança), parte da Beira Litoral, estreita-se a partir de Aveiro, deixando de fora o distrito de Leiria e a província do Ribatejo (com excepção de algumas povoações vizinhas dos confins ocidentais da Beira Baixa), para ir terminar no distrito de Portalegre.

A forma *chuiva* é certamente mais moderna que *chuvia* < PLU-

(34) Cf. LEITE DE VASCONCELOS, *Etnogr. port.*, III, pp. 428-460.

VIA, que só aparece nalgumas povoações do distrito de Viana do Castelo, ou sòzinha, ou em concorrência com outras formas (*chuva*, *chuiva*, etc.), como se vê do seguinte quadro:

<i>Chuvia</i>	<i>Chuvia e chuiva ou var.</i>
P. 1 — conc. de Melgaço	P. 2 — conc. de Melgaço
P. 4 — " "	P. 9 — " "
P. 5 — " "	P. 10 — " Monção
P. 6 — " "	P. 24 — " Valença
P. 13 — " Monção	P. 41 — " Arcos de Valdevez
P. 14 — " "	
P. 18 — " "	
P. 25 — " Valença	
P. 28 — " V. ^a N. ^a de Cerveira	
P. 32 — " Paredes de Coura	
P. 33 — " "	
P. 34 — " "	
P. 35 — " "	
P. 37 — " "	

É interessante observar que, fora destes limites e junto à fronteira espanhola, se estende uma faixa bastante uniforme, que abrange os distritos de Bragança, Guarda e Castelo Branco.

Panorama bastante diverso é o que nos oferece a distribuição da velar sonora inicial em *gacho* (*cacho* < CAPULU? Ver mapa n.º 7). O fenómeno estende-se ao longo das duas margens do Douro, abrange a parte meridional do distrito de Bragança, parte da província da Beira Alta e, particularmente, a Beira Baixa, até aos limites com a Beira Litoral.

Não são muito abundantes na nossa língua os casos em que a velar oclusiva surda inicial antes de *a*, *o*, *u* se sonoriza, mas existem alguns, como *gávea* < CAVEA, *gaiola* < CAVEOLA, *gato* < CATTU, *gamela* < GAMELLA, ou palavras de origem grega que nos vieram por intermédio do latim, como *golfo* < COLPU (mudado em COLFU, certamente por ultracorreção, do grego *κόλπος*: «enseada») e *golpe* < COLAPHUS. Relativamente a algumas, pelo menos, não é muito exacto falar de sonorização do *c* inicial, visto que já em latim existiam, lado a lado, as formas com a oclusiva surda e com a oclusiva sonora, como é o caso de **CAMELLA** e **GAMELLA**, e assim se

explica estarem representadas nas línguas românicas formas com *c* (nalguns dialectos italianos) e formas com *g* ⁽³⁵⁾.

Não encontrei referência ao facto (no que toca à língua portuguesa) nos ortografistas. Um ou outro limita-se a registar a troca do *c* por *g* dentro do latim, como é o caso de João Franco Barreto (*Ortogr. da ling. portuguesa*, 1671): «E também os latinos confundiram muitas vezes estas letras *c* e *g*, dizendo: *crassatur* e *grassatur*, *Cabinus* e *Gabinus*, *lece* por *lege*, *acna* por *agna*, como diz Manuel [aliás Mário] Vitorino, em o capítulo de ortografia» (p. 121). A letra *G* «tem grande parentesco com o *c*, como diz S. Isidro; e Festo diz que, ao que agora chamamos *c*, chamaram os antigos latinos *g*, e no escre-

(35) Quanto a *gamela* corrija-se a afirmação de MEYER-LÜBKE, *REW* 1543 e de WARTBURG, *FEW*, II, 128, que supõem o vocábulo oriundo da Itália, donde teria passado ao francês e daqui ao espanhol. O professor da Universidade de Nimegue, B. E. VIDOS, mostrou que é na Península Ibérica que se encontram as mais antigas abonações. Ver as suas *Recherches sur l'histoire et les origines du lexique roman*, separ. de *Neophilologus*, ano 82, fasc. 4, Outubro de 1948, p. 6. A parte do trecho que interessa foi reproduzida na *Rev. Port. de Filologia*, vol. II, 1948, p. 363-364.

Pelo que respeita às formas italianas citadas no texto, o meu prezado Colega e Amigo Sr. Prof. M. L. WAGNER teve o ensejo de, em conversa, fazer algumas reservas às informações da *Hist. Gram.* do Prof. G. Rohlfs, reservas que depois amavelmente reduziu a escrito e que traduzo a seguir, devidamente autorizado pelo A.: «As palavras com *g*- derivadas do grego são pouco demonstrativas, pois já em grego o *k* tem uma pronúncia tão fortemente prepalatal, que apresenta mais semelhanças com o *g* do que com o *k*.

»Além disso, Rohlfs, § 151, cita apenas palavras gregas ou exóticas (*cattus-gattus*; *camelus*, que pode assentar numa forma grega, mas que é semítica, língua onde começa por *g*- (hebr. *gimel*; arab. *gemel* ou *gemel*). O *g*- das formas italianas dialectais, que Rohlfs apresenta, deve provir da sua posição intervocalica (*la garogna*, etc.) Também as formas do AIS se devem explicar da mesma forma: posso afirmá-lo com segurança relativamente à forma *la ggarrúkura* (Sassari, P. 922): isoladamente ou depois de consoante a palavra apresenta-se sob a forma *karrúkura* (em sassarês, como também no sardo propriamente dito, no qual o *-k-* se transforma na fricativa *-g-*).

»Na interpretação das formas do atlas é necessário a maior prudência, pois elas são tiradas muitas vezes do contexto, e não se reparou que, nesse caso, as formas isoladas deviam ser subentendidas nesse contexto.

»Que em latim — independentemente das palavras provenientes do grego, do hebraico e do celta —, se tenha verificado em larga escala a sonorização do *k*- em *g*-, não o creio, nem julgo que seja possível demonstrá-lo com tão poucos exemplos e tão diferentes. E pelo que respeita aos casos do italiano e seus dialectos, é necessário primeiro investigar se não se tratará de uma generalização de formas originariamente intervocalicas. O mesmo direi para as formas do AIS».

ver e pronunciar, tomavam um por outro, dizendo *Caius* e *Gaius*, *cignus* e *cicnus*, *cobius* e *gobius*, *Gneus* e *Cneus*, etc.» (p. 128; actualizei a ortografia, modifiquei a pontuação e pus em itálico os exemplos.)

Pelo que respeita ao francês e ao provençal, basta percorrer o *Französisches Etymologisches Wörterbuch* (FEW) de Wartburg para encontrarmos formas como *galfater* «calafetar» (s. v. *kalaphatein*), *gāb* «jambe» (>CAMBA), *gabio* >CAVEA, *gaiöle* >CAVEOLA, etc. Também relativamente ao francês é aplicável a observação já feita para o português: que, nalguns casos, não é exacto invocar-se como étimo uma palavra com *c* inicial, visto que já no latim vulgar esse étimo pode aparecer igualmente com *g* (como é, p. ex., o caso de GAMBA).

Na língua italiana deparam-se-nos, da mesma forma, e ainda com mais frequência que em francês, formas com a velar sonora. Rohlf, na sua recente *Historische Grammatik der italienischen Sprache und ihrer Mundarten* (Berne, 1949, pp. 251-252), cita numerosos exemplos, como sejam, entre outros, *gomito* < CUBITU, *gaglio* «coalho», *gabilli* «cabelos», *gabana* «cabana», etc. E quem se der ao trabalho de percorrer alguns mapas do *Sprach- und Sachatlas Italiens und der Südschweiz* de Jaberg e Jud facilmente descobrirá mais exemplos. Vejam-se, entre outros, os mapas *calzoni* (vol. VIII, 1554: *gartsöni*, P. 526, *gardzūni*, P. 575; ver ainda, entre outros, os PP. 526, 575, 583, 616, 624), *castagna* (VII, 1291: *gastāne*, PP. 526, 575, 576, 584, 615, 633, etc.), *carrucola* (II, 250: *ggarrūkura*, P. 922).

Se o fenómeno da sonorização do *c* inicial já existia no latim, se está bastante representado nas línguas românicas e seus dialectos, e se se estende, em Portugal, pelo que respeita a *gacho*, por tão grande área, parece não ser arriscado concluir (não obstante faltarem-nos textos abonatórios), que a pronúncia *gatcho* por *cacho* deve ser antiga na língua.

Um complemento bastante elucidativo dos fenómenos que acabo de estudar e respectivos mapas é o que nos oferece a redução do ditongo *ei* > *é* (*améxa*, *figuêra*), facto que está a ser estudado por uma aluna da Faculdade de Letras de Coimbra, que prepara a sua tese de licenciatura ⁽³⁶⁾. Distribui-se (ver mapa n.º 8) justamente na

(36) Sr.ª D. Maria Clementina Duarte, que elaborou o mapa n.º 8, que neste artigo se reproduz.

parte que fica ao sul da zona constituída pelo rio Mondego e Serra da Estrela até ao Zêzere, e prolonga-se, seguindo uma orientação quase idêntica à dos sistemas de montanhas da Península, até ao concelho de Torres Vedras.

Para a correcta interpretação dos fenómenos do sul de Portugal, tanto os de carácter fonético como os de natureza lexical, é indispensável estarmos informados da colonização árabe e da história dos moçárabes. Ora quanto a esta (na parte relativa a Portugal) são muito escassas as notícias e estudos que possuímos⁽³⁷⁾. Por isso mesmo nem sempre é fácil distinguir o que remonta ao domínio árabe do que é devido a povoamento posterior dos moçárabes⁽³⁸⁾. Há, pelo menos, duas camadas árabes: uma primária e uma secundária. Algumas povoações perderam o nome latino para receberem um nome árabe, como é o caso, que cita Rui de Azevedo (*ob. cit.*, p. 11), da vila de *Fraxineti* (Freixedo), que, no século XI, recebeu a designação de *Alcarraque*. Por conseguinte, basear conclusões linguísticas sòmente no estudo da toponímia actual, sem conhecimento dos nomes

(37) Cf. ADOLFO COELHO, *Origens do português do sul*, nos *Serões*, vol. VIII, 1909, pp. 317-324; LEITE DE VASCONCELOS, *Romanço moçarábico*, incluído nos *Opúsculos*, vol. IV, 1929, pp. 799-800; DAVID LOPES, *Os árabes nas obras de Alexandre Herculano*, separ. do *Boletim da Seg. Cl. da Academia das Ciências*, vols. III e IV, 1911, pp. 214-215; HARRI MEIER, *A evolução do português dentro do quadro das línguas ibero-românicas*, separ. de *Bíblos*, vol. XVIII, 1943, especialmente pp. 19-20; JOSÉ PEDRO MACHADO, *O português e o romance do sul do Tejo*, na *Revista de Portugal* (série de Língua Portuguesa, vol. IX, Maio de 1946, pp. 191-195; ID., *Adolfo Coelho e o romance moçarábico*. Na *Miscelânea Adolfo Coelho*, vol. I, pp. 15-21 (separ. do *Boletim de Filologia*, vol. X); R. F. MANSUR GUÉRIOS, *O romance moçarábico. Vestígios fonéticos do latim meridional*, na revista *Língua e Linguagem* (Rio de Janeiro), ano I, n.º 1, Janeiro-Fevereiro de 1947, pp. 90-98.

(38) São de recordar aqui as judiciosas considerações de RUI DE AZEVEDO a propósito da existência de numerosos topónimos árabes da região de Coimbra situada na margem esquerda do Mondego (como *Alfaiar*, *Aimalaguês*, *Alvaiázere*, etc.): «Quem, no desconhecimento de factos desta natureza, se socorresse da toponímia do território de Coimbra para uma conclusão sobre o seu estado demográfico à data da reconquista, reputaria estes topónimos, muito naturalmente, como testemunho incontroverso da permanência ali de população através do domínio muçulmano. O estudo das fontes revela-nos, porém, uma coisa muito diferente: a colonização daqueles territórios, a seguir à reconquista, com uma percentagem grande de cristãos islamizados. É preciso ter cautela, por motivos idênticos, com a interpretação da toponímia de todas as terras repovoadas antes do século XIII». (*Período de formação territorial*, na *Hist. da expansão port. no mundo*, vol. I, 1937, p. 11).

que aparecem em documentos dos séculos XI e XII, é arriscarmo-nos a cometer graves erros de interpretação.

No caso presente, sabido como é (ver Menéndez Pidal, *Orígenes del español*, 2.^a ed., 1929, p. 452) que um dos traços característicos do romance moçarábico é a manutenção dos ditongos *ai*, *ei*, *au*, *ou*, não deixa de ser curioso verificar que, na época moderna, é precisamente no sul que se dá a redução do ditongo *ei*. Note-se, todavia, que, ao sul da isófona traçada no mapa n.º 8, p. ex. no distrito de Castelo Branco, se encontra o ditongo *ou* resultante do alongamento da vogal tónica («cabra moucha»), o que torna mais complexo o problema da ditongação ou sua redução.

Depois de estudar alguns factos de natureza fonética, conviria passar em revista o léxico. Mas, quanto a este, não me encontro ainda em condições de saber se a distribuição de palavras permite caracterizar grandes regiões linguísticas. O único mapa que até agora me foi possível começar a elaborar é o da «agulha seca de pinheiro». Nele se distinguem duas grandes áreas (a par de outras menores): uma, mais homogênea, a de *caruma*; outra, bastante retalhada, a de *agulha* (ou *agulhas*). O seu exame não permite, no entanto, falar de um norte e de um sul. Só trabalhos ulteriores poderão mostrar se os factos fonéticos, para esse efeito, são mais significativos que os lexicais.

*
* *

Vejamos agora, para terminar, se, do confronto de todos os mapas apresentados, se podem tirar algumas conclusões de carácter geral. Confesso que tenho certo receio em o fazer, porquanto o problema necessita de ser estudado em bases mais amplas, históricas e geográficas, além de pressupor a existência do Atlas Linguístico de Portugal. O que se escreve a seguir não passa, por conseguinte, de sugestões ou hipóteses, que estudos futuros poderão invalidar ou confirmar. Por isso mesmo desde já se agradecem os aditamentos e rectificações que os linguistas, historiadores e geógrafos possam trazer ao presente estudo.

Em qualquer dos mapas apresentados se desenha, nitidamente, um «norte» e um «sul». Mas quando abstraímos dos casos particulares aqui estudados e nos queremos elevar ao plano geral, torna-se muito difícil estabelecer, sob o aspecto linguístico, onde acaba o norte e começa o sul. Leite de Vasconcelos, p. ex., na sua *Esquisse*,

fala diferentes vezes em «norte» e «sul», mas sem poder precisar a linha que separa uma da outra parte. Na *Etnografia portuguesa* (vol. II, p. 4), diz que, «para efeito etnográfico, consideraremos Norte as duas primeiras províncias [Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes], Centro a terceira [Beira], Sul as três últimas [Estremadura, Alentejo e Algarve].» Poderemos também adoptar esta divisão para efeitos linguísticos? Leite de Vasconcelos responde afirmativamente, ao escrever na mesma obra (vol. III, p. 3): «Disse-se no vol. II, p. 4, que, não obstante a natural divisão do Continente Português em três zonas maiores pelo Douro e Tejo, ele se considerava nesta obra repartido, com outra concepção, e para efeito etnográfico, em Norte, Centro e Sul. O mesmo se pode dizer do conjunto dos dialectos, tão ligados com a *Etnografia* (cf. vol. I, p. 5); e isso faço nos meus trabalhos dialectológicos. Aquele repartimento, se se apóia em várias opiniões e conceitos, não é, porém, admitido por toda a gente; e até há quem ponha a Beira no Norte».

Não há dúvida de que, nos mapas apresentados, se nos depara um «norte» e um «sul»; mas a isófona da africada não coincide com a do *b* e *v*, nem com a do ditongo *ui* ou a do *g* inicial. Para a africada, parece evidente que o rio Mondego (ou, melhor ainda, a região do Mondego) constitui uma fronteira, especialmente se examinarmos os mapas de *tchuva* e *catcho*. A importância da região entre o Mondego e o Zêzere, como fronteira linguística, ressalta igualmente, parece-me, do mapa da redução do ditongo *ei*.

Uma segunda conclusão que julgo depreender-se dos quatro mapas que elaborei é a de que o Douro é um rio que une as duas regiões do norte com a do centro, em vez de as separar. Creio poder aplicar ao português a observação que fez Gauchat para os falares da Suíça romanda: «Les obstacles naturels ne jouent pas, dans la différenciation linguistique, le rôle qu'on leur attribue communément»⁽³⁹⁾. Seria, portanto, esquematizar demasiado os factos supor que o falar interamnenense termina no Douro. Leite de Vasconcelos, ao publicar, em 1897, o seu *Mapa dialectológico do Continente português*⁽⁴⁰⁾ tinha, com certeza, consciência do que havia de prematuro e provisório

(39) *Bulletin du Glossaire des Patois de la Suisse Romande*, ano III, n.º 2 e 3, 1904, p. 21. Observarei, no entanto, que as montanhas são geralmente maiores obstáculos que os rios.

(40) O *Mapa* foi incluído nos *Opúsculos*, vol. IV, pp. 793-796, com bastantes modificações, tanto no texto como no próprio mapa. Este deixou de ser colorido.

nessa divisão. São incontestáveis os méritos didáticos do referido *Mapa* («a primeira carta dialectológica que se publicou em Portugal», como escreveu o autor), e por isso tem sido utilizado por nacionais e estrangeiros; mas creio não cometer uma injustiça notando o que há de artificial e simplista em classificações desse género, as quais me fazem lembrar aquelas palavras de Millardet (*Linguistique et dialectologie romanes*, 1923, p. 470): «Il y a trente ou quarante ans, une des préoccupations de la science était d'établir une classification détaillée et complète des dialectes. Cette entreprise a séduit plus d'un romaniste.» E, referindo-se ao trabalho do coronel Lamouche sobre os dialectos da língua d'oc, onde o A. estabelece numerosas divisões e subdivisões, o mesmo linguista observa, não sem uma ponta de ironia: «Sur le papier, une telle classification fait un effet admirable».

Estou convencido de que, não só a filologia, mas também a etnografia, depois de estudar algumas alfaías agrícolas, mostrarão que o Douro não separa, antes une as duas zonas marginais, prolongando-se a do sul talvez até ao Vouga ⁽⁴¹⁾.

É nesta zona que se situa uma das cidades com mais «personalidade» linguística — o Porto. O bem conhecido bairrismo dos seus habitantes manifesta-se também na linguagem, mantendo (mesmo as pessoas cultas) formas, pronúncias e sotaque tradicionais. Podem os portugueses de outras províncias não gostar da fala e dicção do Porto; mas não há dúvida de que esta cidade (se me não engano) mantém características regionais mais acentuadas que qualquer outra das cidades de certa importância cultural, social e económica, sendo menores as diferenças entre a linguagem do povo e a das classes ilustradas do que em Coimbra ou Lisboa. Ali, ao contrário do que sucede nalgumas pequenas cidades de província, as pessoas não se «envergonham» de algumas particularidades de pronúncia que são

(41) É interessante recordar, a este propósito, um trecho da já citada conferência de TORQUATO SOARES. A semelhança do que já fizera Paulo Merêa, também T. S. insiste na «importância capital [que], no repovoamento e na reorganização dos territórios compreendidos entre o Lima e o Vouga», teve o centro urbano que foi *Portucale*. Deste centro teria irradiado a ocupação do território: «Para o norte, até ao rio Lima, aonde chegavam também os presores de Tui; para o sul, até ao Vouga, que, por sua vez, os presores de Coimbra também atingiram; e para leste, transpondo as cumeadas altaneiras do Marão e atingindo os limites do território Lamecense, que os documentos dizem ficar nos confins de Portugal. E assim se forma a comunidade portuguesa, que já no século seguinte tem o seu centro em Guimarães».

censuradas ou ridicularizadas pelos portugueses de outras terras, como seja a ditongação («sou do Pôarto»), a troca do *v* pela bilabial fricativa *b*, etc. É sem dúvida esse factor psicológico que explica ser a região do Porto — a mesma onde surgiu Portugal ⁽⁴²⁾, — a única, dentre as zonas limítrofes de uma cidade, onde coincidem os quatro fenómenos estudados.

Por último, devo fazer referência ao problema que pus logo no princípio deste artigo: Como surgiu a língua portuguesa? Do dialecto de Lisboa? Do dialecto de Coimbra? Do dialecto do norte? Vários autores se inclinam para esta última hipótese. Said Ali, na *Formação de palavras e syntaxe do português histórico*, 1923, p. 162 (livro incluído na *Gramática histórica da língua portuguesa*, 1931), escreve: «Em Portugal foi entre os dialectos falados no norte do país que se tomou aquele que constituiu a língua portuguesa. Parece ter sido o de Entre Douro e Minho, quer dizer, o interamnense, ou talvez o galécio-português, isto é, o idioma falado nas margens do

⁽⁴²⁾ Digo vagamente «região do Porto» porque a localização de *Portucale* é ainda hoje matéria controversa. Para alguns autores, a «localização mais provável» é na margem direita do Douro, e não na esquerda, onde se levanta hoje a povoação de Vila Nova de Gaia. É a opinião de PAULO MERÊA no seu trabalho *De «Portucale» (civitas) ao Portugal de D. Henrique*, separ. de *Biblos*, vol. XIX, 1943, p. 5. Para outros, como ALBERTO SAMPAIO, importa distinguir o *Portucale castrum*, localizado na margem esquerda do Douro, do *Portucale locum* da margem direita. Outros, como LEITE DE VASCONCELOS, situam na margem direita do Douro tanto o *Portucale castrum* como o *Portucale locum*. Outros, finalmente, como PIERRE DAVID e TORQUATO SOARES, parecem inclinar-se mais para a localização na margem esquerda, atendendo a que era aí que se encontrava o *Portucale castrum antiquum*, paróquia da diocese conimbrigense, em oposição ao *Portucale castrum novum*, «sede episcopal na margem direita do Douro». Veja-se, quanto aos três últimos autores, o artigo de TORQUATO DE SOUSA SOARES na *Revista Portuguesa de História*, vol. II, 1943 [saído em 1947], pp. 553-554.

Um argumento novo para a localização na margem esquerda foi trazido pelo P.^o PIERRE DAVID nos seus *Études historiques sur la Galice et le Portugal du VI^e au XII^e siècle*, 1947, pp. 37, 68, 79 e *passim*. Convém recordar o trecho fundamental: «Se fondant sur la *Divisio Theodemiri*, la même bulle de Pascal II fixe comme limite septentrionale du diocèse de Coimbre le *Portucale castrum antiquum*, sur la rive gauche des bouches du Douro. Ce texte du *Parochiale* est un des plus solides arguments à l'appui de la thèse qui place sur la rive gauche le Cale primitif, le *Portus Cale* des Romains; on a vu que l'exemplaire E qualifie le *Portucale* qui relève de Coimbre de *Castrum antiquum Romanorum*; il attribue aux Suèves la fondation du *Portucale* de la rive droite». (Ver também a nota 45).

Minho». É também a opinião de outro filólogo brasileiro, R. F. Mansur Guérios: «Por mais homogêneo que pudesse ter sido o latim difundido no lado ocidental da Península, veio ele a diversificar-se, forçado pelas circunstâncias étnico-políticas e pelo meio geofísico, em dois principais dialectos — o romance do sul e o do norte ou galaico-português. Este foi o que se sobrepôs àquele, tornando-se língua nacional, oficial. É a forma dialectal latina que se conhece e de que se possuem muitos documentos antigos.»⁽⁴³⁾

Já vimos atrás (p. 23) a observação de Leite de Vasconcelos: de que no português há traços, como o ditongo ão, que não pertencem ao falar interamnense. E tive ocasião de apresentar algumas objecções à hipótese de ser a língua portuguesa a evolução do dialecto de Lisboa. Excluindo a primeira e a terceira hipótese, não significa que me incline para a segunda, embora reconheça que, não só para a história do condado português, como para a história da língua, a região entre o Douro e o Mondego deve ter desempenhado um papel importante. Não deixa de ser bastante significativo que, desde épocas remotas, se haja oposto à *Galecia* a região de *Colimbria*. «Num documento dos meados do século X — escreve Leite de Vasconcelos (*Etnogr. port.* II) — estabelece-se distinção entre *territorium Colimbrie* e *Galecia*» (p. 218). E noutro passo: «O nome de Portugal, naqueles tempos [sécs. X e XI], chegava já com afoiteza ao Mondego, contraposto, de mais a mais, à Galiza».

No estado actual dos nossos conhecimentos, e desprovidos, como estamos, dos atlas linguísticos de Portugal e de Espanha, não é possível resolver o problema aqui posto. Mas, se me é lícito formular uma hipótese, direi que não julgo o caso da língua portuguesa idêntico aos do francês e italiano (elevação de um dialecto a língua nacional).

Com maioria de razão do que o fez Menéndez Pidal para o espanhol, ao mostrar a impropriedade da expressão «língua castelhana»⁽⁴⁴⁾, talvez se venha a provar que, na constituição primitiva do nosso idioma, entraram elementos de várias províncias. Só através de estudos futuros se verificará também se foi mera hipótese ou intuição perspicaz a de Leite de Vasconcelos, ao sugerir, há mais de cinquenta anos, que a língua se deve ter formado, não no norte, como

(43) *O romance moçárábico. Vestígios fonéticos do latim meridional*. Na revista *Língua e Linguagem* (Rio de Janeiro), ano I, n.º 1, Janeiro-Fevereiro de 1947, pp. 90-98.

(44) Cf. *La lengua de Cristóbal Colón*, 1942, pp. 126-127.

se tem suposto e afirmado, mas no centro e no sul. (Por «sul» deve entender-se aqui, não as províncias da Estremadura, Alentejo e Algarve, como estaria porventura no pensamento do sábio Mestre, mas somente da Estremadura. Ver também acima, p. 2, nota 3.) ⁽⁴⁵⁾).

Entretanto, os factos apresentados neste artigo, não obstante o seu limitado número, contribuirão para evidenciar, mais uma vez, as íntimas relações entre linguística e história, e para pôr em relevo o auxílio valioso que a dialectologia pode prestar à história da língua. Que me seja lícito concluir fazendo meu o voto expresso há quarenta e seis anos por L. Gauchat: «Les résultats ainsi acquis sont d'un intérêt particulier pour les recherches historiques. Le dialectologue et l'historien devraient unir leurs efforts pour expliquer les principaux de nos faisceaux de lignes. Ils sont instructifs pour la plus ancienne histoire du pays romand [substitua-se «romand» por «portugais»]. Dans une étude générale sur les limites dialectales, leur caractère et leur origine, nous avons insisté sur cette nécessité

(45) Atribui também papel importante ao sul, na formação da língua literária portuguesa, HARRI MEIER na *Zeitschrift für romanische Philologie*, vol. 57, fasc. 5, p. 632 (crítica ao *Altportugiesisches Elementarbuch* de Huber). E pelo que respeita à possível influência da língua dos moçárabes, escreve o mesmo autor no artigo *A evolução do português dentro do quadro das línguas ibero-românicas*, separ. de *Biblos*, vol. XVIII, 1943, p. 20: «Os moçárabes, isto é, os cristãos que tinham vivido sob o domínio árabe e agora foram de novo libertos, não conservaram somente a sua língua românica até à sua reintegração nos Estados cristãos, mas contribuíram activamente para a transformação dos idiomas vindos do norte e para a formação das línguas literárias e dialectos hodiernos de Espanha e Portugal. Constituíram para os idiomas setentrionais dos reconquistadores um substrato resistente, e seria unilateral, segundo a nossa opinião, explicar as três (ou melhor, cinco) áreas linguísticas que em direcção norte-sul ocupam a Península, unicamente como áreas de irradiação dos dialectos que antes da Reconquista estavam limitados ao norte da Península» (...) «Os moçárabes não receberam sem resistência o idioma setentrional; modificaram-no, adaptaram-no aos seus hábitos articulatórios».

O meu prezado Amigo, Sr. P.^o Dr. PIERRE DAVID, a propósito da parte histórica deste artigo, teve a amabilidade de me enviar (em carta de 8 de Maio de 1950), os seguintes valiosos comentários, que tomo a liberdade de transcrever, devidamente autorizado pelo Autor:

«Sur le problème fondamental des origines de la langue — du point de vue historique, — je ne suis pas porté à croire à une propagation fatale du nord au sud, et j'attribue une grande importance à la survivance de populations chrétiennes entre la région du Douro et celle du Mondego. Dès le IX^e siècle, sans doute, et certainement au XI^e, entre les razzias d'Al Mançur et la prise de Coïmbre par Ferdinand le Grand, une large zone, de part et d'autre du Mondego, mais surtout au nord de ce fleuve, sans appartenir au royaume de Cordoue

d'une collaboration de la part des philologues et des historiens, pour arriver à mieux connaître la période de formation de notre peuple (Voy. *Archiv für das Studium der neueren Sprachen*, 1904, CXI, p. 365 ss.)» ⁽⁴⁶⁾.

*

Lista de algumas povoações inscritas no mapa do Inquérito

Para facilitar ao leitor a identificação das povoações citadas no decorrer deste artigo, dou a seguir a respectiva lista.

Devo informar, como já o fiz no texto (p. 17) que, por dificuldades de ordem técnica, nem sempre foi possível inscrever no mapa as povoações donde recebi respostas, mas sim localidades vizinhas, ou então a sede da freguesia ou do concelho. Por vezes, o mesmo número refere-se a várias povoações, como é o caso de Melgaço.

2 — Lugares do concelho de Melgaço e respectivos números (à frente do lugar vai indicada a freguesia ou concelho):

P. 5 — Adedela, Fiães.

P. 2 — Assadura, Melgaço.

ni à celui de Léon, était habitée par des populations en prédominance chrétiennes, mêlées de mozarabes islamisées et de musulmans, mais où ne manquaient ni monastères (Lorvão, Vacariça) ni seigneurs terriens chrétiens.

» Je tiens à préciser exactement ma position au sujet de Porto. L'habitat et le port primitif, préromains et hispano-romains, se trouvaient certainement sur la rive sud. Mais, pour ce qui vous intéresse, la ville de Porto est celle de la rive nord. Elle devient siège d'un évêché après 572 et avant 589, tandis que le *castrum* du sud est seulement un centre paroissial, relevant du diocèse de Coïmbre. C'est la ville du nord qui devient le centre de la réorganisation effectuée dès les premières années d'Alphonse III des Asturies (à partir de 868). Ce centre étendit son influence politique et religieuse au sud du Douro, particulièrement le territoire dit «terre de Sainte Marie» (région de Feira) et par conséquent sur le Porto primitif de la rive sud. Ce territoire de Feira (entre le Douro et le *rio Antuã*) fut rattaché depuis 1064 au comté de Coïmbre gouverné par Sisenand et certainement par la même occasion au diocèse de Coïmbre; il fut expressément rattaché à Coïmbre par Pascal II le 24 mars 1101; cette bulle ne faisait que constater et confirmer l'état existant depuis 1064. Mais l'évêque Hugues de Porto, appuyé par celui de Compostelle, Diego Gelmires, obtient du même pape, le 15 août 1115, que ce territoire au sud du fleuve lui fût rendu.

» Bref, c'est le Porto de la rive droite qui a joué depuis la fin du XI^e siècle le rôle historique de capitale de la *terra Portugalsensis*, laquelle débordait largement au sud du fleuve».

⁽⁴⁶⁾ *Les limites dialectales dans la Suisse Romande*. In: *Bulletin du Glossaire des Patois de la Suisse Romande*, ano III, n.^{os} 2 e 3, 1904, p. 21.

- P. 3 — Bairro Grande, Penso.
- P. 4 — Baratas, S. Paio.
- P. 9 — Cainheiras, Castro Laboreiro.
- P. 3 — Canhotos, Penso.
- P. 2 — Carvão, Cristóval.
- P. 2 — Cavaleiros, Roussas.
- P. 6 — Cela, Causso.
- P. 7 — Cima, Cubalhão.
- P. 2 — Gondufe, Chaviães.
- P. 2 — Maninho, Alvaredo.
- P. 2 — Melgaço (vila), Melgaço.
- P. 2 — Outeiro, Paços.
- P. 2 — Outeiro, Paços.
- P. 2 — Prado, Prado.
- P. 9 — Rodeiro, Castro Laboreiro.
- P. 1 — S. Gregório, Cristóval.
- P. 8 — Tablado, Parada do Monte.
- P. 2 — Telheiro, Santa Marinha de Roussas.
- 246 — Cortiços, Macedo de Cavaleiros (Bragança).
- 259 — Peredo, Macedo de Cavaleiros (Bragança).
- 281 — Lamoso (Bemposta), Mogadouro (Bragança).
- 330 — Póvoa de Varzim (Porto).
 - Poça da Barca.
- 347 — Penamajor, Paços de Ferreira (Porto).
- 389 — Sebolido, Penafiel (Porto).
- 436 a — Arouca.
 - Chave.
 - Monte do Pêgo.
- 439 — Ovar (Aveiro).
 - São Donato.
 - Sobral.
 - Torrão do Lameiro.
- 457 — Pessegueiro do Vouga, Sever do Vouga (Aveiro).
- 462 — Torreira, Murtosa (Aveiro).
- 488 a — Águeda (Aveiro).
- 501 — Sargento-Mór (Barcouço), Mealhada (Aveiro).
- 623 — Silgueiros, Viseu (Viseu).
 - Loureiros de Silgueiros.
 - Passos.
 - Pindelo.
- 637 — Mangualde (Viseu).
 - Abadia.
 - Cães de Baixo.
 - Casais.
 - Vila Cova e Torre.

- 713 — Castelo Bom, Almeida (Guarda).
725 — Celorico da Beira (Guarda).
 — Casas de Soeiro.
757 — Alfaiates, Sabugal (Guarda).
767 — Forcalhos, Sabugal (Guarda).
768 — Lajeosa, Sabugal (Guarda).
769 — Sabugal (Guarda).
 — Torre.
782 — Cantanhede (Coimbra).
 — Cordinhã.
 — Pena.
 — Sepins.
787 — Lavos, Figueira da Foz.
 — Cova.
799 — Almalaguês (Coimbra).
837 a — Góis (Coimbra).
840 — Cabril, Pampilhosa da Serra (Coimbra).
858 — Barosa, Leiria (Leiria).
863 — Famalicão, Nazaré (Leiria).
 — Quinta Nova.
890 a — Unhais da Serra, Covilhã (Castelo Branco).
943 — Zebreira, Idanha-a-Nova (Castelo Branco).
973 — Fratel, Vila Velha de Ródão (Castelo Branco).
979 — Sobreiro Curvo (A dos Cunhados), Torres Vedras (Lisboa).
980 — A dos Cunhados, Torres Vedras (Lisboa).
981 — Ramalhal, Torres Vedras (Lisboa).
982 — Ponte do Rol, Torres Vedras (Lisboa).
983 — Coutada (S. Pedro da Cadeira), Torres Vedras (Lisboa).
984 — S. Pedro da Cadeira, Torres Vedras (Lisboa).
985 — Fernandinho, Torres Vedras (Lisboa).
100 — Maçussa (Manique do Intendente), Azambuja (Lisboa).
1005 — Mafra (Lisboa).
 — Aversada.
 — Casas das Vilãs.
1009 — Caneças, Loures (Lisboa).
1013 — Freixianda, Vila Nova de Ourém (Santarém).
 — Cumiada.
 — Salgueira.
1023 — Abrantes (Santarém).
1052 — Almeirim (Santarém).
1064 — Montalvão, Nisa (Portalegre).

- 1113 — Coima (Palhais), Barreiro (Setúbal).
- 1119 — Quinta do Anjo, Palmela (Setúbal).
- 1141 — Glória, Estremoz (Évora).
- 1177 — Alfundão, Ferreira do Alentejo (Beja).
- 1237 — Alcoutim (Faro).

Coimbra.

MANUEL DE PAIVA BOLÉO

MAPA N° 1

A africada č em čuva (e var)

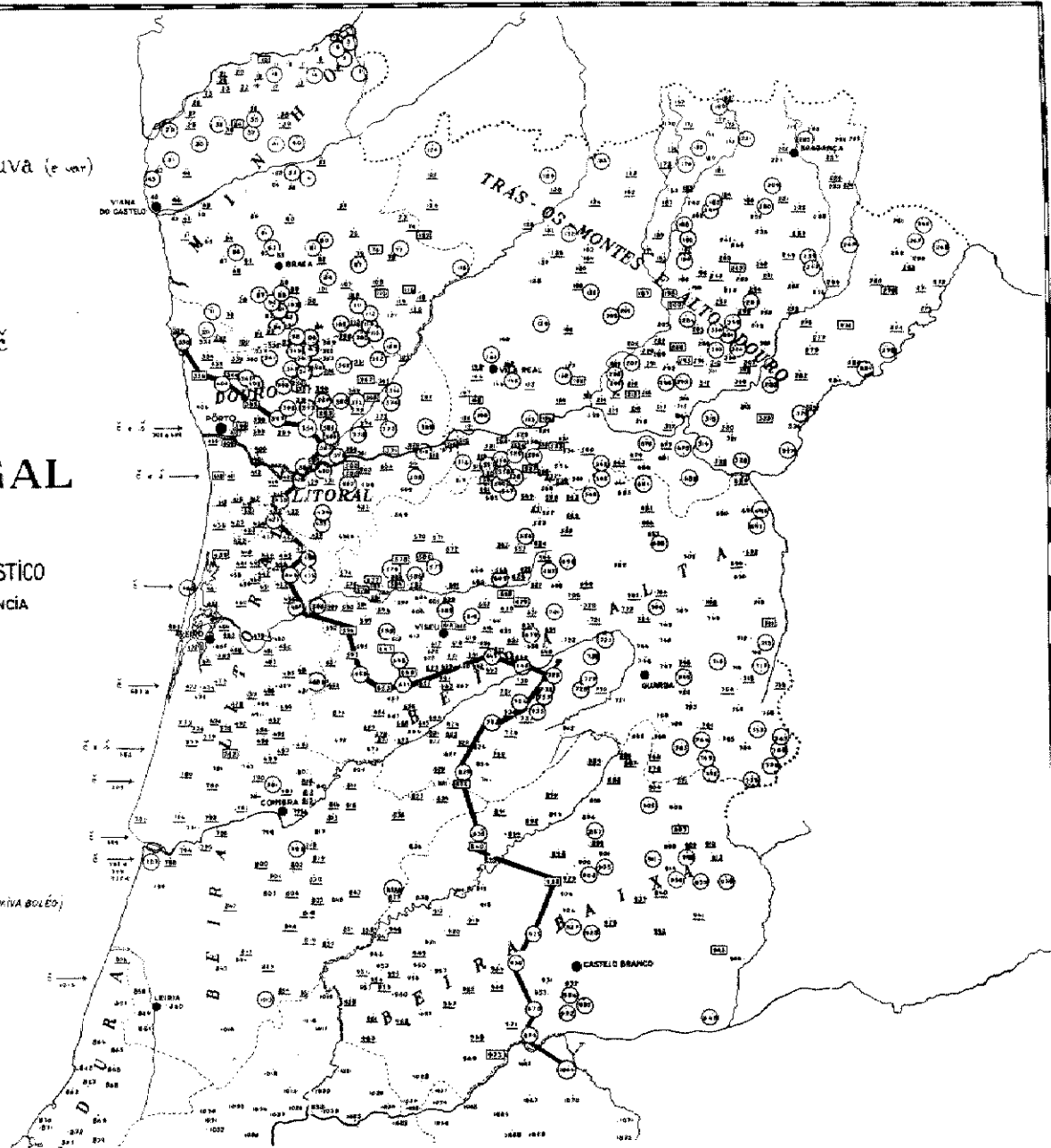
PORTUGAL

INQUÉRITO LINGÜÍSTICO
POR CORRESPONDÊNCIA
organizado por
M. PAIVA BOLÉO
(1942)

LEGENDA

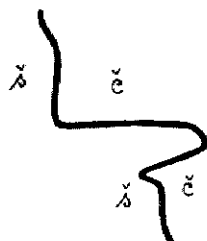
-  — čuva (e var.)
 — čuva o šuva
N^a sčuvando — šuva

(Mapa lingüístico elaborado por M. PRIVA BOLÉO)



MAPA Nº 2

A africada é em çavø (e var.)



PORTUGAL

INQUÉRITO LINGÜÍSTICO
POR CORRESPONDÊNCIA
organizado por
M. PAIVA BOLÉO
(1942)

LEGENDA

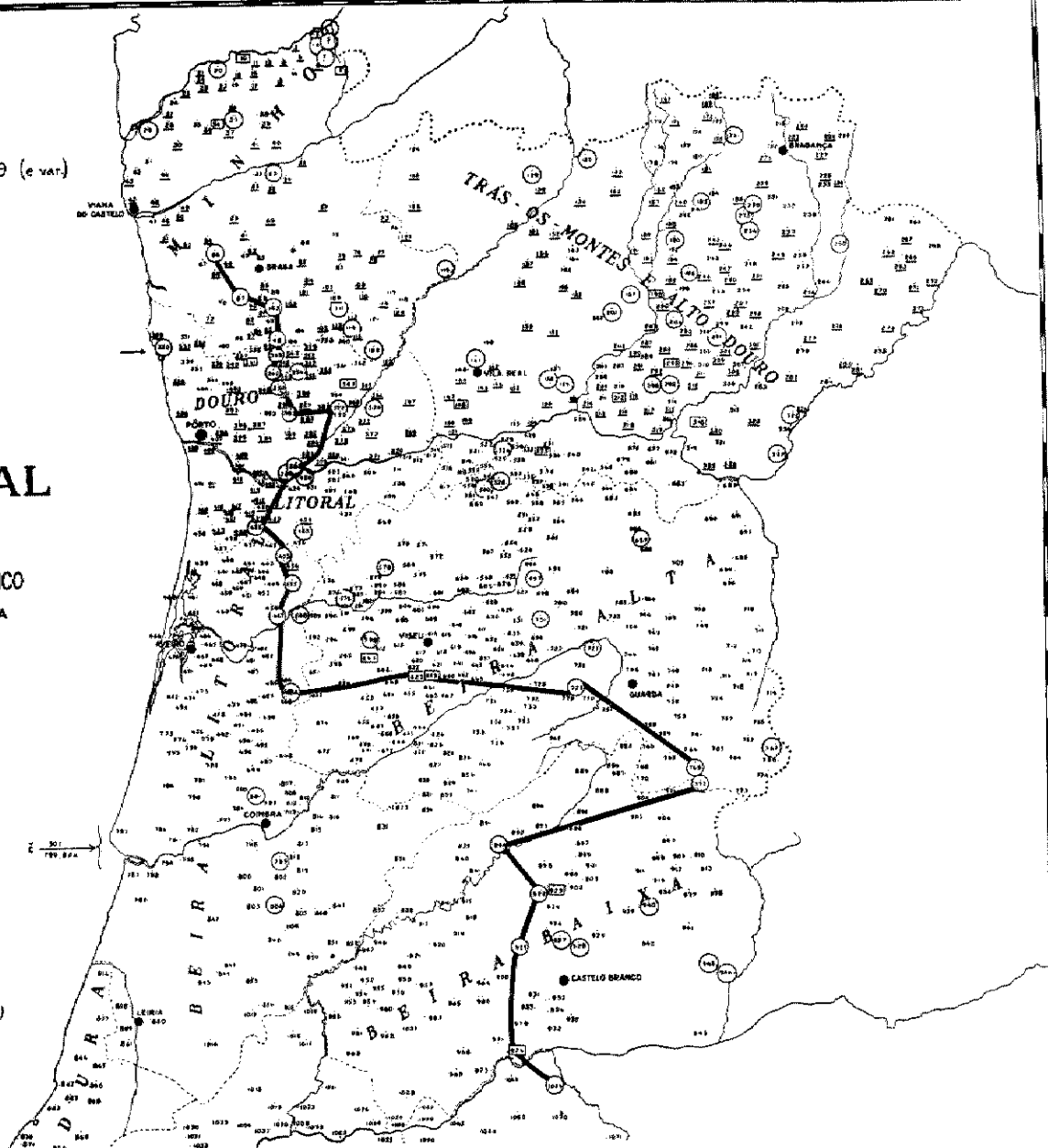
○ — çavø (e var.)

□ — çavø e çava

Nº sublinhado — çava

Nos distritos de Aveiro, Viseu, Guarda,
Coimbra, Castelo Branco, Leiria e Tomar
talvez não foram marcados os pontos
onde se diz çavø.

(Mapa lingüístico elaborado por M. PAIVA BOLÉO)



MAPA N.º 3

A africada č em Kačus ou gačus



PORTUGAL

INQUÉRITO LINGÜÍSTICO
POR CORRESPONDÊNCIA
organizado por
M. PAIVA BOLEÓ
(1942)

LEGENDA

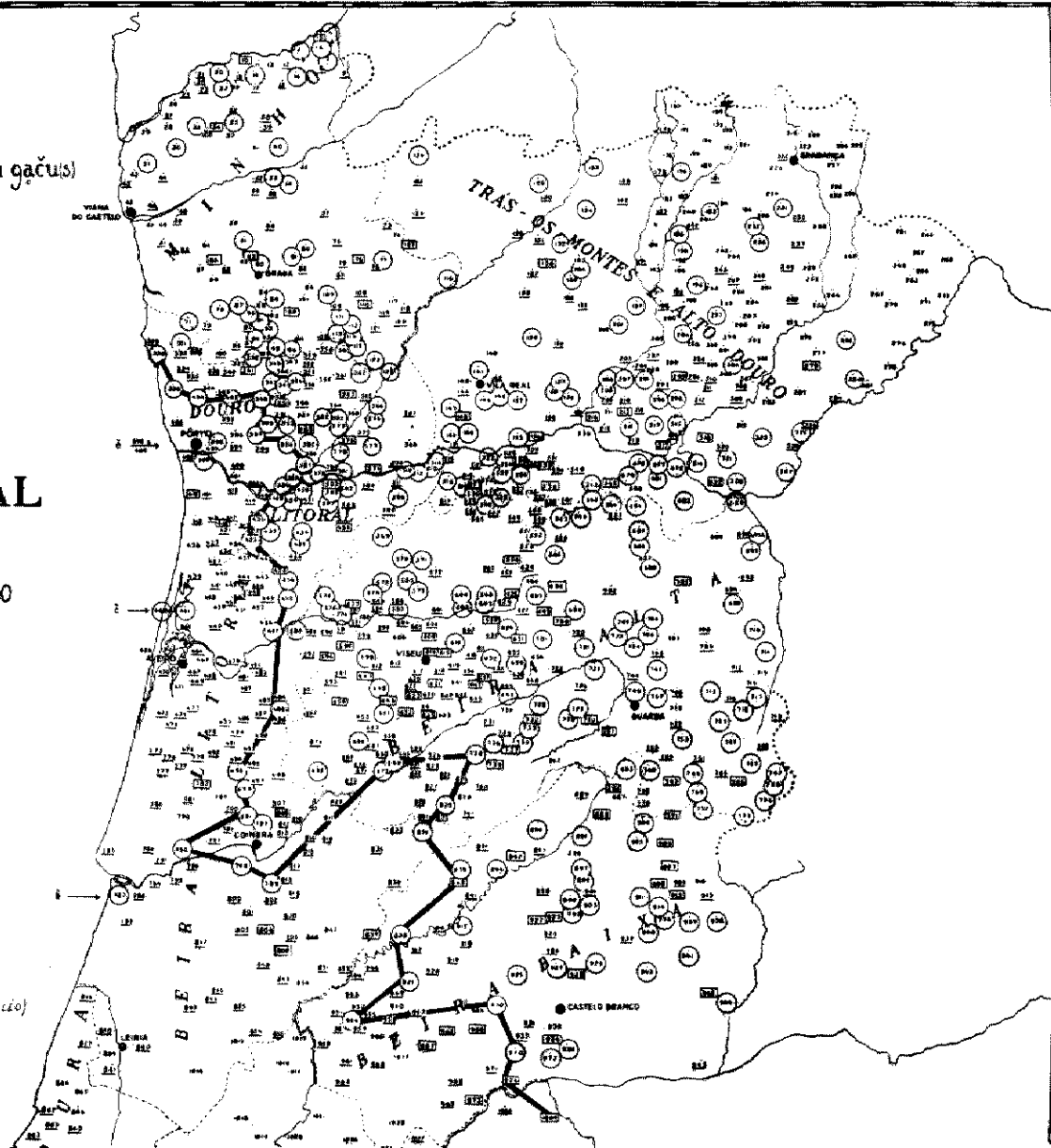
○ — Kačú ou gačú

□ — Kačú e Kašu

N.º sublinhado — Kačú ou gačú

Nos distritos de Braga e Porto há várias
populações apresentadas no mapa, onde
aparece č

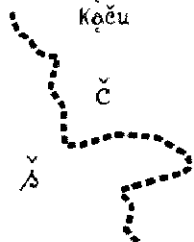
(Mapa Lingüístico elaborado por M. PAIVA BOLEÓ)



MAPA Nº4

Mapa sintético da africada ċ em:

čuva
čave
Kaču



PORTUGAL

INQUÉRITO LINGÜÍSTICO

POR CORRESPONDÊNCIA

organizado por

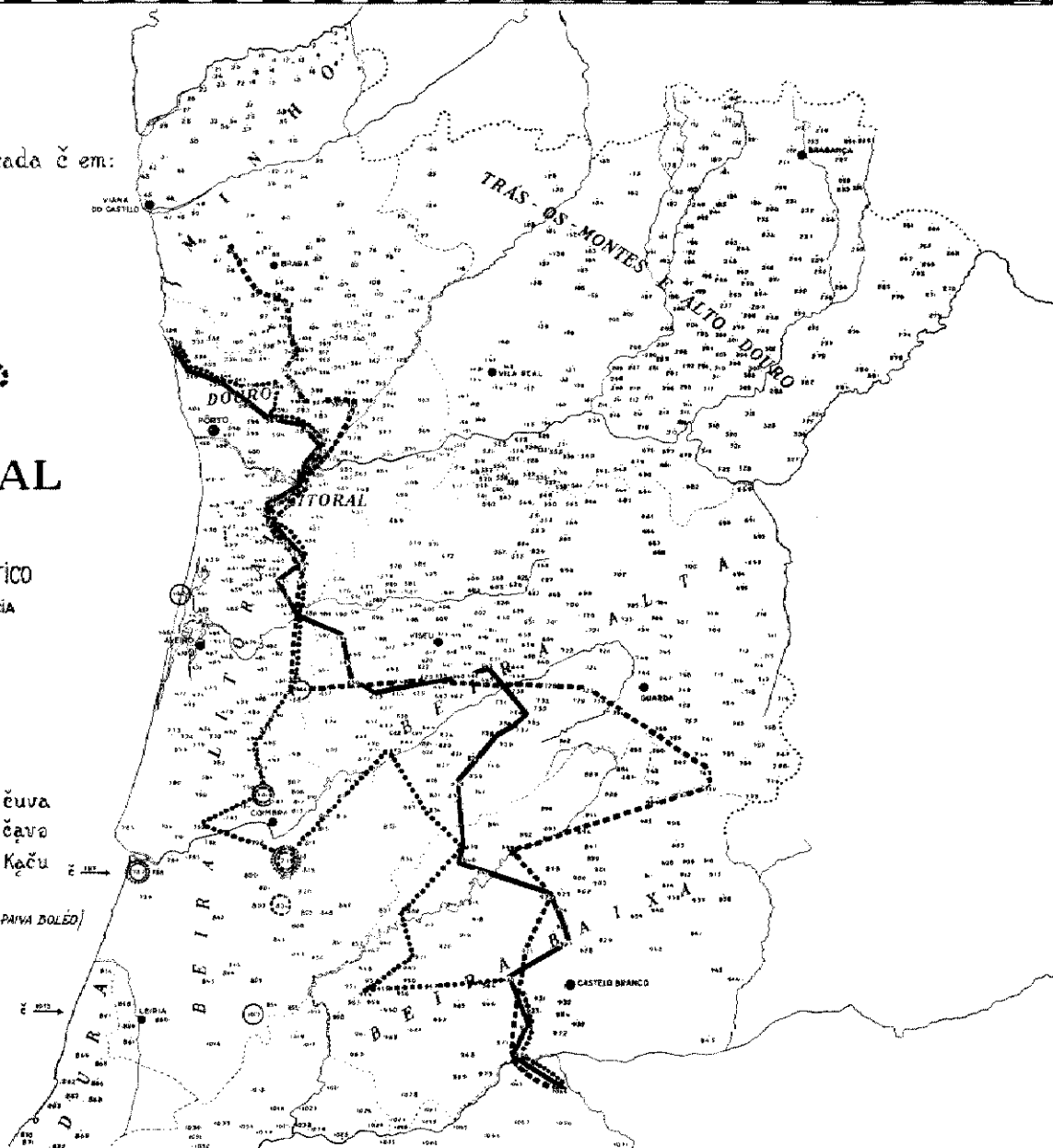
M. PAIVA BOLEÓ

(1942)

LEGENDA

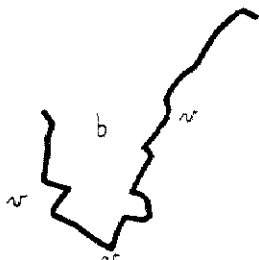
- Isófona do ċ em čuva
- « « « « čave
- « « « « Kaču

(Mapa lingüístico elaborado por M. PAIVA BOLEÓ)



MAPA Nº 5

A bilabial b ou ß em šuba (e var.)



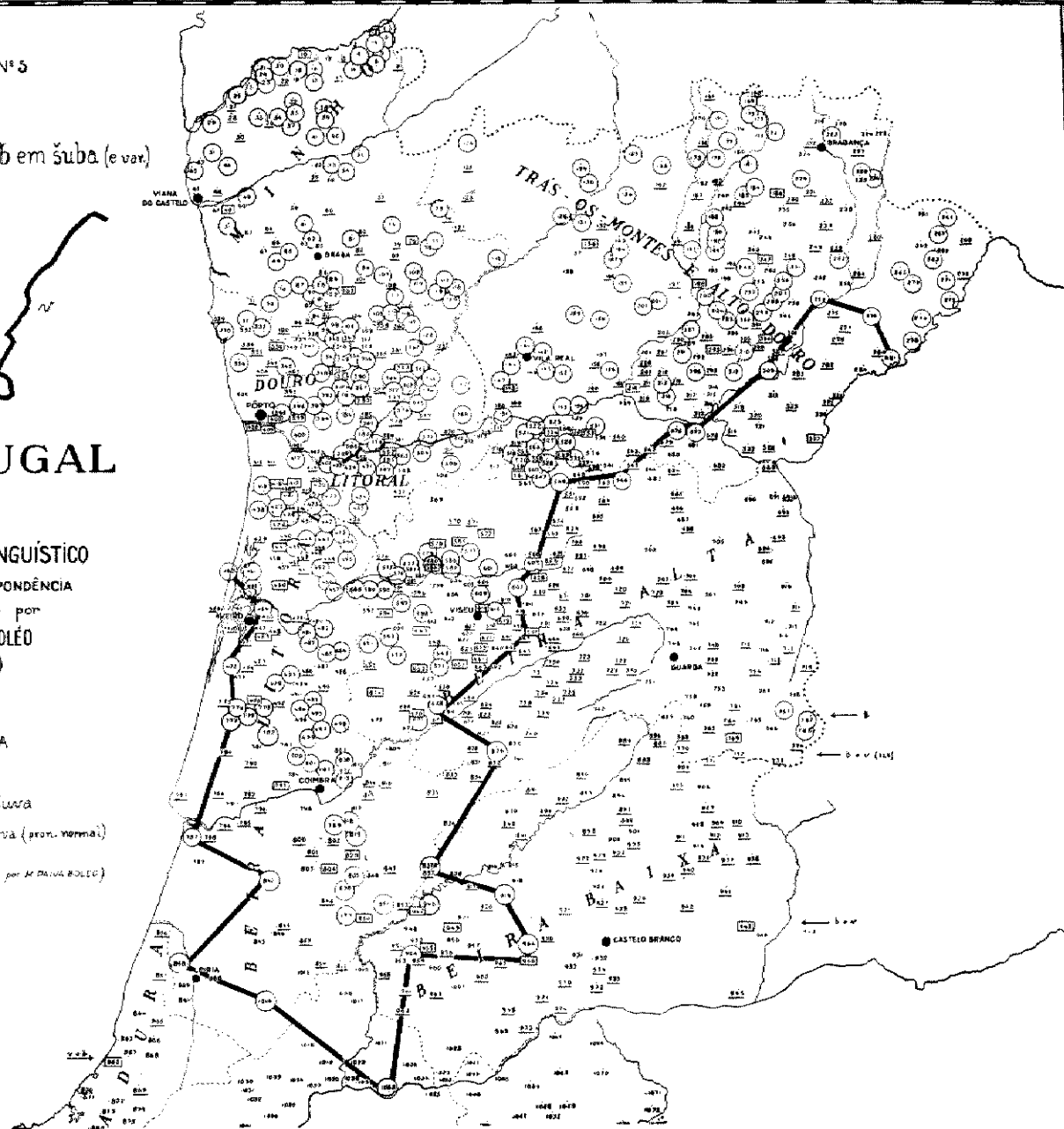
PORTUGAL

INQUÉRITO LINGÜÍSTICO
POR CORRESPONDÊNCIA
organizado por
M. PAIVA BOLÉO
(1942)

LEGENDA

- šuba
- šuba e šura
- Nº sublinhado šuba (pron. normal)

(Mapa lingüístico elaborado por M. PAIVA BOLÉO)



MADA N°6

O ditongo *ui* em *šui*va (e var)



PORTUGAL

INQUÉRITO LINGÜÍSTICO

POR CORRESPONDÊNCIA

organizado por

M. PAIVA BOLEÃO

(1942)

LEGENDA

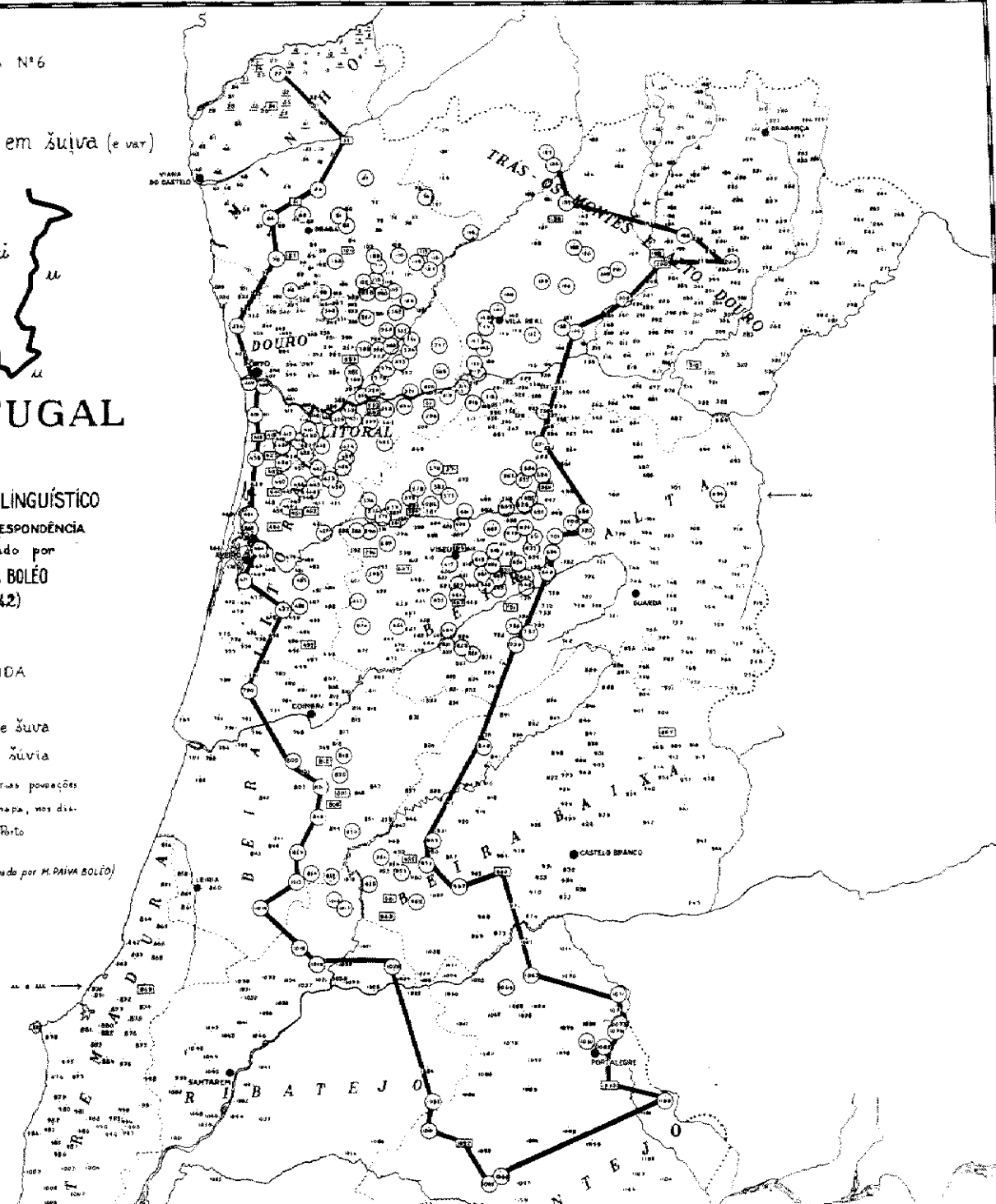
- *šui*va
- *šui*va e *šuva*
- N° sublinhado *šui*va

Diz-se *šui*va em várias povoações

acrescentadas ao mapa, nos dis-

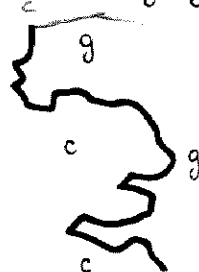
tritos de Braga e Porto

(Mapa lingüístico elaborado por M. PAIVA BOLEÃO)



MAPA Nº 7

A velar sonora inicial g em gaçu (e var.)



PORTUGAL

INQUÉRITO LINGÜÍSTICO

POR CORRESPONDÊNCIA

organizado por

M. PAIVA BOLÉO

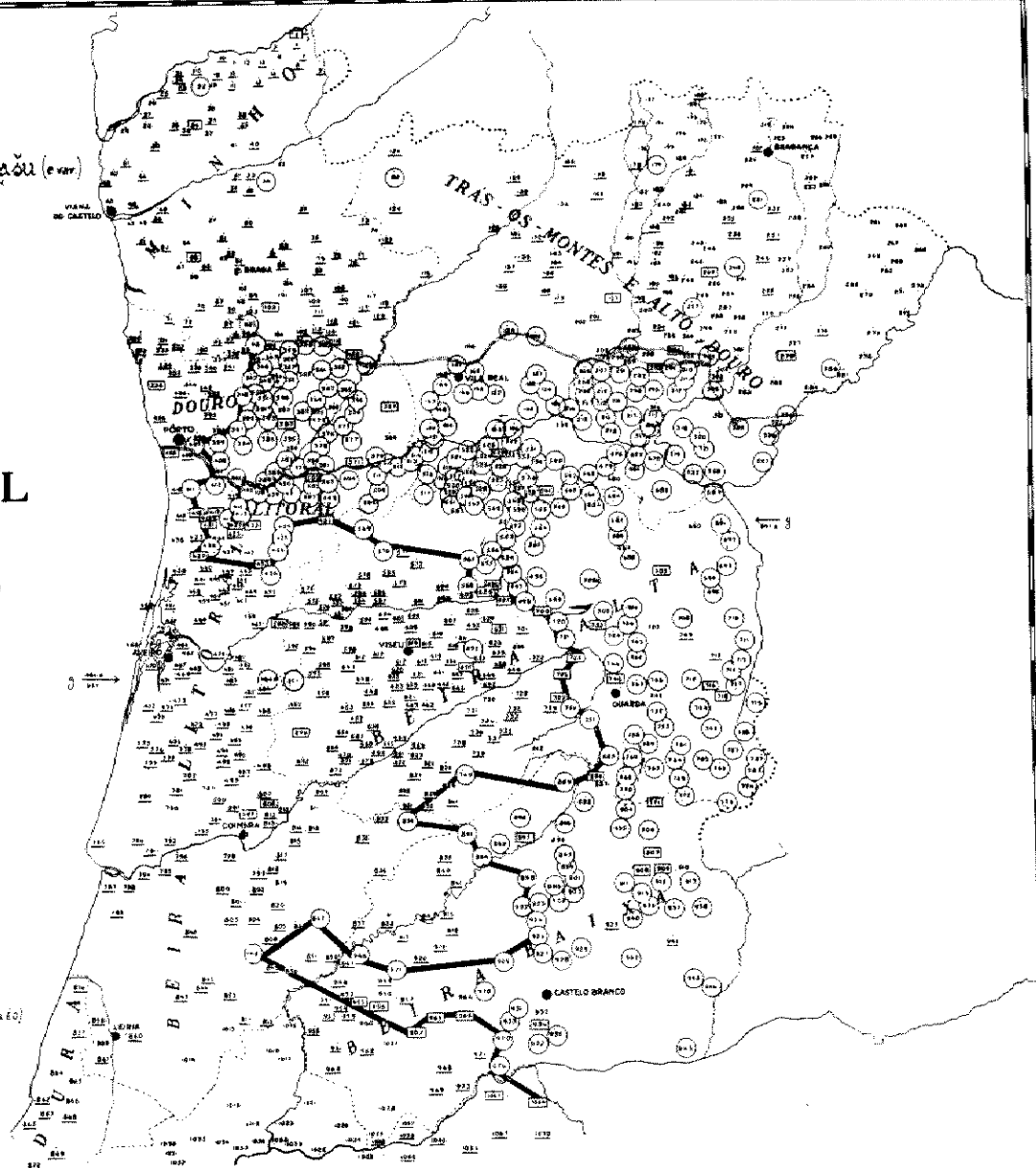
(1942)

LEGENDA

- — gaçu
- — gaçu e kaçu
- N.º sublinhado — kaçu

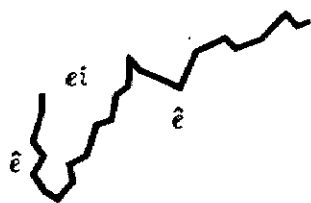
Nos distritos de Braga e Porto há mais pontos, não marcados no mapa onde se diz gaçu.

(Mapa lingüístico elaborado por M. PAIVA BOLÉO)



MAPA N°8

Redução do ditongo ei > ê



PORTUGAL

INQUÉRITO LINGÜÍSTICO

POR CORRESPONDÊNCIA

organizado por

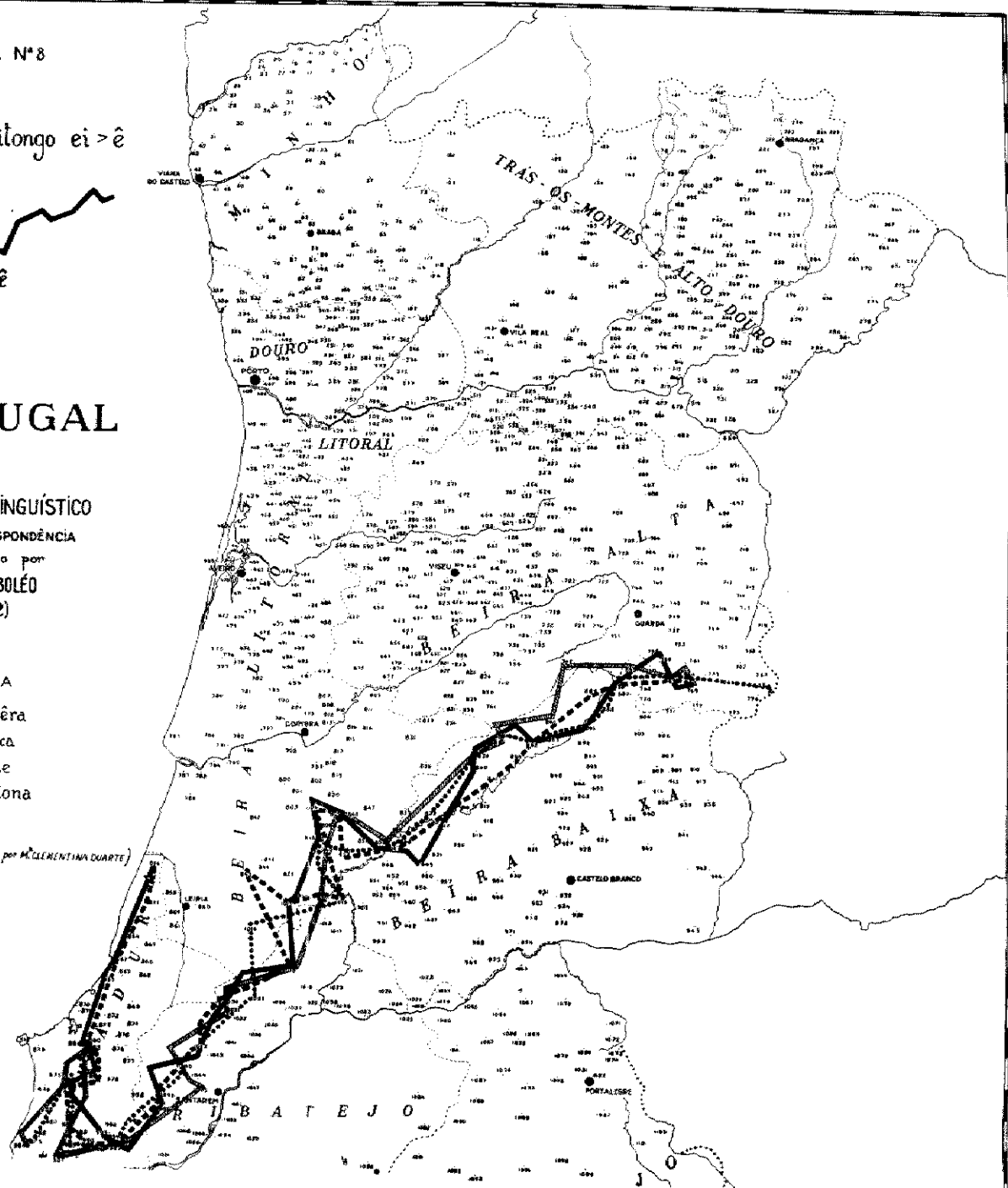
M. PAIVA BOLEÃO

(1942)

LEGENDA

- Figueira
- - - - - Amêxa
- Azête
- Azêtona

(Mapa lingüístico elaborado por M. CLEMENTINA DUARTE)



Accusatif + infinitif et nominalif + infinitif

Tout le monde connaît les deux phrases latines

1. *jubeo eum venire*

2. *dico eum venire* (*venisse, venturum esse*).

Est-ce qu'elles sont différentes? Madvig les sépare, il traite de *jubeo* § 390 et de acc. + inf. § 394 ss., et nous avons appris à l'école à distinguer entre régime + inf. (cas de *jubeo*) et acc. + inf. (*dico* etc.). De nos jours M. Blatt a dit dans sa «Latinsk Syntaks» § 318 qu'il n'y a pas de différence fondamentale entre les deux constructions. Historiquement l'une est sortie de l'autre et nous n'avons pas la possibilité de vérifier si quelque trait de prononciation a pu démontrer qu'on a «senti» le *eum* plus étroitement lié à *jubeo* qu'à *dico*. Dans les deux cas il y a évidemment un accusatif suivi d'un infinitif et si on met les deux tours au passif on a également

1. *Caesar jubetur venire*

et

2. *Caesar dicitur venire.*

Il semble donc qu'il y ait parallélisme complet. Et pourtant il est possible de trouver en latin des constructions comme *dicitur eum venisse* tandis qu'on a peine à concevoir un **jubetur eum venire*. Nous n'avons peut-être pas tout à fait tort en croyant que les rapports entre *jubeo* et l'accusatif sont un peu plus étroits qu'entre *dico* et cette même forme; on peut noter aussi cette différence que *dico* peut être suivi de tous les temps de l'infinitif, tandis qu'après *jubeo* le présent seul est possible. Il est bien vrai que ce fait tient au sens des deux verbes et que s'il y a une distinction à faire on devrait séparer, avec Madvig, *erus me jussit Pamphilum observare* et *jubeo pontem fieri*. Admettons que c'est la même chose, mais ajoutons que puisque des latinistes éminents ont cru autrefois devoir faire une distinction ils ont eu leurs raisons pour cela.

Les types que nous allons traiter en passant aux langues moder-

nes peuvent donner lieu à de semblables hésitations. En français nous avons

1. *je le fais venir* (comp. *laisser, voir, entendre*)

2. *elle jugeait cette récréation lui devoir être profitable.*

Est-ce la même construction dans les deux cas? Oui, d'après tous les critères extérieurs. Sandfeld les qualifie tous deux de de acc. + inf. (§ 116 ss.); que 2. aussi présente un accusatif se voit par la phrase *l'homme que je dis ressembler à un chat*. Pour une langue moderne comme le français il n'est pas impossible d'élucider s'il y a de légères différences de prononciation entre les deux types, nous croyons seulement qu'il faudrait des appareils très fins pour arriver à des résultats sûrs. Mais on peut faire les constatations suivantes:

a 1. ne peut présenter que l'infinitif simple.

2. peut se trouver avec tous les temps de l'infinitif.

b 1. est fréquent.

2. est relativement rare.

c à côté des constructions du type 2.: *dire, juger* etc. + acc. + inf. on trouve ces mêmes verbes combinés avec l'infinitif seul *elle dit vouloir dormir*; c'est de cette façon qu'on rend des tours latins comme *dicat se venire, dico me venire*.

Pour le portugais on pourrait commencer par présenter les faits de la même façon qu'en français (¹):

(¹) Bibliographie:

Amado, *Paiz (do Carnaval)*, Schmidt, Rio de Janeiro.

Anet, *Quand la terre trembla*, Livre de demain.

(Pio) Baroja, *Bagatelas de otoño*, Madrid 1949.

Blatt, *Latinsk Syntaks*, Kobenhavn 1946.

Brandão, *Ilhas (desconhecidas)*, Bertrand, Lisboa.

Id., *Pescadores*, ib.

Botto, *Isto (sucedeu assim)* dans: *5 novelistas portugueses*, Argo, Lisboa 1940.

(Estefânia) Cabreira, *Quando o sol (desfaz a bruma)*, Domingos Barreira, Porto.

Camilo (Castello Branco), *Estrelas (propícias)*, 2.^a ed., Companhia Editora de Publicações Ilustradas, Lisboa.

Id., *Amor (de perdição)*, 10. ed., Empresa Literária e Typographica, Porto.

(Ferreira de) Castro, *Eternidade*, 5. ed., Guimarães, Lisboa.

(Jacinto do Prado) Coelho, *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana*, Coimbra 1946.

Colaço, (*Um*) *Beijo (nas núvens)*, voir Botto.

1. *fazia toda a gente voltar-se* (Régio, *Gota* 129)

2. *cremos ter sido necessária a estada de Miranda na Itália* (*Revista* III 125) *a filha, que o sargento me dissera compreender e falar o francês* (*Contos* 401).

Mais la ressemblance entre les deux langues n'est peut-être qu'apparente. Dans le type 1. en portugais il s'agit bien d'un accusatif (qu'il puisse dans certains cas être substitué par un datif ne nous intéresse pas ici, et dans les exemples suivants nous regardons les formes comme équivalentes). *Fizeram-to sentir?* (Cortez, *Lô do* 32) *num tom de ênfase teatral que a fez dar uma pequena gargalhada alegre* (*Mundo Literário* 31/8/46 p. 9.). Quant au type 2. (deuxième exemple) que représente le *que*? La forme ne nous dit rien, comp. des phrases comme *o trabalho que compôs e se chama...* (*Revista* IV 284) *aquele filho que tanto desprezara e agora a parecia chamar* (Navarro, *Última* 284) *da magnólia que o meu pai trouxera da Madeira e logo se aclimatara* (Luzia 58). Il est bien vrai que *dizer, julgar* etc., tout comme les verbes correspondants français, se construisent souvent avec un infinitif seul *Cremos ter demonstrado que* (*Revista* XIV 252), mais quand l'infinitif a un sujet à lui et que celui-ci est capable de distinguer les cas, c'est le nominatif qu'on trouve *suponho ter ele outros rendimentos* (Cabreira, *Quando o sol* 151) (à noter aussi que dans les personnes où l'infinitif a des formes distinctes c'est celles-ci

Contos: Os Melhores Contos Portugueses, Antologias Universais, Portugalia Editora.

Cordeiro, *Corações (Inquietos)*, Monteiro, Lisboa 1893.

Corrêa Leite, *Raça*, Aviz, Lisboa 1944.

Cortez, (O) *Lodo*, Lisboa 1923.

(Augusto da) Costa, *Solar (Desabitado)*, Pereira, Lisboa 1943.

(Júlio) Dantas, (*Frei António das*) *Chagas*, Lello & Irmão, Porto 1947.

Duarte, (*Foram estes os*) *Vencidos*, Inquérito, Lisboa.

Eça (de Queiroz), *Os Maias* I-II, 6. ed., Porto 1923.

Id., (*Correspondência de*) *Fradique (Mendes)*, Lello, Porto 1932.

Id., *Crime (do padre Amaro)*, ib., 1933.

Epifânio (da Silva Dias), *Syntaxe histórica portuguesa*, 2. ed., Teixeira, Lisboa 1933.

Felix, *Nunca (o direi)*, voir Botto.

(Carlos) Góes, *Syntaxe de Concordância*, Rio de Janeiro 1935.

Júlia (Lopes) de Almeida, *Memórias de Marta*, Livraria Francesa e Estrangeira, Truchy-Leroy, Paris.

qu'on emploie). Il serait donc logique de parler de nom. + inf., aussi quand il s'agit de phrases avec substantifs *fazem supor ter sido a Serra coberta de arvoredo* (*Revista* IV 96) et de pronoms relatifs.

Il est temps maintenant de passer à l'étude des cas spéciaux.

I

occ. + inf.

fazer Desaparecera a vida que as fazia vibrar (Castro, *Eternidade* 29) *Um tropel lá-lo erguer a cabeça* (Redol, *Gaibéus* 78) *fizeram-lhe volver os olhos* (16). Dans des exemples

Leone, *Para além (do Tejo)*, Empresa Contemporânea de Edições, Lisboa.

Luzia, *Dias que já lá vão...*, Livraria Tavares Martins, Porto.

Madvig, *Latinsk Ordfoiningslære*, 4. ed., Kobenhavn 1895.

Mundo Literário, Semanário de crítica e informação.

(Arthur Raggio) Nóbrega, *Syntaxe do Infinito*, Guatemosim, Rio de Janeiro 1930.

Navarro, *Última (aventura)*, Porto 1941.

Ocidente, Revista portuguesa mensal, Lisboa.

Paschoa, *Regresso (à vida)*, Coimbra Editora, 1945.

Perspectiva (da literatura portuguesa do século XIX), Ática, Lisboa.

Redol, *Gaibéus*, edição popular, Inquérito.

Id., *Marés*, 2 ed., Inquérito, Lisboa 1944.

Régio, *Gota (de Sangue)*, Inquérito, Lisboa.

Revista (da Faculdade de Letras de Lisboa) (XIV = XIV 2.^a série n.º 3) (XV = XV 2.^a série n.ºs 1 e 2).

(Aquilino) Ribeiro, *Estrada (de Santiago)*, Aillaud & Bertrand, Paris-Lisboa 1924.

Aleixo Ribeiro, *Caixa (de Música)*, voir Botto.

Rodrigues, *Rosa (do Adro)*, Porto 1919.

Sandfeld, à moins d'indication spéciale: *L'Infinitif*, Copenhague-Paris 1943.

Selvagem, *Telmo (o Aventureiro)*, Edições Europa, Lisboa 1937.

Sester, *Der Infinitiv im Neuportugiesischen auf Grund der Werke von Eça de Queiroz*, Köln 1928 (diss.).

Talegre, *(Três) Poetas (Europeus)*, Lisboa 1947.

Trigueiros, *Capital (do Espírito)*, Lisboa 1939.

Trindade Coelho, *In illo (tempore)*, 5. ed., Portugália Editora, Lisboa.

Id., *(Os meus) Amores*, 6. ed., Aillaud e Bertrand, Paris-Lisboa 1928.

comme *fê-lo afastar da diocese* (*Revista* I 14) il faut voir dans *lo* le régime de *afastar*, d'après la conception de Sandfeld qui rejette § 124 l'explication par «sens passif de l'infinitif». Au § 126 ce savant répond à l'objection qu'on pourrait faire à sa manière de voir en rappelant des cas comme *se por acaso não se fazia acompanhar da mulher* (Navarro, *Última* 280). En portugais ainsi qu'en français ce verbe peut être suivi d'un participe passé *aquele ar carregado que o fazia respeitado pelos inferiores* (Duarte, *Vencidos* 141) et — tour très fréquent — *sem me fazer rogado* (Cordeiro, *Corações* 16), à côté de *não se fazem rogar* (*Perspectiva* 69). Le fait que l'infinitif puisse être senti comme équivalent à ces sortes de vrais passifs explique d'après Sandfeld que le nom d'agent soit introduit dans des cas pareils par *de* ou *por*. (D'ailleurs il y a justement en portugais des phénomènes qui montrent qu'on a tout au plus droit à parler de «sens apparemment passif» comme le fait Epifânio) (2).

Pour la «personnalité» de l'infinitif il convient de noter qu'on peut trouver l'infinitivo pessoal après *fazer* (l'accord se faisant évidemment avec le régime de *fazer*) *o vento, que desgrenhava cabeleiras e fazia as calças modelarem as pernas dos que se debruçavam na amura* (Castro, *Eternidade* 28) *conforme a quase imperceptível brisa fazia agitaresem-se as hastes do trigal* (Leone, *Para além* 71), mais d'après Góes p. 148-49 la forme impersonnelle serait la règle, comp. *o bailar das chamas que faziam crepitar as achas de azinheira* (Leone, *Para além* 125) *faz-nos Camões ver* (*Revista* XVI 141) *que o Poeta sentiu e nos fez sentir* (175).

deixar *Deixa cair o corpo* (Cortez, *Lodo* 73) *deixava a mulher fazer o que bem entendesse* (Amado, *Paiz* 25) *a comoção não lhe deixara fixar pormenor algum* (Castro, *Eternidade* 148). Bien que nous n'ayons pas voulu aborder la question tant débattue de l'origine du datif dans cette construction nous tenons à signaler l'exemple suivant (avec article) *deixei ao meu bom amigo o desapressar-se das dificuldades* (Camilo, *Estrelas* 133); évidemment ce n'est pas la même chose que *deixei... desapressar-se*, mais les

(2) Si les infinitifs dans *cartas a responder*, *mercadorias a expedir*, etc. (Nóbrega p. 34) étaient des vrais passifs ne s'attendrait-on pas à voir quelquefois le pessoal, comp. Nóbrega *Contas a pagar* (isto é *a serem pagas*) (ibid.) en outre *Estas não são manifestações para se desprezarem* (*Perspectiva* 194). La forme fléchie dans *os terrinos que o Estado lhes concedera para explorarem e desenvolverem* (*Revista* II 235) s'accorde évidemment avec *lhes*.

sens des deux expressions ne sont pourtant pas aux antipodes l'un de l'autre, et puisque le datif de la phrase de Camilo est un régime indirect tout court ce fait nous aide à concevoir qu'il en puisse être de même pour les types ordinaires de datif + infinitif. Sans article: *João de Deus deixava inteiramente ao cuidado do secretário da Universidade matriculá-lo ou não* (*Perspectiva* 339). Quant aux constructions comme *Não o deixes contaminar pela descrença* (Navarro, *Última* 255) comp. ce qui a été dit pour *fazer*. *Deixar* se construit avec la forme impersonnelle *deixando-os correr* (Redol, *Marés* 14) *tantíssimas composições que ele deixou passar intactas* (*Revista* XIV 227), mais on trouve le pessoal *depois era deixar as pernas levarem-se pelo peso do corpo* (Redol, *Marés* 23) *ter-te-ia deixado seguires esse destino* (Selvagem, *Telmo* 159). Il va sans dire que nous avons affaire à tout autre chose dans *deixando-os a choramingar* (Redol, *Gaibéus* 97), voir plus tard.

mandar peut être suivi de acc. + inf. *aquele percutir de metal impaciente com que mandava entrar quem batia à porta* (Colaço, *Beijo* 32), mais souvent le régime est inexprimé *Manda a justiça mesmo salientar que...* (*Revista* II 372) *mandando abrir poços* (*Revista* XIV 158) *O seu filho mandou vender os terrenos* (Corrêa Leite, *Raça* II 10 (137)), souvent *mandar chamar*: *Tencionava mandar-te chamar à tarde* (Cortez, *Lodo* 9). Avec l'agent introduit par *por*: *mando-o pôr fora por um escudeiro* (Dantas, *Chagas* III 3 (99)).

mandar + inf. est fréquemment mis au passif *Mandado regressar à Índia* (*Revista* XIV 164) *mandados vir de Paris* (III 11) *os mais célebres pintores, escultores e poetas, mandados vir de além-mar* (Júlia de Almeida, *Memórias* 102). Ces exemples correspondent à des phrases actives où le régime de *mandar* serait le sujet de l'infinitif. Il en est autrement dans *a sumptuosa edição mandada fazer pelo Morgado de Mateus* (*Revista* II 338) *O projecto foi apresentado por Borges Carneiro na sessão de 7 de Junho e mandado imprimir* (XIV 152), comp. aussi *o tennis court que se mandou fazer* (Selvagem, *Telmo* 60). On voit que *mandar* se combine avec la forme impersonnelle. Nous citerons encore *quase sentiu vontade de os mandar calar* (Leone, *Para além* 74).

ouvir *Nunca ninguém me ouviu carpir* (Cortez, *Lodo* 62) *Já me ouviste chorar a minha sorte?* (61); régime de *ouvir* inexprimé: *Onde ouviste dizer isso?* (Duarte, *Vencidos* 76); *ouvir* peut être réfléchi (= passif) *ouve-se bater à porta da rua* (Cortez, *Lodo* 3).

ouvir se combine aussi (comme *ver*) avec acc. + a + inf. (= gerundio) *Ouviu-o depois a preparar-lhe o ducho* (Duarte, *Vencidos* 273); sans doute, ce n'est pas tout à fait la même chose que l'infinitif seul, mais d'autre part ce n'est pas tellement différent, et cette faculté qu'ont les verbes perceptifs les distinguent de *fazer*; il y a donc des distinctions à établir même entre les mots du type I (acc. + inf.) ce qui a été reconnu par Sandfeld (§ 117): «le rapport entre *faire* et le substantif en question n'est pas le même que dans les autres combinaisons». Il nous semble qu'en portugais il y a plus de glissement encore, puisque *ouvir*, *ver* et l'infinitif gérondival sont pourtant un peu plus reliés qu'il n'est le cas pour *deixar* (voir plus haut).

ver *Vi-o espumar de raiva* (Cortez, *Lodo* 40) *Viu-a descer a rua e sair a porta* (Cordeiro, *Corações* 88); régime inexprimé: *nunca vi maltratar os portugueses* (Castro, *Eternidade* 104).

Comme pour *ouvir* nous pouvons constater l'emploi réfléchi-passif *Viu-se depois o padre cair de bruços* (Ribeiro, *Estrada* 235). Ici il faut remarquer en outre la syntaxe du participe passif '*visto*': *por esse motivo, não, visto Guiomar dizer que virá buscar-me* (Cabreira, *Quando o sol* 173). Nous ne pensons pas qu'il soit condamnable de regarder *visto* comme une sorte de préposition (ou de conjonction) et d'expliquer la construction par là (qu'il soit question d'un nominatif + infinitif se voit par *visto ele se mostrar assim desmazelado* (Eça, *Fradique* 203)). Mais c'est tout de même le participe de *ver*.

ver + inf. gérondival est très fréquent *já o vé a atravessar a ponte* (Trindade Coelho, *In illo* 50) *Vé-la a fazer assim* (id., *Amores* 170) *viu-se a rolar no desfiladeiro* (Castro, *Eternidade* 247) é... *estranho, que... eu te tivesse visto a passear com ele, a conversar com ele* (Leone, *Para além* 202) (comp. *viu uma mulher segurando um candeeiro de petróleo* (ibid. 33)). Il existe d'autres verbes de sens plus ou moins rapproché qui admettent cette construction *encontrou o velho na ante-câmara a recebê-la com muito agrado* (Camilo, *Amor* 34) *como a surpreendesse a contemplá-lo* (Castro, *Eternidade* 223), mais tandis qu'on peut «voir qn faire qch» et «voir qn en train de faire qch», pour *encontrar* etc. la dernière activité est seule possible. D'après Epifânio § 298 b *achar* pouvait se construire avec acc. + inf., tout comme *ver* et *ouvir*, en ancien portugais.

ver est souvent suivi de la forme personnelle *via os rosarios das oliveiras riscarem colinas* (Camilo, *Amor* 59) *quando via os*

rapazes não lhe largarem a porta (Trindade Coelho, *In illo* 309) *a gente vê as cores despenharem-se num abismo* (Brandão, *Ilhas* 78), mais il semble qu'il y ait une préférence pour le tour impersonnel, du point de vue normatif, comp. aussi *Quando os via passar para o Monte* (Brandão, *Pescadores* 291). Il est naturel de penser que plus la combinaison se rapproche d'une phrase infinitive plus il y a de chances pour voir apparaître l'infinitivo pessoal. C'est ce qui se voit surtout pour le réfléchi-passif *Viu-se os exploradores republicanos continuarem a obra dos exploradores monárquicos* (Brandão, *Pescadores* 279) (comp. d'ailleurs un exemple avec un verbe de sens apparenté *ali se descobriu não serem aquelas obras as originalmente feitas pelo tal pintor* (*Ocidente* XXXI 225)) et à plus forte raison pour *visto: visto esperarem-se em breve os deputados para a seguinte legislatura* (*Revista* XIV 160).

Pour l'inf. gér. on peut noter *Eu vi duas cabeças a espreitarem-me* (Camilo, *Amor* 60) *via todos a trabalharem contentes* (Paschoa, *Regresso* 161), mais aussi *viu dois professores a conversar* (*Mundo Literário* 24/8/46 p. 5).

sentir ao *senti-lo* *pegar na filha morta* (Cortez, *Lodo* 21) *O poeta sente-se viver assim entre riquezas ocultas* (Talegre, *Poetas* 80). régime inexprimé: *Bento sentiu meter a chave numa porta que se abriu* (Paschoa, *Regresso* 239) Dans l'exemple suivant on a d'abord cette construction et ensuite un accusatif explicite + infinitif *Sentiu tocar no ombro e uma voz conhecida perguntar* (*Mundo Literário* 24/8/46 p. 5).

Infinitif «à sens apparemment passif» accompagné du nom d'agent *E Paulo Rigger sentia-se invadir por uma grande angústia* (Amado, *Paiz* 125), comp. le tour semblable avec participe *nunca se sentira invadido por um sentimento tão poderoso* (Cordeiro, *Corações* 88).

Ici encore nous retrouvons l'inf. gér. *sentiu a sua mão a afagar-lhe os cabelos, a afagá-los carinhosamente* (Castro, *Eternidade* 199) *sentia algo a ferver em si* (245).

On s'attend à pouvoir voir la forme personnelle après *sentir* aussi: *os mal-entendidos que já sentia crescerem à sua volta* (Régio, *Gota* 13) *É raro sentir nele esplenderem alvoradas de esperanças* (*Revista* III 206), mais on a également *sentem nascer em si vibrações de nova simpatia* (*Revista* I 213) *não os sentiu partir* (Redol, *Caibéus* 109). Pour l'inf. gér. nous avons noté *Sentia os olhos do fidalgo a fixarem os pés sujos, a subirem aos calções e a desfiarem o rasgão da camisa* (Redol, *Marés* 38-39). Il n'y a

rien d'étonnant à voir le pessoal après le réfléchi-passif *sentia-se as suas vozes pachorrentas palrarem* (Eça, *Crime* 290). Mais on a d'autre part *sentem-se de novo adejar as sinistras asas da morte* (Luzia180).

II

nom. + inf.

Cette construction se trouve un peu partout, elle est aussi fréquente que l'infinitif personnel auquel elle est étroitement liée: la variante fléchie de notre mode est, comme nom. + inf., une sorte de phrase infinitive, et le nom. + inf. présente ordinairement inf. pess. dans tous les cas où il s'agit de personnes ayant des formes distinctes (on le trouve aussi, nous l'avons vu, dans acc. + inf., mais pas de façon permanente). Un pessoal peut suffire à lui seul: un *veres* n'amène pas nécessairement *tu* (même *ver* n'a pas toujours besoin d'un *eu* ou *ele*, *ela*, malgré Sester 63), mais une fois mis *tu* on s'attend à *veres* et non *ver*.

Citons seulement quelques cas de fonctions syntactiques différentes.

sujeito *ir eu lançá-la poderia parecer desejo de me evidenciar* (Colação, *Beijo* 28) *é impossível alguém atar as mãos a si próprio atrás das costas* (Revista I 63) *attribut* *Há uma coisa que nunca sucederá... É eu ter parança, um dia que seja, debaixo do tecto que vos cobrir* (Cortez, *Lodo* 21) *apposition* *uma coisa era certissima: ser o vulto o João da Cruz* (Camilo, *Amor* 53) *deuxième terme de comparaison* *tão certo como Deus tirar-me contas do orgulho* (Ribeiro, *Estrada* 310). On a des phrases infinitives (in casu nom. + inf.) après des prépositions; un cas spécial est constitué par le *ao*: *Ao subir o pano* (Cortez, *Lodo* 1), dans une fonction plus libre: *E atribuíram a morte de meu pai ao ter ele comido duas mangas* (Julia de Almeida, *Memórias* 7) *além de* *Além de mediocrementemente lhe interessarem os seus jogos e brincadeiras* (Régio, *Gota* 11) *antes de* *antes dele falar* (Cabreira, *Quando o sol* 390) *até* *imobilizara-se até os olhos se habituarem à obscuridade* (Castro, *Eternidade* 24) *contra* *clamei contra não ter o Sr. Figueiredo acompanhado de exemplos as suas afirmativas* (Leite de Vasconcelos, *Opúsculos* IV 1065) plusieurs combinaisons avec *de*: *secretamente desesperava-se dela não preferir a vergonha com ele*

à reabilitação com outro (Eça, *Crime* 452), surtout après des substantifs *ao principio de elas virem para S. Caetano* (Cabreira, *Quando o sol* 358-59) *o facto de eu ser seu filho* (Corrêa Leite, *Raça* II 9 (134) *no caso de ela lhe dar um filho* (*Revista* II 34), après des pronoms neutres *diluiu-se com aquilo de ele não querer «rodriguinhos»* (Colaço, *Beijo* 16) *depois de Depois de nós sairmos* (Cortez, *Lodo* 64) *não obstante não obstante ele mesmo esquecer, às vezes, a miséria da sua vida* (Régio, *Gota* 143) *para Francisca estende-lhe a mão, para ela a beijar* (Dantas, *Chagas* III 4 (103)) *por resmungou toda a noite por ela não voltar* (Cortez, *Lodo* 9) *sem Os seus dedos mexeram sem ele dar por tal* (Régio, *Gota* 75). On peut rappeler encore les exclamations et interrogations *Eu... eu... ma... matar o Quintino?* (Felix, *Nunca* 38) *Eu formar-me, ó Manuel?* *Deus me livre!* (Trindade Coelho, *In illo* 37).

Mais ce qui nous importe surtout ici puisque nous parlons de l'opposition acc. + inf. nom. + inf. ce sont les cas où cette dernière combinaison fait fonction de régime après des verbes transitifs. Nous passerons presque sous silence la catégorie spéciale «L'infinitif avec attribut comme régime direct» *E achas extraordinário eu hoje sentir o apetite de espairecer um bocadinho* (Botto, *Isto* 7) *Soares considerava deselegante pagarem outros o que seria gasto* (Costa, *Solar* 32).

Il y a sans doute beaucoup de verbes transitifs qui se construisent difficilement avec nom. + inf., les verbes modaux *dever*, *poder*, *querer* etc. et qui n'admettent pas (ou pour lesquels «on» n'admet pas) non plus la forme personnelle. Nous ne sommes pas absolument sûr qu'il soit logiquement impossible d'imaginer les choses autrement: puisqu'on dit *je veux que tu le fasses* pourquoi ne pas dire en portugais p. e. — eh bien, ne faisons pas de phrases hypothétiques, disons seulement que si dans *fez que lisongeiramente se conseguisse o não terem as lições menor frequência* (*Revista* IV 351) on conçoit le verbe réfléchi comme une façon de rendre le «on» français + verbe transitif dont le régime serait la construction infinitive suivante (évidemment il y a d'autres interprétations possibles) on ne regarderait pas ce que nous venons de dire comme une absurdité. Et il y a des exemples bien clairs comme ceux cités par Nóbrega *Decidimos continuarem as crianças internadas no colégio* (49) *Logrei serem eles nomeados* (73). *Conseguir*, *decidir*, *lograr*, qui sont généralement suivis de inf. seul *Não conseguiu dormir* (Cortez, *Lodo* 29) *Lélito decidira não resistir*

(Régio, *Gota* 24) *ela não lograra atingi-lo totalmente* (Castro, *Eternidade* 162), sont à ranger parmi les verbes quasi-modaux *aceitar*, *buscar*, *precisar* etc. et ordinairement suivent les traces de *dever*, *querer* etc. Pour *há* (*Não havia fugir à incumbência* (Trindade Coelho, *In illo* 107) *E não houve convencê-lo* (Brandão, *Ilhas* 177) on peut noter nom. + inf. *Não há a gente fiar-se em ninguém* (Eça, *Maias* II 50), mais il faut remarquer que nous avons affaire ici au sujet le plus vague qui se puisse imaginer.

C'est après les *verba declarandi* etc. que la phrase infinitive se trouve le plus naturellement comme régime *afirmava ficarem ali bem instalados os serviços do montado* (Castro, *Eternidade* 118) *Confesso ser esta a vez primeira que te ouço falar com discernimento* (Duarte, *Vencidos* 53) *Creio poderem identificar-se os sonetos* (*Revista* XIV 233) *o instituto dissera-lhe serem estes homens iguais a si e aos seus camaradas* (Duarte, *Vencidos* 80) *ele insinuava não estar ninguém, àquela hora, no campo* (Colaço, *Beijo* 43) *nem tampouco qualquer ruído que mostrasse estar ele acordado* (Duarte, *Vencidos* 55) *os versos que observámos parecerem interiorizar a paisagem* (*Revista* III 292) *as peças publicadas por Faria e Sousa e que sabemos serem numa grande parte apócrifas* (XIV 227) *a filha bem sabia ser só ele quem tomava disposições* (Aleixo Ribeiro, *Caixa* 20) *suponho ter ele outros rendimentos* (Cabreira, *Quando o sol* 151) etc. etc.

Les verbes signifiant «espérer, promettre, menacer, craindre» se construisent très bien avec l'infinitif seul *espero ter em breve notícias do meu filho* (Duarte, *Vencidos* 83) *prometia abafar a crença tradicional* (*Revista* I 214) *como se receasse pisar o chão* (Redol, *Marés* 140), mais nom. + inf. est possible aussi *a mulher de quem jamais esperou ser-lhe fácil o afastamento* (*Revista* III 9).

Verbes signifiant «feindre»: inf. seul *simulou não ouvir* (Navarro, *Última* 265).

merecer idem *o senhor merecia ficar sem recreio* (Régio, *Gota* 43).

Verbes de sentiment. Il y a surtout *sentir* *Sinto não poder ocultar os meus sentimentos* (Duarte, *Vencidos* 249), mais aussi p. e. *lamentar* *houve quem lamentasse não ter mudado de calçado* (Duarte, *Vencidos* 102) et nom. + inf. est possible *Jerónimo só lamentava Pedro Ticiano não estar ali* (Amado, *Paiz* 90) *E Jacinto lamentava não estarem ali com ele os janotas da cidade* (Costa, *Solar* 262), comp. encore *não podia*

aprovar o ter Carlos tomado uma frisa de assinatura (Eça, *Maias* 164).

Pour les verbes se construisant avec régime indirect + infinitif régime direct (*agradecer, consentir, facultar, oferecer, permitir, etc.*) on comprend qu'ils sont souvent suivis de l'infinitif seul: si le sujet de l'inf. est identique au régime indirect du verbe régissant il n'y a pas besoin de l'exprimer deux fois, comp. aussi l'absence de flexion dans *a nós... o momento histórico e a situação geográfica impunha opor a Cruz ao Crescente* (*Revista* III 14-15), mais ces verbes admettent aussi le pessoal (avec changement ou extension de sujet) *ainda essa manhã me propôs fugirmos à missa* (Régio, *Gota* 190) *propôs às manas Vilar darem-lhe umas lições de francês* (Costa, *Solar* 179) sans datif: *Melo Lopes propôs irem a pé* (Navarro, *Última* 102), et on pourrait donc s'attendre à trouver aussi parfois la phrase infinitive avec sujet exprimé. Comment juger *e lhe prometeu irem ambos para o exílio* (Coelho 335)? Sandfeld a assurément raison en disant que dans *Que penserais-tu d'habiter Versailles tous les trois* (cité § 4) *tous les trois* n'est pas le sujet de l'infinitif mais sert à préciser le sujet sous-entendu. Il n'en est pas de même pour le portugais malgré la ressemblance extérieure des constructions. Le fait que sujet + inf. se trouve dans une foule d'autres cas en cette langue nous permet de regarder *ambos* comme sujet dans la phrase citée. Et c'est sans doute un sujet que présente cet exemple *propus-lhe ir eu procurar teu pai* (Cabreira, *Quando o sol* 260). Il est vrai que le pronom personnel est mis là pour insister ou plutôt préciser, mais c'est un rôle très ordinaire de *eu* sujet.

Citons, pour finir, un exemple avec article et nom. + inf. *com que direito me recusa o ficar eu consigo?* (Cortez, *Lodo* 50).

III

Nous avons donc cru pouvoir établir une distinction bien nette entre acc. + inf. et nom. + inf. Mais ceci ne veut pas dire que les deux constructions ne puissent pas se rapprocher. A moins qu'il s'agisse de pronoms personnels il n'est pas facile de décider si nous avons affaire à un nominatif ou à un accusatif, c'est par analogie que nous plaçons des substantifs ou des relatifs dans l'une ou l'autre des catégories. Evidemment il y a le critère de l'infinitivo pessoal, moins fréquent après *fazer* etc. qu'après des verbes comme *dizer*. Mais la délimitation des deux formes de l'infinitif est un problème

qui dépasse le sujet traité ici. S'il n'y avait que la forme personnelle pour nous guider il n'y aurait aucune raison pour parler de nom. + inf. (va pour «phrase infinitive»). Nous avons vu que *ver* et *ouvir* se construisent avec acc. + inf., mais *visto* est suivi de nom. + inf. (on a remarqué également qu'en latin la différence — si différence il y a — entre *jubeo eum venire* et *dico eum venire* ne tient pas exclusivement aux verbes mentionnés puisqu'on a cru devoir distinguer entre plusieurs constructions avec *jubeo*). Il y a plus. Dans *Juvenal ouviu ainda ela dizer* (Castro, *Eternidade* 91) il semble qu'une fois mis le mot *ainda* il soit tout naturel de continuer comme l'auteur l'a fait. Un exemple analogue se trouve à la page 297 du même livre *Via-a a tocar piano, via-se a si próprio defronte do seu retrato de infância e de novo ela a tocar*. Ceci nous aide à comprendre que les deux types peuvent se confondre et que p. e. on peut dire en brésilien populaire *mande ele sair* (Nóbrega 37). Nous voyons donc que les critères les plus décisifs pour séparer les deux constructions peuvent disparaître, non seulement dans la langue populaire, mais aussi, dans des conditions spéciales, en style littéraire. Il faut revenir sur notre constatation p. 47 «la ressemblance entre les deux langues n'est qu'apparente». Probablement n'est-ce vrai qu'en partie, il se peut que malgré tout ce que nous avons dit dans l'intervalle sur le *que* de la deuxième phrase-type (nous l'avons traité de nominatif pour la belle symétrie) on ait tout de même la liberté de le regarder comme l'équivalent du *que* français qui est bien un accusatif. Nous comprenons qu'on puisse trouver absurde de séparer les phrases relatives françaises et portugaises qui se ressemblent parfaitement et qui correspondent les deux à des acc. + inf. latins (par imitation savante ou non). Un *que* relatif peut être régime d'un infinitif *os ideais que dizem defender* (Leone, *Para além* 140) attribut *Não apenas o que me dizem ser o seu livro sobre Lautréamont* (Trigueiros, *Capital* 165) et sujet, c'est le cas qui nous occupe ici. Le fait d'être sujet de l'infinitif n'empêche évidemment pas que le *que* puisse être accusatif. Nous avons attiré l'attention sur le critère de la forme personnelle, voir des exemples avec relatif p. 47 comp. en outre *as suas viagens que sabia terem sido eminentemente úteis para a sua carreira* (Trigueiros, *Capital* 203) *nas terras... que os obumbrados pela luz sem cambrantes e sempre dilucular do Oriente esquecem terem sido as terras antigas e veneráveis* (*Perspectiva* II 43). Pourtant la règle n'est pas absolue *conceitos morais que o autor do livro supôs ser os que melhor convinham ao povo* (*Perspectiva* 376) *Não*

deves abusar aí das comidas, que me dizem ser tão más (Eça, cit. Sester p. 32), dans ces exemples *supor* et *dizer* se combinent donc avec sujet + inf. impress. tout comme *ver* dans *os mortos que viamos passar entre as árvores* (Luzia 61). Il y a des cas où *que* ne peut pas être accusatif *essas produções que pena é não serem coligidas em volume* (Revista V 4). Dans *em palavras que lhe lamentei não serem de aplauso mas apenas de compreensão* (Trigueiros, *Capital* 162) le datif *lhe* présuppose bien un régime, mais celui-ci c'est justement *que serem*, ce qui ne contribue pas à résoudre le problème du *que*. Ce sont les considérations suivantes qui nous ont amené finalement à prendre parti pour l'accusatif, avec d'ailleurs beaucoup d'hésitation: Dans un cas avec substantif comme *Jerónimo só lamentava Pedro Ticiano não estar ali* (Amado, *Paiz* 90) il est possible de séparer, au moins mentalement *lamentava: Pedro T. não estar ali*, d'ailleurs le sujet est très souvent postposé à l'infinitif, donc moins susceptible d'être «senti» comme le régime du verbe principal, il pourrait être remplacé par un pronom, qui serait au nominatif. Le pronom relatif ne se laisse remplacer par rien, et il précède ordinairement le verbe régissant, il le précède même souvent immédiatement. Le *que* de *que sabia terem* n'est peut-être pas le régime de *sabia* (c'est *que terem*) mais il peut être senti un moment comme tel. Si nous avons eu des doutes nous pouvons nous excuser en disant que les langues semblent hésiter aussi (qu'on nous permette la métaphore), nous croyons l'avoir démontré. L'ancienne tournure française *l'homme que je dis qui ressemble à un chat* a résolu à sa façon le problème traité ici ⁽³⁾.

(3) Une autre solution qui pourrait nous tenter c'est de dire que dans les constructions portugaises le *que* serait et nominatif et accusatif (ou bien ni l'un ni l'autre), rappelons les trois relatives que nous avons citées au commencement de notre étude (p. 47), comp. des inadvertances françaises comme *il m'a pris par le cou et demandé pardon* (cit. Sandfeld, *Pronoms* (Paris 1923) § 18). Mentionnons un autre cas de «syntaxe inextricable»: Tout porte à croire que Sandfeld a raison en déclarant (*Infinitif* § 133) que dans *l'enfant semble dormir* l'infinitif n'est pas l'attribut de *semble*, c'est *l'enfant dormir* qui est le sujet de *semble* (ici encore son opinion est confirmée par les faits portugais, comp. *parecia voarem* à côté de *pareciam voar*), mais si on admet qu'un adjectif ou un participe après *sembler*, *paraître* soit vraiment attribut la syntaxe des exemples suivants est un peu compliquée *Son obséquiosité parut à Savinski exagérée et sonner faux* (Anet, *Quand la terre trembla* 69) *onde todos pareciam felizes e viver sem preocupações* (Navarro, *Última* 92). Mais il est vrai que de tels exemples sont plutôt des curiosités que des constructions normales de la langue comme *a filha que o sargento me dissera compreender e falar o francês*.

Quelle conclusion tirons-nous de cette présentation de faits bien connus? Nous sommes parti (p. 46) de deux types français qui grammaticalement ont l'air d'être tout à fait semblables; si nous nous sommes plu à les distinguer c'est peut-être par des considérations pas trop pertinentes. Puis nous avons retrouvé ces mêmes types en portugais et nous avons vu que dans cette langue il existe, en certains cas au moins, des différences grammaticales entre les deux tours. Mais d'autre part: puisque la différence de structure toutefois n'est pas énorme ces critères peuvent tendre à disparaître (ce n'est pas la seule raison: *ele* pour *o* ne se trouve, comme on sait, ailleurs qu'après des verbes comme *mandar*). Le phénomène traité ici montre encore quel glissement il peut y avoir entre les catégories grammaticales, fait manifeste pour (les problèmes de) l'infinitif et peut-être plus encore pour l'infinitif portugais.

Copenhague.

H. STEN

Bibliografia de textos medievais portugueses publicados

Poesia — Séculos XII a XIV : Poesia profana (63); Poesia religiosa (68); Séculos XIV-XV (69); Século XV (70); Poética (71); Novelística (71); Literatura religiosa, Crônicas e Regras monásticas (73); História (84); Viagens, epístolas (91); Prosa moralística (92); Fábulas (94); Textos jurídicos (95); Tratados técnicos (96); Textos cuja edição está a ser preparada (98); Dissertações de Licenciatura (99).

Procurro apontar na seguinte bibliografia todos os textos medievais portugueses de carácter literário (séc. XII a XV) até hoje publicados. Espero que esta tentativa venha a constituir um útil instrumento de trabalho para os estudiosos do período medieval da nossa literatura, particularmente no que diz respeito à localização de publicações feitas em revistas ou antologias⁽¹⁾.

Quando qualquer dos textos indicados se encontra acompanhado de glossário, cito este último em nota. O mesmo fiz no caso de um glossário ter sido publicado aparte. Para dar uma ideia, por imperfeita que seja, da extensão e importância dos glossários em questão, menciono o número de páginas que ocupam.

(1) Há um único e pouco conhecido ensaio anteriormente realizado no mesmo sentido deste trabalho: a útil mas incompleta bibliografia reunida por Fidelino de Figueiredo e dada a conhecer nos *Actes du 3^{ème} Congrès International d'Histoire des Sciences*, Lisboa, 1936, pág. 98-112 sob o título: *Para a História da Crítica Literária em Portugal. A reconstituição da literatura medievla*. São muito completas as indicações bibliográficas que A. J. da Costa Pimpão fornece na sua *História da Literatura Portuguesa*, I, 1949. Colhi nela importantes elementos para a organização deste trabalho.

Desejo consignar aqui aos ilustres medievistas Profs. Drs. Joseph M. Piel, Manuel Rodrigues Lapa e Serafim Silva Neto as indicações e observações que tiveram a amabilidade de me fazer depois da leitura de cópias dactilografadas deste trabalho; ao Prof. Dr. Harri Meier as suas numerosas e importantes sugestões.

Preferi a indicação dos textos por assuntos à simples ordem alfabética. Dentro de cada assunto, respeitei geralmente a ordem cronológica. Na secção «literatura religiosa», em que é difícil fixar a data dos textos, redigidos na sua maior parte nos séculos XIV e XV, sigo contudo a ordem alfabética. Incluo na bibliografia textos editados nos inícios do século XVI e de que na maior parte dos casos se desconhecem manuscritos de data anterior, desde que a sua linguagem pertença ao século XV. É porém evidente que há casos duvidosos: só o estudo atento, ainda por realizar, de alguns desses textos poderá demonstrar se se justifica ou não a sua inclusão nesta lista.

Por outro lado, decidi não incluir na secção referente a «história» as Crónicas de Rui de Pina, Duarte Galvão e Garcia de Resende, já que se sabe que, apesar da vida destes autores ter decorrido em parte no século XV, só redigiram essas Crónicas durante o reinado de D. Manuel.

Uma classificação sistemática como a que procuro fazer levanta inevitavelmente dúvidas. A mais importante das que se me apresentaram diz respeito ao lugar a atribuir à *Vida de Júlio César* e à *Crónica Troyana*, obras que oscilam entre a historiografia e a novelística. Preferi introduzi-las um pouco arbitrariamente neste último capítulo a uni-las às *Crónicas* e aos *Livros de Linhagens* incluídos no primeiro, junto dos quais me parece que ficariam muito deslocadas (*).

(*) Não tomo em consideração na bibliografia textos medievais fragmentariamente publicados em antologias de carácter escolar. Não deixarei contudo de indicar aqui as mais importantes de entre essas antologias:

José Pereira Tavares. *Selecta de Textos Arcaicos*. Porto, 1940.

Colecção «Textos Literários»:

Poesia medieval, I, Cantigas de amigo. Ed. Hernâni Cidade. Lisboa, 1939.

As melhores poesias do Cancioneiro de Resende. Ed. Rodrigues Lapa. Lisboa 1939.

Fernão Lopes: *Quadros da Crónica de D. João I*. Ed. Rodrigues Lapa. Lisboa, 1941.

Crestomatia Arcaica. Ed. Rodrigues Lapa. Lisboa, 1941.

Gomes Eanes de Zurara. *Prosas históricas*. Ed. Rodrigues Lapa. Lisboa, 1946.

Colecção «Clássicos Portugueses»:

Poetas do Cancioneiro Geral. Ed. Álvaro J. da Costa Pimpão. Lisboa, 1942.

Cantigas d'el rei D. Dinis. Ed. Álvaro J. da Costa Pimpão. Lisboa, 1942.

D. Duarte. Leal Conselheiro. Ed. F. da Costa Marques. Lisboa, 1942.

Crónica dos Feitos da Guiné. Ed. Álvaro J. da Costa Pimpão. Lisboa, 1942.

Crónica da Tomada de Ceuta. Ed. Alfredo Pimenta. Lisboa, 1942.

ABREVIATURAS

- ANTT** — Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
ARom — Archivum Romanicum.
BAE — Boletín de la Real Academia Española.
BF — Boletim de Filologia.
BHi — Bulletin Hispanique.
BMV — Biblioteca Municipal de Viseu.
BNL — Biblioteca Nacional de Lisboa.
BNM — Biblioteca Nacional de Madrid.
BPE — Biblioteca Pública de Évora.
BPMP — Biblioteca Pública Municipal do Porto.
BSC — Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa.
BRAG — Boletín de la Real Academia Gallega.
CV — Cancioneiro da Vaticana.
PMH — Portugaliae Monumenta Historica.
PMLA — Publications of the Modern Language Association.
RF — Romanische Forschungen.
RFE — Revista de Filología Española.
RHi — Revue Hispanique.
RL — Revista Lusitana.
VC — Vida Cristiana.
ZRPh — Zeitschrift für romanische Philologie.

Antologías:

- TArc** — J. Leite de Vasconcellos. *Textos Arcaicos*. 3.^a edição. Lisboa, 1922. — A primeira edição é de Lisboa, 1905. — (Notas, glossário de 43 páginas e apêndice de textos galegos).
Florilégio — J. J. Nunes. *Florilégio da Literatura Portuguesa Arcaica*. Lisboa, 1932. (Notas e glossário de 50 páginas).
CArc — J. J. Nunes. *Crestomatia Arcaica*. 3.^a edição. Lisboa, 1943. — A primeira edição é de Lisboa, 1906. — (Introdução gramatical, notas e glossário de 53 páginas).

Fernão Lopes. I. Crónica de D. Pedro I. Ed. Torquato de Sousa Soares. Lisboa, 1943.

Fernão Lopes. II. Crónica de D. Fernando. Ed. Torquato de Sousa Soares. Lisboa, 1945.

Contém muitos trechos de textos medievais portugueses transcritos de edições anteriores, a seguinte antologia: Wilhelm Giese. *Anthologie der geistigen Kultur auf der Pyrenäen-Halbinsel (Mittelalter)*. Hamburg, 1927. (Notas e glossário português de 2 páginas).

POESIA ⁽³⁾

Séculos XII a XIV

I) Poesia profana

Cancioneiro da Ajuda

(ms. da Biblioteca da Ajuda)

- 1) *Fragmentos de hum Cancioneiro Inédito que se acha na Livraria do Real Collegio dos Nobres de Lisboa*. Imp.^o à custa de Carlos Stuart. Paris, MDCCCXXIII.
- 2) *Trovas e Cantares de um códice do XIV século ou antes mui provavelmente o livro das Cantigas do Conde de Barcellos* (por F. A. Varnhagen). Madrid, 1849.
- 3) *Cancioneiro da Ajuda*. Edição crítica e comentada por Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Halle, a. S., 1904. 2 vols. *Glossário do Cancioneiro da Ajuda*. Lisboa, 1922. (separata da RL, XXIII, 1920; 96 páginas).
- 4) *Cancioneiro da Ajuda*. A Diplomatic Edition by Henry H. Carter. New York, Modern Language Association of America, 1941.
- 5) *Cancioneiro da Ajuda*. Ed. Marques Braga. (Clássicos Sá da Costa), I. Lisboa, 1945.

Cancioneiro da Vaticana

(cód. 4803 da Biblioteca Vaticana)

- 1) *Cancioneiro d'El-rei D. Dinis*, pela primeira vez impresso sobre o manuscrito da Vaticana, com algumas notas ilustrativas e uma prefacção histórico-literária pelo Dr. Caetano Lopes de Moura. Paris, 1847.
- 2) *Cancioneirinho de trovas antigas colligidas de um grande cancionero da Bibliotheca do Vaticano* (por F. A. Varnhagen). Viena, 1870 e Viena, 1872.

(³) Para o que diz respeito à lírica trovadoresca, consulte-se a completíssima bibliografia de Silvio Pellegrini. *Repertorio bibliografico della Prima Lirica Portoghese*. Modena, 1939. Nela se encontrarão mencionadas algumas edições fragmentárias e pouco importantes de textos dos Cancioneiros que não me pareceu necessário apontar nesta bibliografia.

- 3) *Canti antichi portoghesi* tratti dal codice vaticano 4803 con traduzione e note a cura di Ernesto Monaci. Imola, 1873 ⁽¹⁾.
- 4) *Cantos de Ledino* tratti dal grande canzoniere portoghese della Bibliotheca Vaticana per Ernesto Monaci. Halle a. S., 1875.
- 5) *Il Canzoniere Portoghese della Bibliotheca Vaticana*, messo a stampa da Ernesto Monaci con una prefazione con facsimili e con altre illustrazioni. Halle a. S., 1875.
- 6) *Cancioneiro Portuguez da Vaticana*. Edição crítica restituída sobre o texto diplomático de Halle, acompanhada de um glossário e de uma introdução sobre os trovadores e cancioneiros portugueses por Teófilo Braga. Lisboa, 1878.

Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa

(anteriormente denominado Colocci-Brancuti)

- 1) *Il Canzoniere Portoghese Colocci-Brancuti*, publicado nelle parti che completano il Codice Vaticano 4803 da Enrico Molteni. Halle a. S., 1880.
- 2) *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* (antigo Colocci-Brancuti). Leitura, comentários e glossário por Elza Paxeco Machado e José Pedro Machado. Lisboa, s/d. [1949] (continua em publicação na *Revista de Portugal*).

Cancioneiros da Vaticana e da Biblioteca Nacional

- 1) *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses*. Edição crítica acompanhada de introdução, comentário, variantes e glossário por José Joaquim Nunes. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928.
- 2) *Cantigas d'amor dos trovadores galego-portugueses*. Edição crítica acompanhada de introdução, comentário, variantes e

⁽¹⁾ Contém, como o título o indica, além dos textos, traduções dos mesmos em italiano. Encontrar-se-ão outras traduções de poesias dos Cancioneiros nas obras seguintes:

a) em alemão: Wilhelm Storck. *Hundert altportugiesische Lieder. Zum ersten Male deutsch. Paderborn und Münster, 1885; Aus Portugal und Brasilien (1250-1890). Ausgewählte Gedichte verdeutscht. Münster i. w., 1892.*

b) em catalão: Higiní Anglès. *Les «Cántigas» del rei N'Antón el Savi*. In VC, XIV. Barcelona, 1927.

c) em francês: *Chansons d'Ami, traduites du portugais «XII^e-XIV^e siècles» présentées par François Dehoucke*. Bruxelles, 1945.

glossário por J. J. Nunes. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932. (Só abrange as Cantigas d'amor não pertencentes ao Cancioneiro da Ajuda e não incluídas por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos entre as que leu para preencher as lacunas daquele códice).

Cantigas profanas de Afonso, o Sábio

- 1) *Cantigas de amor e de maldizer di Alfonso el Sabio, Re di Castiglia*. Ed. Cesare de Lollis, *Studj di filologia romanza*, II, 1887, pág. 31-36.
- 2) A. G. Solalinde. *Alfonso X, el Sabio*. Madrid, 1922-1925. Reedição: *Antologia de Alfonso X, el Sabio*. Buenos Aires, 1941 e 1943, pg. 69-75. (Glossário geral de 12 páginas: palavras galego-portuguesas em itálico).

Cantigas de D. Dinis

- 1) *Cancioneiro d'El-rei dom Denis zum ersten Mal vollständig herausgegeben...* von Henry R. Lang. Halle a. S., 1892; *Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal. Zum ersten Mal vollständig herausgegeben und mit Einleitung, Anmerkungen und Glossar versehen* von Henry R. Lang. Halle a. S., 1894. (Glossário de 27 páginas).
- 2) S. Pellegrini. *Don Denis*. Belluno, 1927. (Antologia em apêndice).

Cantigas de Afonso Sanches

A. Magne. *Um trovador do período post-dionisiano, don Afonso Sanches*. *Rev. de Filologia e História*, I. Rio, 1931, págs. 58-88.

Cantigas de Payo Gomez Charinho

- 1) A. Cotarelo y Valledor. *Cancioneiro de Payo Gomez Charinho*, almirante e poeta. Madrid, 1934.
- 2) Celso Ferreira da Cunha. *O Cancioneiro de Paay Gomez Charinho, trovador do século XIII*. (Texto policopiado). Rio de Janeiro, 1945.

Cantigas de João Airas de Santiago

Armin Gassner. *Zwanzig lieder des Joan Ayras de Santiago* em *Miscelânea de Estudos em honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos*. Coimbra, 1932, pgs. 385-418.

Cantigas de João Garcia de Guilhade

Oskar Nobiling. *As cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade, trovador do século XIII*. Edição crítica com notas e introdução. Erlangen, 1907. (Glossário de 5 páginas). (Também em *RF*, XXV, 1908, pg. 641-719).

Cantigas de Martin Codax

(Pergaminho que pertenceu a P. Vindel)

- 1) D. L. d'Orvenipe (P. Vindel) *Las siete canciones de la enamorada, poema musical por Martin Codax, juglar del siglo XIII*. Em *Arte Español*, III, 1914-1915, pgs. 27-31.
- 2) Martin Codax. *Las siete canciones de Amor, poema musical del siglo XII*. Publicase... por P. Vindel. Madrid, 1915.
- 3) Eladio Oviedo y Arce. *El genuino Martin Codax*. *BRAG*, X, 1916-1917, pgs. 1-16, 57-73, 89-104, 121-125, 153-162, 233-257.
- 4) A. Bell. *The seven songs of Martin Codax*. Separata de *The Modern Language Review*, XVIII, 1923, pgs. 162-167.
- 5) Ed. J. J. Nunes. *RL*, XXIX, 1931, pgs. 5 e sgs.

Cantigas de Joan Zorro

- 1) A. Bell. *The eleven songs of Joan Zorro*. Separata de *The Modern Language Review*, XV, 1920, pgs. 58-64.
- 2) Celso Ferreira da Cunha. *O Cancioneiro de Joan Zorro*. Rio de Janeiro, 1949. (Glossário de 31 páginas).

Cantigas de Pero Gomez Barroso

D. Pero Gomez Barroso, trovador português do século XIII por J. J. Nunes. *BRAG*, XI, 1919, pgs. 265-268, 321-325, XII, 1920, pgs. 7-10.

Cantigas de Pero Moogo

A. Bell. *The hill songs of Pero Moogo*. Separata de *The Modern Language Review*, XVII, 1922, pags. 258-262.

Gesta de maldizer de D. Afonso Lopes de Baião (C. V. 1.080).

Ed. Jules Horrent, *Revue des langues vivantes*, 1948, pags. 133-141, 193-203.

Tenção entre D. Afonso Sanchez e Vasco Martins

(fol. 25 r da miscelânea Cc-99 da BNM.)

- 1) J. Leite de Vasconcelos. *Tenção entre D. Afonso Sanchez e Vasco Martins*, RL, VII, 1902, pgs. 145-147.

(ms. 419, n.º 72 da colecção Azevedo da BPMP)

- 2) Carolina Michaëlis de Vasconcellos. *Vasco Martins de Resende und D. Afonso Sanchez*, ZRPh, XXIX, 1905, pgs. 683-711.

Lais de Bretanha

(texto do Cancioneiro da Ajuda)

- 1) Carolina Michaëlis de Vasconcellos. *Lais de Bretanha*. RL, VI, 1900-1901, pgs. 1-43.

(cód. lat. 7.182 da Biblioteca Vaticana)

- 2) S. Pellegrini em *Studi su trove e trovatori della prima lirica ispano-portoghese*. Torino, 1937, pgs. 41-54, (anteriormente publicado no ARom, 1928, pgs. 303-317).

Dos tres Cancioneiros

Extractos em:

- 1) Christ. Fr. Bellermann. *Die alten Liederbücher der Portugiesen*. Berlin, 1840, pgs. 55-60.
- 2) Theophilo Braga. *Antologia portuguesa*. Porto, 1876.
- 3) E. Monaci e F. d'Ovidio. *Manualetti d'introduzione agli studi neolatini: II-Portoghese* (e galego). Imola, 1881.
- 4) C. Michaëlis de Vasconcellos. *Randglossen zum altportu-*

- giesischen Liederbuch. ZRPh*, XX, 1896, pgs. 145-218, XXV, 1901, pgs. 158-167, 278-321, 557-560, 669-685; XXVI, 1902, pgs. 56-75, 206-229; XXVII, 1903, pgs. 153-172, 257-277, 414-436, 708-737; XXVIII, 1904, pgs. 385-434; XXIX, 1905, pgs. 683-711 e *Em volta de Sancho II, Lusitânia, II*, 1924, pg. 7 e segs.
- 5) Carolina Michaëlis de Vasconcellos. *As cem melhores poesias (líricas) da língua portuguesa*. London and Glasgow, 1910.
 - 6) Eugenio Lopez Aydillo. *Las mejores poesias gallegas. Recopilación selecta de trescientas composiciones de todos los poetas gallegos (siglos XII al XX)*. Madrid, 1914.
 - 7) Gino Novello. *Antica lirica portoghese*. Roma, 1921.
 - 8) TArc, pgs. 17-24.
 - 9) Aubrey Bell. *The Oxford Book of Portuguese Verse*. Oxford, 1925.
 - 10) Silvio Pellegrini. *Auswahl altportugiesischen Lieder*. Halle-Saale, 1928.
 - 11) H. R. Lang. *Old Portuguese Sea Lyrics. RHi*, LXXVII, 1929, pgs. 187-200.
 - 12) Hellmuth Petricconi-Wilhelm Michels. *Antologia de poesias líricas españolas*. Haale-Saale, 1932.
 - 13) Florilégio, pgs. 1-43.
 - 14) Giulio Bertoni. *Antiche liriche portoghesi*. Modena, 1937.
 - 15) *Antologia de poetas gallegos. El ciclo trovadoresco. La decadencia. Los precursores. El renacimiento. La poesia nueva*. B. Aires, 1939.
 - 16) *Poesia gallega medioeval de los siglos XII al XV*. B. Aires, 1941, pgs. 21-157. (Glossário de 3 páginas).
 - 17) Martin Codax, J. Zorro e P. Gomes Charinho. *Tres poetas medioevales portugueses*. B. Aires, 1942.
 - 18) CArc, pgs. 223-423.
 - 19) *Antologia da Poesia Portuguesa. A Poesia dos Trovadores (séculos XII-XV)*. Selecção e prefácio de Vitorino Nemésio. Lisboa 1950.

II) Poesia religiosa

Cantiga de Fernando III

(folha dos Comentários sobre o Apocalipse do Beato de Liébana, na B. Universitária de Valladolid)

E. López Aydillo e S. Rivera Manescau. *Fernando III, poeta gallego-português. Una cantiga desconocida del Rey Santo*. Separata da *Revista Histórica*, 1918. (Glossário de 3 páginas).

Afonso X, o Sábio. Cantigas de Santa Maria.

(códices J. b. 2 e T. j. I da Biblioteca do Escorial e 10.069 da BNM).

Cantigas de Santa Maria de don Alfonso el Sabio. Las publica la Real Academia Española (ed. Marques de Valmar). Madrid, 1889. (Glossário de 188 páginas).

Extractos em:

- 1) Antonio G. Solalinde. *Alfonso X, el Sabio*. Madrid, 1922-1925. Reedição: *Antologia de Alfonso X el Sabio*. B. Aires. 1941 e 1943, pgs. 21 a 69.
- 2) Augusto Magne. *Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio*. *Revista de Língua Portuguesa*, n.º 44, 1926, pgs. 55-110.
- 3) Afonso X, o Sábio. *Cantigas de Santa Maria*, editadas por Rodrigues Lapa. Lisboa, 1933. (Glossário de 7 páginas). Glossário de 10 páginas em: Rudolf Rübencamp. *A linguagem das Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio*. *BF*. I, pgs. 273-356, II, pgs. 141-152.

Poesia em louvor da virgem

(cód. alcob. CCLXXIV-a da BNL)

213

Ed. José Leite de Vasconcelos. *TArc*, pgs. 96-98.

Séculos XIV-XV

Cancioneiro galego-castelhano

- 1) *El Cancionero de Juan Alfonso de Baena (Siglo XV)* ahora por primera vez dado a luz con notas y comentarios. Madrid, 1851. (Inclui poemas em galego-português).
- 2) Henry R. Lang. *Cancionero gallego-castellano*. New York, 1902.

Extractos em:

- 1) *Poesia gallega medioeval de los siglos XII al XV*. Buenos Aires, 1941, pgs. 158 e sgs. (Glossário de 3 páginas).
- 2) *CArc*, pgs. 435-459.
- 3) *Antologia da Poesia Portuguesa. A Poesia dos Trovadores (séculos XII-XV)*. Selecção e prefácio de Vitorino Nemésio. Lisboa, 1950.

Cantigas de Macias, o Namorado

- 1) *Macias, o Namorado. A galician trovador*, by H. A. Rennert. Philadelphia, 1900. (Tradução castelhana: *Macias, o Namorado. Un trovador gallego*. Estudio escrito en inglés por H. A. R. traducido por José Carré Alvarellos. La Coruña, 1904).
- 2) *Macias, o Namorado. Cantigas*. Notícia por J. Rodriguez del Padrón. Fragmento de un estudio sobre Macias realizado por H. A. Rennert. Buenos Aires, 1941.

*Século XV**Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*

- 1) *Cancioneiro geral...* começou em almeayrym e acabou na muyto nobre e sempre leall cidade de Lisboa. Per Hermã de Câpos bôbardeyro delrey nosso senhor e empremidor, 1516.
- 2) *Cancioneiro Geral. Altportugiesische Liedersammlung des edeln Garcia de Resende*. Neu herausgegeben von Dr. E. H. von Kaussler. Stuttgart, 1846-1852.
- 3) Ed. facsimilada, por A. H. Huntington. New York, 1904.
- 4) Ed. A. J. Gonçalves Guimarães. Coimbra, 1910-1917.

Extractos em:

- 1) Bellermann. *Die alten Liederbücher der Portugiesen*. Berlin, 1840, pgs. 65-82.
- 2) *TArc*, pgs. 90-94.
- 3) *Florilégio*, pgs. 133-140.
- 4) *CArc*, pgs. 463-517.

O arcipreste de fisa (Libro del buen amor)

(dentro do ms. 785 da BPMP)

- 1) Ed. Teófilo Braga em *Questões de Literatura e Arte Portuguesa*. Lisboa, 1881, pgs. 128-136.
- 2) Ed. Solalinde em *RFE*, I, 1914, pgs. 162-172.

POÉTICA

Poética (Arte de trovar)

(Cancioneiro da Biblioteca Nacional)

- 1) Teófilo Braga. *Fragmento de uma Poética Provençal do século XIV*. in *Era Nova*, 1881, pgs. 414-420.
- 2) Ernesto Monaci. *Il trattato di Poetica Portoghese, esistente nel Canzoniere Colocci-Brancuti*. In *Memoria di Napoleone Caix e Ugo Angelo Canello. Miscelânea de Filologia e linguística*. Firenze, 1886, pgs. 417-423.
- 3) V. edições do Cancioneiro, de Molteni e de Elza Paxeco Machado e José Pedro Machado.

Extractos em:

TArc, pgs. 34-35.

NOVELÍSTICA

Demanda do Santo Graal

(ms. 2.594 da Biblioteca de Viena)

- 1) *A história dos cavaleiros da Mesa Redonda e da demanda do Santo Graal*. Handschrift n.º 2.594. K. K. Hofbibliothek zu Wien zum ersten Male veröffentlicht von Karl von Reinhardtstoettner. Erster Band. Berlin 1887. (Edição incompleta: fols. 1 a 70 do ms.).
- 2) *Demanda do Santo Graal* (Ed. Augusto Magne). Rio de Janeiro, 1944. (2 vols. de texto e um de Glossário de 416 páginas).

Extractos em:

- 1) Ed. Otto Klob. *RL*, VI, 1900-1901, pgs. 332-346.

- 2) Ed. F. Wolf. *Denkschriften der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften. Philosophisch-Historische Classe*. Wien, 1865.
- 3) *TArc*, pgs. 43-44.
- 4) *Florilégio*, pgs. 81-82.
- 5) *CArc*, pgs. 104-108.

Livro de Josep ab Arimathia

(ms. 643 da Livraria do ANTT)

Extractos em:

- 1) Ed. J. J. Nunes, *Textos Antigos Portugueses*, (5) *RL*, XI, 1908, pgs. 223-237.
- 2) *CArc*, pgs. 108-115.

História de Vespasiano

- 1) *Historia do muy nobre Vespesiano emperador de Roma* (imp. por Valentino da Morávia). Lisboa, 1496.
- 2) reedição de F. M. Esteves Pereira. Lisboa, 1905.

Extractos em:

- 1) *TArc*, pgs. 94-96.
- 2) *Florilégio*, pgs. 115-119.
- 3) *CArc*, pgs. 158-164.

Lançarote

M. Serrano y Sanz. *Fragmento de una versión galaico-portuguesa de Lanzarote del Lago*. *BAE*, XV, 1928, pgs. 307-314.

Cronica Troyana

(cód. 10.233 da BNM)

- 1) *Cronica Troyana, codice gallego del siglo XIV*. (E. André Martinez Salazar). Coruña, 1900. (2 vols.; Glossário de 48 pgs. e vocabulário de nomes próprios de 11 pgs.).

(5) Os *Textos antigos portugueses* publicados por J. J. Nunes na *RL* são acompanhados de um glossário parcial de 12 páginas (t. XVI, 1923, pág. 1 e segs.). respeitante aos fragmentos publicados nos volumes IX, X, XI, e XV.

Extractos em:

- 1) *Estoria Troyãa acabada era de mill et quatroçentos et onze annos* (1373) (ed. J. Cornu) in *Miscelânea Ascoli*, Turim, 1901, pgs. 95-128.
- 2) *CArc*, pgs. 115-124.

A vida e feitos de Júlio Cesar

(ms. Q-I-17 da Biblioteca do Escorial)

Ed. Rodrigues Lapa e Jean Baptiste Aquarone, *BF*, II, 1933, pgs. 207-223, 315-328 e III, 1934, pgs. 350-366. (texto incompleto: fols. 1 a 50 do ms.).

LITERATURA RELIGIOSA, CRÓNICAS E REGRAS MONÁSTICAS

Actos dos Apóstolos(cód. alcob. CCLXXXII da BNL)

280

O segundo livro que fala de todo o feito e de todas as vidas e das paixões dos apóstolos. Ed. dos primeiros 28 capítulos em Fr. Fortunato de S. Boaventura, *Colecção de Inéditos Portugueses dos séculos XIV e XV*, I. Coimbra 1829, pgs. 15-128. (Glossário de 18 páginas de todos os textos publicados no tomo I).

Álvares (Fr. João). Imitação de Cristo (versão portuguesa).

Ed. Magalhães Basto, *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, XVII, n.^{os} 65 a 70.

Amaro (Conto de)(no cód. alcob. CCLXVI do ANTT)

Ed. Otto Klob, *Romania*, XXX, 1901, pgs. 504-518.

Extractos em:

CArc, pgs. 61-64.

Barlaam e Josaphat (Lenda de)(no cód. alcob. CCLXVI do ANTT)

- 1) *A Lenda dos Santos Barlaam e Josaphat*. Ed. Vasconcellos Abreu e A. R. Gonçalves Vianna. Em *Hist. e Mem. da Ac. Real das Sc.*, VII, pt. 2, mem. I, Lisboa, 1898 (A contribuição de G. Viana para a edição — comentário linguístico — não chegou a aparecer).
- 2) *A Portuguese Version of the life of Barlaam and Josaphat*. Paleographical edition and linguistic study by Richard D. Abraham, Philadelphia, 1938. (Glossário de 10 páginas).

Boosco Deleitoso

Boosco delleytoso; com privilegio del Rey nosso señor. Imp. por Hermã de Campos. Lisboa, 1515.

Extractos em:

- 1) *CArc*, pgs. 215-219.
- 2) *TArc*, pgs. 63-67.

Castelo Perigoso(cód. alcob. CCLXXVI da BNL; também conservado no

199

cód. CCLXXV).

214

Ed. Augusto Magne em *Revista Filológica*, IV, n.º 15, 1942, pgs. 183-202, e V, n.º 18, 1942, pgs. 81-87 e *Verbum*, II, n.º 1, 1945, pg. 116 e segs. e tomos seguintes.

Extractos em:

- 1) *TArc*, pgs. 46-51.
- 2) *Florilégio*, pgs. 80-81.
- 3) *CArc*, pgs. 134-136.

Catecismo da Doutrina Cristã(no cód. alcob. CCXLIV da BNL)

211

Em Fr. Fortunato de S. Boaventura. *Inéditos*, I, pgs. 129-153.

Cativo Monge Confesso (Vida do)

(no cód. alcob. XXXVI da BNL)

181

Ed. Abílio Roseira, *BF*, I, 1932, pgs. 40-52, 125-162, III, 1934, pgs. 54-58 e como separata. Lisboa, 1935. (Glossário de 10 páginas).

Extractos em:

- 1) *Florilégio*, pgs. 70-75.

Claro (Fr. João). Obras

(no cód. alcob. CCLXVII da BNL)

72

- 1) Em Fr. Fortunato de S. Boaventura. *História Chronológica e Crítica da Real Abadia de Alcobaça*, Lisboa, 1827, pgs. 185-188.
- 2) Em Fr. Fortunato de S. Boaventura. *Inéditos*, I, pgs. 173, 208, 218, 222, 235, 242.

Corte Imperial

(ms. da *BPMP*)

O Livro da Corte Imperial. Edição J. Pereira de Sampaio (Bruno). Porto, 1910.

Extractos em:

- 1) *TArc*, pgs. 59-62.
- 2) *Florilégio*, pgs. 106-108.
- 3) *CArc*, pgs. 136-143.

Crónica da Fundação do Mosteiro de S. Vicente de Lisboa.

- 1) *Crónica da fundação do mosteiro de São Vicente de Lisboa pello invictissimo e christianissimo D. Afonso Henriques*. Coimbra, 1538.

(ms. do *ANTT*)

- 2) *PMH*, Scriptores, I. Lisboa, 1856, pgs. 407 e segs.

Extractos em:

- 1) *TArc*, pgs. 68-70.
- 2) *Florilégio*, pgs. 102-104.
- 3) *CArc*, pgs. 143-147.

Crónica da Ordem dos Frades Menores

(ms. 94 da BNL)

Ed. J. J. Nunes. Coimbra, 1918. (Glossário de 82 páginas e índice onomástico de 29 páginas).

Extractos em:

- 1) *Santo António de Lisboa (Cousas notáveis e milagres de)*.
Ed. J. J. Nunes, *Textos antigos portugueses*, RL, XV, 1912.
pgs. 177-235.
- 2) Ed. Esteves Pereira, RL, VII, 1902, pgs. 189-198.
- 3) *TArc*, pgs. 62-63.
- 4) *Florilégio*, pgs. 93-95.
- 5) *CArc*, pgs. 124-127.

Dez Mandamentos

(no cód. alcob. CCLXVI do ANTT)

Em: Fr. Fortunato de S. Boaventura, *Inéditos*, I, pgs. 154-156.

Diálogo sobre a confissão e outros pontos da doutrina cristã

(no cód. alcob. CCXCI da BNL)

200

Palaeographical edition and study of the language of a portion of codex alcobacensis 200 by Henry H. Carter. Philadelphia, 1938. (Glossário de 22 páginas).

Duque Antiocho (Vida do)

(no cód. alcob. CCLXX do ANTT)

771

Ed. J. J. Nunes. *Textos antigos portugueses*, RL, XIX, 1916, pgs. 63-75.

Extractos em:

Florilégio, pgs. 54-56.

Evangelhos e Epístolas

Evangelhos e epístolas com suas exposições em romãce. Imp. Rodrigo Álvares. Porto, 1947.

Flos Sanctorum

Ho Flos Sanctorum em lingoage português. Lisboa, 1513.

Extractos desta edição em:

- 1) *Vida de Santa Maria Egípciaca*. Ed. J. J. Nunes, *Textos antigos portugueses*, RL, XX, 1917, pgs. 203-205.
- 2) *Florilégio*, pgs. 128-132.
- 3) *CArc*, pgs. 211-215.

(ms. do Arquivo Municipal de Santiago de Compostela)

- 1) *Um códice português da Legenda aurea (Fragmento de uma versão inédita do século XV)*. Ed. Antunes Vieira. Lisboa 1916.
- 2) *Códice en gallego de la Legenda aurea o Flos Sanctorum*. Ed. Fr. Atanasio Lopez em *BRAG*, f. IX, (1916), pgs. 97-107, 121-132 e 145-147.

Histórias de Abreviado Testamento Velho

(cód. alcob. CCCXLIX, perdido)

Em Fr. Fortunato de S. Boaventura. *Inéditos*, II e III. Coimbra, 1829. (Glossário de 17 páginas).

Extractos em:

- 1) *Florilégio*, pgs. 58-69.
- 2) *CArc*, pgs. 69-71.

Invocação a Nossa Senhora sobre o hymno Ave Maris Stella

(cód. alcob. CDLXXV, perdido)

Em Fr. Fortunato de S. Boaventura. *Inéditos*, I, pgs. 1-13.

Livro chamado stimulo de amor divino. Tirado do que fez Sam Boavêtura. Lisboa, 1550. (v. BSC, IV, 1911, pgs. 440 e 447).

Livro y legenda que fala de todos los feytos y payxões dos sãtos martires en lingoagem portugues cõ a paixõ de nosso senhor assi como ha escreverõ os sanctos quatro euangelistas. Lisboa, 1513.

Orto do Esposo

(no cód. alcob. CCLXXIII da BNL; conserva-se também no

198

cód. CCLXXII)

89

Extractos em:

- 1) *Contos tradicionais do povo português*. Ed. Teófilo Braga. II. Lisboa, 1915, pgs. 38-59.
- 2) *Florilégio*, pgs. 52-54.
- 3) *CArc*, pgs. 82-87.

Regimento dos sacristães-mores do mosteiro de Alcobaça

(cód. alcob. CLI da BNL)

64

Extractos em:

Ed. Gabriel Pereira. BSC, V, 1911, pgs. 329-335.

Regra de S. Bento

a) cód. alcob. CCC da BNL

231

- 1) *Em John M. Burnam, An Old Portuguese version of the Rule of Benedict*. Cincinnati, 1911 (University of Cincinnati Studies. Vol. VII).

b) cód. alcob. CCCXXVIII da BNL

44

- 2) Ed. J. J. Nunes, *Textos antigos portugueses*, RL, XXI, 1918, pgs. 89-145.

- c) cód. alcob. CCCXXIX e CCC da BNL e variantes do cód. 32
14 231

de Lorrão do *ANTT*

- 3) J. J. Nunes. *Evolução da Língua Portuguesa exemplificada em duas lições principalmente da mesma versão da regra de S. Bento e ainda nos fragmentos da mais antiga que se conhece*. (Separata do *BSC*, XIV, XV, e XVI). (Glossário de 42 páginas).

Extractos:

a) do cód. alcob. CCCXXIX
14

- 1) Em Fr. Fortunato de S. Boaventura. *Inéditos*, I, pgs. 243-291.

b) do cód. alcob. CCC
231

- 2) *Florilégio*, pgs. 96-97.

Regra de S. Bernardo

(no cód. alcob. CCXCI da BNL)
200

Paleographical edition of an old Portuguese version of the rule of Saint Bernard by Henry Hare Carter, *PMLA*, LV, 1940, n.º 2. pgs. 360-395. (Glossário de uma página).

Regra e perfeçam da conversaçom dos monges... (Da)

Coimbra. Germão Galharde, 1531.

Santa Eufrosina (Vida de)

(no cód. alcob. CCLXVI do *ANTT*)

Ed. J. Cornu. *Romania*, XI, 1882, pgs. 357-390.

Santa Isabel, rainha de Portugal (Relaçam da vida da gloriosa)

- 1) *Monarchia Lusitana*, parte VI, apêndice. (Ed. Fr. Francisco Brandão).

- 2) Ed. J. J. Nunes. *BSC*, XIII, 1924, pgs. 1.293-1.384.

Extractos em:

- 1) *Florilégio*, pgs. 48-50.
- 2) *CArc*, pgs. 42-44.

Santa Maria Egípcíaca (Vida de)

a) cód. alcob. CCLXVI do *ANTT*

- 1) Ed. J. Cornu. *Romania*, XI, 1882, pgs. 357-390.
- 2) *A Egípcíaca Santa Maria, poema de Sá de Miranda*, ed. Teófilo Braga. Porto, 1913.

b) no cód. alcob. CCLXX

771

- 3) Ed. J. J. Nunes, *Textos Antigos Portugueses, RL*, XX, 1917, pgs. 183-203.

c) no *Flos Sanctorum*, ed. 1513.

- 4) Ed. J. J. Nunes, *Textos Antigos Portugueses, RL*, XX, 1917, pgs. 203-205. (V. *Flos Sanctorum*).

Santa Pelágia (Vida de)

(no cód. alcob. CCLXVI do *ANTT*)

Ed. J. J. Nunes. *Textos antigos portugueses, RL*, X, 1908, pgs. 117-190.

Extractos em:

CArc, pgs. 92-97.

Santa Tarsis ou Tais (Vida de)

(cód. alcob. CCLXVI do *ANTT*)

Ed. J. J. Nunes, *Textos antigos portugueses, RL*, XI, 1908, pgs. 211-212.

Santiago (Miragres de)

(ms. 7.455 da *BNM*)

Ed. Lopez Aydillo. *Os Mirágres de Santiago. Versión gallega del Códice latino del siglo XII atribuido al papa Calisto II*. Edición y Estudio Crítico. Valladolid, 1918. (Glossário de 26 páginas).

Santo Aleixo (Vida de)

(no cód. alcob. XXXVI da BNL; e variantes do cód. alcob.
181

CCLXVI do ANTT)

Extractos em:

1) Ed. Esteves Pereira, *RL*, I, 1887, pgs. 332-339.

2) *Florilégio*, pgs. 76-79.

Santo Atanásio (O símbolo de)

(no cód. alcob. CCLXVI do ANTT)

Em Fr. Fortunato de S. Boaventura. *Inéditos*, I, pgs. 166-168.

Santo Eloy (Lenda de)

(ms. 746 da Colecção Pombalina da BNL)

Ed. A. Hincker. *O Instituto*, XLVI, 1899, pgs. 1.072-1.078, 1.140-1.149; XLVII, 1900, pgs. 118-123, 182-189, 246-251, 308-318, 632-637; XLVIII, 1901, pgs. 470-479. (Glossário só até à letra C)

Santo Isidoro. Tratado do ajuntamento dos bons ditos e palavras
(no cód. alcob. CCLXX do ANTT)

1) Em Fr. Fortunato de S. Boaventura. *Commentariorum de Alcobacensi Mstorum Bibliotheca Libri Tres*. Coimbra, 1827, pgs. 379-391.

771

2) Ed. Pedro de Azevedo. *Duas traduções portuguesas do século XIV*, *RL*, XVI, 1913, pgs. 101-108.

Santos Padres de Mérida (Vida dos)

(ms. da biblioteca do dr. Jorge de Faria)

Extractos em:

Ed. J. J. Nunes, *Textos antigos portugueses*, *RL*, XXV, 1925, pgs. 234-240.

São Bernardo (Contemplação de)(no cód. alcob. CCLXVI do *ANTT*)

Ed. José Pedro Machado, *BF*, VI, 1939, pgs. 97-157. (Glossário de 23 páginas).

São Gregório Magno (Os quatro livros dos Diálogos de)

a) ms. da biblioteca do dr. Jorge de Faria.

Extractos em:

Ed. J. J. Nunes. *Textos antigos portugueses*, *RL*, XXV, 1923-1925, pgs. 240-250. (Glossário de 77 páginas do códice completo em: J. J. Nunes. *Contribuição para um dicionário arcaico*. *RL*, XXVII, 1928-1929, pgs. 5 e segs).

b) cód. alcob. XXXVII da BNL; há outra versão no cód. XXXVI
182 181

Extractos em:

TArc, pgs. 45-46.

São Jerónimo (Morte de)(no cód. alcob. CCLXVI do *ANTT*)

X Ed. J. J. Nunes. *Textos antigos portugueses*, *RL*, XI, 1908. pgs. 214-222.

São Nicolau de Myra (Vida de)(capa de caderno de despesas da Ordem de Santiago no *ANTT*)

XX Ed. Pedro de Azevedo em *Bausteine zur rom. Philologie. festgabe für A. Mussafia*. Halle a. S. 1905.

Extractos em:

CArc, pgs. 79-82.

Tratado de Devoção(no cód. alcob. CCLXVI do *ANTT*)

X Ed. J. Cornu. *Romania*, XI, 1882, pgs. 381-390.

Tratado de Teologia

(capa do Livro da Receita e despesa do Thesoureiro do Santo Ofício do anno que começa de Janeiro de 1563 em diante. Papéis da Inquisição de Lisboa no *ANTT*)

Ed. Pedro de Azevedo. *RL*, XIX, 1916, pgs. 36-39.

Tratado theológico em que se prova a verdade da religião de Jesu Christo, a falsidade da lei dos judeus e a vinda do Messias.
(ms. 47 da colecção dos ms. iluminados da *BNL*)

Ed. Gabriel Pereira, *BSC*, V, 1911, pgs. 319-328.

Vida de D. Tello e notícia da fundação do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra

(cód. 79 da *BPMP*)

PMH, *Scriptores*, I, Lisboa, 1856, pgs. 75 e segs.

Extractos em:

- 1) *CArc*, pgs. 148-150.
- 2) *Fontes medievais da História de Portugal*. Selecção, prefácio e notas de A. Pimenta. I. Lisboa, 1948, pgs. 78-83.

Vida de um Monje

(no cód. alcob. *CCLXX* do *ANTT*)

771

Ed. J. J. Nunes. *Textos Antigos Portugueses*, *RL*, XIX, 1916, pgs. 73-75.

Extractos em:

CArc, pgs. 87-92.

Virgeu de Consolação

(cód. alcob. *CCXLIV* da *BNL*)

211

Extractos em:

CArc, pgs. 130-134.

*Visão de Túndalo*a) no cód. alcob. CCXLIV da BNL

211

Ed. F. M. Esteves Pereira. *RL*, III, 1895, pgs. 97-120.b) no cód. alcob. CCLXVI do *ANTT* (outra versão).Ed. J. J. Nunes. *Textos antigos portugueses*, *RL*, VIII, 1903-1905, pgs. 239-262. (Glossário de duas páginas).

Extractos em:

CArc, pgs. 65-68.*Vita Christi**Primeira, segunda e quarta partes da Vida de Cristo, por Ludolfo da Saxónia* (imp. por Nicolau da Saxónia e Valentim Fernandes). Lisboa, 1495.

Extractos em:

1) *Florilégio*, pgs. 113-115.2) *CArc*, pgs. 179-182.*Sacramental**Sacramental*. Lisboa, 1502.

Extractos em:

CArc, pgs. 210-211.

HISTÓRIA

Crónica breve do Arquivo Nacional(IV Livro das Inquirições de D. Afonso III do *ANTT*)1) *PMH*, *Scriptores*, I. Lisboa, 1856, pgs. 22-23.2) *Fontes medievais da História de Portugal*. Selecção, prefácio e notas de A. Pimenta. I. Lisboa, 1948. pgs. 48-54.

Extractos em:

- 1) *TArc*, pgs. 67-68.
- 2) *Florilégio*, pgs. 99-102.
- 3) *CArc*, pgs. 37-40.

Crónicas Breves e Memórias avulsas de Santa Cruz de Coimbra
(cód. 79 da *BPMP*)

PMH, *Scriptores*, I, pgs. 23-32.

Extractos em:

- 1) *CArc*, pgs. 151-155.
- 2) *Fontes medievais da História de Portugal*, pgs. 55-77.

Livros das Linhagens

I) *Primeiro Livro das Linhagens* (II dos *PMH*) ^(*).
(ms. perdido)

- 1) A. Caetano de Sousa. *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, tomo I, Livros I e II, nova edição, Coimbra, 1946, pgs. 247-267.
- 2) *PMH*, *Scriptores*, I, pgs. 175-183.
- 3) *Livro Velho 2*, Lisboa, 1937.

II) *Livro Velho* (I dos *PMH*).
(ms. perdido)

- 1) Sousa. *Provas da História Genealógica*, I, pgs. 178-247.
- 2) *PMH*, *Scriptores*, I, pgs. 143-175.
- 3) *Livro Velho I*, Lisboa, 1937.

III) *Livro das Linhagens do Conde D. Pedro*.

a) Manuscrito do Cancioneiro da Ajuda.
PMH, *Scriptores*, I, pgs. 184-229. (Nobiliário III).

(*) Chamo ao Livro II dos *PMH*, *Primeiro Livro das Linhagens* atendendo à cronologia na elaboração dos nobiliários. V. Costa Veiga, *Os nossos nobiliários medievais*. Separata de *Anais das Bibliotecas e Arquivos*. Lisboa, 1943.

Extractos em:

CArc, pgs. 45-60.

b) cód. do ANTT.

PMH, *Scriptores*, pgs. 230-390 (Nobiliário IV).

Extractos em:

- 1) Teófilo Braga. *Contos tradicionais do povo português*, II, Lisboa, 1915, pgs. 31-35.
- 2) TArc, pgs. 40-43.
- 3) *Boletim da Academia das Ciências*, III, 1931, pgs. 360-378.

Crónica da Conquista do Algarve

(ms. na Câmara Municipal de Tavira)

- 1) ed. Fr. Joaquim de Santo Agostinho. *Memórias de Literatura da ACL*. I, 1792, pgs. 74-97.
- 2) PMH, *Scriptores*, I, pgs. 415-420.

Extractos em:

- 1) CArc, pgs. 40-42.
- 2) *Fontes medievais da História de Portugal*, pgs. 187-189.

Livro da Noa de Santa Cruz de Coimbra

(ms. 43 da Livraria do ANTT)

- 1) Sousa. *Provas da História Genealógica*. tomo I, livro III, Coimbra, 1946, pgs. 47-66.

Extractos em:

CArc, pgs. 155-158.

General Estoria de Afonso X

(fragmentos de uma versão portuguesa)

ed. Mário Martins. *Fragmentos medievais portugueses*, em *Bro-téria*, L, fasc. 4 (Abril 1950).

Crónica Geral de Espanha de 1344

a) ms. 1 da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa.

Extractos em:

- 1) G. Cirot. *Appendices à la Chronique latine des Rois de Castille jusqu'en 1236*. BHi, XIX, 1927, pgs. 100 e segs.
- 2) Ed. J. J. Nunes, *Textos Antigos Portugueses*, RL, XXII, 1919, pgs. 138-169.
- 3) TArc, pgs. 52-58.
- 4) *Florilégio*, pgs. 88-93.
- 5) CArc, pgs. 97-104.
- 6) *Crónica de Cinco Reis de Portugal*. Edição diplomática e prólogo de A. de Magalhães Basto, I, Porto, 1945, pgs. 337-341.

b) ms. da Biblioteca Nacional de Paris, port. 4.

História Geral de Espanha composta em castelhano por Elrey de Leão e Castella D. Affonso, o Sábio, trasladada em português por Elrey D. Diniz ou por seu mandado. (ed. António Nunes de Carvalho). Coimbra, 1863. (Ed. incompleta: até ao cap.^o CCII).

Extractos em:

- 1) G. Cirot. *L'histoire de la Cava dans la Chronique attribuée à Rasis*. BHi, XXI, 1919, pgs. 297 e segs.; *Fernan Gonzalez dans la Chronique Léonaise*, II, BHi, XXIII, 1921, pgs. 77 segs.; *Alphonse le Noble et la Juive de Tolède*, BHi, XXIV, 1922, pgs. 289-306.; *Sur le manuscrit portugais de la Chronique Générale Port. 4 de la Bibliothèque Nationale de Paris*, BHi, XXIX, 1927, pgs. 199 e segs.; *L'histoire du comte Fernan Gonzalez dans le manuscrit portugais de Paris*, BHi, XXXII, 1930, pgs. 16 e segs.
- 2) *Crónica de Cinco Reis de Portugal*, edição diplomática e prólogo de A. de Magalhães Basto, I, Porto, 1945, pgs. 343 (como variante, transcreve um trecho quase completo).

Fernão Lopes

a) *Crónica de D. Pedro*

- 1) *Chronica delrei D. Pedro de Portugal, cognominado o Justiceiro*, na forma em que a escreveu Fernão Lopes, primeiro chronista mór copiada fielmente do seu original e acrescentada de novo pelo P.^o Joseph Pereira Bayão. Lisboa, 1735; 2.^a edição, Lisboa, 1760.
- 2) in *Collecção de livros inéditos de História Portuguesa dos reinados de D. Diniz, D. Affonso IV, D. Pedro I e D. Fernando*. Academia das Ciências de Lisboa, IV, 1816. Reedição: Lisboa, 1925.
- 3) *Crónica de El-Rei D. Pedro*. Lisboa, 1895. (Biblioteca dos Clássicos Portuguezes).
- 4) *Crónica de D. Pedro I*. Ed. Damião Peres. Barcelos, 1932.

Extractos em:

- 1) *Antologia Portuguesa*, organizada por Agostinho de Campos: *Fernão Lopes I*, Lisboa, 1921.
- 2) *CArc*, pgs. 183-188.

b) *Crónica de D. Fernando*

- 1) in *Collecção de Livros Inéditos da História Portuguesa*, IV. Lisboa, 1816. Reedição: Lisboa, 1925.
- 2) *Chronica de El-Rei D. Fernando*. Lisboa, vol. I, 1895; vol. II, 1896; vol. III, 1896 (Biblioteca de Clássicos Portuguezes).
- 3) *Crónica de D. Fernando*. Ed. Damião Peres. Barcelos, I, 1933; II, 1935.

Extractos em:

- 1) *Antologia Portuguesa*, organizada por Agostinho de Campos: *Fernão Lopes I*, Lisboa, 1921.
- 2) *CArc*, pgs. 189-193.

c) *Crónica de D. João I*

- 1) *Chronica del Rey D. Ioam de Boa Memoria e dos reys de Portugal o decimo*. Em que se contem a defensam do Reyno até ser eleito Rey ... Composta por Fernam Lopez. Anno 1644. À custa de Antonio Alvarez.

- 2) *Chronica de D. João I.* vol. I e II, Lisboa, 1897-1898.
(Biblioteca dos Classicos Portuguezes).
(ms. 352 do *ANTT*)
- 3) *Primeira parte da cronica ...* (Edição do *Arquivo Histórico Português* com introdução de A. Braamcamp Freire). Lisboa, 1915.
- 4) *Crónica de D. João I.* (1.^a parte). Ed. pref. por António Sérgio. Porto, 1946.
(ms. 103 da *BPE*)
I-10
- 5) *Crónica de D. João I.* (2.^a parte). Porto, 1949.

Extractos em:

- 1) *Antologia Portuguesa*, organizada por Agostinho de Campos: *Fernão Lopes, II e III*. Primeira parte da *Crónica de D. João I.* Lisboa, 1922.
- 2) *TArc*, pgs. 76-81.
- 3) *Florilégio*, pgs. 123-126.
- 4) *CArc*, pgs. 194-198.

Crónica de Cinco Reis de Portugal
(cód. 886 da *BPMP*)

Edição diplomática e prólogo de A. de Magalhães Basto, vol. I.
Porto, 1945.

Cronica do condestabre de portugal Nuno alvarez Pereyra

- 1) Lisboa, Germão Galharde, 1526.
- 2) Lisboa, Germão Galharde, 1554.
- 3) Lisboa, António Álvarez, 1623.
- 4) Porto, 1848.
- 5) Ed. Mendes dos Remédios. Coimbra, 1911. (Glossário de 18 páginas).

Extractos em:

- 1) *TArc*, pgs. 81-83.
- 2) *Florilégio*, pgs. 122-123.
- 3) *CArc*, pgs. 199-201

*Fr. João Álvares**Crónica do Infante Santo*

- 1) *Cronica do Sancto e virtuoso Iffante dom Fernando filho delRey dô Johã primeyro deste nome, que se finou em terra de mouros*. Lisboa, Germão Galharde, 1527 (Não se conhece hoje nenhum exemplar desta edição).
- 2) Imp. por António Ribeiro. Lisboa, 1577.
- 3) Imp. por Miguel Rodrigues. Lisboa, 1730.

(ms. 8.120 da *BNM*)

- 4) *Chronica do Infante Santo D. Fernando*. ed. Mendes dos Remédios. Coimbra, 1911. (Glossário de 13 páginas).

Extractos em:

- 1) *Florilégio*, pgs. 119-122.
- 2) *CArc*, pgs. 201-206.

Gomes Eanes de Zurara

a) *Crónica da Tomada de Ceuta* (3.^a Parte da *Crónica de D. João I*).

- 1) Imp. por António Álvares. Lisboa, 1644.
- 2) *Chronica de D. João I*. Parte 3.^a, vol. I, II e III. Lisboa, 1899-1900 (Biblioteca dos Clássicos Portuguezes).

(ms. 355 e 368 do *ANTT*)

- 3) *Crónica da Tomada de Ceuta* ... publicada por ordem da Academia das Ciências por Francisco Maria Esteves Pereira. Lisboa, 1916.

Extractos em:

- 1) *Florilégio*, pgs. 127-128.
- 2) *CArc*, pgs. 206-209.

b) *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*.

Em *Collecção de Livros inéditos de História Portuguesa*, II, Lisboa, 1792.

c) *Crónica dos feitos de D. Duarte de Meneses*.

Em *Collecção de Livros inéditos de História Portuguesa*, III, Lisboa, 1793.

d) *Crónica do descobrimento e da conquista da Guiné*.

- 1) *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné...* dada pela primeira vez à luz por diligência do Visconde da Carreira precedida de uma introdução e illustrada com algumas notas pelo Visconde de Santarém. Pariz, MDCCCXLI. (Glossário de 10 páginas).
- 2) Ed. por José de Bragança, Porto, 1937. (Glossário de 26 páginas).
- 3) *Crónica dos Feitos de Guiné*. Volume II — Texto. Ed. A. Dias Dinis. (Agência Geral das Colónias). Lisboa, 1949. (Glossário de 18 páginas).

Extractos em:

- 1) *T Arc*, pgs. 83-86.

Vasco Fernandes de Lucena

Prologo que fez o Doutor Vasco Fernandes de Lucena à Oração que trasladou, do Deão de Virge, Embaixador do Duque Filippe de Borgonha, à morte do Infante D. Pedro, em Sousa, Provas da História Genealógica. Lisboa, 1746, VI, pgs. 364-388.

VIAGENS; EPISTOLAS

Diário da jornada que o Conde de Ourém fez ao concílio de Basilea

Em Sousa. *Provas da História Genealógica*, V. Lisboa, 1746, pgs. 573-630.

Livro de Marco Paulo

- 1) *Marco Paulo. Ho liuro de Nycolau veneto. O trallado da carta de huu genoues das ditas terras*. Lisboa, 1502.

- 2) Reed. Esteves Pereira, (Biblioteca Nacional de Lisboa). Lisboa, 1922.

Extractos em:

TArc, pgs. 86.

Almeida (*Lopo de*), *Cartas de Itália*

- 1) Em Sousa. *Provas da História Genealógica*, I, livro III. Coimbra, 1946, pgs. 370-384.
- 2) *Revista de História*, VIII, Lisboa, 1919, pgs. 293-302.
- 3) Editadas por Rodrigues Lapa (Centro de Estudos Filológicos). Lisboa, 1935. (Glossário de 8 páginas).

Álvares (*Fr. João*), *Cartas*

Ed. João Pedro Ribeiro. *Dissertações Chronológicas e Críticas*. Lisboa.

Sousa (*Pedro de*)

Carta de ... Senhor de Prado que escreveo ao Duque de Bragança D. Jayme que lhe havia perguntado pela jornada do marquez de Valença quando conduzio a Emperatriz D. Leonor a Itália e a entregou ao Emperador Federico III. Em Sousa. *Provas da História Genealógica*, I, livro, III. Coimbra, 1946, pgs. 385-389.

PROSA MORALISTICA

D. Duarte

a) *Leal Conselheiro*

(ms. Fundo Português 5; antigas cotas 378 e 7007 da Biblioteca Nacional de Paris).

- 1) *Leal Conselheiro o qual fez dom Duarte ...seguido do Livro de Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sella*, precedido d'uma introdução illustrada com várias notas e publicado debaixo dos auspícios do excellentissimo senhor Visconde de Santa-rém ...e impresso à custa de J. J. Roquete. Paris, 1842. (Glossário de 11 páginas).

- 2) Tipografia Rollandiana. Lisboa, 1843.
- 3) *Leal Conselheiro o qual fez Dom Eduarte Rey de Portugal e do Algarve e Senhor de Cepta*. Edição crítica e anotada organizada por Joseph M. Piel. Lisboa, 1942.

Extractos em:

- 1) *TArc*, pgs. 74-75.
- 2) *Florilégio*, pgs. 108-110.
- 3) *CArc*, pgs. 169-173.

Glossários e estudos linguísticos:

- 1) Herbert Palhano. *A expressão léxico-gramatical do Leal Conselheiro*. 2.^a edição acrescentada. Publicada em suplemento pela *Revista de Portugal* a partir de Janeiro de 1948.
- 2) *Orthography, phonology and word study of the «Leal Conselheiro»* por Kimberley S. Roberts. University of Pennsylvania. Philadelphia, 1940.
- 3) *Morphology and syntax of the «Leal Conselheiro»*. Por Harold J. Russo. University of Pennsylvania. Philadelphia, 1942.

b) *Opúsculos Diversos*

A. Caetano de Sousa. *Provas da História Genealógica*, I, livro III. Coimbra, 1946, pgs. 239-275.

D. *Pedro*

a) *Da Virtuosa Bemfeitoria*

(ms. da *BPMP*)

- 1) Ed. José Pereira de Sampaio (Bruno). (*BPMP*). Porto 1910.

(ms. da *BMV*)

- 2) Ed. Joaquim Costa. (*BPMP*). Porto, 1940. Nova edição: Porto, 1946.

Extractos em:

- 1) *TArc*, pgs. 87-89.

2) *Florilégio*, pgs. 110-112.

3) *CArc*, pgs. 175-179.

b) *Livro dos Ofícios (tradução)*

(ms. c/66 da Academia Real de História de Madrid)

Livro dos Ofícios de Marco Tullio Ciceram o qual tornou em linguagem o Infante D. Pedro Duque de Coimbra. Ed. Joseph M. Piel. Coimbra, 1948. (Glossário de 21 páginas).

c) *Carta a D. Duarte*

Carta que o Infante D. Pedro escreveo a El Rey D. Duarte sobre a tradução de hum livro. Sousa. *Provas da História Genealógica*, I, Livro III. Coimbra, 1946, pgs. 117-118.

Espelho de Cristina

- 1) Lisboa, 1518. (Só se conhecem dois exemplares, um na *BNL*, outro que pertenceu a D. Manuel II; há outra versão no ms. 11.515 da *BNM*).

Extractos em:

CArc, pgs. 220-222.

FÁBULAS

Livro de Esopo

(cód. 3.270 Philol. 291 da Biblioteca Palatina de Viena)

Fabulário português medieval, publicado conforme a um manuscrito do século XV existente na Biblioteca de Viena de Áustria por J. L. de Vasconcellos. Lisboa, 1906. Separata da *RL*, VIII, 1903, pgs. 99-151 e IX, pgs. 5-88. (Glossário de 38 páginas).

Extractos em:

- 1) *Contos tradicionais do povo português*, II. Lisboa, 1915.
- 2) *TArc*, pgs. 51-52.
- 3) *Florilégio*, pgs. 83-87.
- 4) *CArc*, pgs. 72-80.

TEXTOS JURIDICOS (7)

Flores das leis de mestre Jacome Ruiz

(ms. 4 do maço 6.º dos Foraes antigos do ANTT)

*A versão portuguesa das «Flores de las leyes» de Jacome Ruiz.*Ed. Manuel Paulo Merea, *Revista da Universidade de Coimbra*, VI, 1917, pgs. 343-371.

Extractos em:

- 1) *TArc*, pgs. 38-40.
- 2) *CArc*, pgs. 14-15.

*Afonso X*a) *Partidas*

- 1) ms. da capa do códice 2, maço 15, gaveta 7 do ANTT (conserva-se outra versão no cód. alcob. CCCXXIV do ANTT e vários fragmentos de outras) (*). Pedro de Azevedo. *Duas traduções portuguesas do século XIV: Um fragmento da versão das «Partidas de Castella»*. RL, XVI, 1913, pgs. 108-111.
- 2) *Fragmento de un nuevo códice gallego de las Partidas*, ed. por Andrés Martínez Salazar, BRAG, n.º 31 (1909) e 32 (1910).
- 3) Eladio Oviedo y Arce. *Fragmento de un códice galaico-castellano de las Partidas* (apógrafo del siglo XIII). BRAG, tomo IX, 1916, pgs. 73-82.

b) *Fuero Real*

(cód. 4 do maço 6.º de Forais Antigos do ANTT)

Fuero Real de Afonso X, o Sábio. Versão portuguesa do século XIII publicada e comentada por Alfredo Pimenta. Lisboa, 1949. (Glossário e comentário de 269 páginas).

(*) Não incluo nesta secção senão obras de carácter geral sobre assuntos de direito. Excluo, portanto, todos os documentos medievais publicados que só por si merecem e necessitam uma bibliografia aparte.

(†) V. P.º Avelino de Jesus da Costa, *Fragmentos preciosos de códices medievais*. Edições Bracara Augusta. Braga, 1949, págs. 22 a 24.

TRATADOS TÉCNICOS

I) *Alveitaria e Falcoaria**Livro d'Alveitaria do mestre Giraldo*

(ms. 2.294 FG da BNL)

Edição Gabriel Pereira. *RL*, XII, 1909, pgs. 1-60.

Extractos em:

1) *TArc*, pgs. 44-45.2) *CArc*, pgs. 127-129.

Glossário e estudo etimológico de 211 páginas em: Carolina Michaëlis de Vasconcellos. *Mestre Giraldo e os seus tratados de Alveitaria e Cetraria*, *RL*, XIII, 1910, pgs. 149-432.

Livro de Falcoaria de Pero Menino

a) ms. 2.294 FG da BNL

Ed. Gabriel Pereira (sob o título *Tratado das enfermidades das aves de caça*). Lisboa, 1909. (Lista de 4 páginas de termos especiais).

Extractos em:

CArc, pgs. 129-130.

b) ms. 518 Pomb. e 2.294 FG da BNL.

Ed. Rodrigues Lapa. Coimbra. (Imprensa da Universidade) 1931. (Glossário de 17 páginas).

Livro de cetraria e experiencias de algũs caçadores

(cód. 518 Pomb. da BNL)

Ed. Rodrigues Lapa. *BF*, I, 1933, pgs. 199-234.*Tratado de cetraria do rei Dancus (Uma tradução portuguesa do)*

(ms. Sloane 821 do British Museum)

Ed. Gunnar Tilander, *BF*, VI, 1940, pgs. 439-457, (Glossário de 8 páginas).

II) *Caça e Equitação**D. João I**Livro da Montaria*

(ms. 4.352 da BNL)

Ed. F. M. Esteves Pereira. Coimbra, 1918.

Extractos em:

- 1) *TArc*, pgs. 70-74.
- 2) *Florilégio*, pgs. 104-105.
- 3) *CArc*, pgs. 164-169.

*D. Duarte**Livro da Ensinança de Bem Cavaigar a toda a sela*

- 1) Ed. Visconde de Santarém, J. I. Roquete. Paris, 1842 (juntamente com o *Leal Conselheiro*); reproduzido na edição Rollandiana.
- 2) Edição crítica por Joseph M. Piel. Lisboa, 1944. (Glossário de 16 páginas).

Extractos em:

CArc, pgs. 173-174.III) *Volucrário**História das Aves*

(ms. do Dr. Jorge de Faria)

Pedro d'Azevedo. *Uma versão portuguesa da história natural das aves do século XIV*. RL. XXV, 1925, pgs. 128-147.IV) *Pintura**Livro de como se fazem as cores*

Ed. Blondheim D. S. Todd Memorial Volumes, I, 1930, pgs. 71-85.

V) *Medicina**Regimento proueytoso contra ha pertença*

Lisboa s. d. (1498?) (únicos exemplares na *BPE* e na *BNM*).

VI) *Cozinha**Tratado de Cozinha*

(ms. I-E-33 da Biblioteca Nacional de Nápoles)

Extractos em:

TArc, pgs. 98-99.

TEXTOS CUJA EDIÇÃO ESTÁ A SER PREPARADA

Pareceu-me útil acrescentar a esta bibliografia de textos medievais já publicados uma lista daqueles cuja edição está a ser preparada e foi publicamente anunciada:

Edições anunciadas em *PMLA*, LXIV, 2, (1949), pgs. 230-231:

- 1) Henry H. Carter (Pennsylvania). *An edition of a 14 th. century Latin-Old Portuguese verb dictionary (BNL)*.
- 2) Kimberley S. Roberts (Pennsylvania). *An anthology of old Portuguese* (including philological and literary notes and a glossary).
- 3) Joseph H. Allen (Illinois). *Two old portuguese versions of the life of St. Alexis*.
- 4) Henry H. Carter. *A palaeographical edition of the Portuguese MS of the Santo Graal (ANTT)*.
- 5) Bertil Maler (Estocolmo). *Orto do esposo*, edição princeps baseada nos dois ms. conhecidos, com introdução, notas e glossário.
- 6) Luís Filipe Lindley Cintra. (Lisboa). *Crónica geral de Espanha de 1344*. Edição crítica do texto português baseada nos ms. de Lisboa e de Paris.

Edição anunciada em: *A Demanda do Santo Graal*. Ed. Augusto Magne, Rio de Janeiro, 1944, III, pgs. 442 e 456:

- 7) *O Boosco deleitoso*. Edição crítica com introdução, anotações e glossário por Augusto Magne.

Edições anunciadas no *Boletim de Filologia* do Rio de Janeiro, II, (1947) pgs. 139-142 e 192:

- 8) Serafim Silva Neto. *Bíblia medieval portuguesa*, abrangendo:
a) *Histórias d'Abreviado Testamento Velho*.
b) *O segundo livro que fala de todo o feito e de todas as vidas e paixões dos apóstolos*.
c) *Evangelhos e Epístolas com suas exposições em romance*.
9) Coleção de Textos Arcaicos. *Diálogos de S. Gregório*; *Espelho de Cristina*; *Livro das Colações*; *Instituições monásticas*; *Livro das Confissões*; *Fernão Lopes (as três crônicas)*; *José ab Arimatia* ⁽⁹⁾.

Edição anunciada na *História da Literatura Portuguesa* por A. J. da Costa Pimpão, I. Coimbra, 1949, pgs. 23-33.

- 10) A. G. Rocha Madahil. «*Regia de nosso padre Sancto Agostinho e a exposycom della per lynguagem assy do texto como da prosa; Constituçoens das ffreyras do bem aventurado nosso Padre Sam Domingos da ordem dos pregadores; Estoria do bem avêturado famoso Doctor da Igreja de Deus e padre sancto Agostinho convê a ssaber do seu nacy-mêto, vida. E feytos: copillada per ho bispo de callamensse per nome chamado Possidio*. (ms. do Convento de Jesus de Aveiro, hoje no museu de Aveiro).

DISSERTAÇÕES DE LICENCIATURA

Apresentadas nas Faculdades de Letras de Lisboa e Coimbra, consistindo na preparação de edições de textos arcaicos ou na organização de glossários.

(⁹) Segundo informação do Dr. Serafim Silva Neto, aparecerão brevemente as suas edições dos *Actos dos Apóstolos*, e dos *Dialogos de S. Gregório*, seguidos dos *Padres Santos de Merida*. Também me comunica o mesmo professor que além do *Boosco Deleytoso* acima mencionado, o P.^r Augusto Magne prepara a edição do *Castelo Perigoso* e da *Vita Christi*.

Segue-se uma lista de trabalhos deste tipo, baseada nas indicações regularmente fornecidas pela revista *Biblos*, no que respeita a dissertações de Coimbra, e no catálogo das dissertações de licenciatura conservadas na Biblioteca da Faculdade de Letras de Lisboa.

Almeida (Maria Alice da Silva) — *Um glossário do Leal Conselheiro de D. Duarte. Contribuição para o Dicionário Arcaico Português*. Lisboa, 1946 (219 págs.).

Araújo (Manuel de) — «*O Livro da Montaria*» de D. João I. *Glossário e comentário filológico*. Coimbra, 1943 (380 págs.).

Brito (Sebastião Miranda Aviz Pereira de) — *O Livro de Joseph ab Aramatia. O código. A novela. O estilo. A linguagem*. Lisboa, 1943 (135 págs.).

Carvalho (José Nogueira Vaz de) — «*O tratado das Meditações de Sam Bernardo*» (inédito do código alcobacense CCXLIV).

211

Texto, comentário e glossário. Coimbra, 1942. (473 pgs.).

Fernandes (Armando) — «*Vida de S. Bernardo*» (código de Alcobaça n.º 200) *Breves comentários; transcrição parcial do texto e glossário*. Lisboa, 1948 (208 págs.).

Fonseca (Fernando Venâncio Peixoto da) — *Glossário etimológico das Crônicas dos Portugaliae Monumenta Historica. Contribuição para o futuro Dicionário da língua portuguesa arcaica*. Lisboa, 1943 (LXIV — 55 págs.).

Loureiro (Maria Helena de Almeida) — *Meditações de S. Bernardo (cód. alcob. CCLIV). Texto, introdução, notas e glossário*.

211

Lisboa, 1948. (140 págs.).

Pereira (Jesuína Inês) — *Glossário do Leal Conselheiro até ao capítulo XXV (inclusive)*. Lisboa, 1943 (170 págs.).

Valle (Maria Adelaide Féria dos Reis) — «*Livro de Soliloquio de Sancto Agostinho*» (cód. alcob. CCLXXIII). *Texto crítico, intro-*

198

dução, notas e glossário. Lisboa, 1947 (XIX — 379 págs.).

Madrid.

Maria Adelaide Valle Cintra

Miscelânea

And. mojasuela

En las «Nótulas de filología comparada» de Wilhelm Giese que se encuentran en el tomo IV de este *Boletim* (págs. 184-186), dedica este erudito algunas palabras a *mojasuela*, término que designa, como el alent. *sarrilha* del que también se ocupa, el arreo comunemente conocido por *barbada*, o sea la media caña de hierro, curva y dentada, que se pone a las caballerías por bajo de la barba para dominarlas⁽¹⁾. Nos proponemos en esta breve nota rectificar la etimología que este investigador da al vocablo; trabajo nada difícil, pero no por eso menos útil, porque el error de W. G. transcende de lo lingüístico a lo etológico, y se presta a falsas conclusiones de psicología étnica.

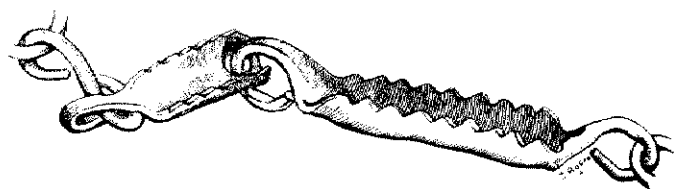


Fig. 1

Wilhelm Giese, cuando piensa que *mojasuela* es un compuesto formado «pelo imperativo *moja* de *mojar* «ferir» e *suela* «sola»

(¹) El Diccionario de la Academia Española en su artículo *barbada* describe este objeto como um «hierro corvo que se pone a las caballerías por debajo de la barba, atravesado de una cama a otra del freno, para regirlas y sujetarlas», olvidándose de consignar el detalle del dentado, que es su principal característica. Hay barbadas más sencillas, reducidas a una cadenilla doble que actúa en la misma forma que la media caña; por eso Figueiredo definiendo *barbela*, correspondiente portugués de *barbada*, dice: «cadeia, ou peça de ferro do freio, que guarnece inferiormente a barbada do cavalo». Por otra parte, existen también barbadas dentadas que constan de dos medias cañas, como la que representamos en la fig. 1. (El modelo que damos está en uso en la Sirra de Gata, Cáceres, región a la que es de suponer que no se limite).

forma zombeteira de 'pele, coiro', o no llega a percibir lo que esta palabra tiene de criminal e infame, o cree al andaluz más cruel que lo que pueda ser; porque *mojar* no significa simplemente «herir», sino «herir con instrumento punzante», o «dar de puñaladas a uno», como dice la Academia⁽²⁾, restricción que también se observa en el sustantivo *mojada* «herida con instrumento punzante» (Acad.), *mojáa* «puñalada» (Besses). Por hematófilo que consideremos al pueblo andaluz — y lo es bastante, desde luego —, no podemos admitir en el dominio de su vida cotidiana, y en relación con el trato de animales domésticos, una manifestación de crueldad cerebral tan acerba como la que supone esta interpretación. No es, pues, verosímil que, en este caso, se hubiese hecho uso de una voz tan sanguinaria y criminal. En cuanto a *suela*, como las partes de un compuesto son solidarias entre sí, claro es que la inexistencia del primer término supone la inexistencia de toda la palabra como tal compuesto. Observaremos, sin embargo, que aun cuando *suela* hubiese podido ser «piel», o «cuero» por disfemismo, no habría tenido lugar su empleo en un tipo de designación como el supuesto por W. G., que pide complementos más concretos. El nombre del miembro castigado por este freno, la barba, es el que aquí habría entrado como segundo elemento⁽³⁾.

El and. *mojasuela* no se halla aislado. En las provincias de Cáceres y Salamanca se llama *mojacilla* a este mismo tipo de freno⁽⁴⁾. Además, en Salamanca, existe una forma *moacilla*, reveladora de que nuestra palabra tuvo originariamente una *f*, efe que perdió el castellano, y que el andaluz y el extremeño aspiraron en *j*. Al mismo tiempo, la *s* del supuesto segundo elemento de *mojasuela*, se revela como una *z* seseada. Podemos, pues, establecer un primitivo **mofaza*,

(2) *Mojar* es una palabra de sentido criminal y matiz canalla. Es criminal, por su sinonimia con «apuñalar», y es canalla, por evocar el momento dramático de sentir el herido la humedad de su propia sangre.

(3) El sinónimo de «barbada» que más se aproxima a la significación que W. G. atribuye a *mojasuela*, es el esp. *perrillo*, nombre que responde a la idea de «morder».

(4) Hemos oído *mojacilla*, dentro ya de la provincia de Salamanca, con el mismo valor que tiene en la de Cáceres, pero en *El dialecto vulgar salmantino*, de Lamano Beneite, tanto *mojacilla*, como la variante *moacilla* que menciona a continuación, figuran como sinónimos de «serreta»; en cambio, el portugués llama también a la barbada *serrilha* (alent. *sarrilha*), que es, fundamentalmente, la misma palabra que *serreta*. La *serreta* es el freno que se plica a la nariz, siendo también un hierro curvo y dentado; de manera que no es extraño que ambos objetos truequen sus nombres.

del que se habrían derivado por medio de los sufijos *-illo* y *-uelo*, en sus formas femeninas, el extrem. *mojacilla*, el and. *mojasuela* (*mojazueta*) y el salm. *moacilla* (propiamente *mohacilla*). No encontraremos en los diccionarios ningún *mofaza*, o *mohaza*, pero si, guiados por el carácter medial de esta *f*, nos acordamos del arabismo *almohaza*, entonces lo habremos descubierto. En efecto, de este *almohaza*, que designa otro objeto también de uso ecuestre («instrumento que consiste en un mango de madera y cinco o seis serrezuelas de puntas romas y menudas, que sirve para limpiar las caballerías» Acad.) ⁽⁵⁾, es de donde proceden estos nombres de la barbada.

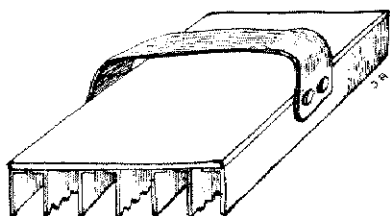


Fig. 2

El proceso semántico fué una metáfora basada en la nota común de los dientes, y, el morfológico, el empleo de diminutivos para expresar el menor tamaño de la barbada con relación a la almohaza. El elemento aglutinado, el artículo árabe, se perdió en las formas derivadas, al alejarse de la sílaba tónica. Sin embargo, todavía se le encuentra en el port. *almofacilha* («porção de estopa, que se enrola na barbela, a fim de que o cavalo se não fira»), voz importada del español en época antigua, como lo prueba la *f*, pero indudablemente importada de esta lengua como se ve por el sufijo. Como vocablo extraño, *almofacilha* no pudo resistir la competencia de *barbela* y demás nombres nacionales; pero encontró un retiro duradero en la especificación que queda consignada. En trance de perecer, se dejaría relacionar más o menos vagamente con *almofada* y el esp. *almohadilla*, y, la casualidad de «*almofadar-se*», a veces, la barbada en la forma antedicha, le facilitó el medio de sobrevivir.

SANTOS AGERO

(5) Vid. fig. 2. (A falta de un modelo más clásico, con el mango o cepo de madera, representamos una almohaza que es toda de hierro).

Alguns nomes de aves de origem onomatopeica

1 — Cachapim, chapim, chincharavelho

A *mejengra* (<frâncico *meisinga*) é um bonito passarinho de cores variadas (azul claro ou escuro por cima, amarelo dos lados e branco ou esbranquiçado por baixo), bastante vulgar no nosso país, pertencente ao género *Parus* (família *Paridae*).

Quase desde o princípio do ano (muito antes ainda de começar a Primavera) que, em dias calmos, de sol, se pode ouvir nos campos com o seu canto vivo, bem timbrado, de ritmo sensivelmente anapéstico (— — —), que representaremos por $\overline{\text{setiti}(m)} \quad \overline{\text{setiti}(m)} \quad \overline{\text{seti-}}$
 $\overline{\text{ti}(m)}$ ou *setivim setivim setivim* (1)...

Deste canto, ouvido de modo mais ou menos diferente segundo os indivíduos e as circunstâncias, se formaram alguns nomes da ave (ou das aves do mesmo género), uns representando directamente a onomatopeia e outros constituídos por vocabulizações, em palavras e expressões, como se o pássaro, no seu canto, pretendesse exprimir ideias ou conceitos à maneira humana.

São directa ou puramente onomatopeicos os nomes *batachim*, *cachapim*, *chinchinim*, *parachim* (?), *patachim*, *semimi* ou *semimim* e talvez *surdivã*...

São interpretações humanizadas (vocabulizações) do mesmo canto as designações: *cedo-vem* ou *cedovém* (por *cedo vim* — cp.

(1) Em rapaz, na aldeia (Arcozelo da Serra), tomávamos o canto da ave como se exprimisse 120 (*cento e vinte, cento e vinte, cento e vinte...*).

Sobre as diversas maneiras de ouvir e representar as onomatopeias, ver K. Nyrop (*Gram. Hist. Lang. Franc. III*), M. Grammont (*Traité de Phon.*), R. de Sá Nogueira (*Elementos para um Trat. de Fonética e Estudos sobre as Onomatopeias*), etc.

setivim — passado à 3.^a pessoa); *chova aqui, cose-me aqui*; *poda-a-vinha*, que originou também *faça-a-poda*; *lima-a-serra*; *semeia-linho* ou *semeia-o-linho*; *semeia-milho* ou *semeia-o-milho* (cp. *semimi*); e *surdivais* ou *surdivém* (cp. *surdivã*)... Sá Nogueira (*Elementos*) regista ainda «*bem dito*» (referido, segundo o informador, a Beijós), que foge um pouco ao ritmo, a não ser que se pronuncie *bem ditu*.

Por redução (aférese) do nome directamente onomatopéico *ca-chapim* formou-se *chapim*, designação bastante usada, ao lado de *mejengra*, com os compostos: *chapim-real* (*Parus major* Lin.); *chapim-azul* (*Parus coeruleus* Lin.); *chapim-de-poupa* (*P. cristatus*); *chapim-carvoeiro* (*P. ater*); e *chapim-rabilongo* (*P. caudatus* Lin.).

As designações *lima-a-serra*, *poda-a-vinha*, *semeia-linho*, *semeia-milho*⁽²⁾ e equivalentes representam interpretações humanizadas do canto dos passarinhos, como se eles fizessem tais recomendações aos serradores ou aos lavradores, neste caso até por se dar a circunstância de os respectivos trabalhos agrícolas coincidirem com os primeiros cantos destas avezinhas.

A *mejengra* ou *chapim* também se chama, em alguns lugares, *ferreiro* ou *ferreirinha*. Estes nomes podiam depender da cor da ave, que tem manchas azuis na cabeça e no dorso, sendo azuis escuras em algumas espécies (é essa a explicação dos mesmos nomes atribuídos a outras aves, como gaivão ou guincho, rabirruiva ou rabo-queimado, negrinha, etc.), mas aqui talvez se baseiem principalmente no canto, com as suas notas metálicas (*setitim*), que lembra porventura o «malhar ferro» do ferreiro. Tanto assim que a *mejengra* também é conhecida por *malha-ferreiro*. Estão talvez no mesmo caso (ou participam das duas explicações) os nomes *pinta-ferreiro*, *pinta-*

(2) J. Leite de Vasconcelos (em *Portucale* VII, pág. 5) atribui a voz *semeia milho* a uma «*boeirinha*» e acrescenta: «decerto [a ave] se dirige ao lavrador, com ironia, pois pensa em ir comer o grão!»

Tudo isto nos parece equivocado: a) nunca vimos designar a *mejengra* (= *semeia-milho*) por «*boeirinha*» (e também não se costuma confundir com a *boeira* = *lavandisca*); b) em qualquer caso, a voz *semeia milho* não se refere (nem referiria) a nenhuma ave granívora, para mais zeófaga, como implicaria a interpretação acima.

A designação *semeia milho* deve tomar-se, afinal, em sentido próprio (não no irónico), e, além de representar razoavelmente o canto do passarinho, relaciona-se com o facto de este começar a cantar por alturas das primeiras sementeiros do milho, como indicamos no texto, a seguir.

-caldeiras (este também confundido com *pinta-cardeira* e base de *caldeirinha* > *cadeirinha*...) e *surdivais-ferreiro*.

Setitim ou *setivi(m)* não é a única voz da mejengra, embora se possa considerar o seu verdadeiro canto. Principalmente enquanto procura insectos, voando de ramo em ramo, também emite outras vozes, posto que menos pronunciadas. Além de um simples *tintim* ou *pimpim* e de um rufo especial, de vez em quando deixa ouvir também um característico *tintintaraba* ou *txintxintxarrabê*...

Deste grupo de vozes provêm directamente os nomes *pimpim* ou *tintim* (comuns ao *tentilhão*) e *chinchalaré* (este com haplogia inicial). Com forma mais arredondada (vocalizada) da última voz formou-se o nome mais corrente de *chincharavelho*, com as variantes *chincharavelha*, *chincharrabelho*, *chincharravelho*, *chinchavarela*, *chinchavarelho* (forma metatética da principal) e *chincerabelho*...

Finalmente destas formas tirou-se o regressivo *chinha* (*chinha-de-poupa*, *chinha-pequena*...) e de *chincharavelha* ou *chincharavelha* (-vê-) fez-se a designação *chincharra-velha*.

Baseado nas mesmas vozes há ainda o nome de *pimpim-servém*.

Acrescente-se, a propósito, que os nomes italianos destes passarinhos são também de idêntica origem onomatopeica: *cincia*, *cincera*, *cinciallegra* (*cincia* + *allegro*), *cinciazzurra*, *cinciarella*, *cincia bigia* (*P. palustris* Lin.), *cincia codona* (= *chapim rabilongo*), *cincia piccola*, etc.

2 — Cavadador, cá-vai

Em Arcozelo da Serra (Gouveia) o *noitibó* (localmente *latibó*) é também conhecido por *cavadador*. Este nome deriva-se naturalmente do canto nocturno (e crepuscular) do pássaro, que ali é ouvido como *cavar cavar cavar cavar*...

O nome *cá-vai*, já registado, referido a Abrantes, representa o mesmo canto, mas agora ouvido e interpretado como *cá vai, cá vai, cá vai, cá vai*...

Por seu turno, os nomes *boas-noites*, *boa-noite* e *noite-boas* por que a ave também é conhecida, embora não onomatopeicos em si, relacionam-se com a circunstância de ela começar a cantar precisamente ao cair da noite, com um canto bem audível (*cavar cavar*... ou *cá vai, cá vai*...), já no silêncio geral da natureza.

3 — Chasco, tanjasno

A palavra *chasco*, que designa várias aves, especialmente do género *Pratincola* e *Saxicola*, é já considerada de origem onomatopeica. Na verdade, tanto *chasco* como *chasca* parecem ser vocabulizações de *chás-chás* (que melhor será escrever *chaz-chaz*), nome puramente onomatopeico de *Pratincola rubetra* Lin. e de *P. rubicola* Lin. Ao lado destes, existe o nome *tanjasno* das mesmas aves, que, embora formado de *tanger* + *asno*, precisa de algumas palavras de esclarecimento. A palavra parece inspirar-se, afinal, numa forma mais completa do mesmo canto que serviu de origem aos nomes anteriores e que podemos representar por $\overset{|}{i}\text{--}\overset{|}{t}\text{--}\overset{|}{r}\text{--}\overset{|}{a}\text{--}\overset{|}{n}\text{--}\overset{|}{t}\text{--}\overset{|}{a}$ ou $\overset{|}{i}\text{--}\overset{|}{c}\text{--}\overset{|}{h}\text{--}\overset{|}{a}\text{--}\overset{|}{z}\text{--}\overset{|}{c}\text{--}\overset{|}{h}\text{--}\overset{|}{a}\text{--}\overset{|}{z}$ ou ainda $\overset{|}{i}\text{--}\overset{|}{c}\text{--}\overset{|}{h}\text{--}\overset{|}{a}\text{--}\overset{|}{n}\text{--}\overset{|}{c}\text{--}\overset{|}{h}\text{--}\overset{|}{a}$ ou $\overset{|}{i}\text{--}\overset{|}{c}\text{--}\overset{|}{h}\text{--}\overset{|}{a}\text{--}\overset{|}{n}\text{--}\overset{|}{c}\text{--}\overset{|}{h}\text{--}\overset{|}{a}$... (*ch* = *tx*).

Esta voz, referida principalmente a *Pratincola rubicola* (de canto mais vivo, frequente e movimentado), com o seu *i* agudo inicial, foi certamente comparada ao grito usado para «tocar» as bestas e daí a formação do nome: *tange-asno* (por *tange asnos*) > *tanjasno*. De *tanjasno*, forma principal, originaram-se também algumas variantes vulgares, já registadas⁽³⁾: com substituição da parte final (qual substituição de sufixos), *tanjarro*, *tanjarra*; e, por uma espécie de dissimilação dos *rr* de *tanjarro* (cf. *esquerdo* < *ezker* ou *ezkerra*, *cerdo* < *zerri*, *moscardo* talvez por **moscarro*), a variante *tanjardo*.

4 — Chilreta; gagosa

Chilreta é outro nome da *gaivina* ou *andorinha do mar* (*Sterna minuta* Lin.) devido, sem dúvida, ao cantar da ave — um frequente chilrear. Os sinónimos *chureta* e *churreca* devem ter origem semelhante.

Gagosa é o nome vulgar de uma espécie de *gaivota* (*Larus ridibundus*) e deriva-se dos sons guturais (*gá-gá* ou *khá-khá*) que a ave emite em alguns dos seus variados cantos ou gritos.

O nome *cagarra*, dado nos Açores à mesma ou a outra palmípede semelhante, talvez tenha idêntica origem.

⁽³⁾ Em Arcozelo da Serra usam a forma principal, mas correntemente pronunciada *tajasno* (com desnasalização do 1.º a).

5 — Chincha-la-raiz, chicorrio

O *trigueirão* (*Emberiza calandra* ou *E. miliaria* Lin., etc.), nome devido à cor geral do pássaro, é também conhecido, segundo os lugares, por *chinha-la-raiz*, *tem-te-na-raiz*, *tinta-raiz* e *trinta-raizes*. Estes nomes, conforme já se reconhece, baseiam-se no canto, que é característico e que poderemos representar, muito imperfeitamente, por *tsi-tsi-txi-txitxitxitxarraiize*, de ritmo que se vai acelerando até a um *i* mais agudo e prolongado.

Os nomes locais *chicorrio* e *chirrobía* devem representar também formas reduzidas e aproximadas do mesmo canto.

6 — Chopim, tentilhão

O *tentilhão*, pássaro conirrostro vulgar de variegada plumagem (*Fringilla coelebs* Lin.), tem um canto algo melodioso, difícil de representar por fonemas (seja, por exemplo, *txitxiti-txètxè-ròrròrrò-txutxéé* [ou ...*txutxiia*]), e que se pode ouvir desde os dias primaveris de Fevereiro. Embora consideremos todos os nomes portugueses conhecidos de origem onomatopeica, este canto parece não ter dado lugar a nenhum. Os nomes portugueses baseiam-se, pois, noutras vozes (ou gritos). Estas são por vezes bem timbradas e vão desde um triste e espacejado *txó... txó...* (ou *tió... tió...*) até a um vivo, metálico e aflitivo *tintintim... tintintim* ou *pimpimpim... pimpimpim...* (e *chinchinchim*?), principalmente quando um gato, garoto ou ave de rapina se aproxima do ninho, passando por formas menos tristes ou menos vivas — *txó...pim...*, *txó-pimpim*, *pimpimpim...txó*, etc.

Nomes puramente onomatopeicos são: *chopim* (< *txó...pim*) — não *chupim*, nesta acepção, como pretendeu Cândido de Figueiredo e outros vão seguindo (como se vê, a palavra nada tem com *chupar*)—; *pimpim* e *tintim*, estes já citados a propósito da *mejengra*.

Os outros nomes representam vozes vocabulizadas, geralmente com os sufixos *-ão* ou *-(a)lhão*, ao mesmo tempo designativos de agente e aumentativo-iterativos: *chinchão* (< [*chin*] *chinchim* + suf. *ão*), fem. *chinchona* (embora se não identifique a ave, talvez designe o *tentilhão*); *chincheiro* (*Rev. Lusit.* XI, 152); *chincho* (de *chinchim* ou regressivo de *chinchão*, *chincheiro*); *pimpalhão* e *pimpulhão* (< *pimpim* + *alhão* e *ulhão*); *pintalhão* (cruzamento de *pimpalhão* com *tentilhão* ou então de *pintar*); *tintilhão* (< *titim* + *-(a)lhão*), isto é, o que canta *tintintim*, o que profere muitas vezes *tintim*; *tentilhão*, forma mais corrente, normal, resultante do ensurdecimento ou

dissimilação do 1.º *i* da forma anterior; *tentilha*, fem. de *tentilhão*; *tentilha* (< *tintim* ou regressivo de *tentilhão*, *tentilha*); e *tentilhão* (< *tintim* + *ão*, com *l* de ligação em vez de *lh*).

Talvez por confusão com a *mejengra*, o *tentilhão* recebe também às vezes os nomes de *batachim*, *patassim*(?), *patachim*, não falando nos já citados nomes fundadamente comuns *pimpim* e *tintim*.

7 — Cochicho ; cotovia

O *cochicho* é uma espécie de *calhandra* (*Melanocorypha calandra*) e, portanto, estreitamente aparentado com as *cotovias*, isto é, pertence à família dos *aláudidas*. O seu nome é já considerado de origem onomatopeica. Cremos não conhecer directamente a ave no seu meio e no seu canto, mas conhecemos bem a *cotovia* que canta elevando-se a grandes alturas e até no canto gorjeado desta há um passo que pode justificar aquele nome. Representá-lo-emos por ...*cutxi*...
— *cutxi* ...*cutxitxitxitxitxitxi*..., primeiro em jambos espacejados e depois com a sílaba *txi* repetida em ritmo acelerado, em gorjeio.

A palavra *cotovia*, inclinam-se alguns autores a considerá-la também de origem onomatopeica (v. A. Nascentes, *Dic. Etim.*, *REW*, 1898, etc.). O que conhecemos das vozes da ave (duma ou mais espécies do género *alauda*) parece confirmar esta opinião. Em rapaz, na aldeia, ouvíamos o seu canto (outro, que não o gorjeado das alturas) como *curituzé*...*cuduvi* *cuduvi* *cuduvi* (ou...*keduvi* *keduvi* *keduvi*). Ora, este *cuduvi* ou *keduvi* (ouvido talvez também *cutuvi*) pode muito bem explicar a origem da palavra (4).

(4) A voz «*bem te vi...bem te vi...*», atribuída ao mesmo pássaro e que J. Leite de Vasconcelos (*Portucale* VII, pág. 5) não soube explicar de momento, deve basear-se em idêntico canto e cremos ter fácil explicação. A ave, que é insectívora e granívora, procura os alimentos percorrendo o solo, geralmente em grupos. Quando alguém se aproxima, ela (ou cada uma delas) pára, agacha-se e, antes de levantar voo, emite uns sons semelhantes ao canto supra, conquanto agora em voz débil, como que cochichada ou em surdina. Dada esta circunstância da aproximação de pessoa, etc., torna-se natural interpretar a voz como representando o citado *bem te vi...bem te vi...*

Talvez seja esta realmente a explicação etimológica, tanto do port. *cotovia* como do esp. *totovía*, murc. *tutuvía*, do it. *tottavilla* ou *tottovilla*, do cat. *cotoliu* ou *cotoliva* e até do fr. *cochevis*, do it. *coccoveggia*, etc.

Sentimos, no entanto, necessidade de acrescentar outras considerações. Como acabámos de indicar, a palavra portuguesa *cotovia* parece corresponder inteiramente ao espanhol *totovía*, murc. *tutuvía*, ao cat. *cotoliu* ou *cotoliva*, ao ital. *tottavilla* ou *tottovilla*, bem como ao francês *cochevis*, etc. Ora, em esp. *totovía*, em cat. *cotoliu* e em francês *cochevis* designam, não a simples *cotovia* (respectivamente *alouette*, *alosa* e *alondra*), mas a *cotovia de poupa* ou *capatorra* (dita também *alouette huppée* ou *crétée*, em francês, *cogullada*, em catalão, e *cogujada*, em esp.), e em italiano *tottavilla* ou *tottovilla* aplica-se somente a uma *cotovia* de crista, embora menor que a anterior (à *mattolina* — *Lullula arborea* ou *Alauda arborea*, antes *A. cristatella*) ⁽³⁾.

Isto pode fazer-nos suspeitar que a palavra *cotovia*, em português, se aplicou também inicialmente apenas à *cotovia de poupa* (*cotovia capatorra*, simplesmente *capatorra* ou, na nossa aldeia, *cotovia patorra*) e só depois se estendeu às outras aves próximas, da mesma família.

Sendo assim, a explicação onomatopeica já não servia, porque esta espécie tem um cantar diferente, que nós ouvíamos como *tuzai-tuzai-tarati... da kituriiia... catxali...* (com a primeira parte suave, mas a segunda e a última mais altas e fanfarronas).

Neste caso estávamos tentados a ver em *cotovia*, *totovía*, *tottavilla*, *cotoliu* e bem assim em *cochevis*, etc. um primeiro elemento **tauta* do lat. vulgar (cfr. *touta*, *toutiço*, *toutinegra* ou *tutinegra*) e **cauta* (este ainda mais chegado à provável origem clássica — *capita*, pl. de *caput*), talvez com uma terceira forma, **cauca* (cp. **tauta*), para o francês e algumas formas dialectais italianas (v. REW³ 1898) — veja-se também o port. dial. *couquilhada* —, embora fique ainda por explicar a parte final dessas palavras.

De qualquer maneira, parece-nos que estes vocábulos se não podem separar inteiramente dos citados por Meyer-Lübke em REW³ 1898 (*coccoveggia*, *kukkuvedda*, *kukka*, etc.) — notar a perfeita correspondência geralmente até para lá do elemento acima isolado —

⁽³⁾ A *cotovia de poupa* (esp. *cogujada* ou *totovía*, cat. *cogullada* ou *cotoliu*, fr. *cochevis* ou *alouette huppée*) chama-se em italiano *lodola cappelluta*.

que talvez não sejam realmente onomatopeicos⁽⁶⁾, mas que também não achamos bem claramente explicados pelo étimo indicado em *REW*.

8 — **Cuim, abecuinha**

A *abibe* (*Vanellus vanellus* ou *V. cristatus*) é uma ave pernalta de arribação, de bonita plumagem e de penacho na cabeça que, além de *abibe*, apresenta vários nomes vulgares, como *abecuinha* ou *abecuinha*, *abescuinha* (*abescuinha*) ou *abescuinha*, *abetoninha* ou *abitoninha*, *águas-neves*, *avecoinha* (ou *avecuinha*), *ave-fria*, *avetoninha*, *becuinha*, *choradeira*, *coim* (ou *cuim*), *cuinha*, *galeirão*, *galispo*, *matoninha*, *pavoncinho*, *verdizela*, etc.

O nome *coim*, que, conforme veremos, melhor será escrever *cuim*, é já dado como onomatopeico. Na verdade, deve basear-se directamente nos gritos plangentes e, arrastados da ave que soam como *cu-úi* ou *ki-úi*, *ti-úi*, *knuí*, etc. De *cuim* (melhor que *coim*, como dissemos) formou-se, sem dúvida, *cuinha* (= *galeirão*: *abibe*; *viúva*) e é deste que provêm certamente as formas *abecuinha* ou *abecuinha*, *abescuinha* (*abescuinha*) ou *abescuinha* e *avecoinha* (ou *avecuinha*), que serão, assim, compostos de ave (*avis*) + *cuinha*⁽⁷⁾.

De *abecuinha* formou-se o vocábulo *becuinha* (por aférese do *a* inicial, tomado certamente pelo artigo fem.) e deste um derivado regressivo, *bécua*, ambos provincianismos estremenhos.

Por seu turno, *abetoninha* ou *abitoninha* e *avetoninha* deverão considerar-se simples alterações vulgares, beiroas, de *abecuinha* (*abecuinha*) ou *avecoinha* (*avecuinha*): houve substituição do *c* por *t* (por equivalência acústica) e epéntese de um *n* (que desfez o hiato), *n* que já aparece em *abescuinha*. Na escrita destas formas talvez se possa admitir certa influência (gráfica) de *toninha*.

O nome *choradeira* relaciona-se também, sem dúvida, com os gritos plangentes da ave⁽⁸⁾.

(6) A forma italiana *tottavilla*, afinal, também não se harmoniza inteiramente com o típico anapesto da voz *keduvi*...

(7) Como se vê, a escrita com *u* (*abecuinha*, *abescuinha* ou *abescuinha*, *avecuinha* e *cuim*...) deve considerar-se a única rigorosa (cp. *cuinha* e a voz *cu-úi*).

(8) Os étimos de *abibe* dados por Meyer-Lübke (*REW*: 3288a e 6474) não nos parecem razoáveis. Mal por mal, antes o antigo *avis* + *ibis* (*ave* + *ibe*), que satisfaz foneticamente e tem certa justificação semântica.

De *abibe* proviriam, portanto, os provincianismos *bibe* e *bibes*, por simples

9 — **Fuinha, tuinho**

Desde rapaz que, em Arcozelo da Serra (Gouveia), ouvimos designar o pequeno *Phylloscopus collybita* Vieill. — e talvez outras espécies congêneres — por *tuinho* e *boizito*. Noutras terras chamam-lhe *fuim*, *fuinha* ou *fuinho*, além de *felosa* (nome considerado mais geral), *tolosa*, *feloca*, *foleca* ou *fuleca*, *folecha*, etc., *ferifolha*, *ferifolho*, *fira-folha*, *frei-folha* e *furifolha*.

É um passarinho pequeno, leve, de tonalidade geral amarelada ou amarela esverdeada (mais clara por baixo), que voa de raminho em raminho e até de folha em folha certamente à procura de lagartas, pulgões e outros pequenos insectos. Também se atira frequentemente aos insectos alados em pleno voo.

De vez em quando, durante a sua buliçosa faina de procurar os alimentos, emite um gritinho, que podemos representar por *tui*, *fui* ou *bui*. Foi, sem dúvida, desta voz, associada à pequenez da ave, que se formaram os nomes *fuim*, *fuinha*, *fuinho*, *tuinho* e *boizito* (este certamente por *buizito*).

Já agora, acrescentemos que o nome mais geral, *felosa*, nos parece provir do lat. *fellosus*, a, um, em acepção metafórica referida à cor geral do passarinho. Neste caso a forma *tolosa*, que Cândido de Figueiredo prende interrogativamente a *fole*, será antes um produto daquela por labialização da primeira vogal devida à influência do *f* (cp. *Folgosinho* < *Felgosinho* [*Felgosio*] < **filicosus* < *filix*, etc.) ⁽¹⁾. Desta, com substituição de sufixos, se formariam *foleca* ou *fuleca*, *folecha* ou *fulecha*, *foleco* e *folecra* ou *fulecra*.

Feloca, por seu turno, será um variante local (Aveiro) de *felosa*, também com substituição de sufixo (cp. port. *minhoca* e esp. dial. *miñosa*).

Os nomes *ferifolha*, *ferifolho*, *fira-folha* e *furifolha* provêm natural-

aférese do a inicial. No entanto, Fr. Moura (em *Vestígios da Língua Árábica*, 2.^a ed.) dá para *bibe* um étimo árabe «*bib* (voz africana)» e Dozy (*Suplemento*) cita o nome árabe *bībat* (ou *bībit*), precisamente para a mesma ave, que apontam ainda para outra origem diferente e para um sentido evolutivo inverso (*bibe* > *abibe*).

⁽¹⁾ A forma *tolosa*, com o nosso étimo, também se podia interpretar como um caso de ultra-correcção em que se tivesse procurado desfazer uma suposta dissimilação vulgar e—ó por o—ó, mas as formas vulgares citadas a seguir fogem a esta explicação.

mente do facto de parecer que o passarinho «fere» ou «fura» as folhas ao bicá-las para apanhar as lagartas e os pulgões. Há ainda a forma vulgar (Algarve) *frei-folha*, que é simples alteração de *feri-folha*.

A *chincra* ou *chinchafoles*, etc. é outra pequenina ave, semelhante à anterior (embora de género diferente — *Cisticola schoenicola* Bp., etc.), que vive nos juncos e caniças dos lugares pantanosos ou alagadiços. Recebe também nomes vulgares idênticos, como *fuim*, *fuinha*, *boita*, *bentoinha*, *tuinha*, além de *chincra*, *chinchafoles*, *cochicha*, *gile-gile* ou *girre-girre*, *tistias*, etc., talvez por iguais motivos ou por extensão dos daquela, mas não temos um conhecimento directo do canto do passarinho para podermos falar com segurança.

A palavra *chiadeira* designa também um passarinho semelhante, no tamanho e até na cor, à *felosa* ou *fuinha* (*Acrocephalus scirpaceus*), que vive nos bunhos, juncos e caniças dos lugares encharcados (Ria de Aveiro, etc.). O nome é obviamente de base e sentido onomatopeico, relacionando-se certamente com o timbre do canto.

Outros nomes desta avezinha são: *rouxinol pequeno das caniças* (devido ao canto, ao tamanho e ao meio em que vive) ⁽¹⁰⁾, *bunheiro* (< *bunho*, planta ciperácea do género *Scirpus* — cfr. designação específica do pássaro e meio); *felosa* ou *flocha* (cp. *feloca* e *folecha*), baseados na semelhança com a *fuinha* ou *felosa típica*, principal; e *fura-bolsas* (relacionado talvez com o seu ninho, que é característico).

10 — **Guincho, zirro**

Guincho e *zirro* são dois nomes de origem onomatopeica do *gai-vão* (*Cypselus apus* Lin.). Baseiam-se no grito agudo (*gui...gui* ou *zi...zi...*) que as aves emitem por vezes durante o voo, principalmente quando, reunidas em grupos, passam em correria junto de torres, etc.

Como se sabe, o pássaro também se denomina *ferreiro* (neste caso devido certamente à cor escura) e *pedreiro* (agora pela maneira como pousa nas pedras e talvez ainda por fazer os ninhos nos buracos das torres, paredes, etc.).

⁽¹⁰⁾ O *rouxinol grande das caniças* é outra espécie congénere, maior (*A. arundinaceus*), também conhecida por *rouxinol-de-espadana*, *rouxinol dos pauis*, *pinta-rò-rò*, *chinchafães*, *chinchafóis*, *chinchafol*, etc. e *ferreiro*.

11 — **Perluiz, piroliz**

O alcaravão (*Oedicnemus crepitans* Tem. ou *Burhinus oedicnemus*) é uma ave pernalta dos lugares secos (das dunas e dos descampados mais ou menos arenosos). Ao anoitecer emite uns gritos característicos, qualquer coisa como *tirreluii*, *curreliui* ou *pirreluii*... Foi, sem dúvida, destes gritos que se formaram directamente os nomes vulgares *perluí*, *perluiz*, *pirolé*, *piroliz* ou *piruliz* (melhor que *pirolis* — cp. *perluiz*) e *preluiz*, bem como o prov. *correli*, o francês *courlis* (*courlieu* e *turlut*...), o inglês *curlew*, o espanhol *chorlito* ⁽¹¹⁾ e o italiano *chiurli* (> *chiurlo*, *chiurletto*), aplicados também a outras aves pernaltas próximas (*Numenius arquata*, etc.) por extensão ou por idênticos motivos, as vozes.

Aquilino Ribeiro (em *Aldeia*) diz dos alcaravões que, ao erguer, «soltam um grito lamentoso, voz campainhada: *preluís! preluís!* que lhes valeu o nome.»

Em Arcozelo da Serra esta pernalta cremos ser conhecida por *maçarico* (embora dos lugares secos, é, na verdade, aparentada com os outros *maçaricos*).

12 — **Pita; peto**

Ao contrário do que alguns linguistas ou lexicógrafos ainda julgam, as palavras portuguesas *pita*, *pito*, etc. (não *pinta*, *pinto*, etc.) é que são as mais antigas, gerais e vernáculas. Provêm, não do lat. *pictus*, que verdadeiramente não fazia sentido, mas duma raiz, certamente pré-latina, *pitt-* (a mesma que Meyer-Lübke indica em *REW* 6545a), de natureza onomatopeica (cfr. *REW* 6474) ⁽¹²⁾.

Pita (galinha, franga) e *pito* (frangainho), com os seus derivados e compostos directos (*pitinha*, *pitinho*, *pita-cega*, *pita-de-água*, *pito-bravo*, *pito-nu*...), provêm, pois, de *pitt-* (**pitta*, **pittus*) e são, como indicámos, não só as formas gerais, vulgares, mas também as mais antigas e verdadeiramente vernáculas (cp. esp. *pita*, ast. *pito*, friulês

⁽¹¹⁾ O étimo *chloreus*, gr. *χλωρεός*, dado pelo *Dicionário da Academia Espanhola*, não tem verdadeiro fundamento — nem estava foneticamente bem certo. Cfr. *REW* 4741.

⁽¹²⁾ A raiz *pitt-* passou a confundir-se com a que deu o fr. *petit* (*REW* 6544a) e a alternar semânticamente com *pikk-* (*REW* 6494) > *pequeno*, *piqueno*, *pico*, *picar*... É curioso que, em Arcozelo da Serra, para chamar as galinhas (pitas) usa-se *pequeninas*, *pequeninas*..., em vez de *pita*, *pita* (Espanha e Algarve) ou mesmo de *pipi*...

pita). As formas *pinta* e *pinto* (*pintainho*, etc.), nesta acepção, representam simples reacções eufemísticas posteriores, de natureza mais ou menos culta, dado o sentido obscuro que aquelas tomaram correntemente (cp. *pássara*, *passarinha*, *pipi*, etc.).

Pipi, como se sabe, é outra palavra de origem onomatopeica (< *pi pi*...) que, na linguagem infantil, designa não só qualquer galináceo de capoeira, mas também qualquer ave ou passarinho em geral, bem como as partes pudendas.

A palavra *peto* parece-nos que provém da mesma ou de idêntica raiz, *pitt-*, de remota origem onomatopeica, agora com *ř*, isto é, duma forma *přttus*. Os *petos* são, como se sabe, os *pica-paus* (< *pícar* [*< *přkkus*] + *pau*), as aves trepadoras do género *Picus* e *Gecin*us, costumando distinguir-se em: *peto galego* (*Picus minor* Lin.); *peto malhado* (*P. major* Lin.); e *peto real*, *peto rinchão*, *peto verde* ou *peto verdial* (*Gecin*us *viridis*). O *peto real*, *peto verde*, *pica-pau verde*, etc. também é conhecido por *cavalinho* (Beira Alta e Algarve), *cavalorinchão*, *relinchão* e *rinchão*. Estes nomes são lhe dados por causa do seu canto — um forte grito matraqueado — que lembra o relinchar do cavalo (¹³).

13 — poupa ; cuco

A palavra *poupa* é claramente de origem onomatopeica. Como se sabe, provém do lat. *upupa*, já onomatopeico, e apresenta aquela forma portuguesa por influência do canto, que é geralmente ouvido como *pou-pou-pou* (*pô-pô-pô*) ou *poupa o pão*. Devido a esta interpretação do canto, o verbo *poupar* teve até dupla influência — fonética e gráfica. A conservação das surdas deve ter esta explicação, como melhor se reconhece comparando *poupa* com as formas dialectais *boubela* e *bubela* ou com a espanhola *abubilla*, provenientes todas elas de uma forma **upupella* — ou **apupella* (¹⁴) —, dim. vulgar de *upupa*.

Com a palavra *cuco* passa-se coisa semelhante (v. A. Nascentes, *Dic. Etim.*, e R. de Sá Nogueira, *Elementos*).

(¹³) Em Arcozelo da Serra chamam-lhe *peto*, *peto-real*, *pica-pau* e *cavalinho*. É ali frequente o adágio: «canta o cavalinho, temos chuva».

(¹⁴) Não de **upupula*, como, sem rigor nem necessidade, indica o *Dicionário da Academia Espanhola*.

14 — **Parpalhaz ; piadeira ; etc.**

Dos vários nomes vulgares da *cordoniz*, todos onomatopeicos (*calcaré*, *calcoré*, [*calculé*], *calcurré*, *carcalhão*, *carcalhota*, *carcalhé*, *carcalher*, *codorni*, *corcalhé*, *corculher* [ou *curculher*], *cracolé*, *parpalhaça*, *parpalhaz*, *parpalhó*, *parpalhoz*, *paspalhão*, *paspalhar*, *paspalhaz*, *paspalho*, *paspilhoz* e *tem-te-lá...*), já tratou desenvolvidamente Joseph M. Piel, em *Rev. de Port.* XIV n.º 71 (1949) ⁽¹⁵⁾.

Assobiadeira e *piadeira*, como se vê, são palavras de base onomatopeica, as quais designam uma espécie de pato ou marreco (*Anas Penelope* ou *Mareca Penelope* Lin.). Estão no mesmo caso *piadeira* e *piadeiro*, aplicados ao papa-formigas ou torcicolo (*Iynx torquilla* Lin.).

Bite-bite e *bique-bique* são nomes onomatopeicos da pernaíta *Tringa ochropus* ou *Totanus ochropus* Lin., que, no seu melodioso canto (*dluí dluí*, etc.), também profere a voz *uíte uíte* (ou *uíke uíke?*). Parece receber também o nome *grim-grim* de idêntica natureza (cp. *dluí dluí*).

Cantadeira e *rangedeira* são, como é óbvio, nomes de sentido onomatopeico aplicados ao pato ou marreco *Anas querquedula* Lin., também chamado *cerceta* (< *querquedula* com mudança da parte final — suf. *-itta* por *-edula*).

Rola, *rolo* (*Streptopelia turtur* ou *Turtur turtur*) são formas já consideradas geralmente de origem onomatopeica — o canto, que os franceses representam por *tour-tour* ou *tourrr-tourrr*, ouvimo-lo nós como vagaroso e algo terno *ruu-ruu*, *ruu-ruu* ou *ruu-trruu*, *ruu-trruu...*

JOSÉ INÊS LOURO

(15) Uniformizámos a escrita final destes onomatopeicos em *az* e *oz*, como já fizemos noutros casos e convém em português (cp. *parpalhaz*, *parpalhaça* e até o etimológico *codorniz*).

TOMO XII - FASCÍCULO 2

1951

Studien zur iberoromanischen Wortgeschichte und Ortsnamenkunde

Fritz Krüger zugeeignet

Abgekürzt zitierte Quellenwerke (*)

AHDE	= Anuario de historia del derecho español, Madrid 1924 ff.
Alvar, Top. Arag.	= Manuel Alvar López, Toponimia del Alto Valle del Río Aragón, Zaragoza 1949 (Pirineos, vol. 5).
Álvarez	= Guzmán Álvarez, El habla de Babia y Laciana, Madrid 1949.
Arch. Port.	= O Archeólogo Português, vol. 8-17, Lisboa 1903-1912: A. A. Cortesão, Onomástico medieval português.
ATPir. 1	= Actas de la primera reunión de toponimia pirenaica, Zaragoza 1949.
BAE	= Boletín de la Real Academia española, Madrid 1914 ff.
BAH	= Boletín de la Real Academia de la Historia, vol. 26 ff., Madrid 1895 ff.
Boaventura	= M. Boaventura, Vocabulário minhoto, Espozende 1916-1922.
BSVasc.	= Boletín de la Real Sociedad vascongada de amigos del país, San Sebastián 1945 ff.
Caldas Aulete	= F. J. Caldas Aulete, Dicionário contemporâneo da língua portuguesa, 3. ^a edição, Lisboa 1948 ff.

(*) Zu abgekürzt zitierten, nicht auf die Iberoromania bezüglichen Werken vergleiche man J. Hubschmid, Alpenwörter romanischen und vorromanischen Ursprungs, Bern 1951, Francke A. G.

Canellada	= María Josefa Canellada, <i>El bable de Cabranes</i> , Madrid 1944.
Carré	= Leandro Carré Alvarelos, <i>Diccionario galego-castelán</i> , A Cruña 1933.
Cart. Arlanza (¹)	= Cartulario de San Pedro de Arlanza, por Luciano Serrano, Madrid 1925.
Cart. Burgos	= <i>El Obispado de Burgos y Castilla primitiva</i> , por Luciano Serrano, t. 3, Madrid 1936, <i>Cartulario de la Catedral de Burgos</i> .
Cart. Cardena	= <i>Fuentes para la historia de Castilla, III, becerro gótico de Cardena</i> , por Luciano Serrano, Valladolid 1910.
Cart. Eslonza	= <i>Cartulario del Monasterio de Eslonza</i> , Madrid 1885.
Cart. Liébana	= <i>Cartulario de Santo Toribio de Liébana</i> , por Luis Sánchez Belda, Madrid 1948.
Cart. Oviedo	= <i>Cartulario de San Vicente de Oviedo</i> , por Luciano Serrano, Madrid 1929.
Cart. Poblet	= <i>Cartulari de Poblet</i> , Institut d'Estudis Catalans, Barcelona 1938.
Cart. Santillana	= <i>Libro de la Regla o Cartulario de la antigua abadía de Santillana del Mar</i> , por Eduardo Jusué, Madrid 1912.
Cart. SCugat	= <i>Cartulario de «San Cugat» del Vallés</i> , t. 1-3, por J. Rius Serra, Barcelona 1945-1947 (Bd. 4 ist noch ausstehend).
Cart. SMillán	= <i>Cartulario de San Millán de la Cogolla</i> , por Luciano Serrano, Madrid 1930.
Cart. Sos	= <i>Sos en los siglos XI-XII</i> , <i>Documentos</i> , Universidad I, num. 3, p. 102-108.
Cart. Valpuesta	= <i>Chartes de l'église de Valpuesta</i> , par L. Barrau-Dihigo, <i>Rev. hispanique</i> 7, Paris 1900, 273-386.
Cart. Vega	= <i>Cartulario del Monasterio de Vega</i> , por Luciano Serrano, Madrid 1927.
Casado Lobato	= María Concepción Casado Lobato, <i>El habla de la Cabrera Alta</i> , Madrid 1948.

(¹) Eine praktische Uebersichtskarte von Spanien und Portugal mit Orten, wo Urkundensammlungen angelegt wurden, gibt A. Steiger, *Festschr. Jud.*, nach S. 714.

- Caveda = José Caveda, *Poesías selectas en dialecto asturiano*, Oviedo 1887.
- CD. Alfonso IX = Julio González, *Alfonso IX*, t. 2, Colección diplomática, Madrid 1944.
- CD. Covarrubias = Fuentes para la historia de Castilla, II, *Cartulario del Infantado de Covarrubias*, por Luciano Serrano, Valladolid 1907.
- CD. El Moral = Fuentes para la historia de Castilla, I, Colección diplomática de San Salvador El Moral, por Luciano Serrano, Valladolid 1906.
- CD. Oña = Colección diplomática de San Salvador de Oña, t. 1, por Juan de Alamo, Madrid 1950.
- CD. prov. vasc. = J. A. Llorente, *Noticias históricas de las tres provincias vascongadas*, parte III, Colección diplomática, Madrid 1807.
- CD. Santillana = Mateo Escagedo Salmón, Colección diplomática... de la insigne Iglesia colegial de Santillana, I, Santoña 1927.
- CD. SMJubia = Colección diplomática de San Martín de Jubia, por Santiago Montero Díaz, *Boletín de la Universidad de Santiago de Compostela*, VII, n.º 25, 1935, p. 1-156.
- CD. Tuy = P. Galindo Romeo, *Tuy en la baja Edad media*, Zaragoza 1923, als Anhang eine «Colección diplomática» (p. I-XXXIV).
- CEG = Cuadernos de estudios gallegos, Santiago de Compostela 1946 ff.
- Cejador y Frauca = Julio Cejador y Frauca, *Vocabulario medieval castellano*, Madrid 1929.
- Chartes Silos = *Recueil des chartes de l'abbaye de Silos*, par Marius Ferotín, Paris 1897.
- Col. doc. Arag. = Colección de documentos para el estudio de la historia de Aragón, t. 1, 2, 9, Zaragoza 1904-1913.
- Corona Baratech = Carlos E. Corona Baratech, *Toponimia Navarra en la edad media*, Huesca 1947.
- Cortes AVC = Cortes de los antiguos reinos de Aragón y de Valencia, y principados de Catalunya,

- t. 1-2, Cortes de Catalunya, 1359-1367, Madrid 1899.
- Cuveiro Piñol = J. Cuveiro Piñol, Diccionario gallego, Barcelona 1876.
- Dias = Jorge Dias, Vilarinho da Furna [Minho], Porto 1948.
- Dipl. part. = Alguns diplomas particulares dos séculos XI-XII, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1942.
- DLE = Documentos lingüísticos de España, I, Reino de Castilla, por R. Menéndez Pidal, Madrid 1919.
- DMP, Doc. part. = Documentos medievais portugueses: Documentos particulares, III, pelo académico Rui Pinto de Azevedo, Lisboa 1941 (I, II noch nicht erschienen).
- Doc. Galicia = M. Sponer, Documentos antiguos de Galicia, AnOfRom. 7, Barcelona 1934.
- Doc. gallegos = Martínez Salazar, Documentos gallegos de los siglos XII al XIV, La Coruña 1911.
- Doc. León y Cast. = Documentos para la historia de las Instituciones de León y Castilla, por Eduardo Hinojosa, Madrid 1919.
- Doc. Navarra = Colección de documentos inéditos para la historia de Navarra, por Arigita y Lasa, Pamplona 1900.
- Doc. Ribagorza = Noticias y documentos del condado de Ribagorza, por M. Serrano y Sanz, Madrid 1912. Ergänzungen dazu in der Rev. de arch., bibl. y museos 40-41, Madrid 1919-1920; BAH 81, 115-36, 357-83.
- Doc. Valladolid = Documentos de la Iglesia colegial de Santa María la Mayor de Valladolid, por Manuel Mañueco Villalobos, Valladolid 1917.
- EEMArag. = Estudios de Edad Media de la Corona de Aragón, t. 2-3, Zaragoza 1946-1949, Documentos para el estudio de la reconquista y repoblación del Valle del Ebro, por José M. Lacarra (auch separat).

- ES = España sagrada, por Henrique Florez, Manuel Risco..., t. 1-52, Madrid 1754-1918.
- EUC = Estudis Universitaris Catalans, t. 9, 1-101, Barcelona 1915-1916, F. Valls Taberner, Els orígens de Pallars i Ribagorça (mit Urkunden).
- Figueiredo = Cândido de Figueiredo, Novo Dicionário da língua portuguesa, 5.^a ed., Lisboa 1939.
- Foros Galicia = José Villa-Amil y Castro, Los foros de Galicia en la edad media, Madrid 1884.
- García de Diego = Vicente García de Diego, Manual de dialectología española, Madrid 1946.
- García-Lomas = G. Adriano García-Lomas, El lenguaje popular de las Montañas de Santander, Santander 1949.
- García Oliveros = A. García Oliveros, Diccionario bable de la rima, Oviedo 1947.
- García Rey = Verardo García Rey, Vocabulario del Bierzo, Madrid 1934.
- Garrote = Santiago Alonso Garrote, El dialecto vulgar leonés hablado en Maragatería y tierra de Astorga, Madrid 1947.
- Ibáñez = José Ibáñez Fernández, Diccionario galego da rima e galego-castelan, Madrid 1950.
- Índ. Sahagún = Índice de los documentos del Monasterio de Sahagún, Madrid 1874.
- Krüger = Fritz Krüger, Die Gegenstandskultur Sanabrias und seiner Nachbargebiete, Hamburg 1925.
- Lamano = J. de Lamano y Beneite, El dialecto vulgar salmantino, Salamanca 1915.
- LB. Santas Creus = El «Llibre Blanch» de Santas Creus, Cartulario del siglo XII, por Frederico Udina Martorell, Barcelona 1947.
- Leges Hisp. = Leges Hispanicae medii aevi, Stockholm 1950 ff.
- L. Feud. Maior = Liber Feudorum Maior, Cartulario real que se conserva en el Archivo de la Corona de Aragón, por Francisco Miquel Rosell, t. 1-2, Barcelona 1945-1947.

- López Cuevillas = Florentino López Cuevillas, Vicente Fernández Hermida..., Galicia, Parroquia de Velle [Orense], Compostela 1936.
- López Ferreiro = A. López Ferreiro, Historia de la Santa A. M. Iglesia de Santiago de Compostela, t. 2-7, Apéndice de documentos, Santiago 1899-1905.
- Madoz = P. Madoz, Diccionario geográfico-estadístico-histórico de España, t. 1-16, Madrid 1845-50.
- Marca Hisp. = Marca Hispanica sive limes Hispanicus, hoc est geographica et historica descriptio Cataloniae, Ruscinonis et circumjacentium populorum, auctore Petro de Marca, Parisiis 1688, Appendix (p. 760-1490), collectio veterum monumentorum.
- Moraes = António Moraes Silva, Dicionário da língua portuguesa, 8.^a ed., Rio de Janeiro-Lisboa 1890.
- MP, Orig. = R. Menéndez Pidal, Orígenes del español, Madrid 1929.
- Muñoz = Colección de Fueros municipales y cartas pueblas, por Tomás Muñoz y Romero, Madrid 1847.
- Pardo Asso = J. Pardo Asso, Nuevo diccionario etimológico aragonés, Zaragoza 1938.
- PMH, Dipl. = Portugaliae monumenta historica, Diplomata et chartae, I, Olisipone 1867.
- PMH, Inqu. = Id., Inquisitiones, Olisipone 1888-1936.
- PMH, Leg. = Id., Leges et consuetudines, I-II, Olisipone 1863-1868.
- Priv. VAndorra = Privilegis i ordinacions de les Valles Pireniques, por Ferran Valls Taberner, III, Vall d'Andorra, Barcelona 1920.
- Priv. VAneu = Id., II, Vall d'Aneu, Vall Ferrera i Vall de Querol, Barcelona 1917.
- Priv. VAran = Id., I, Vall d'Aran, Barcelona 1915.
- RDH, Cat. = Rationes decimarum Hispaniae, I, Cataluña, Mallorca y Valencia, por José Rius Serra, Barcelona 1946.

- RDH, Navarra = Id., II, Aragón y Navarra, por José Rius Serra, Barcelona 1947.
- RDTP = Revista de dialectología y tradiciones populares, Madrid 1946 ff.
- Renero = Vicente Renero, Formas dialectales y toponímicas de Cantabria, «Altamira», Revista del Centro de Estudios Montañeses, 1947, p. 109-255.
- RHi. = Revue hispanique, Paris 1894 ff.
- RLu. = Revista lusitana, t. 1-38, Lisboa 1887-1943.
- RPF = Revista portuguesa de filologia, Coimbra 1947 ff.
- RSant. = Revista de Santander, 1932, n.º 4-6, 1933, n.º 2: H. Alcalde del Río, Contribución al léxico montañés.
- Staaff = Erik Staaff, Etude sur l'ancien dialecte léonais, Uppsala 1907.
- Tavares da Silva = D. A. Tavares da Silva, Esboço dum Vocabulário agrícola regional, Lisboa 1942-1944.
- Valladares = M. Valladares, Dicionario gallego-castellano, Santiago 1884.
- Viana = A. Viana, Linguagem popular do Alto-Minho, Viana do Castelo 1932.
- Villanueva = Jaime Villanueva, Viage literario a las iglesias de España, t. 5-22, Madrid 1806-1852 (mit Urkunden aus Katalonien).

*

astur., ohne Quellenangabe = A. Rato de Argüelles, Vocabulario de las palabras y frases bables, Madrid 1891.

span. = Dicionario de la lengua española, Real Academia española, Madrid 1939.

westastur. = B. Acevedo y Huelves y M. Fernández y Fernández, Vocabulario del bable de occidente, Madrid 1932.

In den letzten vierzig Jahren sind insbesondere in Spanien nicht nur zahlreiche Dialektwörterbücher, sondern auch Urkunden publiziert worden, die bis jetzt, wenn wir von dem in der romanistischen Forschung einzig dastehenden Werk R. Menéndez Pidal's, den *Orígenes del español*, den zahlreichen lexikologischen Arbeiten P. Aebischers und der Untersuchung von A. Steiger, *Zur Sprache der Mozaraber* (Festschr. Jud 624-714), absehen, noch kaum für sprachgeschichtliche Untersuchungen ausgewertet worden sind. Die in Urkunden vergrabenen Materialien sind nur demjenigen zugänglich, der sich die Mühe nimmt, Seite für Seite durchzulesen. Bekanntlich zitiert Du Cange höchst selten mittellateinische Wörter aus Dokumenten der iberischen Halbinsel (vgl. Hubschmid, Bull. Du Cange 20, 266-69). Die Wörterbücher von Oelschläger⁽²⁾ und Viterbo⁽³⁾, die den mittelalterlichen Wortschatz Spaniens und Portugals verzeichnen, sind unvollständig, so vor allem das *Elucidário* von Viterbo, das (in zweiter Auflage) vor bald hundert Jahren erschien, zu einer Zeit, als noch relativ wenig altportugiesische (mittellateinische) Urkunden publiziert waren⁽⁴⁾.

Ich habe im folgenden alle mir irgendwie zugänglichen Materialien aus den ältesten Dokumenten, aus Dialektwörterbüchern und -listen und andern Quellen verwertet, soweit sie für die behandelten Probleme von Interesse waren. Es liessen sich gewiss noch mehr Belege aus jüngeren Texten und aus Wörterbüchern der Schriftsprachen (vor allem des Spanischen) anführen, was mir erlaubt hätte, die sprachlichen Probleme in alle Details zu verfolgen, wie dies Y. Malkiel in seinen etymologischen Studien tut⁽⁵⁾. Ich musste mich jedoch auf die gerade greifbaren Materialien beschränken und hoffe, dass es andern möglich sein wird, noch gewisse Ergänzungen anzubringen.

(2) Victor R. B. Oelschläger, *A Medieval Spanish Word-List*, The University of Wisconsin Press, Madison 1940.

(3) J. da Santa Rosa de Viterbo, *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram*, Lisboa 1865.

(4) Die übrigen altportugiesischen und altspanischen Wörterbücher beziehen sich meist bloss auf den Wortschatz einzelner Autoren und enthalten selten topomastische Ausdrücke.

(5) Zuletzt in den *Estudios dedicados a Menéndez Pidal*, I, Madrid 1950, 91-124.

I.

In span. *senára* 'porción de tierra que dan los amos a los capataces o a ciertos criados para que la labren por su cuenta, como plus o aditamento de su salario; producto de este labor; tierra sembrada', port., galiz. *seára*, aport. *senra* und *seára* in ähnlichen Bedeutungen haben J. Jud und P. Aebischer (ARom. 5, 1921, 51) eine ursprüngliche Bedeutung 'Brachfeld' angenommen und eine gallische Ableitung von kelt. *seno-* 'alt' vermutet. Da lat. *vetustus* 'alt' bologn. *bdest* 'maggese' ergibt und der Bedeutungswandel von 'alt' > 'Brachfeld' ('altes Feld') auch sonst nachzuweisen ist (vgl. Jud-Aebischer a.a.O.), könnte gegen diese Etymologie in semantischer Hinsicht nichts eingewendet werden — vorausgesetzt, dass die Grundbedeutung des Wortes wirklich 'Brachfeld' war. Meyer-Lübke setzte deshalb für span. *senara* und port. *seara* eine vorromanische Grundform **senāra* an (REW 7815 a), bemerkt aber, dass eine Ableitung von gall. **sen-* im Suffix nicht verständlich sei (man erwarte **sénara*).

Jud-Aebischer hatten sich über die Frage der Betonung nicht ausgesprochen. Erst M. L. Wagner, der noch auf agaliz. *senra* 'heredad, porción de terreno de cultivo' wies (Biblos 21, 156), sagte deutlich, dass von vorrom. **sénara* auszugehen sei. Die Akzentverschiebung zu *senára* sei durch Wörter wie port. *semeáda*, port., span. *sembráda* 'Saatfeld' verursacht und die Zweifel Meyer-Lübkes an einer Ableitung von kelt. *seno-* wären unberechtigt. Wagner stellt zu port. *seara* auch ein bisher unbefriedigend gedeutetes Wort, port. *cieiro* 'pequenas fendas ou feridas, produzidas na epiderme pelo frio ou pelos ácidos; estado de desagregação do solo recentemente lavrado, em consequência do calor do sol', das auf einer Ableitung **senariu* beruhen soll — doch zu Unrecht, wie ich zeigen werde.

Weder Jud-Aebischer noch M. L. Wagner (der übrigens von port. *cieiro* ausging) haben die auf vorrom. **sēnara* weisenden Formen eingehend besprochen. Zunächst scheint mir eine Grundbedeutung 'Brachfeld' keineswegs erwiesen. Jud-Aebischer schreiben zwar: «la signification primitive du mot portugais ressort clairement des matériaux recueillis dans l'Elucidário de Viterbo: *senra*, c'est la dénomination du terrain non labouré, mais cultivable cependant: 'chamaram os nossos antigos *seára* não só os paens (d.h. 'Getreidefelder') que estavam semeados ou a ponto de serem colhidos, mas ainda ao terreno hábil para nele serem semeados'» und schliessen daraus, dass das Wort ursprünglich 'Brachfeld' bedeutet habe. Diese Definition Viterbos stützt sich bloss auf die Tatsache, dass die *Senra do Bispo*

1258 (heute die *Rua da Seára*) früher «nada mais que um campo raso, e mui próprio, e capaz de nele se fazer seára de pão» gewesen sei. In einer um drei Jahrhunderte älteren Textstelle, *et de sua senra* 933, bedeutet *senra* nach Viterbo einfach 'campo'. Der letzte von Viterbo angeführte Beleg, *qui molendini sunt seara nostri monasterii* 1285, spricht nach ihm für eine Bedeutung 'qualquer propriedade, fazenda ou pertença da herdade'. Die Annahme, aport. *senra* habe ursprünglich ein Brachfeld bezeichnet, steht daher, schon bei der Betrachtung der Materialien Viterbos, auf schwachen Füßen. Sie kann aber auch nicht durch andere urkundliche Belege gestützt werden. Das Wort findet sich nicht nur in zahlreichen Urkunden Portugals, sondern auch Spaniens. Ich stelle im folgenden eine Auswahl von Belegen zusammen, die ich nach Entwicklungstypen, geographisch (z. T. nach Provinzen) und chronologisch ordne.

A. **sēnara* > iberorom. *sen(e)ra*

1. In Nord- und Westspanien

a) Santander: *casa, seneras...*, *senera qui est in Mensas* 831 (Cart. Liébana 12), *super illa senrra* 1112 (CD. Santillana 1,32);

b) Burgos: *prisi seneras in Comunione... et alia sinera... et tercia sinera... et sinera in valle* usw. 822 (Kopie 13. Jh., CD. Oña 2); *ad illa senra de Pobalias* 844 (Cart. Valpuesta 295), *et in S. Saturnini seneram* 864 (ebd. 298), *illa media sinera de Valle Sorrozanes* 968 (ebd. 351), *circa sulco de illa sinrra* 1070 (ebd. 382); *quatuor senras* 981 (Cart. Cardena 316); *de illa mea senra* 1155 (Chartes Silos 84);

c) Oviedo: *senera in Curonio* 857, *terras et senras* 857 (ES 37, 324-25), *cum senra capiente trecentos modios semente* 887 (ES 37, 330), *seneras multas et magnas* 926 (ES 37, 350); *et in Cova de Goda una senra* 1015 (Cart. Oviedo 29), *damus vobis ipsa sienra* 1072 (ebd. 78), *in ipsa senra ipso pumares* 1099 (ebd. 128 usw.);

d) León: *senera quem habeo secus strata* 874 (ES 34, 430), *illa senrra dominga* 908 (MP, Orig. 247, 317), *in caput de senra nostra* 925 Astorga (ES 16, 432), *lama iusta vestra senra* 940 San Miguel de Escalada (BAH 31, 472), *cum suas vineas et suas senras* 1042 (ES 36, ap. 42), *ela terra de la senrra* 1113 (Cart. Eslonza 93), *in nostra senrra* 1165 S. Eugenia (AHDE 6, 432);

e) Zamora: *ad illa senrra de illas vineas* 1062 S. Cristina (Muñoz 222).

In den heutigen Mundarten sind belegt Astorga *sierrra* 'pago rural' (Garrote) und westastur. *senra* 'extensión grande de terreno

llano, sin paredes, pero perteneciente a varios cultivadores, que separan sus propiedades (todas con igual fruto) por mojones o simplemente por *suqueiros*. Son lo que las dehesas de trigo extremeñas; pero como aquí es el cultivo intensivo y no hay barbechos, un año están de trigo y otro de maíz, con intermedio de nabos. Úsase del Navia al Eo y en gallego', Boal *sénera* 'heredad' (Acevedo y Fernández). Als Ortsname kann ich *Sienra* für die Provinzen Oviedo und León (*senrras* laut Álvarez 191) nachweisen.

2. In Portugal und Galizien

a) Portugal: *et inde per senrra de episcopo* 933, *de senrra de Pulgaria* 933 Lorrão (PMH, Dipl. 1, 24), *de quanto ibidem mansuaria abuit in ipsa senra* 968 Moreira (ebd. 62), *super illa vestra senra* 985 Moreira (ebd. 93), *ex alia parte Selio senra que dicent de Gumilares* 1058 Livro de D. Mummadonna (ebd. 249), *illa senra que iacet in ripa Ave* 1059 (ebd. 260), *de tota illa senrra quomodo se levat de termino de ipso monasterio* 1085 Arouca (ebd. 379), *de illa senrra de sub portu Fromariz* 1097 Valoira (ebd. 511), *illa senrra* 1109 Braga (DMP, Doc. part. 3, 288) usw., s. Arch. Port. 15, 266;

b) Galizien: *senara ad semenaturam XXX modiorum* 885, *senara* 885, *cum sua senra* 889 (López Ferreiro 2, 32, 47), *senra* 1207 Aguado (Lugo) 'laboreo' (Foros Galicia 44), *de senrris et aliis locis* 1228 (López Ferreiro 5, 39), *usque ad seneram* 1228 Santiago (CD. Alfonso IX 650), *villam de Senrra* 1137 Coruña (CD. SMJubia 81), *S. Pelagii de Senrra* 1303 Pontevedra (RDTP 5, 661).

Senra ist ausserordentlich häufig als Ortsname bezeugt; in Portugal fast ausschliesslich in der Provinz Entre-Douro-e-Minho, in Galizien in allen vier Provinzen dieses Gebietes.

B. **sēnara* > aspan. *senra* > *serna*.

Weder Jud-Aebischer noch M. L. Wagner haben die weit verbreitete spanische Form *serna* 'porción de tierra de sembradura' beachtet. Dass span. *serna* regulär aus älterem *senra* entstanden ist, hat schon Menéndez Pidal festgestellt (Oríg. 317); vgl. *jerno* 1015 León 'yerno' gegenüber *genro* 1039 León, astur. *xenrru*, galiz. *xenro*, port. *genro* < rom. *generu* (lat. *gener*) oder span. *tierno*, port. *terno* 'meigo, sensível' gegenüber astur. *tienru* 17. Jh. (Caveda 75), galiz., port. *tenro* 'mole, brando', mit der Ableitung span. *ternera* 'weibliches Kalb' gegenüber astur. *tenrera* 18. Jh. (Caveda 158), aport. *vacca tenraria* 1098 (PMH, Dipl. 1, 521) 'terneira' usw., Menéndez Pidal, Gram. hist. 161.

Auch die urkundlichen Belege von *serna* bieten nicht den geringsten Anhaltspunkt, dass das Wort ursprünglich ein 'Brachfeld' bezeichnet hätte.

Der Typus *serna* ist vor allem in Kastilien alt bezeugt. Von hier aus wird er sich nach Westen (und Süden) verbreitet haben. Auffälligerweise fehlt *serna* (wie *senra*) in Aragón und Katalonien. Der einzige, in den Doc. Ribagorza 337, 339 verzeichnete Beleg, *presit illas sernas per sekare et illas vineas per vindemiare* 1023-30, steht zwar in einem Dokument aus San Juan de la Peña; doch beziehen sich jene *sernas* auf Güter in Espeja (Burgo de Osma) in der Provinz Soria. Borao zitiert noch ein arag. *serna* aus einer Schenkungsurkunde an das Kloster Veruela (Zaragoza), nach 1164, mit der Bedeutung 'cantera de piedra'. Da Borao das Wort ohne Textzusammenhang anführt und ich die Textstelle nicht nachkontrollieren kann, darf man aus diesem Beleg nichts sicheres schliessen.

In den Urkunden und alten Texten, die mir zur Verfügung stehen, bedeutet *serna* 1. 'Saatfeld', 2. 'Dienstleistung der Bauern (colonos) an den Gutsherrn'. Wie P. Sota in seiner *Crónica* schreibt, war die *serna* 'un solar, cuyos colonos o vasallos solariegos, además de la renta que por él pagaban al señor de él, le debían servir en algunos días del año con sus personas y bueyes' (García-Lomas). In Urkunden aus San Pedro de Montes (Bierzo), um 1315, findet sich das Wort *serna* ausschliesslich in der zweiten Bedeutung, 'prestación personal a que los vasallos de un monasterio estaban obligados en las labores y lugares que ordenare el abad por razón de vivir de la hacienda de aquél' (García Rey) ⁽⁶⁾.

In der Bedeutung 'Sa at f e l d' ist *serna* bezeugt in den Provinzen

a) Navarra: in *Mendilorri una serna* 1027 Pamplona (CD. prov. vasc. 3, 357), in *illa serna de Cerbera* 1170 Fitero (Doc. Navarra 44), *la serna del Rey* 13. Jh. (Fuero Navarra 61);

b) Logroño: *omnes nostras presuras quam sub sedis Dei auxilio accepimus et sernas* 800 (Cart. SMillán 2), *ipsa serna iuxta ribo Burcenia* 800 (ebd. 3), *sernas et mazanares* 853, 863 (ebd. 8, 11), in *sernas, terras, in vineas* 952 (ebd. 58), *una serna cum suo soto et cum suas noqueras* 1133 (ebd. 303), *unam sernam meam que est in*

⁽⁶⁾ Zum Sachlichen vgl. noch J. Costa, *Colectivismo agrario en España*. Madrid 1898, 465; F. de Cárdenas, *Ensayo sobre la historia de la propiedad territorial en España I*, Madrid 1873, 328; H. Ahrens-Westerlage, *Grundlagen zur bäuerlichen Kultur der Montaña von Santander*, Diss. Münster i. W. 1941, 58-59.

Alesanco 1052 Nájera (BAH 26, 231), *la serna de Val de Daroca* 1059 Sojuela (Muñoz 220);

c) Santander: *illa canal cum sua serna* 927 Santoña (BAH 73, 425); *et quatuor sernas foras terminos de regla* 933-967 (Cart. Santillana 16) *vindo vobis illa serna* 998 (ebd. 46), *sernam de era de Tedeia* 1187 (Cart. Liébana 145);

d) Burgos: *de illa serna que ibidem concedimus* 912 (Cart. Arlanza 7), *suas sernas et suo bustare* 929 (ebd. 22), *meas sernas et meas vineas* 1060 (ebd. 123); *ipsas sernas que sunt in Orbanelia* 943 (Cart. Cardena 23), *et sernas in Paramo* 961 (ebd. 78); *et alia serna super carrera* 940 (Cart. Valpuesta 332); *pratos et serna* 978 (CD. Covarrubias 18); *damus illam sernam* 1041 (Chartes Silos 10), *sernas, domos, ortos et vineas* 1191 (ebd. 117); *vendo vobis illam sernam* 1094 (Cart. Burgos 87); *et tertiam sernam que est in Quintaniella* 1137 Burgos (BAH 27, 95);

e) Palencia: *urbe Villairicium ad integrum cum sernis* 1068 (CD. El Moral 3), *la serna que est ultra rivum* 1156 (DLE 1, 34);

f) Valladolid: *cum illa serna mea* 1092 (Doc. Valladolid 17), *cum sernis, cum pascuis* 1115 (ebd. 114);

g) Oviedo: *serna ubi dicunt Pratellos* 853 (ES 37, 321), *cum sernis et bustis de monte Pelio* 857 (ES 37, 324), *sernas, terras cultas et incultas* 887 (ES 37, 332, 335) ⁽⁷⁾; *unum ortum in capite de illa mea serna* 1133 (Cart. Oviedo 174);

h) León: *una serna in rivo Turio* 977 (RHi. 10, 414); *illa serna de Vega* 1154 (Cart. Vega 74); *altera vinea dela serna* 1185 (Staaff 5), *intra muros Legionis et serna et prata* 1215 (CD. Alfonso IX 420).

Zur Bezeichnung einer Dienstleistung des hörigen Bauern ist *serna* seit dem 10. Jh. bezeugt; in den Provinzen

a) Burgos: *nulla serna, neque nulla facendera, nisi uno die in barbechar, et alio in seminar* 974 Castrojeriz (Muñoz 38), *una serna en barbechar* 1220 Burgos (DLE 1, 217);

b) Palencia: *uno quoque anno decem et octo sernas faciant...*, *et serna vindemiarum computetur pro duabus* 1161 (AHDE 15, 558-59), *et faciant serna de mense in mense* 1181 (Doc. León y Cast.

⁽⁷⁾ Da sich in denselben Urkunden z. T. die ältere Form *sennera*, *senra* findet und sich die Ortsnamen *La Serna*, *La Sierna* nur je einmal in der Provinz Oviedo nachweisen lassen — offenbar junge Bildungen —, dürften die alten Belege für *serna* in Asturien nicht auf bodenständiger Lautentwicklung beruhen (vgl. auch García de Diego 162). Auch ist zu berücksichtigen, dass die Urkunde von 853 sicher, die übrigen wahrscheinlich in Kopien des 12. Jh. überliefert sind.

83); *in pane et vino et petito et serna et aliis serviciis* 1188 (CD. Alfonso IX 420), *istas quatuor sernas faciant á barbeiar, et sembrar, et segar, et á trillar* 1221 Palenzuela, *la una (serna) para segar é la otra para barvechar* 1278 Villaturde (Muñoz 273, 168), *tres sernas, una a barbeiar, otra a sembrar* 1224 Santa María de la Vega (Doc. León y Cast. 127); vgl. auch Cejador y Frauca, unter *serna*;

c) León: *e la otra serna sea a barvechar* 1262 Sahagún (Staaff 83);

d) Zamora: *barones de Valle faciant illa serna* 1094 (Muñoz 332), *faciant nobis sex sernas uno quoque anno* 1224 (AHDE 6, 448-49);

e) Toledo: *non sit super eos aliquid servicium ad faciendum..., non serna, nec fossatoria* 1118 (Muñoz 365).

In den Mundartwörterbüchern finde ich *serna* bloss bezeugt für die *Montañas de Santander*, in der Bedeutung 'terrenos francos y muy a propósito para cultivar maíz'. Aus dem Spanischen drang das Wort wohl ins Galizische; es ist nur bei *Valladares* verzeichnet, *serna* 'cierta clase de tierra de labor; tributo de acudir a labrar la tierra del señor', und wird nicht volkstümlich sein. In Ortsnamen lässt sich *Serna* (meist mit dem Artikel gebraucht) nachweisen in ganz Kastilien, mit Ausläufern bis Südspanien, sowie in Nord- und Westspanien; in Galizien finden sich einige Belege in der Provinz *Pontevedra*.

C. Iberorom. **sĕnára*

Ob die im folgenden zusammengestellten urkundlichen Formen alle auf der zweiten Silbe zu betonen sind, kann nicht mit Sicherheit entschieden werden. Bei einem andern Wort, vorrom. **gándara*, lauten die urkundlichen Belege teils *gandara*, teils *gandera* oder *gandra*: *Gandara* 916 *Pontevedra* (ES 19, 356), 1078 *Lugo* (ES 40, 420), *Sant Martino de Gandara* 1450 *Lugo* (Doc. Galicia 66), *Ganderas* 932 *Celanova* (AHDE 9, 160), *per illam ganderam* 957 (PMH, Dipl. 1, 42), *Gandera* 1095 (CD. Tuy 4), 1325 *Lugo* (Doc. Galicia 54), *Gandra* 969 *Lugo* (ES 18, 336), *in Gandras* 1079 (Cart. Oviedo 89) usw., heute als Ortsname und Appellativ port. *gándara*, *gándra* 'unfruchtbarer, sandiger Boden', galiz. *gándara* usw., s. unten, S. 137 Auch *Tamara* 1071, 1073 (Cart. Cardaña 241-42) ist nach Ausweis der heutigen Form, *Támara* (Palencia), auf der ersten Silbe zu betonen. Weitere Beispiele von erhaltenem *a* vor *r* in der Mittelsilbe von Proparoxytonis habe ich im *Museum Helveticum* 7, 224 zusammengestellt. Auf der ersten Silbe ist zum mindesten der urkundlich be-

zeugte altgalizische Ortsname *Senara* 1159 zu betonen, da er identisch ist mit dem im Jahre 1137 erwähnten Namen, *Senrra* (CD. SMJubia 88 und Index). Und so dürfte auch das in derselben Urkundensammlung auf S. 90 erwähnte Appellativ *senara: tres servicialias cum senara et cum hominibus qui sunt de ipsa hereditate* 1162, ein Proparoxyton sein.

1. In Spanien

Die Form mlat. *senara* ist hier relativ selten bezeugt. Ich kenne bloss folgende alte Belege: *villa que dicitur Senares* 926 Oviedo (ES 37, 350), mit auffälliger Endung, *ad illa senara de Piniolo* 978 (Cart. Oviedo 20); *senaras, montes, fontes, vineas* 1048 Astorga (ES 16, 462); *unam senaram de vinea* 1229 (CD. Alfonso IX 687). Sicher auf der zweiten Silbe zu betonen ist bloss aspan. *senara* im Vers *tus senaras cuestan caras al coğer de los agrases* 15. Jh. (Baena fol. 165 r_b).

2. In Portugal und Galizien

sind Belege zahlreicher: *et vendimus senara nostra que abemus in ripa de Arcus* 961 Lervão (PMH, Dipl. 1, 54), *alia senara que iacet in illa senra* 1098 Pendorada (ebd. 527) — hier dürfte *senara* bloss eine orthographische Variante von *senra* sein; *nunquam faciatis nobis senaram* 1111 Coimbra (PMH, Leg. 1, 356), *seara* 1111 Soure/Coimbra (ebd. 357), *de sua senara de unam partem pro directum tribuat ad monasterium* 1138 Lervão (Dipl. partic. 19), *que nunca a nos façades seara* 1162 Thomar/Santarém (PMH, Leg. 1, 388), *sua senara aut sua vinea* 1187 Valelhas, 1195 Penedono (ebd. 469, 499), *senare et vinee* 1217 Valença, 1258 Melgaço (ebd. 571, 658) usw.; *deve a mandar a ssemar pora seara* 1292 Chelas (RLu. 9, 272), *una séeara de vina* 13. Jh. Pendorada/Lafões (RLu. 11, 93);

in mea senara 1120 Lugo (ES 41, 297), *de su senara* 1255 Meira/Lugo (Doc. Galicia 7), *ena Seara en Becerif* 13. Jh. (Doc. gallegos 10).

Als Ortsname findet sich *Senara* in Spanien selten (*La Senara* in der Prov. Zamora); *Seara* ist dagegen häufig in ganz Galizien und in Portugal in der Provinz Entre-Douro-e-Minho, ohne dass sich eine scharfe Grenze zwischen den Zonen von *Senra* und *Seara* feststellen liesse. Darüber hinaus lässt sich *Seara* mehrmals im Distrikt Viseu und vereinzelt in den Distrikten Braga, Coimbra, Guarda und Leiria nachweisen. Diese grössere Verbreitung wird sich z.T. durch die Tatsache erklären, dass port. *seara* (im Gegensatz zu aport. *senra*) noch heute als schriftsprachliches Wort bekannt ist. Es bedeutet 'terreno onde crescem cereais; terreno semeado; messe; campo cul-

tivado; qualquer campo, coberto de vegetação'. Genau gleich liegen die Verhältnisse in Galizien, wo *seara* (im Gegensatz zu *agaliz. senra*) der lebendigen Sprache angehört; Carré definiert es mit 'campo de trigo; terreno cultivado'. Es ist daher nicht weiter auffällig, wenn sich die Zonen von *Senra* und *Seara* meist nicht säuberlich voneinander trennen lassen: wo, wie z. B. in Velle (Orense), *Senra* als Ortsname neben *Seara* bezeugt ist (López Cuevillas 59), weist *Senra* auf eine ältere Namengebung und *Seara* gehört einer jüngern Schicht an. Beachtenswert ist noch, dass *senara* in Puerto Seguro (Salamanca) 'cosecha de un fruto, no la tierra sembrada o el producto del terreno cedido a los criados' bedeutet (RDTP 5, 109).

Als Ableitung sind bezeugt Segovia *senarero* 'criado al que los amos dan, además de un salario, una porción de tierra para que la labre por su cuenta' und 'Mazuecos de Valdeginat (Palencia) *senarero* 'labrador de poca propiedad, de media callera — como allí dicen — que se dedica después a hacer la recolección a otros mediante el pago que convengan; en toda la Tierra de Campos lo dicen' (RDTP 2, 634, 484).

D. Iberorom. **sēnāra* > mlat. (Portugal) *senaria*

Der Typus mlat. *senaria* ist wohl bloss eine Konstruktion der mittelalterlichen Kanzleisprache; altportugiesische oder moderne Belege, die auf *senaria* beruhen, gibt es nicht. Die Latinisierung *senaria* erklärt sich durch das Bestreben der Schreiber, das im Portugiesischen sonst isolierte Suffix *-āra* an eine bekanntere Bildungsweise anzugleichen. Dass mlat. *senaria* eine sekundäre Form ist, geht auch hervor aus den erst später auftretenden Belegen. Wenn wir von einigen seltenen und z.T. nicht ganz sicheren Belegen absehen — *per terminum de Seneria* 1080 (Cart. Oviedo 93), *ecclesia S. Jacobi de Senari* 897 Lugo (ES 40, 387) (*), *Senaria* 961 Portugal (Ortsname? Arch. Port. 15, 265) (°) — so findet sich *senaria* erst häufiger im 12. und vor allem im 13. Jh.: *de Taboledo cum sua senaria* 1138 Coimbra (Biblos 9, 169), *et bona senarea de vinea* 1220 (PMH, Inqu. 1, 211), *quod ista ecclesia habet senarias et duo casalia* 1220 (ebd. 212 usw.), *una bona senaria vinee* 1258 (ebd. 690), *extra ipsam senariam*

(*) Könnte aus *(villa) *Senarii* entstanden sein; vgl. *Senarius*, comes des Theodorich, aus got. **Sin(i)-harjis* (Schönfeld; Piel, BFil. 2, 201 = Nomes germânicos, Nr. 241).

(°) Cortesão verweist auf eine Urkunde aus dem L. de D. Mummadona, PMH, Dipl. 1, 52, 1. 6. Doch finde ich dort keinen Namen *Senaria*.

iacent due leire 1258 (ebd. 721), *loco qui dicitur Senaria* u. ä. 1258 (ebd. 560, 672) ⁽¹⁰⁾.

Mlat. *senaria* bedeutet also auch (wie z.T. *senara*) 'Stück Land, das mit Reben bepflanzt ist'. Eine spezielle Bedeutung 'Brachfeld' ist nirgends nachzuweisen. Brach liegende Felder werden in Urkunden Spaniens und Portugals mit Vertretern von lat. *vervactum* bezeichnet (in Katalonien überdies mit Wörtern gallischen Ursprungs: **artika*, **bodika* > kat. *artiga*, *boiga*): *en los barbeytos que son pora sempnar* 13.-14.Jh. (Fuero Navarra 125), *barbecho* 1191 Toledo (MP, Orig. 291), *barvechos* 1243 Sahagún (Staaff 30), *terras ruptas vel barveitos* 1096 Arouca (PMH, Dipl. 1, 497), *herdade... et si fuerit barvecho* 1188-1235 Alfaiates (PMH, Leg. 1, 834), *et si for barveyto dê el quarto de pan a qui pertenece* 1209 Castel Rodrigo (PMH, Leg. 1, 875) usw., *villa de Barveita* 991 Galizien (ES 19, 381). Aport. *senra*, span. *serna* und seine Familie finden sich nie in Verbindungen wie **et si fuerit senra...* u.ä. Ueberhaupt gibt es kaum ein Wort, das ursprünglich 'Brachfeld' und später genau das Gegenteil, ein 'bebautes Feld', bezeichnet hätte. Deswegen hat M. L. Wagner eine übrigens auch lautlich schwierige Verknüpfung von port. *adil* 'poiso', d.h. 'Brachfeld', mit port. *adema* 'seara', die Gonçalves Viana vorgeschlagen hatte, abgelehnt (Biblos 10, 435) ⁽¹¹⁾.

Mit dem Nachweis, dass von einer durch alte Texte bezeugten, engeren Bedeutung 'Brachfeld', die dem aport. *seara* eigentümlich wäre, nicht die Rede sein kann, und dass auch aport. *senra* und seine spanischen Entsprechungen nie 'Brachfeld' bedeutet haben, wird die von Jud-Aebischer vermutete keltische Etymologie dieser Wörter, eine Ableitung von kelt. *seno-* 'alt', sehr fraglich. Dazu kommt, dass kelt. *seno-* 'alt' ein kurzes *e* hat; gall. **sénara* hätte span. **sierna*

⁽¹⁰⁾ Ein Typus **senarium* würde nach M. L. Wagner, Biblos 21, 156, dem arag. *cenero* 'terreno no pacido' zu Grunde liegen. Diese Form wurde erstmals von Peralta (1836) verzeichnet und ist darnach von Borao mit dem Sigel «d» (= Peralta) übernommen worden. Coll y Altabás bietet aber für die Litera *cenzero* in gleicher Bedeutung und *cenzero* findet sich auch in einem aragonesischen Text (Coll, LV*, Nota 6). Pardo Asso bringt beide Formen, die er mit 'terreno sin pastar; cencido, sin hollar la hierba' definiert. Da ich arag. *cenero* (Druckfehler für *cenzero*?) in aragonesischen Ortsnamen oder Urkunden nicht nachweisen kann und arag. *cenzero* denselben Stamm enthält wie arag. *sencido* 'cencido' (zu lat. *sancire* 'verbieten', REW 7566a), also nicht auf **senarium* beruht, bleibt die Etymologie von arag. *cenero* zweifelhaft.

⁽¹¹⁾ Zu port. *adema*, *adémia*, aport. *ademena* vgl. J. da Silveira, RLu. 35, 96-97 (< arab. *ad-demeno*).

ergeben, wie rom. *generu* span. *verno* usw.; vgl. Menéndez Pidal, Orig. 160-65. Auch können die im Kartular von Oña und Valpuesta bezeugten Formen, *sinera* u. ä. (oben S. 126), nur auf vorrom. **sēnara* beruhen, da sich rom. *ē* bloss vor *l* und *r* über *ie* zu *i*, rom. *ē* dagegen auch in andern Fällen zu *i* entwickelt hat, wie rom. *domīnicus* > aspan. *Domengo* und *Domingo* (MP, Orig. 178-79) und andere, von Jennings angeführte Beispiele zeigen⁽¹²⁾. Die Form *Sierra* ist nur einmal, neben zahlreichen Belegen von *senra* in derselben Urkundensammlung, alt bezeugt (Cart. Oviedo 78). Wenn hier nicht eine hyperkorrekte Schreibung vorliegt, wie in einem vereinzelt aspan. *Domiengo* 1172 oder in aleon. *Sierna* 1282 Sahagún neben häufigerem aleon. *serna* 1248, 1256, 1262 (Staaff 101, 45, 66, 83), so ist daran zu erinnern, dass heute im Asturischen und Leonesischen rom. *ē* zuweilen zu *ie* diphthongiert wird: vgl. den mindestens acht mal in der Provinz Oviedo vorkommenden Ortsnamen *Sierra*, astur. *miete* 'mete', *enriedo* 'enredo', *oriégano* 'orégano' (García de Diego 144) und Astorga (León) *sienrra*, *oriégano*. Deshalb ist nicht von vorrom. **sēnara*, sondern von **sēnara* auszugehen.

Bei keltischer Herkunft des iberorom. **sēnara* fällt schon seine Beschränkung auf Spanien und Portugal auf, die bei toponomastischen Wörtern gallischen Ursprungs zum mindesten seltsam ist. Im Katalanischen, wo sonst gallische Elemente zahlreich sind, finden sich keine Belege von vorrom. **sēnara*. Der in den Pyrénées-Orientales bezeugte Ortsname *villam Senariam* 958, *villa Senarii* 1010 (RA Lothaire 23; Marca Hisp. 979) dürfte, wenn er nicht mit dem galizischen Ortsnamen *ecclesia S. Jacobi de Senari* zu vergleichen ist (oben S. 132), eher auf rom. *sēmināria*, einem Plural zu lat. *sēminārium* 'Pflanzschule', beruhen (zum Lautlichen vgl. lat. *domina* > kat. *dona*)⁽¹³⁾.

(12) A. C. Jennings, A Linguistic Study of the Cartulario de San Vincente de Oviedo, New York 1940, 22.

(13) Vertreter von rom. *sēmināria* lassen sich noch nachweisen in agaliz. *Seminaria* 830 (López Ferreiro 2, 7), in montañ. *seminera*, das mit montañ. *serna* synonym ist (García-Lomas, unter *serna*) und in italienischen Ortsnamen: *Senaria* 960 Asti (BSSS 28, 157), 1025 Modena (Reg. Modena 1, 135), *Seminara* in Kalabrien; als Appellativ mlat. *senaria* 1465 Piemont: *si quis transierit incidendo videlicet senarias sive taglatas* (Stat. Pontestura, BSSS 64, 17). Hieher gehört ferner die Erweiterung mit dem Kollektivsuffix *-itum*, *Senaret* 1224 (Layettes TCh. 2, 35), *de Senareto* 1275 (Doc. Carlat 1, 125), 1280 (Cart. Bonneval 228), 1307 (Feuda Gab. 1, 27), heute *Cénaret* im Dep. Lozère; *Sénarets* ist auch ein Weiler im Dep. Allier.

Ist also keltische und indogermanische Herkunft von vorrom. **senára* vorläufig nicht erwiesen — der Anklang an kelt. **seno-* 'alt' dürfte eben so zufällig sein wie der Anklang an die soeben zitierten italienischen und galloromanischen Wörter, so kann doch kaum bestritten werden, dass vorrom. **senára*, bevor es die Romanen übernommen hatten, in der Sprache der Gallier auf der iberischen Halbinsel lebte. Die Variante mit abweichender Betonung, **senára*, die nach Meyer-Lübke gegen die von Jud-Aebischer vorgeschlagene keltische Etymologie sprechen würde, lässt sich ohne weiteres durch die spätgallische Betonung auf der zweitletzten Silbe erklären. In ähnlicher Weise stehen im Gallischen nebeneinander *Cóndate* (> *Condes*, Jura) und, mit Akzentverschiebung, *Condáte* (> *Condé*, häufiger Ortsname in Frankreich) oder *Némausus* (> prov. *Nemse*, fr. *Nîmes*) und *Nemáusus* (> *Nemours*, Seine-et-Marne); auf gall. **klētáro-* 'Gatter' beruht fr. *le cledar de la porte* 1643 (SD Genève 4, 170) ⁽¹⁴⁾.

Ueber die wechselnde Betonung im Gallischen handelte eingehend Meyer-Lübke (SBWien 143/2); vgl. dazu A. Thomas, Rom. 30, 418 und Pedersen, Kelt. Gramm. 1, 256. Im Britannischen lag der Akzent stets auf der zweitletzten Silbe (Pedersen 1, 277). Ich glaube daher nicht, dass sich, wie Wagner annimmt, span. *senára* und port. *seára* durch den Einfluss viel jüngerer Bildungen, wie span. *sembráda* und port. *semeáda*, erklären, Wörtern, die als Appellativa in alten Texten spärlich (aspan. *senbrada* 13. Jh. Teruel, Leges Hisp. 1, 626; *sembrada* Fuero Sepúlveda 64), in Ortsnamen fast gar nicht bezeugt sind. Dagegen spricht auch die Tatsache, dass Wörter mit dem Ausgang *-ara* im Iberoromanischen (insbesondere im Portugiesischen) nicht selten sind ⁽¹⁵⁾ und dass gerade der isolierte Typus *senára* in mittellateinischen Texten Portugals zu *senaria* umgestaltet wurde.

Schliesslich finden sich in Spanien noch weitere Ortsnamen, die z.T. auf dem Stamm, z.T. auf dem Suffix betont werden und sicher vorromanischen Ursprungs sind. So stehen neben den stammbetonten Formen altüberlieferter südspanischer Ortsnamen, wie ⁽¹⁶⁾ *Uvβα*, *Ussivβα*,

(14) Vgl. zu diesem Wort J. U. Hubschmied, VRom. 2, 100 Anm.: FEW 2, 778.

(15) Vgl. Carolina Michaelis de Vasconcellos, Bull. Hisp. 7, 190-96; Menéndez Pidal, Baust. Mussafia 389-398, Orígenes 343; Meyer-Lübke, Homenaje Menéndez Pidal 1, 79; Hubschmid, Museum Helveticum 7, 224-25 und unten, S. 137-43.

Mxivβx, Corduba (> *Córdoba*)⁽¹⁶⁾, die afrikanischen Namen auf *-uba* entsprechen (*Thunuba, Sububa*)⁽¹⁷⁾, Bildungen, wie aspan. *Senóva, Terróba, Risóva* (18); aspan. *Sádava* (18) steht neben aspan. *Barcávo* 1280 (RDH, Arag. 48) > *Barcábo* (Huesca).

Wie das Suffix in vorrom. **sūnara*, der ursprünglichen Form, beurteilt werden soll, ist nicht sicher. In der Festschrift Jud, S. 249-50, habe ich bei der Besprechung von port. *gándara* (vgl. oben, S. 130) die Auffassung vertreten, dieses Wort sei gallischen Ursprungs und *-ara* das keltische Kollektivsuffix (Pedersen 2, 51). Seither sind in mir einige Zweifel an dieser Interpretation geweckt worden: es ist sehr fraglich, ob in vorrom. **gándara* eine keltische Bildung vorliegt, denn ir. *ganem* 'Sand' könnte, wenn das Wort wirklich mit vorrom. **gándara* zu verknüpfen ist, aus derselben Substratsprache stammen, wie vorrom. **gándara*. Auch sind die keltischen (und armenischen) Pluralbildungen auf *-aro-* im Indogermanischen sonst isoliert, also vielleicht vorindogermanischen Ursprungs (19); vgl. die etruskischen Plurale auf *-ar* (*clenar* 'die Söhne') und kaukasische Plurale auf *-r* (Autran, *Babyloniaca* 8, 1924, 75-122).

Es ist daher nicht ausgeschlossen, dass Bertoldi Recht hatte, in verschiedenen (vor)griechischen und (vor)romanischen Wörtern auf *-ara* Reste einer ursprünglich vorindogermanischen Bildungsweise zu sehen (Mél. van Ginneken, 1937, 158-168), die im Keltischen, aus vorindogermanischer Zeit ererbt, produktiv geblieben ist. Jedenfalls gibt es, auch wenn man einige von Bertoldi irrtümlich herangezogene Beispiele streicht (20), eine ganze Anzahl von mit *-aro-*

(16) Meyer-Lübke, *Homenaje Menéndez Pidal* 1, 65; Bertoldi, *Arch. glott.* 31, 96.

(17) Schulten, *Numantia* 1, 37.

(18) Vgl. unten, S. 145.

(19) Nach Benveniste dagegen vielleicht zu vergleichen mit den idg. Abstrakta auf *-r-* (Origines 128).

(20) So z. B. bask. *legar*, mit Artikel *legarra* 'grava, guija, piedrecilla menuda' usw., das wohl mit dem im Baskischen (und Iberoromanischen) häufigen *rr*-Suffix von gall. **lika* 'Stein' abgeleitet ist (aber wie erklärt sich bask. *-g-* ?); vgl. abearn. *l'ostau de Fortolo de la Leca* 1385 (Dénombr. 143), Barèges *Ihéco* 'grosse pierre' usw., Hubschmid, Festschrift Jud 268, ZRPh. 66, S. 62 und FEW 5, 335, wo noch die in der RIEB 23, 411 zitierten baskischen Ortsnamen sowie abask. *Legarraide* 1141-50 Guipuzkoa (BSVasc. 5, 425), *Legarria* 1276, 1279 Pamplona (RDH, Navarra 177, 264) und *Legarres* 1279 Lérida (RDH, Cat. 121) nachzutragen sind, wohl auch *Legarda* 1027, 1062 (CD. prov. vasc. 3, 358; Cart. SMillán 180), heute verschiedene Ortsnamen in den Provinzen Navarra und Alava. Dasselbe Suffix wie in bask. *legarra* steckt in span. *gujjarro* 'canto rodado', Oviedo *guixarru* (Caveda 282); s. auch VKR 2, 36 und ZRPh. 63, 358.

Suffix gebildeten Wörtern, die sehr alt sein müssen und gewiss zum Teil aus vorindogermanischer Zeit stammen:

1) vorrom. **gándara*, das wir schon verschiedentlich zitiert haben. Dieser Typus ist in Portugal, Galizien und Nordspanien (bis in die Montañas von Santander) sehr häufig zu belegen. Als Ausdruck einer bestimmten Bodenart — galiz. *gándara* wird definiert mit 'terrenos de formación diluvial, formados por arcillas, guijarros sueltos o aglomerados, arenas y cantos, que forman grandes valles y son de poca fertilidad' (BAE 22, 495) ⁽²¹⁾ — wurde das Wort auch auf Pflanzen, die auf solchem Boden wachsen, übertragen: in Trás-os-Montes Mogadouro, Lagoaça *gándaras* 'galhitos de esteva sêcca... que ficam nas bouças', wozu das Maskulinum, Lobeira (Orense) *gándaros* 'ramas secas de los árboles' (RDTP 4, 88) und montañ. *gándaro* 'grosella de monte', *gandara!* 'variedad del grosellero, uva críspa' (BAE 25, 388; García-Lomas) gehören ⁽²²⁾.

Die einfache Form vorrom. **ganda* steckt in alpin. (Tessin bis Trentino mit nördlich anschliessenden deutschen Alpenmundarten) *ganda* u.ä. 'Geröll, Geröllhalde', wie schon Jud, Bull.dial.rom. 3, 9-10 festgestellt hatte ⁽²³⁾;

2) vorrom. **lámara* 'Geröll', woher Lavedan *lâmbros* 'éboulis, rochers qui s'effritent'. Auch dieses Wort findet Entsprechungen in alpinen Mundarten; vgl. tirol. *lammer* 'Steinbruch, Steinlager, Steingeröll' und die von uns im FEW 5, 134 angeführten Formen ⁽²⁴⁾. Doch ist das Verhältnis zu (vor)rom. *lāma* in verschiedenen topo-

⁽²¹⁾ Vgl. noch die durch Metathese (García de Diego 164) entstandenen Belege Asturiens und eines Teiles von Galizien: astur. *granda* 'rasa abierta, más alta que la vega y de mayor extensión y de terreno pedregoso como de aluvión', *la tierra de Grandas* 1321 Oviedo (ES 39, 236), *Granda*, häufiger Ortsname in den Provinzen Oviedo und Lugo; *Grandale* 1121, 1125 (CD. SMJubia 74, 76), heute *Grandal* in den Provinzen Coruña und Lugo; *Grandella* (Oviedo), *Grandela* (Lugo). Wo *Granda* u. ä. bezeugt sind, fehlen Ortsnamen vom Typus *Gándara*. In den ältesten asturischen Belegen ist die Metathese noch nicht eingetreten; vgl. in *Gandras* 1079 (Cart. Oviedo 89), de *Gandras* 1190 Oviedo (Muñoz 161).

⁽²²⁾ Ueber die vermeintlichen baskischen Entsprechungen von vorrom. **gándara* vgl. Hubschmid, im FEW 5, 134.

⁽²³⁾ Vgl. auch Bertoldi, BSL 32, 102-06 und die von Piel, RPF 1, 183 angeführte Literatur; Hubschmid, Alpenwörter (Bern 1951).

⁽²⁴⁾ Lautlich stimmt dazu das in der Bedeutung z. T. dem rom. *lama* nahestehende ngr. dial. (ätol.) *λάμαρ* 'πυλὸς πλετοῦς τῶν ποταμῶν καὶ βουξίων, ἰλὺς' (Hepitès), Inus (Lakonia) *λάμαρα* 'ὁ πυλὸς' (Kukules, Οἰκουμένη 280).

nomastischen Bedeutungen und damit die Herkunft des Wortes nicht ganz klar ⁽²⁵⁾;

3) westastur. *xógara* 'guijarro o canto rodado pequeño; úsase de Valdés al Eo' gegenüber galiz. *xoga* 'china, piedrecilla redondeada que, en número de cinco, se usa para el juego de las chinas (*xogas*)', Vilarinho da Furna *jogas* 'pedras do rio' (Dias 21, 26, 186), Rio Frio (Bragança) *jogo* 'seixo boleado, liso' (RLu. 1, 213), Valpaços (Vila Real) *jogo* (RLu. 15, 348), Atalaia (Pinhel) *joga*, *jogla* 'pedra redonda e lisa' (RLu. 11, 158), Maragatería Alta *jogo* 'agalla o excrescencia del roble' (Garrote). Der Ursprung dieser Wörter ist dunkel (synonym mit *jogo* ist trasmont., beir. *gógo*) ^(25a);

4) vorrom. **támaro*- 'Erdrutsch' wodurch nicht nur Sadrarín (Lugo) *támaro* 'montón grande de tierra corrida a consecuencia de las lluvias', Meira (Lugo) *támara* 'cembo' = 'cada uno de los cabalones que hay a los bordes de un arroyo, canal o acequia, así como los de los senderos y caminos' (Dicc. Acad.), Moreira (Lugo) *sutámbaro* 'cembo' (CEG 4, 194) und montañ. *sotámbaro* 'pendiente rápida en una ladera' (RSant. 5, 272) erklärt werden ⁽²⁶⁾, sondern auch der schon alt überlieferte galizische Flussname *Tamaris* (> *Tambre*), der *Tamarus* in Britannien (> *Tamer*) und in Samnium (> *Tammaro*). Zur Bedeutungsentwicklung vgl. rom. *labîna* 'Erdrutsch' > südital. *lavina* 'torrente, ruscello' (von der Campagna bis nach Sizilien; s. FEW 5, 101 und Hubschmid, Bull. Du Cange 20, 263). Die Vorsilbe *so-* in montañ. *sotámbaro* ist aus lat. *sub* entstanden (vgl.

⁽²⁵⁾ Mit Alessio, StEtr. 18, 134-37 und 19, 160 trotz der ihm bekannten baltischen Formen, lett. *iāma* 'niedrige Stelle auf einem Acker, Senkung, Grube' usw., vorrom. *lama* dem vorindogermanischen Substrat zuzuschreiben (woraus auch lett. *iāma* stammen würde), halte ich vorläufig noch für gewagt. Doch könnte das bis jetzt nicht in die Diskussion gezogene georg. *lami* 'Schlamm' (Meckelein 263) in dieser Richtung weisen.

^(25a) RLu. 2, 249; 3, 68; 11, 158; 12, 313; 14, 86; 15, 334, 336, 338; 20, 251. Vgl. auch minh. *gódos*, Barc. *góde*, Porto *godinhos*; Soajo *góios* 'id.'.

⁽²⁶⁾ Daneben sind bezeugt, wohl mit Suffixwechsel, leon., Tierra de Campos *sotámbaro* 'socavón grande que hacen las aguas en los pozos y en los ríos, por ir la tierra arrañándose, es decir, desmoronándose por efecto de la humedad' (BAE 25, 376) und Astorga *sotamabanado* 'dícese de las norias o pozos anchos que están cubiertos con bóveda y coronados por un brocal' (Garrote). Das *b* nach dem *m* hat sich sekundär entwickelt, genau wie in dial. span. *támbara* 'leña menuda' gegenüber span. *támara* in derselben Bedeutung. Auch dieses Wort ist, wie ich in der ZRPh. 66, 22 nachgewiesen habe, vorromanischen Ursprungs und enthält einen homonymen Stamm *tam-*, der sich in zahlreichen Pflanzennamen erhalten hat. Vgl. dazu noch die durch Metathese entstandenen Formen astur. *tarma* 'vara con sus hojas verdes', Carreño *táramos de verza* 17. Jh. 'Kohlstrünke',

Festschr. Jud 256-57) und findet sich auch in Pitigliano (Grosseto) *sollavina* 'franamento di terra ridotta a fanghiglia dalla pioggia' (ID 12, 140).

Den noch in weitem Flussnamen bezeugten Stamm *Tam-* hat M. Förster, *Der Flussname Themse* (München 1941), S. 407, 728, zu air. *tām* 'Zerfließen, Fäulnis' gestellt und eine Grundbedeutung 'schmelzen, sich auflösen, zerfließen' angenommen, ohne galiz. *támaro* 'Erdrutsch' und seine Familie zu kennen. Wir werden demnach von einem Verbalstamm vorrom. **tam-* 'fließend gleiten' auszugehen haben, der vielleicht — wenn wir Förster folgen dürfen — an idg. **tā/*tā-* anzuknüpfen ist, wozu kymr. *todi* 'schmelzen, sich auflösen, tauen', dt. *tauen*, aind. *tōyam* 'Wasser' usw. gehören (Walde-Pokorny 1, 701-703) ⁽²⁷⁾. Ob jedoch das in galiz. *támaro* und den damit verwandten Flussnamen vorliegende *-aro*-Suffix dem Ursprung nach identisch ist mit dem Suffix von vorrom. **sēnara*, **gándara* usw. oder ob nicht vielmehr bei galiz. *támaro* an das in Flussnamen häufige Suffix *-aro-* zu erinnern ist (Förster, a.a.O. 408-410 und hier, S. 147), möchte ich dahingestellt lassen. Ich habe galiz. *támaro* 'Erdrutsch' nur deshalb angeführt, weil das bis vor kurzem (1949) unbekannte Wort vielleicht auch Licht auf das bedeutungsverwandte vorrom. **lámara* 'Geröll' werfen kann;

5) vorrom. **kómáro-* oder **kúmaro-* wird wohl dem bis jetzt meist aus rom. *cumulus* erklärten port. *cómore* zu Grunde liegen. Moraes definiert das Wort allerdings etymologisierend mit 'cúmulo, outeiro entre chãs: *comoro de terra, comoro grande; no comoro da praia, no alto, onde a maré não bate de ordinário*'. Nach Figueiredo bedeutet port. *cómore* 'pequena elevação de terreno; socalco, botaréu ('durch eine Mauer gebildete Terrasse an einem Hang, Mauer einer solchen Terrasse'); canteiro, alegrete ('Gartenbeet')', nach Caldas Aulete 'montículo, outeiro, pequena elevação no solo; muro que

Villaviciosa *táramos* 'Maisstauden' (Caveda 88, 192) usw., Hubschmid *Museum Helveticum* 7, 224. Sekundär ist das *b* auch in Bierzo *sámbano* 'la madera del árbol desde la cierna a la corteza' (García Rey), einem Wort, das nicht getrennt werden kann von galiz. *sémagô* 'albura, parte de la madera pegada a la corteza del árbol', port. *samo* und bask. (in Leikitió, Prov. Vizcaya) *zama* in gleicher Bedeutung; vgl. (zum Suffix *-ago*) *Museum Helveticum* 7, 224. Weitere Beispiele von sekundärem *b*, insbesondere aus dem Portugiesischen, stellt J. da Silveira zusammen (RPF 1, 403-04); vgl. auch dial. port. *cómbaro* 'cômore', unten S. 140 und Meyer-Lübke, *Katal.* 49-50.

⁽²⁷⁾ Ob das altindische Wort hiehergehört, ist allerdings unsicher; Bloch (BSOS 5, 739) und Burrow (BSOS 12, 381) erklären es zwanglos aus dem Dravidischen.

ampara terras, botaréu; canteiro'. Moraes verzeichnet noch eine ältere Form *cômaro* in der Verbindung *comaros das vinhas, comaros dos vallados das vinhas*, wobei er *cômaro* mit 'tapigo de terra levantada' übersetzt. In den portugiesischen Mundarten finden wir Entre-Douro-e-Minho *combro* 'cômore' (Leite, Opúsc. 2,483), Ervedosa do Douro *cômbaro* ds. (RLu. 27, 118), im Distrikt Viseu *combaro* 'muro que divide propriedades' (Tavares da Silva), in Turquel (Leiria, Estrem.) *cômbaro* 'cômore' (RLu. 28, 227), Barlavento (Algarve) *combro* 'pequena elevação de terra, que serve de divisória de propriedade rústica' (RLu. 7, 117); dazu u. a. die Ableitungen Arcos de Valdevez (Minho) *comareiro* 'conjunto de plantas ou planta própria de cômore' (RLu. 19, 213), Carreço *comareiros* 'os pastos que se criam espontâneamente nos taludes e margens dos caminhos públicos' (Viana 20).

In portugiesischen Ortsnamen sind bezeugt *Comaros* oder *Comoros* in den Distrikten Porto und Viseu, *Combro*, *Monte dos Combros* u.ä. in den Distrikten Braga (5), Porto und Lisboa. Zum Ortsnamen *Comarão*, conc. Castro Verde (Baixo Alentejo), wird bemerkt, dass sich dort ein «lanço de parede muito rijo, construído de alvenaria» befindet; «o nome *Comarão* provirá do aspecto da muralha, no estrago em que os séculos a deixaram» (Arch. Port. 29, 231-32).

Dasselbe Wort steckt auch in galiz. *cômaro*, *comareiro* 'resguardo, cinta, faja, o residuo de tierra dejada a inculto o a campo alrededor de una heredad labrantia, para que sirva de tránsito, pasto, etc.' (Val-ladares, ähnlich Carré) und westastur. *cômaro* 'el corte o talud vertical entre dos tierras de nivel desigual'.

Aus diesen Belegen ergibt sich, dass nicht von einer allgemeinen Bedeutung 'Erdhaufen' auszugehen ist. Vielmehr bedeutet das Wort ursprünglich 'erhöhter Feldrand, Böschung, Mauer zwischen zwei Terrassenfeldern', während rom. *cumulus* einfach 'Haufe, aufgehäuftes Mass' bedeutet und in der Toponomastik Frankreichs nur spärlich (Vincent 204), in Ortsnamen Kataloniens und des übrigen Gebietes von Spanien, wenigstens nach den mir zugänglichen Quellen, überhaupt nicht bezeugt ist.

Aber nicht nur bedeutungsgeschichtliche und sprachgeographische Gründe sprechen gegen eine Herleitung von port. *cômore* aus lat. *cumulus* 'Haufe' (wie sie Piel, RPF 1, 160-61 noch vertreten hat), sondern besonders die bisher nicht beachteten altportugiesischen Formen: *de alia parte comaro* 925 (PMH, Dipl. 1, 20), *per illo comaro de illo monte* 960 (ebd. 51), *per illo comaro usque...* u.ä. 961, 986, 1018, 1059, 1065, 1085 (ebd. 52, 94, 147, 256, 282, 381), 1105, 1107

(DMP, Doc. part. 3, 157, 213), *deinde per comarum de Anta* u.ä. 1258 (PMH, Inqu. 1, 580, 686, 965). Ebenso lautet das Wort im Altgalizischen: *el comaro Dalvar* 1270 Lugo (ES 41, 376), *por ffoondo de comaro das vinas* 1331 (Doc. gallegos 123). Aport., agaliz. *cómaro* können unmöglich auf lat. *cumulus* beruhen, da lat. *cumulus* aport. **comulo*, **comoo*, port. **cômo*, analoge Formen im Galizischen, in Castropol (Westasturien), wo ebenfalls *cómaro* bezeugt ist, dagegen **cómolo* ergeben hätte: vgl. rom. **besticulum* > aport. *bestigoo* 13. Jh. (*peles de bestigoo*s u.ä., PMH, Leg. 1, 663; 2, 58; CIHP 5, 486) > port. *bestigo* 'serpente', agaliz. 'animalillo, insecto' (Piel, Biblos 14, 46); rom. *pōpulus* 'Pappel' > aport. *Poboos* 1195 > *Povos*, Ortsname (J. da Silveira, RLu. 17, 120); rom. *mammula* > aport. *Mamola* 965 (PMH, Dipl. 1, 57), *sub illas mamolas* 1101 (DMP, Doc. part. 3, 25) > port. *mámoa* 'outeiro redondo', *per petras fixas et mamolas* 760 Lugo (ES 40, 366) usw. > galiz. *mámoa* 'mambla' (Piel, RPF 1, 160) ⁽²⁸⁾. Wenn dagegen García de Diego sagt, im Galizischen könne sich das *-l-* «por diversas causas» zu *-r-* entwickeln und als Beispiel u.a. lat. *cumulus* > galiz. *cómaro* anführt (Dial. españ. 59), so übersieht er, dass rom. *-l-* in den übrigen Wörtern, wie im Altportugiesischen (Norman P. Sacks, The Latinity of dated Documents in the Portuguese Territory, Philadelphia 1941, 35), durch Dissimilation zu *-r-* geworden ist ⁽²⁹⁾.

All dies zeigt, dass die schon aus semasiologischen Gründen bedenkliche Herleitung von aport., galiz. *cómaro* aus lat. *cumulus* lautlich nicht haltbar ist und dass das Wort vielmehr, wie die ähnlich gebildeten Formen aport. **sénara*, *gándara* in verwandten Bedeutungen, vorromanischen Ursprungs sein muss. Doch vermag ich vorrom. **kómaro-* (oder **kúmaro-*) nicht mit anderem Sprachgut zu verknüpfen ⁽³⁰⁾.

⁽²⁸⁾ Weitere Beispiele bei Cornu, Grundriss 21, 970 und Nunes, Gramática hist. portug. 111.

⁽²⁹⁾ Ein Hinweis auf dial. port. *tómore* 'cómore', das ich, im Gegensatz zu *Comaro*, *Comoro*, *Combro*, in Ortsnamen nicht nachweisen kann, und das, wie vielleicht jemand meinen könnte, aus lat. *tumulus* entstanden wäre, ist abwegig, da diese Etymologie nicht haltbar ist; vgl. aport. (Bragança) *tomboro* 1457, 1501 'cómore' (Viterbo) und westastur. *tombo* 'vallado, montón de tierra, loma pequeña', astur. *tombu* (García Oliveros 376), Wörter, die nicht von lat. *tumba* 'Grab', mlat. und in romanischen Mundarten auch 'Grabhügel, Hügel' (REW 8977), getrennt werden können. Dial. port. *tómore*, aport. *tomboro* beruhen daher auf einer Kreuzung von rom. **tumbu* + aport. *cómaro*.

⁽³⁰⁾ J. U. Hubschmied hat port. *cómore* aus gall. **komboros* 'Verhau', ursprünglich 'was zusammengetragen wird', erklärt (VRom. 3, 134;

6) Ausser in zwei Tierbezeichnungen, port. *lápapo* 'junges Kaninchen' ⁽³¹⁾ und Cabrera (León) *cáparo* 'junges Wildschwein' ⁽³²⁾, und verschiedenen, auch ausserhalb der Iberoromania bezeugten Pflanzennamen (vgl. span. *támara* und seine Familie mit der oben, S. 138 Anm. 26 angeführten Literatur) ⁽³³⁾, findet sich das Suffix *-ara* in einem mit port. *gándara* synonymen sardischen Wort:

7) campidan. *tséppara* 'pianura molto sassosa' (RLiR 9, 280); ferner in Sertena *sàpara* 'grotta' (Falcucci), *tra sàpare e vādule strane* (Agnelli, Gigli di stagnu 131), Zicavo *sāpara* 'caverne (dans un rocher)' (ALCors. 275), mit Ortsnamen, die Bottiglioni, Elementi prelatini 87-88 zusammenstellt ⁽³⁴⁾.

Ein Suffix *-ara* enthalten auch verschiedene hispanische Ortsnamen, von denen zum mindesten einige vorkeltischen Ursprungs sein werden: *Báscara*, seit 834 häufig bezeugt (ES 43, 376 usw.), Ort in der Provinz Gerona; *Tábara*, Prov. Zamora; *Tavar* 1274 (RDH, Nav. 131), heute *Tabar*, Prov. Navarra. Ob das schon alt bezeugte *Bracara* > *Bracala* (*Brakalensis* 906, PMH, Dipl. 1, 9) > *Braga*

FEW 2, 938-39). Diese Etymologie, die semasiologisch kaum Schwierigkeiten bereiten würde, setzt voraus, dass gall. **komboro-* (oder **kombaro-*) spätgallisch zu **kōmmaro-* geworden, oder dass *-mb* > *-mm-* im Portugiesischen (wie im Spanischen) ein sehr alter romanischer Lautwandel wäre. Noch so viele Beispiele von erhaltenem *-mb-* in portugiesischen und galizischen Urkunden (aport. *combona* 1068 usw.) port. *camboa*, aport. *lombo* seit 907, agaliz. *Camba* als Ortsname, seit 832), auch von erhaltenem *-nd-* (port. *gándara*), würden nach J. U. Hubschmid nicht gegen die «einleuchtende» Erklärung von port. *cômoro* < gall. **kombaro-* sprechen. Doch kann ich mich dieser Argumentation, wenigstens vorläufig, nicht anschliessen; vgl. auch Piel, BFil. 10, 320-21.

⁽³¹⁾ Festschr. Jud 248; FEW 5, 175-77. Das Wort findet sich auch in der Toponomastik Portugals; vgl. *Casal do Lápapo* Thomar (Santarém) und (neben *lápapos* als Appellativ) *Encobada dos Lápapos* Mouraz (Beira Alta), Biblos 10, 319. Anschliessend an das portugiesische Sprachgebiet ist bezeugt Badajoz *lápapo* 'gazapo, conejo pequeño' (Santos Coco, REextr. 14, 166).

⁽³²⁾ Hubschmid, Museum Helveticum 7, 225.

⁽³³⁾ Wozu noch die von Alessio angeführten toskanischen Pflanzennamen auf *-era* u. ä. zu stellen sind (StEtr. 20, 117, 120, 123, 134), ferner (ausser sard. *úvara*, *túvara*, *túvera* 'Erika') logud. *zòmbaru* 'specie di titimalo' und logud. *àpara* 'aglietto, aglio selvatico', Alghero *àpara* 'Allium triquetrum'; vgl. auch M. L. Wagner, La lingua sarda (Bern 1951), 295-96.

⁽³⁴⁾ Alessio würde dieses ihm bisher unbekannte Wort vielleicht zu dem von ihm aus Fluss- und Pflanzennamen erschlossenen Stamm «pre-indoeuropeo **sap-/sab-/suba*» stellen, für welchen er, wie Gerola, eine Grundbedeutung 'fosso, cavità' angenommen hat, s. ARom. 25, 178-181; StEtr. 16, 366; 18, 121. Doch könnte ich ihm darin nicht folgen; vgl. Hubschmid, Sardische Studien (im Druck).

von kelt. *braca* 'Hose' abgeleitet ist (Menéndez Pidal, Mél. A. Thomas 296-97) oder ob der in den Provinzen Lugo, Coruña und León mehrmals vorkommende Ortsname *Láncara* (*villam vocitatum Lán-cara* 922, López Ferreiro 2, 98) denselben Stamm enthält wie gall. **lanka* (Hubschmid, Praerom. 34-39, FEW 5, 151), kann nicht mit Sicherheit entschieden werden.

Das Kollektivsuffix *-aro-* findet sich nicht nur in diesen gewiss alten Bildungen, sondern war noch in romanischer Zeit produktiv, wie hervorgeht aus

8) span. *cáscara* 'corteza o cubierta exterior de los huevos, de varias frutas y otras cosas; corteza de los árboles', *Cáscaras* 956 (Índ. Sahagún; MP, Orig. 338), *el Káskaru, las Káskaras* 'lugar poco fertil, con muchos peñascos o muy próximo a ellos', häufiger Ortsname in der Landschaft Babia (León), laut Álvarez 16, und den daraus in alter Zeit entlehnten baskischen Entsprechungen, bizk., guip. *kaskar, kazkar* 'cráneo', guip. *kazkar* 'grava', bizk. *kaskara* 'grijo' ('Kieselstein'), gegenüber dem mit span. *cáscara* synonymen port., span. *casca*, port., span. *casco* 'Scherbe, Schädel' und den Ableitungen port. *cas-calho* 'lascas de pedra', span. *cascajo*, bask. *kaskailu* 'cascajo, grava'. Gers *cascail* 'amas de pierres tranchantes'. Diese Wörter können nicht getrennt werden von rom. **quassicāre*, lat. *quassāre* 'zerschlagen, zerbrechen', s. FEW 2, 1429-37;

9) trasm. *gájaras* 'comestíveis, que se dão aos ceifadores de em-preitada, além de paga em dinheiro' (RLu. 5, 90; Figueiredo), gegen über aport. *gajas* 'soldada, expensas', aus span. *gáge* (< kat. prov. *gatge*, fr. *gáge*).

In Wörtern, die im Stamm ein *l* enthalten, kann das Suffix *-aro-* durch Dissimilation an Stelle von rom. *-ulu* getreten sein: aspan. *gallara*, Rejas de S. Esteban (Soria) *gállara* 'Gallapfel', nuor. *gráddara* usw. (Wagner, Leben 112; REW 3655; Chorão de Carvalho, BFil. 11, 6-7); salm. *tállaro* 'tallo tierno de la zarza'; beir. *lúparo* 'rebento ou espigo de couves velhas', galiz. *lúparo* 'lupulo'; beir. *mílhara* 'papas de farinha de milho miúdo, fervidas com leite'; trasm. *bólhara* 'aluvião de terra e pedras, que se desprendem de uma encosta', *bólhara de neve* 'avalancha' (RPort., série A, 6, 281).

Trotz dieser jüngern Bildungen ist die Möglichkeit nicht von der Hand zu weisen, dass Stamm und Suffix von vorrom. **sēnara* — in Betracht käme auch eine Grundform **sínara* — vorkeltischen Ursprungs sind. Jedenfalls ist eine Verknüpfung mit kelt. *sēno-* 'alt' aufzugeben. J. U. Hubschmied vermutet dagegen (pers. Mitteilung), dass vorrom. **sēnara* denselben Stamm enthält wie ir. *síl* 'Same', lat.

serō 'säen' usw., Wörter, die zu einer indogermanischen Wurzel **sē/sə* - 'säen' gehören. In dieser Wurzel sehen Walde-Pokorny 2, 459-63 eine Variante von idg. **sē-i-* 'entsenden, werfen, fallen lassen' (aind. *sāyaka-* 'zum Schleudern bestimmt', aind. *sēnā* 'Wurfgeschoss, Wurfspieß' usw.). Ausgehend von idg. **sē-* könnte man eine westillyrische Bildung **sē-nā*, **sē-na-rū* 'Saatzfeld', von idg. **sē-i-* eine Ableitung **sēi-nā*, woher kelt. **sēnā*, **sēnarā*, annehmen (während idg. **sē-nā* im Keltischen zu **sīna* geworden wäre⁽³⁵⁾); gall. **sēnā* verhielte sich zu **sēnarā* wie gall. **klētā* 'Hürde' zu gall. **klētáro-* (vgl. oben, S. 135).

Diese Etymologie ist aber keineswegs sicher. Das Grundwort vorrom. **sēna* steckt vielleicht in dem an sechs verschiedenen Orten der iberischen Halbinsel bezeugten Namen *Sena*: *per portum de Sena* 916 (ES 19, 355), *oppidum Sena* 11. Jh. (ES 17, 313), heute *Sena* in Galizien (zwei Orte in der Provinz Lugo) — aber warum mit erhaltenem *-n-*?; *Sena* 1075 (ES 38, 334), heute *Sena*, Provinz Oviedo. *Sena* heißen ferner zwei Orte in den Provinzen León und Huesca; *Sena* ist seit 1023 bezeugt für *Ceia* im Distrikt Guarda⁽³⁶⁾. Ob in andern, das Element *Sen-* enthaltenden iberoromanischen Ortsnamen derselbe Stamm zu sehen ist oder ein drittes Wort unbekannter Bedeutung, bleibe dahingestellt⁽³⁷⁾. Bezeugt sind:

(35) Pedersen 1, 51 bringt zwar auch einige Beispiele von gall. *e* (*er*) < idg. *ē*; doch handelt es sich um Wörter, in welchen das *e* in unbetonter, nicht erster Silbe steht.

(36) Piel sieht in port. *Ceia* ein germanisches Element *Sen-*, das in andern portugiesischen Namen bezeugt ist, *Senamir* 1258 usw. (BFil. 2, 201 = Os nomes germánicos, Nr. 241).

(37) Von vorrom. **sēnara* sind sicher zu trennen die Ortsnamen *Senabria*, auf westgotischen Münzen (Holder), *Senabria* 886, 974 (ES 16, 443; 17, 245), *Rodericus de Senabria* 1200, *portu de Senabrega* 1214 (CD. Alfonso IX 203, 412), nach Textzusammenhang westlich von Orense (Galizien); *Senabria* 1122, «castro, próximo, segundo creio, da actual *Puebla de Sanabria* (Zamora)» (J. da Silveira, RLu. 17, 123), also in der heutigen Landschaft *Sanabria* (mundartlich *Senábrja*, Krüger 4); *Senabria* 1067, Landschaft zwischen Paiva und Douro (westl. Cinfães), PMH, Dipl. 1, 287; *Senabregio* 950, heute *Sabrejo*, Prov. Pontevedra (RDTP 5, 660). Diese Namen sind gallischen Ursprungs und bedeuten ursprünglich 'alte Burg', wie schon Silveira erkannt hat. — Der anklingende Name *ad ipsa Senabre* 993, 1017, 1032 (Cart. SCugat I, 246; 2, 114, 173), woher *La Sanabra*, Häusergruppe, Prov. Barcelona, bezeichnete ein Senfeld (vgl. kat. *sanabre*, *sanabra* 'Senfkorn' und den lombardischen Ortsnamen *la Senávra*, zu lomb. *senavra* 'senape'). Gleichen Ursprungs ist agaliz. *Senabal* 1208 (CD. Alfonso IX 312) > *Siabal*, Orense; vgl. ferner J. da Silveira, RLu. 35, 57-58.

meam villam Senovam que est juxta rivum de Xaramiello 1126, *la nuestra casa de Senova* 1237, heute ein «village détruit» (Chartes Silos 55, 108, 187); *villam que dicitur Senova, sitam in ripa fluminis Pisorice* 1192, d.h. zwischen Torquemada und Reinoso, Prov. Palencia (Cart. Burgos 321); *en Senova* 1225 > *Sinova*, Prov. Soria (DLE 1, 279); *Sinovas*, barrio, Prov. Burgos;

in Senabo 1131 Calatayud (AHDE 1, 416);

Senebue 1036, 1063, usw. (MP, RFesp. 5, 240; Orig. 156) > *Senegüé*, Ortschaft, Prov. Huesca;

Senes 1069, 1090 usw. (Col. doc. Arag. 3, 154) > *Senés*, Ortschaft, Prov. Huesca; *Senés* Almería; — *de Senessa* 12. Jh., 1313 > *Senesse-de-Sénabugue*, Ariège (Cart. Toulouse 197; Cart. Mirepoix 2, 119, 202); *Saint-Jean de Senespe* 16. Jh. und noch heute, Ort in der Gemeinde Lasclottes (RTarn 9, 94).

Von diesen Ortsnamen sind für die Beurteilung von vorrom. **sēnara* insbesondere diejenigen beachtenswert, die mit anderen vorindogermanischen Suffixen gebildet sind. So dürften *Sena*: *Senabo* verglichen werden mit *Sada* 932 usw. (L. Feud. Maior 1, 202) > *Sada*, bei Sangüesa (Navarra) und *Sada* 1125 (CD. SMJubia 76) > *Sada*, Prov. La Coruña, gegenüber *Sadava* 1201 (Cart. Sos 106), 1245 (ES 49, 425) > *Sádaba* (Zaragoza), *Sataba* 905 Oviedo (ES 37, 332) und *de Sadaone* 1024, 1195 Urgel (Villanueva 10, 299; Cart. Poblet 158), wozu — mit anderem Suffix — auch die Ortsnamen *de Sadernes* 977 (ES 43, 418) > *Sadernas* (Prov. Gerona), *Saderra* 1359 (Cortes AVC 2, 418) > *Saderra* bei Vich (Barcelona) und *Sadarrue*, *Satarrue* 910-920 Obarra (Doc. Ribagorza 223) gehören. *Senova* 1126 enthält dasselbe Suffix wie *in Terrobes* 1086 (Cart. SMillán 262) > *Terroba*, Ortschaft in der Provinz Logroño, oder *Risova* 1194 (CD. Alfonso IX 117) > *Resoba*, Ortschaft in der Provinz Palencia⁽³⁸⁾. Dass *Senebue* 1036, *Senés* 1069 und *Senessa* 12. Jh. keine gallischen Bildungen sind, braucht wohl nicht näher begründet zu werden. Doch bietet der baskische Wortschatz, wie auch bei den übrigen oben erwähnten Wörtern vermutlich vorindogermanischen Ursprungs⁽³⁹⁾, gar nichts vergleichbares (**sēna* hätte bask. **sea*, **sia* ergeben). Dies weist darauf, dass die baskischen Entsprechungen entweder verloren gegangen sind oder gar nie existiert haben, denn

(38) Zu den vorromanischen -b-Suffixen vgl. auch Meyer-Lübke Homenaje Menéndez Pidal I, 65-66.

(39) Von port. *samo* und galiz. *sámago* 'Splint' abgesehen; s. oben S. 139. Anm. 26.

ausser dem Baskischen und damit verwandten vorindogermanischen Sprachen Hispaniens wurden auf der iberischen Halbinsel in ältester Zeit gewiss noch andere vorindogermanische Sprachen gesprochen. Ebensowenig fand ich Entsprechungen von **sēna* in den berberischen Mundarten oder den kaukasischen Sprachen.

An und für sich möglich, aber nicht bewiesen, ist ein Zusammenhang von iberorom. *Sena* und seiner Familie mit verschiedenen sardischen Ortsnamen: *Sena*, villaggio distrutto, nella regione di Figulina (wo?), laut Spano, Vocab. sard. geogr.; *de Senes* 1346-50, 1358 (RDI, Sard. 143, 246) > *Senis*, Dorf in der Arborea (Oristano); *de Senis* 1341 (RDI, Sard. 71), villaggio distrutto, presso Mandas (in der Nähe der Trexenta, Campidano); *Senis*, monte presso Siniscola (in der Baronia), laut Spano; *Séneru*, villaggio distrutto, presso Guasila, Trexenta (Spano); *Sennori* 1347 (RDI, Sard. 83) > *Sénnori*, Dorf bei Sàssari. Bei diesem letzten Namen ist das -*nn*- gewiss aus -*n*- entstanden, da schon im Altsardischen -*n*- in Proparoxytonis häufig gelängt wird; vgl. asard. *genneru*, *tenneru* usw. < rom. *generu*, *teneru* (Wagner, Hist. Lautl. 131). Terracini hat in seinem Aufsatz «Osservazioni sugli strati più antichi della toponomastica sarda» (Reggio nell'Emilia, 1927), S. 7 auf das Nebeneinander gewiesen von asard. *Gennor* (CSP), später *Gennos* und asard. *Mandara* (CSP), heute *Mandas*, und daraus geschlossen, dass die *r*-Formen, wie bei *Séneru*, *Sénnori* (gegenüber *Senes*, *Senis*), auf einen paläosardischen Plural weisen, der im Laufe der Zeit durch romanisch-sardische Pluralformen auf -*s* ersetzt worden wäre. Ist es ein Zufall, wenn wir im Iberoromanischen neben *Sena* eine ähnliche Bildung **sēnara* haben?

Ob auch der bei Plinius überlieferte Name *Senum*, Stadt in Kalabrien, womit Krahe *Senia* in Liburnien verglich (ZONF 5, 147), hieher gehört, ist unsicher. Ribezzo (RIGI 4, 93) erinnerte noch an den aus dem Altertum bezeugten Fluss- und Stadtnamen *Sena* in Umbrien, dem heute, nur noch als Stadtname, *Senigallia* in den Marken entspricht. Sehr wahrscheinlich ist aber *Sena* als Flussname gänzlich von den oben besprochenen Namen zu trennen ⁽⁴⁰⁾. Zweifel-

⁽⁴⁰⁾ Dieser Flussname wurde von Pokorny dem Illyrischen zugeschrieben (ohne Etymologie), mit einem Hinweis auf poln. *San*, klruss. *Sian* < **sēn*-, Nebenfluss der Weichsel (Urgesch. 10). Darf der umbrische Fluss getrennt werden von den sardischen Namen *Sena*, Bach in der Nähe von Tresnuraghes (Planargia) und *Funtana Sénnuru* (*nn* < *n*) in der Trexenta? Sard. *Sénnuru* findet Entsprechungen in Sizilien und Kleinasien: *Sénore*, Zufluss des Bélice (in der Nähe von Gibellina) im Nordwesten Siziliens; der *Σάναρος* mündet in den Mainandros in Phrygia Pakatiane und Lydien.

haft bleibt auch die Vermutung J. U. Hubschmieds, wonach gall. *senās 'Saattfelder' > spätgall. *sennas, *sendas den Ortsnamen Sins (Aargau) und Sent (Unterengadin) zu Grunde liegen sollte⁽⁴¹⁾; noch unsicherer ist die von Battisti in Erwägung gezogene Verknüpfung von grödn. *siena* 'Strauch' mit iberorom. *sēnara (DTA III/2, 60), da vorrom. *sēnara nirgends Pflanzen bezeichnet und grödn. *siena* zudem auf *sēna mit ē weist⁽⁴²⁾.

Die hier besprochenen Wörter mit -ara- Suffix machen es wahrscheinlich, dass das Suffix von vorrom. *sēnara ursprünglich kollektive Bedeutung hatte. Nach Ausweis von sard. *tséppara* muss -ara vorindogermanischen Ursprungs sein. Es ist ausgeschlossen, dass -ara ursprünglich ein selbständiges, mit mir. *ar* 'Acker' verwandtes Wort gewesen wäre, das auch in afr. *savart* 'Brachfeld' stecken würde (Pokorny, VRom. 10, 261). Ebenso wenig kann ich mich mit der insbesondere von französischen Forschern vertretenen Auffassung befreunden, welche in den mit -ara u.ä. (sowie -ona)⁽⁴³⁾ gebildeten Flussnamen — vgl. den *Tamaris*, die *Isara*, lyd. Σίρρις usw. — vorromanische Wörter, die 'Wasser' bezeichnet hätten, sieht.

II

M. L. Wagner ist bei seiner Untersuchung über port. *seara* und seine Familie von port. *cieiro* ausgegangen, das von Figueiredo mit 'pequenas fendas ou feridas, produzidas na epiderme pelo frio ou

(41) Clubführer durch die Bündner Alpen VIII, 450-51. Diese Namen können auch auf vorrom. *sindās < *sinnās beruhen und sind in erster Linie zu verknüpfen mit *Sinna* 820, 915 (Dipl. Berengario I, FSI 35, 262) > *Senna Lodigiana*; *Senna Comasco* (vgl. Olivieri, Diz. topon. lomb. 505). Anklingende Formen sind bezeugt durch *loco Sinne* 941 > *Senni*, Val di Sieve (Carte cat. Firense 32); ferner durch die südsardischen Ortsnamen *villa de Sinni* 1219 (CD. Sard. 1, 335), *Sinnai*, *Sinnia*, *Sinnuri* usw. (Spano; CD. Sard. 1, 165, 320). Sind die südsardischen Namen etwa phönizischen Ursprungs und zu vergleichen mit Σιννᾶ, Kastell in Phönizien und Σίρρις, Stadt in Mesopotamien (Ménghin, Runa 1, Buenos Aires 1948, 134)?

(42) Vgl. Hubschmid, ZRPh. 66, 24. Lautlich schwierig wäre auch eine Verknüpfung mit mlat. *sena*: *folia de cepullas et de senas* 982 (Mon. Napoli II/1, 144), it. *sēna* (in den Mundarten weit verbreitet) 'Coluthea arborescens', fr. *séné*, altarg. *sena en fulla* 1488 (BAE 9, 127), span. *sena*, *sen*, REW 7815 (< arab.), wozu noch arag. *senera* 'arbusto del que se hacen las escobas, para barrer las eras, calles, etc.' (Pardo Asso) und *Senéra* als Ortsname in Sobás (ATPir. 1, 107) zu stellen sind.

(43) Zu kelt. *ono- 'Wasser' vgl. Pokorny, Beitr. z. Namenforschung 2, 37-38.

pelos ácidos; estado de desagregação do solo recentemente lavrado, em consequência do calor do sol' definiert wird. Moraes erklärt port. *ciêiro*, *siêiro* nur mit 'asperezas nos labios ou em qualquer outra parte do corpo, causada pelo frio, chegando a abrir fendas pouco profundas', und ungefähr denselben, eingeschränkten Bedeutungsumfang, gibt dem Wort Caldas Aulete. Doch meint Wagner, die toponomastische Bedeutung sei gewiss älter (Biblos 21, 154). Hätte er Recht, so müsste man annehmen, dass sich *Cieiro* oder *Sieiro* auch in der Toponomastik Portugals nachweisen liesse. Dies scheint aber nicht der Fall zu sein. Weder der Dicionário postal von da Silva Lopes noch die portugiesischen Urkunden, die ich ausgezogen habe, enthalten diesen Namentypus oder die vermeintliche Grundform **senarium*. Auch lässt sich der von Wagner zitierte Beleg aus dem Alto Minho, Arcos de Valdevez *cieiro* 'vento norte, áspero e frio (próprio para gretar os beiços)', RLu. 19, 211, nur schwer mit einer toponomastischen Grundbedeutung 'frisch gepflügter Acker, dessen Schollen infolge der Wärme langsam zerfallen' verknüpfen. Die weiteren, von Wagner nur zum Teil und ohne genügende Definition angeführten Formen sprechen ebenfalls gegen seine Deutung: minh. *zieiro* 'vento frio' (Boaventura), minh. *está um zieiro que mata* 'vento frio insuportável' (Landolt, Pérolas do Minho 104), *zieiro branco* 'neve' (ebd. 42), trasm. *siêiro* 'vento N. E.'⁽⁴⁴⁾, Barroso 'o vento leste, que predomina no Outono e no Inverno, e que o lavrador considera benéfico para a cultura dos cereais' (Tavares da Silva, Esboço dum vocabulário agrícola regional). Beachtenswert ist, dass gerade dieser Autor keine Belege für *cieiro* u.ä. in Bezug auf die Bodenbeschaffenheit bringt. Galiz. *siêiro* bedeutet nach Cuveiro Piñol 'frio seco que causa grietas en la piel, volviéndola morena, áspera y escabrosa', nach Carré und Ibáñez (als Adjektiv) 'frio seco', (als Substantiv) 'grietas que se forman en los labios a consecuencia del frío'; Otero Álvarez belegt *siêiro* für Barcia (Lugo) 'viento nordeste' (CEG 4, 180-81).

Anschliessend an das portugiesische Sprachgebiet ist noch bezeugt salmant. *siero* 'aire, brisa matinal húmeda y fría' (Lamano).

Es kann kein Zweifel bestehen, dass die am weitesten verbreitete Bedeutung, 'Nordostwind' u.ä., primär ist. Daraus erklärt sich leicht die weitere, 'von der Kälte verursachte Risse in der Haut'; die Übertragung auf Risse in Erdschollen, die offenbar nur selten gebraucht wird, ist ganz sekundär. Wenn sich in Galizien und Asturien (von Wagner nicht erwähnte) Ortsnamen wie *Sieiro*, *Siero* finden — Rato

(44) Diesen Beleg konnte Wagner noch nicht kennen.

zitiert astur. *siero* als Ortsname in der Bedeutung 'tierra fría y escabrosa', offenbar weil das Wort noch halb appellativisch gebraucht wird, so ist daran zu erinnern, dass auch andere Ortsnamen nach dem Wind benannt sind: *Aurafrigida* 1274 > *Aurafrède* (Basses-Alpes) usw. (Vincent, Topon. 191), *Buenos Aires* (Alvar, Top. Aragón 57), *Casale del Vento* in Italien, *Casal do Vento* in Portugal, *Vento* allein in Galizien. Die Zurückführung von astur. *siero* auf einen Typus **senariu* ist übrigens schon lautlich unmöglich, weil altes -n im Asturischen erhalten bleibt und zudem die urkundlichen Ortsnamenformen gegen einen solchen Ansatz sprechen: *Sierio* 857 (ES 37, 324 Anm.), *Siero* 912 (ES 37, 345), heute *Siero*, Ortschaft in der Provinz Oviedo, «con libre ventilación» (Madoz); *de Siero* 1965 (Índ. Sahagún), heute *Siero*, Ortschaft in der Provinz León, «con clima frío, pero sano» (Madoz); *Sierium* 1188, 1200 (CD. Alfonso IX 15, 205), heute *Sieiro* in Galizien. *Sieiro* ist in den Provinzen Oviedo, Pontevedra und Lugo, *Sieiros* in der Provinz Pontevedra, *Sieira* in den Provinzen Coruña und Lugo, *Sieres* in der Provinz Oviedo als Ortsname bezeugt.

Woher stammen aber port. *cieiro*, galiz. *sieiro*, salm. *siero* und die von uns angeführten Ortsnamen? Da die Bedeutung 'kalter Wind' alt sein muss, lassen sich die Wörter zwanglos auf rom. *sidereus* (*ventus*) 'von den Gestirnen erregt' zurückführen, eine Ableitung von lat. *sīdus*, das auch gebraucht wurde zur Bezeichnung atmosphärischer Erscheinungen: *grave sidus et imber* bei Ovid, was Georges mit 'Sturm, stürmisches Wetter' übersetzt; *abrupto sidere nimbus it ad terras* (Virgil), *sidus confectum* (Plinius) 'wenn die Witterung, die ein Gestirn erregt, zu Ende ist' (Georges). Lat. *sīdus* lebt in dieser speziellen Bedeutung weiter in ait. *sido* 'freddo pungente'. Aus der obliquen Form erklärt sich lucch. *sidro* 'freddo acuto che pela la faccia e arrostitisce le labbra e spunta le dita'. Auch rom. *sidereus* wurde nicht nur gebraucht zu Bezeichnung der von den Gestirnen erregten Kälte, sondern auch zur Bezeichnung der Wirkung der Kälte auf den menschlichen Körper — daher port. *cieiro* 'durch die Kälte verursachte Risse in der Haut' (^{44a}). Das Verbum rom.

(^{44a}) Wie ich vernehme, hat Joaquim da Silveira unabhängig von mir dieselbe Etymologie vorgeschlagen; doch spricht er bloss von rom. *sidereus* (sc. *morbis*). Wichtig ist noch sein (auf eigener Aufnahme) beruhender Beleg *vento sieiro* aus der Gegend von Castelo Branco, wo *sieiro* als Adjektiv gebraucht wird (Revista de Portugal, série A, Língua Portuguesa, vol. 6, 1944-1945, 159-160). Serafim Silva Neto hat die Etymologie Silveiras derjenigen Wagners vorgezogen (Boletim de Filologia de Rio de Janeiro, fasc. 7, 1947, 145-47).

**ex-sīderāre* ergab limous. *essidrar* 'tourbillonner, en parlant de la neige' und andere Formen, die ich in meiner Arbeit *Praeromanica*, S. 51 Anm. 1 besprochen habe. Ferner wird man kaum zögern, zum selben Stamm galiz. *siries* zu stellen, trotz der (vielleicht ungenauen) Definition 'frió en las manos de tal suerte que no se puede escribir por no tener tientos' bei Cuveiro Piñol und Valladares; Carré erklärt galiz. *siries* dagegen mit 'tiento, ejercicio del sentido del tacto', *non ter siries* mit 'tener las manos sin tiento, entumecidas', was gewiss richtiger ist⁽⁴⁵⁾. Galiz. *siries* bedeutet also 'Kraft', wie das in den benachbarten westasturischen Mundarten zwischen den Flüssen Navia und Eo bezeugte *xira* 'brío, fuerza', *ese home non tén úa xira* und die entsprechenden portugiesischen Formen, aport. *siira* 'alento, espírito vital, ánimo' (Grael; Cantiga de S. Maria; Livro de Alveitaria) und port. *sira* bei Gil Vicente⁽⁴⁶⁾; dazu gehört das Verbum aport. *assiiirar* 'animar, recobrar alento' (Grael). Die galizisch-portugiesischen Formen wurden schon von Carolina Michaelis de Vasconcellos (RLu. 11, 54), mit einem Hinweis auf aport. *consirar* 'considerar' < *consiiirar*, zu rom. *sīdera* 'Gestirne' gestellt (vgl. REW 7902 und J. da Silveira, RPF 1, 419). Doch gab sie später diese Etymologie auf und verknüpfte aport. *siira* mit dem Sternnamen *Sīrius* (RLu. 13, 396-400), gewiss zu Unrecht. Es ist unverständlich, warum der *Sīrius* auf die Menschen einen günstigen Einfluss gehabt haben sollte, da die Texte aus dem Altertum, die Michaelis anführt, gerade vom Gegenteil sprechen: der *Sīrius* brachte glühende Hitze, verursachte Hunger, Krankheiten usw. Und warum ergab *Sīrius* im Portugiesischen ein Femininum, *siira*? (Das *ii* weist nicht notwendigerweise auf den Schwund eines dazwischenliegenden Konsonanten). Im Altportugiesischen ist *i* nach dem Tone vor folgendem Vokal meist geschwunden; doch bestand und besteht vor allem heute, worauf Michaelis selbst hinweist, die Tendenz, insbesondere in Wörtern mit betontem *i*, ein unbetontes *i* vor dem Auslautvokal einzuschieben; s. RLu. 13, 396-97 und Bull. hisp. 7, 194 Anm. 2 (ähnlich im Galizischen und Leonesischen, García de Diego 78, 180). So erklären sich nicht nur die oben erwähnten galizischen Formen, sondern auch port. *xiria* 17. Jh. 'vigor nos dedos, nas pernas' (Moraes; RPF 1, 419), mit Wandel von

(45) Es ist wohl bloss ein Zufall, wenn das etymologisch verwandte friul. *assidrāsi* 'assiderarsi, intirizzirsi dal freddo' bedeutet, ähnlich wie galiz. *siries* nach Piñol und Valladares (zu den Formen in den Ostalpen vgl. Hubschmid, ZRPh. 66, 349).

(46) Vgl. die Belege in der RLu. 11, 53-54 und 13, 395-96.

s- > x- wie in westastur. *xira*; ferner minh. *sírias* 'pressas, força', *não ter sírias de não* (Boaventura), alent. *siria* 'vigor físico, robustez, força muscular' (RLu. 31, 101; 33, 137), in der Vale-do-Cóina und Turquel (Estrem.) *siria* 'animação, vivacidade' (RLu. 18, 153; 28, 128), Serra de S. António (Santarém) 'sensibilidade nas mãos, força' (RLu. 36, 158). Offenbar dachte man bei aport. *siira* und seinen modernen Entsprechungen, nicht wie bei lat. *astrōsus* 'unter ungünstigem Stern geboren' (>span., port. *astroso*), sondern wie bei rom. **astrūcus* 'glücklich' (>prov. *astruc*, akat. *astruch*, aspan. *astrugo*), an die günstigen Einflüsse der *sīdera*. Ob galiz. *siries*, das nach zwei Quellen scheinbar auf die nachteiligen Einflüsse der Gestirne weist (wie in oberitalienischen Mundarten), und Atalaia (Pinhel, Beira Baixa) *siria* 'pessoa convalescente que ainda não tem forças para sair de casa' (RLu. 11, 162) auf einer alten Bedeutungs differenzierung beruhen oder ob bloss eine ungenaue Definition vorliegt, kann ich nicht entscheiden. Jedenfalls wird durch die Tatsache, dass sich im Galizisch-Portugiesischen volkstümliche Vertreter von lat. *sīdera* erhalten haben, unsere Etymologie von port. *cieiro* und galiz. *sieiro* 'Nordostwind' < rom. *sīdereus* (*ventus*) gestützt.

III

Ich glaube mit diesem Beitrag, in dem ich zwar hervorragenden Forschern, wie J. Jud und M. L. Wagner, nicht durchwegs folgen konnte, gezeigt zu haben, wie wichtig für manche etymologische Untersuchungen nicht nur die Kenntnis der heutigen Dialekte, sondern auch des urkundlichen Wortschatzes ist. Von den Romanisten hat in den letzten zwanzig Jahren bloss P. Aebischer die in den Urkunden der Romania vergrabenen Schätze für sprachgeographische und etymologische Studien verwertet. Hätte er seine Auszüge aus iberoromanischen Urkunden schon 1922, als er sich mit dem Problem von span. *senara* befasste, begonnen, oder besäßen wir umfangreichere Wörterbücher für den altüberlieferten Wortschatz Spaniens und Portugals, so hätte man schon früher deutlich gesehen, dass für dieses Wort eine Grundbedeutung 'Brachfeld' nicht zu belegen ist.

Ferner hoffe ich, mit meinen etymologischen Untersuchungen auf die Wichtigkeit der heute noch lebenden und der urkundlich bezeugten Ortsnamen für die Erforschung des appellativen Wortschatzes gewiesen zu haben. Die Ortsnamen enthalten meist ho-

denständiges Sprachgut, und nicht selten stecken in urkundlichen Namenformen die ältesten romanischen (baskischen oder anderssprachigen) Belege eines noch heute als Appellativ — oder auch nicht mehr als Appellativ bekannten Wortes: *Gandara* 916 (> galiz. *gándara*); abask. *Legarr-alde* 12. Jh. 'steiniges Gebiet' (> bask. *legar*; bask. *alde* bedeutet als selbständiges Wort 'côté'); *Sierio* 827 in Asturien, *Sierium* 1188 in Galizien (> galiz. *sieiro* 'kalter Wind'). *Senaria* 960 in Oberitalien (> mlat. *senaria* 1465) ist ein Beispiel für ein Wort, das heute nur noch in den Montañas von Santander (*se-minera*) als Appellativ nachgewiesen werden kann, wenn wir von gelehrten Bildungen, wie fr. *séminaire*, absehen. Aus galloromanischen, z. T. auch iberoromanischen Ortsnamen, lassen sich Schlüsse ziehen auf den wechselnden gallischen Akzent, und damit wird das Nebeneinander der iberoromanischen Typen **sēnara* und **sēnára* erklärt. Andererseits wirft die Erforschung des appellativen Wortschatzes Licht auf bisher nicht oder nicht ganz sicher gedeutete Namen. So wird der in Portugal über dreissig mal vorkommende Name *Sardoal*, der aus dem portugiesischen Wortschatz nicht erklärt werden kann⁽⁴⁷⁾, einwandfrei gedeutet mit einem Hinweis auf leon. *sardonal* 'lugar poblado de sardones' (Garrote), leon. *sardón* 'mata achaparrada de encina' usw.⁽⁴⁸⁾, und der Flussname *Tamaris* > galiz. *Tambre* mit seinen Verwandten lässt sich schön verknüpfen mit einem erst kürzlich der Forschung zugänglich gemachten galizischen Wort, *támaro* 'Erdrutsch'.

Zahlreiche Ortsnamen können aber vorläufig nicht sicher oder gar nicht gedeutet werden, vor allem wenn die Zusammenhänge mit noch lebenden Appellativen nicht auf der Hand liegen. Es ist für einen mit dem Gelände nicht vertrauten Forscher meist schwer oder sogar unmöglich, sich an Hand der Karte oder von Beschreibungen ein Bild über die Lage der Orte zu machen, deren Namen er erklären

(47) I. Xavier Fernandes, *Topónimos e gentílicos*, vol. 2, Porto 1943, S. 373, meint, *Sardoal* sei mit port. *sardão* 'especie de lagarto' (REW 4042a) zu verbinden. Da dieser Autor, wie manche Forscher, die sich mit dem Studium von Ortsnamen romanischer Sprachen befassen, nicht Romanist ist, ist der Irrtum verzeihlich.

(48) Vgl. ferner astur. *sardon* 'tierra espinosa, llena de cardos', Cabrera *sardón* 'encina pequeña' (Casado Lobato), arag. *sarda* 'ramaje bajo en el monte como el de los tomillos, asnallos, etc.', Sangüesa *sarda* 'planicie con monte bajo' (ATPir. 1, 208); als Ortsnamen *Sardón* 1110 (Doc. Valladolid 82), *Sardonedo* 1157 León (AHDE 4, 149) usw. Es handelt sich, wie schon Malkiel vermutet hat, um ein Wort vorromanischen Ursprungs (Lang. 25, 445).

will. Diese Geländekenntnis nützt aber in vielen Fällen — bei Ortschaftsnamen — gar nicht so viel. Sachlich würde ein Wort in der Bedeutung 'Saatfeld' gewiss für die meisten Ortschaften passen, auch für *Sinna* > *Senna* in der Lombardei und angrenzenden Gebieten, denn neu gegründete Siedlungen werden häufig nach Feldern benannt. Doch bleibt eine solche Verknüpfung sehr unsicher. Wieviel anklingende, einen Stamm *Sen-* enthaltende spanische Ortsnamen mussten wir nicht, nach eingehender Untersuchung, von span. *senara* etymologisch trennen (*Senabria*, *Senabre*, *Senabál*, *Senéra*, *Siero*)? Wir können nicht einmal mit Sicherheit sagen, ob die noch verbleibenden spanischen Namen, *Sena*, *Senova*, *Senabo*, *Senebue*, *Senes*, wirklich mit vorrom. **sēnara* irgendwie verwandt sind. Anders verhält es sich natürlich mit den einander lautlich nahestehenden Flussnamen vom Typus *Sena*, *Sinna* u.ä. ausserhalb Hispaniens. Dass hier nicht eine Bedeutung 'Saatfeld' anzusetzen ist, die Namen also nichts mit vorrom. **sēnara* zu tun haben, leuchtet ohne weiteres ein; ebenso wahrscheinlich ist es, dass diese Flussnamen unter sich etymologisch zusammengehören, da die Benennungsmotive bei Flüssen bedeutend weniger zahlreich sind als bei Ortschaften oder Fluren.

Wenn man sich all dies vergegenwärtigt, so müssen jene namenkundlichen und etymologischen Studien, in welchen ohne eingehende Detailuntersuchung alle möglichen Wörter bedenkenlos unter einem einzigen, meist vorindogermanischen Stamm vereinigt werden, methodisch sehr anfechtbar erscheinen. Sie sind mehr nur als Materialsammlungen zu werten für Forscher, die nicht über alle Quellen verfügen.

Leider steckt für manche Gebiete der Romania das Studium der Ortsnamen noch ganz in den Anfängen. Die meisten unserer Bibliotheken besitzen wohl Wörterbücher bekannter Schriftsprachen, in denen der appellative Wortschatz gesammelt und erklärt ist, aber nur ausnahmsweise Ortsnamenwörterbücher. Ja J. M. Piel, der verschiedene grössere Arbeiten über portugiesische (und z.T. auch spanische) Ortsnamen veröffentlicht, aber nichts über port. *senra* geschrieben hat, bemerkt sogar, dass ihm der *Diccionario Postal e Chorográfico do Reino de Portugal* von J. B. da Silva Lopes (Lisboa 1891-1894) zur Zeit der Materialsammlung für seine umfangreiche Abhandlung «Os nomes germânicos na toponímia portuguesa» unzugänglich war (BFil. 2, 114); in ganz Deutschland soll, wie Sachs einmal festgestellt hat, dieses Werk nur auf einer einzigen Bibliothek vorhanden sein. Unter solchen Umständen und besonders wenn neu erschienene Werke, wie der *Diccionario geográfico postal de España*

(Madrid 1942) ⁽⁴⁹⁾, schon bald nach dem Erscheinen vergriffen sind, ist es nicht verwunderlich, dass es nur wenigen Forschern möglich ist, diese Quellenwerke zu benutzen. Dazu kommt, dass umfassende Wörterbücher der urkundlich überlieferten Ortsnamen fehlen und manche Urkundensammlungen keine oder nur unvollständige Indices der Ortsnamen erhalten; auch sind zahlreiche Urkundenwerke ausserhalb des Landes, auf das sich die Urkunden beziehen, nicht ohne weiteres zu konsultieren ⁽⁵⁰⁾.

So ist es begreiflich, dass sogar hervorragende Ortsnamenforscher auch heute in der Regel bloss das Namengut (lebende und urkundliche Formen) eines relativ kleinen Gebietes einigermaßen vollständig überblicken. Es ist ihnen kaum möglich, darüber hinaus Namenprobleme gründlich zu behandeln, denn alles, was darüber hinaus geht, ist für sie mehr oder weniger «terra incognita». Damit fehlt diesen Forschern auch die für die etymologische Erforschung hauptsächlich des vorromanischen Wortschatzes notwendige breite und solide Basis und die Fähigkeit zu unterscheiden, welche etymologischen Zusammenhänge wahrscheinlich, möglich, unwahrscheinlich und unmöglich sind, was sich vor allem bei französischen Forschern, die mit den «bases préindoeuropéennes» operieren, nachteilig, um nicht zu sagen katastrophal, auswirkt ⁽⁵¹⁾. Möge die Forschung in Zukunft leichter Zugang haben zu den hier verwerteten Quellen — dann wird gewiss noch manches wortgeschichtliche Rätsel gelöst werden.

⁽⁴⁹⁾ Dieses Wörterbuch enthält in zwei Bänden ca. 140000 Namen, also bedeutend mehr als Madoz, der *Nomenclátor de 1920* (Madrid 1925) und der *Diccionario corográfico de España* in vier Bänden (Instituto Nacional de Estadística, Madrid 1948) — dieses letzte Werk umfasst ca. 107000 Namen.

⁽⁵⁰⁾ Ich bedaure, dass ich das wichtige Werk *Diplomática Española del período Astur, I. Cartulario crítico*, por D. Antonio Floriano, Oviedo 1949, noch nicht einsehen konnte, auch nicht den *Dicionário corográfico de Portugal continental e insular* von Américo Costa, 12 vols., Porto 1929-1949. Von den benützten spanischen und portugiesischen Urkunden finden sich auf den öffentlichen Bibliotheken Berns nur wenige kürzlich erschienene Bände. Bei dieser Gelegenheit möchte ich nicht versäumen, der Zentralbibliothek Zürich, den Universitätsbibliotheken von Basel und Fribourg, den Bibliotheken von Madrid und Barcelona, dem romanischen Seminar der Universität Hamburg sowie den Herren Professoren P. Aebischer und A. Steiger für die leihweise Zusendung zahlreicher Quellenwerke bestens zu danken.

⁽⁵¹⁾ Vgl. meine Besprechung des Buches von Ch. Rostaing, *Essai sur la toponymie de la Provence*, Paris 1950 (Rom. Phil., Bd. 4 oder 5).

Wörterverzeichnis

- adema port. 133
 àpara sard. 142 Anm. 34
 ar ir. 147
 barveito aport. 133
 Báscara kat. 142
 bestigo port. 141
 bòlhara trasm. 143
 Braga port. 142
 cáparo leon. 142
 cáscara span. 143
 Cénaret südfr. 134 Anm. 13
 cencero arag. 133 Anm. 10
 cenero arag. 133 Anm. 10
 cieiro port. 147-49
 clédar fr. 135
 *kómaro- vorrom. 139-41
 cómaro galiz. 140
 *kombaro- gall. 141 Anm. 30
 combona aport. 142 Anm. 30
 cómore port. 139-40
 gájara trasm. 143
 gállara span. 143
 gándara port. 130, 137
 gándaro montañ. 137
 Gennor sard. 146
 genro port. 127
 godo minh. 17
 gogo beir. 138
 granda astur. 137 Anm. 21
 guijarro span. 136 Anm. 20
 jogo minh. 138
 labina rom. 138
 lama rom. 137
 *lámara vorrom. 137, 139
 λάμαρα ngr. 137 Anm. 24
 lami georg. 137 Anm. 24
 lammer tirol. 137
 Láncara galiz. 143
 láparo port. 142
 legar bask. 136 Anm. 20
 lika kelt. 136 Anm. 20.
 lúparo galiz. 143
 mámoa port. 141
 mülhara beir. 143
 Resoba span. 145
 Sada span. 145
 Sadernas kat. 145
 sámago galiz. 139 Anm. 26
 sámbaro bercian. 139 Anm. 26
 samo port. 139 Anm. 26
 Sanabra kat. 144 Anm. 37
 sàpara kors. 142
 sarda arag. 152 Anm. 48
 Sardoal port. 152
 sardón leon. 152 Anm. 48
 seara port. 125, 131
 *se- idg. 144
 seminaria rom. 134 Anm. 13
 sena altarag. 147 Anm. 42
 Sena span. 144
 Sena it. 146
 Sena sard. 146 Anm. 40
 Senabo aspan. 145
 Senabria 144 Anm. 37
 *sénara vorrom. 127-30
 *senára vorrom. 130-32
 senara span. 125, 131
 senaria mlat. 132-33
 senaria apiem. 134
 Σενάρα lyk. 146 Anm. 40; 147
 Senegué arag. 145
 Senés arag. 145
 Senna lomb. 147 Anm. 41
 Sennori sard. 146
 Sennuru sard. 146 Anm. 40
 Senova span. 145
 senra aport., aspan. 125-27, 131, 132
 Sent engad. 141
 serna span. 127-30
 sīdereus rom. 149

- siena zentrallad. 147
 Sienna span. 126-27, 134
 Sierna aleon. 134
 Siero astur. 148-49
 sinera aspan. 134
 Sinnai asard. 147
 Sins schweiz. 147
 sira aport. 150
 síria port. 151
 siries galiz. 150
 sollavina it. dial. 139
 sotámbano leon. 138 Anm. 26
 sotámbaro montañ. 138
 Tabara span. 142
 tállaro salm. 143
 *támáro- vorrom. 138
 támáro galiz. 138-39
 Tambre galiz. 138
 táramo astur. 138 Anm. 26
 tarma astur. 138 Anm. 26
 tenro port. 127
 Terrobes span. 145
 tōyam aind. 139
 tombo astur. 141 Anm. 29
 tombero aport. 141 Anm. 29
 tómoro port. 141 Anm. 29
 tséppara sard. 142, 147
 tumba rom. 141 Anm. 29
 túvara sard. 152 Anm. 33
 vervactum rom. 133
 xira astur. 150-51
 xógara astur. 138
 zama bask. 139 Anm. 28
 zòmbaru sard. 142 Anm. 33

Liebefeld b. Bern.

JOHANNES HUBSCHMID

Sobre a função do verbo em românico, germânico e eslavo

[Ensaio de sintaxe estrutural e de teoria da língua]*)

O objectivo do presente estudo é mostrar os caracteres fundamentais do verbo no três grupos mais importantes de línguas europeias, dum ponto de vista sincrónico e comparativo, e daí chegar a uma compreensão do conteúdo e da função do verbo dentro do sistema da língua.

Uma das maiores dificuldades, ao traduzir-se a linguagem falada ou um texto escrito duma língua para outra (a não ser duas línguas muito parecidas), consiste não tanto na falta de certos substantivos abstractos como na intraduzibilidade de algumas ideias verbais. Se não temos palavra que corresponda exactamente ao alemão «Weltanschauung» tiramo-nos do embaraço dando uma tradução aproximativa (p. ex. «concepção do mundo») e juntando a palavra alemã entre parênteses. Mas como traduzir uma simples frase russa do tipo «ia pisal pis'mo» ou «jarešal zadaču» ou uma frase alemã igualmente simples como «ich habe drei Bogen Papier vollgeschrieben»?

As frases russas significam 1) estive a escrever uma carta, mas sem a acabar; 2) procurei resolver o problema, mas não o consegui (ou ainda não cheguei à solução). Os dois verbos exprimem ao mesmo tempo a ideia duma acção (escrever / procurar resolver) e a ideia de que esta acção está finda, mas inacabada ou sem resultado. Para traduzirmos a segunda frase russa, ou dizemos simplesmente «procurei resolver o problema», omitindo o facto de não se ter acabado, ou acrescentamos uma oração explicativa a qual conterà inevitavelmente uma ideia que não está expressa na frase original, ficando, p. ex., «procurei resolver o problema, mas não o consegui» ou «procurei resolver o problema, mas ainda não cheguei à solução».

«Rešal» exprime que não se chegou à solução, mas não indica com precisão se isso foi devido a que a tentativa se malogrou ou a

(*) Agradeço ao Ex.^{ma} Sr. Dr. J. Inês Louro, do Centro de Est. Fil., e ao meu amigo J. A. Peral Ribeiro, estudante da Faculdade de Letras de Lisboa, que tiveram a amabilidade de corrigir este texto e de discutir comigo alguns dos problemas aqui tratados.

que *ainda* não foi levada a cabo por falta de tempo. Portanto, nenhuma das três traduções dadas corresponde exactamente à ideia da frase original.

Analisemos agora esta frase alemã «ich habe drei Bogen Papier vollgeschrieben». Em português dará :

- 1) enchi três folhas de papel ;
- 2) a escrever (ou escrevendo) enchi três folhas de papel ;
- 3) escrevi e enchi três folhas de papel.

Nenhuma das três traduções satisfaz sem reserva, embora todas se aproximem bastante do sentido da frase original. A primeira supprime a ideia de «escrever», embora sem grande inconveniente, porque essa ideia se subentende naturalmente. A segunda tradução é pesada, e a terceira, que de maneira mais completa traduz a ideia do verbo «vollschreiben», tem o defeito de dividir a acção única e complexa do verbo alemão em duas acções coordenadas e diferentes.

Depois destes exemplos do eslavo e do germânico, vamos apresentar algumas frases portuguesas de difícil tradução exacta para outras línguas não românicas :

- 1) Não soube responder à pergunta, por que não me *lembrava* daquele acontecimento.
- 2) Não soube responder à pergunta, porque não me *lembrei* daquele acontecimento.

[em francês : 1) Je n'ai pas su répondre à la question, parce que je ne me *rappelait* pas cet événement. 2)... parce que je ne me *suis* pas *rappelé*...].

Em alemão, ambas as frases se traduzem da mesma maneira : Ich konnte die Frage nicht beantworten, weil ich mich nicht mehr an jenes Ereignis erinnerte.

O mesmo vale para o inglês e para as outras línguas germânicas : I could not answer the question because I did not remember that event.

Ora, não há dúvida de que as duas frases portuguesas (e francesas) exprimem ideias diferentes, isto é, «porque não me lembrava...» pressupõe o 'não se lembrar' como facto já existente, ao passo que a expressão «porque não me lembrei...» significa antes: fiz um esforço para me lembrar, *nesse momento*, mas não o consegui.

Podemos trocar a ordem das duas orações, e então temos três possibilidades :

- 1) Não me *lembrava* daquele acontecimento, e por isso não *sabia* responder à pergunta ;
- 2) Não me *lembrava* daquele acontecimento, e por isso não *soube* responder à pergunta ;
- 3) Não me *lembrei* daquele acontecimento, e por isso não *soube* responder à pergunta.

[Uma quarta frase «não me *lembrei*..., e por isso não *sabia*...» não fará verdadeiro sentido.]

Interessa-nos relevar agora qual será a diferença entre as frases 1) e 2). Em ambos os casos o 'não se lembrar' é apresentado como facto já existente. O 'não saber responder' é que é tratado de dois pontos de vista diferentes: a primeira frase equivale a «não sabia responder a uma pergunta destas que se podiam fazer» (estado — ponto de vista estático); na segunda frase equivale a «não soube responder à pergunta que foi feita nesse momento» (acontecimento — ponto de vista dinâmico).

Também neste caso as línguas germânicas só têm uma tradução para as três frases portuguesas :

alem. Ich erinnerte mich nicht an jenes Ereignis, deshalb konnte ich die Frage nicht beantworten.

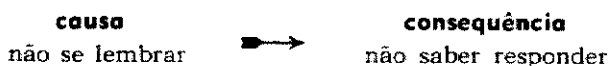
ingl. I did not remember that event, so I could not answer the question.

Ambas as orações, a primeira que denota a causa e a segunda que denota a consequência, são apresentadas dum ponto de vista neutro, isto é, nem como estados nem como acontecimentos. Em português, isso pode imitar-se em parte :

- a) Não me *lembrando* daquele acontecimento, não sabia / soube responder... ;
- b) Não me *lembrava* / *lembrei* daquele acontecimento, não *sabendo*, por consequência, responder...

(Isto certamente não é bom português, mas pode dizer-se em casos semelhantes ao nosso, sobretudo quando as duas orações têm sujeitos diferentes).

Todas as frases mencionadas, românicas e germânicas, exprimem a mesma ideia fundamental:



As discriminações que o português e as outras línguas românicas fazem por meio da distinção formal entre imperfeito e pretérito perfeito não se referem aos factos objectivos (causa determinada → consequência determinada), mas sim ao ponto de vista do qual esses factos são observados. Essas discriminações são, pois, essencialmente *subjectivas*.

Nas línguas eslavas, pelo contrário, a distinção formal, por ex., entre o russo

ia pisal pis'mo = estive a escrever uma carta, sem a acabar,
e ia napisal pis'mo = estive a escrever uma carta, e acabei-a = escrevi uma carta

ou o checo

psal jsem psaní
e napsal jsem psaní (os mesmos dois sentidos)

é uma distinção entre dois factos *objectivos* (escrever : escrever + fim ou resultado) ⁽¹⁾.

É perfeitamente natural e lógico que as duas frases russas ou checas sejam traduzidas para qualquer língua românica ou germânica de *duas maneiras diferentes*, ao passo que as três frases românicas têm uma única tradução nas línguas germânicas e eslavas.

Chamando «acções» (alem. Aktionsarten) as discriminações de factos objectivos e «aspectos» as de ponto de vista essencialmente subjectivo ⁽²⁾, podemos dizer que o russo tem as seguintes ⁽³⁾ categorias:

⁽¹⁾ Otto Jespersen, em «The Philosophy of Grammar», Londres-Nova-Yorque, 1924, pág. 275 e sg., diz que, nas línguas românicas e nas eslavas, se trata «essencialmente da mesma distinção».

⁽²⁾ Há quem não distinga entre «acção» e «aspecto», e geralmente fala-se nos «aspectos do verbo eslavo»; já o termo russo «vid» é mal escolhido, e daí vem o termo latino.

⁽³⁾ Para mais distinções, cf. A. Senn «Verbal Aspect in Germanic, Slavic, and Baltic», em «Language» 25, 4, pág. 402-9.

Principais	acção imperfectiva		acção perfectiva	
	simples	iterativa	simples	intensiva
Secundárias				
		[infixo -(i)va-]	[infixo -nu-]	

A distinção principal aplica-se a todos os verbos e é expressa por diversos meios: prefixos ou mudança da vogal temática. As distinções secundárias são limitadas a certos verbos e têm sempre as mesmas características formais (infixos -(i)va- e -nu-).

As categorias principais valem para a apresentação de factos passados e futuros; os factos presentes são sempre imperfectivos ⁽¹⁾.

As línguas românicas têm as seguintes categorias:

aspecto estático		aspecto dinâmico		aspecto neutro	
port.	fr.	port.	fr.	port.	fr.
escrevia	il écrivait	escreveu	il écrivit il a écrit	escrever escrevendo escrevesse	écrire écrivait il écrivît

que valem só para a apresentação de factos passados.

Sistema de tempos. Quanto à noção gramatical de «tempo», devemos distinguir entre a classificação directa ou absoluta dum facto (*passado, presente, futuro* nos três grupos de línguas) e a classificação indirecta ou relativa de dois ou mais factos, isto é, de factos relacionados entre si. As relações temporais são: *anterioridade, contemporaneidade, posterioridade* e *neutralidade* (= indiferença ou falta de relação).

Exemplifiquemos:

⁽¹⁾ Tratamos só do sistema que é comum a todas as línguas eslavas (salvo o esloveno), abstraindo das diferenças entre aoristo e imperfecto, que se conservam apenas no eslavo meridional.

1) Facto principal no passado

	Relação
a) Ele estava a pensar num assunto que nos <i>tinha interessado</i> muito.	anterioridade
b) Ele estava a pensar num assunto que nos <i>interessava</i> muito.	contemporaneidade
c) Ele estava a pensar num assunto que nos <i>vai interessar</i> muito.	posterioridade
d) Ele estava a pensar num assunto que nos <i>interessa</i> muito.	neutralidade
e) Ele estava a pensar num assunto que (já) nos <i>interessou</i> muito.	neutralidade
f) Ele estava a pensar num assunto que nos <i>tem interessado</i> muito.	neutralidade

[Relação neutra quer dizer que o facto secundário é independente do principal e, portanto, está sujeito à classificação directa : d) presente ; e) e f) passado.]

2) Facto principal no presente

	Relação
a) Ele está a pensar num assunto que (já) nos <i>interessou</i> muito.	anterioridade
b) Ele está a pensar num assunto que nos <i>interessa</i> muito.	contemporaneidade
c) Ele está a pensar num assunto que nos <i>vai interessar</i> muito.	posterioridade

[Não há relação neutra em oposição à relação de contemporaneidade.]

3) Facto principal no futuro

	Relação
a) Ele vai pensar num assunto que (já) nos <i>interessou</i> muito.	anterioridade
b) Ele vai pensar num assunto que nos <i>há-de interessar</i> muito.	contemporaneidade
c) Ele vai pensar num assunto que nos <i>interessa</i> muito.	neutralidade

[Relação de posterioridade com um facto futuro não se pode exprimir por meio de formas verbais.]

Este quadro do sistema temporal do português vale, *mutatis mutandis*, para todas as línguas românicas e germânicas; o russo, porém, apresenta esta diferença: em relação a um facto passado, não distingue formalmente entre contemporaneidade e anterioridade⁽⁵⁾. Uma frase russa como «xotilos'mne pokupat' knigu kotoruiu ja uvidal v magazine» pode-se traduzir para português de duas maneiras, segundo a relação temporal entre as duas orações: 1) eu quis comprar o livro que via na loja (contemporaneidade); 2) eu quis comprar o livro que tinha visto na loja (anterioridade).

Se for preciso ou desejável exprimir a relação temporal, o russo também tem esta possibilidade, mas recorrendo a um advérbio de tempo. É semelhante também nos casos acima mencionados. Generalizando, pode-se afirmar que as línguas oferecem quase sempre meios para traduzir as discriminações de categorias dum determinado idioma. Por exemplo, os aspectos em alguns verbos românicos traduzem-se, nas línguas germânicas, quer por meio de diferenças lexicais:

sabia — je savais — ich wusste — I knew

soube — je sus (j'ai su) — ich erfuhr — I learned,

quer por perífrases:

conhecia — je connaissais — ich kannte — I knew

conheci — je connus (j'ai connu) — ich lernte kennen — I got to know,

não me lembrava — ich hatte nicht mehr in Erinnerung

não me lembrei — ich konnte mich nicht mehr (darauf) besinnen.

Estes casos são frequentes. O que importa para o nosso estudo não é saber se tal língua oferece a possibilidade de exprimir tal ou tal gradação de sentido, caso seja necessário, mas se tal língua a exprime *normalmente* e por uma distinção formal *inerente* a certa classe de palavras.

Devemos acrescentar que existe uma outra distinção de acções ou aspectos obtida mediante o emprego de duas formas do pretérito perfeito: a simples e a composta.

(5) O mesmo não vale para todas as línguas eslavas: o checo, por ex., distingue entre «já videl» (via) e «já byl videl» (tinha visto).

port.	fi-lo	— tenho-o feito
esp.	lo hice	— lo he hecho
ital.	lo feci	— l' ho fatto
fr.	je le fis	— je l'ai fait
alem.	ich tat es	— ich habe es getan
ingl.	I did it	— I have done it

Em espanhol, italiano, francês e alemão, a diferença das duas formas consiste normalmente em que o pretérito simples exprime uma acção ou um estado do passado sem relação directa com o presente, ao passo que o pretérito composto contém ainda uma ideia de continuação, de ligação com o presente, ou de interesse pessoal.

Esta diferença de significado encontra-se sobretudo no estilo literário; a linguagem falada ou põe de parte o pretérito simples ou dá acentuada preferência à forma composta, e já não observa a distinção que se mantém no estilo culto. Em todo o caso, a opposição das duas formas não é rigorosa; pertence ao domínio da estilística e não da gramática ⁽⁶⁾.

Pelo que respeita ao português e ao inglês o caso é diferente. Nestas duas línguas há uma nítida distinção entre pretérito simples e pretérito composto ⁽⁷⁾. Este último tem dois empregos principais em português ⁽⁸⁾; exprime ora a ideia de continuação ininterrupta ora a de repetição:

- 1) tenho estado doente: estive doente;
- 2) tem-me escrito muitas cartas: escreveu-me muitas cartas.

Estes casos têm correspondência em inglês:

- 1) I have been ill: I was ill;
- 2) he has written me many letters: he wrote me many letters.

Esta distinção é de carácter objectivo, sendo o critério decisivo a

⁽⁶⁾ Cf. o estudo pormenorizado de M. de Paiva Boléo «O perfeito e o pretérito em português em confronto com as outras línguas românicas», Coimbra, 1937.

⁽⁷⁾ Cf. M. de Paiva Boléo, op. cit., pág. 4 e ss.

⁽⁸⁾ Abstráimos aqui de construções como «tenho uma carta escrita», que não são formas verbais compostas, visto que «tenho» tem nelas o sentido normal de «posso».

continuidade da acção ou do estado indicados até ao momento presente ou, no caso da repetição, até a um momento bastante próximo.

O pretérito perfeito composto do português pode-se considerar como contendo uma soma de dois significados (passado + presente); é usado apenas quando há oposição tanto ao presente como ao passado (p. ex. «tenho estado», distinto de «estou» e também de «estive» ou de «estava»). Quando o passado é indicado por um complemento circunstancial, geralmente não se emprega o pretérito perfeito composto: p. ex., «moram nesta cidade há dois anos» e não «têm morado...» (cf. o inglês: *They have been living...*), comp. também «tem-me mandado cartas» com «manda-me cartas há dois anos» (o inglês diz em ambos os casos «he has sent me letters»).

As categorias verbais do português são as seguintes:

Tempos	primários	Passado	Presente	Futuro
	secundários continuativos	neutro	—	—
Aspectos		estático	—	—
		dinâmico	—	—
Relações temporais		anterior	contemp.	anterior
		contemporânea	contemp.	contemp.
		posterior	posterior	—
		neutra	—	neutra

Em inglês, o pretérito perfeito composto (Present Perfect) tem outras funções que em português. Além de exprimir a continuidade, serve também para ligar e relacionar uma acção ou um estado passado com o momento presente. Esta relação pode ser tanto objectiva (p. ex. «I have been ill») como subjectiva (p. ex. «she has told him all about it» = «ela contou-lhe tudo» com a ideia implícita de «e agora ele sabe», distinto de «she told him all about it» = «ela contou-lhe tudo, naquela altura...»). O pretérito perfeito composto inglês reúne, por assim dizer, o valor das correspondentes formas do português e o valor das dos outros idiomas românicos.

Acção durativa. O português, o espanhol, o italiano e o inglês empregam uma forma especial, composta do verbo *estar* —

stare — *to be* + gerúndio (ou infinitivo com 'a'). Naquelas três línguas românicas o emprego desta forma não é de rigor; no passado é substituída muitas vezes pelo simples imperfeito (p. ex. «he was going to the City» = «ia para a Baixa» e não «estava indo» ou «estava a ir»). O inglês, pelo contrário, observa sempre a distinção entre acção durativa e não durativa, tendo duas formas correlativas para todos os tempos, modos, géneros e aspectos do verbo.

O sistema de categorias do verbo inglês pode ser esquematizado da seguinte maneira:

Tempos	Passado	Presente	Futuro
Aspectos	relacionante neutro	—	—
Relações temporais *	anterior contemporânea posterior neutra	anterior contemp. posterior —	anterior — neutra
Acções	Durativa — não durativa (para todas as outras formas)		

O sistema do alemão é parecido, porém, mais simples: faltam as categorias de aspecto e de acção.

O conceito de modo. A diferença entre *tempos* e *relações temporais* encontra-se também, de maneira análoga, entre *modos* e *relações modais*.

Todos os três grupos de línguas de que vimos tratando têm indicativo, imperativo e condicional (modos) com funções sensivelmente iguais; portanto é escusado insistir no papel que desempenham dentro dos respectivos sistemas linguísticos. Só o conjuntivo merece um tratamento especial.

Nas línguas eslavas o conjuntivo não existe. Nas línguas românicas e germânicas é raro em orações principais, e só usado em fórmulas fixas (p. ex. «valha-me Deus!» — «Dieu vous garde!» — «Der Herr beschütze dieses Haus!» — «Long live the King!» etc.) ou num estilo especial como o da liturgia; de resto o uso do conjuntivo é limitado às *orações dependentes*, nas quais comporta a ideia dum facto ser subordinado a outro (em geral o da oração principal).

Exemplos :

- 1) Quero que ele *saia*.
- 2) a) Não sabia que tu *ias* ao teatro.
- b) Não sabia que tu *fosses* ao teatro.

Há uma importante diferença entre os exemplos 1) e 2), a saber, nas segundas frases o conjuntivo está em *oposição directa* ao indicativo; ambas as formas são possíveis no mesmo contexto, comportando dois sentidos diferentes :

- 2 a) o facto «ir ao teatro» é subordinado ao facto «saber»;
- 2 b) ambos os factos são coordenados (corresponde a «tu *ias* ao teatro — eu não o sabia»).

Na frase 1) só o conjuntivo é possível («quero que ele *sai*» não se pode dizer) e não há oposição directa.

Na frase «sei que ele *vem*» é de rigor o indicativo.

Podemos dizer, portanto, que a discriminação categorial entre facto coordenado e facto subordinado é bastante limitada em português: existe apenas com os verbos de *saber*, *pensar*, *dizer*, isto é, com os verbos que denotam uma actividade do intelecto.

[Em francês passa-se coisa semelhante. Exemplo :

Il ne croyait pas que la terre *était* ronde.

Il ne croyait pas que la terre *fût* ronde.]

Esta distinção das línguas românicas é uma distinção de duas *relações modais* (coordenação e subordinação), e é independente da estabelecida para as diversas relações temporais. Como se vê pelos exemplos

- 1 a) Não sabia que tu *ias* ao teatro;
- 1 b) Não sabia que tu *tinhas ido* ao teatro;
- 2 a) Não sabia que tu *fosses* ao teatro;
- 2 b) Não sabia que tu *tivesses ido* ao teatro,

ambas as distinções existem ao mesmo tempo e sem interferência.

Na língua inglesa não há conjuntivo; só existem formas perifrásticas com verbos auxiliares (*shall-should*, *may-might*) e alguns restos dum antigo conjuntivo (*were* e na terceira pessoa do singular: *he go, she take*, etc.). Mas estas formas empregam-se apenas ou num

estilo muito literário e artificial ou em orações condicionais («if he were...»). Em todo o caso não há oposição directa entre o indicativo e quaisquer formas de conjuntivo.

O alemão é diferente. Tem um presente e um pretérito do conjuntivo.

Pres.	Pret.
ich komme	ich käme
du kommest	du kämst
er komme	er käme
etc.	etc.

Na linguagem falada, o presente não se usa, mas o pretérito é muito frequente. Há também casos de oposição directa entre indicativo e conjuntivo. Eis alguns exemplos:

- 1) Franz sagt, er *kommt* heute abend.
 Franz sagt, er *käme* heute abend.
 (Francisco diz que vem esta noite).
- 2) Er sagt, er *kann* nicht kommen, weil er krank *ist*.
 Er sagt, er *könnte* nicht kommen, weil er krank *wäre*.
 (Diz que não pode vir porque está doente).

O emprego do indicativo nestes casos significa que a pessoa que relata as palavras de alguém as aceita sem reserva. O conjuntivo, pelo contrário, exprime a ideia de dúvida ou, pelo menos, de atitude neutra para com as palavras de outrem. Esta oposição, portanto, só existe em orações dependentes dum verbo que signifique 'dizer', 'contar', etc. Tal verbo às vezes é suprimido nas frases seguintes, se a narração continua, resultando daí uma sequência de frases com verbos no conjuntivo, parecidas à *oratio obliqua* da latim clássico. Comp. Iulius Caesar, «De Bello Gallico» II, 14:

... Pro his Divitiacus (...) facit verba:

«Bellovacos omni tempore in fide atque amicitia civitatis Aeduae fuisse: impulsos a suis principibus, qui dicerent, Aeduos, a Caesare in servitutem redactos, omnes indignitates contumeliasque perferre, et ab Aeduis defecisse, et populo Romano bellum intulisse: qui huius consilii principes fuissent, quod intellegerent quantam calamitatem civitati intulissent, in Britanniam profugisse. Petere non solum Bellovacos...»

com a tradução alemã:

Für diese sagte dann D., die Bellovaker *hätten* stets treue Freundschaft mit den Äduern gepflogen; aufgewiegelt von ihren Fürsten,... *seien* sie von den Äduern abgefallen und *hätten* ausserdem gegen das römische Volk Krieg geführt. Da die Urheber dieses Rates eingesehen *hätten*, wieviel Unglück..., *seien* sie nach Britannien geflohen. Er *läte*, dass nicht nur die B. ...

Também nas línguas românicas há uma espécie de *oratio obliqua* cujo sinal característico é o emprego do condicional; p. ex. «segundo a testemunha F. o acusado A. *seria* uma pessoa honesta; no dia tal ele *teria ido* a X., onde os acusados B. e C. o *teriam recebido*...»⁽¹⁾.

[em francês: ... l'accusé serait...

... il serait allé... etc.]

Trata-se, evidentemente, duma classificação directa e não duma relação de dois factos.

As categorias verbais. O verbo românico tem as seguintes categorias: género, número, pessoa, aspecto, tempo (relação temporal), modo (relação modal). Só o género está determinado em todas as formas possíveis (isto é, cada forma é ou activa ou passiva); há algumas formas indiferentes quanto a número e pessoa: são as chamadas formas infinitas. De resto, estas primeiras três categorias são independentes entre si e também das outras. Por outro lado, aspecto, tempo e modo são categorias estreitamente relacionadas; entre os modos, só o indicativo tem todas as formas de aspecto e tempo; o condicional tem apenas duas, uma para o passado, outra para o *não passado* (p. ex. *teria dito* — *diria*), com indiferença quanto às oposições 'presente': 'futuro' e 'aspecto estático': 'aspecto dinâmico'. O imperativo, por fim, tem uma única forma para todos os tempos e modos. A oposição das relações modais 'coordenação': 'subordinação' também é limitada — um facto relacionado modalmente como subordinado pode ser relacionado temporalmente só como *anterior* ou *não anterior* (p. ex. *dissesse* ou *tenha dito*: *diga* / *tivesse dito*: *dissesse*). A oposição dos aspectos vale apenas para factos passados.

Como na fonemática, também na sintaxe estrutural há sistemas plenos e sistemas reduzidos. Ao sistema pleno dos tempos e aspectos

(1) Imaginemos estas frases como ditas pelo advogado da acusação.

portugueses (v. pág. 165) corresponde o seguinte sistema reduzido, que vale também para as outras línguas românicas:

Tempos	Passado	Não passado
Aspectos	—	—
Relações temporais	anterior não anterior	

Semantemas verbais. Até aqui temo-nos ocupado das funções dos verbos desempenhadas por meios gramaticais, isto é, por affixos (prefixos, infixos, sufixos), alternâncias morfo-fonemáticas ou palavras auxiliares, mas não por meios lexicais, isto é, por diferenças de raízes.

Para concretizarmos melhor, analisemos alguns exemplos:

falavas distingue-se de **falaremos** pela diferença dos infixos *-va-* e *-re-* e dos sufixos *-s* e *-mos*;

(ich) werde trinken distingue-se de **(er) trank**

- a) pelo sujeito pronominal,
- b) pela palavra auxiliar «werde» e zero,
- c) pela apofonia *-i-*: *-a-* (alternância morfo-fonemática),
- d) pelos sufixos *-en* e zero;

(on) b'il distingue-se de **(my) ub'il'i**

- a) pelo sujeito pronominal,
- b) pelos prefixos zero e *u-*,
- c) pelos sufixos zero e *-i*,
- d) pela apofonia *i*: *f*;

ao passo que **falavas** se distingue de **tomavas** pela diferença das raízes verbais «fal-» e «tom-».

Definições. Antes de prosseguirmos convém dar algumas definições.

1) **Raízes verbais** são *semantemas* (isto é, unidades morfológicas elementares de valor lexical) susceptíveis de conjugação.

2) **Afixos verbais** são *morfemas* (isto é, unidades morfológicas

elementares de valor gramatical, não lexical) que se juntam inseparavelmente a raízes verbais.

3) Auxiliares verbais são *palavras*, consideradas sem valor lexical, que se juntam separavelmente a palavras verbais.

4) Palavras são conjuntos inseparáveis de semantema(s) e morfema(s).

5) Palavras verbais, portanto, são conjuntos de raiz e afixo(s) verbais.

6) Formas verbais são conjuntos de palavras verbais e auxiliares verbais.

7) Conjunto significa um dado elemento acrescentado de outro(s), podendo este(s), no caso limite, estar reduzido(s) a zero (p. ex. «conduz» = raiz «conduz-» + sufixo «zero» que denota «3.^a pess. sing.»).

[Estas definições naturalmente não são aplicáveis a todas as línguas do mundo (p. ex. ao chinês!), mas podem-nos servir como base de comparação entre as línguas indo-europeias].

Estabelecidas estas definições fundamentais, podemos agora proceder ao estudo das raízes verbais, comparando o seu emprego e as suas funções nos três grupos de línguas, principalmente nas línguas românicas e germânicas.

Verbos de movimentos. Entre os verbos de movimento (de seres vivos), o de significado mais geral é o port. esp. *ir*, fr. *aller* (e *se rendre*), ital. *andare* (e *recarsi*). Em alemão não há um verbo que corresponda exactamente a este, mas há vários que se empregam conforme o meio de movimento: *gehen* (a pé), *fahren* (em veículo terrestre ou marítimo), *fliegen* (de avião), *reiten* (em animal). Qualquer frase com um destes verbos implica, portanto, *necessariamente* uma determinada maneira de movimento, a qual as línguas românicas exprimem, quando necessário ou desejável, por meio de substantivos (a pé, de carro, de barco, a cavalo, etc.). Em alemão, pelo contrário, a expressão da maneira ou do meio de movimento é de rigor, é inerente ao verbo empregado. [Existe também «*sich begeben*», com o sentido geral, mas esta palavra é muito literária].

A muitos verbos simples românicos correspondem, nas línguas germânicas, verbos compostos com um prefixo. Eis alguns exemplos de verbos de movimento nestas condições:

hineingehen — *hineinfahren* — *hineinfliegen* — *hineinreiten*
hinausgehen — *hinausfahren* — *hinausfliegen* — *hinausreiten*
weggehen — *wegfahren* — *wegfliegen* — *wegreiten*
mitgehen — *mitfahren* — *mitfliegen* — *mitreiten*;

igualmente com os prefixos *hinab*, *hinüber*, *hinunter*, *hinterher*, *vorbei*, *zurück*, *zusammen*, *vorüber* e muitos outros.

Em vez de *hineingehen*, *hinausgehen* etc. podemos ainda dizer *hineinlaufen*, *hinauslaufen*, *hineinspringen*, *hinauspringen*, *hineinstürmen*, *hinausstürmen*, precisando-se, assim, o movimento, pela indicação não só do meio, mas também da maneira.

As línguas românicas têm relativamente poucos prefixos verbais e usam, em seu lugar, verbos com *raízes diferentes* :

hineingehen	(-fahren, -fliegen, -laufen etc.) —	entrar
hinausgehen	(" , " , ") —	sair
weggehen	(" , " , ") —	partir
mitgehen	(" , " , ") —	acompanhar
zurückgehen	(" , " , ") —	regressar
hinuntergehen	(" , " , ") —	descer
hinaufgehen	(" , " , ") —	subir

[semelhantemente nas outras línguas român.]

Os verbos românicos «entrar», «sair» etc. exprimem, além do movimento geral, uma *certa direcção* do movimento, ao passo que as línguas germânicas, para designarem esta ideia, recorrem a numerosos prefixos com significado local.

A raiz verbal denota :

	em românico	em germânico
1)	movimento geral	
2)	direcção	meio ou maneira

Comp. o port. «*saiu de casa a correr*» com o ingl. «*he ran out of the house*» e o alem. «*er lief aus dem Haus heraus*».

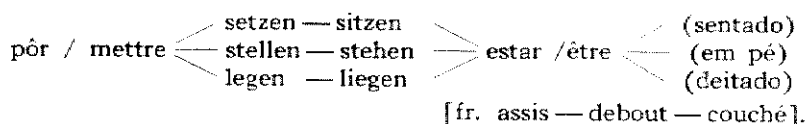
Todos os verbos acima mencionados significam um movimento ou, mais exactamente, uma *deslocação* do corpo dum ser vivo. Agora vamos examinar os verbos de colocação dum objecto.

Ao port. «*pôr*», esp. «*poner*», fr. «*mettre*», ital. «*mettere*» correspondem em alemão três verbos :

setzen, *stellen*, *legen*, com sentidos algo diferentes; «*stellen*» emprega-se para objectos mais ou menos erectos (p. ex. mobílias de casa) ou com uma certa posição conveniente (p. ex. vasos, receptáculos), «*legen*» para objectos com mais extensão horizontal que vertical, e «*setzen*», finalmente, embora em muitos casos sinónimo de «*stellen*»,

usa-se de preferência para o acto de colocar um objecto dentro de outro. Assim há uma diferença entre «er *legt* das Buch auf den Tisch» e «er *stellt* das Buch auf den Tisch»; ambas as frases se traduzem por «ele põe o livro na mesa».

Não há, pois, também um verbo alemão que expresse a ideia geral de «pôr» sem acrescentar um significado complementar. Há igualmente três verbos germânicos diferentes para o verbo geral românico *estar* — *être* — *essere*. Confrontando temos:



Por exemplo, a frase «estavam à janela a observar...» em alemão tem três traduções conforme as respectivas pessoas estavam sentadas, deitadas ou em pé.

Há também um verbo geral, «*sich befinden*», mas este (como no caso dos verbos de movimento) não se usa na linguagem falada.

Podemos ainda juntar aqui o verbo impessoal que denota a mera existência: port. *haver*, esp. *haber*, fr. *y avoir*, ital. *ci (vi) essere* (distinto de «*estar*», que serve para indicar o lugar dum ser ou objecto cuja existência é pressuposta).

Exemplos:

a) No quintal *há* muitas árvores = im Garten *stehen* viele Bäume.

b) Não *havia* muitas pessoas naquela aldeia = es *wohnten* nicht viele Leute in jenem Dorf (no sentido de 'moravam') ou «es *waren* nicht viele Leute in jenem Dorf» (no sentido de 'não havia naquela ocasião').

Também neste caso os verbos alemães significam não apenas a existência, mas ainda associam essa ideia abstracta com outra mais concreta, mais pormenorizada. É verdade que há o verbo impessoal «*es gibt*», mas este tem um emprego especial, normalmente limitado a coisas imateriais e a substâncias no sentido colectivo, por ex.

Was gibt's Neues?	= O que há de novo?
Es gab kein Brot	= Não havia pão.

Esquema comparativo de verbos gerais românicos

	I) Existência	II) Lugar	III) Deslocação	IV) Colocação
a) port.	haver	estar	ir	pôr
alemão	es gibt (uso limitado)	sich befinden (literário)	sich begeben (literário)	[tun] (linguagem vulgar)
b)	stehen liegen sitzen wohnen sein etc.	stehen liegen sitzen	gehen laufen fahren reiten fliegen etc.	stellen legen setzen

Todos os verbos do grupo b), que são os mais usados, têm um significado especial e não correspondem bem aos verbos gerais das línguas românicas.

Posição do inglês. Quase todos os exemplos aqui citados para representar as línguas germânicas foram tomados do alemão. A mesma estreita correspondência que se observa entre as línguas românicas existe, porém, entre o alemão, o holandês, o dinamarquês, o norueguês e o sueco. Só o inglês tem uma posição à parte, que será interessante analisar :

I) **Existência.** «There is», «there are», etc. são dum uso tão frequente e dum significado tão geral como os correspondentes românicos ; o port. «há», «havia» traduz-se normalmente por «there is (are, was, were)», substituindo a variedade de verbos alemães. Quanto à forma, é notável que «there», nesta composição, tenha perdido todo o significado de lugar, como demonstram os exemplos :

there was no one here ;
there was no one there.

Além disso, ou antes, ao mesmo tempo, perdeu o «acento de radical» e tornou-se proclítico, sofrendo um enfraquecimento na pronúncia corrente :

[ðə w'ɔz], [ðə ra:], mas [ðə].

A composição 'there + is, are, was, were' concorda essencialmente com as respectivas construções das línguas românicas. O facto de se conjugar nos dois números (is : are / was : were) tem pouca importância, pois nisso concorda com o italiano (c'è : ci sono, etc.), embora contra o português, o espanhol e o francês.

Trata-se duma diferença formal, que é irrelevante no sistema ⁽¹⁰⁾.

II) Lugar.

port. Ele estava no meio da rua.

fr. Il était au milieu de la rue.

alem. Er *stand* mitten auf der Strasse.

ingl. He was *standing* in the middle of the street.

O inglês concorda aqui com as línguas germânicas no emprego de palavras diferentes (stand, sit, lie) com significado especial e por-menorizado, contra as línguas românicas, que têm um verbo geral (estar, être, etc.).

III) Deslocação. O inglês concorda com as línguas românicas; o verbo geral «to go» corresponde ao port. ir, fr. aller, etc. Para exprimir diversas maneiras de deslocação usam-se substantivos adicionais — on foot = a pé, by train = de comboio, on horseback = a cavalo, etc. —, ao passo que o alemão emprega verbos diferentes.

No entanto, para indicar a direcção do movimento, o inglês serve-se geralmente de partículas separáveis, como é usual nas línguas germânicas :

sair = to go out, to ran out, to rush out, to jump out, etc. ;

entrar = to go in, to ran in, etc., mas ao lado de «to enter» (em alemão «eintreten» é um verbo composto, ao passo que o inglês «enter» representa uma palavra simples);

subir = to go up, to ran up, etc., ao lado de «to ascend» (literário);

descer = to go (get) down, to ran down, etc., ao lado de «to descend» (literário).

IV) Colocação. Ao verbo geral românico (port. pôr, fr. mettre, etc.) corresponde exactamente o inglês «to put». Apenas existe ao seu lado «to lay», no sentido do alemão «legen» (isto é, pôr

⁽¹⁰⁾ Isto é, no sistema verbal. Esta diferença tem, todavia, importância na questão de sujeito ou complemento gramatical : il y a un homme (homme = complemento), there is a man (man = sujeito).

um objecto de maneira que fique deitado ou apoiado pela superfície maior). Na maioria dos casos, porém, «put» é capaz de substituir «lay», embora o inverso seja geralmente impossível.

Resultado. Considerando todos estes factos chegamos à conclusão de que a língua inglesa está numa posição intermédia relativamente aos dois grupos, o românico e o germânico ⁽¹⁾: possui três dos quatro verbos gerais do românico, mas emprega normalmente partículas para designar a direcção do movimento, e não diferentes raízes verbais.

«Ir» e «vir». A estes dois verbos antitéticos correspondem em espanhol «ir» e «venir», em italiano «andare» e «venire», em francês «aller» e «venir». As línguas germânicas (incluindo o inglês) têm dois verbos de significado parecido: alem. *gehen* e *kommen*, ingl. *to go* e *to come*, holandês *gaan* e *komen*, sueco *gå* e *komma*, etc. Há, no entanto, certa diferença entre o emprego destas palavras em românico e em germânico. Eis alguns exemplos:

«A que horas é que V. se veio embora?» — «Vim-me embora às seis.»

«A que horas é que V. se foi embora?» — «Fui-me embora às seis.»

«Wann bist du weggegangen?» — «Ich bin um sechs weggegangen.»

Neste caso, as línguas germânicas só têm uma tradução das duas formas portuguesas.

Podemos dar outros exemplos: se um português de Coimbra, que está actualmente em Lisboa, diz a um amigo:

«Então quando vai a Coimbra (visitar-me)?»

um alemão dizia na mesma situação:

«Wann *kommst* du denn nach Coimbra (und besuchst mich)?»

Numa carta escrita de Coimbra para Lisboa, o português diria: «Quando é que cá vem?» O alemão empregava sempre o verbo «kommen».

Mas isso não é tudo; pode dar-se também precisamente o contrário:

Ich *gehe* zu meinem Freund = Vou a casa do meu amigo.

Wenn ich bei meinem Freund zu Besuch *komme*,...

= Quando vou de visita a casa do meu amigo,...

(1) Escusado será dizer que esta verificação se limita ao quadro das nossas análises; era preciso estender as investigações a todos os ramos da sintaxe e à fonética e fonemática, morfologia, lexicologia, etc., para se determinar a posição do inglês duma maneira geral.

É que, nesta última frase, o alemão avista o seu próprio 'ir' já de casa do amigo; portanto, não o considera 'ir', mas sim 'vir'. Os outros casos são semelhantes: ao contrário do português, o alemão morador em Coimbra, embora esteja *actualmente* em Lisboa, imagina estar em casa, e então pergunta: «Wann kommst du nach Coimbra?» (= Quando *vens* a Coimbra?).

A diferença fundamental é que, nas línguas românicas, a escolha de «ir» ou «vir» depende do *lugar actual* da pessoa que fala, ao passo que, em germânico, o ponto donde se avista a acção é *transponível*.

Verbos compostos. O que melhor distingue o verbo germânico e eslavo do verbo românico, é o emprego, com aqueles, de várias partículas ou prefixos que modificam o significado da raiz verbal. Por ex., o português «rasgar um papel» diz-se em alemão, conforme as diversas maneiras de rasgar, «ein Stück Papier einreissen» ou *durchreissen* ou *zerreissen* ou *abreissen*. «Einreissen» significa «dar uma pequena rasgadela», «durchreissen» rasgar (partir) o papel em dois pedaços, «zerreissen» parti-lo em dois ou mais pedaços, com a ideia complementar de destruição, e «abreissen» por fim diz-se dum papel que está pegado numa parede ou num bloco. «Escrever uma palavra» diz-se em alemão «ein Wort schreiben» no sentido geral, mas «anschreiben», se for num quadro preto, «aufschreiben», num papel, «einschreiben», num livro ou caderno. Muitos destes prefixos indicam uma direcção, por ex. *ein* = para dentro, *auf* = para cima, *ab* = para fora, *durch* = através, etc. Algumas destas diferenças que as línguas germânicas e eslavas exprimem por meio de prefixos traduzem-se nas línguas românicas por raízes diferentes, por ex. *unterschreiben* = assinar, *überschreiben* = intitular, etc.

Quase todos os verbos que denotam uma actividade concreta, material, são susceptíveis de ser especificados por prefixos ou partículas locativas, isto é, que indicam lugar ou direcção. (Como é natural, não se usam todas as combinações teoricamente possíveis).

Além dos prefixos e partículas *locativas*, há outros elementos que indicam o *resultado duma acção*: já tivemos ocasião de mencionar a palavra «zerreissen»; *zer* exprime a ideia de destruição, por ex. em «zernagen» = roer, mas 'roer, destruindo', e em «zerteilen», «zerschlagen», etc. O prefixo *ver* indica transformação, alteração, estrago, erro: comp. «versenken» = afundar, «vertreiben» = lançar fora, expulsar, «sich versprechen» = dar um erro na fala, «sich verschreiben» = dar um erro na escrita.

Até adjectivos se podem ligar desta maneira com raízes verbais, p. ex. *voll* (cheio) em «vollschreiben» (encher escrevendo), «sich

vollsaugen» (encher-se absorvendo), «vollgiessen» (encher vertendo em), ou los (solto) em «loskaufen» (soltar pagando = resgatar), «losbinden» (soltar desatando), «sich losreissen» (desprender-se bruscamente).

Estes dois últimos grupos de verbos compostos, cujas primeiras partes denotam o resultado da acção indicada pelas segundas partes, merecem especial atenção. Por vezes oferecem bastante dificuldade na tradução para uma língua românica.

Em geral há três possibilidades de traduzir estes verbos:

1) por um verbo que indica o resultado + gerúndio do verbo que indica a respectiva actividade; 2) pelos dois verbos coordenados, isto é, ligados por 'e'; 3) só pelo verbo correspondente ao resultado da acção.

Repetimos o exemplo que demos na pág. 158, com as três traduções portuguesas:

Ich habe drei Bogen Papier vollgeschrieben;

1) enchi, escrevendo, três folhas de papel;

2) escrevi e enchi três folhas de papel;

3) enchi três folhas de papel;

A última maneira será a mais usual em tais casos, prescindindo-se da tradução da raiz verbal por se subentender a actividade que esta indica.

Convém, no entanto, analisar mais detidamente os exemplos mencionados para se notarem bem as diferenças entre a frase alemã e as traduções portuguesas:

Em todas as três frases portuguesas o complemento directo (três folhas de papel) pertence ao verbo «encher», ao passo que o verbo «escrever», se não for suprimido, ou se junta como complemento circunstancial ou forma um predicado à parte, o que se pode esquematizar assim:

(encher —→ três folhas) + escrever

em frente do original alemão

vollschreiben —→ drei Bogen

Quer dizer, gramaticalmente, «vollschreiben» é um único verbo, e «drei Bogen», o seu complemento.

Por outras palavras, no verbo alemão juntam-se duas ideias: actividade e resultado (escrever + encher), ao passo que o verbo português só se refere ao resultado. Portanto, a um verbo português podem corresponder vários verbos alemães, conforme as diversas actividades que levam a um resultado semelhante, por ex.

encher	papel	— vollschreiben
	um tinteiro	— vollgiessen
	uma sala	— vollpfropfen

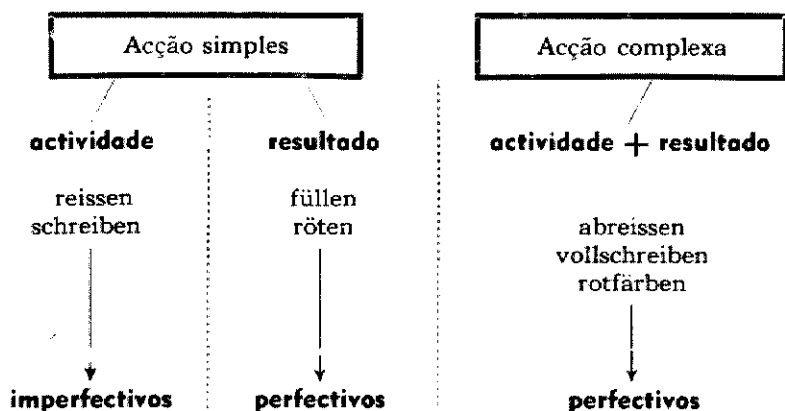
Além destes verbos especiais, há um de significado geral, «füllen», que é aplicável a todos os casos mencionados e corresponde, assim, melhor ao português «encher». Torna-se, porém, necessário assinalar que existe uma diferença de significado entre

«ich habe drei Bogen Papier gefüllt» e

«ich habe drei Bogen Papier vollgeschrieben»,

diferença intraduzível para uma língua românica, a não se empregar uma perífrase bastante comprida. No primeiro caso, o verbo «habe... gefüllt» indica um *efeito*, um *resultado*, *que é propositado*, ao passo que «habe... vollgeschrieben» exprime uma certa actividade (escrever) e um resultado que se pode atingir por acaso, isto é, *a actividade era propositada*, mas o resultado não o era necessariamente.

Podemos dizer que há dois géneros de verbos em alemão, uns que exprimem *acção simples*, outros, *acção complexa*.



Verbos de acção complexa são por natureza perfectivos, mas este critério da perfectividade ou imperfectividade não é rigorosamente aplicável aos verbos de acção simples, em virtude de poderem per-

tencer simultaneamente a ambos os grupos. Além disso, a perfectividade não é mais que um corolário da significação de resultado. Não há, pois, duas categorias bem distintas de verbos perfectivos e imperfectivos, visto que o mesmo verbo, na mesma forma, pode ter ambigüamente as duas significações [comp. «ich habe (in einem Buch) gelesen» com «ich habe (ein Buch) gelesen»; só o complemento determina a imperfectividade no primeiro e a perfectividade no segundo caso].

De tudo isto concluímos que a nossa divisão dos verbos alemães de *acção concreta* em verbos que denotam *acção simples* e verbos que denotam *acção complexa* é a mais apropriada e justificada pelos factos formais e funcionais.

Já nas linguas eslavas, que também empregam prefixos locativos ou resultativos para modificar o significado das raízes verbais, esta distinção entre *acção simples* e *acção complexa* é subordinada a outra distinção mais geral, entre verbos perfectivos e imperfectivos, a qual se aplica a todas as raízes verbais.

As linguas românicas também têm alguns prefixos verbais: cf. port. ceder, exceder, conceder, aceder, suceder; fr. mettre, admettre, remettre, soumettre, commettre, émettre, promettre, etc. Contudo estes verbos compostos, embora não sejam poucos, não se formam adrede nem constituem um *sistema coerente*: Está nisso a grande diferença com as linguas germânicas e eslavas. Por exemplo, o francês sente, sem reflectir, os dois elementos de que se compõe a palavra «soumettre»? Mesmo que sentisse, «une hirondelle ne fait pas le printemps»; a maior parte dos verbos compostos românicos exprime ideias bastante diferentes da respectiva raiz verbal, não apresenta comutabilidade dos dois elementos de composição e não há distinção funcional entre verbos simples e compostos.

As linguas românicas também não conhecem a discriminação entre *actividade* e *resultado*; lembremo-nos do exemplo da pág. 178: «enchi três folhas de papel»; teòricamente não se sabe se a acção de encher é uma actividade propositada (enchi porque queria encher) ou a consequência doutra actividade (enchi escrevendo). No entanto, como em geral as frases faladas são «empráticas» (ἐμ πρακτικὴν = dentro duma acção) e as escritas estão num contexto, não há inconveniente em deixar de exprimir esta gradação de sentido, traduzindo «vollschreiben», «vollgiessen» etc. e «füllen» sempre por «encher».

Verbos gerais e verbos particulares. Ao compararmos os significados de diversas raízes verbais já assinalámos a diferença entre verbos gerais duma língua e verbos especiais (particula-

res) de outra. Esta diferença ou oposição encontra-se também dentro duma mesma língua: «ir» opõe-se a «sair», «entrar», «subir», «descer», etc.; «perceber» a «ouvir», «ver», «sentir»; «sich befinden» a «stehen», «sitzen», «liegen», etc. Da mesma maneira poderia haver um verbo que signifique «cair humidade do céu», opondo-se, assim, a «chover», «nevar», «granizar», «orvalhar». O facto de tal palavra não existir em português e em muitas outras línguas constitui uma das suas características estruturais, assim como a não-existência dum verbo geral que corresponda a «ir» é uma particularidade do alemão e de outras línguas germânicas e eslavas.

Outros verbos gerais de grande importância são «fazer», «tornar», «ser», «estar»; compare-se port. «fazer um discurso» e ingl. «to make a speech» ao fr. «prononcer un discours».

As ideias de «ser» e «estar» são geralmente expressas por um só verbo, salvo em português e espanhol. O russo é ainda mais económico com os verbos gerais: «ser — estar» e «haver» suprimem-se completamente no presente, como, por ex., em:

o amigo está doente = drug bolen;

o inverno é frio = zima xolodna;

na cidade há muitas casas = b gorode mnogo domov.

Esta omissão em regra não traz confusões porque o adjectivo attributivo (epiteto) tem uma forma diferente da do adjectivo predicativo. Por exemplo:

o amigo doente = bolnoi drug;

o frio inverno = xolodnaja zima.

Às vezes até o verbo «exat'» (ir de carro) ou «itti» (ir a pé) se suprimem; por ex. se uma pessoa, depois de explicar onde vai, pergunta a outra «i kuda vam?», literalmente «e aonde lhe», quer dizer «e V. onde vai?» ou «e V. onde tem que ir?»

Estas possibilidades só existem naturalmente em línguas altamente flexivas.

Agora vamos examinar os verbos que denotam uma qualidade ou um estado. Ao latim *canere* — *canefacere* — *canescere* corresponde o russo *belet'* — *belit'* — *belit's'a*, mas as línguas românicas e germânicas usam raras vezes verbos particulares para designar uma qualidade ou um estado fixos; comp. fr. *être blanc*, alem. *weiss sein*, ingl. *to be white*, mas port. *branquejar*, ital. *biancheggiare*, ao lado de *ser* (estar) *branco* e *essere bianco*. Também para denotar mu-

dança de qualidade ou de estado há verbos gerais e verbos particulares: port. *embranchecer* (-se) ao lado de *tornar* (-se) *branco*, alem. *erröten* e *rot werden*, ingl. *to redden* e *to become red*.

Léxico e gramática. Comparando a relação de *tornar branco*: *tornar-se branco* à de *weiss machen*: *weiss werden*, podemos dizer que, para exprimir a mesma distinção objectiva, o português se serve duma diferença *gramatical*, onde o alemão usa duma diferença lexical. Igualmente podemos comparar o russo *belit'*: *belit'* com o português *ser branco*: *tornar branco*; outro caso é o do português *lembrava-se*: *lembrou-se* e do alemão *er hatte in Erinnerung*: *er besann sich*. Sabendo-se que léxico e gramática são como dois eixos coordenados⁽¹²⁾, é de estranhar que a mesma diferença de significado possa ser expressa por meios lexicais numa língua e por meios gramaticais noutra. Não há então limites fixos, limites naturais, entre os dois planos? Evidentemente que não: a posição dos limites é característica individual de cada língua.

Perguntemo-nos agora qual será a qualidade essencial que distingue semantemas e morfemas; ou, por outras palavras, e concretizando, com que direito dizemos que das duas partes que compõem, por ex., a palavra «serve», a primeira «serv-» é semantema e a segunda «-e», morfema. Não é o comprimento, isto é, o número de fonemas, pois em «rimos» o morfema «-mos» tem mais fonemas que o semantema «ri-». Também os morfemas não têm o privilégio exclusivo de exprimir certos conceitos, como pessoa, tempo, modo, aspecto, acção, etc., pois que, noutras línguas, estes podem ser indicados por meios lexicais. Cada língua mostra uma repartição própria dos domínios do «léxico» e da «gramática», mas todas as línguas são compostas destas duas partes⁽¹³⁾.

A diferença essencial entre semantemas e morfemas está em que o número dos segundos é *limitado* e menor que o número dos primeiros. Há sempre mais raízes substantivais do que elementos que servem para indicar caso, género e número; há mais raízes verbais do

(12) Acerca da importância destes dois planos, cuja existência permite uma infinidade de enunciação, que só a linguagem, e nenhum outro sistema de símbolos, possui, cf. Karl Bühler «Sprachtheorie», Jena, 1934; cf. também R. Ceñal Lorente «La teoría del lenguaje de Carlos Bühler» Madrid, 1941, pág. 90 ss.

(13) Mesmo em chinês há um certo número de morfemas; além disso, as regras de posição das palavras (melhor, dos semantemas) constituem perfeitamente um plano «gramatical».

que morfemas de tempo, modo, aspecto, acção, etc. O número de raízes verbais e substantivais é sempre susceptível de aumento, podendo considerar-se ilimitado, embora não infinito.

Como em geral morfemas e semantemas contêm os mesmos materiais fonemáticos, é natural que aqueles elementos, cujo número seja menor, se componham também de menos fonemas. Dentro do léxico, onde há mais unidades que distinguir, cada uma destas unidades tem necessariamente de conter mais fonemas, para não haver excessos de homonímia.

Esta regra é uma regra meramente estatística ou de probabilidade, e pode comportar muitas excepções.

Lisboa, Abril 1951.

HELMUT LÜDTKE

Miscelânea

Sobre uma tradução portuguesa da *General Estoria* de Afonso X

Ao tratar, no capítulo XXXVI da sua *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, de «dições velhas» — «as que forão vsadas mas agora são esquecidas» —, cita Fernão de Oliveira como exemplo «ruão que quis dizer cidadão segúdo que eu julguey è hũ liuro antigo o qual foi trasladado em tẽpo do mui esforçado rey dom Johão da boa memo-rea o premeiro deste nome em portugal: por seu mädado foy o liuro que digo escrito e esta no moesteiro de Pera longa: e chamase estorea geral: no qual achei esta com outras anteguidades de falar» ⁽¹⁾.

(1) Fernão de Oliveira, *Grammatica da lingoagem portuguesa*, 3.^a edição feita de harmonia com a primeira (1536) sob a direcção de Rodrigo de Sá No-gueira, Lisboa 1936, pág. 75. — *Ruão*, que aqui vemos apontado como arcaísmo por F. de Oliveira na primeira metade do século XVI, aparece no *Novo Dicio-nário* de Cândido de Figueiredo, a partir da primeira edição, sem a indicação de *ant.*, no sentido de 'plebeu, homem do povo, peão', com a referida indicação, no de 'homem civilizado (de *rua* ou cidade) em contraposição a homem *ruê* do campo. Também se dizia do pão alvo ou de trigo, próprio de gente culta'. Na segunda edição acrescenta-se: 'Termo da Bairrada. Estrume miúdo e seco'. O significado antigo colheu-o o lexicógrafo no *Elucidário* de Viterbo que aduz o passo acima citado da *Grammatica* e nenhuma outra abonação. Viterbo identifica o termo *ruão* com a expressão *homem de rua*, de que dá exemplos. Cortesão nos *Subsídios para um Dicionário etimológico*, *Adit.* pág. 47 transcreve um passo dos *PMH*, *Leges*, pág. 761, em que aparece a forma arcaizante ou leonesa *ruano*. O documento em que se encontra é de Castelo Bom (Almeida) e data de fins do século XII — inícios do séc. XIII: «El *ruano* que tenerit trapo de color...» Quanto ao emprego moderno da palavra no sentido de 'plebeu' a que C. de Figueiredo parece aludir, ignoro se algum falar regional o conserva. Parece-me pouco provável. No *Dicionário Postal* de Silva Lopes, vê-se *Ruão* como nome de dois lugares um do concelho de Barcelos, outro do de Ponte de Lima. Mas, tam-bém no Minho, no concelho de Braga, se encontram dois *Ruães*, com os quais, cer-tamente com razão, ligou J. M. Piel os mencionados topónimos, atribuindo-lhes a mesma origem: o nome germânico **Roda* (*Os nomes germânicos na toponímia portuguesa*, Lisboa 1936, pág. 253 ou *Bol. de Fil.* VI, 1940, pág. 86).

Já em 1875 pensou Teófilo Braga poder identificar a «estorea geral» assim mencionada pelo gramático com a *Crónica Geral de Espanha* em português⁽²⁾.

Recentemente, na sua *História da Literatura Portuguesa*, aduziu Costa Pimpão o passo de Fernão de Oliveira em abono da opinião de Carolina Michaëlis, segundo a qual o códice iluminado da *Crónica Geral de Espanha de 1344* conservado na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa seria do tempo de D. João I. Esta opinião da ilustre romanista coincidia, como observa o citado professor, com a de J. J. Nunes, que não só supunha que o magnífico códice era dessa época como julgava poder afirmar que pertencera à livreria de D.

(2) T. Braga, *Manual da história da litteratura portugueza*, Porto 1875, págs. 100-102, reproduzido, quase pelas mesmas palavras, em *Curso de história da litteratura portugueza*, Lisboa 1885, págs. 122-123 e *História da litteratura portugueza*, I, Edade Média, Porto 1909, págs. 380-382. Liga Teófilo Braga a referida identificação da «estorea geral» com a lenda, que aceita, da tradução da *Crónica geral de Espanha* ordenada por D. Denis, lenda cuja origem e transmissão são historiadas de forma clara e perfeita por A. J. da Costa Pimpão na obra adiante citada no texto (págs. 24-25 e respectivas notas). É claro que, essa ligação, só a pode T. Braga fazer, dando à palavra *trasladado* do texto da *Grammatica* o sentido de 'copiado' não o de 'traduzido'. Isto, apesar de F. de Oliveira insistir: «por seu mandado foi o livro que digo escrito...» D. João I teria mandado 'transcrever' (nesse sentido seria também empregado o segundo participípio) uma antiga tradução da *Crónica Geral*, uma tradução dos fins do séc. XIII — inícios do séc. XIV. É contudo seguramente no sentido de 'traduzir' que F. de Oliveira emprega o verbo *trasladar*, o mesmo sentido que, um século atrás, lhe dava D. Duarte: «por que muytos que som leterados nom sabem *trelladar* bem de latym em lynguagem», «E *traladey* do livro dos Stabellicimentos de Sam Joham Casiano...» (*Leal Conselheiro*, ed. Piel, Lisboa 1942, págs. 372 e 377). Prova-o outro passo da *Grammatica*: «Porque Greçia e Roma so por isto ainda viuê: porque quando senho-reauão o mundo mandarão a todas as gentes a elles sogeytas aprender suas linguas: e em ellas escreuião muytas boas doutrinas e não somête o que entendião escreuião nellas: mas tambem *trasladauam* parellas todo o bo que lião em outras». (ed. cit, pág. 21; noutro ponto, pág. 81, aparece *trasladadas* com um sentido directamente importado das gramáticas latinas: «dições mudadas a que os latinos chamão *trasladadas*», isto é, dições de sentido translato). Que o sentido de 'traduzir' era ainda bem vivo na segunda metade do século XVI, demonstra-o o *Dictionarium latino lusitanicum et vice-versa lusitanico latinum* de Jerónimo Cardoso (1.^a edição, Coimbra 1570) onde s. v. *traduco* se lê 'treladar de lingoa e lingoa' e s. v. *traductio* 'a trespassação ou tresladação'. É certo que, no mesmo dicionário, 'tresladar' também corresponde a *transfero* e a *transcribo* e que, na parte portuguesa-latina, 'treladar' se traduz por *transfero*, o que demonstra a convivência dos sentidos 'transferir' e 'transcrever' com o de 'traduzir'. Morais (*Dicionário* s. v. *trasladar* e *tresladar*) abona este último sentido com textos de Arrais, Barros e Diogo de Paiva de Andrade (tio, n. em 1528). No Dicionário de Agostinho Barbosa (Braga 1611), 'trasladar' é *transfero*, *transcribo*, *exscribo*,

LINGUÍSTICA GERAL

Ling.G

156

HJELMSLEV, Louis

**Resumé of a theory of language / Louis Hjelmslev;
ed. lit. Francis J. Whitfield .- Wisconsin: Univer-
sity Press, [1975] .- XXXI, 280 p. ; 23 cm**

R. 11794

CLUL

Duarte. A interpretação que dá à frase da *Grammatica* leva Costa Pimpão a também apoiar esta última hipótese ⁽³⁾.

A transcrição que fiz do códice da Academia e seu confronto com o outro manuscrito antigo português da Crónica — Port. 4 da Biblioteca Nacional de Paris ⁽⁴⁾ —, como trabalho preparatório para a edição crítica da *Crónica Geral*, permite-me desde já rectificar esta identificação. Nem no texto do ms. de Lisboa nem no de Paris se encontra a palavra *ruão* citada por Fernão de Oliveira. Também se não encontra a forma castelhana correspondente *ruano* nos mss. castelhanos da Crónica com que comparei os portugueses ⁽⁵⁾.

Na *Primera Crónica General*, fonte, umas vezes directa, mais frequentemente indirecta, como terei ocasião de provar, da refundição de 1344, esta palavra parece ser bastante rara. Só recordo um passo em que ela se encontra: «Et en aquel lugar, en la çipdat de Leon, fue el rey don Fernando de Castiella alçado rey de Leon, de don Rodrigo obispo desa çipdat et de todos los çipdadanos, caualleros et *ruanos* et el otro pueblo, al alteza del regno de Leon, et puesto en la siella

conuerto. De entre os exemplos latinos que aduz, o segundo é de *transfêro* no sentido de 'traduzir': *Transferre in linguam latinam*, Plin., lib. 18, cap. 3. A par dele, exemplos deste e dos outros verbos no sentido de 'copiar' (não no de 'transferir'). Na *Prosódia* de Bento Pereira (1.^a ed. Évora 1634), 'tresladar' é a tradução dos mesmos verbos latinos a que correspondia em Cardoso: *traduco, transfêro, transcribo*. No *Thesouro da Lingua portuguesa* de 1647, do mesmo autor, já não encontramos contudo *traduco* ao lado dos outros dois verbos. E, se consultarmos a edição de 1697 da *Prosódia*, *traduco* já não é 'trepassar ou tresladar' como na primeira (e ainda na quinta, 1674), mas sim 'traspassar, levar por algum lugar, passar além, ávante, estender, interpretar, *traduzir* de huma lingua em outra, passar, espalhar roim fama...'. *Tresladar* desapareceu e em seu lugar surge *traduzir*, não documentado nos dicionários anteriores. *Transfêro* ainda pode ser 'tresladar' mas o facto de este significado vir entre 'traspassar' e 'levar de huma a outra parte, passar' indica-nos claramente que a palavra tinha para a Academia Eborense, refundidora da obra, o sentido de 'transferir'. *Transcribo* continua a ser traduzido por 'escrever, trasladar, copiar...'. Tudo isto parece indicar que foi durante o século XVII que a palavra *trasladar* começou a perder o sentido, hoje puramente literário, até então vivo, de 'verter de uma língua em outra' em benefício da palavra *traduzir*.

⁽³⁾ A. J. da Costa Pimpão, *História da Literatura Portuguesa* I, Coimbra 1947, págs. 24-25.

⁽⁴⁾ Os outros dois manuscritos conservados da Crónica, em letra do séc. XVII (F. G. 8650 da B. N. Lisboa e CV/2-23 da B. Pública de Évora) são cópias do códice de Paris.

⁽⁵⁾ Manuscritos *M*, *U* e *Q* descritos por Menéndez Pidal em *La leyenda de los Infantes de Lara* ², Madrid 1934, págs. 394-395 e *Crónicas Generales* ³, Madrid 1918, págs. 45-78.

real, la clerezia cantando alta et onrradamente con el: *Te Deum laudamus*»⁽⁶⁾. Este trecho foi directamente aproveitado pelos redactores da segunda versão da *Crónica de 1344*, versão a que pertence o códice da Academia. Mas está nela muito resumido e a palavra que nos interessa foi omitida: «e foyse pera Leon onde foy recebido muy honrradamente de cavalleiros e de cidadãaos e de toda a clerezia en grande procisson cantando: «*Te Deum laudamus*». E con esta procisson o levarõ aa egreja de Santa Maria da Rregra e o poseron na cadeira dos rreis e o fezerõ todos geeralmente rrey de Leon»⁽⁷⁾. Podemos, portanto, concluir com segurança que não era da *Crónica Geral de Espanha* o manuscrito visto por Fernão de Oliveira no mosteiro de Pera Longa⁽⁸⁾.

Seria ele de uma versão quatrocentista da *General Estoria*, como somos logo levados a supor e estaria afinal mais de acordo com a própria indicação bibliográfica do gramático? Na *General Estoria* lemos a palavra *ruano*, por exemplo no seguinte passo do capítulo *Del llanto que donna Munene fizo por el rey Ffaraon, su padre* (cap. III do livro XIII — *Exodo*): «e fizieron todos, cada uilla et cada logar, muy grandes duelos e grandes llantos; e ayuntaron se despues todas

(6) *Primera Crónica General*, ed. Menéndez Pidal, Madrid 1906, pág. 723 b 9-17. O passo deriva do *De Rebus Hispaniae* de Rodrigo de Toledo onde se lê: «Sequenti vero die intrauimus Legionem, quae in regno illo sedis regiae praeminet dignitate, ibique ab Episcopo et vniuersis ciuibus ad regni Legionis fastigium eleuatur, clero et populo Te Deum laudamus cantantibus concorditer et iucunde». *Hispaniae Illustratae*, II, Francofurti 1603, pág. 146. O trecho não oferece correspondência na *Variante Ampliada da PCG* traduzida em galego-português, que se conserva no ms. 8817 da B. N. de Madrid (letra da primeira metade do séc. XIV). V., a respeito deste ms. e de seu irmão o ms. 910 da B. Real, Menéndez Pidal, *Crónicas Generales*³, págs. 149-153, Leite de Vasconcelhos, *Textos Arcaicos*³, pág. 121 e este *Boletim* IX, 1948, pág. 315 e XI, 1950, págs. 246-247.

(7) Ms. 1-A da B. da Academia das Ciências de Lisboa, fol. 296 d.

(8) Ou seja, no hoje chamado convento de Penha Longa, na vertente sul da Serra de Sintra. O mosteiro teve até fins do séc. XVI unicamente os nomes quase sinónimos de *Peralonga* (< *Pedra Longa*) *Penalonga* (muito mais frequentemente usado o primeiro que o segundo), como se vê nos documentos provenientes da sua livreria hoje conservados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. *Peralonga* lê-se em documentos que vão do tempo da fundação do mosteiro (D. João I) até ao do Cardeal D. Henrique e mesmo até ao de Filipe II (de Portugal, 1603). Mas no século XVII a forma mais corrente é já a moderna, com o castelhanismo *Penha*, introduzido, como vemos, no tempo da união dos dois reinos. No séc. XVIII, é já *Penha Longa* a única forma usada. Vem a propósito observar que o topónimo *Peralonga* só se conservou como nome de um lugar do concelho de Arruda (Lisboa), ao passo que *Pedra Longa* é o nome de

las duennas del regno e los fijos dalgo, e los *ruanos* que non fueron en aquella huest, e uinieron todos a donna Munene»⁽⁹⁾.

Até há pouco era completamente desconhecida a existência de uma versão portuguesa da grande compilação historiográfica de Afonso X que não fosse o fragmento em letra do século XIV conservado no Escorial (O-i-1) cuja linguagem foi considerada por Leite de Vasconcelos caracterizadamente galega⁽¹⁰⁾. As importantes investigações que o P.^o Avelino de Jesus da Costa tem realizado sobre restos de códices medievais conservados em capas de manuscritos posteriores vieram dar a conhecer vários fragmentos, existentes na Torre do Tombo, de uma tradução da referida obra⁽¹¹⁾. Identificou-os, estudou-os e transcreveu alguns deles o P.^o Mário Martins num artigo publicado na revista *Brotéria*⁽¹²⁾. Comparei o primeiro dos trechos ali publicados com o texto do ms. do Escorial. Quanto aos outros, o ms. *O-i-1*, que só atinge o cap. 22 do 7.^o livro, já não os abrange.

Apesar da escassez dos dados, verifica-se claramente que se trata de duas versões diversas e independentes. O fragmento descoberto pelo P.^o A. de J. da Costa, embora a sua linguagem e a sua ortografia sejam visivelmente mais modernas, conserva geralmente melhor o texto-base do que o ms. escurialense. Encontram-se neste tanto acres-

um lugar no concelho de Guimarães e de uma herdade no de Montemor-o-Novo. *Penalonga* também só parece figurar uma vez na toponímia portuguesa como nome de um lugar do concelho de Boticas (Vila Real). *Penhalonga* sobrepôs-se a um primitivo *Penalonga* como nome de uma freguesia do concelho de Marco de Canaveses. É ainda o nome de um lugar do concelho de Barcelos (dados de João M. Baptista, *Chorografia moderna do reino de Portugal*; Silva Lopes no *Dicionário Postal*, não regista nem o *Peralonga* nem o *Penalonga* citados). — Sobre a história do mosteiro, v. a citada *Chorografia*, IV, 1876, pág. 469, Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno*, II, Lisboa 1874, pág. 302, Juromenha. *Cintra Pinturesca*, Lisboa 1838, págs. 115-127 e sobretudo o recente livro de Tude M. de Sousa, *Mosteiro e Quinta de Penha Longa*, Sintra 1947. — Percorri os 2 maços de Penha Longa do Arquivo Nacional na vaga esperança de achar neles algum resto do códice, visto por F. de Oliveira. Nada me foi possível encontrar.

(9) Alfonso el Sabio, *General Estoria*, Primera parte, ed. A. G. Solalinde, Madrid 1930, pág. 359 a 40-46. Devo a indicação deste passo à amabilidade de D. Ramón Menéndez Pidal.

(10) *Textos Arcaicos* 3, pág. 121.

(11) P. Avelino de Jesus da Costa, *Fragmentos preciosos de códices medievais*, Braga 1949 (Separata de Braga — Boletim do Arquivo Municipal, vol. I, n.º 13), págs. 19 e segs.

(12) P. Mário Martins, *Fragmentos medievais portugueses*, Lisboa 1950. (Separata da revista *Brotéria*, vol. L, fasc. 4, Abril 1950), págs. 4 a 10.

centamentos como supressões que se não reflectem no texto mais recente e alguns casos de tradução divergente (ou seja, de lição mais moderna não explicável por retoque da lição mais antiga). Confronte-se, por exemplo, o seguinte trecho do texto castelhano :

E doze annos ante dela salida de Abraham de Egipto aquel Cadalaamor, rey de los elamitas, tomo estos reyes que dixiemos de Assiria con sus huestes muy grandes e, asi como dize Iosepho en el dezeno capitulo del primero libro, astragaron toda Asia, e leuaron ende robado lo que quisieron, e destruxeron el linaie delos gigantes, e uinieron sobre aquellos cinco reyes de Sodoma e essas otras cibdades e conquirieron los e tornaron los pecheros. E estos estidieron so el su señorio XII annos e pecharon los en sana paz su postura... *General Estoria* (págs. 122 a 47 a 122 b 5).

com os passos correspondentes dos textos galego-portugueses :

Et, doze ânos ante da sayda de Abraã que sayo do Egito, aquel Cadaloamor, rrey dos elamitas, tomou estes rreys que disemos de Assiria com suas hostes moy fortes et moy grandes et, segundo diz Josefo êno dozeno capitulo do primeyro libro astragarô toda Asia. Et levarô rroubado quanto quiseron. Et destroyrô • lynage dos gigâtes. Et veerom sobre aqueles çinque rreys de Sodoma et dessas outras çidades et côquiri-rôos / et tornarônos peyteyros. Et estes esteverô doze ânos su o seu señorio et peytarom em paz et em salvo a postura que aviã a dar...

(ms. esc. O-i-1 fol. 98 b-c)

E, doze annos ante da sayda de Abrahan do Egipto, aquelle Cado-laomor, Rey dos elamitas, tomou estes Reys que disemos de Siria com suas muy grandes hostes e assy como diz Josepho em o XI^o capitulo do primeiro livro estragaram toda Asia, e levarom della roubado o que quiseron, e destroyrom o linhagem dos gigantes e veerom sobre aaqueles cinco reys de Sodoma e dessas outras çidades e conquistaramnos e fezeromnos tributarios. E estes este-verom so o seu señorio XII annos e lhe peytarom livremente o que antre elles era posto...

(fragmento da Torre do Tombo — segundo Mário Martins, *Fragmentos medievais portugueses*, pág. 5-6)

A linguagem da versão mais recente, representada pelo fragmento citado e pelos outros dados a conhecer pelo P.^o Mário Martins, pode perfeitamente colocar-se nos fins do século XIV — inícios do século XV. É muito semelhante à da segunda redacção da *Crónica Geral*,

escrita certamente nessa época⁽¹³⁾. Serão esses fragmentos restos de um manuscrito da versão da *Estoria Geral* vista e citada por Fernão de Oliveira? Poderemos deste modo identificar essa *Estoria Geral* com a *General Estoria*?

Transcrevemos acima um passo do texto castelhano em que aparece a palavra *ruano*. Para respondermos afirmativamente, sem que ficasse lugar para dúvidas, às perguntas formuladas, deveríamos dispor do seu correspondente português, o que não acontece⁽¹⁴⁾. Parece-me contudo que a hipótese é muito provável. Para lhe dar força, basta a concreta negativa que podemos opor à identificação do texto citado por Fernão de Oliveira com a *Crónica Geral de Espanha*.

Entre os «livros de linguagem» da conservada lista da livraria de D. Duarte, figura uma *História Geral* que é sem dúvida a «*estorea geral*» citada pelo gramático e seria deste modo uma versão portuguesa da *General Estoria*, *Estoria General* ou *General e Grant Estoria* de Afonso X (com estes vários títulos se encontra designada nos manuscritos)⁽¹⁵⁾. A apoiar a suposição, está o próprio facto de na citada lista aparecerem dois manuscritos da «*Coronica d'Espanha*» (o segundo com a indicação «em cadernos»)⁽¹⁶⁾. Esta *Coronica d'Espanha* distinta da *Estoria Geral* seria — essa, sim — a *Crónica Geral* e nada nos impede até de supor com J. J. Nunes que um desses manuscritos fosse o exemplar — verdadeiramente régio pela riqueza da decoração — que a Academia das Ciências de Lisboa comprou em 1879 aos marqueses de Castelo Melhor. A letra em que está escrito,

(13) O códice da Academia, um dos representantes dessa redacção, é escrito, como adiante digo no texto e o afirmou J. J. Nunes (*RLu*, 22, 1919, págs. 138-139), em letra que parece seguro pertencer à primeira parte do século XV. Outros indícios a que me referirei no estudo introdutório da minha edição da *Crónica*, levam à mesma conclusão. Ora o texto deste códice, que não é base do de Paris, supõe outro manuscrito perdido anterior, fonte comum de ambos. E é provável que esse manuscrito não fosse o original mas sim uma cópia dele, como levam a pensar certas particularidades. O original remonta assim seguramente aos fins do séc. XIV ou, quando muito, aos primeiros anos do séc. XV.

(14) Também não dispomos do trecho correspondente da versão galega do Escorial visto que se trata de um passo do livro XIII e o ms. *O-i-1* só abrange os primeiros sete livros incompletos.

(15) V. Introdução à edição de Solalinde atrás citada, págs. XLIII-XLIV.

(16) *Leal Conselheiro*, ed. J. M. Piel, Lisboa 1942, pág. 415: «História Geral», l. 24; «Coronica de Espanha», l. 26; pág. 416: «Coronica d'Espanha, em cadernos», l. 55. A mesma identificação dos textos em Joaquim de Carvalho, *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XV*, I, Coimbra, 1949, pág. 165, n. 3, 166, n. 1.

apesar de difícil de datar por ser assentada de tipo cuidadosamente desenhado, parece contudo poder-se atribuir com bastante segurança aos inícios do século XV.

Foi provavelmente esta tradução da *General Estoria*, mandada fazer por D. João I — e não o texto castelhano original — que Zurara conheceu e utilizou largamente na sua *Crónica da Guiné*, como observou Duarte Leite⁽¹⁷⁾ e estudou Joaquim de Carvalho⁽¹⁸⁾. Esta influência tardia da compilação afonsina, um pouco extemporânea, como diz o segundo dos autores citados⁽¹⁹⁾, dever-se-ia em parte à atenção que sobre a obra de Afonso X teria feito recair, mais de um século depois da sua redacção, a iniciativa tomada pelo rei «da boa memoreia», iniciativa que recordava outro século depois o autor da *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*.

Lisboa, Maio de 1951.

LUÍS F. LINDLEY CINTRA

(17) *Acerca da «Crónica dos feitos de Guinee»*, Lisboa 1941.

(18) Na obra citada na nota 16, no primeiro ensaio, intitulado: «Sobre a erudição de Gomes Eanes de Zurara», pgs. 1-197. Como apêndice, publica paralelamente os capítulos de Zurara e os trechos da sua fonte apontados por Duarte Leite (págs. 227 a 241).

(19) Joaquim de Carvalho, *op. cit.*, pág. 192

CRÍTICA ETIMOLÓGICA

Devanear

Creio que está no espirito de todos que a forma *devanear* portuguesa e castelhana assenta directa ou indirectamente na latina *vanus* = vão. Este critério, contudo, parece-me contestável, como vou procurar demonstrar.

Antenor Nascentes, *Dic. Etim.*, diz: «Do pref. *de*, vão e suf. *ear*, pensar em coisas vãs, dizê-las. O esp. tem *devanear*».

Cândido de Figueiredo, *Dic.*, dá-nos: «Do lat. *devenus*», forma que nenhum Dicionário latino regista.

A Academia Espanhola diz muito simplesmente: «De *de* y *vanear*». — Em *vanear* limita-se a isto: «De *vano*. Intr. Hablar vanamente».

Meyer Lübke, *REW*, não regista o termo, nem Menéndez Pidal, na *Gram. Hist.* e nos *Orígenes del Español*, a ele se refere.

Bluteau, no seu *Vocabulário* (1713), não tem *devanear*, mas tem *devaneo*, sobre o qual diz:

«*Devaneo*, *Devaneio*. Vid. Desvanecimento. (Vir a parar em mil *Devaneos*. Duart. Nun. do (sic) Lião, origem da lingoa Portug., pág. 9. Era *Devaneo*, & mentira. Vida de D. Fr. Bertholam. 105. col. I.

«Não cuidamos, que he estrella,
Que cahe do Firmamento,
O que he só exalação
E dos olhos *Devaneo*?

Christ. d'alma, 73».

Santa Rosa de Viterbo, no *Elucidário* (1798), também só regista *devaneo*, a respeito do qual diz: «Desvanecimento, arrogância, fofice, apparencia».

Não será a forma *devanear* portuguesa pura e simplesmente a castelhana *devanear*? E a castelhana *devanear* não será pura e sim-

plesmente outra modalidade da forma *devanar*, com a utilização do suf -ear muito do gosto do castelhano? — Assim como, por ex., a par de *plana:* e de *plantar* há *planear* e *plantear*, assim também a par de *devanar* ter-se-ia feito *devanear*.

Devanar é «arrollar hilo en ovillo o carrete», isto é, é *dobar*. Quem *devaneia* anda com o espírito numa *dobadoura* (tiene el espíritu como una *devanadera*).

Esta imagem não é de surpreender, visto que outras expressões paralelas a confirmam. Os labores mentais traduzem-se muitas vezes por verbos de movimento. Quando um indivíduo está a meditar muito num assunto, diz-se que ele «está a *parafusar*» ou que ele «está a *verrumar*».

Aquele que está a meditar muito num assunto tem o espírito a mover-se como um *parafuso*, ou como uma *verruma*, ou como uma *dobadoura* (uma *devanadera*).

Salvo erro, confirma esta presunção a série de expressões relativas aos labores mentais, em que domina a ideia do *movimento rotativo* que caracteriza os do *parafuso*, da *verruma* e da *dobadoura*, como: «aquela cabeça e uma *ventoinha*, é um *cata-vento*, es una *veleta*». A tais cabeças chamam os franceses de *girouette*.

Também se diz de uma pessoa, que está meditando muito num assunto, que «está *matraqueando*», que «está dando *voltas ao miolo*».

Covarrubias, *Tesoro* (1611), regista as duas formas *devanar* e *devanear*, a primeira com o significado de «Coger el hilo en el ovillo;...», e a segunda com o de «Dezir desconciertos, por el movimiento causado en la cabeça de algun accidente».

Aquele *movimiento*, a que se refere Covarrubias não significará que este Autor via a cabeça a *mover-se*, por ex., como a *devanadera* (= a *dobadoura*)? Sendo assim, veria parentesco morfológico nas duas formas *devanar* e *devanear*.

Nebrissa, *Dicc.*, (1754), tem *devanar*, que define «Glomero, as. Stamen, aut filum in globi formam convolvere», e *devaneos de cabeza*, «Deliramenta, orum».

Recensões Críticas

Estudios dedicados a Menéndez Pidal. Tomo I. Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Patronato M. Menéndez y Pelayo. Madrid, 1950. VIII + 604 págs.

Precisamente vinte e cinco anos depois do aparecimento do primeiro *Homenaje a Menéndez Pidal*, promoveu o Patronato M. y Pelayo do C. S. I. C., por ocasião do octogésimo aniversário do Mestre, a publicação desta segunda miscelânea de estudos em sua honra. Se na primeira colaboraram cento e trinta e cinco autores que fizeram dos seus três volumes, não só um expressivo testemunho de admiração por uma obra já então vastíssima e riquíssima, como também um repositório de consulta indispensável para os especialistas dos três ramos da ciência a que se tem dedicado D. Ramón — filologia, literatura, história —, para a segunda enviaram contributos, logo que se soube da iniciativa, perto de duzentos autores e o primeiro tomo publicado dos quatro de que constará a obra promete um conjunto de forma alguma inferior ao de 1925. O caso destas duas miscelâneas dedicadas ao mesmo erudito com um intervalo de um quarto de século, caso, que eu saiba, único, pelo menos na história da linguística românica, é uma espontânea e clara exteriorização do ambiente de universal admiração e simpatia que rodeia a figura do grande romanista. Incansavelmente, há cerca de sessenta anos (o seu primeiro livro é de 1896), vem Menéndez Pidal enriquecendo a história das literaturas, das línguas e das nações hispánicas com contribuições sempre objectivas, seguras, ricas de informação, densas de significado. O seu exemplo e os seus incentivos deram origem a uma verdadeira escola de filologia espanhola — a que se formou no Centro de Estudios Históricos. Embora dispersos hoje pelo mundo, os seus representantes mantêm a sua unidade essencial na língua comum, nos campos de interesse idênticos, nos métodos semelhantes e também na insistência com que a cada passo confessam a sua veneração pelo Mestre e a sua dependência do seu exemplo e da sua obra (v. por ex. as palavras de J. Corominas neste vol. na pág. 19 e as de Amado Alonso na *NRFH*, IV, 1950, pág. 171). Em 1951, na sua casa de Chamartín, continua D. Ramón, com a energia e a vivacidade de sempre, a obra iniciada em fins do século XIX. Nenhuma homenagem lhe poderia ser seguramente mais grata do que a gradual publicação desta série de volumes com que os amigos, em que tem sabido transformar todos aqueles que algum dia com ele tiveram a felicidade de lidar, festejam os seus fecundos oitenta anos, seguindo ainda uma vez o seu exemplo: contribuindo positivamente para o progresso da filologia, da literatura e da história.

Nestas três secções está dividido este primeiro volume (e estarão os seguintes, segundo nele se nos anuncia). Nas linhas que se seguem faremos referência aos artigos da primeira dessas secções, reservando para outra ocasião a apreciação dos das duas últimas. Quanto a alguns trabalhos de que se faz mais detida análise nas páginas seguintes deste *Boletim*, limitamo-nos a mencionar o seu título.

Paul Aebischer — *Les formes vulgaires du lat. amygdala «amande» et leur répartition dans les langues romanes.* págs. 1-18.

Nos representantes românicos de *amygdala*, têm-se visto descendentes das formas vulgares *amiddula*, *amyndula*, e *amandula*. O A. propõe a supressão da base *amiddula*, geralmente alegada para explicar as formas catalãs e as provençais de uma região que vai «du Rhône à travers le sud du Gard, l'Hérault et l'Aude, jusqu'à l'Aveyron, le Tarn et les Pyrénées-Orientales», as únicas em toda a România que não apresentam *-n-*. Baseia-se para isso no estudo da distribuição medieval dos representantes de *amygdala*. Ao passo que a subdivisão actual da Itália entre derivados de *amyndula* (sul do Lácio até à Calábria, Sardenha e Sicília) e de *amandula* (dos Alpes ao Lácio) representa um estado idêntico ao que revelam os docs. da Idade Média, o estado actual do catalão onde não há formas com nasal contrapõe-se ao estado antigo — clara maioria de derivados de *amyndula*. Quanto ao provençal, para parte da região que hoje não tem nasal (Avignon, Apt), há abonações antigas de formas em *-en-* e, se para o resto do mesmo território falta quase totalmente a documentação, não é de crer que a situação não fosse nele idêntica à das regiões imediatamente vizinhas (Catalunha e Provença oriental). Na Idade Média, a România estava portanto dividida apenas em duas áreas: uma de *amyndula* (toda a Península Ibérica, sul da França, sul da Itália; a área mais viva, correspondendo a regiões de cultivo da amendoeira), outra de *amandula* (além do Norte da Itália, a França do Norte, que devia importar as amêndoas do Sul da Itália por intermédio de Milão, e por isso empregava o nome que nesta última região se lhes dava). As modernas formas sem nasal não provêm, segundo Aebischer, de uma inacreditável expansão tardia do cultismo *amygdala* mas sim da evolução fonética local de *amyndula* (*-nd'l- > -n'l- > -ll- > -l-* no catalão, onde a fase *-ll-* se conserva por ex. em Maiorca, e em parte da área provençal; *-nd'l- > -n'l- > -ll-* no resto desta segunda área).

J. Corominas — *Del Pidal de Don Ramón*, págs. 19-54.

Sob este título simbólico («*Pidal* es en Asturias un semillero de árboles... También la obra de D. Ramón es un semillero. Semillero de ideas fecundas...») reúne J. C. uma série de notas sobre palavras pertencentes ao léxico moçárabe — assunto da predilecção de Menéndez Pidal — palavras que, criadas em Espanha, alcançaram larga expansão por Europa e África.

A primeira é *gaita*, representada no árabe de Marrocos, Argélia, Túnis, no turco, no sérvio, no búlgaro, no polaco, no ruteno como, entre as línguas românicas não peninsulares, no bearnês e no sardo. Atribuiu-se-lhe origem turca. A época em que aparece atestada na Península (séc. XIV) basta para refutar essa

opinião. C. vê em *gaita* um derivado do gót. *gais* 'cabra', evolução semântica explicável por a *gaita* ser feita com um odre — provavelmente de cabra — e ter muitas vezes, desenhada ou esculpida, uma cabeça deste animal. Em fr. há vários derivados do lat. *cabra* como nome para 'gaita'. — O port. *gaita*, por ex. em «na primeira gaita» — 'na primeira hora da noite' relacionado com cast. e cat. *guaita* e explicado por Diez com razão como derivado do germ. *wahta* 'vigilância, guarda', nada tem que ver com o nome do instrumento musical, ao contrário do que pensava o próprio Diez. Em port. é um catalanismo e começou por ser usado na esfera náutica (pág. 25). Veremos adiante apontado neste mesmo volume outro exemplo de importação port. do cat. neste domínio (a que pertence também port. *ilha* < cat. *illa*).

A segunda palavra é *estribote*. O A. traça com minúcia a história da sua expansão e sentidos. Deriva-a com Diez de *estribo*, afastando-se da maior parte dos romanistas que têm querido ver nela um derivado de *strambus* partindo para isso da forma italiana *strambotto*. Como observa C., explicar esta última por um cruzamento da forma espanhola com *strambo* 'de pernas tortas', cruzamento facilitado pelo sentido que *estribote* adquirira, o de 'poesia satírica', é fácil. Já o não seria a explicação de *estribote* por transformação de *strambotto*. A origem do termo não pode ser provençal por que a *estribo* corresponde nessa língua *estreup*, *estriu* e não há rastros de *estreubot* ou *estrubot*. No emprego por Mucádam de Cabra de ar. *márkaz* 'apoio, estribo' para designar o estribilho do seu *zêjel*, vê C. um antiquíssimo decalque linguístico de *estribo* neste sentido, explicável por o estribilho ser a base, o ponto de partida do poema. *Estribillo* só aparece atestado contudo no século XVII. — As abonações mais antigas de *estribote*, nos séculos XII e XIII, são peninsulares e provençais. *Estrambote* usa-se nos séculos XV e XVI por reimportação da Itália, onde foi no século XV que o *strambotto* (género literário e palavra) se vulgarizou.

Fideo, cuja mais antiga abonação está num texto hispano-muçulmano (século XIII) é relacionado pelo autor com o verbo *fidear* 'crescer, prosperar, sobre-salir', *fidearse* 'desbordar un líquido', usado no dialecto dos judeus espanhóis de Marrocos — verbo de raiz árabe, *fād* 'abundar, desbordarse...', e de sufixo romance. A evolução semântica seria explicável pela propriedade destas massas de multiplicar o seu tamanho com a cozedura. *Fidelli*, it., em que se quis ver o ponto de partida do termo (< *filelli) só aparece nos fins do século XVI.

Gancho supôs-se de origem turca por ter representantes nesta língua. Aparece contudo na Península numa época para a qual é impossível pôr essa hipótese. No sentido de 'abrolho', encontra-se um seu derivado no botânico anónimo hispano-muçulmano do século XII. Na Itália, a outra pátria possível do vocábulo, só está documentado no século XV. Não tem nela nem o emprego rústico nem a proliferação de derivados que tem na Espanha e tem vários sinónimos. Tudo leva a crer, portanto, na sua origem hispânica. A base estaria num céltico **ganskio* — 'ramo pequeno, ramo ou galho de árvores' sentido idêntico ao da palavra *gancho* na sua mais antiga abonação romance.

Aulaga, *aliaga*, variantes do nome do tojo, correspondentes respectivamente a Castela e a Aragão, Mancha e Valência, assentam para o autor num ibérico ou protobasco **aielaga* (cf. para o sufixo os numerosos colectivos bascos e o ibérico *arriaga*), que penetrou com modificações, causadas por cruzamento com outras palavras, no próprio árabe literário.

S. Gili Gaya — *Fonología del periodo asindético*, págs. 55-68.

Gili Gaya comparou experimentalmente a entoação dada por cinco indivíduos, representantes do espanhol culto, a períodos bimembres cujas unidades ora ligava por meio de conjunção, ora enlaçava assindeticamente (p. ex. *No corre / sino que vuela*; *No corre / vuela*) e verificou que, no segundo caso, a entoação supre a falta da conjunção, acabando o primeiro membro geralmente em semi-cadência e estabelecendo-se entre os dois uma pausa conscientemente mais longa do que se o enlace é feito por meio de conjunção. (Neste último caso pode a pausa chegar a desaparecer e o primeiro membro termina em anti-cadência. A anti-cadência pode aparecer em casos de união assindética, o que indica oposição fraca entre o primeiro e o segundo membro; mas a pausa longa nunca deixa de produzir-se). Se não se trata de dois membros dependentes, ligados no mesmo período, mas de duas orações independentes, a primeira acaba em cadência.

A língua dispõe, portanto, na entoação de um processo claro para indicar, nos casos de assindeton, se a intenção do que fala é unir ou não duas orações. O assindeton é, assim encarado, uma forma natural da linguagem e não apenas uma figura de retórica, como o consideravam os tratadistas antigos. É sobretudo frequente na linguagem das crianças, dos pouco cultos e também na poesia, nesta «no porque se retraya a un estado infantil o primitivo sino porque desborda el engranaje del lento razonar».

A. Griera — *Catalán «alba»*, págs. 69-73.

O autor apresenta os restos deixados pelo étimo *alba* no domínio do catalão: na toponímia, nas expressões baseadas em (*dics*)*alba* e em (*vestis*) *alba* e no adjectivo *aibat* 'cadáver de criança', de *albatús* 'vestido de branco'. Supõe que o desaparecimento de *albus* perante germ. *blank* se deva a uma colisão homonímica, possivelmente com *alveu*.

Henry y Renée Kahane — *El término mediterráneo «Tafurea», 'buque para cavallos'*, págs. 75-89.

Prosseguindo uma série de estudos sobre termos náuticos que irradiaram da Península Ibérica para toda a bacia do Mediterrâneo, tratam os autores, neste trabalho, do termo *tafurea* e das suas variantes. *Tafurea*, forma mais frequentemente atestada e seguramente a mais antiga, resulta da adaptação por uma língua ibero-românica, certamente pelo catalão, da palavra ár. *tafurija*, já formada sobre o étimo lat. *tabula*, na variante dialectal *tafula*. Não podem os autores precisar se «o catalão adoptou a designação árabe de uma embarcação ou transformou o empréstimo árabe na designação de uma embarcação» (págs. 87-88). Documentam abundantemente a palavra nas formas *tafurea* (representada em port., págs. 78-79; é esta a importação do cat. a que atrás me referi); *tafuría*; *tafureya* (só documentada em cat. e em port., sem que haja necessidade de supor a importação sucessiva das duas formas como fazem os AA.: -ea > -eia no port. precisamente como no cat.; o próprio ex. *idea* > *ideia* serve para as duas línguas); *tafurella*; *tafurera*; *tafuresse*. Como dizem os AA., neste como noutros termos mediterrâneos, o que importa é a conservação da raiz: o sufixo

pode variar. Estudam depois o emprego da palavra e da coisa, no Mediterrâneo oriental (Chipre) desde o séc. XIV, na Itália meridional, nos grandes centros europeus de navegação, no Norte de África, por portugueses e espanhóis, e na Índia, por portugueses e mouros.

Yakov Malkiel — *La derivación de «rebelde, rebeldía» y las fuentes del grupo de consonantes -ld- en iberorrománico*, págs. 91-124. V. recensão adiante.

J. M. Millás Vallicrosa — *Desinencias adjetivales en la onomástica de nuestros judíos*, págs. 125-133.

Depois de reunir alguns testemunhos comprovativos do emprego da língua romance pelos judeus espanhóis submetidos ao domínio muçulmano, estuda o conhecido hebraísta vários nomes próprios desses judeus em que se encontram terminações romances: -ut, -uda (<-utus, -uta), -at, -ado (<-atus) -et, -eta (<-ctus, -eta), -ell, -el, -iel (<-ellus), -ol, -uel (<-olus). São particularmente interessantes as observações que faz sobre o significado da ligação dos sufixos diminutivos romances com raízes árabes e hebraicas e a anedota que extrai do biógrafo Al-Dabí: um alfaqui purista, perito na leitura do Alcorão, mata um aguazil judeu por ouvi-lo chamar a um jovem que o acompanhava: *Muhammadelil*.

Leo Spitzer — *'Fleur et rose' synonymes par position hiérarchique*, págs. 135-155.

Neste belo ensaio, pretextando glosar uma compreensiva nota de Maria Rosa Lida a um passo do *Libro de Buen Amor* em que o Arcipreste, chamando à Virgem: «oh bendita flor y rosa!», une pela copulativa o género e a espécie, Spitzer estuda em todos os sentidos este *topos* da poesia europeia medieval. Depois de afastar uma hipótese oral de Meyer-Lübke (*flor* representando *lirio*: *flor e rosa* = *lirio e rosa*) e a de uma endiade (**flor de rosa*: esta expressão é rara: o A. só dá um exemplo do fr. ant.; notem-se contudo os oito topónimos portugueses *Flor da Rosa*, explicáveis por em port. como em cast. *rosa* poder significar 'roseira' (1)). O ex. francês parece ser um caso esporádico da mesma extensão de significado naquela língua), e depois de aceitar na essência a interpretação de M. R. Lida — os dois termos postos no mesmo plano, *sinónimos* —, explica-nos o A. qual o processo psicológico que tornou possível o aparecimento da expressão. *Flor* era já em si uma metáfora laudatória. *Rosa* não é senão um refinamento dessa metáfora. A união só é possível entre duas metáforas elogiosas e dá-se precisamente porque ambas pertencem sentimentalmente ao mesmo plano. Igualação sentimental, portanto, não igualação intelectual — não a espécie transportada à categoria de género. Da combinação das duas metáforas resulta a força da expressão. A ordem habitual *flor-rosa* resulta da situação natural das metáforas: «prestige de la rose à l'intérieur du prestige de la fleur».

(1) Paralelamente existe *Flor do Cravo*, uma vez, em Sines (dados de Silva Lopes, *Dicionário Postal*).

O ponto em que se encontra a frase na obra do Arcipreste de Hita indica-nos a tradição que lha transmitiu: a das orações e hinos latino-medievais dirigidos a Maria, com a sua «polyonomasie à base d'amour (l'amour multiplie les noms d'un être unique et chéri)». Spitzer documenta abundantemente a frequente aparição deste e de outros *topos* do mesmo género, «*jemme et topasse*», «*the pearle and the precious stone*». Todos derivam da classificação hierárquica dos objectos no espírito medieval, segundo o seu valor, não segundo as suas características individuais. *Flor, rosa, pérola, topázio, pedra preciosa* pertencem à mesma categoria na sua qualidade de objectos preciosos e isso importa mais que as suas diferenças. Os nomes que os designam são sinónimos e permutáveis. À medida que a Idade Média avança, intensifica-se o emprego de grupos destas designações e a sua acumulação como processo estilístico para exprimir a admiração desmedida atinge a máxima intensidade no fim desta época e mais tarde no barroco.

Na retórica latina, o processo tem correspondência na soma de um termo abstracto, laudatório, com uma metáfora concreta do mesmo sentido: «*flos ac robur*», «*corona et culmen*». Não se encontra contudo a combinação de dois termos concretos senão nos autores cristãos. Spitzer cita exemplos de São Jerónimo. Liga-se claramente com a espiritualização cristã dos dados dos sentidos. Sensações visuais ou olfactivas são sublimadas pelo seu emprego na exaltação em linguagem metafórica das verdades espirituais.

Quando o espírito se recusa a confundir objectos só porque têm a mesma posição hierárquica, porque estão no mesmo plano duma escala de valores, quando começa a atentar em cada um como numa realidade individual e inconfundível, o emprego de *topos*, do tipo *flor* e *rosa* decai forçosamente. Spitzer mostra como já Jacopone da Todi os evita e, ao utilizar as metáforas florais, distingue cuidadosamente o significado de cada uma das flores. Cristo, na *lauda*: «*La incarnazione del verbo divino*», começa por ser *lirio*, transforma-se em *violeta*, por causa dos erros dos homens, e, por amor deles, acaba por tornar-se a flor cor de sangue, a *rosa*. Transformações que envolvem movimento. A concepção que colocava as metáforas no mesmo plano era estática, a de Jacopone é dinâmica, por isso mesmo mais actual, mais próxima da nossa sensibilidade.

Gunnar Tilander — *Nouveaux manuscrits de «Modus»*, págs. 157-163.

O ilustre filólogo sueco dá notícia de três manuscritos dos *Livres du roy Modus et de la Royne Ratio* que não conhecia na data (1932) em que publicou esta obra.

B. E. Vidos — *Noms de ville et de provinces flamands et néerlandais devenus noms communs dans les langues romanes*, págs. 165-194. V. recensão adiante.

Yakov Malkiel, **La derivación de rebelde, rebeldía y las fuentes del grupo de consonantes -ld- en ibero-románico**. Estudios dedicados a Menéndez Pidal, I, Madrid, 1950, págs. 91-124.

Para os *Estudios* dedicados a Mestre Menéndez Pidal escreveu o Prof. Malkiel este erudito trabalho em que, com a intenção geral de «plantear nuevos problemas» e de «tratar de solucionar otros», estuda desenvolvidamente a formação de *rebelde*, *rebeldía*, que considera um caso de «anomalía dentro del sistema de la lengua». Citando, a seguir, as palavras do moderno espanhol *rebelde*, *rebeldía* e *rebelar(se)*, *rebelión*, diz que «muestran una distribución chocante de los radicales *rebelde-* y *rebel-*». A estes acrescenta a terceira variante antiga e dialectal *rebell-* (*rebellar*, *rebellé*, *rebellía*, *rebellón*, *rebelló*...) e vestígios de uma quarta representada pelo medieval *rebielle*. As últimas formas, como se vê, são exactamente as que representam o desenvolvimento normal, castelhano do lat. *rebellare*, *rebellis*, precisando as modernas ou oficiais de explicações particulares. O Prof. Malkiel, como disse, trata principalmente de *rebelde*, *rebeldía* (das origens do seu grupo -ld-), problema ainda pouco e mal estudado.

Das citações de Yakov Malkiel, verifica-se que a maior parte das palavras (e das formas) desta família está documentada desde o séc. XIII: *rebellé*, *rebel* (esta em *Fueros de Aragón*), *rebele*, *rebielle*, *rebelde*, *rebellia*, *rebeldía*, *rebellar*, *rebellado*, etc. *Rebelarse* e *rebelión* só se encontram a partir do séc. XVI.

Rebelde e *rebeldía* são de documentação contemporânea (*Primeira Crónica Gen.*, etc.), mas o Prof. Malkiel, precisamente em obediência a ideias preconcebidas, sente necessidade de acrescentar: «Lo que resalta para quien estudia estos dados sin opinión preconcebida es que no hay prueba alguna de que cronológicamente *rebelde* haya precedido a *rebeldía* [...]»; «aunque éste sea el orden normal»...

Passando directamente à explicação de -ld- em *rebelde*, *rebeldía*, começa por estudar a palavra *humilde* (e respectiva família), que García de Diego (*Contrilución*) julgou modelo de *rebelde*. Cremos ser com inteira verdade que Malkiel conclui: «Lo importante de este acopio de datos es la fecha tardía y el uso escaso de *humilde* en la Edad Media» (meados ou fins do séc. XIV). «¿Cómo podemos suponer que esta variante nada frecuente haya ejercido un influjo tan fuerte [...] que haya podido ocasionar la formación de *rebelde*, adjetivo de uso corriente ya en pleno siglo XIII?» «Además, si fuese tan estrecha la relación entre las dos familias como sugiere el Sr. García de Diego, lo normal sería que *humildad*, voz tradicional de gran arraigo en la Península, haya originado **rebelidad*» [em vez de *rebeldía*].

Segue-se o estudo de todos os protótipos de várias origens (latina ou greco-latina, germânica, arábica, e galo-românica) que deram o grupo interior -ld- em ibero-romance com o objectivo formal de verificar se *rebellis*, *rebelde* estará em algum dos casos conhecidos. Depois de analisar uns 38 protótipos (por ordem alfabética, dentro de cada origem) e de sistematizar as respectivas «transformações» em cinco ou seis alíneas, o Prof. Malkiel conclui especialmente, desta vez sem a nossa adesão: «Se plantea ahora el problema de si esta explicación puede prestar ayuda al estudio del paso de *rebellé* a *rebelde*. La respuesta es negativa. No hay motivo para suponer la menor analogía entre el caso de *rebellé* y los de *apellar*, *bullá*, *cella* y *libello*». Etc.

Finalmente trata de antigas palavras espanholas terminadas em *-adia*, em que prevalecem «los derivados de participios pasados en *-ado*: *acostadia*, *adolantadia*, *cuñadia*, *lamadia*». Pela sua relação semântica com *rebeldia*, liga especial importância às palavras *osadia* 'arrojo' e *arrufadia* 'arrogancia' citando ainda a propósito *orgullia* ou *urgullia*, *porfazadia*, etc., para chegar às seguintes conclusões, que consideramos bastante estranhas: «Dentro de esta zona semántica bien definida — escreve ele —, es comprensible que los españoles alrededor del siglo XIII hayan tratado de arrimar la formación aislada *rebellia*, de escaso expresivismo fonético, al sólido bloque de los derivados en *-adia*. La sustitución (...) de *rebellia* por *rebeldia* representa un caso no de desarrollo fonético, sino de la propagación de una desinencia. Una vez acuñada la variante *rebeldia*, era muy fácil que se formase el nuevo adjetivo *rebeldé*».

Na conclusão final o Prof. Malkiel insiste principalmente nestas afirmações, que constituem a parte concreta, básica, da sua tese...

Apesar da abundante documentação do trabalho, devemos confessar que as opiniões finais (tese ou hipóteses próprias) não nos parecem suficientemente fundamentadas (e muito menos demonstradas). Pondo de lado o «escasso expresivismo fonético» de *rebellia* (cp. o supracitado *orgullia*), etc., a hipótese principal de *rebeldia* ter surgido por influência do «sólido bloco dos derivados em *-adia*», «de significado afim», parece-nos fora de todas as probabilidades. A terminação *-adia* está geralmente em íntima e viva correlação com *-ado* (especialmente em *osado* / *osadia*, *arrufado* / *arrufadia*...) e, portanto, nas suas possíveis influências, o primeiro *a*, que é tónico em *-ado*, não podia desaparecer sem enorme violência. Além disso, *-adia* (*osadia*, *arrufadia*, *porfazadia*...), mesmo que lhe ponhamos o primeiro *a* entre parênteses, nada apresenta que possa determinar ou sugerir, mesmo de longe, uma terminação *-idia* (com o grupo *-id-* cuja origem se pretende explicar), antes se lhe oporia irredutivelmente. Quer dizer, por influência de *osadia* (< *osado*) ou de *arrufadia* (< *arrufado*) o que teríamos era **rebelladia* (em correlação com *rebellido*) — e não *rebeldia* ⁽¹⁾ —, tanto mais que, como se sabe, não falta o correspondente participio, nem o verbo (*rebellar*), desde antigos tempos...

Para não alongarmos demasiadamente estas considerações, acrescentaremos apenas que o grupo *-id-* de *rebeldé*, *rebeldia* deve ter surgido (em *rebeldé*, como é mais natural) por uma espécie de ultracorreção, dada, por um lado, a concorrência das formas *rebelle*, *rebele*, *rebielle*, todas documentadas desde o séc. XIII, e, por outro, certa reciprocidade entre *-id-* e *-il-* / *-i-* em espanhol (cfr. M. Pidal, *Orígenes*, § 54), com tendência para se formar o grupo *-id-*, «sumamente característico de la estructura fonológica del castellano, antiguo y moderno» (Y. Malkiel). Estando, portanto, sensivelmente nas condições originais de *apelidar*, *apeide*, *celda*, *libeldo*, etc., a palavra *rebeldé* (< *rebeldia*) resultou naturalmente da concorrência das formas medievais, participando ainda de certa semelhança com palavras como *alcalde* (documentada desde o séc. XI) > *alcaldía*, *arrabelde* / *arrabal* (< ár. *arrabad.*), *pildora*, etc. As dificuldades cronológicas (ou outras) apresentadas pelo Prof. Malkiel contra uma explicação desta natureza não são, afinal, verdadeiras dificuldades...

(1) Seria um caso comparável ao de **rebeldad* (por *rebeldia*) se houvesse realmente influência analógica de *humildad*.

E, para terminar, estas duas notas :

A forma *rebel* acima citada (dos *Fueros de Aragón*) provém certamente do galo-românico ;

O português *rebelde*, *rebeldia* (que Yakov Malkiel não estuda) deve vir, conforme já se crê, do castelhano (diferente de *revel*, *revelia*), mas sem nada ter com um hipotético **rebellitare*, como pretendia José Leite de Vasconcelos, seguido por A. R. Gonçalves Viana (*Apost.* II, p. 367) e por Cândido de Figueiredo (*Nova Dic.*, 2.^a ed. e ss.).

JOSÉ INÊS LOURO

B. E. Vidos, **Noms de villes et de provinces flamands et néerlandais devenus noms communs dans les langues romanes** (Estudios dedicados a Menéndez Pidal, tomo I, p. 165-194). Madrid, 1950.

Vidos pretende principalmente neste trabalho, conforme as suas próprias palavras, fornecer aos investigadores novos meios, do ponto de vista do método, para facilitar a solução de certos problemas etimológicos e lexicológicos. A sua lição torna-se de grande interesse para o português, onde está por fazer um estudo completo e detido sobre a passagem de topónimos a nomes comuns. Vidos toma quinze nomes de cidades e províncias flamengas e neerlandesas e considera três processos principais de passagem a nomes comuns nas línguas românicas (francês, espanhol, catalão, português, italiano e provençal), dando especial atenção ao género dos nomes comuns resultantes dos nomes de lugares : adjectivo derivado de topónimo emprega-se como substantivo de género masc. ou fem., segundo o substantivo que antes determinava ; topónimo empregado junto a um nome por justaposição, passa a nome comum, conservando o género que tinha como nome próprio ; topónimo empregado perifrasticamente com a preposição *de*, determinativo de nome comum, pode substituir este, adoptando-lhe o género. Autorizado pelo vasto material e documentação reunida, que lhe permite seguir e comparar no espaço e no tempo a passagem dos vários topónimos a nomes comuns, pode concluir que a primeira fase do terceiro processo por ele considerado, em que se emprega a perífrase com *de*, é anterior, muito mais frequente e importante do que a seguinte em que o nome próprio, empregado como determinativo, passa a nome comum ; usam a primeira fase as pessoas que falam bem e não são do ofício, enquanto os técnicos empregam a segunda : daí aparecerem as duas simultaneamente. Os factos demonstram que não é a importância do centro produtor ou exportador que determina a passagem da primeira para a segunda fase (Gand e Ypres, muito documentadas na primeira fase, não passam a nomes comuns em francês, provençal e italiano). Em conclusão resume : os nomes de cidades e províncias flamengas e neerlandesas continuam nomes próprios em flamengo e em neerlandês, só passando a nomes comuns os seus derivados ou adjectivos ; mas os sentidos destes nomes comuns são completamente diferentes dos que têm nas línguas românicas. Contrariamente à opinião de Vincent, o espanhol e o italiano não empregaram somente formas

francesas, mas adoptaram também directamente as flamengas; a adopção faz-se segundo um processo românico.

Partindo do processo pelo qual se formaram alguns nomes comuns com base nos topónimos estudados, chega a algumas conclusões etimológicas e lexicológicas, como o novo étimo proposto para o fr. *papeline*, *popeline*, do nome de cidade *Poperinge*. Mais duvidosos se nos afiguram os casos que o autor pretende explicar, baseando-se no género, pelo emprego originário por justaposição ou substantivo + de + topónimo. De facto, pelo menos no respeitante ao português, parece-nos que o que Vidos considera um processo à parte, por justaposição, é afinal uma fase mais avançada do processo substantivo + de + topónimo. Em português, numa primeira fase é indispensável o emprego da prep. *de*, a não ser no caso de algumas modernices de imitação francesa (cf. Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia*, 368-371). Numa segunda fase a tendência geral da língua é suprimir a prep. *de*, quando o complemento começa por consoante (id., 334-336). E nesta segunda fase o género é determinado pelo primeiro elemento, a não ser que se perca a noção da composição ou haja influências análogas (id., 336). Não parece pois provável a distinção feita por Vidos, ao tratar dos vestígios deixados por *Hclanda*, admitindo os dois processos de formação: o ptg. *hclanda* (f.) «papel» viria por justaposição; *holanda* (f.) «genebra» ou «tela», «tecido», por um dos dois, o it. *olanda* (f.) «queijo» por justaposição; *olanda* (f.) «tela» pela perífrase com *de*; para o esp. *olanda* (f.) «alcool» por justaposição; *olanda* (f.) «tela», «genebra» por qualquer dos dois; para o fr. sempre perífrase com *de*. Uma recolha de abonações mais demorada talvez nos elucidasse como a fase substantivo + de + topónimo foi sempre o ponto de partida para uma outra, substantivo + topónimo. O facto de aparecer o feminino, onde seria de esperar o masculino, no ptg., esp. e it., pode explicar-se pela terminação *a*, própria dos femininos e que faria adoptar esse género.

A passagem dos topónimos a nomes comuns resulta principalmente do desejo de encurtar, simplificar as frases e nota-se, como diz Vidos, na linguagem dos técnicos que têm de empregar mais vezes a expressão e também nas frases em que a perífrase é já determinativo de outro substantivo: *um caixote de tolha de Flandres* abreviar-se-ia em *um caixote de Flandres* (cp. Camilo, *O Cego de Landim*, cap. V, 36) e, daqui, ou de expressão semelhante (cp. *flandres*, s.m. «sabre», talvez de *sabre de tolha de Flandres*), viria o nome comum *flandres* (m.), para cujo género Vidos não encontra explicação. Do mesmo modo se explicaria, por exemplo, o esp. *geldre* (m.) «espécie de arbusto» que Vidos tira de um hipotético fr. **guelldre*, resultante de *rosa de Guelldre*. Por causa do género, conclui Vidos que o esp. *balduque* (m.) teria de vir de *cinta balduque* e não de *cinta de balduque*, bem como o fr. *brabant* (m.) «charrua», viria de *charrue brabant*. Mas para este caso cita ele *araire brabant*, em que o primeiro elemento masculino explicaria o género e quanto ao esp. podia ter havido fases anteriores, como *cinta de panno(de) Balduque*, por exemplo, em que *panno*, ou outro termo semelhante, teria determinado o género antes de ser suprimido.

Comparando o estudo de Vidos com dois trabalhos sobre passagem de topónimos a nomes comuns em português, ressalta nestes menor preocupação em se documentarem em textos antigos e em estabelecer comparações com as outras línguas românicas, o que se torna necessário sempre que se pretende tirar conclusões acerca da história das palavras. Saavedra Machado no seu artigo, *Palavras Formadas de Nomes de Lugar* (*Língua Portuguesa*, II, Lisboa,

1930), não citado por Vidos, limita-se a dar uma lista alfabética, com algumas abonações de textos mais ou menos antigos. Maria Lúcia de Jesus Vasco, *Passagem de Topónimos e Nomes Étnicos a Nomes Comuns* (tese de licenciatura em Filologia Românica, apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa, 1947, 166 páginas dactilografadas), faz uma tentativa de explicação do ponto de vista morfológico e separa as palavras que considera evoluções portuguesas: mas faltam, em muitos casos, as abonações de textos para estabelecer datas e a comparação com as outras línguas. Assim, dá como exclusiva do português a forma *ipres*, abonada em autores do séc. XIX; ora Vidos encontra um exemplo desta mesma forma num texto espanhol do séc. XIV, e num catalão do séc. XVI (o nome próprio Ipres entrou no esp., no ptg. e, provavelmente, no cat. por intermédio do fr.).

No entanto, é relativamente ao português que Vidos está menos documentado, pois se limita quase à consulta do dicionário de Cândido de Figueiredo. Algum material poderíamos acrescentar, aproveitando, entre outros, do trabalho de Maria Constança Múrias de Freitas, *Palavras e Expressões sobre Vestuário no Cancioneiro Geral de Garcia de Resende* (*Bol. de Filol.*, tomos VIII e IX) e de várias publicações de documentos antigos:

Brabante, segundo Vidos (nota 3 da pág. 186), é registado por Wartburg, *F. E. W.*, I, 478, mas falta em Figueiredo. Na realidade, este cita *barbante*, s.m. «cordel», considerando, sem fundamento, importação do cast. *bramante*; a *Grande Enciclopédia Luso-Brasileira* regista também *barbante*, abonado por Eça, *Primo Basílio*, 276; em Morais (X^a) vem abonado por Camilo, *Brasileira de Prazins*, 195, e por Aquilino, *Aideia*, 12. Note-se que a forma portuguesa não acompanha a evolução *b > m*, verificada em esp. No foral de Lisboa, dado por D. Manuel em 1500 já se cita *barbante* «fio», cf. Salles Lencastre, *Estudo sobre as Portagens e Alfândegas*, p. 151, em que se reproduz uma cópia publicada por Manuel José Cardoso de Castro (Lisboa, 1790), o qual declara reproduzir o documento com toda a fidelidade e tendo Salles Lencastre apenas actualizado a ortografia.

Em documentos antigos encontramos *brabante* e *barbante*, com o sentido de pano (cf. *Descobrimentos Portugueses*, documentos para a sua história publicados e prefaciados por João da Silva Marques (Lisboa, 1944), v. I, 460-362, documento de data aproximada a 1439-1448 e suplemento ao v. I, 524-955, carta de quitação de D. Afonso V).

Brugia, s. f. «tecido» é citado por Vidos na nota 6 da pág. 171, através de A. Castro, *R. F. E.*, VIII, 28 que, por sua vez, cita *Port. Monum. Hist., Leges*, I, 193. Além da citação de Castro, encontramos no mesmo documento, muito perto *et cobitus alliis brugiis*. Castro cita ainda *nove cobados de brujes* apud *Port. Monum. Hist., Leges*, I, 199. Saavedra Machado cita também o Foral da Alfândega do Porto, de 1461, apud Salles de Lencastre, *Estudo sobre as Portagens e Alfândegas*, p. 84-85, onde vem «14 covados de meynim, ou lilas ou brujes, para seu vestir». Em *Descobrimentos Portugueses* encontramos *panos de Bruges*, *pano de brujas* e *pannorum de Brugis*, respectivamente no v. I, 6-9 (ano de 1253), supl. ao v. I, 52-42 (anterior a 1377), v. I, 222-215 (1410?) e v. I, 130-116 (1370). Como nome comum, encontramos *Bruges* mencionado numa carta de quitação da chancelaria de D. Afonso V, cf. v. I, 524-955 e *brujas* no documento acima citado de data aproximada a 1439-1448, cf. v. I, 460-362 dos *Descobrimentos Portugueses*.

Numa lei de 26 de Dezembro de 1253 acha-se *escarlata framenga*, cf. *Portug. Monum. His., Leges*, I, 193, e noutra de 1370 *pro tellarum framengarum*, cf.

Descobrimentos Portugueses, I, 131-116, não tendo o adjectivo passado nesta acepção de tecido a nome comum.

Bruxelas, s. f. «couve» (Morais, X^a), de *couve de Bruxelas*. Nesta acepção só em português teria passado a nome comum.

Flamenga, s. f. «pera portuguesa» (Figueiredo); do ant. *peras framengas* «aa que no termo de Lisboa vêm por Agosto, de bom tamanho e muito sumo» apud Bluteau, cf. Maria Lúcia Vasco; nesta acepção é exclusiva do português.

Flamengaria «balbúrdia», derivado de *flamengo*, apud Manuel de Melo, *Feira de Anexins*, cf. Figueiredo.

Flamengo, s. m. «prato de mediana grandeza», apud Bluteau, cf. Saavedra Machado; esta acepção é exclusiva do português.

Frاندres encontra-se como nome próprio junto a vários substantivos, sem que tenha passado a nome comum: *panos de Frاندres*, supl. ao v. I dos *Descobrimentos Portugueses*, 456-633; *moeda de flاندres*, id. v. I, 322-203 e 204; *argenti de frاندria*, id. v. I, 132-116 (1370) *Flandres*, s. m. «lata», dado por Vidos como brasileirismo é abonado por Camilo, *O Cego de Landim*, cap. V, p. 36, cf. *Grande Encicl. Luso-Bras*. Há o derivado *flandeiro* «latoeiro» (brasilismo, segundo Figueiredo).

Nos documentos antigos encontramos em *Descobrimentos Portugueses*: *bacyos de frاندres com figuras grandes de boa laa* (v. I, 222-215, ano de 1410); *calderas de fogo de frاندres* (v. I, 243-333 e 334, ano de 1416); *Rondellas de frاندres* (v. I, 243-233 e 234, ano de 1416).

Flandres, s. m. «sabre de polícia» (brasilismo, segundo Figueiredo).

Frande, s. m. «facão» (brasilismo, segundo Figueiredo).

Frاندesca, s. f. «faca de cozinha (na Beira, segundo Figueiredo).

Frاندلágem, s. f. «súcia de maltrapilhos», «farraparia», «bugigangas». Derivado de *Frاندres*, adaptação de *Flandres* (Figueiredo); Maria Lúcia Vasco considera formação portuguesa.

Frisa, s. f. «tecido grosseiro de lã» é atestado em português na lei de 26 de Dezembro de 1253, apud *Port. Monum. Hist., Leges*, I, 193, na data aproximada a 1439-1448, cf. *Descobrimentos Portugueses*, v. I, 459-362 e, mais tarde, no *Canc. Geral*, IV, 187. Também se usa com o significado de «tiras de lã que se metem nas portinholas dos navios para vedarem a água» (*Grande Encicl. Luso-Bras*).

Gande, deixou vestígios como nome de cidade determinativo de tecido na lei de 1253 (*Leges*, I, 193): *panno tinto de Gam* e numa lei aproximadamente de 1439-1448 (*Descobrimentos Portugueses*, I, 460-362): *pannos de Gante* e *pano viado* (?) *gam[te]*.

Holanda, s. f. «tecido», vem em Pina, *Cron. de Af. V*, III, 138, etc. cf. Saavedra Machado e no *Canc. Geral*, I, 300, 5.

Holandilha, s. f. «tecido», apud Mendes Leal, *Os primeiros Amores de Boccage*, II, 14, p. 107 (*Grande Encicl. Luso-Bras*). Há o derivado *holandilheiro* «fabricante ou vencedor de holandilha» (Arnaldo Gama, *Motim*, 410, cf. Figueiredo); deve vir pelo esp.

Holão, s. m. ant. «espécie de tecido» (Figueiredo). V. também Moraes. No *Canc. Geral*, IV, 210 (18) vem *carapucinhas do lão*, que está por *carapucinhas d'olão* (Múrias de Freitas, artigo citado, IX, 2-124, não percebe a etimologia e deriva com dúvida de *lã*).

Ipre, s. m., já atestado no *Canc. Geral*, V, 325 (26): *loba dipre pespontada*.

Nos *Descobrimentos Portugueses* encontramos exemplos com *de* e outros de nomes comuns: *Item de viado dipre* (I, 461-262, ano de 1439-1448?); *panos de Ippe* (supl. ao v. I, 52-42, anterior a 1377); *panorum de Ippe* (I, 130-116, ano de 1370); *Item panorum Ippe magne pecie quatuor* (I, 131-116, ano de 1370); *11 alnas e meia de pequena sorte de Ippe* (I, 112-95, ano de 1359); *pro Ippe magne* (I, 131-116, ano de 1370); *a peça do ippe da grã sorte* (I, 222-215, ano de 1410?); *a peça do jippe da pequena sorte* (id.); *a peça dhipre de bala* (id.); *Item Ippe de pequena sorte* (I, 460-362, ano de 1439-1448?).

Ostende, s. m. «antiga moeda da Flandres», apud Manuel de Melo, *Apólogos Dialogais*, 72, cf. Figueiredo; Maria Lúcia Vasco dá como formação portuguesa. De *Osterde* há algumas formas antigas, cujas abonações são anteriores à espanhola *ostenda* (1547), dada por Vidos: *osteda* e *ostedilha*, s. f. ant. «espécie de tecido», apud *Ordenações Afonsinas*, IV, 18, cit. Gama Barros, *Hist. da Administração*, IV, 392; carta de quitação de D. Manuel, de 15 de Dezembro de 1501, no *Arch. Hist. Portug.*, IV, 474; Saavedra Machado considera estas formas portuguesas derivadas do nome próprio *Ostende* e Maria Lúcia Vasco dá-as como criação portuguesa. *Usteda*, s. f. «fazenda de lã» vem no *Canc. Geral*, V, 325 (27): *mangas dusteda ou solia*; deve ser outra variante de *Ostende*.

Papellingas, Pepelijnga, s. f. «tecido»: *a peça das pepelijngas* (numa lei de 1410?, cf. *Descobrimentos Portugueses*, I, 222-215 e mais exemplos noutra de aproximadamente 1439-1448, id., 460-362 e 461-362).

DELMIRA MAÇAS

Heinz Kröll, *Ein Beitrag zur portugiesischen Wortgeschichte*. Romanische Forschungen 62, Francforte 1950, 32-66.

Até há alguns anos, eram pouco numerosos os estudos onomasiológicos referentes ao léxico português. Entre eles, destacam-se as monografias notáveis do Conde de Ficalho sobre a contribuição árabe ao vocabulário pastoril, e o de Cláudio Basto sobre os nomes dialectais das agulhas secas do pinheiro. Só os últimos anos passados marcam um considerável progresso neste campo da lexicografia portuguesa, em que concorrem simpaticamente as revistas nacionais da especialidade. Lembramos aqui os artigos dedicados aos nomes do baloiço (*Jaberg*) ou da moega (*Joaquim da Silveira*) na *Rev. Port. de Filologia*, outros relativos a termos que designam a codorniz (*Piel*) ou a chuva (*Pires de Lima*), na *Rev. de Portugal — Língua Portuguesa*, ou uma recente contribuição sobre expressões para perturbações mentais (*D. Maças*) publicada neste *Boletim*.

Dentro desta orientação, que vai «da ideia à palavra», quer dizer dum determinado sector semântico às suas designações linguísticas, o presente trabalho oferece uma valiosa achega ao conhecimento da linguagem familiar e do calão português. Dedicado à rica flora dos verbos e substantivos que estas camadas da linguagem desenvolvem para exprimir o conceito 'bater, sovar', 'pancada, sova', o seu índice de palavras regista mais de 150 verbos e mais de 200 substantivos no português europeu e brasileiro, agrupados no texto segundo o motivo que está na base de cada denominação: a parte do corpo atingida; o instrumento com que se bate; expressões metafóricas (bolos, frutos; objectos chatos...); a

quantidade de pancadas; interjeções. É natural que as fronteiras deste sector semântico — como as de qualquer outro — não são nítidas, e que não pode ser «completo» o material dum estudo deste género. Damos a seguir uma pequena série de vocábulos apanhados ao acaso e que talvez se possam acrescentar à já tão rica escolha que o Autor apresenta: (prov.) *aboucar* (*esmoucar*), *amarroar*, *amolgar*, (prov.) *amuganhar*, *amuncar*, *andar em pancas*, *apalear*, *apalpar* (as costelas a alguém), *apetar*, *aporrear -etar -echar -inhar*, *apunhar*, (ant.) (ar)rest(r)alar, *arrimar*, *arrochar* (cp. *arrochada*), *arrombar*, *arrumar* (intr. ou *arrumar uma bofetada*), *assapar*, (prov.) *assapatar* (*açapatar*), *assentar duas lambadas*, *assoccar*, *atagantar* (*tagant(e)ar*), *atamancar*, *atarracar*, (Minho) *bourar*, *calmar* (a alguém dois muros), *chicotear*, *dar castanha*, *deitar uma asa abaixo*, *derreter com lenha*, *esfregar as orelhas*, *estamboirar o canastro*, *fazer dançar na corda bamba*; *ir à cara*, *ao lombo*, *à pavana*, *às ventas de alguém*; *marrar*, *pespegar*, *tuterriar*, *unir coletes*, *zimbrar*; *adubadela*, *amassadela*, *arreigotada* (*arraigotada*), *argumento baculino* (*argumento* gir. 'bengala, cacete'), *aspaço* (bras.) *buduna*, *capilofa*, (Bairrada) *chuço*, *lapa*, *lapada*, *marrada*, *menina de cinco olhos*, (gir.) *moleque*, *patuscos*, (Bras.) *pilorada*, (Minho) *polinheiros*, *punhada*, *punhos*, *Santa Luzia*, *sapatada*, *teoria*, *zeribanda* (Rev. Lus. 35, 1937, 296...⁽¹⁾). Algumas destas palavras podem ser úteis para os problemas etimológicos que o A. às vezes levanta (cp. *aboucar*, *esmoucar*: *moquenco*, *moquenquice*).

Notamos como pequenas insuficiências técnicas a falta duma distinção clara, pelo tipo de letra, das palavras tratadas e das correspondentes acepções citadas, assim como a falta de indicações de página no glossário.

HARRI MEIER

Bertil Møller, *Synonymes romans de l'interrogatif qualis*. (Studia Romanica Holmimensia, ed. por Gunnar Tiliander. 2). Stockholm 1949. 124 págs.

Continuando e confirmando a etimologia de Diez para o port. arc. *quegendo*, mod. *quejando* (< **quid genitus*), M. esclarece toda uma série de formas da mesma origem (por ex. arag. *quiento*; it. *chente*, *quentre*, *quen*; norm. *queien*), e ainda outra derivada de *quid genus* 'de que género', espalhada por vastos territórios da Italo- e da Galo-România (it. arc. e dial. *quegno*, *chigno*, *gna*; prov. *quenh*, *quinh*; cat. *queny*, *quiny*, etc.), que tem dado muito trabalho aos etimologistas. Trata-se, portanto, duma perífrase existente já no latim e que todas as línguas costumam renovar com meio semelhantes: 'que café' = fr. *quel genre de*, esp. *que clase de*, etc. Só observando o conjunto deste género de expressões com um método onomasiológico e aplicando um ponto de vista comparativo de todas as formas românicas contingentes é que se ofereceu ao A. uma explicação comum e muito plausível.

H. M.

⁽¹⁾ Cp. também P.^o Arlindo R. da Cunha, *Filologia do castigo* (em *Revista de Portugal — Língua Portuguesa* 14, 1949, 281-83).

Jorge Dias, **Vilarinho da Furna**. Uma aldeia comunitária. Porto, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, 1948. 275 págs.

Lembrámos, noutra recensão deste Boletim (IX, 397-398), a discontinuidade da tradição folclorística outrora tão respeitável em Portugal. A monografia presente, dedicada a todos os sectores do folclore duma aldeia minhoto, promete o renovo de estudos, com métodos modernos, num campo em que a geração dos Adolfo Coelho, José Leite de Vasconcelos e seus contemporâneos fez tão ricas colheitas. Abrange este livro capítulos sobre a habitação, a organização comunitária das actividades económicas, a descrição do pastoreio e do trabalho agrícola, a alimentação, vestuário e seu fabrico, assim como o folclore «espiritual» (crenças populares, festas e jogos, danças, canções, provérbios). A obra distingue-se, nas partes descritivas, pela apresentação fácil do material ajudada pelos desenhos ao mesmo tempo objectivos e artísticos de Fernando Galhano, e nas partes interpretativas, pelo vasto horizonte comparativo e uma compreensão orgânica, funcional dos elementos da cultura popular. Oferece ao linguista um léxico dialectal que, embora restrito, é valorizado pela sua localização e o estreito relacionamento com os objectos ou outros fenómenos descritos.

H. M.

Paul Aebischer, **Perspective cavalière du développement du suffixe -arius dans les langues romanes et particulièrement en italien**. Boletín de la R. Academia de Buenas Letras de Barcelona, 21, 1948, 163-174.

Nos seus *Kleine Beiträge zur lateinischen Lautlehre* (Uppsala, 1936), J. Svennung chegou à conclusão de que a continuação românica do sufixo -arius, quer na forma clássica (= port. -eiro; esp., cat. -er(o), ital. -aio, etc.), quer na forma -aru (dialectos centro-meridionais da Itália), já remonta ao latim vulgar (págs. 25-29). Este resultado é confirmado e pormenorizado — independentemente de Svennung — pelo valioso estudo de Aebischer, que lhe acrescenta a projecção geográfica do fenómeno nos documentos da Itália medieval: «-aru, au moyen âge, recouvrait non seulement toute la superficie occupée aujourd'hui par -aro, -ar, soit tout le sud de la péninsule, jusqu'à l'Ombrie, plus les Marches, la Vénétie et la Ligurie (pour le masculin), mais, en plus, la Romagne et l'Emilie» (171). Esta repartição basear-se-ia nas antigas condições políticas: «Tout le sud, byzantin et romain, de la péninsule, aurait conservé -arus, qui aurait été adopté par les duchés longobards de Bénévent et de Spolète; et ce serait grâce à l'influence byzantine d'Ancône, de Bologne, de Ravenne, d'Aquilée que -arus se serait maintenu dans les Marches, l'Emilie, l'Exarchat, la Vénétie et le Frioul». A Toscana e a parte central e ocidental da planície do Pó, pelo contrário, assim como as antigas províncias não italianas do Império Romano, mostram-se mais fiéis à tradição clássica continuando -arius.

Merece suma atenção este trabalho pela perspectiva que abre sobre a diferenciação linguística da România já em tempos latinos e pela íntima relação que tenta estabelecer entre a evolução da língua e a história. Quanto ao fr.

-ier, -ière, parece-nos que as formas provençais e evoluções semelhantes na Península ibérica (cp. os nossos *Beiträge*, 26, 30) precisam dum estudo mais detalhado antes de se aceitar a influência da fonética germânica proposta por Antoine Thomas há 50 anos.

H. M.

Paul Aebischer, Chrestomathie franco-provençale. Recueil de textes franco-provençaux antérieurs à 1630. (A. Francke S. A. Editeurs), Berne 1950, 150 págs.

No prefácio lembra o ilustre romanista de Lausanne por que não surgiu uma literatura franco-provençal entre a francesa e a provençal: o ideal dos habitantes da região era escrever em francês ou em borgonhês. Por outro lado, em textos notariais, o latim conservado até muito tarde pela casa de Saboia combate o aparecimento do dialecto; ao ser abandonado, é substituído directamente pelo francês. Apesar de raras, não são contudo impossíveis de encontrar os textos antigos em franco-provençal. Paul Aebischer selecciona e apresenta 42 trechos característicos. Trata-se de: documentos, contas, listas de direitos de portagem, cantigas populares, papéis de bobo em mistérios medievais, cantos do Natal e poemas satíricos. Chama-nos o autor a atenção para o facto de a Saboia só ser representada por textos posteriores ao século XVI. Até então latim e francês combateram de tal modo o dialecto que não foi possível encontrar um texto regional típico. Para o Valais e para o Vale de Aosta não pôde recolher nem uma linha em franco-provençal.

Explica-nos o autor como está organizada a sua colectânea e como se justificam as escassas emendas que introduz, baseadas quando possível em confronto com os manuscritos.

A antologia tem especial interesse não só por se tratar de textos dificilmente acessíveis como pelo cuidadoso critério do organizador que os distribuiu segundo as regiões de origem e, para cada uma, os ordenou cronologicamente. Teria sido conveniente registar no índice essa agrupação geográfica e talvez a cronológica. Os textos 1-5 provêm do Forez, 6-11 do Lyonnais, 12-15 do Viennois e Dauphiné, 16-22 da Saboia, 23-29 da Bresse e do Pays de Gez, 30-42 da Suíça Romanda. Cada texto é precedido de uma pequena introdução em que se indicam: a edição de onde foi extractado o texto (ou o manuscrito, no caso de dois textos publicados pela primeira vez, págs. 119 e 125), outras edições e bibliografia; quando se trata de extractos de obras de carácter literário faz-se delas um breve resumo. Nestas pequenas introduções se apontam também as correcções feitas nos textos.

Completa a antologia um glossário de quatro páginas e meia (duas colunas) que para cada palavra registada aponta a classe gramatical e o significado.

MARIA ADELAIDE VALLE CINTRA

I. S. Révah, **Recherches sur les Oeuvres de Gil Vicente**, tome I: édition critique du premier «Auto das Barcas», Lisbonne — 1951, XI + 185 págs.

No prólogo da *Copilaçam* de 1562, endereçado a D. Sebastião, declarou Luís Vicente que não se limitara a «empremir» as peças vicentinas, mas tomara ainda a seu cargo «o trabalho de as apurar». O prof. Queiroz Veloso, a propósito, perguntou: «Até onde iria este *apuro*?» A esta «pergunta crucial», como lhe chama Révah, responde da maneira mais decisiva o 1.º vol. das *Recherches sur les Oeuvres de Gil Vicente*, 1.º vol. também da *Bibliothèque du Centre d'Histoire du Théâtre Portugais*. A resposta consiste no minucioso e arguto confronto de duas versões do primeiro *Auto das Barcas*: a do texto de 1517 ou 18, impresso avulso por ordem de Gil Vicente e descoberto em 1909 por M. Pidal na Bibl. Nacional de Madrid, e a do texto da *Copilaçam* (1). Em conjunto, os resultados a que chega Révah não sofrem, a meu ver, contestação. Luís Vicente deve ter utilizado a folha volante da Bibl. de Madrid ou «outra edição mecânicamente derivada dela» (p. 121). Modificou-a e mutilou-a em larga medida, o que não podemos atribuir à censura inquisitorial de 1562, como pretendia Teófilo, pois o *Auto da Feira*, a *Romagem de Agravados* e até a carta dirigida a D. João III em 1531 figuram na *Copilaçam* e, além disso, o Index de 1564 não proíbe qualquer dos autos vicentinos, quer dizer, segundo Révah, as peças condenadas foram amnistiadas entre Março de 1561 e 12 de Setembro de 1562 (p. 9). Só, portanto, os preconceitos cortesãos e o petulante mau gosto de Luís Vicente, a quem decerto desagradavam certas irregularidades e audácias da obra do pai, são responsáveis pelas mais importantes ofensas ao texto da edição *princeps*, base, como fica provado agora, duma edição verdadeiramente crítica. E todo o texto da *Copilaçam*, incluindo as didascálias e a divisão dos autos em *obras de devaçam*, *comédias*, *tragicomédias*, *farsas* e *obras miúdas*, merece cautelosa desconfiança.

O cap. III, *Comparaison des deux textes du premier «Auto das Barcas»*, é, pois, o capítulo fundamental. Aí se ocupa o A. do problema da data e circunstâncias da representação, rejeitando as «precisões históricas» da *Copilaçam* e situando a peça em fins de 1517; do título e do «argumento» do auto (o batel do purgatório e as três cenas ou a chamada «trilogia das barcas» são invenções de Luís Vicente em desacordo com o texto autêntico do primeiro «Auto das Barcas» e mesmo com os textos do segundo e terceiro autos na *Copilaçam*); das indicações cénicas da ed. *princeps* que Luís Vicente cortou ou modificou estupidamente, suprimindo importantes pormenores visuais e transformando os «quatro cavaleiros câtado os quaes trazê cada hũ a cruz de Christo» em «quatro cavaleiros da ordem de Christo»; da versificação (medida dos versos e rimas), muitas vezes alterada para pior na *Copilaçam*, de modo só explicável por intervenção de pessoa não integrada na estética vicentina; da língua (parágrafo valioso para a história do português, porquanto acentua importantes diferenças entre o estádio de 1517 ou 18 e o estádio de 1562, a que Luís Vicente

(1) O primeiro texto foi editado em 1946 por Charles David Ley, sob o título *Auto da Barca do Inferno*, e por Paulo Quintela, sob o título *Auto de Moralidade da Embarcação do Inferno*.

não raro sujeitou o texto da ed. *princeps*); do estilo, alterado segundo tendências que Révah julga peculiares de Luís Vicente: as tendências para a cacofonia, para a repetição de palavras ou ideias e para o exagero aritmético; e finalmente do sentido do auto, porque até aí parece evidente o desrespeito do editor da *Copilaçam*: na folha volante, diz o Anjo ao Fidalgo (vv. 98-101):

Vos yres mais espaçoso
com tumosa senhoria
cuydando na tirania
do pobre pouo queyxoso...

Ora a *Copilaçam* traz, no mesmo lugar:

Ireis la mais espaçoso
vos e vossa senhoria
contando da tirania
de que ereis tam curioso...

Luís Vicente achou demasiado arrojada essa alusão às queixas do povo tiranizado! Do mesmo modo, quando o Diabo pergunta ao Frade dissoluto se, lá no convento, não lhe «punham la grosa», o Frade responde, na ed. *princeps*: «E elles fazem outro tanto!» (v. 383); e na ed. de 1562: «Assy fuy bem açoutado».

As Conclusões formuladas por Révah a pp. 118-120 e a pp. 124-125, perfeitamente ajustadas à análise das duas versões do primeiro *Auto das Barcas*, representam um passo decisivo na marcha dos estudos vicentinos. É o confronto dessas duas versões que dá força à argumentação da Introdução Geral. *La valeur de la «Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente»*, só por si, em alguns pontos, um tanto frágil ou demasiado peremptória. O criador do *Auto da Alma* escreveu no prefácio destinado à *Copilaçam* e dirigido a D. João III: «Finalmente que por escusar estas batalhas e por outros respeytos, estava sem proposito de emprimir minhas obras se V. A. mo nam mandara, nam por serem dinas de tam esclarecida lembrança, mas V. A. averia respeyto a serem muytas dellas de devaçam, e a serviço de Deos enderençadas, e nam quis que se perdessem, como quer que cousa virtuosa por pequena que seja nam lhe fica por fazer: por cujo serviço trabalhey a copilaçam dellas com muyta pena de minha velhice e gloria de minha vontade...» Révah deduz: «Il importe d'indiquer que le poète ne pensait qu'à une *compilation* de ses œuvres. Le mot *copilaçam* ne souffre aucune équivoque. Si donc nous trouvons des divergences entre le texte des feuilles volantes et celui de l'édition de 1562, nous devons, *a priori*, attribuer les modifications aux éditeurs et non à Gil Vicente» (p. 12). Mas se Gil Vicente, ao compilar, modificasse aqui ou ali o texto dos seus autos, necessariamente havia de declará-lo nesse prefácio? Não podia passá-lo em silêncio, até para não sugerir confrontos com as primeiras versões?

«E porque sua tençam era que se emprissem suas obras (informa por seu turno Luís Vicente), escreveo per sua mão e ajuntou em hum livro muyto grande parte dellas, e ajuntara todas se a morte o nam consumira. A este livro ajuntey as mais obras que faltavam e de que pude ter noticia». Segundo Révah, *muyto grande* liga-se provavelmente a *livro*, devendo assim pôr-se de remissa a interpretação de Óscar de Pratt (p. 14). Ora o argumento de O. de Pratt nada perdeu da sua força persuasiva: «Lido desprevenidamente, pode realmente inferir-se

deste passo que o livro referido deveria ser o tal *grande cartapácio* de que fala D. Carolina Michaëlis. Mas que conveniência encontraria Luís Vicente em notar a anormalidade das dimensões do livro, só para dizer que seu pai nele reunira uma parte das suas obras?» (*Gil Vicente*, p. 127). Se o sentido fosse o que supõe Révah, seria de esperar outra organização da frase: «ajuntou parte dellas em hum livro muyto grande...» E se as *obras meudas* estavam escassamente representadas no tal livro, isso pode significar que o autor tivesse deixado a sua recolha para o fim. Será mais razoável pôr em dúvida a sinceridade de Luís Vicente que torcer a interpretação literal das suas palavras. Em suma, a meu ver, é muito afirmar dizer que Gil Vicente em nada alterou o texto dos seus autos, ao reuni-los, e que deixou aos filhos uma colectânea *muito incompleta* (incompleta, sabemos nós que foi). Por outro lado, também não é lícito assegurar o contrário. Não estou longe, aliás, da opinião de Pratt, perfilhada por Révah, acerca dos retoques que Gil Vicente teria feito aos seus autos: tais retoques não revelam «nenhum propósito de apuramento das formas literárias. O que houve algumas vezes da parte do poeta foi o desejo de *actualizar* ou variar o interesse de certas peças, em representações que se seguiram à primeira...» (obra cit., p. 94). Mas estes são aspectos secundários do problema e o que importa, repito, é sublinhar que Luís Vicente, como Révah demonstrou, é certamente responsável por um *apuro* muito infeliz das obras do pai⁽²⁾.

Quanto à ed. crítica do primeiro *Auto das Barcas*, permito-me observar o seguinte:

P. 131, v. 73: Révah usa a grafia *sam* (1.^a p. do s. do pres. do ind. do verbo *ser*). Não seria mais coerente grafar *são*, de acordo com Fernando Oliveira (cf. p. 95), uma vez que *tam* se transcreve *tão* (v. 384)?

P. 135, v. 191: «nam me leixaram, nem tanto». O onzeneiro deve indicar a ponta dum dedo para significar uma quantidade mínima. Sendo assim, a vírgula está a mais.

P. 137, vv. 243 e 244: falta acentuar *vós*.

P. 139, v. 311: «Mandaram viir assi...» A *Copilaçam* emenda: «Mandarâme vir assi», versão que julgo preferível. Révah desdobra *vyr*, da ed. *princeps*, em *viir*, com duas sílabas. Na p. 145, vv. 473 e 431, conserva igualmente *viir* sob a forma *viir*, ficando assim com 7 sílabas o primeiro destes versos, mas com 8, logo irregular, o segundo⁽³⁾. Na p. 93 Révah alude à pronúncia bissilábica, chegando, em nota (p. 171), a escrever: «*viir*. Sans doute prononcé *vi-ir*». É assaz estranho, dada a irregularidade da métrica vicentina (reconhecida pelo A., que, a pp. 84-85, integra Gil Vicente na tradição popular de versificação irregular estudada por Ureña), e perante o pouco que sabemos da pronúncia portuguesa do séc. XVI, que Révah não se mostre aqui mais prudente. A tendência para contrair vogais em hiato (cf. Huber) é muito antiga. Já na 2.^a metade do séc. XIV a própria grafia o atesta, em formas como *quentura*, *mestre*, etc. (cf. Ruth Domincovich, *Portuguese Orthography to 1500*, Philadelphia, 1948, p. 71). «Les contractions — ensina Jules Cornu — sont déjà achevées dans le *Cancioneiro*

(2) Merecia comentário a substituição do v. 777 da ed. *princeps* do primeiro *Auto das Barcas* («muy lindos, feitos de cera» a caracterizar «latins») pois é dos mais flagrantes sintomas da escassa sensibilidade estética do ed. da *Copilaçam* (cf. Révah, p. 103).

(3) Admitindo que *viir*, na ed. de 1517 ou 18, tinha duas sílabas, o v. 481 devia figurar na lista dos versos melhorados por Luís Vicente (p. 86).

Geral, dont la langue en ce point se distingue peu du portugais moderne. Il reste il est vrai d'assez nombreux exemples de graphies anciennes où les voyelles sont écrites deux fois, mais aa, ee, oo peuvent aussi marquer le son ouvert» (*Cancioneiro Geral — Phonologie syntactique et mesure des mots*, sep. de *Romania*, t. XII, 1883, p. 55). «*Empeeçer* de quatre syllabes — acrescenta na p. 56 — serait contraire à l'usage de l'époque».

P. 150, v. 629: corrija-se: «Oh! renego da viagem!»

P. 152, v. 679: «lá estão bem fregados». Ora a ed. *princeps* traz *freguados*; a *Copilaçam* (cuja indicações, em certos pontos, não serão para desprezar, pois Luís Vicente sempre estava mais próximo de Gil Vicente que nós...), *fragaodos*. Portanto, não será *fregoados* a melhor forma, com fechamento do a num e mudo? O contexto confirma o sentido de *tragoar*: «Atormentar como o fogo e o malho ao ferro na forja» (Moraes, 9.^a ed.) A forma que proponho (com o inconveniente, é certo, de não ter ainda abonação em textos literários) permite contar 7 sílabas no verso, que Révah não anotou⁽¹⁾.

P. 155, v. 768: corrija-se: «que os que morrem como fiz».

P. 158, v. 855: corrija-se: «Ó cavaleiros de Deos».

P. 178: conviria reproduzir em notas aos vv. 754 e 824 o que anteriormente (pp. 115-117) o A. escreveu sobre Garcia Moniz e *Frei Babriel*.

Aproveito o ensejo para sumariar a intensa actividade de Révah nos últimos três anos, no âmbito dos estudos vicentinos. Em Maio de 1948 proferiu na Academia das Ciências de Lisboa duas lições, publicadas em 49 sob o título *Deux «autos» de Gil Vicente restitués à leur auteur*, em que descreveu duas peças anónimas conservadas na Biblioteca Nacional, *Obra da Geraçam Humana* e *Auto de Deus Padre e Justiça e Misericórdia*, expondo as razões de vária ordem que o levaram a reivindicar para Gil Vicente as duas peças (editadas por Révah, ainda em 48, sob o título *Deux «autos» méconnus de Gil Vicente*). Em 1949, no opúsculo *Les sermons de Gil Vicente (en marge d'un opuscule du Professeur Joaquim de Carvalho)*, versou o problema da cultura do poeta, corroborando o ponto de vista de D. Carolina e concluindo pela necessidade de procurar as fontes da obra vicentina «dans le folklore, les traditions populaires, la littérature de l'ensemble de la Péninsule, et dans l'infinité de thèmes et d'idées que la liturgie, la prédication et l'iconographie médiévales mettaient à la portée de tout artiste, pour ne pas dire de tout fidèle» (p. 44). Em 1950, por iniciativa de Révah, iniciou a sua publicação bianual o *Bulletin d'Histoire du Théâtre Portugais*. Aí o A. inseriu: no t. I, n.º 1, *La source de la «Obra da Geraçam Humana» et de l'«Auto da Alma»* (G. V. ter-se-ia inspirado na versão castelhana da *Vita Christi* de Ludolfo de Saxe, pondo em cena, no *Auto da Alma*, «a aplicação moral do comentário alegórico da parábola do Samaritano» e, na *Obra da Geraçam Humana*, «a aplicação escatológica»; deste modo ficaria ainda mais consolidada a hipótese da unidade de autor). No t. I, n.º 2: *Gil Vicente a-t-il été le fondateur du théâtre portugais?* (resposta afirmativa). No t. II, n.º 1, de 1951: *La «Comédia» dans l'œuvre de Gil Vicente*, onde o A. se ocupa «da génese das diferentes formas da comédia vicentina», explicando o seu primitivismo técnico pelo lugar que tinha nos divertimentos cortesãos e atribuindo a Luís Vicente o uso da designação *tragi-comédia*.

JACINTO DO PRADO COELHO

(1) Mais um verso que falta na lista de versos melhorados por Luís Vicente, se admitirmos *fregar* = *fregar*.

Antonio Tovar, Estudios sobre las primitivas lenguas hispánicas. Buenos Aires, 1949.

Este volume, de cerca de 250 pgs., é constituído por uma reedição de vários trabalhos recentes publicados em diversas revistas, todos à volta do tema geral que serve de título ao livro, além da dedicatória «A Don Ramón Menéndez Pidal», do *Prólogo*, de *Adiciones* e de Índices.

Apesar da desigualdade dos trabalhos e de algumas repetições, os assuntos tratados formam um conjunto bastante coerente e de grande interesse, digno de cuidadosa leitura e estudo.

«Durante los últimos años — escribe o Prof. Tovar no *Prólogo* — he dedicado muy especialmente mi atención a este tema» (quer dizer, à «apasionante tarea del estudio lingüístico de los materiales que nos quedan [...] de los antiguos pueblos de España»), «y se me hacía necesario reunir revisados trabajos dispersos, que bien se ve obedecen a unidad».

«Y a dos puntos de gran interés quería referirme en esta página de introducción» — diz ainda.

«Es el primero el de señalar a los romanistas que el comúnmente llamado «sustrato ibérico» es un tópico erróneo». O que temos é uma «diversidad lingüística» e, assim, a «contraposición de una Hispania indoeuropeizada y una Hispania ibero-tartesia [...] es fundamental».

«El segundo es que de intento hemos eliminado la expresión «ibérico» con valor geográfico general para la Península entera»... «Preferimos [...] el adjetivo «hispánico»...

O primeiro artigo — intitulado *Los signos silábicos ibéricos y las permutaciones del vascuence* — ocupa apenas umas quatro escassas páginas. Nele nota que o facto de o alfabeto ibérico, decifrado pelo grande arqueólogo e epigrafista espanhol Manuel Gómez-Moreno, não distinguir entre oclusivas surdas e sonoras (pois representa cada par pelo mesmo ou mesmos sinais — v. infra) não constituirá um defeito, como pode parecer, mas «una admirable perfección, si para el sujeto parlante resultara determinada por la posición la calidad sorda o sonora de la consonante oclusiva de la sílaba»...

«Quien conoce el vascuence sabe que existe un fenómeno que Azkue y otros gramáticos llaman «permutación», gracias al cual una sorda puede convertirse en sonora, y al contrario, según la posición inicial o final de palabra o la consonante precedente en posición interior». Coisa semelhante se passaria em ibérico, «obedeciendo a unas leyes fonéticas que en el genio de la lengua tenían su raíz y que no dejarían duda para quien la sintiera como nativa e propia.»

O segundo trabalho — *Las inscripciones ibéricas y la lengua de los celtiberos* —, pelo contrário, é bastante extenso.

Começando por dizer que não conseguiu decifrar textos ibéricos das terras do Levante, como era sua ambição, o A. continua logo: «En cambio, las inscripciones en letras ibéricas procedentes de Celtiberia me han permitido recoger algunos resultados acerca de la lengua de los celtiberos y en algún caso señalar restos lingüísticos indoeuropeos más viejos que los celtas: de ilirios, ambrones, ligures, o como quiera llamarse a esa mezclada invasión de gentes «arias» que decidieron las características predominantemente europeas de nuestra historia.»

Depois de aludir às recentes opiniões sobre «las invasiones indoeuropeas en nuestra Península» [por ex., à de J. Pokorny, que distingue «una primera invasión, de ilirios, y dos de celtas, la primera goidélica (*qwe^h-que), y la segunda de celtas de tipo britónico (*qwe^h-pe)»] e de apresentar umas «Notas a algunas cuestiones de escrita ibérica», entra propriamente no assunto deste capítulo.

«Mérito de Gómez-Moreno — escreve — es haber establecido con toda claridad [...] que el alfabeto ibérico servió a pueblos de diferentes lenguas» ou, seja, a «celtiberos, arévacos, pelendones y tormogos: los más de ellos célticos».

Em abono desta opinião o Prof. Tovar recolhe (e estuda) grande número de palavras tiradas de inscrições em caracteres ibéricos, palavras que, pelas suas desinências (pela sua provável declinação) lhe parecem indo-europeias. Alista-as por temas [«tema en -o», «tema en -i (y -yi)», «tema en consonante» «tema en -i» e «tema en -u»], ordenando-as segundo os prováveis casos, e procura, por fim, determinar as raízes de algumas (*araticos*, *arecorafa* ou *areicoraticos*, *conterbia*, *cuellicoc*, *deiuoreigis*, *gortica*, *ledaisania*, *lutiacos*, *segobirices*, etc.), não sem previamente ter observado: «Menos clara que la formación de palabras está en general su raíz, por lo que hemos de suponer por de pronto, y a reserva de mejores estudios, que muchas de ellas son más antiguas que los sufijos y las desinencias con que las hallamos incorporadas a una lengua (...) de claros rasgos indoeuropeos.»

Segue-se um pequeno capítulo em que estuda o «Ibérico eban 'pedra'», que aparece em lápides ibéricas, bem como a forma *ebanen*. Pelo método «combinatório» e pelo «comparativo» (este referido às linguas camitas e semitas, além do vasco), o Prof. Tovar chega à conclusão de que a palavra significa 'pedra' e não «filiación o relación entre personas». A segunda forma possui um elemento possessivo -*en*, estudado principalmente no capítulo VI: *Una explicación del sufijo vasco -en*. Este sufixo vasco-ibérico é claramente relacionado com as linguas camitas do norte de África (berbere, líbico, egípcio antigo...), de onde provirá por intermédio do ibero. «En conclusión: en -*en* tenemos un rasgo camítico que aparece caracterizando al ibero y que en el vasco se nos muestra como una huella más de ese remoto pasado occidental»...

Sobre el vasco y el celta é o título do capítulo IV, de que damos a seguir as principais ideias.

«El aspecto enigmático del vascuense proviene en primer lugar de que es una lengua de caracteres genuinos y especiales, que no se puede relacionar en conjunto con ninguna otra»...

Embora não indo-europeu (ao contrário do que alguns chegaram a pensar, como Castro Guisasaola e E. Philippon), contém muitas palavras desta origem (celtas, pré-celtas, latinas, românicas...), intimamente incorporadas na língua. O A. trata aqui especialmente das que entraram devido ao contacto com povos «celtas y, antes de ellos, elementos mezclados que podemos llamar preceltas», vindos à Península por Roncesvales e pelo vale do rio Aragão. Além do potamónimo *Deva* e dos topónimos *Berdún* e *Navardún* (cf. cat. *Bessalú*), temos: *ogei* 'vinte' (cf. galês *ugoint*, *ugain*, corn. *uğens*, *uğans*, bret. *uğent*, ant. irl. *fiche* — lat. *uiginti*); (*h*)*artz* 'urso' (cp. gales *arth*, irl. *art* — gr. *ἄρτις*, lat. *ursus*, etc.); *tegi* 'coberto' (?) (irl. *tech* ou *teg* — lat. *tego*, etc.); *iratze* (irl. *raith*,

raithneach, galês *rhedyn*, gaulês *ratis* — lit. [*pa*]partis, etc.); *landa* (cp. celta, germânico, etc.); *kai* 'porto' (cf. galês *cae*, ant. irl. *cae*, fr. *quai*); *izoki(n)* 'salmão' (galês *ehauwc*, eog. corn. *ehoc*, bret. *eheuc*, *ehoc*, irl. *eo*, genit. *iach* — lat. *esox*); *gori*, *lur*, *larru*, *bezu*, *sen(h)ar*, *mando*, *gezi*, *andere*, *adar*, etc.

O capítulo seguinte trata de *Etimología de 'vascos'*. Em moedas de «una ceca de ignorada situación» aparecem em caracteres ibéricos, as palavras *barscunes* e *bascunes*. «Indiscutiblemente, y sea cual sea el punto geográfico donde se acuñaran las monedas con estas leyendas, es evidente que en ellas tenemos no sólo la mención más antigua del nombre de los vascos, sino justamente en la variante *barscunes* la forma más primitiva alcanzable».

Começando por chamar a atenção para a desinência *-es* (um sufixo *-cun-* ou *-kon-* «es lo más problemático»), o A. considera a palavra de origem indo-europeia e relaciona-a com a raiz **bhars*, que se encontra no lat. *fastigium* 'altura' < **farstigiūm*.

«La raíz que supone el nombre de los *barscunes*, **bhars-*, se encuentra en muchos dialectos indoeuropeos (Walde-Pokorny, II, p. 131): lat. *fastigium* 'altura' y *fastus* 'orgullo, altanería', ai. *bhr. tis* 'punta, esquina, cumbre'; en celta la raíz está abundantemente representada, y tenemos ir. *barr* 'cumbre, punta [...], penacho', etc. Os «ejemplos recogidos son suficientes para atestiguar el sentido general de 'alto', el derivado de 'altura, punta' y el traslaticio de 'orgullosos'».

«Cualquiera de estos sentidos pudo tener el nombre *barscunes*, que de sus vecinos indoeuropeos tomó un grupo de vascos» e depois se estendeu a todos (cf. *alemaes*, *gregos*...).

O sétimo trabalho intitula-se *Sobre la fijación de las invasiones indoeuropeas en España* e nele começa por dizer: «Desde el punto de vista de la lingüística cabe señalar una serie de áreas que cubren todo el centro y noroeste de España [melhor, 'Hispania']. Atendiendo a principios metodológicos diferentes, y todavía atreviéndonos apenas a una ordenación cronológica, podemos establecer tres zonas, que deben corresponder a otras tantas invasiones o pueblos distintos.»

O estabelecimento destas três zonas de povos indo-europeus baseia-se, como critério, em certos elementos das inscrições, que são: para a zona do noroeste, a referência a *centúrias*; para a zona do centro e norte, a referência a *gentilidades* ou *gentes* (*gens*); e para a outra zona, situada na parte centro-oriental da área, as palavras com desinências indo-europeias existentes nas inscrições em caracteres ibéricos (a chamada declinação celtibérica).

Para cada uma das primeiras zonas (mas começando pela das *gentilidades*) cita várias inscrições dispostas por ordem alfabética da palavra que serve de critério distintivo (referida a *gentilidade* ou a *centúria*). Cada zona é acompanhada dum mapa da Península onde se localizam as inscrições.

«El objeto de este trabajo — acentua o Prof. Tovar — es el de contribuir a la fijación del área total de la zona de lenguas indoeuropeas en nuestra Península, con algún criterio para la distribución de las diferentes capas de pueblos».

«Galaicos en especial parecen los portadores del sistema de centurias; en el extremo oriental de la meseta, y por las sierras de Teruel, Berones, Celtiberos, Olcades, Arevacos deben haber dejado huellas de una lengua céltica de tipo

goidélico; entre uno y otro grupo, los Astures, Cántabros, Vettones, Carpetanos y seguramente Pelendones, se caracterizan por los gentilicios. En ellos veo la señal más clara para definir a los indoeuropeos preceltas (ilirios, ligures, o como quiera llamarselos).» E termina: «La anulación de la personalidad de todos estos pueblos del centro y noroeste por la durísima conquista romana hace imposible tal vez una investigación de detalle»...

O capítulo seguinte — *Ueber das Keltiberische und die anderen alten Sprachen Spaniens* — representa principalmente uma síntese, em alemão, de assuntos a que já fizemos referência (Hisp. ibérica e celt., ibérico *eban* e palavras de declinação celtibérica), apresentando, a propósito, o seguinte quadro dos caracteres ibéricos, decifrados por Gómez-Moreno:

pp, ka, na, ha, t u.
At, q, r, s, p, o, n, m, u,
vv, u, n, u, s, i, m, s,
f, ba, r, bi, * * ba, o, bu,
x, da, ta, o, o, o, te, de, p, ti, di,
u, fa, a, a, a, da, tu,
aa, a, a, a, a, a, a, a, a, a,
x, ga, ca, o, o, cu, gu.

Como se vê, os caracteres ibéricos são em parte estritamente alfabéticos (simples) e em parte silábicos e não estabelecem distinção entre oclusivas surdas e sonoras.

A primeira letra (com duas formas) da 3.^a linha parece corresponder a uma nasal (*m* ou *n*) que se vocalizou (lenição) em *u*. Representa-se geralmente por *u* (*m* invertido).

La sonorización y caída de las intervocálicas y los estratos indoeuropeos en Hispania é o assunto do capítulo IX. Segundo Tovar: «Concretamente, la sonorización y caída en las lenguas románicas de Hispania obedece a un hecho de sustrato, y además de sustrato occidental ligado a los demás territorios precisamente «célticos» de la Romania, entendiendo célticos en un amplio sentido, dando por incluído bajo ese nombre también el elemento precelta que constituyó la primera penetración en el occidente de Europa de indoeuropeos todavía en la edad del bronce». Dadas estas ideias, critica vivamente os romanistas (Grammont, Meyer-Lübke, etc.), dizendo por exemplo: «Por razones de método científico, que obliga a trabajar dentro de una especialidad sin salirse de ella, los romanistas han preferido en general explicar como resultante de espontáneos fenómenos fisiológicos la sonorización de las sordas o su caída en ciertas posi-

ciones; [...] la explicación de la espontaneidad de sonorización y caída no dice nada. Como dice Bonfante, que la «intervocalic position CAUSES voicing» resulta una tautología»; «A nuestro juicio, ha sido el miedo a las explicaciones a base del sustrato lo que ha impedido de ver claro aquí. El veto expreso de Meyer-Lübke sobre um aspecto de la cuestión [...] pesa todavía sobre W. von Wartburg, que niega resueltamente la importancia del sustrato celta para la sonorización»...

Em oposição, Tovar afirma: «Sin entrar ahora en el estudio de la cuestión fuera de España, en los restos celtas antiguos, nos bastará considerar precisamente la coincidencia en nuestra Península del fenómeno de sonorización y caída de intervocálicas en nombres prerromanos, con las zonas indoeuropeizadas, tal como las hemos fijado en otro lugar, y con la geografía del fenómeno románico según la circunscribe Menéndez Pidal, para ver probada la insuficiencia metódica antes apuntada». A seguir estuda vários casos de sonorização e queda em palavras latinas ou pré-latinas (começando em *imudavit*, *Ambada*, *Ambadus*, etc. e acabando em *lebra*, *eglesia* e *reguiescat*), que marca num mapa para melhor se notarem as correspondências indicadas, e conclui: «Queda, pues, como característico de la Romania occidental el fenómeno de la sonorización y caída de intervocálicas que estudiamos. Precisamente que falte en absoluto en la España del sur y del este (por eso entre los mozárabes se daba menos), en la España que podemos resueltamente calificar de no indoeuropea, es una contraprueba segura.»

«Una simple ojeada a nuestro mapa explicará la razón última de los hechos observados por Menéndez Pidal, *Orígenes del español* p. 263: «en los documentos de León [y también en territorio galaico português, cfr. *ibid.*, p. 248] se manifiesta un máximo de sonorización de consonantes sordas: en los de Castilla aparece un término medio, y en los de Aragón un mínimo»...

Dada a importância especial dos assuntos deste capítulo e a maneira talvez demasiado simplificada e expedita como estão tratados, a eles voltaremos mais adiante.

Sobre la estirpe de Séneca (Cap. X) faz também o Prof. Tovar algumas considerações baseadas na provável origem celta (ou ilíria) do nome (ou sobre-nome) *Seneca*, na terra de naturalidade (Córdova) e nome de família *Annaeus*, que parece ilírio ou etrusco.

A propósito del vasc. *mando* y *beltz*, y los nombres de *Indibil* y *Mandonio* é a epígrafe do cap. XI em que o Prof. Tovar analisa os nomes dos dois chefes ilergetes (não «ilergetes»). O nome *Mandónio* é relacionado, desde Humboldt, com o vasco *mando* 'muilo / mula, fêmea estéril', por seu turno importado do indo-europeu (ilírio ou celta), com vários e mais ou menos extensos representantes de forma *mandu-*, *mannu-* e *manzu-* (< *mando* / *mandyo*)... *Indibil* (lat. *Indibilis*, gr. Ἰνδὶβήλης, Ἰνδὶβήλης, e talvez ib. *Atabels* ou *Adabels*, lusit. *Antubelus*) parece constituído por um elemento vasco-ibérico *-bels* ou *-beles* 'preto', de provável origem africana, e por outro considerado indo-europeu (celta), **nde-*, que talvez represente um prefixo superlativo.

«Los nombres de *Indibil* y *Mandonio* — acrescenta Tovar — nos permiten echar una ojeada sobre la constitución étnica de los ilergetes, que si bien aparece como una tribu «ibérica», acusan en los nombres de sus dos famosos cau-

dillos la presencia de elementos celtas, combinados tan íntimamente con los iberos»...

El bronce de Luzaga y las téseras de hospitalidad latinas y celtibéricas serve de título a um trabalho (o 12.º) em que o A., baseado na interpretação de várias téseras de hospitalidade, em caracteres ibéricos e latinos, procura fazer uma tradução (para latim) da inscrição do bronze de Luçaga, em caracteres ibéricos, considerada celtibérica.

Segue-se o estudo *Sobre los nombres de divinidades del oeste peninsular* (cap. XIII), que se pode ler no volume anterior deste *Boletim* (correspondente a *Miscelânea à memória de F. A. Coelho*, II, 1950), onde foi inicialmente publicado por A. Tovar num trabalho de colaboração com Joaquín M.^a de Navascués.

Finalmente *Pré-Indoeuropeans, pre-Celts and Celts in the Hispanic Peninsula* (cap. XIV) corresponde a um artigo escrito para *Journal of Celtic Studies* (I, 1949), que começa: «In the last few years our knowledge of the ancient tongues of the Hispanic Peninsula has progressed considerably. This great advance [...] was made possible, first, by the acceptance of M. Gómez-Moreno's deciphering of the «Iberian» characters [...], and, second, by the recognition of his view that the Celtiberian adopted for their tongue the system of writing current among the Iberians.»

A seguir sistematiza: ... «Spain is divided into two areas linguistically opposed. One, of course complexed, but deeply indo-europeanized, embraces all the northwest of the Peninsula, down to the Tajo and, at Mérida [...], down to the Guadiana»... E mais adiante completa: «Non-Indoeuropean Spain may now be defined by contrast and negation: it covered, namely, the Mediterranean coast, the middle valley of the Ebro, Aragón, Navarra, the Basque provinces, the Baetica, and Portugal south of the Tejo», tudo resumido num mapa.

Por fim volta a tratar da declinação celtibérica.

Como se vê, este livro do Prof. Tovar, em que principalmente se procuram desvendar alguns mistérios das primitivas línguas da Península, representa realmente uma obra de grande interesse, com assuntos bastante actualizados. Dá-se, porém, o caso de o capítulo que seria para nós duma importância muito especial ser precisamente o mais discutível nas suas afirmações. Referimo-nos ao cap. IX — *La sonorización y caída de las intervocálicas y los estratos indoeuropeos en Hispania* — em que, como vimos, se pretendem explicar estes fenómenos por influência dum substrato céltico.

Sem compromissos prévios de qualquer espécie, começámos a sua leitura com a esperança de encontrarmos ali, realmente, uma explicação desta natureza mais ou menos fundamentada, mas não foi preciso muito para nos convencermos do contrário. Dada a firmeza com que o Prof. Tovar critica vários romanistas e a confiança posta na sua tese, convém fazer algumas observações a este respeito, ainda que sucintas.

Como vimos, o A. pretende dar, não uma simples explicação, mas uma explicação verdadeiramente *causal* dos fenómenos de abrandamento e queda de consoantes intervocálicas (especialmente dos romances peninsulares), recorrendo a um substrato ocidental céltico... Fácil será, porém, reconhecer que esta «causa»

(abstraindo mesmo do facto de se tratar, não propriamente de uma causa-origem de fenómenos, mas duma simples causa-transmissão), além de não ter características suficientemente definidas ou individualizadas, estaria muito longe de apresentar intensidade e extensão proporcionadas aos efeitos.

Certamente por o celta não ter, na nossa Península, uma extensão e unidade ou uniformidade que o tornassem capaz de provocar, sequer em princípio formal, fenómenos tão extensos e regulares como estes da sonorização e queda das intervocálicas, o Prof. Tovar pretende estender o qualificativo de «céltico», conforme se viu acima, também ao elemento pré-celta, aos indo-europeus que penetraram no ocidente «ainda na idade do bronze». Esta extensão do adj. *céltico*, além de sumamente abusiva, sem propriedade nem consagração, muito de estranhar em quem condena o emprego de *ibérico* no sentido de *hispânico* (sentido, aliás, legítimo e clássico — cp. *grego*, *português*, *alemão*, etc.) ⁽¹⁾, nem por isso trazia mais precisão e individualidade ao suposto substrato-causa. Pelo contrário, tornava-o formalmente mais complexo, impreciso e vago, sumamente irregular e heterogêneo na constituição, no tempo e no espaço, e, portanto, ainda com menos condições para determinar naturalmente fenómenos bastante regulares e gerais...

Trata-se, afinal, dum substrato com imprecisão nas características, falta de propriedade na designação específica e nenhuma evidência nos supostos efeitos, conforme também se verá.

Para se reconhecer a impropriedade, o emprego abusivo, de «céltico» basta notar-se que *pré-celta*, além da anterioridade, implica claramente o sentido de 'não celta' (conquanto indo-europeu), como *pré-romano* ou *pré-latino* implicam as ideias de 'não romano' ou 'não latino'... Melhor seria, portanto, chamar-lhe sempre apenas *substrato indo-europeu*, ainda que isso não aumentasse em nada as suas condições de sistema realmente actuante. É certo que, relacionar aberrantemente a propriedade evolutiva com a condição geral de indo-europeu, seria atribuí-la também implicitamente (talvez com certa razão) ao próprio latim (>lat. vulg.) e, assim, voltar à posição inicial, anulando todo o esforço da tese...

O material fonético-lexical do Prof. Tovar, além de não ser essencialmente diferente do que já se conhecia (cfr. Carnoy, *Le lat. d'Espagne*), também não permite ir mais longe. Sendo impossível tratar aqui de cada exemplo em particular, faremos esta apreciação de conjunto: os casos de sonorização em palavras de substrato, à parte outras dúvidas, parecem ser, pelo menos em grande parte, meramente gráficos (a alternativa surda / sonora lembra a falta de distinção dos caracteres ibéricos), sendo muito problemático falar, a sério, de «abrandamentos» ou de «ultracorreções» (algumas das sonorizações citadas nem sequer são intervocálicas: *Ambada* < *Ambacta*, *Argaila* < *Arcailo*, *Toudopalandaigae* < **teut ū-*, etc.); os casos de sonorização em palavras latinas (estas em posição intervocálica),

(1) Na verdade, não há fundadas razões para condenar «ibérico» com valor geográfico geral. A extensão de significado, além de clássica, deu-se por motivos perfeitamente naturais e normais. Dúvidas pode oferecer, sim, o seu emprego linguístico em acepção lata («substrato ibérico», «ibero-românico», etc.), mas, afinal, até nesse sentido se pode justificar. Além da propriedade que lhe advém já do sentido geográfico, note-se que o românico peninsular ou assenta directamente sobre um extenso substrato ibérico (ibero-tartéssio, turdetano-turdulo, vasco, etc.) ou provém dum latim que se pode considerar iberizado (visto propagar-se daquela extensa área ibero-tartéssia, inicial e profundamente latinizada)...

a que se podem juntar os de palavras latinizadas de documentação tardia, esses podem muito bem representar uma tendência do próprio latim (pelo menos não são de influência «céltica», visto que quase todos os exemplos latinos são de área ibero-tartéssia ou necessariamente iberizada, dado o sentido da romanização — *imudavit*, *iuventudis*, *lebra*, *eglesia* e *reguescat*); por seu turno, os casos de queda de intervocálicas não têm absolutamente nada de característico (os mais certos referem-se a -g- e a -v- [-w- ou -b-]): encontram-se em toda a România, ocidental e oriental...

O material confirma, pois, a imprecisão do vago e heterogêneo substrato (além das incertezas na relação surda / sonora e das sonoras não intervocálicas, há exemplos com fenómenos contraditórios — surda e sonora ou surda e queda —, como *Lahoparniomego*, *Bandueca[da]go*, *Ceceagis*, *Ambaicus* : *Ambaticus*, etc.) e também já mostra que a tal causa, além do mais, não seria, de modo nenhum, proporcionada aos efeitos (quer de sonorização quer de queda). Mesmo os exemplos certos podem representar simples coincidência de fenómenos, que não verdadeiras ou necessárias relações de causas e efeitos...

À parte a França e o norte da Itália, o vago, complexo e abusivo substrato «céltico», na Península, é formalmente limitado ao centro, ao norte e ao noroeste (com predomínio nesta zona), e, no entanto, os fenómenos que pretende explicar são muitíssimo mais extensos: a sonorização estende-se, afinal, a toda a Península Ibérica, de substrato indo-europeu e não indo-europeu (salvo às Vascongadas e aos Pirenéus, embora os celtas tenham passado precisamente por aqui) (2); encontra-se também em muitos pontos da Itália central e meridional, não falta em vários pontos da Córsega (onde, como diz Menéndez Pidal, não houve celtas), observa-se em quase toda a Sardenha (salvo no nordeste) e aparece em alguns pontos da Sicília (ver representantes de *acūcula*, *formica*, *ficūtum*, *rota*, **patrinu*, *aprilis*, etc.). A queda das intervocálicas essa então é ainda muito mais extensa: na verdade, como dissemos, a queda de -g- e -v- encontra-se em toda a România, tanto ocidental como oriental, com exemplos desde o próprio latim (ver representantes de *ego*, *regina*, *magistru-*, *triginta*, *rivus*, *ae[vi]tate-*, *lavilla*, etc., além de *medulla*, *foedus*, etc.).

Dadas estas extensas discordâncias (além das incertezas e imprecisões do substrato peninsular), verifica-se, pois, que não há (que não pode haver) verdadeira relação de causa e efeito entre o tal substrato ocidental dos territórios célticos e os fenómenos de sonorização e queda latino-românicos que pretende explicar.

Nota-se, quando muito, certa coincidência em alguns fenómenos, coincidência que, por exemplo, nas Gálias, mercê da especial uniformidade do seu substrato e da rápida conquista romana, talvez tenham redundado em reforço evolutivo. Muito diferentes são, porém, as condições da Península, haja ou não

(2) Ao contrário do que afirma o Prof. Tovar, o sul e o leste da Península também sonorizavam. «En realidad — como escreve Mestre Menéndez Pidal —, la sonorización existía en el Sur ya desde los siglos II al VII, como se ve por los citados ejemplos *imudavit*, *lebra*, *pontivificatus*, *iuventudis*, *eglesia*»... (*Orígenes*, § 46.,). Os exemplos moçárabes (*agwa*, *águila*, *biedos*, *barbuda*, *pulido*, *dorada*, *sogro*, *madeja* ou *madecha*, etc., etc.), para mais, conservados em obras árabes, que tinham tendência para ensurdecer as próprias sonoras etimológicas (cp. *Körtoba*, *Çarakozta*, etc.), são disso prova bastante. Por outro lado, o catalão também sonoriza, apesar de relacionado com o aragonês, que, em parte, conserva as surdas intervocálicas.

algumas coincidências evolutivas nos exemplos citados... Como se sabe, nesta a romanização foi lenta, profunda, a partir duma extensa área ibero-tartéssia, romanização que certamente continuou intensa (em parte até à frente da conquista) através das restantes áreas mais ou menos heterogêneas... Só o extremo nordeste resistiu. Depois desta lenta e sistemática romanização e latinização chegaram os propagandistas do cristianismo (mesmo que as primeiras notícias sejam lendárias ou anacrônicas), que completaram ou intensificaram a obra (especialmente no noroeste, de latinização mais recente), levando insistentemente, com a doutrinação, o latim a todos os indivíduos...

Podemos dar uma curiosa e importante prova indirecta da inanidade ou irrelevância do tal substrato «céltico» na Península, reportando-nos até especialmente ao noroeste (à zona das centúrias)...

O que há de mais característico no romance desta zona (no galego-português), quanto à evolução de consoantes, é a perda do *l* e do *n* simples e intervocálicos (não acompanhados de iode).

Ora, nenhuma palavra de substrato citada por Tovar apresenta estes fenómenos (vejam-se, por exemplo, as diversas formas de *Magilo* e *Matugenus*); em francês, de substrato tipicamente céltico, os fenómenos também se não verificam, pelo menos simultaneamente (há apenas alguns casos, restritos, de queda do *-l-*). Pelo contrário, existem áreas românicas sem sombras de substrato celta onde esses fenómenos se observam conjuntamente com bastante regularidade: são a Sardenha meridional (sudeste) e o nordeste da Sicília (esporadicamente também em alguns pontos do sul da Itália), áreas que têm afinidades especiais com os romances peninsulares, especialmente com o galego-português. Atentemos principalmente na Sardenha (embora na Sicília se dêem fenómenos inteiramente paralelos — portanto, distintos dos verificados no norte da Itália). Com efeito, aí encontramos, no campidanês, no sudoeste da ilha, a queda (ou vocalização) do *-l-* e a queda do *-n-* com bastante regularidade. Sirvam de exemplos as seguintes palavras, tiradas do *Atlas Linguístico Ítalo-Suíço*: *mó* (*mówa*, *mó*, Sicília *móa* — mapa 253); *coar* (*kowai* — mapa 1201); *feijão* (*faxó*, *vazóu* < *phaseolu* — carta 1380); *escada* (*skawa* — carta 872); *moinho* (*moiu*, *muíu* — mapa 252); *areia* (*arêa* — 418); *fêmea* (*têmia*, *vêmia* — 1078); *rã* (*arrãa* — 453); *espinha* (*spîa* — 527, 563); *linho* (*liu* — 1494); *bom*, *boa* (*bôu*, *bôa* — 710, etc.); *um*, *uma* < *ûa* (*ûu*, *ûa* — 284, etc.); etc. (além de *cru*, *niu* 'ninho', etc.). Como se vê, as formas *moiu* e *muíu* (na Sicília *muíu* ou *mwíu*) contêm até simultaneamente os dois fenómenos e correspondem precisamente à fase prévia do port. *moinho* (pron. *muínhu*) < *mol nu*.

Como dissemos, também na Sardenha se encontra a sonorização das oclusivas surdas intervocálicas (sem prejuízo doutras sonorizações especiais) e em grande extensão: além dos exemplos dados acima, vejam-se *espiga*, *lágrima*, *nabo* (aliás, *raba*, it. *rapa*), *seda*, *agradar*, *rosa* (*roza*), etc., etc. Ora, a concordância destes fenómenos não se pode levar à conta de simples coincidências fortuitas. Como se sabe, as correspondências entre estas áreas (sul da Itália, Sardenha e parte da Sicília) e os romances peninsulares, especialmente o galego-português, são não só fonéticas, mas também lexicais e até sintácticas... Além das sonorizações e das síncopes assinaladas, podemos notar: *-u* (em vez de *-o* fonético), nasalização das vogais, inclusive *i* (*î*) e *u* (*û*), metáfonias, palavras (ou expressões) como *feio*, *manhã* (sardo *mandzanu*, *manganu*, *manghãu* < **maneanu*-), *lado*,

soro, ladrilho, mesa, apertar, preto, querer, tio, veiga, a pontapés, cheirar mal, figo lampo (*figu de lâmpadas*), etc.

Está bem de ver (perante as incertezas do material, a imprecisão e heterogeneidade do suposto substrato e a extensão dos fenómenos, que se encontram mesmo fora de todas as influências célticas) que o tal substrato céltico, quer em sentido próprio, quer em sentido amplo (abusivo), não foi essencial à evolução do latim peninsular ou à formação dos respectivos romances. Quer dizer, se não foi inteiramente dominado pela latinização, foi, pelo menos, tornado irrelevante, talvez em parte devido à «anulación de la personalidad de todos estos pueblos del centro y noroeste por la durísima conquista romana», como escreve o próprio Prof. Tovar, no fim do cap. VII.

As analogias entre a nossa Península e a Sardenha, pelo menos no que respeita às surdas e às sonoras intervocálicas, são ainda mais amplas. É que, sob este aspecto, podemos dividir uma e outra em três ou quatro zonas que, de certo modo, se correspondem bastante bem: uma de conservação das surdas intervocálicas, em íntima relação ainda com outra que nem sequer palataliza o *c* seguido de *e* ou *i* (os Pirenéus e as Vascongadas, na Península, e o nordeste ou norte da ilha, na Sardenha); outra que sonoriza as surdas intervocálicas, mas conserva o *-l-* e o *-n-* (a maior parte da nossa Península, desde o catalão até ao leonês, e a maior parte da Sardenha, desde o noroeste até ao sudeste); e finalmente outra, que não só sonoriza as surdas intervocálicas como também perde regularmente o *l* e o *n* simples e intervocálicos (a zona do galego-português, na Península, e parte do campidanês, no sudoeste da Sardenha)...

E, como a Sardenha não tem substrato céltico (mas ibero-mediterrâneo...), torna-se fácil concluir que nenhum dos fenómenos latino-românicos apontados pelo Prof. Tovar se pode considerar verdadeiramente (com segurança ou mesmo simples probabilidade) «un echo de sustrato, y además de sustrato occidental ligado a los demás territorios precisamente «célticos» de la Romania».

Já se deixa ver também que a parte final do capítulo IX (a tirada de *Orígenes del Español*, de Menéndez Pidal), se está certa como simples descrição cronológico-geográfica de fenómenos, não o pode estar como explicação causal... Influências, averiguadas, de substratos peninsulares podem-se considerar as do vasco (que é conservador) — cfr. *Orígenes*, §§ 41, 46, etc.

A mais activa sonorização do noroeste deve explicar-se, portanto, principalmente, por um lado, pelo maior afastamento deste substrato conservador e, por outro, pela separação precoce do Império Romano (desde o princípio do século V, com a fundação do reino suevo), pondo mais cedo em liberdade, por se quebrarem desde logo todos os freios disciplinadores do latim romano oficial, as tendências evolutivas do correspondente lat. vulgar...

JOSÉ INÊS LOURO

TOMO XII - Fascículo 3/4

1951

Mars Cariociecus

Leite de Vasconcellos en su monumental obra *Religiões da Lusitania* (II, p. 306) recoge un importante exvoto hallado en Tuy y dedicado al dios de la guerra (Corpus Inscr. Lat. II, 5612). Se designa a la divinidad con nombre romano, Marte, pero se le da un epíteto indígena: Marti Cariociecus, epíteto que el insigne autor cree legítimo suponer sea el nombre de un dios local, y como la inscripción no es bien clara, concibe dudas sobre la genuina forma de esa palabra; sospecha que cario pudiera estar por corio, que en céltico tiene la significación de «cuerpo de tropas» (Holder, *Alt-celt. Sprachschatz*, I 1126), idea que convendría perfectamente al nombre de un dios de la guerra.

La explicación es ingeniosa y atractiva. Pero mejor sería si evitásemos la corrección propuesta, toda vez que en la copia de la inscripción no indica duda ninguna respecto a la sílaba inicial Ca-.

La parte final del epíteto está declarada por Leite de Vasconcellos en forma indudable: hay, dice, otros muchos nombres de dioses lusitánicos terminados en -ecus. En efecto, se trata de un sufijo -ecus que no es más que una variante de -aecus, muy arraigado en el Noroeste de la Península Ibérica, no solo para nombres de dioses (Cantunaecus, Vagodonnaegus), sino para hombres (Melgaecus, Ambaicus), para ciudades (Sallaecus, Lamaecum, el *Lamego* actual), y para tribus y gentes (Arro-nidaeci, Callaeci los *Gallegos* de hoy). Es un sufijo muy conocido de todos, tanto en portugués como en español, para formar adjetivos: *palaciego*, *esperiega* de áspera, *veraniego*, port. *ninhego*, esp. *niego* derivados respectivamente de *ninho*, *nío*, 'nido', aplicado

al halcón recién sacado del nido; y estos adjetivos luego se sustantivan: *borrego*, *labrego*, *labriego*. La variante antigua *-ecus* que se ve en *Cariociecus* y en otras divinidades estudiadas por Leite (*Vasecus*, *Bandiaepolosegus*), se continuó también en las lenguas romances de la Península, como se manifiesta en la falta de diptongo *ie* de algunos nombres toponímicos en territorio de diptongación, por ejemplo *Buznegu* en Villaviciosa de Asturias, *Cazalegas* en Toledo, *Yudegu* y *Ortega* en Burgos, este último derivado del latín *horta*. Las formas con diptongo predominan: *Olloniego*, *Sariego* en Oviedo, *Caniego* en Burgos, etc., etc. Para las formas antiguas con sonora *g* al lado de las que ofrecen la sorda *c*, véase Antonio Tovar. *Estudios sobre las primitivas lenguas hispánicas*, Buenos Aires 1949, pág. 137.

Tenemos pues que *Cariocieco* debe tener el valor originario de un adjetivo. Nos falta encontrar el sustantivo de donde deriva.

Modernamente se ha comenzado a fijar la atención hacia una base prerromana *cario*, a la que hay que asignar el significado de 'piedra, peña' en vista de los topónimos en que se la encuentra ⁽¹⁾. Uno de estos topónimos, no estudiado aun, es *carioca*. Lleva un sufijo muy usual en la España primitiva: *Sambroca* de Tolomeo, *Eliocroca* en el Itinerario de Antonino, etc., etc., sufijo reflejado en varios nombres de lugar modernos como *Cioga* en Coimbra, *Iruega* en Logroño, que en documento del año 924 tiene la forma *Eiroca* ⁽²⁾; *Lituego* en Zaragoza, etc. El nombre que ahora nos interesa aparece escrito *Karioca* en el año 956, *Carioga* en 974 ⁽³⁾, *Karioga* en 922 ⁽⁴⁾, como nombre de un territorio o mandación, y es el que modernamente se refleja en varios topónimos: *Queiroga*

(1) Véase V. Calestani en el *Giorn. Stor. Letter. della Liguria* 1932, p. 14 s.; y Meyer Lübke, *Romanisches etymol. Wörterbuch*, 1935, num. 1696 a.

(2) Moret *Anales de Navarra* tomo IX, p. 188; *España Sagrada*, XXXIII, 1781, p. 467.

(3) *España Sagrada*, XVI, 1762, p. 441 y 443.

(4) *España Sagrada*, XIV, 1786, p. 381.

Coruña, *Quiroga* Lugo, Orense, repetido con las variantes *Queiruga* en Coruña y *Queiriga* en Viseu.

Este nombre, tan difundido en la antigua Gallecia, es el sustantivo que mediante la adición del sufijo *-eco* se adjetiva; *Mars Cariociecus* es pues el Marte de Carioca, de esa región que después se llamó *Queiroga Quiroga*.

El estudio de la toponimia esclarecerá el nombre de las divinidades más de lo que se piensa. Como las ninfas y los lares, también los dioses mayores recibían nombre local. En otro lugar he explicado las ninfas *Varcilenae* en una inscripción de Arganda (CIL, II 3067) por el topónimo *Varciles* que se conserva en aquella tierra, y el de *Marti Tileno* en un exvoto de Leon, por el monte *Teleno*, vecino al lugar donde la inscripción fué encontrada⁽²⁾. En los nombres muy largos entrarán varios componentes, uno de los cuales puede ser nombre de lugar. Así *Aegimunniaegus* de una inscripción de Orense (Religiões II p. 342) deja ver como segundo elemento *Munn* conocido como nombre de mujer lusitana *Munna*, pero que también entra en la formación de nombres de lugar muy extendidos: en Galicia *Muñis*, *Muñeiz*; en Portugal *Muna*, *Moniz*; *Muñez* en Avila, *Munioz* en Vizcaya, *Muñao* en Guipuzcoa. La *i* que en la inscripción de Orense precede al sufijo *-aegus* es la misma que se halla en *Cariociecus*.

R. MENÉNDEZ PIDAL

(2) *Emerita*, IX, 1941, p. 3 y 10-11.



Aspectos de toponimia española ⁽¹⁾

A D. Ramón Menéndez Pidal
en el cumplimiento de sus 80 años.

Es mi intención dar con este trabajo una iniciación al estudio científico de los nombres geográficos de España ⁽²⁾.

Desde tiempos inmemorables podemos notar el deseo de penetrar en los secretos que para el hombre presentan los nombres geográficos. Ya los Griegos y los Latinos mostraron mucha sagacidad en la interpretación etimológica de los nombres de ciudades, de ríos y de montes. En la antigua Hispania esta ciencia tuvo uno de sus más célebres representantes en la persona de San Isidoro. La erudición enciclopédica de sus *Etimologías* no excluía los nombres geográficos.

Más tarde, en los siglos de la Edad Media, la etimología geográfica se señala por la enorme superficialidad y prevalecer ciertos prejuicios. Fué practicada por aficionados que con capricho histórico y con fecunda imaginación hicieron los mayores esfuerzos para dar a un pueblo los más remotos e ilustres orígenes. La mitología griega suministra leyendas fabulosas. En estas eruditas especulaciones no faltan los patriarcas del Antiguo Testamento ni se olvidó tomar en cuenta para la repoblación del mundo a la misma familia de Noé.

(1) Me he servido como fuentes de materiales para estos estudios de las obras siguientes: Pascual Madoz, *Diccionario geográfico-estadístico-histórico* (Madrid 1848) y *Diccionario corográfico de España*, publicado por el Instituto Nacional de Estadística (Madrid 1948).

(2) Falta para España sobre la toponimia un trabajo de conjunto, comparable a las obras de Auguste Longnon, Hermann Gröhler, Auguste Vincent, Albert Dauzat y Charles Rostaing para la toponimia francesa. — Sobre los trabajos hasta 1933 véase la reseña de Georg Sachs, *Die Ortsnamenforschung auf der Pyrenäenhalbinsel* en *Zeitschrift fuer Ortsnamenforschung*, tomo X, 1934, págs. 279-293. — En este trabajo me limito a los nombres geográficos de España dando referencias a la toponimia de Portugal solo en algunos casos que merecen un interés particular.

Desde el siglo XVI con especial predilección se buscan las etimologías en el caldeo y el hebreo por creerse estos idiomas los primitivos de España ⁽³⁾.

Siguen predominando estas tendencias pseudo-científicas en pleno siglo XIX ⁽⁴⁾. Orientalistas y anticuarios, geógrafos e historiadores rivalizan en excogitar etimologías hebraicas, interpretando *Córdoba* 'ciudad buena' (*Carta + toba*), *Tarragona* 'fortaleza robusta', *Toledo* 'madre de los pueblos', *Lerida* (Ilerda) 'castillo pavoroso', *Segovia* 'lugar de reposo', *Huesca* 'ciudad tenebrosa'. Son excusables tales inclinaciones en la España del 1850, por la ignorancia completa de los métodos de la etimología histórica. Solo a fines del siglo pasado la técnica filológica moderna consiguió imponerse también en España. En Cataluña José Balari con sus 'Orígenes históricos de Cataluña' (1899) abre el camino a la toponimia histórica. La fundación del 'Centro de Estudios Históricos' (1907) creó una nueva atmósfera científica. En las obras admirables de Menéndez Pidal, a partir de su estudio sobre el dialecto leonés (1906), el análisis científico de los nombres de lugar sigue el más metódico rigor, resultando muy provechoso para la iluminación de los orígenes del español ⁽⁵⁾. En Portugal se inicia el estudio científico en este campo con los trabajos de Joaquim da Silveira desde el año 1913 (*Revista Lusitana*, vol. 16). Fuera de la península el interés científico que se vuelve a los nombres de lugar, toma pronto la proporción de una nueva ciencia: la Toponimia. En Alemania en 1925 se funda una revista especial dedicada exclusivamente a los estudios toponímicos: *Zeitschrift fuer Ortsnamenforschung*. En 1938 se celebra en París el primer congreso de toponimia con gran afluencia de especialistas de todo el mundo. Importantes trabajos se presentan en 1948 en la primera Reunión de Toponimia Pirenaica en Zaragoza ⁽⁶⁾. España dispone hoy de un

⁽³⁾ En el 'Tesoro de la lengua española' de Covarrubias se da la explicación siguiente de Salamanca: 'puede ser nombre hebreo, de *salern* = *pacem habere*'; de Toledo: 'según la opinión de muchos fué población de hebreos, y en su lengua la llamaron *toledoth* = naciones'.

⁽⁴⁾ Citamos p. e. el Diccionario estadístico y geográfico de Miguel Cortés y López (1836).

⁽⁵⁾ Ocupa la toponimia un puesto importante al servicio de la historia de la lengua española también en la *Iniciación al estudio de la historia de la lengua española* de Jaime Oliver Asín (1939) y en la *Historia de la lengua española* de Rafael Lapesa (1942), 2.^a ed. 1950.

⁽⁶⁾ Véase *Actas de la primera reunión de toponimia pirenaica* (Zaragoza 1949).

grupo nutrido de estudiosos que con celo admirable se apasionan por la interpretación de los nombres geográficos (7).

En los nombres geográficos se reflejan todas las épocas de la historia de un país. — Antes de la fundación de las más antiguas ciudades de la península ya existían sus montes y sus ríos. Para los primeros pueblos que se establecieron en la península, las grandes llanuras y los cursos de los ríos fueron de mayor importancia y de más fácil acceso que los montes impenetrables. Podemos pues concluir que los nombres de los ríos tienen que pertenecer a los tiempos más antiguos en la historia del hombre peninsular. Hasta los últimos años poco se ha hecho en España para el esclarecimiento de los nombres de los ríos (8). Es la materia más ardua para el estudioso de toponimia. La mayor parte de estos nombres parece substraerse a toda tentativa de interpretación. Nos encontramos frente a radicales que no tienen eco en ninguna lengua conocida: *Duero, Tajo, Miño, Arba, Argá, Deva, Deza, Esla, Neila, Ibia, Navia, Pernia, Cueva, Huecha, Huerva*. Algunos radicales se repiten. Tenemos *Pisueña* y *Pisuerga*, *Isuela* e *Isábena*, *Magaña* y *Magasca*, *Ibia* e *Ibor*. Se repiten también algunas terminaciones: *Daroca* y *Jiloca*, *Arganza* y *Arlanza*, *Pigüena* y *Pisueña*, *Arnoya* y *Voltoya* (8.^a). Con particular frecuencia se presenta en los nombres de los ríos la desinencia *-ón*:

(7) Sobre las investigaciones toponímicas en Portugal véase la bibliografía en la obra de Hermann Lautensach, *Bibliografía geográfica de Portugal* (Lisboa 1948), pág. 153-157. — Señalamos también del mismo autor la inteligente iniciación al estudio de la toponimia portuguesa *Die portugiesischen Ortsnamen in Volkstum und Kultur der Romanen*, tomo 6, 1933, pág. 136-165. Un nuevo impulso fué dado a estas investigaciones por los trabajos valiosos de J. M. Piel: *Os nomes germânicos na toponímia portuguesa* (Boletim de Filologia, tomo II sgg., 1933 sgg., estudios recogidos en dos tomos independientes: Lisboa 1937 y 1945), *As águas na toponímia galego-portuguesa* (Bol. de Filol. 8, 1948, pág. 305-342), *Nomes de 'possessores' latino-cristãos na toponímia asturo-galego-portuguesa* (Coimbra 1948), *Os nomes dos santos tradicionais hispânicos na toponímia peninsular* (Biblos, vol. 25 sgg.).

(8) De los últimos años podemos citar el estudio de José Manuel González, *Abia: nombre de corrientes fluviales en la península ibérica* (en: *Revista de Letras*, Oviedo, tomo XI, 1950, pág. 91-111). — De valor muy discutible es el trabajo de M. de Montoliu, *Els noms de rius i els noms fluvials en la toponímia catalana* (*Butll. de Dial. cat.*, tomo 10, 1922, pág. 1-33).

(8^a) Para la relación entre *Argá* y *Arganza* y otros casos (*Ala*: *Alantia*, *Alba*: *Albantia*, *Vara*: *Varantia*) véase H. Krahe, *Sprachverwandtschaft im alten Europa* (Heidelberg, 1951), pág. 17.

Alagón, Aragón, Asón, Carrión, Chillarón, Comejón, Duratón, Jalón, Marrón, Nalón, Nervión, Rudrón, Tirón, Torcón.

Hay radicales que permiten la comparación con ríos fuera de la península. El río *Limia* (en Portugal *Lima*) me parece inseparable del río *Lima* de Toscana. Recuerdan el río *Támesis* de Inglaterra los ríos de España *Tamoga*, *Tamuja*, *Tamurejo*, *Tambre* y el río *Tamega* de Portugal⁽⁹⁾. El río *Argentona* de Cataluña tiene su correspondiente en el *Argenton* de Francia. El río *Sorga* de Galicia se repite en la *Sorgue* de Provenza, el río *Arba* (Zaragoza) en el *Arve* afluente del Ródano, el *Nervión* en el *Nervia* de Liguria, el río *Ésera* (Huesca) en el río *Esaro* de Calabria. El río *Isarilla* (Santander) tiene sus afinidades en el río *Isère* (Francia) y *Isar* (Baviera). El *Arnegó* y el *Arnoya* de Galicia hacen pensar en el *Arno* de Italia. El radical de los ríos *Duero*, *Duruelo* y *Duratón* reaparece en las varias *Doras* del Piamonte. El río *Ara* (Huesca) recuerda los ríos *Aar* (Alemania, Suiza), *Aare* (Suiza). El radical del río *Miño* se repite en el río *Mignone* de Italia (Lacio), como el río *Marrón* (Santander) deja entrever una analogía con el río *Marro* de Calabria. El nombre del río *Garona* de Gascuña se encuentra en nombres de pequeños ríos del Pirineo español. También *Arán* es nombre de ríos o valles en ambos lados del Pirineo⁽¹⁰⁾.

Es conocido que los antiguos dieron culto a los ríos, viendo en ellos dioses o animales sagrados. Se llama *Ciervos* un río en la provincia de Zamora que se forma de dos arroyos. Un *cervulus* latino sobrevive en el río *Cervol* de Castellón de la Plana. En Andalucía hay: *Cabra*, *Ciervo*, *Yeguas*, *Jabalón*, *Cavallón*; en Murcia: *Mula*; en Avila: *Berraco*; en Castilla la Nueva: *Cabrilla* y *Cuervo*; en Santander: *Culebro*; en Teruel: *Cabriel* 'cabrito' (<capre-lus). El río *Lupus*, atestiguado en tiempos antiguos, por influencia de los árabes se transformó en *Guadalúpe* (Cáceres).

Entre los nombres geográficos que se refieren a poblaciones, podemos distinguir los de toponimia mayor y los de toponimia menor. Pertenecen a la toponimia mayor los nombres de capitales, de ciudades y de villas; pertenecen a la toponimia menor los de lugares, aldeas y caseríos. Los del grupo primero tienen más antigüedad;

(9) Confróntese también el río *Támmaro* en Italia (prov. de Benevento) y el río *Tamaron* en Borgoña. Véase M. Foerster, *Der Flussname Themse* (München 1941).

(10) G. Rohlf, *Le Gascon: Etudes de philologie pyrénéenne* (Halle 1935), pág. 12.

los del grupo segundo son de época más reciente. Los unos, las más veces, son de interpretación difícil y de origen obscuro; los otros, por lo común, son de etimología fácil. En general estos nombres traen su origen de las características del sitio, del suelo, de las condiciones corográficas, de la vegetación, del clima.

Son nombres muy comunes *Monteayudo*, *Montecalvo*, *Montecorto*, *Montefrío*, *Montefuerte*, *Montelurado*, *Montelongo*, *Montemayor*, *Montenegro*, *Monterrubio*, *Montouto*, *Montroig*, *Montserrat*, *Montecelo* en Galicia ('montecillo'), *Montarrón*, *Montillón*, *Montejo*, *Montón*. Entran en la terminología de la montaña también *Cerrillo*, *Cerrazo*, *Cerrodo*, *Lomo*, *Lombo*, *Loma*, *Lomba*, *Lomada*, *Lombillo*, *Lomilla*, *Mambla* (mammula), *Copa*, *Copo* (and. copo 'cima'), *Coca* (gall. coca 'craneo'), *Con* (gall. con 'peñasco'), *Congosto* ('desfiladero entre montañas'), *Cogollo* (< cucullus 'cima'), *Petón* en Galicia (gall. petón 'cumbre') *Topo* en Tenerife (can. topo 'cerro'), *El Cejo* (cilium), *Comba*, *Coma*, *Peñón*, *Peñorra*, *Peñueco*, *Peñueía*.

Pertenecen a la terminología del agua: *Aguarón*, *Aguasal*, *Aguatón*, *Aguaza*, *Aigüaireda* (Catal.), *Augaslongas* (Lugo), *Aiguamurcia* (Catal.). Aluden a confluencia de dos ríos los frecuentes nombres *Entrambasaguas*, *Trambasaguas*, *Entrambosrios*, *Enterrios*, *Ambasaguas*, *Aguasmestas* (aquas mixtas) en Lugo, *Entrambas-mestas* en Santander, *Las Mestas* en Oviedo. Tiene el mismo sentido también *Horcajo* (Andalucía, Castilla). Es muy escaso el tipo neolatino confluente⁽¹¹⁾. Conozco en la península de este tipo solo cuatro representantes: *Conflent* en la diócesis de Urgell (Meyer-Lübke, Buttl. de dial. cat. XI, 23), *Cofrentes* en el sitio donde el río Cabriel se une al río Júcar en la provincia de Valencia, *Confrentes* (arroyo) en la provincia de Badajoz y *Complentes* en Portugal (pobl. de Magrellos) en un sitio, donde un arroyo confluye con el Dóuro⁽¹²⁾. Pertenecen a la terminología hidronímica también *Hervencias* (Avila), *Fervenza* (Gal.), *Fervencedo* (Gal.), *Fervença* (Port.), *Her-*

(11) Confróntese en Francia *Conflans*, *Conflens*, *Confolens*, *Contoulens*, *Couflens*, *Couffoulens* (H. Gröhler, *Französische Ortsnamen*, tomo II, pág. 219), en Italia *Confiente* (Lombardía) y *Conflenti* (Calabria). Sobrevive también confluencia, p. e. en *Confienza* (Italia), *Coblence* (Suiza), *Koblentz* (Alemania).

(12) Este ejemplo de una supervivencia de confluente en Portugal ha escapado a J. M. Piel, *As águas na toponímia galego-portuguesa* (Bol. de Fil. 8, 1948, 330 y sigs.).

vedosas (Gal.), *Hervederas* (Oviedo), *Fervedoira* (Gal.), *Hervededo* (León), *Fervoir* (Gal.), *Firvida* (Port.): nombres que se relacionan a la espumadura ('hervor') del agua en los saltos de los ríos⁽¹³⁾. Nombres que se refieren a los hoyos profundos en los ríos son *Caldera* (Cordova), *Calderón* (Cuenca), *Caldero* (Ov.), *Calders* (Catal.), *Calderuela* (Soria), *Olla* (Ov.), *Ola* (Port.), *Dorna* (Gal.), *Duerna* (Ov.)⁽¹⁴⁾.

No faltan en estas terminologías casos de antropomorfismo, p. e. *Los tres Hermanos* monte en Navarra, *Dos Hermanas* río en Navarra que trae su origen de dos manantiales, los montes del Pirineo aragonés *Las tres Sorores*, *Las Tres Sorellas*, *Peña Donas*, *Dos Hermanas* sierra en la provincia de Badajoz, dividida en dos cerros, *Muller muerta* (aldea, prov. de Huesca), *Cuerpo de Hombre*, río en la prov. de Salamanca, río *Fraile* (Valencia), *Madre*, arroyo en la provincia de Granada.

De particular frecuencia son los lugares que toman su nombre de un árbol, un arbusto, una mata que pueblan un sitio determinado. Sirven de desinencia para la formación del nombre de lugar: -al, -ar, -ada, -edo, -ido, -eda, -era (-eira), -ero (eiro), -osa, -oso. Damos unos ejemplos de nombres derivados del *fresno* y del *helecho*:

- 1) *Fresneda*, *Fresnedo*, *Fresnera*, *Fresnosa*, *Freixedo*, *Freijido*, *Freixeiro*, *Freijeiro*, *Freijoso*, *Freijal*, *Fregenal*, *Frejeneda*, *Frechinal*, *Freixanet*, *Freixinet*, *Fregenite* (Granada), *Freixeneda*, *Freijendo*⁽¹⁵⁾.
- 2) *Helechal*, *Helechar*, *Helechosa*, *Felechares*, *Felechosa*, *Fieiteira*, *Fieitosa*, *Fieitoso*, *Fental* (Minho fento 'helecho'), *Fenteira*, *Fentosa*, *Fianteira*, *Felgosa*, *Felguerosa*, *Felgueira*, *Helguera*, *Helguero*, *Filgueira*, *Filgueiroa*, *Fulgueira*, *Folgoso*, *Folgosinho*, *Folgueira*, *Folgueirosa*, *Folguerúa*.

⁽¹³⁾ Véase Leite de Vasconcellos, *Opúsculos* III, 14 y J. M. Piel, *Bol. de Fil.* 8, 1948, pág. 333.

⁽¹⁴⁾ Confróntese cast. *duerna*, gall. *dorna* 'artesa'. Véase J. M. Piel, *Bol. de Fil.* 8, 1948, pág. 334. En Portugal hay *Dorna* y *Dornas* (muy frecuente).

⁽¹⁵⁾ Esta última forma, que es de Galicia, se explica por una fase anterior **freijêdo* < *freijêdo*. Tenemos la misma evolución en *Castendo* (Port.) y *Castenda* (Galicia) < *castãeda* < *castaneta*; (confróntese el port. *jimbro* (zimbro) 'enebro' < *jẽimbro* < *jeniperu*).

Sufijo limitado a Galicia es *-as* (*-azo*), p. e. *Fabás*, *Feás* ('henar'), *Frechazo* ('fresnedo'), *Carballás* ('robleado'), *Carpazás* ('sitio poblado de jaras')⁽¹⁶⁾. No es extraordinario el enlace de dos sufijos: *Robledal*, *Fresnedal*, *Escobedal*, *Omedal*, *Povedal*, *Cerezaledo*, *Espinaredo* (Ov.), *Cerqueiral*, *Fresnedoso*. En las Vascongadas tienen la función de colectivo los sufijos *-aga*⁽¹⁷⁾ y *-eta*, p. e. *Madariaga* (*madari* 'peral silvestre'), *Astígarra* (*astigar* 'tilo'), *Urquiaga* (*urki* 'abedul'), *Gastanaga* (*gastain* 'castaña'), *Lizarraga* (*lizarr* 'fresno'), *Astigarreta*, *Arteta* (*arte* 'encina')⁽¹⁸⁾.

La interpretación de un topónimo no siempre es tan fácil como en los ejemplos aducidos hasta aquí. Hay trampas para burlar. *Pan-corvo*, villa de Burgos, no tiene nada que hacer con un 'pan corvo', sino que es deformación por etimología popular de *Pontecorvo*. Es etimología popular también *Navalquejido* (Madrid) cuya forma original suena *Navalquexigo* ('nava del quejigo')⁽¹⁹⁾. *Murillo el Fruto* (Navarra) es alteración de la forma antigua *Murello freito* (fractum)⁽²⁰⁾. De un antiguo *Saoto Nobale* (a. 965) < saltu novale ha nacido el nombre del municipio *Sandoval* en la prov. de Burgos⁽²¹⁾. El nombre del municipio *Terroba* (Logroño) todavía en el siglo XIX sonaba *Torroba* (*Turris-alba*). El lugar *Llafranch* (Gerona) tuvo pronunciación más antigua *Lloch-franch*. *Sagra morta*, nombre de un caserío en la diócesis de Urguél, en el siglo IX fué *Socra mortua*⁽²²⁾.

Es pues indispensable conocer, si es posible, las formas atestiguadas en los documentos antiguos. *Servillas* (Santander) se encuentra en documentos del siglo XI en la forma de *Silbellas*. *Cifuen-*

(16) En esta función la desinencia latina *-aceus* se encuentra también en los dialectos pirenaicos de Gascuña, p. e. *pinatasso* 'bosque de pinos', *jur-douasso* 'sitio poblado de frambuesas' (*jurdoun*), *heasso* 'prado' (*fenace*). Héas, véase G. Rohlfs en *Revue de linguistique rom.* 7, 1931, pág. 136.

(17) El sufijo vascuence *-aga* en sentido colectivo se encuentra también en el cast. *izaga* 'lugar donde hay muchos juncos', palabra de origen vasco.

(18) Al vasco *Arteta* corresponde en zona ya romanizada *Artieda* (Zaragoza), no lejos de la frontera vasco-romance. — La desinencia *-eta* en vascuence es de importación latina.

(19) Véase Menéndez Pidal, *Manual de gramática histórica esp.*, 6.ª ed., pág. 193.

(20) Véase Menéndez Pidal, *Orígenes del español*, 3.ª ed., 1950, pág. 81.

(21) Ib., pág. 101.

(22) Meyer-Lubke, *Buttl. de dial. catal.*, tomo 11, 1923, pág. 24.

tes (León) proviene de un *Cent fontes* (a. 1055) ⁽²³⁾. *Riaño* (León) por la forma *Riangulo* (a. 940) se nos descubre como 'ángulo de río' ⁽²⁴⁾. *Ampudia* (Palencia) pierde su enigma, conociéndose la forma *Fonte Pudedá* del año 938 ⁽²⁵⁾. De *Sahagún* (León) la geografía de Edrisi nos da la forma anterior *Santaqun*, quiere decir Sanctus Facundus. Por *Eibedo* (Lugo) en un documento del año 747 está atestiguada la forma *Oliveto* ⁽²⁶⁾. *Represa* (León) en documentos medievales es *Rivi pressa* ⁽²⁷⁾. El *Monte Cebrero* (Galicia) en el Liber Sancti Jacobi se llama *Mons Februarius*, lo que corresponde muy bien al *Munt Fabrayr* de Edrisi ⁽²⁸⁾. El nombre del municipio *Enviny* (Lérida) en el siglo IX se encuentra en la forma *In vicinio* ⁽²⁹⁾.

No es raro que la forma dialectal o popular de un nombre de lugar pueda dar indicios preciosos. El lugar *Uldemolins* en la provincia de Tarragona vulgarmente se pronuncia *Vuitdemolins*, que corresponde muy bien a *Octo Molinos* de documentos medievales ⁽³⁰⁾. El nombre del lugar *Buesa* (Huesca), conociéndose la pronunciación dialectal *Guaso* ⁽³¹⁾, permite la identificación con otros nombres geográficos de Aragón (*Guaso*, *Guasa*, *Guasillo*) que más fácilmente revelan la etimología: el celtico *gortia* 'seto' ⁽³²⁾. Para la etimología de *Eriste* (Huesca) y de *Isil* (Lérida) hay que tener presente las formas dialectales modernas *Grist* y *Gil*.

Ya que los topónimos provienen de todos los tiempos, son testimonios preciosos para aclarar la historia de épocas y de siglos pasados. Es manifiestamente la más arcaica la nomenclatura del Norte de la península. En el centro y el sur de España la larga dominación musulmana dió a la onomástica del país un nuevo aspecto.

⁽²³⁾ Menéndez Pidal, *Orígenes*, pág. 192.

⁽²⁴⁾ Ib., pág. 316.

⁽²⁵⁾ Ib., pág. 224.

⁽²⁶⁾ Véase en *Rev. de trad. pop.* I, 1945, pág. 654.

⁽²⁷⁾ Véase L. López Santos, *Archivos leoneses*, tomo I, 1947, pág. 46.

⁽²⁸⁾ *Al-Andalus*, tomo 14, 1948, pág. 114.

⁽²⁹⁾ Meyer-Luebke, en *Butll. de dial. catal.*, tomo XI, 1923, pág. 19.

⁽³⁰⁾ J. Corominas, en *Rev. de fil. hisp.*, tomo 5, pág. 67.

⁽³¹⁾ W.-D. Elcock, *Actas de la primera reunión de toponimia pirenaica*, Zaragoza 1949, pág. 91.

⁽³²⁾ Confróntese en los dialectos de Francia del Sur *gora* 'seto' (Wartburg, FEW. tomo IV, pág. 200).

Las investigaciones de los últimos decenios sobre la prehistoria nos han descubierto un nuevo panorama de la península hispánica. Está definitivamente liquidada la teoría del substrato único ibérico. Sabemos hoy que el cuadro etnológico de la más antigua Hispania es extremadamente complejo. Tenemos que contar seguramente con un substrato preibérico de no fácil atribución. La misma identificación entre los Iberos y los Vascos es muy dudosa. Parece que hay más estrecha relación de los Vascos con los Aquitanos. Entre las importantes novedades de los estudios arqueológicos señalamos la invasión de elementos indoeuropeos ante la expansión de los Celtas. La hipótesis de un parentesco vasco-caucásico espera todavía mayor confirmación, como también la presunta comunidad hispano-africana es opinión que debe ser recogida con mucha cautela.

A la luz de la nueva configuración etnológica de la antigua Hispania a los estudios toponímicos se abren nuevos horizontes. La investigación toponímica no puede menos de pasar por nuevos caminos, sirviéndose de métodos más refinados y de argumentos más prudentes. Las confrontaciones ibéricas de Meyer-Lübke reclaman una revisión cuidadosa⁽³³⁾. Igualmente las audaces conexiones de nombres de lugar de la península con otras regiones del Mediterráneo occidental y con África del Norte necesitan mayor crédito científico⁽³⁴⁾.

Respecto a los tiempos prehistóricos nos limitamos a una modesta clasificación de algunas terminaciones que seleccionamos entre los elementos que nos parecen los más característicos⁽³⁵⁾.

Pertenece a una de las capas más antiguas la desinencia *-ma*, p. e. *Camarma* (Madrid), *Huelma* (Jaén), *Luesma* (Zaragoza), *Mo-*

(33) Véase Meyer-Luebke, *Zur Kenntnis der vorromischen Ortsnamen der iberischen Halbinsel*, en *Homenaje a Menéndez Pidal*, tomo I, 1925, pág. 63-84.

(34) Véase V. Bertoldi, *La Iberia en el substrato étnico-lingüístico del Mediterráneo occidental* (en *Nueva Rev. de Fil. Hisp.*, tomo I, 1947, pág. 128-147).

(35) Renuncio aquí a enumerar algunos elementos que tradicionalmente suelen atribuirse a los Lígures o a los Ilirios. Hay decididamente unas coincidencias muy significativas, p. e. *Benasque* (Huesca) y *Beasque* (Pontevedra) con *Venasque* (Provenza) y *Venasca* (Piamonte), *Tarascón* (Orense) con *Tarascon* (Provenza). Pero la atribución del sufijo *-asco* a los Lígures queda muy inseguro (véase R. Menéndez Pidal en *Zeitschrift für romanische Philologie*, tomo 59, 1939, pág. 192). Otros casos como *Cáraves* y *Caravedo* (Galicia) que han sido puestos en paralelo con los *Caravancos*, montes de los Alpes orientales me parecen demasiado osados. En el caso citado es más fácil aceptar un céltico *karabo* 'cavidad', véase J. Hubschmid, *Praeromanica*. Berna 1949, pág. 90.

nesma (Huesca), *Osma* (Soria) < *Uxama*, *Rágama* (Salamanca), *Sesma* (Navarra) ⁽³⁶⁾. En algunos topónimos podemos individuar el elemento final *-sama*: *Ledesma* (Salamanca) < *Bletisama*, *Ledesma* (Logroño, Soria) < *Ledaisama*, *Luesma* (Zarag.), *Monesma* (Huesca), *Sesma* (Navarra) < *Segisama* ⁽³⁷⁾. Otra desinencia de substrato muy antiguo es el elemento *-uba*, p. e. *Córdoba* (Corduba), *Huelva* < *Onuba*, *Énova* (Valencia), *Rótova* (Valencia), *Sádaba* (Zaragoza), *Yátova* (Valencia) ⁽³⁸⁾. La acentuación esdrújula que se manifiesta en los últimos topónimos, parece una característica de uno de los substratos preindoeuropeos de la península. Se repite esta acentuación en muchísimos otros nombres. Son frecuentísimas las desinencias *-ga*, *-go*, *-na*, *-no*, y *-ra* p. e. *Jábaga* (Cuenca), *Tárrega* (Lerida), *Arándiga* (Zaragoza), *Huélagu* (Almería), *Sástago* (Zaragoza), *Lituénigo* (Zar.), *Cintruénigo* (Nav.), *Rábago* (Sant.), *Liédena* (Nav.), *Liguérsana* (Palencia), *Ódena* (Barcelona), *Tárbena* (Alicante), *Brácana* (Granada), *Burbáguena* (Teruel), *Estriégana* (Guadalajara), *Bocigano* (Guadalajara), *Préjano* (Logroño), *Turégano* (Segovia), *Madruédano* (Soria), *Gómara* (Soria), *Támara* (Palencia), *Gésera* (Huesca) ⁽³⁹⁾.

Mucho se ha hecho en los últimos dos decenios para elucidar algunos radicales que parecen repetirse en otros países de Europa. Con gran fantasía y con métodos que no pecan de excesiva crítica, se han construído bases prelatinas y raíces preindoeuropeas como *mala*, *pala*, *sala*, *tala*. No excluyo que tales raíces hayan podido existir en algunas lenguas prehistóricas de Europa. Pero es

⁽³⁶⁾ Meyer-Luebke, art. cit., pág. 69.

⁽³⁷⁾ De las dos formas atestiguadas *Ledaisama* y *Beltisama* la primera es céltica, mientras que la segunda pertenece a un consonantismo precéltico; véase A. Tovar, *Estudios sobre las primitivas lenguas hispánicas* (Buenos Aires 1949), pág. 59. — Para Francia se confronten las reconstrucciones de A. Dauzat (*Toponymie française*, pág. 143): *Belisama* (*Bellême*, *Balême*, *Balesme*), *Segisama* (*Souhesme*), *Cantosama* (*Chantôme*), *Icolisama* (*Angoulême*), *Uxisama* (*Oisème*).

⁽³⁸⁾ Meyer-Luebke, ib., pág. 65, donde se citan también los nombres antiguos *Isonuba*, *Maenuba*, *Ossonuba*, *Salduba* (= Zaragoza). Por Schulten esta desinencia ha sido identificada con *-uba* de nombres geográficos de África del Norte (*Numantia*, tomo I, pág. 37).

⁽³⁹⁾ Abundan topónimos de acentuación esdrújula en los territorios de los antiguos Etruscos. Confróntense en la Toscana de hoy: *Avena*, *Biéntina*, *Bótina*, *Cécina*, *Chicéina*, *Códena*, *Félsina*, *Frátina*, *Pácina*, *Rássina*, *Résina*, *Réstena*, *Rútina*, *Ruósina*, *Sávana*, *Viétina*.

muy mal método atribuir a estas raíces multitud de topónimos de países heterogéneos sin haber examinado detenidamente otras posibilidades, de explicación más sencilla y más vecina ⁽⁴⁰⁾. De frente al étimo prelatino *pala* propuesto por Bertoldi ⁽⁴¹⁾ para algunos montes del Pireneo (*Pales*, *Col de la Pale*) tengo que señalar que *pala* (gasc. *palo*, *pale*) es palabra que en ambos lados del Pireneo vive con la acepción 'pendiente de una montaña' ⁽⁴²⁾. Con un prelatino *mal*, *mala* se han relacionado los nombres de montes pirenaicos *Mallo*, *Mallos de Riglos*, *Malh*, *Mail* ⁽⁴³⁾, sin dar la atención necesaria al hecho que *mallo* en los dialectos de Aragón y *malh* en la zona pirenaica de Gascuña todavía hoy son palabras comunes con el sentido de 'peña', 'peñasco' ⁽⁴⁴⁾.

Tienen aspecto de fonetismo vasco los nombres del Norte *Isabarre* (Lérida), *Lascuarre* (Huesca), *Loarre* (Huesca), *Benabarre* (Huesca), *Unarre* (Lérida), *Belsierre* (Huesca), *Igüerri* (Lérida), *Isuerre* (Zaragoza), *Alcubierre* (ib.), *Ligüerre* (Huesca), *Iborra* (Logroño), *Bisaurri* (Huesca), *Cazurra* (Zamora), *Amurrio* (Álava), *Creixenturri* (Gerona) ⁽⁴⁵⁾. Sobrevive el tipo vasco *eche-berri* 'casa

⁽⁴⁰⁾ Cito como típico ejemplo de despreocupación científica el artículo de Pierre Fouché, *A propos de Maladeta* (en *Onomástica*, tomo I, 1947), donde el autor con exuberante fantasía procura combinar el nombre del monte pirenaico con raíces de lenguas siberianas, otomanas, indianas y mongólicas.

⁽⁴¹⁾ Vitt. Bertoldi, *Problèmes de substrat en Bull. de la Soc. de Ling.*, tomo 32, 1931, pág. 140.

⁽⁴²⁾ No cabe duda de que esta palabra dialectal, que vive en los dialectos de Gascuña y del Alto Aragón, sea idéntica al nombre del instrumento *pala*, queriendo decir la palabra en su sentido topográfico 'pendiente parecida a una pala'. Véase por esto G. Rohlf, *Le Gascon* (Halle 1935), pág. 39. Confróntese por el empleo metafórico la gran difusión de la palabra alemana *Schaukel* (dial. Schufel) 'pala' en la oronimia de Alemania, Austria y Suiza: *Schaukelberg*, *Schaufelspitze*, *Schaufel*, *Schaufelwiesen*, *Schufelberg*, *Schufelmatten*; hay también un *Pizzo Badile* en los Alpes de Italia, que quiere decir 'Pico de la Pala' (ital. *badile* 'pala').

⁽⁴³⁾ V. Bertoldi, o. c., pág. 151.

⁽⁴⁴⁾ También esta palabra es simplemente de origen metafórico: 'peña de la forma de un mallo (maza, martillo)', véase G. Rohlf, *Le Gascon*, § 125. No faltan ejemplos de este empleo metafórico fuera de España, p. e. *Hochschlegel* 'mallo alto', nombre de un monte en los Alpes de Baviera, en noruego *hammer* 'martillo' y 'peñasco'.

⁽⁴⁵⁾ Confróntense los nombres antiguos *Calagurris* (> Calahorra) y *Gracchurris* 'ciudad de T. S. Graco'. Recientemente *Creixenturri* ha sido explicado como 'ciudad de Craxantus' por Paul Aebischer en *Pirineos*, año VI, 1950, pág. 67-80.

nueva' en las dos variantes *Jabier* y *Chavarri* en todo el Alto Aragón ⁽⁴⁶⁾.

El procedimiento de interpretar por el vascuence nombres de lugar de la península requiere la más escrupulosa precaución. Esto vale sobretudo por las zonas que se encuentran bastante lejos del dominio de la lengua vasca. Son por esta razón muy discutibles las equivalencias vasco-ibéricas que se refieren a territorios de Extremadura, de Asturias y de Cataluña, p. e. la identificación de *Aramil* (Oviedo), *Araya* (Caceres), *Arabell* (Lerida) con el vasco *ara* 'llano' ⁽⁴⁷⁾. Son susceptibles de mayor crédito también otras etimologías de nombres toponímicos que pertenecen a los valles pirenaicos. Poco probable la interpretación de los nombres *Ardanué* y *Ardanuy* (Huesca) por *ardan-oi* 'viñedo', cuando se piense que ambas aldeas están situadas en alturas de más de 1400 metros, donde absolutamente no hay viñedos ⁽⁴⁸⁾. No me convence la distinción de dos sufijos toponímicos (de origen vasco) *-oi* y *-toi* en la región limítrofe entre Cataluña y Alto Aragón en casos como *Renanué*, *Denúy*, *Ambonúy*, *Aquilué* frente a *Alastuey*, *Balastuy*, *Mentuy*, *Bentué*, *Botué*, *Ramastué* ⁽⁴⁹⁾. Me parece que se trata de una terminación única que tiene sentido muy distinto de lo que supone Menéndez Pidal ⁽⁵⁰⁾. No puedo aceptar tampoco la indentificación de la terminación toponímica *-ués* del Alto Aragón con el vascuence *otz* 'frio' ⁽⁵¹⁾.

⁽⁴⁶⁾ Véase Menéndez Pidal, *Javier-Chabbarri: dos dialectos ibéricos*. En: *Actas de la primera reunión de toponimia pirenaica*, 1949, pág. 1-10.

⁽⁴⁷⁾ J. Oliver Asín, *Iniciación al estudio de la historia de la lengua española*, 1939, pág. 16.

⁽⁴⁸⁾ Menéndez Pidal, *Orígenes del español*, 1950, pág. 462.

⁽⁴⁹⁾ Menéndez Pidal, *Rev. de fil. esp.*, tomo V, 1918, pág. 135-43, también en *Orígenes del español*, 1950, pág. 141.

⁽⁵⁰⁾ El maestro de la filología española da a *-toi* el valor 'sitio donde se encuentra una cosa', mientras que *-oi* exprimiría 'propensión', 'tendencia'; véase también R. Lapesa, *Hist. de la lengua española*, 1951., pág. 23.—Pienso ocuparme de esta desinencia más detalladamente en otro lugar.

⁽⁵¹⁾ La interpretación es de Menéndez Pidal (*Rev. de fil. esp.* 5, pág. 232), pero el maestro se exprime con mucha prudencia sobre este problema, diciendo que *-ués* podría tener también otro origen. Muchos otros han repetido la opinión de Menéndez Pidal sin tener cuenta de sus reservas.—Hay centenares de raíces que se encuentran compuestas con esta terminación en Aragón y en Gascuña (aquí en la forma *-ös*). Este hecho basta para excluir la composición con el adjetivo vascuence *otz* 'frio'.—Me ocuparé de este problema pronto en otro lugar.

No quisiera omitir aquí el substrato prerománico de las Canarias. Los residuos de la antigua lengua de los Guanches en los nombres de lugar del archipiélago son innumerables. De particular frecuencia son los nombres que tienen como inicial una *t*-, p. e. *Tacoronte*, *Taganana*, *Tagaluche*, *Tafuriaste*, *Taguasinte*, *Tajaste*, *Tamaduste*, *Tamadiste*, *Tamaguste*, *Tamaraceite*, *Tancajote*, *Tamaide*, *Tamaimo*, *Tegueste*, *Tenerife*, *Tesequite*, *Teguisse*, *Tesine*, *Tefirabe*, *Tejeguete*, *Tegüete*, *Tejirote*, *Tejeleite*, *Teseneite*, *Tigaiga*, *Tijarafe*, *Tigalate*, *Tisalaya* ⁽⁵²⁾. Entre los elementos finales citamos la desinencia *-que*, p. e. *Asánaque*, *Bintacáque*, *Císaque*, *Genique*, *Ijánaque*, *Isique*, *Taibique*, *Temijiráque*.

La obscuridad de las épocas prehistóricas de la península se esclarece con la invasión de los pueblos celtas alrededor del siglo V antes de Cristo. Mesclándose en algunas regiones con los pueblos aborígenes, tuvieron el predominio en otras partes de la península, p. e. en Galicia y en Lusitania. Entre los testimonios más seguros de su colonización citamos el elemento toponímico *briga* 'fortaleza'. Lo encontramos en los nombres de ciudades antiguas, en parte de formación híbrida de época romana, p. e. *Mirobriga*, *Mundobriga*, *Arcobriga*, *Augustobriga*, *Dessobriga*, *Caesarobriga*, *Flaviobriga*, *Julibriga*, *Lacobriga*, *Nemetobriga* ⁽⁵³⁾. Sobrevive este elemento en los nombres modernos *Albóniga* (Visc.) < *Flaviobriga* (?), *Alpuébrega* (Tol.) < *Alpobriga*, *Munébrega* (Zar.), *Segorbe* < *Segobriga*. Otro tipo céltico bastante frecuente en las composiciones es *dunum* 'ciudad'. Este elemento no pasa los límites de la cuenca del Ebro, cfr. *Berdún* (Huesca), *Navardún* (Zar.), *Gordún* (Zar.) *Cerdún* (Huesca), *Embún* (ib.), *Secorún* (ib.), *Turruncún* (Logr.), *Asún* (Huesca), *Isún* (ib.) *Mascún* (bosque, ib.) *Rapún* (ib.), *Besalú* (Ger.) < *Besidunum*, *Salardú* (Ler.), *Verdú* (ib.) ⁽⁵⁴⁾. Nos extraña la completa falta de otros elementos (*-magus*, *-durus*, *-briva*, *-oialum*) que con frecuencia se encuentran

⁽⁵²⁾ Algunos de los radicales de estos nombres se repiten en el Sahara occidental, p. e. *Tacoronte* (Tenerife): *Tacoradi*, *Tamaraceite* (Gran Can.): *Tamarreikat*, *Tasartico* (Gran Can.): *Taseruait*, *Tefirabe* (Hiero): *Tafarauf*. Para las relaciones de la lengua guanche con los dialectos beréberes, véase W. Giese, *Acerca del carácter de la lengua guanche* (Rev. de historia, 1949, pág. 182-203).

⁽⁵³⁾ Pertenecen a Portugal (donde estos nombres se extienden hasta el extremo Sur): **Anobriga* (Anobra), **Bodobriga* (Boidobra), *Cetobriga* (Setúbal), *Corimbriga* (Coimbra), *Lacobriga*, **Langobriga* (Longroiva), *Sesimbriga*.

⁽⁵⁴⁾ Falta completamente este tipo toponímico en Galicia y en Portugal.

en Galia. Entre los radicales frecuentes en la Península mencionamos el céltico *sego* 'fuerte'. Lo tenemos en *Segovia*, *Síguenza* < *Segontia*, *Segorbe* < *Segobriga*, *Sisamón* (Zar.) y *Sasamón* (Burgos) < *Segisamone*. Otros nombres célticos son *Coruña* < *Culunia*), idéntico al gálico *Clunia*, *Yebra* (Huesca, Guadalajara) < *eburos* 'tejo' ⁽⁵⁵⁾, *Huesca* < *osca* 'huerto' ⁽⁵⁶⁾, *Bielsa* (Huesca) < *belsa* 'campo' ⁽⁵⁷⁾, *Nante* y *Nantes* (Galicia) < *nanto* 'valle', *Bruello*, nombre de un bosque cerca de Ainsa (Huesca) < *brogilos* 'bosquecillo' ⁽⁵⁸⁾.

Elemento característico de la toponimia en los países galoromanos es el sufijo *-ako*. Teniendo el mismo valor que el latino *-anum*, sirvió para derivar del nombre del dueño el nombre de una propiedad rural. Conservó esta desinencia su vitalidad en los primeros siglos de la dominación romana a tal punto que pudo unirse también con nombres gentilicios romanos. Es un tipo toponímico muy frecuente en Francia y en Italia del Norte, p. e. en Francia: *Balzac* (Balcius), *Bersac* (Bercius), *Blanzac* (Blandius), *Savignac* (Sabinius), *Valeyrac* (Valerius); en Italia: *Ponzago* (Pontius), *Martignago* (Martinius), *Savegnago* (Sabinius). Es extraño que tales topónimos en España son muy escasos. De Cataluña se conocen *Florejachs* (**Floridius*?), *Franciach* (*Frontius*?), *Llorach* (*Laurus*), *Vulpellac* (*Vulpilius*) y *Masarach* (*Macer*) ⁽⁵⁹⁾. En Castilla al norte de Madrid hay *Buitrago* (*Vulturius*), *Aniago* (*Anius*), *Cornago* (*Cornus*), *Luzaga* (*Lucius*), *Martiago* (*Martius*), *Sarnago* (*Sarnus*), *Trebagó* (*Trebius*). A Aragón pertenecen *Lechago* (**Lectius*?) y *Litago* (*Littus*).

(55) Al mismo radical pertenece *Évora* (Port.) y *Yèvre* (Francia); véase Menéndez Pidal, *Rev. de la Bibl. Arch. y Museo* XIV, 1945, pág. 22.

(56) Véase J. Jud en *Vox Romanica*, tomo IX, pág. 241. — No puedo adherir a la opinión de Menéndez Pidal que ha interpretado la antigua *Osca* como 'población de origen osco' (*Orígenes del español* 460); véase G. Rohlf's *Rev. int. de est. vascos*, tomo 24, 1933, pág. 325.

(57) Confróntese la glosa de Virgilio Gramático *in belsa*: 'hoc est in campo'. Por la base céltica de este vocablo, véase V. Bertoldi, *Bull. de la Soc. de Ling.* n.º 90, 1930, pág. 170-173. El nombre *Bielsa* (en pronunciación gascona *Beoussa*) corresponde perfectamente al nombre de *Beauce*, nombre de una llanura de Francia del Norte. La villa de Bielsa está situada en una cuenca formada por la confluencia de los ríos Cinco y Barrosa.

(58) Sobrevive este vocablo también en la toponimia de Francia y de Italia; véase A., Dauzat, *Toponymie française*, 1939, pág. 121 y 218, J. Hubschmid, *Praeromanica*, Berna 1949, pág. 107.

(59) Pertenece al valle d'Aran *Gausac* (**Gavisius*?) con vocalismo gascón.

En las provincias del Norte encontramos *Cerbiago* (Cervius) en Santander y *Cirviago* en Oviedo. Ningún caso seguro en Galicia ⁽⁶⁰⁾.

Muy limitadas las huellas que en los topónimos quedaron de los fenicios, p. e. *Cádiz* (*Gadir* 'fortaleza'), *Adra* (*Abdera*), *Málaga* (*Malaca* 'reina'). A los cartagineses se debe *Cartagena* y *Mahón* (Menorca) < *Portus Magonis*. La colonización griega se manifiesta en las ciudades de la costa del Levante: *Rosas* (*Roda*) y *Ampurias* (*Emporion*).

Mucho más que todos estos pueblos, aborígenes, adventicios y colonizadores, son los Romanos quienes han dado a la toponimia de la península hispánica su aspecto prevaleciente. Notamos su ascendiente ya en las composiciones céltico-latinas *Augustobriga*, *Caesareobriga*, *Juliobriga*. De formación vasco-latina son los nombres de las ciudades antiguas *Graccurreis* 'ciudad de los Gracos' y *Pompelona* < *Pamplona* 'ciudad de Pompeyo'. Otros nombres históricos se nos han transmitido en *Zaragoza* (arab. *Saraqusta*) < *Caesaraugusta*, *Mérida* (*Augusta Emerita*: colonia de soldados eméritos), *Chipiona* (*Cádiz*) < *Servilius Caepio*. Entre las nuevas denominaciones de antiguas ciudades se destacan los nombres formados con el sufijo *-entia*: *Valencia*, *Placencia*, *Plasencia* y otros nombres que no consiguieron perpetuarse: *Faventia*, *Fidentia* ⁽⁶¹⁾. Ha quedado al actual *León* el nombre de la séptima legión (*Legio VII Gemina*).

Puede considerarse el elemento más característico de la colonización romana el sufijo latino *-anum* (*-ana*). Del mismo valor que el céltico *-acum*, sirvió para dar a los predios el nombre de su dueño romano. Estos nombres se encuentran por toda la península, pero son de mucho mayor densidad en Cataluña, en Aragón y en Galicia ⁽⁶²⁾. Damos aquí unos ejemplos:

Cataluña: *Aibañá*, *Albiñana*, *Albriñana*, *Calvinyá*, *Cassá*, *Cer-*

⁽⁶⁰⁾ Falta este tipo topográfico también en Portugal.

⁽⁶¹⁾ Es un tipo de denominación conocido también de ciudades de Francia (*Valence*, *Plaisance*), de Italia (*Piacenza*, *Fidenza*, *Valenza*, *Faenza*) y de Portugal (*Valença*).

⁽⁶²⁾ La gran frecuencia de estos topónimos en el Norte frente a su escasez en el Sur la explica Meyer-Luebke por prevalecer el elemento campesino en el Norte (aldeas y fincas) comparado con el carácter ciudadano de la colonización en el Sur (véase *Das Katalanische*, Heidelberg 1926, pág. 181). Sobre los topónimos en *-anum* de Cataluña véase P. Aebischer, *Etudes sur la toponymie catalane* (Barcelona 1928).

viá, Cornellá, Crespiá, Eriñá, Esclañá, Flassá, Fluixá, Fustañá, Gayá, Juyá, Ladruñán, Llimiana, Llissá, Mallá, Marsá, Mayá, Millá, Orgañá, Preixana, Savallá, Seriná.

Aragón: Coscollano, Cregezán, Chiprana, Estopiñán, Frontinán, Junzano, Montañana, Panzano, Ponzano, Quinzano, Saviñán, Soriana.

Galicia: Cortiñán, Chavián, Framiñán, Frayán, Illana, Inciñán, Laciana, Lorenzana, Madriñán, Martiñán, Marzán, Meriñán, Millán, Orellán, Oviñana, Padriñán, Quinzán⁽⁶³⁾.

Son fácilmente reconocibles en estos topónimos los nombres de Romanos: *Albanus*, *Albinus*, *Calvinus*, *Cassius*, *Cornelius*, *Flaccius*, *Fustianus*, *Gallius*, *Mallius*, *Aemilius*, *Quintius*, *Sabinus*, *Flavius* (Chavián), *Matrinus*, *Martinus* y muchos otros⁽⁶⁴⁾. No faltan tales topónimos en el Centro y sur de España p. e. *Orellana* (Bad.), *Cantillana* (Các.), *Luciana* (Ciud. Real), *Marzán* (Gran.), *Majano* (Tol.), *Basculana* (Cuenca). Pero se presentan en aquellas regiones más frecuentemente con la terminación *-én*, tipo de deformación característica ocasionado por la dominación musulmana⁽⁶⁵⁾. Tenemos p. e. en Andalucía: *Barbacena*, *Carchena*, *Escacena*, *Faucena*,

(63) En la misma función de *-anum* se encuentra algunas veces *-anicum*, p. e. *Sabiñárico* (Huesca) < *Sabinus*, *Anzánigo* (ib.) < *Antius*, *Durango* (Vizc.) < *Durus*. Otro sufijo empleado en este sentido fué *-one*, p. e. *Fortiñón* (La Cor.) < *Fortinius*, *Antillón* (Huesca) < *Antilius*, *Aniñón* (Zar.) < *Aninius*, *Cervelló* (Barc.) < *Cervilius*. Confróntense de Francia: *Aubusson* (Albucius), *Chavignon* (Cavinnus), *Cornillon* (Cornelius), *Vérignon* (Verinius); de Italia *Savignone* (Sabinus), *Martignone* (Martinus), *Patrignone* (Patrinus).

(64) En estos topónimos se pueden con el método comparativo identificar hasta gentilicios romanos que no han sido trasladados por otras fuentes, p. e. **Cordinus* de *Cordinanes* (León), *Cordinhã* (Port.) y *Cordignano* (Venezia); **Martilius* de *Martillán* (Salamanca), *Martigliano* (Italia central), *Martillac* (Francia); **Orinius* de *Oriñana* (Ov.), *Orignac* (Pir. Orient.) y *Orignano* (Italia).

(65) La arabización de *-anus* (mediante la imela árabe) ha sido supuesta por Meyer-Luebke (*Homenaje a Menéndez Pidal*, tomo I, 1925, pág. 75). — Otra teoría fué sostenida por Menéndez Pidal el que, juzgando insostenible la explicación de Meyer-Luebke, intentó probar la identidad del sufijo *-én* con la terminación de antropónimos preindoeuropeos, p. e. *Elenus*, *Abienus*, *Talenus*, *Vettienus* (*Emerita*, tomo IX, 1941, pág. 1). Tengo que decir que esta teoría no me ha convencido. Sin excluir, que algunos topónimos de España pueden derivarse de tales nombres personales, me parece que la gran mayoría de los topónimos españoles terminados en *-én* y *-ena* no pueden separarse de los topónimos en *-an* y *-ana*. La razón por que no puedo aceptar la opinión del maestro, es su repartición geográfica, prevaleciendo tales nombres en las provincias de España que durante largo tiempo predominaron de los moros (en la sola provincia

Grañena, Lucainena, Luchena, Lucena, Mairena, Marchena, Millena, Pachena. Este tipo se ha conservado en muchos casos también en el antiguo emirato de Zaragoza, p. e. *Callén, Grañén, Leciñena, Lucena, Lupiñén, Marcén, Ontiñena, Sariñena*. Aquí también se distinguen muy bien los antiguos apellidos romanos: *Barbatus, Carcius, Granus, Lucanus, Lucius, Marcius, Marius, Aemilius, Paccius, Licinius, Lupinius, Scatius* ecc. Han entrado los topónimos formados con *-anus* ⁽⁶⁶⁾ también en la toponimia de las Vascongadas, conservando aquí frecuentemente un fonetismo muy arcaico, p. e. *Luquiano* (Alava) < *Lucius*, *Liquiniano* (Alava) < *Licinius*, *Guirguilano* (Nav.) < **Girgilius*, *Arguñano* (Nav.) < *Arginius* ⁽⁶⁷⁾.

Ya en los manuales de gramática histórica frecuentemente se han citado voces latinas que solo sobreviven en nombres geográficos. Son importantes estos elementos para la geografía lingüística y para la reconstrucción del antiguo romance de España. Damos aquí una selección de arcaísmos lexicales que se encuentran en los topónimos.

albus: *Castralvo* (Teruel), *Peñalba* (Huesca), *Pedralba* (Ov.), *Rialbo* (Huesca), *Ontalba* (Tol.) < *fonte alba*, *Olmosalbos* (Burgos), *Ribesalbes* (Castellón), *Ribota* (Seg.), *Terroba* (Logr.), *Hontoba* (Guad.), *Montovo* (Ov.).

alnus 'aliso': *Auñón* (Guad.), *Oñón* (Ov.) < **alneone* (Menéndez Pidal, Oríg. pág. 109), *Orís* (Ov.) < *alniceu*.

angulus: *Anillo* (Lugo, Orense), *Allo* (La Cor.), *Aña* (Lérida), *Riaño* (León, Oviedo, Burgos, Santander, Lugo), *Rianjo* (La Cor.) < *rivianculus* (véase pág. 236), *Anllada* (Pontevedra) < *angulata*, *Allón* (La Cor.), *Añón* (La Cor., Zar.)

de Sevilla se han encontrado más de 50 topónimos *-én*, véase Jaime Oliver Asín, en *Al-Andalus* X, 1945, pág. 123 sgg.), mientras que faltan completamente tales nombres en Asturias. — Otro grupo de topónimos *-én* tiene su origen en el vasconce (Labayén, Irabién, Manciena, Michelena, Simonena).

⁽⁶⁶⁾ En algunos casos los apellidos romanos carecen de terminación, sirviendo el solo apellido a expresar idea de posesión, p. e. *Antuña* (Ov.) en lugar de *Antuñana*, *Cornello* (Lugo) en lugar de *Cornellán*, *Martiño* (La Cor.) en lugar de *Martiñán*, *Oreja* (Toledo) en lugar de *Orejana* (Aureliana), *Louriño* (Pontevedra) en lugar de *Louriñán* (Laurinius). — Para el mismo fenómeno en el Sur de Francia (*Corneille, Azille, Marceille*), véase Paul Aebischer, *Noms de lieux languedociens en -anum accentués sur l'antépénultième* (Miscel. filol. dedic. a Alcover, 1932, pág. 71-97). — En Italia hay *Calvigno* y *Calvignano*, *Serviglio* y *Servigliano*, *Gavigno* y *Gavignano*; véase G. Rohlfs, *Archiv fuer das Studium der neueren Sprachen*, tomo 184, 1944, pág. 115.

⁽⁶⁷⁾ Véase Julio Caro Baroja, *Materiales para una historia de la lengua vasca en su relación con la latina* (Salamanca 1946), pág. 88.

- <angulone, *Añavieja* (Soria). — En Portugal: *Alho*, *Alhos vedros*, *Alhadas*, véase J. Piel, *Rev. port. de Fil.*, vol. 4, 1951, pág. 218.
- atrium 'cementerio': *Adrio* (Orense); en Portugal hay *Aidro* y *Adro* (muy frecuente).
- aureus: *Fontoria* (León, Ov.), *Hontoria* (Burg., Pal., Seg.), *Ontoria* (Sant.). Véase Menéndez Pidal, *Orig.*, pág. 223. En Portugal *Fontoura* muy frecuente.
- basilica: *Baselgas* (Ov.), *Beselga* (Val.); cfr. *Beselga* (Algarve).
- hustum: *Busto* (Burg., Nav. Ov., Galicia), *Bustiello* (Ov.), *Bustillo* (León), *Busnovo* (Ov.), *Busmayor* (León), *Busmou-risco* (Ov.). En Portugal: *Busto*, *Busto Chão*, *Busto Frio*, *Bustos* ⁽⁶⁸⁾.
- cataracta: *Caderechas* (Burg.), *Cadreira* (Nav.).
- castrum: *Castro* (Galicia), *Castralvo* (Teruel), *Castrei* (Gal.), *Castrillo* (León), *Castrillón* (Ov.), *Castrofuerte* (León), *Castronuevo* (Zamora). Por mediación árabe: *Cáceres* y *Alcazar* (Cuenca, Ciudad Real, Toledo ecc.).
- *complutum 'confluencia': *Compludo* (León). *Complutum* ha sido el nombre antiguo de Alcalá de Henares. Según Pokorny (*Vox Rom.* X, 227) esta voz pertenecería al substrato precéltico de la primera inmigración indogermánica.
- confiniale: *Cofiñal* (León).
- confluentes: véase pág. 233.
- decus 'término': *Dego* (Ov.).
- dorsum: *Dueso* (Sant.), *Duestos* (Ov.), *Doso* (La Cor.).
- equile: *Guils* (Lérida, Gerona), siglo IX *Eguils*; véase Meyer-Lübke, *Butll. de dial. catal.*, tomo 11, 1923, pág. 17.
- fagetum: *Faedo* (Gal.), *Haedo* (Burgos), *Faiedo* en el Alto Pallars (Zérida).
- fanum: *Fano* (Ov.), *Fão* (Port.), v. Leite de Vasc., *Opúsc.* III, 339.
- fanulum: *Fanío* (Huesca).
- fecundus: *Vallfogona* (Ter.), *Vallfagona* (Lér.).
- fervidus: véase pág.

(68) El topónimo equivale a 'brana', 'prado de monte para pasto', véase G. Adriano García Lomas, *El lenguaje popular de las montañas de Santander*, 1949, pág. 66. — No cabe duda sobre la identificación con el lat. *bustum* = *com-bustum*. Parece que el sentido original de *busto* fué 'bosque quemado'.

flexus: 'vuelta': *Fleix* (Val.), *Flix* (Barc., Ler.).

flumen: *Flumen*, río (Huesca); cfr. *Flamicell*, afluente del Noguera Pallaresa < flumicellus (Montoliú, Butl. dial. catal. X, 30).

fluvianus: *Fluviá*, río (Gerona).

forfex: *La Huerce* (Guad.); también *Tajahuerce* (Sor.) 'corta-tijera'.

humiliatorium: *Milladoiro* a 5 kilómetros de Santiago, lugar donde los peregrinos se humillaron antes de llegar al santuario.

ilex: *Las Ilces* (Sant.), *Ilche* (Huesca), *Ilcedo* (Ov.); elex: *Elche* (Alb., Alic.).

janua: *Jánovas*, lugar en las gargantas del río Ara.

lucus: *Lugo* (Gal., Ov.).

maceria: *Macera* (Cáceres), *Maceira* (Gal.); en Portugal *Maceira* (muy frecuente).

murcidus: *Aiguamurcia* (Tarragona); *Murcia*.

ovis: *Oviedo*, en documentos desde el siglo VIII *Ovetum* (M. C. Díaz y Díaz, *Antología del Latín vulgar*, pág. 247); véase también *El Libro de Registro de Corias*, ed. A. Floriano, tomo II (*Oviedo* 1950), pág. 468 ⁽⁶⁹⁾.

oppidum: *Opio* (Burgos).

paternus: *Padierno* (Sal.), *Padiernos* (Ávila), *Paderna* (Lugo); en Portugal: *Paderne* (Algarve, Minho).

porcile: *Porciles* (Ov.), *Purchil* (Gran.).

quercus (*cerquus): *Quecedo* (Burg.), *Cerquedo* (Gal.), *Cerqueira* (Gal.), *Cercedo* (Gal.), *Cerceda* (Madr.). Véase para esta voz P. Aebischer en *Rev. de fil. esp.* 21, 1934, pág. 337-360 y J. Piel, en *Rev. Port. de Fil.* 4, 1951, pág. 21-24.

trifinium: *Treviño* (Burg., Sant., La Cor.); cfr. *Cuadroveña* (Ov.) < quadrifinia y *Peña Trevinca* < trifinica en un lugar donde se encuentran las provincias de Orense, León y Zamora; véase J. Piel, *Rev. Port. de Fil.*, vol. 4, 1951, pág. 32.

vervex: *Berbegal* (Huesca), *Berbeguera* (Ov.), *Las Berbigueiras*, montes en la provincia de León.

vetus: *Saavedra* (Lugo) 'sala vieja', *Pontevedra*, *Gustovedro*

⁽⁶⁹⁾ Por el empleo de -etum en unión con nombres de animales, confróntese *Cabredo* (Navarra), *Lebredo* (Oviedo) y *Ranedo* (Burgos, León).

(La Cor.), *Murviedro* (Val.), que desde el año 1877 se llama Sagunto. En el Alto Pallars (Lérida) hay *Estalavedra* (J. Comininas, Butll. Dial. Cat. 23, pág. 325).

Hay otras palabras latinas que en nombres geográficos sobreviven en una forma popular, mientras que el castellano de hoy las conoce sólo en la pronunciación de cultismo:

altus: *Oto* (Huesca), *Colloto* 'colina alta' (Ov.), *Silvota* 'selva alta' (Ov.), *Vallota* (Ov.), *Ribota* (Burg.), *Grijota* (Pal.) 'iglesia alta', *Montoto* (Burg.), *Otura* (Ov.); *Otero* (Léon) <*altarium*.

dominium: 'dominio': *Domeño* (Navarra, Valencia).

dominicus: *Covadonga* (Ov.), *Villadonga* (Lugo), *Villadóniga* (Lugo), *Viladóniga* (La Cor.), *Montedónigo* (La Cor.) al lado del semicultismo *domingo*; véase Menéndez Pidal, Orígenes, pág. 163.

insula **iscla*: *Iscles* (Huesca). *Penarroya* = *peninsula*.

medianus: *Meana* (Burgos, Gal.), *Villameana* (Ov.).

medius: *Villamea* (Ov.), *Valmeo* (Sant.), *Peñamea* (Ov.), *Grandamea* (Ov.).

rubeus: *Ribarroya* (Soria), *Peñarroya* (Teruel).

Conserva la toponimia también palabras que se conocen solo en la lengua antigua. Sobrevive la preposición *so* 'bajo' (*sub*) en *Somonte* (Gal.), *Soiglesia* (ib.) *Sofuentes* (Zarz.), *Solago* (Burgos), *Socueva* (Sant.), *Soaserra* (Gal.), *Soavila* (ib.)⁽⁷⁰⁾. Tenemos el castellano antiguo *yuso* (*deorsum* × *sursum*) en *Yuso*, nombre de un barrio de Santillana (Sant.) y en *Yuslapeña*, valle de Navarra. El castellano medieval *escuso* 'escondido' sigue viviendo en forma fosilizada en *Escos* (Lérida), *Escusa* (Lugo), *Villaescusa* (Sant. Zam., Burgos, Cuenca), *Peñascosa* (Tol.). Del castellano antiguo *ero* 'campo' (*agru*) empleado por Berceo (*es bien rica de vinnas y de eros*) tenemos un último reflejo en el nombre de un caserío (*Eros*) de la provincia de Oviedo. Ejemplos del antiguo *luengo* 'largo' se encuentran en *Pradoluengo* (Burgos), *Laluenga* (Huesca), *Campplengo* (Sant.) con etimología popular en *Aldealengua* (Seg.), *Villa-*

(70) En *Somolinos* (Guad.) hay sólo influencia posterior de *so* < *sub*, llamándose el lugar antiguamente *Siete Molinos*.

lengua (Zar.), *Torlengua* (Sor.). Del castellano antiguo *sinoya* < *synagoge* hay reliquias en *Sinova* (Lugo, Soria) y *Sinoba* (Valencia) ⁽⁷¹⁾. Palabras raras de los autores antiguos pueden recibir iluminación instructiva respecto a su sentido por la toponimia. El hapax legómenon *las radas* de Berceo, interpretado falsamente por 'armadías' (*ratis*) se aclara en su valor corográfico 'terreno poblado de árboles' por los frecuentes topónimos de Castilla y Aragón *La Rad* (Burgos, Logroño), *Las Rades* (Segovia), donde el sentido 'armadía' se excluye ⁽⁷²⁾.

Problemas de atribución etimológica pueden resolverse por aplicación del método comparativo. En el análisis de los numerosos nombres de fincas y caseríos de Mallorca (*Son Ferragut*, *Son Juliá*, *Son Muntaner*, *Son Ramón*) hay contraste entre la opinión de Alcover y la de Griera. Mientras que Alcover (Butll. de dial. cat. 7,97 y 12,343) interpretó *son* como *so'n* < *so* En 'la propiedad del señor...' (*ecce hoc Dominu*), Griera preferió ver en *son* un compuesto de *solum* + *en* (ib., tomo 18,1930, pág. 106). La conformidad con nombres de caseríos en Andalucía y en Castilla del tipo *Lo de tío Fallo*, *Lo de tío Sidro* en la prov. de Salamanca (véase P. Sanchez Sevilla, RFE. 15, pág. 246), *Lo de la Vieja* (Huelva), *Lo del Gato* (Canarias) habla decididamente en favor de la opinión de Alcover ⁽⁷³⁾.

Pueden las formas de los topónimos suministrar informaciones preciosas también para la evolución fonética, sirviendo para determinar los límites de ciertas leyes fonéticas. Se sabe que de la antigua *j* latina en posición ante vocal posterior en castellano hay dos resultados distintos: *jueves*, *jugar*, *junto*, *junco*, *judío*, *juez* al lado de *yugo*, *yunta*. Claro está que las últimas formas han salido de algún dialecto. Basta saber que en los topónimos es muy frecuente *Junta(s)* en Burgos, mientras que encontramos *Yunta(s)* en Guadalajara, Badajoz y Cuenca ⁽⁷⁴⁾. Conserva la toponimia también rasgos de pronunciación árabe. Sabemos que en los dialectos mozárabes la *c* latina ante vocal palatal había llegado a la africada prepalatal *ch*, pronunciándose *chesta* en lugar de *cesta*, *chinta* en lugar de *cinta*. De

(71) Véase G. Sachs, *Rev. de fil. esp.* 21, pág. 407.

(72) Véase J. Vallejo en *Rev. de fil. esp.* 28, pág. 58-63.

(73) Confróntese también en gascón *en so de Bertrand* = franc. *chez Bertrand* 'en casa Beltrán'.

(74) Véase V. García de Diego en *Rev. de fil. esp.* 3, 1916, pág. 310, sigs.

esta pronunciación hay muchas huellas en las provincias del Sur, p. e. *Cherch* en Alicante < *circus*, *Chercos* en Almería, *Cherro* 'cerro' en Murcia, *Chella* < *cella* en Valencia, *Purchil* (Granada) < *porcile*, *Marchena* (Seg.) al lado de *Marzán* (Lugo) < *Martianum*, *Alconchel* (Bad.) al lado de *Concilio* (Huesca) < *concilium*, *Elche* (Alicante) < *elice*. Residuos del diptongo (ai) ei se encuentran en el antiguo reino de Granada, p. e. *Capileira*, *Ferreira*, *Lanteira*, *Pampaneira*, *Unqueira* ('junquera'); en Murcia hay *Ficaíra* ⁽⁷⁵⁾.

Otros topónimos nos testimonian en lugar del -illo castellano la existencia de la vieja forma -iello (-iei) en territorios mozárabes: *Cabriel* (río en Cuenca), *Cudiel* (Castell.), *Curdiel* (Tol.), *Campiel* (Zar.), *Mantiel* (Guad.), *Montiel* (Ciudad Real), *Muriel* (Gran.), *Parriel* (Murcia), *Zapardiel* (río, Valladolid) ⁽⁷⁶⁾.

Rasgo de fonetismo aragonés se presenta con el diptongo ua en lugar de ue en unos topónimos de la provincia de Huesca: *Guarga* (río), *Laguarta* 'la huerta' (lugar), *Tuertas* (sierras) ⁽⁷⁷⁾. Otros nombres geográficos que manifiestan la evolución fonética de Aragón son *Sorripas* (Huesca) < *sub ripas*, *Camporretuno* (Huesca) 'campo redondo', *Clamosa* (Huesca), el río *Clamor* (Huesca), el río *Clares* (Zaragoza), y el río *Flumen* (Huesca).

Con el portugués y el catalán la lengua española tiene de común la doble r en posición inicial (*la rrana*, *el rroble*). Algunos topónimos hacen pensar que parecido al vascuence (*errege* 'rey', *Erroma* 'Roma', *errota* 'rueda') y al dialecto gascón (*arré* 'rien', *arroda* 'rueda', *arrat* 'rat') la rr también en castellano antiguo fué precedida por una vocal protética, p. e. *Las Arripas* (Toledo, Ciudad Real), *Arredonda* (Sant.), *Las Arredondas* (Gal.), *Camparriondo* (Ov.), *Puyarruego* (Huesca) 'poyo rojo' ⁽⁷⁸⁾.

De muy amplia difusión en los dialectos de España es la sustitución de una f inicial por la fricativa interdental en la palabra feniculum: arag. *cenojo* y *cenullo*, salam. *cinojo*, astur. *cinoyo*

⁽⁷⁵⁾ Véase Menéndez Pidal, *Orígenes*, pág. 89. En la geografía de Edrisi la Sierra Nevada se llama *yabal xulair* (Mons solarius), véase *Al-Andalus* 14, 1949, pág. 86.

⁽⁷⁶⁾ Véase Menéndez Pidal, *Orígenes*, pág. 180. La falta de la palatalización se explica (como en *pelle* > *piel*) por la caída de la vocal final.

⁽⁷⁷⁾ Véase Menéndez Pidal, *Orígenes*, pág. 119.

⁽⁷⁸⁾ Véase Menéndez Pidal, *Orígenes*, pág. 193; G. Rohlfs, *Le Gascon*, 1935, pág. 99.

y *cioyo* ⁽⁷⁹⁾. De la toponimia citamos aquí el caso del *Monte Cebreiro*, que en el *Liber Sancti Jacobi* y en la *Historia Compostelana* se llama *Mons Februarius*, en la geografía de Edrisi *Munt Fabrayr* ⁽⁸⁰⁾. Otro ejemplo es *Zampuerma*, fuente del río Porma (León) ⁽⁸¹⁾.

Podemos sacar útiles datos de los nombres de lugar también para la historia del sustantivo. Señalamos unas reliquias del genitivo latino, p. e. *Villatoro* (barrio de Burgos) < *Villa Gothorum*, *Toro* < *Campotoro* < *Gothorum* en la prov. de Zamora, *Fontibre* < *fonte Iberi* (Menéndez Pidal, *Orígenes*, pág. 223), *Fuentes de Oñoro* (Salam.) < *alneorum* (?), *Caboalles* (León) < *caput vallis* ⁽⁸²⁾, *Castrojeriz* (Burgos) < *castrum Sigerici*, *Castrosante* (Lugo) < *castrum sanctae (Marinae) Vilapedre* (Lugo) < *villa Petri*, *Fontepedre* (Lugo), *Castropetre* (León) < *castrum Petri*, *Villapedre* (Ov.), *Guitiriz* (Lugo) < *Witerici*, *Vilachave* < *villa Flavii*, *Morille* (Salam.) < *Maurrelli* ⁽⁸³⁾.

Nos atestiguan los topónimos el género femenino de *valle* (*Valbuena*, *Valfarta*, *Valhermosa*) para las provincias de Burgos, Huelva, Huesca, León, Oviedo y Palencia; el género femenino de *punte* (*ponte*), p. e. *Puentes Viejas*, *Las Puentes*, *Puente Honda*, *Puente Nueva*, *Ponferrada*, *Pontevedra* para Cuenca, Granada, Jaén, León, Madrid, Santander, Valladolid y Galicia. El antiguo género latino de *arbor* aparece en *Arborbuena* (León).

Señalamos aquí también composición de dos sustantivos sin la preposición de (o con pérdida de la *d* intervocálica?): *Fuentidueña* (Segovia), *Nidáguila* (Burgos), *Penaguila* (Valencia), *Puigdelfi* (Tarr.), *Castrotierra* (León), *Cabola fuente* (río, pr. Soria), *Valcarlos* (Navarra), *Valcuende* (León), *Valparaiso* (Cuenca), *Castrogonzalo* (Zamora), *Aldealabad* (Ávila), *Aldealcorvo* (Seg.), *Aldeal-*

⁽⁷⁹⁾ Véase A. Kuhn en *Rev. de ling. rom.* 11, 1935, pág. 102, donde también se dan otros ejemplos: arag. *cizón* < *fizón*, *cerrada* < *ferrada*, *ceto* < *feto*, astur. *cincar* < *fincar*.

⁽⁸⁰⁾ Véase *Al-Andalus* 14, 1948, pág. 114.

⁽⁸¹⁾ Menéndez Pidal, *Orígenes*, pág. 216.

⁽⁸²⁾ Véase G. Alvarez, *El habla de Babia y Laciana* (1949), pág. 3.

⁽⁸³⁾ Para reliquias del genitivo en topónimos de Portugal, véase J. Piel, en *Bíbls.*, tomo 22, 1948, pág. 13, sigs.

gordo (Sal.), *Aldealseñor* (Soria), *Ciudad Rodrigo* (Sal.), *Villamartín* (Cádiz), *Villagómez* (Vall.), *Puente la Reina* (Nav.)⁽⁸⁴⁾.

Es fecundísimo el tipo de composición formado por verbo y sustantivo. Debían de tener estas formaciones primitivamente valor de apodo, p. e. *Atapuerca* (Burgos), *Beulaygua* (Barc.), *Cantalapiedra* (Sal.), *Cantalobos* (Ter.), *Cantavieja* (Ter.), *Catatrigo* (Lugo), *Cucazorra* (Mál.), *Cuelgamures* (Zam.), *Descarga-María* (Cáceres), *Despeñaperros* (Jaén), *Escuernavacas* (Sal.), *Espantaperros* (Cuenca), *Hiendelaencina* (Guad.), *Majalobas* (Seg.) *Manjabálago* (Ávila), *Mataporquera* (Sant.), *Matajudios* (río, Seg.), *Matalayegua* (Sal.), *Mirafuentes* (Nav.), *Papatrigo* (Ávila), *Sacajos* (León), *Saltacaballo* (Sant.), *Tajahurce* 'corta-tijera' (Soria), *Tancalaporta* (Lérida), *Tardáguila* (Sal.), *Tardelcuende* (Soria), *Tordeirábano* (Guad.), *Tornavacas* (Cáceres), *Guardasivienes* (Lérida).

Suministran interesantes materiales los nombres de lugar a quien desee penetrar en la historia de los sufijos. Nos conducen a las regiones del Norte los nombres formados con *-arro* y *-orro*: *Cambarro* (Gal.), *Cuñarro* (Gal.), *Cotarro* (Vizc.), *Camporra* (Vizc.), *Camporro* (Ov.), *Cotorra* (Pal.), *Montorra* (Vizc.), *Peñorra* (Vizc.)⁽⁸⁵⁾. Son típicos de algunas zonas del Centro los sufijos *-eque* y *-aque*, p. e. *Aranzueque* (Guad.), *Alpanseque* (Soria), *Jirueque* (Guad.), *Manzanque* (Tol.), *Mazarulleque* (Cuenca), *Palomeque* (Tol.), *Tembleque* (Tol.), *Trijueque* (Guad.), *Turíeque* (Tol.), *Cañamaque* (Soria), *Judraque* (Guad.), *Mascaraque* (Tol.)⁽⁸⁶⁾.

Respecto a la dominación visigoda tenemos que distinguir entre influencia lingüística y conservación de su onomástica. La influencia de la lengua goda sobre el idioma romance ha sido bastante limi-

⁽⁸⁴⁾ Como en Francia (*Montdidier*, *Villehardouin*) este tipo de nombre es bastante frecuente en España. Por otra parte es muy rara la composición que corresponde al tipo francés *Charleville* (*Bertancourt*). Conozco en Alava *Berantevilla*; en la provincia de Segovia hay *Aguilafuente*. Por este tipo véase Gamillscheg, *Romania Germanica*, tomo I, 1934, pág. 303. Se perdió algún sustantivo (*Castro*, *Villa*) en nombres del tipo *Diego Alvaro* (Ávila), *Nuño Gómez* (Tol.), *Gutierre Muñoz* (Ávila), *Pedro Martínez* (Gran.), *Veascálvaro* (Vall.), *Don Alvaro* (Bad.), *Don Jimeno* (Ávila).

⁽⁸⁵⁾ Para el origen de esta terminación, véase G. Rohlfs en *Archiv fuer das Studium der neueren Sprachen*, tomo 182, 1943, pág. 118; *Rev. de ling. rom.*, tomo 7, 1931, pág. 132, sigs.; *Le Gascon*, 1935, § 462.

⁽⁸⁶⁾ El origen de esta desinencia es poco claro. Véase Menéndez Pidal, *Orígenes*, pág. 133.

tado⁽⁸⁷⁾. Es por esta razón que de la antigua lengua germánica encontramos muy pocos vocablos que se han perpetuado en los topónimos de España. Podemos señalar aquí *Breda* (Gerona), *Brea* (Gal., Madrid, Zar.) < *brāida* 'llanura', *Burgos* < *burg* 'castillo', *Guardia* (Toledo) < *wārdja* 'guardián', *Gualda* (Guadal.) < *wald* 'bosque', *Esculca* (Gal.) < *skulka* 'atalaya'.

Mucho más importantes son las huellas de la onomástica goda. Se cuentan a millares los nombres visigodos que se han conservado en los topónimos de España. Son extremadamente numerosos en Galicia (como también en el Norte de Portugal). Se encuentran en mucho menor cantidad en Asturias, en Cataluña y en la provincia de Burgos. En la onomástica germánica que sobrevive en nombres de lugar, son típicos algunos elementos finales:

- sende (< *sinth* 'camino'): *Aldosende*, *Bertosende*, *Friosende*, *Gomesende*, *Gondosende*, *Hermisende*, *Lebosende*, *Recesende*, *Requesende*, *Rejosende*.
- gilde (< *gild* 'impuesto'): *Agilde* (< *Anagilde*), *Fagilde*, *Frugilde*, *Lugilde*, *Novegilde*.
- ulfe (< *wulfs* 'lobo'): *Adaúlfe*, *Arulfe*, *Bistulfe*, *Friulfe*, *Gondulfe*, *Guillurfe*, *Meitufe*, *Nandulfe*, *Randulfe*, *Sesulfe*, *Tiulfe*, *Trastulfe*.
- monde (< *munds* 'protección'): *Adamonde*, *Ansemonde*, *Fremunde*, *Gimonde*, *Guisamonde*, *Hermunde*, *Racamonde*, *Regemonde*, *Recimonde*, *Rozamonde*.
- mil (< *mir* < *mêreis* 'célebre'): *Ansemil*, *Argemil*, *Bertamil*, *Bandomil*, *Brandomil*, *Gardamil*, *Gondomil*, *Goimil*, *Guillamil*, *Guntimil*, *Randamil*, *Regimil*, *Recimil*, *Rosomil*, *Sandamil*, *Toimil*, *Trastemil*⁽⁸⁸⁾.

Son también fácilmente reconocibles algunos radicales que se repiten frecuentemente:

gunds 'lucha': *Gondomar*, *Gondomil*, *Gondulfe*, *Gondosende*, *Gondrame*, *Gundriz*.

(87) Véase E. Gamillscheg, *Historia lingüística de los Visigodos* (Rev. de fil. hisp. 19, 1932, pág. 229-260). — Y más detalladamente en *Romania Germanica*, tomo I, 1934, pág. 369-375, 381-385.

(88) Para el cambio de *r* final en *l* compárese en la Sierra de Gata (Cáceres) *andal* = andar, *cabel* = caber, *pil* = pedir, *sel* salir, *quel* = caer (Leite de Vasconcellos, Rev. Lus. 31, pág. 198, sigs.).

wilja 'voluntad': *Guilán*, *Guilfonso*, *Guiltrey*, *Guillamil*, *Guil-lurte*, *Guillarey*.

rek 'rey' (?): *Recesende*, *Recimil*, *Recimunde*, *Recegulfe* ⁽⁸⁹⁾.

Por lo común estos nombres continúan la forma del genitivo (latinizado), p. e. *Agilde* < *Anagildi*, *Guillufe* < *Wiliulfi*, *Requesende* < *Requesindi*, *Rorís* < *Roderici*, *Samil* < *Salamiri*, *Tourís* < *Theoderici*, *Gontariz* < *Guntherici*, *Ascarís* < *Ascarici* ⁽⁹⁰⁾. Residuos de la flexión visigoda aparecen en las formas del acusativo -ane y del genitivo -anis, p. e. *Atilán* (Oviedo), *Atián* (Gal) < *Attilane*, *Fatián* < *Fafilane*, *Fafilás* < *Fafilanis*, *Requián* < *Requilane*, *Requiás* < *Requilanis*, *Anseán* < *Ansilane*, *Gomeán* < *Gumilane*, *Ninán* < *Ninnane*, *Ninás* < *Ninnanis*, *Frojan* < *Froilane*, *Froláis* < *Froilanis*, todos de Galicia. Nombres de célebres reyes visigodos sobreviven en los nombres de lugar *Lugilde* (Leovigildo), *Recarey* (Recaredo), *Recesende* (Recesvinto), *Rorís* (Rodrigo), *Ervige* (Ervigio), *Wamba* (en Valladolid), *Ariz* en Orense (Alarico), *Gondomar* (Gundemaro), *Guítiriz* (Witerico), *Adaulfe* (Ataulfo), *Amaris* en Pontevedra (Amalarico).

De gran importancia ha sido la contribución de los Árabes en la toponimia peninsular. Durante la dominación musulmana muchas ciudades, lugares y aldeas reciben nombres nuevos. Pierden sus antiguos nombres muchos ríos. Del árabe *guad* 'río' proceden los nombres del *Guadalquivir* 'río grande' (antiguamente *Baetis*), *Guadiana* (antiguamente *Anas*), *Guadalajara* 'río de las piedras', *Guadalén* 'río de la fuente', *Guadamedina* 'río de la ciudad', *Guadalaviar*

⁽⁸⁹⁾ Todos los nombres citados son de Galicia. — Para su análisis detallada, véase Georg Sachs, *Die germanischen Ortsnamen in Spanien und Portugal*, Jena-Leipzig, 1932. Este trabajo ha sido profundizado por los estudios de J. M. Piel, *Os nomes germânicos na toponímia portuguesa en Bol. de Fil.*, tomo II-VII (sep.: Lisboa, 1936 y 1945).

⁽⁹⁰⁾ El genitivo se explica por la omisión de un nombre común latino. En algunos casos se han conservado las antiguas composiciones, p. e. *Castrojeriz* (Burgos) < *castrum Sigerici*, *Villafruela* (Burgos) < *villa (de) Froila*, *Villasinde* (Léon) < *villa (de) Sindila*, *Villagondriz* (Lugo) < *villa Guntherici*, *Villaosende* (Lugo) < *villa Adosindae*, *Villatuelda* (Burgos) < *villa (de) Teudela*, *Villaldemiro* (Burgos) < *villa (de) Aldemiro*, *Castrorramil* (Lugo) < *villa (de) Aramiro*; véase para este tipo toponímico E. Gamillscheg, *Romania Germanica*, I, pág. 348.

'río blanco' (antig. *Turia*). El antiguo río *Lupus* (prov. de Cáceres) hoy se llama *Guadalupe* ⁽⁹¹⁾. Composición con vocablo romance es también *Guadalhorce*, río de Andalucía, que pasa por las profundas gargantas de la sierra Arais (*forfex*). Entre los vocablos árabes que a menudo se encuentran en la toponimia de España citamos:

yabal 'monte': *Gibraltar* 'monte de Tarik', *Gibraleón* (Huelva) 'monte de las fuentes', *Gibralfaro* (Málaga) 'monte valiente', *Gibalbin*, sierra cerca de Cádiz.

alcudia 'cerro': *Alcudia*, nombre de muchos lugares en las provincias de Alicante, Valencia, Granada, Almería, Castellón.

alcalá 'castillo': *Alcalá* (muy frecuente), *Calatayud* (Zaragoza) 'castillo de Ayub', *Calatrava* 'castillo de Rabah', *Calatañazor*, 'castillo de las águilas', *Calaceite* (Ter.) 'castillo de Zaide'.

gezira 'isla' (en el sentido de 'terreno fértil y bien regado'): *Algeciras* (Cádiz), *Alcira* (Val.).

rábita 'ermita': *Rábita* (Jaén), *La Rábita* (Huelva), *La Rápida* (Lérida), *La Rápida* (Tarrag.).

rahal 'alquería': *Rafal* (Alicante), *Ráfales* (Teruel), *Rafelguaraf* (Val.), *Rafol de Salem* (Val.), *Rafelcofer* (Val.).

al-hamma 'baño termal': *Alhama* (Zar., Gran., Murcia), *Alhamila* (Almería), *río Alhama* (Soria), *río Alhama* (Gran.).

Otros nombres de origen árabe son *Albacete* 'llanura', *Almadén* 'mina', *Almadraba* 'pesquera del atún', *Alcántara* 'puente', *Alhambra* 'la roja', *Almodávar* 'el redondo'. Hay también formas híbridas compuestas con radicales de origen latino: *Alcazar* (castrum), *Almonaster* (Huelva), *Almostér* (Tarr.) y *Almonacid* (Zar., Cuenca, Tol. Guad.) < *monasterium* ⁽⁹²⁾. Otros nombres son compuestos de vocablo romance y apellido árabe, p. e. *Castielfabib* (Val.) 'castillo de Habib', *Tordómar* (Burgos) 'Torre de Omar', *Villazaide* (Ciud. Real) 'villa de Zaide'.

⁽⁹¹⁾ Al lado de los muchos nombres que empiezan por *Guad-* hay otros en los que el vocablo árabe se ha vuelto en *ode* (*odi*), p. e. en el sur de Portugal *Odiana* = *Guadiana*, *Odeleite*, *Odelouca*, *Odearce*, *Odemira* = río Mira, en Andalucía *Odíel*, *Odivarga*.

⁽⁹²⁾ Véase para más detalles el libro de Asín Palacios, *Contribución a la toponimia árabe de España* (Madrid 1944). — Para la evolución fonética: A. Steiger, *Contribución a la fonética del hispano-árabe y de los arabismos en el ibero-románico y el siciliano* (Madrid 1932).

Muchos lugares han tomado su nombre de la familia propietaria o del jefe de tribu. Así ha salido el tipo patronímico que se sirve del arábigo *iben* 'hijo', plur. *bani* ⁽⁹³⁾. Son de particular frecuencia estos nombres en el antiguo reino de Valencia: *Benicasim* 'los hijos de Cásim, *Bericarló*, *Beniaján*, *Beniardá*, *Beniatjar*, *Benichembla*, *Beni-farró*, *Benifayó*, *Benimarfull*, *Berimuslem*, *Benisanó*. En Mallorca la forma predominante es *bini*, p. e. *Biniamar*, *Binicalaf*, *Biniaxá*, *Binitaref* ^(93a). A lo largo del litoral mediterráneo estos nombres llegan hasta casi la desembocadura del Ebro ⁽⁹⁴⁾.

Mucho provecho puede reportar la toponimia a la dialectología. Se conservan en los nombres de lugar frecuentemente vocablos que tienen hoy muy escasa difusión. Por otra parte solo con la ayuda del léxico dialectal se pueden explicar ciertos topónimos.

Damos aquí una selección de nombres de lugar que conservan palabras dialectales:

Acerrada (Sant.), *Acered* (Zar.), *Aceredo* (Ov.), sant. (Fontibre): *ácere* 'arce'.

Argayo (León), *Argayadas* (Ov.): ast. *argayo* 'tierra que se desprende' (RFE. 2,53).

Bárcena (Sant., Pal.): port. *várzea*, gall. *bárcia* 'terreno cultivado'.

Para esta voz toponímica véase *Diplomatica Española del período astur* por A. C. Floriano (Oviedo 1949), pág. 629.

Bardal (Ávila, Sal.) 'sitio poblado de bardas': sant. *barda* 'zarza'.

Barzal (Murcia): arag. *barza* 'zarza'.

Bobia (León): leon. *bobia* 'paso natural entre montes con fuentes' (G. Alvarez, *El habla de Babia*, Madrid 1949, pág. 13).

Cadozo (Cuenca), *Cadozos* (Zamora): zam. *cadozo* 'charco en el cauce de los ríos' (Menéndez Pidal, RFE. 7,24).

⁽⁹³⁾ Es un tipo toponímico conocido de Africa del Norte: *Beni Hassan* (Egipto), *Beni Suel* (Egipto), *Beni Unif* (Marruecos).

^(93a) La mayor parte de estos nombres son compuestos con un apellido árabe. Hay algunos que se han formado con apellido romano: *Benillup* 'hijos de Lupo', *Benimaurell* 'hijos de Maurellus' (M. Sanchis Guarnier, *Introducción a la historia ling. de Valencia*, 1949, pág. 97).

⁽⁹⁴⁾ Confróntense de Portugal, donde estos nombres llegan hasta una línea poco al norte de Lisboa, *Benafátima*, *Benafessim*, *Benafim*, *Benagil*, *Benatrite*. Por la supervivencia de nombres de familias bereberes en la toponimia de la península, véase C. E. Dubler en *Homenaje a J. Jud*, *Sache, Ort und Wort*, Zurigo 1943, pág. 182, sigs.

- Canga* (Ov.), *Cangas* (Gal.), *Cangas de Onís*: astur. *canga* 'valle cerrado entre dos alturas', gall. *canga* 'yugo'.
- Carpaceira* (Gal.), *Carpazal* (ib.), *Carpazas* (ib.): gall. *carpaza* 'brezo de monte' (prov. Lugo).
- Cauba* (Valle de Arán), *Socauba* nombre de una gran cueva (Alto Pallars): cat. (Valle Ferrera) *cauba* 'cueva' (J. Corominas, Butll. Dial. Cat. 23, 1936, pág. 253).
- Contrueces* (Oviedo): ast. *controccio* 'tierra conjunta al horreo'; véase para esta voz *El Libro de Registro de Corias*, ed. A. Floriano, tomo II, Oviedo, 1950, pág. 336.
- Cordal* (Gal., Ast.): astur. *cordal* 'cordillera pequeña'.
- Curro* (Gal.), *Curros* (Gal.): gall. *curro* 'corral', cercado para el ganado'.
- Eido* (Gal.), *Eidovello* (Gal.): gall. *eido* 'morada', 'tierra nativa' (*aditus*).
- Escarilla* (Huesca): arag. *escarrón* 'arce silvestre' (G. Rohlfs, Le Gascon, 1935, § 14).
- Fayos* (Zarag.): arag. *fayo* 'haya'.
- Funchal* (Gal.): gal. *funcho* 'hinojo'.
- Gabarda* (Val.), *Gabarra* (Lér.), *Gabardosa* (Zar.), *Las Gabarras* (Tarr.), *Gabarret* (Huesca): arag. *gabarda* 'rosa silvestre' (Rohlfs, Le Gascon, § 15).
- Gánigo* (Tenerife): ten. *gánigo* 'cantaro de tierra'.
- Grijaiba* (Burgos, Zam., Gal.), *Grijota* (Pal.), *Grijoa* (Gal.): gal. *igreja* 'iglesia' (ecclesia alba, alta, ecclesiola).
- Guareña* (Ávila, Badajoz): salam. *guareña* 'ribera', 'arroyo' (Lamano y Beneite, pág. 479).
- Lecina* (Huesca): arag. *lecina* 'encina'.
- Llosa* (Ov.), *Lllosa Alfonso* (Ov.), *Llosos* (Ov.): sant. *llosa* 'terreno labrantío cerrado' (G. A. García Lomas, Leng. pop. de las montañas de Santander, 1949, pág. 191).
- Los Mallos*, nombre de altos peñascos (Huesca): arag. *mallo* 'peñasco' (G. Rohlfs, Le Gascon, 1935, § 125).
- Morcuero* (Sal.), *Morcuera* (Soria): alav. *morcuero* 'montón de guijarros' (RFE, 15, pág. 266).
- Muera* (Huesca): arag. *muera* 'zarzamora' (G. Rohlfs,...).
- Nisal* (Ov.), *Nisales* (Ov.): astur. *nisu* 'especie de ciruela' (Menéndez Pidal, Orígenes del Español, pág. 392).
- Nora* (León, Oviedo, Cáceres): ast. *nora* 'remanso del río' (J. M. González, Revista de Letras de la Univ. de Oviedo, tomo XI, 1950, pág. 96).

- Poveda* (Cuenca, Ávila, Sal.), *Povedal* (Sant.), *Poboleda* (Tarr.), *Pobo* (Zar., Guad., Gal.): en dialectos de Castilla *pobo* 'álamo blanco' (*populus*), véase G. de Diego, RFE. 4, 1917, pág. 205.
- Pueyo* (Nav., Huesca): arag. *pueyo* 'poyo'.
- Puyarruego* (Huesca), *Monte Ruego* o *Montarruego* cerca Bielsa (ib.), *Monte Arruebo* al norte de Fanlo (ib.): arag. *arruego* (*rogo*) 'rojo'; véase G. Rohlf, Le Gascon, § 383.
- Peñarroya* (Ter.), *Villaroya* (Logr., Zar.), *Monroyo* (Ter.): arag. *royo* 'rojo'.
- Rollete* (Cuenca): compárese salam. *rolletal* 'montón de cantos' (Lamano y Beneite, pág. 621).
- Rosío* (Burgos): *Los Recios* (Salam.), *Rocío* (La Cor.): gall. *resío* 'residuo de tierra que se ha quedado libre de casas y de otras construcciones' < *residuus*, véase Leite de Vasconcellos, Rev. Lus. 33, 1935, pág. 310-313. — Confróntese la Plaza del Rocio en Lisboa y en otras ciudades de Portugal.
- Sarceda* (Ov., Sant.): sant. *sarza* 'zarza' (P. Sánchez Sevilla, RFE. 14, pág. 176).
- Sardón* (Sal., Vall.): astur. *sardón* 'tierra espinosa llena de cardos', véase P. Sánchez Sevilla, RFE. 14, pág. 179.
- Seijo* (Gal.), *Seijal* (Gal.), *Seijalvo* (Gal.), *Seijeda* (Gal.), *Sejo* (Gal.): gall. *seijo* 'piedra' < *saxum*.
- Sel de la Peña* (Sant.), *Sel del Hoyo*, *Sel del Manzano* (ib.): sant. *sel* 'lugar comunal para pastos' (García Lomas, pág. 273).
- Silva* (Gal., Ov.), *Silvar* (Gal.), *Silveira* (Gal.), *Silvela* (Gal.), *Silvamayor* (Ov.): gall. *silva* 'zarza' < *silva*. Para el paso de 'selva' a 'zarza', compárese en dialectos de Calabria *silva* 'zarza', en Capri *vuosco* 'zarza' (< 'bosque'); véase G. Rohlf, Dizion. dei dialetti delle Tre Calabrie, vol. II, 1934, pág. 271.
- Singla* (Murcia, Barc.), *Cingla* (Murcia): arag. *cingla* 'cresta de peñas' (G. Rohlf, Le Gascon, § 136).
- Tartera* (Lérida): arag. (Ribagorza) *tartera* 'ladera de montaña cubierta de grandes piedras' (Ferraz y Castán, Vocab., pág. 101).
- Tollo* (Alic., Murcia, Sant.): salam. *tollo* 'fango'.
- Tosal* (Alic., Cast., Lérida, Ter., Val.): arag. *tozal* 'cima de un cerro', ribagorz. *tusal* 'cerro'.
- Xeixo* (Ponteved.): sanabr. *xeixo* (xeixo) 'pedrusco blanco', gall. *seijo* 'piedra': *saxum*.

Viesca (Ov.), *Biesca* (Ov., Huesca): ast. *biesca* 'bosque formado en un monte' < *vōscus* (Menéndez Pidal, RFE. 7, 1920, pág. 30).

Es de particular importancia el estudio de los nombres de lugares para la geografía lingüística. Mucho mejor que los documentos antiguos muchas veces de difícil consulta los topónimos nos pueden ayudar a fijar los términos geográficos en que una palabra se emplea o fué antes empleada. Según el Diccionario corográfico de España (ed. 1948) la voz *lama* que el Diccionario de la Academia Española da como castellana, se encuentra en España en las dos formas *Lama* y *Lamas* 153 veces, y todas ellas menos una (Vizcaya) en Galicia. La palabra *uce*, *uz* 'brezo' (ulice) según su difusión en nombres de lugar (*Uces*, *Ucedo*, *Uceda*, *Uceira*, *Uzal*) resulta circunscrita a un territorio que va de Galicia a Asturias y León, con manifestaciones aisladas en Salamanca y Guadalajara⁽⁹⁵⁾. La palabra *bodón* 'terreno encenagado poblado de juncos' (de *buda* 'cana') en los topónimos (*Bodón*, *Bodonai*, *Bohonal*) no pasa los límites de un territorio que incluye las provincias de Badajoz, Cáceres, Salamanca y Madrid⁽⁹⁶⁾. El celtibérico *páramo* en nombres de lugar es desconocido fuera de una zona que de Galicia va hasta Burgos y Segovia. El nombre que en algunos dialectos se da al roble (*carvalho*, *carvajo*) resulta en la toponimia en una zona que de Galicia pasando por Asturias y León va hasta Salamanca: *Carballo*, *Carballa*, *Carballedo*, *Carballal*, *Carballeira*, *Carbajal*, *Carbajosa*. Bien marcadas en su repartición geográfica se nos presentan las dos formas fonéticas *cajigo* (*caxigo*) y *quejigo*, la primera dominando en un espacio que de Galicia va hasta Huesca (*Cajigal*, *Cajigar*, *Cagigosa*, *Cajigueira*), la segunda en un territorio que de Salamanca se extiende hasta Málaga (*Quejigo*, *Quejigal*). La presencia del topónimo *Turón* en las provincias de Málaga y Granada nos enseña que esta voz, que hoy es sólo de Cataluña (*turó* 'cerro'), se ha extendido antiguamente hasta Andalucía⁽⁹⁷⁾. Confirma la opinión de que el esp. *floresta* constituye un provenza-

(95) Al lado de *uce* existe el tipo *urce* que en topónimos se encuentra en Galicia (*Urceira*) y en Almería (*Urcal*).

(96) Para la palabra *budón* véase Menéndez Pidal, Rev. fil. esp. 7, pág. 20.

(97) El área de la palabra al otro lado del Pirineo, abarcando amplias zonas de Gascuña y del Languedoc, llega hasta las provincias de Francia central. Para su origen véase P. Aebischer en *Butil. de dial. catal.*, tomo 17, pág. 193, sigs.

lismo (REW, n.º 3459), el hecho de que la voz sólo se encuentra dos veces en las provincias de Barcelona y de Lérida.

También se esconden en los nombres de lugares noticias instructivas para la historia de la civilización. Un eco lejano de la mitología romana se percibe en los nombres que están relacionados con el culto de una divinidad pagana, p. e. *Denia* (Val.) < *Dianium* (?), *Montjuich* (Barc.) < Monte Jovico, *Mercurin* (Gal.), *Martes* (Huesca), *Viérnoles* (Sant.) < *Veneris*. El antiguo mito de la *Mater Magna* (Cibeles) se revela en *Madremaña*, municipio de la prov. de Gerona ⁽⁹⁸⁾.

Recuerdo de antiguos pueblos de la Hispania preromana se conservan en *Puebla de Trives* en la prov. de Orense (*Tiburos*), *Ibros Jaén* < *Iberos*, *Ambrona* (Soria) < *Ambrones* ⁽⁹⁹⁾. Algunas huellas han dejado también en la toponimia los nombres germánicos que invadieron la península. Parece sobrevivir en Andalucía (ar. *Andalus*) el nombre de los Vándalos ⁽¹⁰⁰⁾. Vestigios toponímicos del pueblo suevo son *Suevos* (5 veces en Gal.), *Suegos* (Gal.) y *Puerto de Sueve* (Ov.). Reminiscencias de los Godos son *Godos* (Gal., Ov. Ter.), *Gotor* (Zar.) < *Gothorum*, *Villatoro* (Ávila y Burgos), *Toro* (Zam.) < *Gothorum* y *Revillagodos* (Burgos) ⁽¹⁰¹⁾. Con los Alanos se podrá relacionar *Alanís* (Sevilla) ⁽¹⁰²⁾.

Nombres que señalan oposición a los establecimientos de los Visigodos, Vascos o Musulmanes son *Romanos* (Zar.), *Romanones*

⁽⁹⁸⁾ Confróntese en Italia la gruta de *Matrománia* (Capri). Y véase P. Aebischer, *Butll. de dial. cat.*, vol. 22 (1934), pág. 36 sig.

⁽⁹⁹⁾ Sobre el origen centroeuropeo del pueblo de los *Ambrones*, véase Menéndez Pidal en *Zeitschrift fuer romanische Philologie*, tomo 59, 1939, pág. 189, sigs. (y *Rev. de Fac. de Letras*, Lisboa, tomo 10).

⁽¹⁰⁰⁾ Para la formación del nombre *Andalucía*, véase J. Bruech en la *Rev. de ling. rom.* II, pág. 74. Piensa este autor que en griego bizantino al lado de *Οιάνδαλοι* se hubiera formado *οιανδαλόντις* en analogía de *Μαζονί: μαζονόντις*.

⁽¹⁰¹⁾ Muchos otros nombres (*Godones*, *Godón*, *Godão*, *Godín*, *Godinho*, *Godinhos*, *Vilagudín*, *Gude*, *Gudes*, *Valdegodá*), citados por Gamillscheg en su artículo *Historia lingüística de los Visigodos* (*Rev. de fil. esp.*, tomo 19, 1932, pág. 127-133) y en *Romania Germánica* (tomo I, 1934, pág. 159) no tienen nada que hacer con una colonización de los godos y no pueden servir para estudiar la repartición geográfica de los Visigodos. Véase para esto el examen minucioso de J. M. Piel en el *Bof. de Fil.*, tom 3, 1935, pág. 385-389.

⁽¹⁰²⁾ *Villalán* (Vall.) no es recuerdo de los Alanos, sino está compuesto con nombre de persona. Tampoco tiene que hacer con los Alanos la *Forca de Alano* (Alto Aragón).

(Guad.), *Romancos* (Guad.), *Romanillos* (Soria, Guad.), *Romaña* (Vizc.)⁽¹⁰³⁾. El valle de *Romanzado* (Navarra) marca el avance de la romanización en la antigua frontera vasco-latina. Nombres de otros pueblos antiguos se encuentran en *Griegos* (Ter.), *Báscones* (Burgos, Palencia, Oviedo), *Castroserracín* (Seg.), *Célticos* (Lugo), y *Gállego*, río en la provincia de Huesca que nace en la frontera de Aragón con Francia. Son signos de la nueva colonización cristiana en las tierras de reconquista los nombres de lugares *Gallegos* (Zam., Seg., Sal., Av., Vall.), *Galleguillos* (León), *Bercianos* (León, Zamora), *Navianos* (Zam.), *Navarros* (Alm., Murcia), *Aragones* (Seg.), *Gascónes* (Madrid), *Gascuña* (Guad.). Parecen aludir a colonos mozárabes que en el siglo IX emigraron de Toledo para buscar nueva patria en tierra cristiana, los lugares *Toldanos* (León) y *Toldaos* (Lugo)⁽¹⁰⁴⁾.

Como importantes estaciones de las calzadas romanas las piedras miliarias dieron lugar muchas veces al establecimiento de una posada, de ventas y de otras industrias. Nacieron así nuevos centros de población.⁽¹⁰⁵⁾ De esta manera se explican los nombres de los siguientes lugares: *Tierz* a 5 kilómetros (= 3 millas romanas) de Huesca, *Cuarte* a 4 millas de Huesca⁽¹⁰⁶⁾, *Quinto* a 5 millas del puente antiguo sobre el río Ebro (cerca de Gelsa), *Siétamo* a 7 millas de Huesca, *Utebo* a 8 millas de Zaragoza⁽¹⁰⁷⁾, *Nueno* a 9 millas de Huesca.

Antiguos baños termales de fundación romana son *Bañuelos* (Burgos, Ávila, Guadalajara, Córdoba, Málaga), *Bañolas* (Gerona), *Bañols* (Mallorca), *Boñar* (León) < *Balnear* (a. 1181), *Buñuel* (Nav.), *Buñol* (Val.), *Albuñol* (Granada)⁽¹⁰⁸⁾. Igual origen tiene *Tiermas* (Zar.).

La afluencia de peregrinos franceses que iban a visitar el santuario de Compostela, tuvo su expresión toponímica en el *Camino Francés* (Pamplona-Burgos-Galicia) y en numerosos pueblos de Galicia:

(103) Véase Menéndez Pidal en *Rev. de fil. esp.*, tomo 5, pág. 251.

(104) Menéndez Pidal, *Orígenes*, pág. 442.

(105) Confróntese *Septimum Decimum*, ciudad de la España antigua, 17 millas distante de Tarragona.

(106) Hay otro *Cuarte* a 4 millas de Zaragoza, *Cuart de Poblet* a 4 millas de Valencia, *Cuart dels Valls* a 4 millas de Murviedro (Sagunto).

(107) Muy extraña la forma fonética. No me parece imposible un efecto de la imela en un territorio dominado algunos siglos por los moros.

(108) Menéndez Pidal, *Orígenes*, pág. 104, 181 y 182.

Francés (7 veces), *Franza* (3 veces) y *Francia*. El grito de guerra de los cristianos franceses *monjoie* sobrevive en *Manjoya* ⁽¹⁰⁹⁾, nombre de una parroquia de Oviedo, y en *Monxoi*, nombre de un sitio cerca de Santiago ⁽¹¹⁰⁾.

Preciosos datos se pueden sacar para la historia de la iglesia cristiana estudiando los nombres de lugares que deben su origen a los santos y mártires españoles ⁽¹¹¹⁾. Entre los santos más venerados en España ocupa el primer lugar *San Juan*, que sobresale por la gran extensión de su culto a todos los otros. El 'Diccionario corográfico de España' nos da 215 lugares cuyos nombres proceden de este santo. Siguen en orden de frecuencia *San Martín* (210 veces), *San Pedro* (179 veces), *San Miguel* (138 veces), *San Antonio* (69 veces), *San Cristóbal* (72 veces), *San Andrés* (69 veces). Hay otros santos con culto de extensión limitada. De Cataluña son *San Bandilio*, *San Daniel*, *Santa Magdalena* y *Santa Perpetua*. De Galicia *San Bricio*, de Castilla *San García*, de Asturias *San Damián*. Al Noroeste (Galicia, Asturias, León) pertenecen *San Clodio* y *San Verísimo*, a las regiones del Norte *San Acisclo*, *San Emeterio* y *San Saturnino*.

Santos que se encuentran una sola vez en nombres de lugares son *San Atilano* (Zamora), *San Calixto* (Córdoba), *San Celoni* (Barc.), *San Dalmay* (Gerona), *San Eufrasio* (Lugo), *San Ferreol* (Gerona), *San Fulgencio* (Alicante), *San Gallart* (Tarragona), *San Magín* (Tarragona), *San Marcelo* (Ov.), *San Mori* = *San Mauricio* (Gerona), *San Privat* (Gerona), *Santa Sabina* (La Coruña), *Santa Úrsula* (Tenerife).

⁽¹⁰⁹⁾ Esta localidad, situada en la carretera que de León conduce a Oviedo, en documentos de la catedral de Oviedo de los siglos XIII-XIV aparece en la forma *ecclesia sancti Jacobi de la monioya*. — Fué de aquí que a los peregrinos deseosos de conocer Oviedo se ofreció por primera vez la vista de la capital de Asturias.

⁽¹¹⁰⁾ En documentos medievales se habla del *Mons Gaudii*. En una descripción de la peregrinación de Alfonso XI leemos: *Et ante que llegase a la ciubdat, fue de pie desde un lugar que dicen la Monjoya et entro así de pie en la ciubdat et en la iglesia de Santiago* (Peregrinaciones a Santiago, tomo 2, pág. 354). — Por el origen del francés *montjoie* (*Mons Gaudii*, *Monte Gaudia*), véase Kurt Loeffel, *Beiträge zur Geschichte von montjoie*, tesis, Tübingen 1934.

⁽¹¹¹⁾ La importancia de esta nomenclatura fué puesta de relieve ya en el trabajo de J. Jungfer, *Ueber Personennamen in den Ortsnamen Spaniens und Portugals* (Berlin 1902), pág. 13, sigs. — Recientemente J. M. Piel nos ha suministrado sobre estos problemas un trabajo muy concienzudo: *Os nomes dos santos tradicionais hispânicos na toponímia peninsular* (Coimbra 1950, también en *Biblos* tomo 25-26).

Al lado de la terminología culta y oficial hay una tradición popular en que el nombre del santo sigue la evolución fonética de la lengua hablada. Nombres de santos que se encuentran en forma culta y forma popular, son *San Marcial* (Barc.) y *Sant Marsal* (Barc.), *San Cipriano* (León, Barc.) y *San Cebrián* (Pal., Zam., Vall.), *Santa Cecilia* (Barc.) y *Santecilla* (Burgos), *San Facundo* (Ov., León) y *San Fagundo* (Orense), *San Poncio* (Barc.) y *San Pons* (Gerona), *San Gervasio* y *Santervás* (Soria), *San Asensio* (Logr.) y *San Asenjo* (Soria), *San Victorio* (Orense) y *San Vitero* (Zamora) ⁽¹¹²⁾, *Sanfelismo* (León) = *San Verisimo* y *San Brégimo* (Or.), *Sant Pere* (Catal.) y *Sampil* (Gal.). En algunos casos la evolución dialectal ha producido formas bastante distintas. Tenemos por ejemplo *San Payo* (Galicia) al lado de *San Pelayo*, *Santa Comba* (Gal.) al lado de *Santa Colomba*, *San Bento* (Gal.) al lado de *San Benito*, *San Frechoso* (Ov.) al lado de *San Fructuoso*, *San Cugat* (Barc.) al lado de *Sancobad* (Gal.) y *Sancucao* (Ov.). De *San Brandán* nació la forma popular *San Borondón* (Tenerife). Algunos nombres de santos muy populares se presentan en formas variadisimas, p. e. *San Juan* (*Seivane*, *Sebane*, *Seoane*, *Santianes*, *Sebanes*, *Santibáñez*), *San Julian* y *Santa Juliana* (*Santillán*, *Santullán*, *Sanjillao*, *Sanjiao*, *San Jián*, *Santullano*, *Santillana*), *San Jorge* (*Santiorjo*, *San Jorde*, *Sanjurjo*, *Santiurde*, *Santiurjo*, *Santurjo*, *Santurde*, *Santurce*), *San Felices* (*San Feliu*, *Santelices*, *Sahelices*, *Saelices*, *San Fiz*, *Safiz*), *Santa Eulalia* (*Santaballa*, *Santa Baya*, *Santa Olalla*, *Santa Olaja*, *Santalla*, *Santa Olaya*, *Santa Olaria*, *Santolaja*, *Santaya*).

Algunas evoluciones fonéticas han sido tan fuertes e radicales que han hecho olvidar el nombre del santo, p. e. *Santander* (ecclesia *Sancti Emeterii*) ⁽¹¹³⁾. De *San Fructuoso* (>*San Frechoso*) ha procedido *San Felechoso* (Ov.), en cierto modo el santo de los helechos. cedido *San Felechoso* (Ov.), en cierto modo el santo de los helechos. *San Acisclo* se volvió en *Sant' Iscle* (Barcelona). De *San Llorente* se llegó a *Señorente* (Salamanca), de *Sancti Victoris* a *Sachechores* (León), de *Sant' Elias* a *Centellas* (Barc.), de *San Miniato* a *Senmat* (Barc.), de *San Zoilo* a *Sanzoles* (Zam.) ⁽¹¹⁴⁾. *Santolín* (León)

(112) Por la forma *Vitero* confróntese la evolución de -toriu en -duero > -dero: *aguzadero*, *aguadero*, *abrevadero*. — Otras formas populares nos da *Piel*: *Sanfitoiro* (Gal.) y *San Vital* (León).

(113) El nombre del mismo santo sobrevive en *San Medel* (Sal., Seg.) y *San Medir* (Gerona).

(114) Jungfer, o. c., pág. 13.

no es separable de *San Antolín* ⁽¹¹⁵⁾. En *Sadurnín* (Orense) y *Saornil* (Ávila) ha desaparecido el recuerdo de *San Saturnino* ⁽¹¹⁶⁾. En otros lugares la pérdida del culto del santo es debida a la dominación musulmana, p. e. en *Santiponce* (Sevilla) < *Sancti Poncii*, donde la iglesia parroquial está dedicada hoy a San Isidoro. En *Sahagún* (Valladolid) no quedó ninguna memoria del antiguo culto de *San Facundo*, en *Sambitero* (Zamora) ningún recuerdo de *San Victorio*, en *Santovenia* (Vall.) ninguno de *Santa Eufemia*, en *Santiz* (Sal.) y *Santotis* (Guadalajara) ninguno de *San Tirso*. En *Sanchidrián* (Ávila) se perdió toda memoria de la antigua ecclesia *Sancti Adriani* ⁽¹¹⁷⁾. En *Santovenia* (Burgos) al culto antiguo de Santa Eufemia substituyó, por equívoco, el de Santa Eugenia. En *Santoña* (Santander) ya no se reconoce ninguna relación con San Ananias que fué martirizado en esta ciudad.

Parece que otros santos hayan nacido de la fantasía popular. Ningún santoral nos señala a *San Bollo* (La Coruña), a *Santa Lecina* (Huesca), a *Santa Liña* (Lérida), a *Sant Llóp* (Barcelona), a *San Morales* (Salamanca) y a *San Muñoz* (Salamanca). En algunos casos el motivo de la confusión se puede adivinar. En Galicia hay *San Martín del Bollo* y *Santa María del Bollo* ⁽¹¹⁸⁾. En la provincia de Huesca hay tres aldeas llamadas *Lecina* ('encina') ⁽¹¹⁹⁾. En la provincia de Lérida hay *Liña* como nombre de un caserío. *Morales* es nombre muy frecuente de aldeas y caseríos en Castilla y Andalucía (*moral* 'árbol que produce la mora'). En la provincia de Salamanca,

⁽¹¹⁵⁾ L. López Santos, en *Archivos Leoneses*, año I, 1947, pág. 47.

⁽¹¹⁶⁾ Otros nombres geográficos que se relacionan con este santo son *Santotorril* (Huesca), *San Cerni* (Nav.) y *Zanzabornin* (Ov.); véase Piel l. c., pág. 75.

⁽¹¹⁷⁾ Los nombres populares del santo conservan frecuentemente el genitivo por omisión de un sustantivo, p. e. *Seoanes* (Galicia) < *sancti Johannis*, *San Quirce* (Burgos), *San Felices* (Burgos), *Santiuste* (Guad.) < *Sancti Iusti*, *Sahechores* (León) < *sancti Victoris*. Véase A. Castro en *Rev. de fil. esp.*, tomo 2, pág. 180.

⁽¹¹⁸⁾ No me conviene la atribución 'puramente conjetural' de *San Bollo* a San Baudelio (Piel, l. c., pág. 69). Hay en Galicia: *Bollo*, aldea en La Coruña; *Bollo*, villa en Orense; *Bolo*, lugar en Orense; *La Bola*, lugar en Orense. Este nombre me parece idéntico al cast. *bollo*, gall. *bolo*, palabra empleada en el sentido de 'elevación', 'cabezo'.

⁽¹¹⁹⁾ En un documento aragonés del año 1088 se habla de la *ecclesia Sanctae Mariae de la Lezina*, véase M. García Blanco en *Actas de la primera reunión de toponimia pirenaica* (Zaragoza 1949), pág. 130.

donde existe *San Muñoz*, hay también *Muñoz* como nombre de un municipio ⁽¹²⁰⁾.

Frente a tales aberraciones de la imaginación popular consideramos un verdadero milagre que de *Sanguiniedo*, *Sanguñedo* (Galicia), *Sangoñedo* (Oviedo) 'sitio poblado de sangüenos' (*sanguineu + -etum*) no haya salido un nuevo santo apócrifo: *San Guñedo* o *San Goñedo* ⁽¹²¹⁾.

GERHARD ROHLFS

(120) He hablado de símiles equivocaciones en mi artículo *Heiligennamen in der italienischen Toponomastik*, en *Germanisch-romanische Monatsschrift*, tomo 31, 1943, pág. 254-256.

(121) Esta etimología popular se ha verificado en el nombre de un pueblo de Calabria y de una finca en la provincia de Benevento que de *Sangineta* (*sanguinetum*) se volvieron en *San Gineto*; véase L. Accattatis, *Vocabolario del dialetto calabrese*, Castrovillari, 1895, pág. 652 y Rohlf, l. c., pág. 256. — En España lo mismo sucedió a *Sangoñedal* (Oviedo) que, a pesar de su etimología *sanguinetum + -ale*, se volvió en *San Goñedal*; véase Piel, l. c. pág. 9 (= Biblos 25, pág. 295).



Considerações Etimológicas

Lampã; lampo; relâmpago

No princípio do vol. XI da *Rev. Lusit.*, sob o título geral de *Contribuições para o Futuro Dicionário Etimológico das Línguas Hispânicas*, estudou a Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos a origem de várias palavras, entre as quais «LAMPO-LAMPÁ» (pgs. 9-14), referidas a frutas do S. João... Considerou-as relacionadas etimologicamente com *lâmpada*.

No mesmo volume da *Revista* (pg. 241), A. R. Gonçalves Viana, ao fazer uma apreciação geral das etimologias estudadas por D. Carolina, confessa não aceitar ainda esta, por, a seu ver, não ter ficado suficientemente demonstrada.

Parece-nos que a D. Carolina Michaëlis tem certa razão — e Meyer-Lübke seguiu-a em *R. E. W.*, 4870 —, mas também cremos ser necessário ampliar o âmbito da palavra *lâmpada* — *lampa* no tempo e no espaço e estabelecer melhor as relações etimológicas e semânticas entre as formas greco-latinas e as romances. Na verdade, é muito pouco — e até inadequado — relacionar o significado actual de *lampo* e *lampas* apenas com as lâmpadas ou luminárias de S. João, como fez D. Carolina Michaëlis e mais tarde Sousa Viterbo repetiu ⁽¹⁾.

Com as considerações etimológicas e semânticas que vamos fazer a seguir, procuramos achar também a «correlação histórica e linguística», de cuja dificuldade fala Sousa Viterbo no final do estudo citado ⁽²⁾.

A palavra *lampa* — *lâmpada* tem por origem remota o grego *λαμπάς, λάος* (derivado de *λαμπω* 'brilhar', 'resplandecer', com o suf. *άς, -άος*;

⁽¹⁾ Estudos Etnográficos. O S. João e as tradições populares — *Lampas e fígos lampos* (*Rev. Lusit.*, XXIII, pg. 138-142).

⁽²⁾ «Na língua portuguesa, assim como em todas as línguas — escreve Viterbo —, há frases que tiveram a sua razão de ser naturalíssima, num momento dado, que cristalizaram [...]. Perdidos ou obliterados esses termos, torna-se difficilimo, e em muitos casos impossivel, achar a sua correlação histórica e linguística de modo que a explicação de muitas dessas frases merece ser posta a prêmio»...

— cfr. J. I. Louro, *O Grego Aplicado*, § 264), onde designa principalmente: 'facho', 'archote' 'lumieira'; 'lâmpada', 'tocha'; 'corrida de archotes'; 'brilho' ou 'luz' (das armas, do sol, etc.), 'dia'; 'meteoro ígneo ou luminoso'.

Os fachos ou archotes gregos (λαμπάδες), colocados em lugares apropriados ou conduzidos por λαμπάδισται e λαμπάδοφόροι (λαμπάδοφοροι), etc., eram usados não só para fins de iluminação, mas também para efeitos de cortejos e corridas integrados em várias festas (de Vulcano, Prometeu, Pã, etc.).

A palavra grega passou para latim com a forma culta *lampas*, *ādis* (de tema em *d*, como a grega normal) e com a forma vulgar *lampāda*, *ae* (de tema em *a*) — esta talvez com a conquista romana do sul da Itália (Magna Grécia), de onde foi levada para Roma, Sardenha, Córsega, Península Ibérica, etc. No latim de diferentes períodos encontram-se documentadas as seguintes acepções: facho, archote ou lumieira; lâmpada, tocha ou candelabro; brilho, resplendor, luz (do sol, etc.); dia, noite (associada a Phoebe) e mês; meteoro ígneo; e solstício estival (esta em Du Cange: «LAMPAS, Solstitium aestivum. Papias: *Lampas ideo solstitium aestivum dicitur, quia tunc Lampas solis claritatem et calorem majorem accipiat.*»).

Por seu turno, os principais significados latino-românicos devem ter sido: a) facho, archote ou lumieira e corrida de archotes; b) festas solsticiais do verão, solstício do verão e mês de Junho; c) lâmpada ou tocha; d) outros sentidos românicos derivados (metonímicos). Os primeiros são os significados principais desde as origens greco-latinas; os segundos, além do inicial (de transição), encontram-se respectivamente em Du Cange, como vimos, e na designação do mês de Junho em sardo (*Lâmpadas*), estando também implícitos, conforme se vai ver, nos sentidos derivados; o terceiro conservou-se principalmente na linguagem da Igreja, mas está hoje generalizado; os outros estão representados pelos sentidos especiais portugueses, de que particularmente nos queremos ocupar.

À inteligência do nosso estudo interessa saber, antes de mais, que as chamadas «fogueiras de S. João» não são — não podiam ser — de inspiração verdadeiramente joanina ou cristã. São muito anteriores à localização da festa do Nascimento de S. João Baptista em 24 de Junho⁽³⁾ e mesmo ao estabelecimento do Cristianismo na Península.

(3) Esta localização encontra-se no *santoral hispânico* anterior aos meados do séc. XI dado por Pierre David em *Études Historiques sur la Galice et le Portugal du VIe. au XIIe, siècle* (1947).

Representam claros vestígios de festas solsticiais dos tempos gentílicos celebradas, pelo menos, durante a dominação romana e prolongadas até aos primeiros séculos da era cristã.

A estas festas andavam, sem dúvida, associadas as *lâmpadas*, quer no sentido de archotes ou procissões e corridas de archotes, à maneira greco-latina, quer no de quaisquer luminárias, incluindo as próprias fogueiras (como se vê no derivado *lampoça* 'fogueira', em Alpedriz [Alcobaça]).

Portanto, de princípio, não foram as *lâmpadas* ou *lampas* (archotes, luminárias, fogueiras...) que pertenceram ao S. João, como as expressões actuais parecem indicar, mas foi a festa de S. João que se fixou no tempo destas *lâmpadas* solsticiais ⁽¹⁾. A expressão «pro santo iohanne lampadarum» (*Port. Mon. Hist., Leges*, p. 486, doc. de 1193), isto é, «pelo S. João das Lâmpadas ou das Lampas» (cp. topónimo *S. João das Lampas*, Sintra), parece estar em clara relação com este facto.

O lat. *LAMPĀDA* (< grego) está representado em português por *lâmpada*, forma culta conservada pela linguagem da Igreja e hoje estendida à linguagem técnica ('vaso com óleo, etc. e torcida que se acende para fins de iluminação', 'ampola de vidro com fio metálico interior que se torna luminoso pela passagem da corrente eléctrica', etc.), e pela forma vernácula *lampa* (< *lampaa* < lat. *lampāda*), antiga, vulgar e poética ⁽²⁾. Esta apresenta algumas vezes o primeiro significado da anterior, mas tem (ou teve) ainda outras acepções...

Cremos, porém, que *lampas*, na acepção de 'frutas (especialmente figos e peras) que se colhem pelo S. João' ou de 'ramos verdes com frutas temporãs', não representa um emprego directo ou simplesmente analógico da palavra anterior, como julga D. Carolina Michaëlis, por exemplo, quando escreve (*Rev. Lusit.*, XI, p. 10): «Suspeito que originariamente estes ramos seriam enfeitados também de

(1) Na verdade, foram as luminárias das remotas festas solsticiais pagãs («da Mitt-Sommer-Nacht dos povos gentílicos», como diz D. Carolina Michaëlis muito de passagem) que, por força da tradição, passaram, não só para as festas de S. João, como também para as de St.^o António e de S. Pedro (principais santos de Junho).

(2) Da literatura arcaica conhecemos este exemplo, colhido pelo Dr. Luís F. Lindley Cintra na *Crónica Geral de Espanha* (ms. 8817 da Bib. Nac. Madrid, fól. 119 b), «deu fogo novo na sua lampaa».

Castilho emprega-a numa xácara citada por Sousa Viterbo (lugar cit.): «Lidai à luz triste das lampas nocturnas, cobri-vos de brancas, mineiros da história»...

pequeninhas corpos de iluminação, e que desses provém o título de *lampas* (abreviado de *ramos com lampas de S. João*), o qual em seguida passou a designar os presentes e acepipes tradicionais do S. João, isto é, os primeiros representantes das frutas da estação, pendurados igualmente nos ramos». Quer dizer, segundo ela, *lampas* «corpos de iluminação» ou abreviatura de «ramos com lampas», em sentido próprio, passou a designar 'frutas do S. João' ou 'ramos com frutas igualmente penduradas', isto é, ramos com lampas em sentido metafórico. João Ribeiro, em *Frases Feitas* (1.^a série), partindo duma explicação do sintagma *levar as lampas* (baseada em que «era costume natural irem na frente os que «levam as lampas» archotes ou luminárias»), também considera este emprego de natureza metafórica: «Pela mesma imagem e metáfora é que se diz das frutas temporãs — frutas *lampas* — porque vêm cedo e adiante das outras: Figs *lampas*».

Como vamos mostrar, esse significado deve ter surgido na palavra por um mecanismo inteiramente diferente: por redução (e talvez outras mudanças) duma expressão e por condensação, transferência ou contágio de sentido, isto é, por metonímia — e não por simples metáfora. Deu-se aí uma evolução semântica (ou morfo-semântica) idêntica à que se verifica em *janeiras*, *maias* (acidentalmente citada por D. Carolina), *bengala*, *cambráia*, *carneira*, *saragoça*, *trigo* (pão), etc.

Na verdade, estes e outros exemplos da nossa língua, a designação «*figo(s) vindimo(s)*» e a expressão sarda «*figu de lâmpadas*» (*Atlas Ling. It.-Suiço*, mapa 1287), esta rigorosamente equivalente à nossa «*figo lampo*», fazem-nos reconhecer facilmente não só o aparecimento do subst. *lampa(s)*, nessa acepção, como também o do adj. *lampo*, igualmente ainda por explicar com rigor.

Vejamos o mecanismo evolutivo.

Das expressões completas «*figo(s) de lâmpadas*», depois «*figo(s) das lampas*», ou, de modo geral, «*fruto[s] (figo[s], pera[s]...) de lâmpadas* ou *das lampas*» — tomando-se *lâmpadas* ou *lampas* no sentido, hoje perdido, de 'tempo das lâmpadas ou lampas', quer dizer, de 'solstício estival' (cfr. Du Cange) ou de 'Junho' (cp. sardo) — passou-se para *«*figo(s) lampas*» ou *«*frutos (figo[s], pera[s]...) lampas*» por perda do conectivo *de* ou *das*, como muitas vezes acontece em casos semelhantes (cp. *beira-mar*, *beira-rio*, *cobra-capelo*, *Foz-Tua*, *Ribatejo*, etc.). Nesta fase de justaposição dos substantivos determinado e determinante, este último foi muitas vezes tomado por adjectivo, com as competentes variações em género e número. É, po-

rém, natural que algumas vezes o adjetivo provenha directamente da primeira fase da expressão, por uma instintiva equivalência entre o *determinante* regido de *de* e o *adjectivo*. Assim, por qualquer destas vias, se obteve o adj. *lampo*, *lampa*, *lampos*, *lampas*, isto é, quer directamente de (*figo[s]*, *pera[s]*, *fruto[s]*) *de lampas*, por equivalência, quer por intermédio de (*figo[s]*, *pera[s]*, *fruto[s]*) *lampas*, com adjectivação do substantivo determinante justaposto.

Adjectivações desta natureza não são raras em português. Eis alguns exemplos elucidativos: *figo(s) vindimo(s)* (< **«figo[s] vindimas»* < **«figo[s] das vindimas»*, quer dizer, do tempo das vindimas ou serôdio[s]), em perfeita correlação com *figo(s) lampo(s)* (< **«figo[s] lampas»* < **«figo[s] das lampas»*, quer dizer do tempo das lampas [Junho] ou temporão[s])⁽⁶⁾; *farinha triga* (< **«farinha trigo»* < «farinha de trigo»); *maçacuca*, *maçã-cuca* (< **«maçã cuco»* < «maçã de cuco»); *palha centeio* (< **«palha centeio»* < «palha de centeio»); *pão trigo* (cp. *pantrigueiro*), redução de «pão de trigo»; etc.

Finalmente pode-se chegar ao extremo de a expressão ficar reduzida ao determinante (substantivo ou substantivado, se na fase de adjectivo) com acumulação do sentido do determinado por contágio ou metonímia.

Assim se obteve o substantivo *lampa* ou *lampas*, no sentido de 'fruta(s) (figos, peras...) temporã(s)', que resultou de «*fruta(s) lampa(s)*» (ou «*peras lampas*»), por redução da expressão ao determinante adjectivo, substantivação deste e acumulação metonímica do significado, ou de «*fruta(s)* (figos, peras...) *das lampas* (do tempo das lampas, de Junho)», por redução ao simples substantivo determinante⁽⁷⁾ com contágio semântico⁽⁸⁾.

(6) A referência ao «tempo das lampas» e o qualificativo *lampo* foram depois substituídos, em casos menos consagrados, pela referência ao S. João: *maçã(s) do S. João*, *pêssego(s) do S. João* e até *figo(s) do S. João*.

Na nossa região (Gouveia) estes «*figos do S. João*» consideram-se distintos dos *figos lampos*. Os primeiros são figos normais duma variedade de figueira temporã, ao passo que os *lampos* são figos temporãos acidentais (só aparecem em anos muito favoráveis) produzidos pela mesma figueira que produz, depois, normalmente, os *figos vindimos*.

(7) Esquemáticamente: «*fruto(s) ou fruta(s) das lampas*» > **«fruto(s) ou fruta(s) lampas»* > *lampa(s)*.

Além de *figo(s) lampo(s)* e *pera(s) lampa(s)*, encontramos a exemplificação «*centeio lampo*» em Domingos Vieira (*Dicion.*, s. v. *LAMPO*, adj.).

(8) *Lampas*, no sentido de 'ramos verdes com frutas temporãs' (de Junho), seria redução de nova designação: «ramos de lampas», isto é, «ramos carregados ou enfeitados de lampas (frutas temporãs)».

Entre outras sofreram evolução semelhante as seguintes palavras, já citadas: *janeiras* (redução por «cantigas, festas ou dádivas [em frutas, etc.] de Janeiro»); *maias* (por «festas de Maio», do 1.º de Maio, de remota origem, ou por «giestas, etc. que florescem por alturas de Maio e que se usam ou usavam em ornamentações nas tradicionais festas deste mês», quer dizer, está por «festas ou giestas (etc.) de maio» > *«festas ou giestas maio» > «[festas ou giestas] maias»); *bengala* (por «cana de Bengala» — cp. fr. *canne*); *cambraia* (por «tecido de Cambraia», isto é, «tecido fino, transparente, originariamente fabricado em Cambraia» — fr. *Cambrai*); *carneira* (por «pele de carneiro»); *saragoça* (por «tecido de Saragoça», isto é, «tecido grosseiro de lã originariamente fabricado em Saragoça»); e *trigo* (por «[um] pão de trigo») ⁽⁹⁾. São ainda comparáveis a estes os casos de *galgo* (<[*canis*] *gallicus*), de *maçã* (<[*poma*, pl. de *pomum*] *mattiana*), de *nada* (<[*non*, *nulla res*] *nata* — cp. fr. *rien*, prov. *ren*), de *pêssego* (<[*pomum*] *persicum*) e doutros semelhantes, cujo determinante é inicialmente adjectivo — substantivado depois de receber também o sentido do determinado.

Fica, assim, estudada a evolução histórico-etimológica e semântica que conduziu ao aparecimento, em português, do adj. *lampo*, *lampa* ('de Junho', 'temporão'...) e do subst. *lampa(s)* (no sentido de '*fruta[s]* *temporã[s]*' — e de '*ramo[s]* com frutas temporãs') ⁽¹⁰⁾. Como dissemos e se viu, nestas formas portuguesas estão implícitos antigos significados de *lâmpada(s)* — *lampa(s)*, hoje completamente desaparecidos, e que são: '*archote(s)*', '*fogueira(s)*' (cp. também *lampoga* e *S. João das Lampas*); '*festas solsticiais do verão*' ou '*tempo das luminárias*', '*solstício do verão*' ou '*Junho*' (cp. sardo, *Du Cange* e a expressão «pro santo iohanne lampadarum», acima citada).

No sintagma «levar as lampas» ('exceder', 'sobreleva', 'levar a palma'), a palavra *lampas* tem um emprego nitidamente figurado, que tanto pode estar em relação com o primitivo significado de '*facho*' ou '*archote*' das corridas (ir à frente nas corridas de archotes), à semelhança do que diz João Ribeiro, como inspirar-se no sentido românico (português) de '*frutas* (peras, figos...) ou ramos de frutas temporãs' que se colhiam e ofereciam na manhã de S. João, segundo pretendem Carolina de Vasconcelos e Sousa Viterbo — cp. «*levar a palma*».

⁽⁹⁾ Ver este vol. do *Boletim* pg. 202-206 e vol. VIII pg. 351.

⁽¹⁰⁾ Alguns empregos destas formas são hoje raros ou inteiramente esquecidos, mas encontram-se em vários autores clássicos (v. R. Bluteau, *Vocab.*, Carolina Michaëlis e Sousa Viterbo, lugares citados acima).

O adj. *lampeiro* ('temporão', 'apressado' 'que vai à frente', 'que leva as lampas'...) também tanto pode derivar do adj. *lampo* (temporão) como do subst. *lâmpada* — *lampa* (primitivo) ou do românico *lampas* (cp. «*levar as lampas*»). Pelo menos em parte, ainda pode provir do lat. *lampadarius* ('o que leva o archote, à frente'), com fácil mudança de categoria e de significado.

Lampoga 'fogueira', como temos dito, parece representar um derivado do primitivo *lâmpada* — *lampaa* com o suf. *-oca* (por *occa* ou com abrandamento secundário), conservado na linguagem vulgar de Alpedriz — v. *Grande Encicl. Port. e Brasil. e Novo Dic.*, 5.^a ed. e ss.

Na linguagem vulgar das algumas regiões o adj. *lampo* foi ampliado com morfemas átonos, paragógicos, dando: *lâmpão* (não *lampão*?), registado e documentado desde longa data ⁽¹¹⁾; *lâmpado*, registado já em relação à Madeira (só no plural, cremos que sem inteira razão), mas que também se encontra no Continente (por exemplo, em Vila Nova de Ourém); e *lâmparo* («*figo lâmparo*», «*figos lâmparos*»), forma usada na nossa região (Gouveia). Temos aqui ampliações idênticas às de *tâmpão* (por *tampo*), *crédão*! (por *credo*!), *lódão* (por *lodo*), *lâmpado* e *relâmpado* (por *lampo* e *relampo* = *relâmpago*), *mílhara(s)* (< *milhos* ou lat. *mília*), *nêngaro*, etc. ⁽¹²⁾.

Podemos aproveitar a ocasião de observar que a palavra *lâmpada*, no sentido de 'luz constituída por um vaso com óleo e torcida' (lat. *lucerna*), existe em quase todas as línguas românicas, levada certamente pelo cristianismo (port. *lâmpada*, *alâmpada* e *lampa*, esp. *lámpara* e *lâmpada*, fr. *lampe*, prov. *lampeza*, *lampera*, *lampa*, it. *lampada*, *lâmpana*, cors. *lâmpera*, etc.), ao passo que no sentido de tempo ('Junho'...) ou referida a 'fruta temporã' (de Junho...) só se encontra em sardo e em português (port. *lampas*, *figo lampo*, sardo *lâmpadas*, *figu de lâmpadas*), lembrando mais uma vez as relações

⁽¹¹⁾ D. Carolina Michaëlis, na pg. 12 (lug. cit.), considera, muito acertadamente, *lâmpão* derivado de *lampo*, mas logo na página seguinte se contradiz, escrevendo: «Creio que *lampo*, *lampa*, são formas regressivas como *soto* de *sôtão*, *orfo* de *órfão*».

⁽¹²⁾ Principalmente para a terminação ou sufixo átono *-aro*, *-ara*, v. Carolina Michaëlis de Vasconcelos em *Algumas Palavras a respeito de Púcaros de Português* (pg. 85 e ss.).

Em formas como *bonecra* (*bonecro*), *folecra*, *mejengra*, *nangra*, *nengra*, etc. existe o mesmo morfema com eliminação do primeiro a por dissimilação (no feminino) — cfr. *nangra* ou *nengra* com *nêngara* e *nêngaro*, *cant'ra* com *cântara* e *cântaro*, *mílhara* com *milharas*, etc.

e o conservantismo da periferia ocidental (ou sul e ocidental) da România (cfr. p. 222/223).

Como se sabe, o adj. *lampo* 'temporão' (sem prejuízo de qualquer emprego substantival) tem um homónimo substantivo ('relâmpago'), que se encontra não só em português, mas também em gal., esp., it., etc. (cp. *R. E. W.*, 4870). Este, conquanto da mesma família, parece estar em relação directa com o verbo *lampare* (> *lampar*) 'brilhar', representante do grego *λάμπω*.

De *lampo*, subst. ('relâmpago'), se originaram várias formas portuguesas, compostas e derivadas ou paragógicas, por seu turno, muitas vezes com derivados verbais: *lâmpado* ou *lâmpedo*; *alampo*, *alâmpado*; *relampo*, *relâmpado* ou *relâmpago*, *relamposo*; *lampejar* (> *lampejo*), *lampedejar*; *alampar*; *relampar*, *arrelampar* (*arrelampado*), *relampear*, *relampadejar*, *relampejar* (> *relampejo*), *relampaguear* e *relamprar* (esta de **relampro* por **relâmparo* < *relampo*?) — v. C. Michaëlis, *lug. cit.*, A. Magne, *Demanda do Santo Graal*, III, *Rev. Lusit.*, XIX, p. 181, *Rev. Port. Fil.*, II, p. 153, Cândido de Figueiredo, *Novo Dic.*, etc.

Relâmpago, a forma substantiva normal, em português, representa, como facilmente se reconhece, o composto *relampo* (< *re* + *lampo*) ampliado com o suf. átono, paragógico, *-ãgo*, paralelo a *-ãdo* (*lâmpado* e *relâmpado*).

Algumas das formas supra têm correspondentes nas outras línguas românicas (cfr. *R. E. W.* e *F. E. W.*, V).

Canga; canzil; encangar

Vários têm sido já os étimos propostos para *canga* 'jugo': *conjugare*, **cambica-cambita* (< gaulês *camba*), **cannica* (< *canna*), um gaulês *canga*, etc. (cfr. A. Nascentes, *Dic. Etim.*, *R. E. W.*, 1541, depois [3.^a ed.] substituído por 1585. R. de Sá Nogueira, *Bol. Fil.*, IX, pg. 209-211, Domingos Vieira, *Grande Dic.*, Cândido de Figueiredo, *Nov. Dic.*, *Dic. de Morais Silva*, 10.^a ed., etc.). Embora todos estes possam ter qualquer razão de ser, parece-nos que nenhum reúne ainda suficientes condições de evidência ou mesmo de probabilidade.

O lat. *conjugare*, através da forma *cangar*, considerada desta origem, foi apresentado muito laconicamente por J. Leite de Vasconcelos (*Rev. Lusit.*, II, pág. 34) e aceite por A. R. Gonçalves Viana (*Apost.*, I, pg. 222) como étimo definitivo. Pelo lado semântico ('unir', 'ligar', 'casar'), a palavra indicada não deixa de ter certa justificação, mas

pela evolução fonética (ou fonético-morfológica) que implica torna-se pouco ou nada provável. Na verdade, a simples evolução *conjugare* > *cangar* (por intermédio de *conjugar*, **conj'gar* > **congar*) já seria, só por si, bastante longa e violenta, quanto mais ainda originar o derivado subst. *canga*, que teria inicialmente, como é natural, sentido abstracto (união, ligação...) e só mais tarde tomaria o significado concreto ('jugo de bois'...) que lhe conhecemos. E a história da palavra, como se verá, não fica por aqui!...

**Cambica* (*cambita* < gaulês *camba*) era o étimo dado por Meyer-Lübke na 2.^a ed. do *R. E. W.*, de onde passou para a edição única do *Dic. Etim. Port.* de A. Nascentes, mas na 3.^a ed. aquele romanista mudou inteiramente de opinião. E, na verdade, **cambica*, mesmo com *i* breve, não daria facilmente *canga* em português. A forma necessariamente intermédia, **câmbega*, teria suficientes condições de resistência fonética para ainda durar nessa fase.

O derivado **cannica* (< *canna*) foi proposto e defendido por D. Ramon Menéndez Pidal, em *Rev. de Fil. Esp.*, VII, pg. 26,27. Foneticamente, cremos que nada haveria a opor, mas, pelo lado semântico, parece-nos de rejeitar inteiramente. Em sentido próprio, **cannica* quererá dizer 'de cana', 'de junco'... Ora, as *cangas* de jungir não são feitas de cana ou de junco e, pertencendo as palavras *canga* e *cana* (ou os respectivos conceitos) bem à linguagem rústica, não é de admitir que os camponeses ou lavradores fossem cometer uma impropriedade destas... É certo que Mestre Menéndez Pidal considera a palavra proposta relacionada com uma «*canna* 'garganta'». Parece-nos, todavia, que nem mesmo por este lado o étimo pode ter verdadeira justificação. Antes de mais, 'garganta' não é um significado bem exacto. Deve pretender referir-se à acepção figurada em *canna gutturi* e essa, lógica e rigorosamente, é 'traqueia' (à letra 'cana da garganta'), que não «garganta» em geral. Depois a *canna gutturi* ('traqueia') dos quadrúpedes, especialmente dum quadrúpede de barbeta, como o boi, dada a sua inaparência, dificilmente poderia ser chamada *canna gutturi* pelos rústicos, quanto mais dar o derivado proposto. Além disso, a *canga* relaciona-se com o *cachaço* (ou com o cachaço e os lados do pescoço) e não com a *canna gutturi*...

Por outro lado, **cannica* seria inicialmente um derivado adjectivo e, portanto, um simples determinante, em relação e concordância com um substantivo determinado (depois desaparecido). E que substantivo teria sido esse?... Dada a forma **cannica*, devia ter género feminino ou então ser um neutro do plural (tornado feminino, colec-

tivo). O substantivo mais indicado seria *jugum*. Este, porém, não é feminino nem muito susceptível de emprego colectivo... Por isso, os seus representantes nas línguas românicas são, em regra, masculinos (só no sardo antigo, fora da área de *canga*, aparece uma forma feminina).

Meyer-Lübke na 3.^a ed. do *R. E. W.* (1935), rejeitando implícita ou explicitamente todos os étimos anteriores, propõe um celta ou gaulês *canga*, homónimo do suposto representante, que não parece ter melhores fundamentos. Tudo indica que se trata dum étimo forjado *ad hoc*, relacionado com o germ. (médio alto alemão) *hanka*. Basta notar-se, por um lado, que não deixou qualquer representante na França e, por outro, que o derivado port. *canzil*, citado em *R. E. W.*¹³, se não coaduna com tal étimo. Com efeito, tratando-se de uma palavra de distribuição exclusivamente ocidental, o *z* do port. *canzil* (galego *cancil* ou *cansil*) mostra que a palavra original não tinha *g* na sílaba final, mas talvez *c*, visto que em port. *ng + i* ou *e* dá normalmente *ngi* ou *nge* (cp. *geníva*, *jungir*, *singelo*, *tingir*...) e não *nz*, como no caso presente. Além disso, a sonora *z* mostra que o provável *c* (*c + i*) era precedido de vogal intertónica, porventura um *i* breve, e não directamente da consoante *n*. Quer dizer, o port. *canzil* deve provir duma forma original **canicīle*.

Ora, por este¹⁴ por outros caminhos⁽¹³⁾, somos levados a concluir que a palavra *canga* tem por protótipo um latim *CANICA*, derivado de *canis* 'cão', forma que, no plural (*canicae* 'farelo de trigo' próprio para alimento dos cães), já está documentada e registada nos dicionários latinos⁽¹⁴⁾. É este, realmente, o étimo que nos parece mais provável, fonética e semanticamente, conforme mostraremos.

Outras origens têm sido ainda propostas para esta *canga* ('jugo de bois...'), como a anamita ou chinesa e a africana. Mal precisaríamos de falar delas se não se desse o caso de a asiática, especialmente a anamita, ser exactamente a preferida pelos nossos lexicógrafos (ou léxicos), inclusive os mais recentes (Domingos Vieira, *Grande Dicion.*,

(13) Pela simples reconstituição fonética e pelo significado de vários compostos ou parassintéticos de *canga* (v. adiante).

(14) Não são raras as palavras latino-românicas de idêntica formação (com o suf. átono *-icus*, em correspondência com o grego *-ικός*), a começar por *canicae* ('farelo de trigo', próprio para alimento dos cães), formalmente pl. fem. de **canicus* (< *canis*). Lembremos alguns exemplos: *amaricus* (< *amarus*) > 'amargo'; *dominicus* (< *dominus*) > 'domingo', 'Mengo'; *gallicus* (< *gallus*) > 'gaíco'; *manica* (< *manus*) > 'manga'; *sēricus, a* (< *Sēres*) > 'sérigo', 'xerga'; *versicus* (< *versus*) > 'vesgo'; etc.

Grande Encicl. Port. e Brasil., 10.^a ed. do *Dicion. de Moraes Silva*, etc.) (15). Estas propostas e preferências não têm, no entanto, verdadeiro fundamento. Basta notar-se que a palavra, nas acepções peninsulares, é bem vernácula, muito anterior ao tempo dos Descobrimientos... Por agora, ocorre-nos uma abonação de 1270 (1308, doc. de Pendorada), embora em sentido especial (parece que 'armação de paus que se coloca por cima das casas cobertas de colmo ou giestas'): «e que *lhīs descangava as casas das cangas, que sobre ellas jaziam*» (J. Santa Rosa de Viterbo, *Elucidario* — *Supl.*, s. v. *Descangar*). O emprego vulgar dos compostos e derivados da palavra, bem como a sua distribuição geográfica (Portugal, Galiza, Astúrias, Leão, Estremadura esp., Andaluzia e América latina) também assim o indicam sem sombra de dúvida.

Como dissemos, o étimo de *canga* 'jugo'... deve estar, sim, num lat. *CANICA* < *canis* 'cão'. Além de *canga*, várias são as palavras portuguesas que se podem relacionar com uma origem **canicus*, *canica*, constituindo uma verdadeira subfamília de *canis* (16). Por elas podemos inferir que, em tempos latino-românicos, o adj. **canicus*, *a*, *um* (< *canis* 'cão') teve certo emprego ('de cão', '[só] próprio de ou para cães'...), especialmente (nos tempos pré-cristãos, mais «realistas») a forma feminina, *canica*, para qualificar a cópula destes animais, dada a sua notável peculiaridade. Ora, foi desta forma, agora substantivada e contagiada com o sentido de *cópula* (representando, portanto, só por si 'copula canica' ou 'colligatio canis cum femina'), que se formou cremos, o substantivo *canga* neste recanto da Península, primeiro certamente com o significado etimológico, «realístico», que acabámos de indicar, logo ampliado para 'cópula ou acasalamento em geral' — significados que mais tarde se perderam, devido talvez a influências do cristianismo (por serem considerados obscenos), mas que estão implícitos em derivados e parassintéticos vulgares dalgu-

(15) Cândido de Figueiredo (*Nov. Dic.*) escreve a este respeito: «Cp. *cangar*, se não vem do chinês ou do anamita *ganga*, como supõe Yule».

Em *cangar*, porém, diz terminantemente (a tender para círculo vicioso): «De *canga*».

(16) Sensivelmente paralela a esta, podemos considerar outra subfamília de *canis* 'cão', baseada no derivado **caneus* ou **canius*, *a*, *um*: *canho*, *canha* (fem. de *canho*), *canhas* (adj. e subst.), *canhenho* (adj.) e *canhenha* (adj.), *canhestro*, *canhão* (em parte?), *canhona* ou *canhonha*(?), *canhol*, *canhoto* (adj. e subst.), *canhota*, *canhotoiro*, *acanhlar* (> *acanhado*, *acanhamento*, etc.), *acanhutado*, *arreganhar*, *encanhar* (*Enc. Port. e Br.*) e *desencanhar* (< *dcs* [< *de* + *ex*] + *encanhar* [< *in* + **caneus* + suf. -are]) — cp. *desencanglar*.

mas regiões (cfr. *cangar*, *encangar*, *encangalhar*, *desencangar*...) — e depois estendido a 'casal' ou 'parelha' (cp. minhoto «parelha», *Rev. Lusit.* XXVIII, p. 269, e andaluz «yunta de cualesquiera animales, excepto bueyes», *Dicc. Ac. Esp.*), a 'jugo', como instrumento que serve para emparelhar ou jungir (principal sentido actual do português e do galego), e a coisas semelhantes ou correlativas ('pau dos moços de fretes', 'armação para o pescoço dos porcos', certo 'arado salmantino', 'armação de paus para se colocar sobre os tectos palhiços', etc.).

A *canga* chinesa ('instrumento de suplicio'...), conforme mostrá-mos, nada tem com a origem da palavra *canga* portuguesa ('jugo', etc.). Se não representa um emprego extensivo (por analogia) do nosso termo vernáculo, como diz Menéndez Pidal (lug. cit.), é, segundo parece mais provável, uma palavra de origem inteiramente distinta — oriental, anamita (*gang*) —, apenas amoldada ou assimilada à portuguesa, devido à semelhança de significado e de pronúncia originais.

Sobre a *canga* brasileira ('mineral de ferro'...) e a africana ('galinha-de-angola', 'pintada') não precisamos de fazer considerações especiais. São simplesmente homónimas daquelas (e naturalmente entre si).

As edições póstumas do *Novo Dicionário* (5.^a ed. e ss.) registam ainda outra *canga* «esqueleto do cacho de uvas, o mesmo que *canganho*», considerada «prov. beir.», mas que se encontra também em Trás-os-Montes (*Rev. Lusit.*, II, p. 257). Esta cremos provir da mesma forma *canica* que deu a primeira *canga*, isto é, do fem. (ou neutro do pl.) de **canicus*, substantivado, agora relacionada com o sentido depreciativo, mais geral, de '(coisa) só própria de ou para cães', isto é, 'que não presta' (cp. *cangaço*, *canganho*, *cango*...).

Feitas estas considerações sobre a origem e evolução de *canga*, é ocasião de darmos um breve quadro das palavras suas cognatas.

Das formas **CANICUS*, *CANICA* (e talvez **CANICUM*), substantivadas, formaram-se ou derivaram-se, como dissemos, várias palavras portuguesas, umas relacionadas principalmente com o sentido de 'coisa própria de ou para cães', 'coisa que não presta' (bagaço, farelo, engaço...), e outras com o de '*capula canum*', 'parelha', 'jugo' 'armação geminada', etc. Eis os principais representantes.

Cango (< **canicus* < *canis* 'cão') 'engaço' ou 'bagaço de uvas', 'manta de lagarada'; 'barrote', 'caibro' (*Rev. Lusit.* XX, p. 148), etc. (cfr. *escangar* infra). *Canguicho* deve ser um seu derivado românico.

Cangaço (<*canicaceus* < **canicus* ou *canicae* — cp. Forcellini, *Lexicon*, F. Gaffiot, *Dic. Lat.*, etc.) 'engação', 'resíduo das uvas', 'pedúnculo do coqueiro', 'carolo da espiga do milho'; 'utensílios de casa pobre' (cp. *cangalho*), 'esqueleto' ou 'ossos que ficam da comida', etc. Desta derivam directamente *cangaçais*, *cangaceiro*, *cangaceirada*, etc. *Cangaraço* e *cangraço* podem resultar de *cangaço* com influência de *cangar* ou do mesmo *cangaço* com um infixo *-(a)r(o)-* (v. supra).

Canganho (<**canicaneu* < **canicus*) 'engação' (cfr. *escanganhar*).

Canga, como temos dito, formou-se de *canica* (fem. de **canicus*) parece que com o sentido inicial de 'copula canica' e 'cópula' em geral (cfr. os seus derivados e parassintéticos a seguir), depois estendido (e em grande parte ainda conservado) a 'acasalamento', 'casal', junta ou 'parelha' de animais⁽¹⁷⁾, 'jugo' ou 'variedade de jugo de bois', 'alfaia de madeira ou de ferro com que se jungem dois animais quaisquer' ou 'alfaia semelhante e para idênticos fins própria para um só animal'; 'pau em que dois moços de fretes suspendem e transportam móveis ou objectos pesados'; 'armação de madeira ou de ferro para assentar no cachaço das bestas' (*Rev. Lusit.*, XIX, p. 316); 'armação constituída por três paus dispostos em triângulo e que se coloca no pescoço dos porcos para que estes não possam passar através de grades, cancelas ou bueiros'; 'armação de paus que se coloca por cima dos tectos de colmo ou de giestas para os fixar' (cfr. J. St.^a Rosa de Viterbo, *lug. cit.*); 'canzil' ou 'cangalho'⁽¹⁸⁾; 'engação' (cp. *cango*); 'opressão', etc.

Derivam especialmente de *canga* (<*canica* < *canis*): *cangão* 'canga pequena' (*Rev. Lusit.* XXIX, p. 251), 'canga para um só animal' (J. A. Capela e Silva, *Linguagem Rústica*); *cangar* 'gravidar', 'ficar presa', 'prender-se'⁽¹⁹⁾, 'pôr canga em', 'jungir', 'pôr cangas

(17) *Canga* com o significado de 'parelha' foi colhida por Afonso do Paço nos arredores de Viana do Castelo (*Rev. Lusit.* XXVIII, p. 267 e 269). O colector considera-a de sentido *figurado* (certamente em relação a *canga* 'jugo'), mas, atendendo à provável evolução semântica de *canica* > *canga*, ao significado dalguns compostos ou derivados (*cangar*, *encangar*, *encangalhar*, etc.) e à acepção andaluza, talvez se trate dum sentido muito antigo, formalmente anterior ao de jugo.

(18) Fritz Krüger, *El Léxico Rural*, p. 27.

(19) Sentidos conservados na Póvoa de Varzim (A. Santos Graça, *O Pozeiro*, p. 220, *apud* Morais Silva, *Grande Dic.*, 10.^a ed., e *Bol. Fil.* IV, p. 117, e Maria Teresa Lino Neto, *Rev. Port. Fil.*, II, p. 137) e que nós consideramos formalmente anteriores a 'jungir' ou 'pôr canga em'...

sobre os tectos de colmo ou de giestas', 'desengajar' ou 'escangar (as uvas)', (*fig.*) 'subjugar', 'oprimir', etc., com o *adj. verb.* *cangado*, *cangada* 'grávida', 'preso', 'subjugado', 'jungido', e o derivado *cangadoiro* 'jogueira', isto é, 'volta' ou 'concavidade na face inferior dalgumas cangas sem canzis ou cangalhos'; *cangueira* 'calosidade no cachaço dos animais devida à canga', 'preguiça', etc.; *cangueiro* (*adj.*) 'relativo à canga' 'que tem canga', 'que já pode ser cangado', 'subjugado', 'de qualidade inferior', 'ordinário', 'inútil', etc. (*subst.*) 'barco de fundo chato, do Tejo', 'pessoa inútil ou perversa', etc.

Canzil ('cada uma das hastes inferiores da canga que ladeiam o pescoço', 'cangalho' ou 'canil', em parte), deve provir, como dissemos, de **canicīle* < *canica* 'canga' ⁽²⁰⁾.

De *cango* ou *canga* (< **canicus*, *a*, *um*) provêm: *cangalho* (de *canga* ou *cango* + suf. *-alho* ou de **canicus*, *a* + suf. *-aculu* / *-aliu*) 'canzil', 'canga de carro para uma só besta', 'canga de bois' (*Rev. Lusit.*, XIX, p. 204), 'ramo com frutos', 'pessoa escanzelada' ou 'móvel velho e desconjuntado', 'cangalha', 'canganho', etc.; *cangalha* (fem. do anterior) 'carro puxado só por um boi', 'padiola onde transportam os mortos' (na Madeira — cfr. *Rev. Lusit.* XXIII, p. 133), 'armação em triângulo constituída por três paus' (para aplicar aos porcos), etc.; *cangalhas* (plural do anterior) 'jugo grosseiro' (*Rev. Lusit.* XVIII, p. 86), 'armação geminada que se coloca em cima das bestas para conter a carga', 'peças de madeira em que se apoia a moega', (*fig.*) 'óculos'. Destes derivam directamente *cangalhada*, *cangalhão*, *cangalheiro* e *cangalheira(s)*. *Cangorça* deve ter resultado do cruzamento de *cangalho* (ou *cangaço*) com *horsa*, também escrita *orça* (cp. *canorça*, *Rev. Lusit.* XXXIII, p. 109).

É principalmente nos composto-derivados que se conserva o significado de *canga* (< *canica* < *canis* 'cão') que nós consideramos primitivo.

Encangar ou *encangar-se* (< *in* + *canica* ou *canga* + *-are*), '*canem cum femina post coitum colligari*' (Beira e Trás-os-Montes) ⁽²¹⁾;

⁽²⁰⁾ Os três sinónimos *cangalho*, *canzil* e *canil* devem provir todos de *canis* 'cão', apesar da conservação do *n* intervocálico do último: este derivado directamente (**canīle* < *canis*) e os outros por intermédio de *canica* (**canicīle* e **canicaculu* ou **canicaliu* < *canica* < *canis*).

⁽²¹⁾ Na nossa região (Gouveia — Seia) é este o único sentido, além de qualquer emprego figurado ocasional. Cfr. *Enc. Port. e Brasil e Dic. de Moraes*, 10.^a ed. (em publicação).

'sujeitar(-se) à canga', 'jungir'; submeter(-se), etc. No Brasil, «*encangar grilo*» é 'vadiar' (cfr. *desencangar*). Tal como o verbo em geral, é bastante usado o adj. verb. *encangado*.

Encangalhar ou *encangalhar-se* (< *cangalha*[s] ou *cangalho* < *canga* < *canica*) 'canem cum femina colligari', 'engatar(se)', 'encambulhar(-se)'; 'pôr cangalhas ou cangalhos em'; 'pôr em cangalhas'; 'atracar (um navio a outro)'... Adj. verb. *encangalhado* (cp. *encastalhado* < *encastalhar* < *castalho* 'castelo' da canga, em alguns pontos da Beira — H. Messerschmidt, *Volkstum und Kultur*, IV, p. 138) ⁽²²⁾.

Descangar (< *de* + *ex* + *cangar*) 'tirar a canga (jugo, armação de paus) a'.

Descangalhar (< *des* [< *de* + *ex*] + *cangalho* + suf. *ar*) 'escangalhar'...

Desencangar ou *desencangar-se* (< *des* + *encangar*) 'canem a femina soluere uel solu'... É sinónimo e da mesma família geral de *desencanhar* (< *des* + *encanhar* [< **caneus* ou **canius* < *canis* 'cão']), acima citado em nota.

Em Gouveia, «*andar* [qualquer pessoa] a *desencangar* os cães» é 'andar na vadiagem', é 'andar ou ficar pelas ruas, em vez de ir trabalhar'. Além do sentido próprio, *desencangar* tem ali este emprego figurado bastante corrente.

Desencangalhar (< *des* + *encangalhar*) 'tirar as cangalhas a' (à besta), 'tirar os cangalhos ou canzis a' (à canga); 'desatracar (os navios encangalhados)' — cfr. *Grande Dic.* de Moraes, 10.^a ed.

Escangar (< *ex* + **canicus* 'cango' ou *canicae* 'farelo de trigo' + suf. *are*) 'separar os bagos das uvas dos engaços', 'desengañar', 'escanganhar'; 'peneirar grosseiramente, a farinha de trigo, sem separar as sêneas'. Derivam *escanga* 'escanganho' e *escangadeira* 'peneira para escangar a farinha de trigo'.

Escanganhar (< *ex* + *canganho* [< **canicaneu* < **canicus* < *canis*] + suf. *ar*) 'separar os bagos da uva do canganho ou engaço'. Deste derivam *escanganho* 'acto de escanganhar' e *escanganhadeira* 'tabuleiro com fundo de rede para escanganhar ou desengañar as uvas caídas do esmagador' (D. A. Tavares da Silva, *Vocab. Agrícola*).

(22) *Castalho* resultou naturalmente do cruzamento de *gastalho* (< *gastar*?) com *castelo* da canga, dada a semelhante configuração dos objectos.

Escangalhar (< *ex* + *cangalho* ou *cangalha* + suf. *ar*) 'tirar o cangalho'; 'desmanchar', 'desconjuntar', etc. Deste verbo derivam *escangalhado*, *escangalho*, *escangalhação* e *escangalhamento*.

Em galego, além de *canga*, há *cangar*, *cangallo*, *cangalias*, *cangalleira*, *cangalleiro*, *cango*, *descangar* e *encangallar* (L. Carré Alvarellos, *Diccion. Galego-Castelán*, etc.) de valor mais ou menos semelhante às portuguesas correspondentes.

As formas dialectais espanholas (*canga*, *cangón*, *cangar*, *cangalla*, *cangallo* e *cangallero*...) são manifestamente de origem ou irradiação galego-portuguesa (cfr. R. Sá Nogueira, *lug. cit.*), através do ásturo-leonês ocidental⁽²³⁾. O and. *canga* é que pode oferecer algumas dúvidas: será primitivo, vernáculo, ou terá sido importado do antigo leonês durante a reconquista?...

Pescaz, pescunho

Pescaz ou *pescunho* é uma espécie de cunha, de madeira ou de ferro, destinada principalmente a apertar e fixar, em determinada posição, algumas peças do arado introduzidas noutras (como, segundo o tipo do arado, a *teiró* no *apo*, garganta ou temão, o *apo* ou *temão* na *rabiça* ou no *cabrito*, a *sega* no *apo*, *garganta* ou *temão*, etc.) ou sobrepostas e envolvidas por argolas de ferro (como a *rabiça* e a parte posterior do *dente* ou a *cabeça* e a *garganta*, nos arados de garganta)⁽²⁴⁾.

Quanto à origem, *pescunho* pode-se considerar a evolução normal duma forma **poscunho* (< POST 'depois', 'atrás' + CUNEUS 'cunha' [para rachar ou para apertar]), quer por dissimilação *o* (= *u*) — *ü* > *e* — *ú*, quer por simples ensurdecimento popular do *o* da sílaba inicial (cfr. esp. *pescuño*).

(23) Em Mérida (A. Zamora Vicente, *El Habla de Mérida*), como no Alentejo, *canga* designa 'jugo' para dois animais e *cangón* «canga que sólo sirve para una caballería».

Na América do Sul essas formas contagiaram-se, em grande parte, com o sentido da *canga indígena* ('mineral de hierro con arcilla').

(24) Cfr. Jorge Dias, *Os Arados Portugueses* (Coimbra, 1948), *Enc. Port. e Brasil*, s. v. *Arado*, *Rev. Lusit.*, XXV, p. 188, etc.

Os modernos dicionários e enciclopédias dão a *pescaz* um significado muito restrito, mesmo em comparação com o velho *Dicionário* de Moraes Silva ou o *Vocabulário* de R. Bluteau, etc.

Por outro lado, *pescunho*, de recente registo, é sinónimo perfeito de *pescaz*.

Confirmando, de certo modo, o étimo indicado, existe em alguns lugares a forma *coscunho*, ainda com o, onde o c inicial se pode explicar tanto por confusão ou equivalência acústica (com o primitivo *p-*) como por uma assimilação (ao c medial) ou, conjuntamente, por assimilação e equivalência acústica.

Esta peça acessória do arado chama-se *pescunho*, *cunha*, *coscunho* ou *bascunho* ⁽²⁵⁾ no Norte de Portugal e *pescaz*, *pescalço*, *pescal*, *perscais* ou *pescais* no Centro e no Sul (cfr. Jorge Dias, ob. cit., p. 45, H. Messerschmidt, *Volkstum und Kultur der Romanen*, IV, p. 129, J. A. Capela e Silva, *Linguagem Rústica de Elvas*, s. v. *arado*, etc.). Na Galiza diz-se *cuño*, *pescuño* ou *pezcuño* e *templa* ou *tempereiro* e no esp., em geral, *cuña*, *pescuño*...

A palavra *pescaz* (forma registada desde R. Bluteau e A. de Morais Silva), com as suas variantes *pescalço*, *pescais*, etc., deve-se ter formado por um processo idêntico ao do sinónimo *pescunho*... Propomos, por isso, um prefixo POST 'depois', 'atrás' e um radical CALX, CALCE 'calcanhar', 'pé', 'parte posterior ou inferior' [dalgumas coisas], empregado com um sentido próximo de *cunha* (cp. *calce*, *calço*) ⁽²⁶⁾. Dum protótipo **postcalx* ou **poscalce* (< *post* + *calx*) teriam resultado, portanto: *pescaz* (a forma mais geral), por elisão do *l*, talvez depois de vocalizado (v. J. J. Nunes, *Rev. Lusit.*, VII, p. 37 e ss., e cp. *pescais*); *pescais* ou *perscais*, por vocalização especial (meridional?) do *l* em *i* (a parte inicial de *perscais* talvez seja devida a influência de *per*); *pescal* (só no Algarve?), por apócope especial (idêntica à de *cal*), talvez moçárabe ⁽²⁷⁾; e *pescalço*,

(25) A forma *bascunho*, dada por Jorge Dias (ob. cit.) só com vaga indicação de pertencer ao Norte, provém necessariamente de *pescunho*. O abrandamento do *p* inicial — o *a* está condicionado pelo *s* — tanto pode ser devido a influências de substrato vasco-ibérico ou de colónia mourisca (cp. *bescoço* por *pescoço*, *bisponter* por *pespontar*, *bilro*, etc.) como a influência de *bassadoiro* (*vessadoiro*) — cfr. Acevo y Fernandes, *Vocab. del Bable de Occidente*.

(26) Note-se ainda que *coice* (< *calx*, *calce-*) designa também a 'parte posterior do dente' dalguns arados (cfr. Capela e Silva, lug. cit.) ou a 'parte inferior da rabiça' (cfr. *Enc. Port. e Brasil*, lug. cit.).

(27) Meyer-Lübke (*R. E. W.*, 1533) considera a palavra *cal* oriunda do cat. *cals* (< *calx*, *calce*). Mais propriamente a palavra deve ter vindo do moçárabe geral, onde existia com forma idêntica à catalã (v. Simonet, *Glosario*), irradiando talvez das regiões calcárias do Sudeste da Espanha — não verdadeiramente da Catalunha. Pelo que respeita a Portugal (ou à área correspondente), note-se que a *cal* é também (e deve ter sido) muito mais vulgar no Sul do que no Norte. Por outro lado, em cat. ant. também se encontra representado o lat. *calx* 'calcanhar', 'parte posterior ou inferior' [dalgumas coisas] com igual forma (v. A. M. Alcover, *Diccion.*, s. v. 2. *calç*, embora o lexicógrafo a não chegasse a identificar).

por influência de *calço* (como se sabe, palavra proveniente do mesmo radical do presente composto).

É curioso que o cat. das Baleares *reteler* (sinónimo de *pescaz* ou *pescunho*...), apesar de constituído por elementos diferentes, se formou segundo o mesmo processo: *retro* 'rera' ('atrás') + **telaria* [*< telum*] 'telera' ('teiró') — cfr. E. Valès, *Diccionari Català*, e A. M. Alcover, *Diccionari* (este s. v. *Arada* — *Aladre*).

A sílaba inicial *pes-* (de *pescaz*) pode ser inteiramente analógica (cp. *pescoço*, *pescunho*, *pesponto*...) ou resultar da influência do pref. *per* (cp. *perscais*), mas também pode ser devida a simples ensurdecimento vulgar (cp. *pervage* < *propagine-*, *perceve* < *pollicipede-*, nap. *peskraye*, *peskray*, *preskray*, *piskray*, etc. < *postcras* — R. E. W., 6686, e *Atl. Ítalo-Suíço*, II, mapa 348).

Vem a propósito notar que as palavras *perponto* (*perponte* ou *perpunto*) e *pesponto*, ao contrário do que se vê em R. E. W.³, 6424, devem ser de formação distinta, visto que, além de diferentes na forma, nada têm de comum ou de relacionável no significado efectivo. *Perponto* (*perponte* ou *perpunto*) 'antigo gibão acolchoado usado por guerreiros' provém do lat. *perpunctus*, através duma forma catalã, como se indica, depois mais ou menos influenciada pelo vernáculo *ponto* (não pròpriamente do esp. *perpunte*, como indicam os dicionários portugueses, onde também não parece vernáculo) — cp. *perpoém* < fr. *pourpoint* —, mas *pesponto* 'ponto de costura em que a agulha entra um pouco atrás do lugar por onde saiu' — espécie de 'ponto atrás' —, comó mostra o significado, deve provir formalmente de **pospunctu* (< *post* 'atrás' + *punctum* 'ponto'), por evolução normal, vernáculo — e não do mesmo *perpunctus* ⁽²⁸⁾. Só esta é palavra hoje viva na língua e com derivados (*pespontar*, *apespontar* e *pespontear*...).

Pescola, Píscola

Pescola ou *píscola* é uma palavra usada na linguagem agrícola do Alentejo. A segunda forma, *píscola* — única que até agora tem

(28) A. R. Gonçalves Viana, em *Apost.*, II, p. 264, como se sabe, condena a forma *posponto*, dizendo que «a ninguém é lícito reformar a pronúncia geral dos vocábulos usuais com o fundamento das origens que lhe atribuí», mas nada opina sobre a possível etimologia. No entanto, no exemplar do Centro de Estudos Filológicos por ele anotado encontra-se, à margem: «Ainda quando se suponha como étimo *post-punctum*, não pressupõe isso que em português haja de ser *posponto*; cf. *pescoço* (q. v.): deu-se o enfraquecimento da sílaba pretónica».

entrado em cena —, já tem dado bastante que falar, em jornais, folhetos e livros...

Os dicionários, as enciclopédias e os vocabulários registam geralmente a segunda forma, atribuindo-lhe prosódia *esdrúxula* — «*piscola*»⁽²⁹⁾. Só num pequeno dicionário (o *Novíssimo Dicionário Prosódico e Ortográfico da Língua Portuguesa*, de José C. Antunes Coimbra) encontramos a pronúncia paroxítona expressamente indicada: «*Piscola* (có), s. f. Reunião de arados que lavram juntos». A pronúncia local, porém, segundo todos os testemunhos directos⁽³⁰⁾, é paroxítona — *piscola* —, registando Leite de Vasconcelos (lug. cit.) as formas *pescóla* e *piscolá* («lavar à *pescóla*»), assim acentuadas, por causa das dúvidas.

Os jornais onde mais se tem discutido a palavra (acentuação, étimo e significado) são: *Rabeca*, de Portalegre; *Voz Portalegrense*; e *Brados do Alentejo*, de Estermoz (apud A. Carvalho Costa, ob. cit., J. A. Capela e Silva, ob. cit., e *Enc. Port. e Brasil*).

Os autores que mais se têm interessado pela palavra são Alexandre de Carvalho Costa, J. Pombinho Júnior e J. A. Capela e Silva (os dois primeiros alentejanos de origem e o último «alentejano adoptivo», como diz A. Carvalho Costa). Todos eles a consideram de prosódia paroxítona.

A palavra, porém, não existe só no Alentejo. Também se encontra na Espanha — pelo menos na Andaluzia e na Estremadura espanhola⁽³¹⁾ —, onde tem a forma e prosódia *pescola*.

Ao contrário do que indicam quase todos os léxicos portugueses, não restam, pois, dúvidas de que a verdadeira acentuação é a paro-

(29) *Dicion. Líg. Port.*, de A. Morais Silva (registado desde a 3.^a ed. e com indicação de pronúncia proparoxítona desde a 4.^a); *Novo Dic.*, de Cândido de Figueiredo; *Dicion.* de F. S. Constâncio; *Dic. Contemp.*, de Caldas Aulete & Santos Valente; *Dic. Man. Etim.*, de Adolfo Coelho (com a forma *píscula*); *Dic. Etim.*, de J. Silva Bastos; *Dic. Etim.*, de Antenor Nascentes; *Dic. Prosód.*, de A. J. de Carvalho & João de Deus; *Enc. Portuguesa*, de Max. de Lemos; *Enc. Port. e Brasil*; *Vocab. Ort. e Rem.*, de A. R. Gonçalves Viana; *Vocab. Ort. Pros. e Rem.*, de J. Peres Montenegro; *Vocab. Ort.*, da Ac. das Ciências (1940); *Peq. Vocab. Ort.*, da Ac. Brasil. de Letras (1943); etc.

(30) J. Leite de Vasconcelos (*Rev. Lusit.*, IV, p. 58, 69 e 70), Tomás Pires (*Contos Pop. Port.*, IV, p. 279 — cita *piscola* em rima com *bola*), J. A. Pombinho Júnior (em *Brados do Alentejo* n.º 565), Alexandre de Carvalho Costa (*Reflexões Etimológicas*, 2.º vol., p. 239 e ss.), J. A. Capela e Silva (vários escritos, especialmente *A Linguagem Rústica do Concelho de Eivas*, s. v. *Piscola*), etc.

(31) A. Alcalá Venceslada, *Vocab. Andaluz*, e A. Zamora Vicente, *El habla de Mérida y sus cercanías*.

xítona — *pescola* ou *piscola* —, nas duas variantes já dadas por Mestre José Leite de Vasconcelos. A pronúncia artificial dos dicionários tem-se mantido talvez em grande parte devido ao falso étimo que, com ou sem dúvida, geralmente lhe atribuem — *bis + colere* ⁽³²⁾.

Antes, porém, de tratarmos da etimologia convém que digamos algumas palavras sobre o significado, a respeito do qual também não há inteiro acordo.

Os dicionários definem a palavra de maneira semelhante. Demos acima, de passagem, a definição do *Novíssimo Dicionário*, de J. Antunes Coimbra, e podemos acrescentar a do *Novo Dicionário*, de Cândido de Figueiredo: «Dois ou mais arados que lavram juntos». Concordemente, o alentejano J. A. Pombinho Júnior (em *Brados do Alentejo*, n.º cit.) escreve que em Portel e arredores designam por *piscola* «duas ou mais charruas (antigamente as piscolas eram de arados) puxadas por um só animal, por uma, duas ou três juntas de bois ou parelhas de muares, conforme a dureza das terras, lavrando na mesma terra e quase sempre em arco com as pontas vivas atrás umas das outras, em regos contíguos».

Lavrar à piscola é, pois, lavrar com duas ou mais charruas (antigamente arados) umas atrás das outras, em regos contíguos, independentemente da qualidade e do número de animais que as puxam.

E o Dr. Alexandre C. Costa acentua: «Note-se que as charruas vão «trás umas das outras» em regos contíguos — condição «única» para ser *piscola*».

Mestre José Leite de Vasconcelos não define a palavra isoladamente, mas diz que, no Alandroal, «*lavrar à pescola*» (por oposição a «*lavrar à belga*») é «quando muitos arados vão uns atrás dos outros na mesma belga» (*Rev. Lusit.* IV, pg. 58), o que coincide perfeitamente com o que acabamos de citar.

Em oposição aos dicionários e aos outros informadores directos, J. Capela e Silva pretende que *piscola* se refere, não a dois ou mais arados que lavram uns atrás dos outros em regos contíguos, mas a várias juntas de bois (ou parelhas de muares) a lavrar...

Eis as suas próprias palavras:

«*Piscola* não se refere ao número de arados, mas sim a juntas de bovinos, ou a parelhas de equinos a lavrar, pois uma enfiada de trac-

(32) *Novo Dic.*, de F. S. Constâncio; *Novo Dic.*, de E. Faria; *Dic. Encicl.*, de J. M. A. Correia de Lacerda; *Dic. Contemp.*, de Caldas-Aulete & Santos Valente; *Novo Dic.*, de Cândido de Figueiredo; *Enc. Port.*, de Max. de Lemos; *Dic. Etim.*, de A. Nascentes; e *Enc. Port. e Brasil*.

tores a lavrar não é *piscola* porque esses aparelhos não se empriscam, antes se armazenam ou recolhem»...

«Os pequenos grupos de juntas de bois, ou de parelhas de muires a lavrar, não têm a categoria de *piscola*, podendo admitir-se que a razão deriva fundamentalmente de o povo não ver **ESSA FIGURA** (os pequenos grupos a lavrar) com as proporções de aprisco, como sucede nas grandes lavouras»... (obra cit., pg. 150).

Finalmente define :

«*Piscola* — Grupo de juntas, de bovinos, ou de parelhas de equinos, na cola uns dos outros (*sic*), a lavrar, ou **APRISCO EM MOVIMENTO OU EM COLA**».

Esta opinião de Capela e Silva, apesar de expressa em termos absolutos, não pode invalidar as palavras anteriormente citadas, especialmente as de Pombinho Júnior, ilustre folclorista natural de Portel, que, aliás corroboram todas as outras. Portanto, ou se trata duma variação semântica local (própria do Concelho de Elvas) ou o Sr. Capela e Silva, dado que não é alentejano, não apreendeu bem o sentido em que os naturais empregam a palavra. Não é impossível que se dê este caso, tanto mais que o autor do bem elaborado trabalho *A Linguagem Rústica no Concelho de Elvas* revela, por vezes, excessivas preocupações etimológicas, que lhe prejudicam o rigor ou a objectividade... Aqui é a insistente preocupação do *aprisco* (que ele considera proveniente dum «Lat. *apriscus*», aliás inteiramente desconhecido), que nada deve ter com a palavra *pescola* ou *piscola*.

Na Espanha, as duas abonações que conhecemos designam respectivamente «Término de la besana, donde la yunta vuelve a continuar el ara» (*Vocab. Andaluz*), e «Cuña del arado, entre la garganta y el tendal» (*sic*) (*Habla de Mérida*).

Neste último caso, a palavra, como se vê, designa uma espécie de pescaz ou *pescunho* (em espanhol *cuña* del arado ou *pescuño*).

Quanto à etimologia, o étimo apresentado por vários léxicos (*Novo Dicionário, Dic. Etimológico, Dic. de Constâncio, Dic. de Faria, Dic. Contemp., Encicl. de Maximiano Lemos, Grande Enc. Port. e Brasil*, etc.), geralmente com dúvida, é mais que duvidoso: não tem verdadeiro fundamento. Neste ponto, a despeito de algumas considerações menos filológicas, tem o Sr. Capela e Silva inteira razão. Com efeito, a exacta prosódia, *pescola* ou *piscola*, não é compatível com um elemento *-cŭla* de *cŭlĕre* 'cultivar'... Mais: o *l* simples, inter-

vocálico, devia cair em palavra rústica, vulgar (*agrícola, vinícola, apícola*, etc. são palavras cultas); o lat. *bis* não podia dar *pes-* ou *pis-* (ou só por excessivo favor se podia lembrar uma ultracorreção moçárabe, em virtude de os árabes converterem os *pp* em *bb*, se outras razões se não opusessem). Dadas estas dificuldades, já nem interessa notar que o significado literal, como subst., seria o de «lavrador que cultivava duas vezes», e não qualquer sentido compatível com o de *piscola* ou *pescola*.

Quanto ao étimo reiteradamente exposto e defendido por Capela e Silva (*aprisco + cola*), já dissemos que o elemento *aprisco* nada deve ter com a palavra... Além da forçada metáfora do «aprisco em movimento ou em cola» (os apriscos não são móveis, mas estáticos...), até foneticamente seria injustificável. *Aprisco* (dum «Lat. *apricus*») + *cola* daria, reportando-nos especialmente ao primeiro elemento, **apriscola* > **aprixcola*, etc., mas não *piscola* ou *pescola* — com áferese do *a*, desaparecimento do *r* sem ser por dissimilação, e síncope de *ci* ou do *e*, que seriam elisões de mais!... Mesmo justificando *aprisco + cola* (**apriscola*, depois **apriscola*) não se chegava a melhor conclusão...

Salva-se, todavia, de certo modo, o elemento *cola* (<esp. *cola* < *cōda* ou *cauda*, com infl. de *culus*, segundo M. L. Wagner — cfr. R. E. W., 1774).

Pescola ou *piscola* deve ser realmente um composto de *cola* 'cauda', 'extremidade posterior'... É, todavia, natural que o próprio composto já tenha vindo formado de Espanha, do espanhol dialectal. Dizemos isto porque a palavra *cola* 'cauda' é tipicamente espanhola, e o composto *pescola*, como se viu, já lá existe formado — e talvez ainda não completamente estudado na sua distribuição geográfica e nas suas aceções locais.

É curioso que Pombinho Júnior (*Brados do Alentejo* de 16-XI-1941) já diz que o termo *piscola* deve ter vindo da Espanha, bem como o respectivo modo de lavar.

Mas, lá ou cá, o processo e meios de formação seriam os mesmos (só com a diferença de que em Portugal a formação teria de ser considerada excessivamente tardia): lat. POST 'depois', 'atrás' + esp. COLA 'cauda' 'parte posterior' dalgumas coisas... > **poscola* > *pescola* (*piscola*). Quanto à evolução, cfr. *pescoço*, esp. *pescuezo* (< **poscocceu* < *post* + **cocca*), *pesponto*, esp. *pespunte* (< *post* + *punctus*), *pescunho*, esp. *pescuño* (< **poscuneu* < *post* + *cuneus*), *pes-torejo* (< *post* + *auricula*), etc.

Esta origem coaduna-se bem tanto com o sentido espanhol de

'pescaz' ⁽³³⁾ ou 'pescunho' (*pescuño*), etc., como com o alentejano de 'dois ou mais arados [ou charruas] que lavram uns atrás dos outros, abrindo sulcos contíguos (lavar à pescola ou piscola) — e não se opõe mesmo ao de 'várias juntas de bois ou parelhas de muares que puxam simultaneamente ao arado, na cola umas das outras', se esta acepção é realmente usada na linguagem rústica de Elvas.

A passagem de *pescola* (v. José Leite de Vasconcelos e formas espanholas) a *piscola*, em grande parte do Alentejo, não está inteiramente desacompanhada. Vejam-se, por exemplo, *bisponto* ou *pisponto* por *pesponto* (*Rev. Lusit.*, X, p. 100), *piscaços* ou *piscazes* por *percalços* (*idem ibidem*), *pipino* por *pepino*, *pinhor* por *penhor*, *pitrol* por *petróleo* (*ibidem*, etc.), *piscoço* por *pescoço* (*Rev. Lusit.*, XXVIII, p. 236), etc.

Pespeneiro, pespinheiro

A palavra *pespeneiro* ou *pespinheiro* (com as variantes *pespeneiro*, *perspineiro*, *pesperneiro* e *pespinhero*) existe em alguns pontos de Trás-os-Montes e do Alentejo ⁽³⁴⁾ com o mesmo significado de *meixilho* ou *mexilho* 'vara de pau ou de ferro que, atravessando o dente do arado (ou a rabiça), segura as aivecas, atrás, com um afastamento conveniente'.

A palavra é principalmente espanhola (ásturo-leonesa) ⁽³⁵⁾, mas

⁽³³⁾ A propósito desta correspondência entre o port. *pescaz* (< *post* + *calx*) e o esp. dial. *pescola* (< *post* + *cola* [< *cauda* ou *coda*]), note-se que a «coice < *calx*» do dente do arado», em port., também corresponde «*cola* (< *coda* ou *cauda*) del dental», em esp., e *coa* (< *coda* ou *cauda*) del dental», em cat.

⁽³⁴⁾ *Rev. Lusit.*, V, p. 100; X, p. 100; XIII, p. 122; J. Silva Picão, *Através dos Campos [...] de Elvas*, p. 265, *Novo Díc.* (especialmente 5.^a ed. e ss.); *Encicl. Port. e Brasil.*; etc.

⁽³⁵⁾ *Perpiñeiro* 'pieza de madera que atraviesa ambas orejeras y el dental'... (M.^a C. Casado Lobato, *El habla de la Cabrera Alta*, p. 123), *pespeñeros* 'orejeras del arado', isto é, 'aivecas' (A. Zamora Vicente, *El habla de Mérida...*), *pespiñeiro* (M.^a Casado Lobato, *idem, ibidem*), *pespiñero* (J. Lamano y Beneite, *El dialecto vug. salm.*), *pezpeneiro* (B. Acevedo y M. Fernández, *Vocab. del Bable de Occid.*), *pezpíñeiro* (M.^a Casado Lobato, *lug. cit.*) e *pizpiñeiro* 'palo que atraviesa la cabeza del arado y sujeta las penas' (Guzman Alvarez, *El habla de Babia y Laciana*, p. 321). Há ainda formas resultantes de cruzamentos — *cuspiñeiro*, *cuzcuñeiro* e *cuzquilleiro* (cfr. M.^a Casado Lobato, *ob. cit.*, p. 124). O galego tem *pezpíño* (L. Carró-Alvarelos, *Dic.*).

as formas acima com *n* (em lugar de *nh-ñ*) são, evidentemente, de fonética tipicamente portuguesa.

Meyer-Lübke (*R. E. W.*, 6514) já considera (como nós agora) a palavra um composto de *pinna* ('pena', 'asa'...), mas acha que a primeira parte é obscura... Quer-nos, todavia, parecer que o composto se formou de modo idêntico aos que acabámos de estudar — todos referentes ao arado ou à lavoura — e que, portanto, o elemento inicial deve ter resultado do lat. POST 'depois', 'atrás, detrás', porventura com influência de *per* 'através', 'por meio de' ⁽³⁶⁾. As formas *perspineiro* (de Moncorvo) e *perpiñeiro* (de Cabrera Alta) estão mais ou menos no caso de *perscais*, acima (cp. ainda *preskray* e *priskaye*, ao lado de *peskray*, *peskraye*, *piskray*, *puskray*, etc. [*< postcras*], no Sul da Itália).

Portanto, POST (× *per*) + PINNA (+ suf. -*ariu*): port. (tras-mont.) *pespeneiro*, *perspineiro*, *pesperneiro* (este com infl. de *perna*); esp. (ast.-leon.) *pespeñero*, *pespiñero* (> port. [alent. e trasm.] *pespenhero*, *pespenheiro* e *pespinheiro*), *perpiñeiro*, *pespiñeiro*, *pezpiñeiro*, *pezpeneiro* e *pizpineiro*; galego *pezpiño* (que não parece de fonética vernácula) ⁽³⁷⁾.

JOSÉ INÊS LOURO

⁽³⁶⁾ Quanto ao radical de *pespeneiro*, etc., note-se que as *aivecas* (orejeras...) são chamadas *penas* (< *pinna*) em Babia e Laciana (Guzman Alvarez, ob. cit.).

⁽³⁷⁾ Quanto às formas com *pez-* ou *piz-*, cp. *pezcuño* (F. Krüger, *Léxico de Noroeste*, p. 37), *pizcoxo*, ao lado de *piscozo* ou *pescozo* (Acevedo y Fernández, ob. cit.), *pizpunto* (Guzman Alvarez, ob. cit.), *bizcocho*, *biznieto*, etc.

Los arabismos de las Cantigas de Santa María

Hace ya diez años prometí hacer un estudio de los arabismos incluidos en las Cantigas de Santa María de Alfonso el Sabio ⁽¹⁾. Varias son las causas que han ocasionado el retraso involuntario de estas modestas consideraciones sobre algunos arabismos del gallego.

¿Sobre arabismos del gallego? ¿Hay arabismos en gallego? A primera vista parece algo anómala la idea del arabismo en gallego. En efecto, la dominación árabe sólo duró en Galicia muy poco tiempo (aproximadamente desde el año 720 hasta 740), es de suponer, por lo tanto, que no haya arabismos en gallego o que sólo haya muy pocos comparados con los de los dialectos hablados en regiones sobre las cuales pesó siglos enteros el yugo árabe. Sin embargo, fácil es comprobar que no escasean en gallego los vocablos de procedencia árabe. En contrario, se puede decir que resultan bastante numerosos ⁽²⁾. ¿Cómo se explica este fenómeno?

A mi entender los arabismos llegaron al romance peninsular por tres vías — esto dicho *grosso modo*. La primera y la más importante de éstas era la influencia directa, originada por la dominación árabe y la convivencia de los moros y de los cristianos. Y parece lógico suponer que las huellas de tal dominación en el idioma de la región sometida resultasen tanto más profundas cuanto más larga fué la dominación. Liberada a su tiempo tal región del yugo árabe, en las regiones fronterizas la vecindad de los moros no dejó de hacer sentirse, y quedaron abiertas las posibilidades a una nueva corriente de arabismos — ésta sin duda menos fuerte que la anterior. Así debe el romance a los esclavos, a los inmigrantes que llegaron de las regiones todavía sometidas a los musulmanes, al comercio y a otros factores más, no pocos arabismos cuya procedencia pudiera explicarse como resultado de un intercambio mediador y llamarse influencia indirecta. Y cuando las fronteras de los reinos moros se alejaron

(1) En *Los arabismos del español en el siglo XIII*, p. 62 nota 1.

(2) GARCÍA DIEGO 175-180 menciona unos ciento cincuenta.

tanto que no vivían más moros en la vecindad inmediata de la región cristiana, siempre se hacía patente una influencia distante, debida a las relaciones sociales, militares, comerciales y culturales con otras regiones cristianas contagiadas por el arabismo.

El caso del gallego difiere algo del cuadro general. Cabe creer, primero, que resultó casi nula la primera de las influencias arriba citadas por la brevedad de la dominación árabe en Galicia; por consiguiente, sin duda eran muy pocos los vocablos gallegos cuya procedencia se debía a esta vía de entrada. En cambio, no me parece demasiado atrevido suponer que los vocablos debidos a la segunda de las influencias citadas hubiesen sido en la mayoría entre los arabismos del gallego por la fuerza, multiplicidad y larga continuidad de la misma. Se podría imaginar, por fin, que las voces llevadas por la influencia distante habrán bien sido bastante raras.

El objeto del presente estudio es comprobar cuáles arabismos había en el gallego antiguo, y determinar, si posible, a la cuál de aquellas vías de entrada pertenecía cada uno. Para ilustrar estos fenómenos he examinado, a título de prueba, los arabismos que contienen las Cantigas de Santa María. He preferido esta obra para la base de mi estudio por diversas razones. Ofrece un texto relativamente extenso y bastante uniforme. Resulta muy variado este texto en cuanto a los temas tratados, lo que garantiza un vocabulario rico, y, en consecuencia, muchas posibilidades para el uso de arabismos. Además, sería insólito no empezar tal estudio con la más antigua de las grandes manifestaciones literarias del gallego.

Para situar y fijar los arabismos de las Cantigas en el tiempo y en el uso, he examinado numerosos textos gallego-portugueses aproximadamente contemporáneos, algo anteriores y algo posteriores a las Cantigas. Sé bien que no resultan suficientes para una documentación definitiva de la historia de los vocablos que voy a estudiar. Lamento esta escasez, pero he leído todos los textos que me han sido accesibles y que me han parecido útiles. Y me parece que en muchísimos casos han bastado por lo menos para una buena orientación del problema. He aquí la lista de los textos examinados a este propósito con sus respectivas abreviaturas:

Colecciones de documentos:

CDGH — *Colección de documentos históricos publicados por la revista «Galicia histórica»*. Santiago 1901.

LF-Ap — López FERREIRO, *História de la S. A. M. I. de Santiago de Compostela. T. II. Apéndices*. Santiago 1898.

NUNES, Crestomatia — *Crestomatia arcaica*. Por José Joaquim NUNES. 2.^a ed., Lisboa 1921.

PMH — *Portugaliae monumenta historica*. Olisipone 1856-1891. [Lectura parcial.]

Leges et consuetudines

Inquisitiones

Scriptores

Diplomata et chartae

SALAZAR — *Documentos gallegos de los siglos XIII al XVI*, transcritos por Andrés Martínez SALAZAR. La Coruña 1911.

Textos sueltos :

Aves — *Uma versão portuguesa da historia natural das aves do sec. XIV*. [Publ.] Pedro de AZEVEDO. (Revista lusitana 1923-1925 XXV 128-147).

CAjuda — *Cancioneiro da Ajuda*. Edição critica e commentada por Carolina MICHAËLIS DE VASCONCELLOS. 1-2. Halle 1904.

CB — *Il canzoniere portoghese Colocci-Brancuti*, publ. nelle parti che completano il codice vaticano 4803, da Enrico MOLTENI. Halle 1880.

CGC — *Cancioneiro gallego-castelhano*. The extant galician poems of the gallego-castilian lyric school (1350-1450). Coll. and ed. by Henry R. LANG. I. New York 1902.

CV — *Il canzoniere portoghese della Biblioteca vaticana*, messo a stampa da Ernesto MONACI. Halle a.S. 1875.

Cetraria do rei Dancus — *Uma tradução portuguesa desconhecida do tratado de cetraria do rei Dancus*. [Ed.] Gunnar TILANDER. (Boletim de filologia 1939-40 VI 439-457).

Crónica Troyana — *Crónica Troyana*. Publicala Andrés Martínez SALAZAR. 1-2. La Coruña 1900.

Documentos brigantinos — *Documentos velhos brigantinos*. [Ed.] Abílio ROSEIRA. (Boletim de filologia 1934-35 III 153-165).

Dom Rodrigo — *Historia de Dom Rodrigo, último rei godo*. Textos antigos portugueses 8. [Ed.] J. J. NUNES. (Revista lusitana 1919 XXII 138-169).

Duque Antioco — [Vida do Duque Antioco]. Textos antigos portugueses 6. [Ed.] J. J. NUNES. (Revista lusitana 1916 XIX 64-75).

Dois textos — *Dois textos portugueses da Idade-Média*. [Ed.] J. Leite de VASCONCELOS. (Bausteine zur romanischen Philologie. Mussafia-Festgabe. Halle 1905, pp. 676-682).

Livro de citraria — *Livro de citraria e experiencias de algũs caçadores*. [Publicado en] Livros de falcoaria. [Ed.] Rodrigues LAPA. (Boletim de filologia 1932-33 I 199-234).

- NUNES, Contribuição — J. J. NUNES, *Contribuição para um dicionário da língua portuguesa arcaica*. (Revista lusitana 1928-29 XXVII 5-79).
- O cativo monge — *Vida do cativo monge confesso*. [Ed.] Abílio ROSEIRA. (Boletim de filologia 1932-33 I 40-52, 125-162).
- S. Nicolau — Pedro Augusto d'AZEVEDO: *Dois fragmentos de uma vida de S. Nicolau do sec. XIV em português*. (Bausteine zur romanischen Philologie. Mussafia-Festgabe. Halle 1905, pp. 581-586).
- Santa Maria Egíciaca — *Vyda de Sancta Maria egíciaca e do sancto homem Zozimas*. Textos antigos portugueses 7:1. (Revista lusitana 1917 XX 184-203).
- Santo Antonio — *Cousas notaveis e milagres de Santo Antonio de Lisboa*. Textos antigos portugueses. (Revista lusitana 1912 XV 178-235).
- São Bernardo — *Contemplação de São Bernardo segundo as seis horas canónicas do dia*. [Ed.] José Pedro MACHADO. (Boletim de filologia 1939-40 VI 97-157).
- Siete Partidas — Fragmentos de las Siete Partidas. [Publ. en CDGH 4-13, 103-133].
- Vidas dos Padres — [*Vidas dos Padres Santos que uiueron na cidade de Merida*]. Textos antigos portugueses. (Revista lusitana 1923-1925 XXV 231-250).

Casi todos los arabismos que voy a estudiar a continuación (en orden alfabético) resultan ya bien conocidos en cuanto a sus etimologías. Por lo tanto, sólo rara vez voy a pararme en consideraciones etimológicas, sino refiriéndome a tratados ya existentes, voy a

- 1.º registrar los sentidos que ofrecen los arabismos en las Cantigas y ilustrarlos con pasajes sacados de las mismas;
- 2.º confrontar estos con los del vocablo origen para comprobar si corresponde uno a otro;
- 3.º exponer la extensión geográfica de cada uno, si los datos reunidos lo permiten.

Claro es que sobre todo en este último punto piso en terreno poco firme, en el que, a pesar de toda precaución, no dejaré de extraviarme a menudo.

Una gran parte de los textos que he utilizado para este estudio no existen sino en ediciones bastante antiguas y poco satisfactorias desde

el punto de vista filológico. Por lo tanto, me he abstenido en general también de consideraciones fonéticas. Para el estudio de las Cantigas de Santa María de Alfonso el Sabio sólo he tenido a mi disposición la edición de la Academia Española. A pesar de mis esfuerzos la edición de Rodrigues LAPA ha quedado fuera de mi alcance.

En la transcripción de los sonidos árabes he recurrido a las letras siguientes: ' , b, t, ṭ, g, h, h, d, ḍ, r, z, s, ṣ, ṣ, d, t, z, c, g, f, q, k, l, m, n, h, w, y, ; vocales breves: a, i, u; vocales largas: ā (أَ), ī, ū; el t marbūta, en estado absoluto a, en estado constructo a^t.

Al final de este estudio hallará el lector una lista de las obras que he consultado. Algunas obras no incluídas en ella y en la lista dada en las p. 292-294 van citadas bibliográficamente en el texto.

ACEQUIA s. f. الساقية *as-sūqiya* «rigole, fossé; roue hydraulique; un puits d'irrigation; fontaine publique; tuyau» DOZY I 665; DOZY-ENGELMANN 34, EGUÍLAZ 24, STEIGER 215, 301; NEUVONEN 84-85.

En la edición de la Academia Española leemos (133_b):

Aquesta menynna foi a beuer
en a cequia, et dentro caer
foi, por que ouue logo de morrer

No hay dudas de que se trata del vocablo que en el portugués moderno es *acequia*, ant. *acequa* «açude; azenha; aqueducto» FIGUEIREDO. Corrijo *cequia* del editor en *acequia* por el metro y por la lectura del epíteto del ms. Toledano (Dice: *hũa moça que morrera en hũa acequia en Elche*).

Nótese que la escena del milagro contado en la cantiga está situada en Elche. Podemos suponer, por consiguiente, que fuera *acequia* aquí un vocablo que pertenecía tradicionalmente al cuento de la niña resucitada, y que el poeta lo conservó tal cual en su versión gallega, aun bien sabiendo que no era gallego. Mis lecturas gallegas y portuguesas abogan por esta opinión. En efecto, la ausencia de este vocablo en mis lecturas parece indicar que era, si no totalmente desconocido, por lo menos bastante raro. Ignoro en qué texto resulta acreditado por primera vez en portugués.

Frecuente en los textos españoles del siglo XIII. La forma catalana *cequia* se encuentra ya en la Crónica de Jaime I.

ACITARA s. f. الساترة *as-sitāra* «tout ce qui couvre ou dérobe qc. aux regards, voile, rideau; parapet» **BELOT**; «mur extérieur, parapet, un mur faible qui couvre un homme» **DOZY I 632**; **DOZY-ENGELMANN 38, EGUÍLAZ 34, NEUVONEN 45.**

El autor de las Cantigas usa este vocablo en dos acepciones: 1) «una prenda bordada», tal vez «cortina» o «cubierta» (desgraciadamente nuestro texto no nos permite fijar el sentido con más exactitud); 2) «muro, amparo», ¿sentido figurado?

Sólo aparece en dos pasajes de las Cantigas, la primera acepción en 348_d:

et panos muitos de seda
et çitaras ⁽³⁾ ben lauradas

La segunda acepción nos ofrece la estrofa 51_f:

et porende te rogamos
que d'aqueste cond' irado
nos queras guardar,
et sei nossa acitára,
ca nos quer britar
con seus engennos que pára

En los documentos portugueses y gallegos del siglo XIII y anteriores, sólo encuentro este vocablo en un documento del año 1169 citado en CDGH 15: *copam meam argenteam et unam citharam perobtimam*. Fuera de ellos conozco dos atestiguaciones según el Elucidario de SANTA ROSA que cita bajo *acitara* una del año 1145 y otra del año 1147: *una acitara mudbage*.

Comparada esta escasez con la relativa frecuencia de este vocablo en los documentos españoles de la misma época ⁽⁴⁾, me parece justificada la opinión de que en las Cantigas se debe a la pluma castellana del autor. Nótese, además, que en el catalán la primera atestiguación es del siglo XIV ⁽⁵⁾.

En el portugués no conozco este vocablo en textos posteriores al siglo XIII. FIGUEIREDO, calificándolo de anticuado, lo explica: «espécie de estófo precioso, com que se cobria a sella».

⁽³⁾ En la edición de la Academia Española leemos *cítaras*.

⁽⁴⁾ NEUVONEN 45.

⁽⁵⁾ ALCOVER Y MOLL s. v.

AÇOUTE s. m. السوط *as-sawf* «azote, látigo»; DOZY-ENGELMANN 228; EGUÍLAZ 325, NEUVONEN 36.

En las Cantigas se encuentra en cuatro pasajes: 227^e, 1g; Fiestas de Santa Maria 12¹, d; 50 (Códice Toledano), e. Cito aquí el primero:

foi tan brau' e tan yrado,
que logo a un seu mouro
o fez açoutar priuado,
que lle deu d'açoutes tantos,
que non ficou no costado
nen o corpo coiro são

La conservación del diptongo *ou* indica que es en galaicoportugués un préstamo independiente del español *açote*. No es raro en los documentos notariales, pero hace su aparición bastante tarde. La primera acreditación que conozco es del año 1211: *E guardado ao que mays ualer seu corregimento per auer ou per açoutes ou per outra guiza* ⁽⁶⁾.

En las Cantigas encontramos también un derivado de este arabismo:

AÇOUTAR «dar azotes», que aparece en cinco pasajes: 227^e, d, (citado arriba bajo *açoute*), 245^a, a, 11b, 328¹⁰, h, 11b.

Se usa con poca frecuencia en los documentos notariales de la época. La primera atestiguación proviene de la traducción de un documento del año 1190: *e se nom ouuer que peyte seia pregado na porta huum dia e des ende seia açoutado* ⁽⁷⁾. Encuéntrase también en CV 1175^o.

A fiarnos en el testimonio de los pasajes arriba citados, se propagó por las comarcas galaicoportuguesas hacia 1200.

ALCÁÇAR s. m. القصر *al-qasr* «fortaleza, palacio»; DOZY-ENGELMANN 90; EGUÍLAZ 138; NEUVONEN 88 ss.

El vocablo *alcáçar* se encuentra en cuatro pasajes de las Cantigas y en todos parece significar «fortaleza». En el primer pasaje (122^a) se aplica a la de Toledo:

⁽⁶⁾ PMH Leges 171.

⁽⁷⁾ PMH Leges 479. El original en latino dice: *classificatur in porta per unum diem deinde fragelletur*.

D'esto direi, un miragre que uí
 que en Toled' a Uírgen fez alí
 na ssa capela, et creed' a mí
 que faz y outros miragres assaz.

— — —
 Esta capela no alcaçar é

En los demás pasajes (345_{20c} y 374 ep. y 3f) se atribuye a la fortaleza de Jerez, y de ellos todos sale con mucha probabilidad que se trata de una institución militar. He aquí el primero:

ouueron que o alcáçar
 de Xerez era perdido

Y el último:

en Xerez, na sa capela
 do alcáçar que ganado
 foi de mouros per sa graça

Durante mi lectura de los textos galaicoportugueses me extrañaba mucho la falta casi total de este vocablo. Digo «casi», por que era total la falta de la forma *alcaçar*; pero aparecía el mismo arabismo con mucha frecuencia bajo la forma *alcacer* en la Crónica Troyana. He aquí algunos pasajes: I 109 (final de la página): *alcaçer da vila de Troya*; 110, 111; II 149, 163, 170, 180.

Como queda dicho en mi obra *Los arabismos del español en el siglo XIII* (*), la forma *alcacer* me parece propia a las hablas del Oeste y del Este, y la forma *alcaçar* a las del Centro de la Península. Apareciendo *alcaçar* en las Cantigas en leyendas cuyas acciones ocurren en regiones dominadas por castellanos, no vacilo en declarar *alcaçar* arabismo castellano en las Cantigas.

ALCAUELA s. f. القبيلة *al-qabīla* «tribu»; DOZY-ENGELMANN 77, EGUÍLAZ 352, NEUVONEN 193.

En las Cantigas *alcauela* significa «tribu, familia», aplicándose dos veces a la familia del demonio y una a la tribu de los moros. Cito primero los pasajes relativos a la familia del demonio (cantiga 26, estrofas 8-9):

(*) 87-89.

... e logo chegaron
a alma tomar
demões que a leuaron
mui toste sen tardar.

— — —
E v' passauan ant'hũa capela
de San Pedro, mui' aposte et bela,
San Iames de Conpostela
d'ela foi trauar,
dicend': — ¡ Ai, falss' alcauela!
non podedes leuar

— — —
A alma do meu romeu que fillastes

Y además en 180,f :

et criou Deus que a criad' auía,
que foi seu fill' e ouue de criar,
que por nós foi o jferno britar
et o dem' e toda ssa alcauela

En 215,f se atribuye a una tribu mora :

E mandou...
que ouuessen én mazela
et punnassen come bõos
com' aquela alcauela
de mouros fosse uençada
et a omágen uingada

Es raro en portugués. En un documento de PMH Scriptores anterior al año 1325 (?) ⁽⁹⁾ leemos : *E açertousse que chegou a casa de huum homem boo de gramde alcauella... elle lhe disse que era caualleiro e que hia pera o servir, cá lhe disserom que avia d'auer lide com alcauellas e companhas grandes de sua irmãa*. MACHADO 294 cita un ejemplo del siglo XV : *alcabila*.

En los textos españoles del siglo XIII se encuentra la forma *alcauera* (con -r-) con una regularidad sorprendente. Merece poner de relieve, en cambio, la regularidad de las formas con -l- en gallego-portugués. Esta oposición, a pesar de apoyarse en una documentación demasiado escasa, parece hablar por una entrada independiente en las dos lenguas, o, por lo menos, por una diferenciación bastante remota.

(9) P. 382.

ALCAYDE s. m. **القائد** *al-qā'id* «jefe, caudillo, capitán»; **DOZY-ENGELMANN** 79; **EGUÍLAZ** 126; **NEUVONEN** 89.

En las Cantigas *alcayde* tiene varios sentidos: 1) «jefe del ejército moro»; 2) «comandante de una fortaleza»; 3) «capitán de una embarcación mora». Sin querer pararme en la historia del vocablo *alcayde* en portugués (ricamente documentada y bien estudiada ⁽¹⁰⁾), hago observar que significa «comandante de una fortaleza, *castellanus*». Naturalmente administraba justicia militar y, además, en algunos pueblos, ejercía la jurisdicción ordinaria. Por eso tomaba este vocablo algunas veces la acepción genérica de «juez» que aparece también en las Cantigas.

He aquí ejemplos de *alcayde* en sus diversas acepciones:

Significa «jefe del ejército moro» en 329_f:

et o alcaide mayor
mandou que buscal-o fosen
et pera él o trager

El segundo de los sentidos aparece en la cantiga 185 (2c, 3c, 4c, 6g, 8a, 10a, 12e) y en la 191 (para el texto, véase *alcaydesa*, más adelante). Cito 185_{2c}:

Aqueste castelo est'
en o reino de Geén;
et un alcaid' y auía
que o guardaua mui ben.

En la misma acepción se usa también en la cantiga 369 (ep., 4b, g, 8a, 10h, 11a, 13b, 14a, 21a). Es verdad que el pasaje es algo oscuro, y bien podría interpretarse aquí *alcayde* como «juez» en la acepción genérica, si no supiéramos que se trata del pueblo de Santarém donde la jurisdicción se administraba por *alcaydes* y *alvasis*, a fiarnos en lo que dice **HERCULANO** ⁽¹¹⁾.

Toma el sentido de «capitán de navío» en 271_f:

⁽¹⁰⁾ **HERCULANO** VII 176 ss, **MAYER** II 256.

⁽¹¹⁾ VII 177, 358.

D'esto direi un miragre
 que fez aquesta Sennor
 grand' e mui marauilloso
 en o rio d'Azamor.
 que Morabe é chamado,
 por lo alcaide mayor
 d'ua naue que y era

Asimismo en 4e: *alcaide da naue*; y 7e.

Parece significar «juez» en los pasajes 392_{4g, 5g, 6c, 7c, 8d, 9a}; a éstos añadiré 213_{6g, 245_{8g, 9a, g, 24a}}, en los cuales el sentido resulta poco claro. Es posible que en esta acepción *alcayde* haya sufrido la influencia de su homónimo *alcalde*.

Resulta bien documentado en los textos portugueses desde el siglo XII. Algunos ejemplos: año 1111 (Soure): *alcaide* ⁽¹²⁾; año 1154 (Sintra): *milites sintrie qui bene seruierint suum alcaide* ⁽¹³⁾; año 1220: *Alcayde do Castello* ⁽¹⁴⁾. Aparece también en documentos gallegos: SALAZAR año 1234 doc. 1 (p. 1₈): *alchaydes*; año 1257 doc. 8 (p. 23₃₆): *alcaydes*; año 1272 doc. 38 (p. 81₂₀): *alcaydes*; Crónica Troyana I 366: *alcaydes*, en la acepción de «caudillo».

En las Cantigas encontramos también un derivado de *alcayde* «castellano». Es

ALCAYDESA s. f. «mujer del *alcayde*». Aparece en la cantiga 191, en el epigrafe y en la estrofa 2g. He aquí este último pasaje:

O alcaide do castelo
 era un pobr' escudeiro
 que fora por ssa soldada,
 cuidand' end' algun dinneiro
 auer; mais polo castelo
 non ficar assí senlleiro,
 ficou y a alcaydessa
 et que fillar foi por manna

(12) PMH Leges 357-358.

(13) PMH Leges 385.

(14) PMH Inquisitiones 414a.

Encuentro este derivado también en un documento notarial anterior al año 1325. Dice: *alcaydesa da azambina* ⁽¹⁵⁾. El profundo arraigo de *alcayde* comprueba además la existencia de un vocablo derivado como *alcaldaria* «oficio de alcaide», en varios documentos de la época, por ej. en uno del año 1211 ⁽¹⁶⁾.

Alcayde es frecuentísimo en el español del siglo XIII. En cuanto al catalán, resulta vocablo raro en documentos antiguos, la primera acreditación siendo, que yo sepa, del año 1315 ⁽¹⁷⁾.

ALCAYOTA s. f. Por lo general se admite la etimología *القواد* *al-qawwād* «alcahuete»; DOZY-ENGELMANN 79; EGUÍLAZ 126; STEIGER 297; pero ésta no explica el elemento palatal de las formas españolas *alcayet* (General Estoria 733b10 ⁽¹⁸⁾) y *alcayeta* (Juan Ruiz p. 157 ⁽¹⁹⁾), y la portuguesa *aícaíote*. Para otras explicaciones, véase STEIGER ⁽²⁰⁾ y NEUVONEN 147.

En las Cantigas sólo aparece en un pasaje, esto es, en la Cantiga 312₁₀e:

E enton ergeu-sse logo,
et buscou muitas carreiras
per que a auer podesse;
et ar catou mandadeiras
que ll' enuiou, alcayotas
uellas et mui sabedeiras
de fazer moller manceba
sayr toste de cordura

Mucho me ha maravillado el que no haya encontrado esta palabra en los numerosos fueros y documentos que he leído. La primera acreditación literaria ofrece, que yo sepa, SANTA ROSA en su *Elucida-*

⁽¹⁵⁾ PMH Scriptores 225.

⁽¹⁶⁾ PMH Leges 164.

⁽¹⁷⁾ En la Colección Bofarull según ALCOVER Y MOLL s. v.

⁽¹⁸⁾ ALFONSO EL SABIO, *General Estoria*. Primera parte. Edición de Antonio G. SOLALINDE. Madrid 1930.

⁽¹⁹⁾ JUAN RUIZ, Arcipreste de Hita, *Libro de buen amor*. Texte du XIV^e siècle publié... par Jean DUCAMIN. Toulouse 1901.

⁽²⁰⁾ Arnaldo STEIGER, *Contribución al estudio del vocabulario del Corbacho*. Madrid 1922, p. 63.

rio. Cita el siguiente pasaje de un antiguo *foral* de Santarém: *Lei, como devem dar péa aos Alcayotes, e alcayotas, que alcobetarem outras mulheres*. Desgraciadamente no indica de qué año es el *foral* ⁽²¹⁾. Hago observar, además, que no he tropezado con esta palabra en mis lecturas ulteriores del siglo XIII.

En la cantiga 64 de las Cantigas (14b) se halla un derivado de *alcayota*:

ALCAYOTARÍA s. f. «acción de alcahuetear u oficio de alcahuete»:

Mais aquela uella, com' era moller mui uil
e d'alcayotaria sabedor e sotil

Otro derivado, el verbo *alcayotar* «hacer oficios de alcahuete», se encuentra en CV, canción 1131₂₁. Dice:

demo lev' a guar[i]da que lh'eu sey,
ergo se guarir' per alcayotar ⁽²²⁾

La escasez de la documentación en el siglo XIII y la ausencia total del vocablo en los documentos anteriores, me hacen pensar que este arabismo (¡no la institución!) se propagó en el romance exactamente en el siglo XIII. Las formas con -y-, comunes al galaicoportugués y al español, hablan por la posibilidad de un común centro de irradiación. Pero, ¿fué español o galaicoportugués? Imposible decidir por falta de documentación más abundante.

ALCORÁN s. m. الْقُرْآن *al-qur'ān* «lectura; libro fundamental de la religión musulmana»; DOZY-ENGELMANN 93, EGUÍLAZ 141.

Se usa en dos pasajes de las Cantigas: 165_{13b} (y en la repetición de esta cantiga: 395_{13b}) y 329_{4b}. Cito el segundo:

Ca, segund lles deu escrito
Mafomat no Alcoran

Palabra culta que se aplicaba a la obra musulmana conocida.

⁽²¹⁾ Hay varios del siglo XIII (1255, 1260, 1282) y uno del siglo XII (1199), según HERCULANO VII 358.

⁽²²⁾ Sigo la lectura de MICHAËLIS DE VASCONCELLOS en Zeitschrift für romanische Philologie 1901 XXV 672.

ALDEA s. f. *العيطة* *ad-day^ca* «aldea, lugar pequeño en el campo»; **DOZY-ENGELMANN** 97, **EGUÍLAZ** 148; para el paso *dd* > *ld*, véase **STEIGER** 162.

Es frecuente en las Cantigas: 31_{3c}, 148_c, 215_{4c}, 304_{1e}, 315_{2a}, 323 ep., 328_{17c}, 351 ep., 1f, 366_{3c}. Cito el primer pasaje:

E porend' un aldeão
de Segouia que moraua
na aldeia, hũa vaca
perdêra que muit' amaua

En el portugués *ad-day^ca* ha dado *aldeia*, con conservación del diptongo. He aquí algunos ejemplos que pudieran multiplicarse a voluntad: año 1186 (Covilhan): *qui habuerit aldeiam* ⁽²³⁾; año 1258: *aldeya* ⁽²⁴⁾; asimismo en la toponimia portuguesa: *Aldeia Cimeira*, *Aldeia da Figueira*, *Aldeia das Vendas* ⁽²⁵⁾; CB 350₅: *aldeya*.

Al lado de esta forma diptongada se acredita también la forma *aldea* en documentos antiguos: año 1166 (Evora) ⁽²⁶⁾; año 1209 (Castello-Melhor) ⁽²⁷⁾; año 1238 (Celanova) ⁽²⁸⁾.

¿Cómo explicar esta dualidad? Cabe suponer que *aldeia* fuera un préstamo directo al árabe, aproximadamente coetáneo a la entrada de la forma *aldea*, cuyo origen debe buscarse, no en el árabe, sino en los dialectos del Centro en los cuales ya había terminado la evolución *ai* > *ei* > *e*. ¿Pero *aldea* de las Cantigas? ¿Castellanismo? En este caso, dado la existencia de la forma *aldea* en los documentos galaicoportugueses, no me atrevo a responder afirmativamente a esta última pregunta, aunque bien tengo el sentimiento, apoyado en la tendencia general, de que bien lo pueda ser.

En las Cantigas se halla también un derivado de *aldea*. Es

ALDEÃO a. y s. m. «habitante de una aldea».

⁽²³⁾ PMH Leges 457.

⁽²⁴⁾ PMH Inquisitiones 317b.

⁽²⁵⁾ Tomados de F. A. MATTOS, *Diccionario chorographico de Portugal*. Lisboa 1889.

⁽²⁶⁾ PMH Leges 392.

⁽²⁷⁾ PMH Leges 898.

⁽²⁸⁾ CDGH 409.

Se encuentra en 31.^a (citado arriba en *aldea*), 4.^a y 65.^a (en este caso como adjetivo: *un clerig' aldeão*) en consonancia con «cris-chão — loução». Es bastante frecuente en los textos antiguos: año 1188-1230 (Castello-Bom): *aldeanus qui casa habuerit cum l uicino aldeano; Mvlier aldeana; Aldeano qui parare fiel ad alio aldeano* ⁽²⁹⁾; año 1188-1230 (Alfaiates): *aldeanus, aldeano, aldeanos* ⁽³⁰⁾; año 1209 (Castello-Melhor): *aldeano* ⁽³¹⁾. En CB 965_s encuentro la forma diptongada: *Os aldeyaos e os concelhos / todo lus auedes por pagadus*.

ALFAMAR s. m. *الحمار* *al-hamar* «lo que cubre»; **NEUVONEN** 104. Véase también **DOZY-ENGELMANN** 101, **EGUÍLAZ** 156, **STEIGER** 255 que lo derivan de *al-hanbal*, lo que me parece inacceptable.

Desgraciadamente, aparece en las Cantigas en un pasaje que no deja deducir claramente su significación. Es en la cantiga 392._c:

Ond' auêo que un dia
furtou a húa mesquinna
un alfamar, e uendel-o
foi a cassa da Reynna

La primera atestiguación de esta palabra en portugués ofrecen las costumbres y fueros de Castello-Bom del año 1188-1230: *un iecto cum guenabe aut cum alfamar* ⁽³²⁾. Asimismo en los de Alfaiates de la misma época: *cum alfamar* ⁽³³⁾. Menudea en los documentos del siglo XIII y XIV: año 1209 (Castello-Melhor) ⁽³⁴⁾; año 1326: *alfamares longos* ⁽³⁵⁾; año 1348: *alfamare* ⁽³⁶⁾; año 1395: *hua cama de Roupa que seia huun almadraque et tres cabeçaes anchos et huun traueyseiro de pluma laurado et quatro faceyroas et duas sauas et hua colcha et huun panal et huun alfamare et duas almadraquias* ⁽³⁷⁾.

⁽²⁹⁾ PMH Leges 748-749.

⁽³⁰⁾ PMH Leges 793.

⁽³¹⁾ PMH Leges 902.

⁽³²⁾ PMH Leges 752.

⁽³³⁾ PMH Leges 798.

⁽³⁴⁾ PMH Leges 913.

⁽³⁵⁾ CDGH 295.

⁽³⁶⁾ CDGH 306.

⁽³⁷⁾ CDGH 157.

Los ejemplos muestran que este vocablo es particularmente vital en los dialectos orientales de la Península, y, sin duda alguna, también bien arraigado en el habla gallega.

En el castellano resulta *alfamar* acreditado desde el siglo XII, pero tenía, por otra parte, poca frecuencia en el siglo XIII.

ALFAQUÍ[N] s. m. *الحكيم al-hakīm* «sabio, filósofo, médico»; DOZY-ENGELMANN 137, EGUÍLAZ 188, NEUVONEN 151.

Se encuentra en 108₁d:

E d'aquest' oy contar
que auêo a Merlin
que ss'ouue de rezôar
con un judeu alfaquí
que en tod' Escoça par,
como disseron a mí,
de saber non auía

Como hace observar el editor, debería leerse *alfaquin* — *a min*, porque consueña con *Merlin*, y, en efecto, esta lectura ofrecen los mss. T. j. l. y Tol.

Vocablo culto y, que yo sepa, única atestiguación en portugués y en gallego.

ALFRES s. m. *الفرش al-farš* «alfombra, tapete, tapiz, tapicería y cama, mueblaje»; EGUÍLAZ (bajo *alfreses*) 173 lo deriva de *al-farša*. Para el desplazamiento del acento *farš* > *fraš*, véase STEIGER 91.

En las Cantigas aparece en el sentido de «cubierta de cama». Dice la cantiga 125₁d:

Que con esta mia criada
cuidas casar, pero me pes',
que iá ssé en o taámo
toda ben coberta d'alffrés

Varios autores conocen la palabra *alfreses* en pl. (GONÇALVES VIANA I 44, EGUÍLAZ 173, 545; FIGUEIREDO explica bajo *alfrezes*: «mobília de uma casa; panos ricos, próprios para armações; certos enfeites de vestuário»). SANTA ROSA s. v. cita un documento del año 1352: *Calças, Alfreses, especias, bacias, agumys*

e outras cousas que tragem pera si. Este pasaje y el siguiente que proviene de CV 927₂₅ hacen creer que se trata de una prenda de vestir :

ffeí hum capeirom grande de guadameci com pena veira
e com alfreses aberto por deam e achaua
f se pelas co f tas pelos onhos todo arredor [?] (38)

En un documento del año 1253 (Lisboa) he encontrado el único ejemplo de *alfres* en sg. fuera de la Cantigas: *Et melior alfres de auro de Londres amplo... Et melior alfres amplum de argem... Et melior alfres de sancto Jacobo amplum... Et alius alfres qui non fuerit ita bonus ualeat tres libras* (39). Desgraciadamente esta larga cita añade poco a nuestros conocimientos de la índole de *alfres*.

ALGAR s. m. الغار *al-ḡār* «cueva, pozo»; DOZY-ENGELMANN 119, EGUÍLAZ 175, STEIGER 241.

En las Cantigas significa también «cueva» en 102_{7c} :

Que o lógo mal chagaron
et todo o debullaron :
et en un algar deitaron
que non auía peor

En el epígrafe se evita siendo reemplazado por *poço* : *un crérigo que os ladrones deitarom en un poço*. Más adelante, en las estrofas 13-14, se sustituye por *foyo*. Me atrevo a deducir de esto que no era un vocablo corriente.

Fuera de las Cantigas, no lo conozco en textos medievales. Es verdad que en la Crónica Troyana encuentro en el mismo significado la palabra *alguarue* : *que acharū hū dia en hū monte hu andauā muḡ grande auer en hū alguarue* (otro ms. *algube*) (40). ¿ Tiene este vocablo algo que hacer con nuestro *algar* ? Por lo general se lo deriva de الغرب *al-ḡarb* «poniente» (?).

(38) Cito según la nota del editor en la p. 438.

(39) PMH Leges 193.

(40) P. 218 *algarue* ; también en la p. 219 (dos veces + *alguarue*).

Nótese que no he encontrado la palabra *algar* en mis lecturas españolas del siglo XIII y tampoco, hasta el presente, en las del siglo XIV. La primera atestiguación castellana, que yo sepa, se halla en el diccionario de TAMARID del año 1585⁽⁴¹⁾.

ALGARA s. f. الغارة *al-ḡāra* «incursión en la tierra enemiga»; DOZY-ENGELMANN 119, EGUÍLAZ 175.

En las Cantigas *algara* ofrece la misma significación que su origen árabe. Sólo aparece en la cantiga 323:c:

E él aquesto dizendo,
os mouros logo deitaron
sas algaras, et correron
et roubaron quant' acharon

Este pasaje pertenece a la descripción de un milagro que hizo Santa María al correr Yúsuf ben Tesufín (1061-1107) las regiones de Sevilla. El pasaje nada añade a nuestros conocimientos de *algara*.

En mi obra ya varias veces citada, p. 115, digo que el vocablo *algara* no aparece, «que yo sepa», en los textos portugueses del siglo XIII. Mejor informado ahora, puedo indicar que lo he hallado en varios textos del siglo XIII y hasta en algunos anteriores. He aquí algunos documentos en los cuales resulta acreditado: año 1166 (Evora): *Et omnes milites qui fuerint in fossado uel in guardia omnes caualeiros qui se perdiderint in algara uel in lide primus erectis*⁽⁴²⁾; año 1179 (Abrantes): *in algara uel in lide*⁽⁴³⁾; año 1222 (Sobreira Formosa)⁽⁴⁴⁾; año 1244 (Proença-a-Nova)⁽⁴⁵⁾; año 1262 (Portel)⁽⁴⁶⁾. En el pasaje citado había considerado este arabismo como un castellanismo de origen árabe en el portugués, pero delante de esta rica documentación me inclino a creer la entrada de este arabismo independiente en las dos lenguas.

(41) Según GILI GAYA s. v.

(42) PMH Leges 393.

(43) PMH Leges 419.

(44) PMH Leges 590.

(45) PMH Leges 631.

(46) PMH Leges 704.

ALGUAZIL s. m. الحزير *al-wazīr* «el que lleva una carga o ayuda a otro a llevarla, y de eso: el que ayuda y aconseja a un príncipe, visir»; DOZY-ENGELMANN 129, EGUÍLAZ 183, MENÉNDEZ PIDAL Mío Cid 433.

En la cantiga 328 (s.b, 14a, 15g) *alguazil* se atribuye a un visir musulmán, esto es, al de Jerez:

Non catou ál, senon quando
o alguazil mui sannudo
de Xerez a ele vëo,
mouro mui riqu'e sisudo

Un sentido muy curioso presenta la cantiga 254.d. Dos monjes han huido de los rigores de su convento, cuando ven bajar por la corriente, en una barquilla, hombres que discuten acaloradamente. «¿Quiénes sois?» preguntan los monjes y los hombres responden:

Macar omes semellamos.
díabos somos sen falla
que al madebron leuamos
un alguazil sen baralla

Según el glosario de las Cantigas *alguazil* significa aquí «prepósito, prelado de una corporación religiosa». Y en efecto, el pasaje citado corresponde en la versión latina⁽⁴⁷⁾ a las palabras: «*Demonnes sumus, qui animam Ebronii, prepositi Monasterii Sancti Galli, qui ab ordine apostatauit, in infernum defferimus*». Es sorprendente esta extensión de significación. Saliendo del sentido específico de «visir musulmán» se ha llegado al sentido genérico de «jefe». Nótese, además, que *alguazil* es arabismo bastante común en los antiguos textos portugueses, pero en el sentido de «jefe». He aquí una serie de ejemplos: año 1143 (Lamego): *alvazile*⁽⁴⁸⁾; año 1185-1211 (Coimbra): *mando firmiter pretori et aluazilibus Colimbrie*⁽⁴⁹⁾; año 1253 (Lisboa?): *aluazilibus*⁽⁵⁰⁾; hacia 1250 (reinado de Alfonso

(47) Citada en la p. XXVIII de la edición de la Academia Española.

(48) SCHÄFER 52.

(49) PMH Leges 162.

(50) PMH Leges 198.

III): *Hos aluaziis son juizes ordinayros porque deuem ouuyr e julgar aos outros de ssuzo dictos* ⁽⁵¹⁾; año 1282: *aluazijs* ⁽⁵²⁾.

Por otra parte, si nos fijamos en la forma, vemos que los textos portugueses ofrecen con una extraordinaria regularidad la forma *alvazil*. Al lado de esto, los textos españoles del siglo XIII (con raras excepciones pertenecientes a los principios del siglo) dan predilección a las formas *alguazil* y *aguazil*.

Delante de todo esto, me inclino a ver en *alguazil* de las Cantigas un vocablo algo extraño al gallego y al portugués. Debe bien atribuirse a la pluma del escritor castellano.

Para los *alvaziles* como institución, véase HERCULANO VII 175-176, 179-181.

ALJAMA s. f. الجماعة *al-gama'a* «congregación, comunidad o iglesia musulmana»; DOZY-ENGELMANN 144, EGUÍLAZ 202; para la acentuación, véase NEUVONEN 297.

En las Cantigas se emplea en una sola cantiga, 169, tres veces (a, s, c), aplicándose a la morería de Murcia. Cito el primer pasaje:

Que enton á Aliama
lle vêeron pedir
que aquela eigreia
fezess' én destroir
que n'arraizaca era

No he encontrado este vocablo en mis lecturas galaicoportuguesas. Nótese, enfrente de esta escasez, que en el español del siglo XIII resulta bastante corriente esta palabra con la cual se designaba de vez en cuando también a comunidades religiosas de judíos. Por lo tanto, resulta muy expresiva la ausencia de este vocablo en un documento del año 1275 en que leemos: *a comunidade dos judeos dessa vila* ⁽⁵³⁾.

Por el acento creo que este vocablo se ha propagado, en toda la Península, desde un común centro de irradiación.

⁽⁵¹⁾ PMH Leges 286.

⁽⁵²⁾ Revista Lusitana 1918 XXI 247-248 varias veces. Además en PMH Leges 214, 270, 283, 286, 299, 302, 322, 409, según el índice de esta obra.

⁽⁵³⁾ PMH Leges 232.

ALJUB[E] s. m. الحب *al-gubb* «carcel en el campo» ALCALÁ 140₃₄; EGUÍLAZ 181.

Se halla en 192_{5j} (y en su repetición 397_{5j}):

O om' entendudo
foi et de bon sen,
et apercebudo
de guardar mui ben
o mouro baruudo
falss' e descreudo ;
e come sisudo
o mandou meter
en logar sabudo
d'aljub' ascondudo,
e dentr' estendudo
o fezo iazer

Parece significar «prisión, cárcel». Esta prisión era sin duda nada más que na cueva o un pozo, comúnmente empleados para guardar prisioneros, como podemos ver en las cantigas 58₁₀ y 102_{7, 13-14}, y, en efecto, «pozo» es el significado originario de *gubb* en el árabe (BIBERSTEIN KAZIMIRSKI: «puits; citerne; grande outre, cou-sue de deux peaux; moelle du palmier»).

En mis lecturas sólo encuentro el vocablo *aljube* en la Crónica Troyana en la forma *algube* como variante de *algarue* «cueva», véase p. 307. Estas dos acreditaciones son, que yo sepa, las primeras en galaicoportugés. El vocablo se halla en la mayoría de los diccionarios portugueses; FIGUEIREDO lo explica con «caverna; prisão, cárcere escuro».

La existencia del derivado *aljubádigo* (proviene de HERCULANO VII 220 la única acreditación que conozco) comprueba el arraigo de nuestro vocablo.

La forma normal castellana es *algibe* que asimismo significa «cueva, cisterna de agua, cárcel», véase por ej. GILI GAYA. Las documentaciones catalanas del vocablo correspondiente, *aljub*, *anjup*, *arjup*, *aujup*, son algo posteriores a las españolas y portuguesas; según ALCOVER Y MOLL la más antigua es del año 1403.

ALMAFÍ s. m. ? ? + الفيل *al-fil* «elefante»; DOZY-ENGELMANN 302; EGUÍLAZ 208, 444; MACHADO, Alguns 28-29; NEUVONEN 59.

En las Cantigas significa «marfil». Se halla en la cantiga 299_d:

hũa omágem d'esta que nos guía,
d'almafi, que seu Fill' en braços ten

Fuera de las Cantigas este arabismo enigmático se encuentra sólo en dos documentos antiguos. Curioso es que los dos se relacionan con Galicia. El uno es un documento de Celanova del año 942 que ofrece las formas *almafí*, *ammafide* ⁽⁵⁴⁾. El otro, que dice *almafí*, se copia en varias obras ⁽⁵⁵⁾ según DU CANGE que lo cita en una carta *Rudesindi Episcopi Dumiensis aerae* 930. Nótese que Dume está situada en la frontera sur de Galicia y que ese obispo Rudesindo vivió largos años en exilio en Mondeñedo, pueblo gallego ⁽⁵⁶⁾. Estas citas indican que nuestro arabismo tenía carta de naturaleza ya desde remotos tiempos en el dialecto del Noroeste.

Además, según el glosario de las Cantigas, SANTA ROSA cita en su *Elucidario* II 182 un documento portugués en el cual se dice: *hum crucifixo de oimafi*. Este *oimafi* debe bien rectificarse en *almafí*. No teniendo en mi posesión esta obra, ignoro si indica también el lugar y el año de redacción del documento.

La denominación de la substancia osea que se saca de los colmillos del elefante es *marfim* en portugués. En los documentos que he leído para este estudio, sólo lo encuentro en NUNES, *Crestomatia* 137, 139 (textos del siglo XIV) y en Dom Rodrigo 168: *ossos de marfitym*. MACHADO, pasaje arriba citado, ofrece algunos ejemplos ulteriores. En la *Crónica Troyana* (I 203, 360; II 161) vemos la forma *marfil* que parece española.

ALMOCELA s. f. ^{المصلى} *al-musallà* «alfombra para rezar»; DOZY-ENGELMANN 169; EGUÍLAZ 229; MENÉNDEZ PIDAL *Mío Cid* 458; NEUVONEN 49-50.

La significación de *almocela* no resulta muy clara en el pasaje que nos ofrecen las Cantigas, pero tal vez podamos deducir de él que se trate de una modesta «alfombra o cobertura, manta». Se dice (180_f):

⁽⁵⁴⁾ Cito según M. GOMEZ-MORENO, *Iglesias mozárabes*. Madrid 1919, p. 126.

⁽⁵⁵⁾ Por ej. EGUÍLAZ, *Glosario de las Cantigas*, MACHADO, *Alguns*, etc.

⁽⁵⁶⁾ Véase Pierre DAVID, *Études historique sur la Galice et le Portugal du VI^e au XII^e siècle*. Paris 1947, p. 62-63, 128-129.

Como foi pobre ¿quén o osmaria
 a que seu fillo Deus ya deitar
 no preseue, ca auer non podía
 un pano en que o enuurrallar
 senon sa touca, ca en o logar
 sol non acharon y hun' almocela?

Almocela resulta bien acreditado en mis lecturas, confieso, sin embargo, que el significado me queda siempre algo oscuro: siglo X: año 946: *mucella* (¿topónimo?)⁽⁵⁷⁾; año 959: *Quinque almucellas*⁽⁵⁸⁾; año 955: *almazala*⁽⁵⁹⁾; siglo XI: año 1092: *uno lenzo tiraz et una almucella serica*⁽⁶⁰⁾; siglo XII: año 1177: *almazala*⁽⁶¹⁾; año 1199: *almazala*⁽⁶²⁾; siglo XIII: año 1204: *almazala*⁽⁶³⁾; siglo XIV: año 1305: *almazala*⁽⁶⁴⁾; Duque Antioco 74: *almocella*; NUNES, Crestomatia 88 (Códice Alcobacence): *almocella*.

En mi obra arriba citada he dicho que este vocablo parece ya anticuado en el español del siglo XIII. A decidir de los ejemplos que acabo de dar, debemos creer que este arabismo seguía viviendo en las partes occidentales de la Península, mientras estaba cayendo en desuso en el Centro. Por esta opinión aboga también la existencia del derivado *almocelleiro*⁽⁶⁵⁾. La abundancia de las documentaciones de *almocela* nos permite otra deducción más: por ser objeto tan frecuente no podía estar muy caro; tampoco olvidemos a este propósito lo que dice nuestra cantiga: *sol non acharon y hun' almocela*.

ALMOEDA s. f. المندأة *al-murādā'* inf. del verbo نادى *nadā* III forma: «proclamer, annoncer quelque chose (par ex. un objet à vendre)» BIBERSTEIN KAZIMIRSKI s. v.; EGUÍLAZ 236; COLIN Hespéris 1933 XVI 176; MACHADO, Alguns 11; NEUVONEN 106.

(57) PMH Diplomata et chartae 32.

(58) PMH Diplomata et chartae 47.

(59) LF-Ap 156 (Sobrado).

(60) PMH Diplomata et chartae 470.

(61) Boletim de filologia 1939 VI 87.

(62) CDGH 88.

(63) CDGH 16, 17.

(64) CDGH 495, 497.

(65) Sin documentar. Saco el vocablo de FIGUEIREDO s. v.

En las Cantigas *almoeda* significa «subasta» como en el portugués moderno, y como *almoneda* en español. Sólo se encuentra en la cantiga 359,a:

E logo na almoeda
a meteron essa uez;
dess í compró-o un mouro
que deu por ele seu prez

A juzgar por la caída de la *n*, la entrada de *almoeda* debe ser bastante remota en gallego-portugués. Contrastan con esta deducción las primeras atestiguaciones literarias de este vocablo en portugués. Son de los siglos XII-XIII y ofrecen la *n* conservada: año 1188-1230 (Castello-Bom): *almoneda* y *almonedero* ⁽⁶⁶⁾; año 1209 (Alfaiates): *almoneda* ⁽⁶⁷⁾; año 1209 (Castello-Melhor): *almonedero* ⁽⁶⁸⁾; resulta también acreditado el verbo *almonedar*, año 1188 (Valhelhas): *Ochauas, et Acouges, et almudes almonedarent semper* ⁽⁶⁹⁾. ¿Cómo explicar esta dualidad? Una explicación que se me ocurre, es suponer que hayan existido en el antiguo portugués dos series de palabras, una que revela el desarrollo popular y tradicional, y otra que se debe al uso notarial arcaizante, acaso traída por las fórmulas forales del Centro de la Península.

ALMOGÁUAR, ALMOGRAUE s. m. المغاور *al-muḡāwīr*
«soldado que tomaba parte en las entradas y algaras en la tierra enemiga»; DOZY-ENGELMANN 172, EGUÍLAZ 233; para la asimilación *i* > *a*, véase NEUVONEN 295.

Según FIGUEIREDO era *almogávar* antiguamente un «guerreiro, que vivia nos matos, donde assaltava terras de Moiros», lo que equivale aproximadamente a la institución árabe. Conocida es la historia de los *almogávares* aragoneses, institución que se imitó más tarde también en Castilla, véase por ej. BALLESTEROS Historia II 328.

Confieso que ignoro si existía o no esta institución en Portugal antes del siglo XIV. Las historias de Portugal que consulto no hacen

⁽⁶⁶⁾ PMH Leges 754 y 785.

⁽⁶⁷⁾ PMH Leges 799.

⁽⁶⁸⁾ PMH Leges 901.

⁽⁶⁹⁾ PMH Leges 471.

mención de ella. Tampoco he tropezado con el vocablo *almogávar* en mis lecturas gallego-portuguesas. Nótese, además, que por ej. la historia de la cantiga 205 en que aparece *almogauar*, está situada en las tierras de Uclés y de Calatrava, de modo que el vocablo puede bien pertenecer tradicionalmente al cuento mismo. Cuando añadimos a todo esto que el español ofrece en esta palabra la misma asimilación *i > a* como *almogauar* de las Cantigas, debemos bien ver en este vocablo un préstamo al habla del Centro.

Por otra parte, llama la atención la metátesis *almogauar > almo-graue* que testimonia de un cierto arraigo en la lengua. Las dos formas resultan atestiguadas en las Cantigas, la primera en la cantiga 205,e :

Que tragía gran conpanna
de mui bôos caualeiros
ardidos et arrizados,
et demáis bôos guerreiros
et almogauares muitos,
peões et baesteiros

Asimismo en 374 ep. y 2c. La forma *almoграue* aparece dos veces en un pasaje, esto es, en 277 ep. y 1c. Cito el último.

Et d'est' un mui gran miragre
demostrou Santa Maria
en dezeseis almoграues
que foron en azaria

ALMOXERIFE s. m. **المُخْرِف** *al-muṣrif* «bajulus» Vocabulista 265; «contador que cuenta» ALCALÁ 154₁₄; «dans un sens plus restreint, receveur des droits d'entrée et de sortie des marchandises, inspecteur de la douane» DOZY I 750; DOZY-ENGELMANN 179, EGUÍLAZ 235.

En Portugal *almoxarife* era antiguamente «thesoureiro da Casa Real; cobrador de impostos de portagem» según FIGUEIREDO, correspondiendo así muy estrechamente a la definición de *al-muṣrif* árabe que nos da DOZY. El único pasaje de las Cantigas en el cual se encuentra, sólo da afirmación de que era un oficial real. El pasaje de que se trata es 224,e :

Ond' auêo póis assy
que en Beia, ú moraua,
un ome casado ben
con sa mollet que amaua,
almoxerife del Rey
era él...

El nombre de *almoxarife* aparece en numerosos documentos medievales de Portugal. He aquí algunos pasajes a título de muestra: año 1211: *seu Thesoureiro, Almuxarife, ou Recebedor* ⁽⁷⁰⁾; año 1282: *almoxarife* ⁽⁷¹⁾; año 1306: *almuxarife* ⁽⁷²⁾.

Para la historia de este oficial, véase por ej. MAYER II 288. La denominación de *almoxerife* es muy común también en los textos de Castilla ⁽⁷³⁾. La primera acreditación catalana es del siglo XIII en la crónica de Jaime I, p. 483 ⁽⁷⁴⁾.

ALUARAZ s. m. البرص *al-baras* «lepra»; DOZY-ENGELMANN 65; EGUÍLAZ 102.

Aparece en 105₁₄f. El pasaje resulta poco significativo, pero no tenemos motivos de dudar de que no se trata de la enfermedad conocida. He aquí el pasaje:

et disse-ll': Eu trago as meezinnas
con que são de fog' e d'aluaraz

Fuera de las Cantigas encontramos ejemplos antiguos del uso de *aluaraz* en el tratado de albeitaría de Mestre Giraldo ⁽⁷⁵⁾ y en los cancioneros CV 1151₁₂ y CB 338_{3, 10}. Este arabismo se usa también en el español del siglo XIII en varias obras ⁽⁷⁶⁾.

ALUARDÁN, ALUARDÃO s. m. البردان *al-bardūn* «loco» según DOZY-ENGELMANN 66, EGUÍLAZ 103.

Significa «loco» en 401₇n y en las Cantigas no incluídas en los códices escurialenses 1₁₀d. A continuación citaré los dos pasajes. He aquí el primero:

Outrossí que me guardes
d'ome torp' aluardán
et d'ome que assaca,
que é peor que can

⁽⁷⁰⁾ PMH Leges 176.

⁽⁷¹⁾ Revista Lusitana 1921 XXI 248.

⁽⁷²⁾ Documentos brigantinos 162.

⁽⁷³⁾ NEUVONEN 157-158.

⁽⁷⁴⁾ Según ALCOVER Y MOLL s. v.

⁽⁷⁵⁾ MICHAELIS DE VASCONCELLOS, Mestre Giraldo 99.

⁽⁷⁶⁾ NEUVONEN 180-181.

Y el segundo:

Ben uennas, Mayo, con bôo uerão;
et nós roguemos á Uirgen de chão
que nos defenda d'ome mui uilão
et d'atreuud' e de torp' aluardão

En castellano significa «bufón, loco», véase MENÉNDEZ PIDAL, *Poesía juglaresca* 33 ⁽⁷⁷⁾.

Que yo sepa, los pasajes arriba citados de las Cantigas ofrecen las únicas acreditaciones de este vocablo en gallego-portugués. Por lo tanto, no me parece demasiado atrevido creer que se trata de un hispanismo. Aboga por esta opinión también el adjetivo *torpe* que el autor añade en los dos casos a *aluardan* para fijar su sentido.

ALUAYALDE s. m. *البياض al-bayād* «albayaide, carbonato de plomo»; DOZY-ENGELMANN 70; EGUÍLAZ 108.

Es «albayaide, carbonato de plomo», substancia de color blanco que se emplea como colorante. Se halla en un pasaje que nos permite concluir que esta substancia venenosa era conocida también como cosmético (75_{ing}):

E pois entrou, uiú a destro
estar hūas seys donzelas
uestidas de pannos brancos,
muit' apostas, e máis belas
que son lílios nen rosas;
mas pero non de conçelas,
outrosí nen d'aluayalde
que faz a cara enrugada

A mi entender tenemos aquí la primera atestiguación literaria de este vocablo en gallego-portugués. Hay ejemplos más tardíos; uno bajo la forma *alvaade* en el «Livro das enfermidades das aves caçadores» de Mestre Giraldo ⁽⁷⁸⁾, del siglo XIV, y otro en el Livro de citraria del siglo XV 736: *o unto da garça e o alvaiade*. La primera acreditación española hallamos en los Proverbios de Sabio

(77) Edición de Madrid 1924.

(78) Gabriel PEREIRA, *Mestre Giraldo: Tratado das Enfermidades das Aves de Caça*. Lisboa 1909. p. 26.

Salomón 123: *E ellas con garreduras miranse al espejo / Ponense blanquete e alvayalde de lo bermejo* ⁽⁷⁰⁾).

En el Occidente de la Península el sonido árabe *-d-* parece haber sido interpretado en este arabismo con *-d-*, en el Centro con *-ld-*. Por este tratamiento me atrevo a considerar *aluayalde* de las Cantigas como un hispanismo.

ALUOROÇARSE v. r. derivado del vocablo *aluroço* y este de البروز *al-burūz* inf. de بروز *baraz* «presentarse a la vista, salir al encuentro»; DOZY I 69; «sortir en grande pompe à la rencontre».

Este verbo significa en las Cantigas «excitarse, afligirse». Lo encontramos en la cantiga 65₃,b (p. 101):

Respos' a Uírgen cun paráuos dozes:

— Uay ora mui quedo et non t'aluoroçes

No conozco ninguna atestiguación antigua de este verbo en galaicoportugués fuera de las Cantigas. Es de uso frecuente en el español del siglo XIII en el que he registrado para él los sentidos 1) «hacer levantamiento, sublevarse», 2) «hacer esfuerzos para lograr algo». En el Libro de Buen amor 1098d significa «inquietarse»: *por ende / e alboroçaron de Roydo que oyeron*. La escasez de este vocablo en galaicoportugués y su frecuencia en el español del siglo XIII me hacen creer que se trata en las Cantigas de un préstamo a este último.

El vocablo *alboroço* de que se sacó *alboroçarse*, tampoco menudea en los dialectos del Este. Sólo conozco dos acreditaciones: CV 922, y Dom Rodrigo 141.

ATA, ATÉ prep. حتى *hattà* «hasta»; MENÉNDEZ PIDAL Mío Cid 682-683; STEIGER 258 nota 1; NEUVONEN 57-58.

Es frecuente en las Cantigas; cuento 46 pasajes en que aparece. Se acentúa en la última sílaba a fiarnos en la consonancia de 203,:

⁽⁷⁰⁾ Publicado por C. E. KANY en el Homenaje a Menéndez Pidal I 269 ss.

A filla enton lle disse :
 — Con mia mão uarri iá
 a arca. — Et diss' a madre :
 — Ar yde pero alá. —
 Et foi et achou-a chëa
 de farynna ben atá
 na cima, et deu-lles d'ela
 quanto lles ouue mester

Indica el término con relación al espacio y al tiempo.

La forma *ata* es frecuente: 131_c: *ben ata un ano*; 169_h: *ata Seulla*; 203_f (citado arriba); 217_h, 218_g, 273_f, 329_f, 333_h: *ata Setembro*; 386_h: *ata Ocanna*.

Asociada a *que* forma una conjunción que limita la duración del verbo: 61_g: *ata que Santa Maria lle disse*; 64_d, 65_b, 95 ep., 115_e, 124 ep., 144_b, 175_g, 176_f, 242_g, 302_a, 307_c, 324_e, 325_g, 326_c, 365_f, 369_f, 141. Una vez aparece la forma abreviada *ta que* (55_b). En 309_e lo encontramos asociada a *quando*: *ata quando de Deus tal sinal ouuessen*.

A menudo se asocia a la preposición *en* para formar una preposición compuesta cuya significación me parece idéntica a la de *ata*: 122_d: *ben ata en Raz*; 227_h: *ata en o vargallon*; 271_h; 355_g: *ata en Vila-Sirga*; 386_e.

Alguna vez la *a* acentuada se hace *e*: 33_g: *até nos fundamentos*. La explicación pudiera buscarse en la *'imāla*, cerramiento de las vocales en presencia de ciertas consonantes⁽⁸⁰⁾.

En este caso habría que aceptar la existencia de dos préstamos independientes, uno subiendo a una forma sin *'imāla* y otro a otra con ella. La preposición *hattā* era (y es — para comprobarlo basta echar una ojeada a los textos marroquíes publicados por ej. por COLIN⁽⁸¹⁾) frecuentísima en el habla árabe, y se pudiera bien pensar en un traslado doble, doble en relación al tiempo o al lugar. Por otra parte, se pudiera imaginar que el paso *a* > *e* se produjo en el romance. Haciendo observar que este cambio resulta frecuente delante de *en* (véase arriba), me pregunto si no era exactamente éste que provocó la inflexión. He aquí ejemplos de *até en*: 115_b: *até en a mannāa*;

(80) b, m, f, w, t, d, s, z, t, d, n, l, s, g, y, k.

(81) Georges S. COLIN, *Chrestomathie marocaine*, Paris 1939. Véase por ej. el cuento LVII que tomo al azar; en él se repite *hattā* once veces. El cuento abarca dos páginas.

129₂c: *até en o toutiço*; 157₄e: *ben até en as cachas*; Fiestas de Nuestro Señor Jesucristo 2₃f: *até en a terra dos iudeus*. La estrechez de esta unión comprueba la forma *atén* en la que a *até* + *en* se suma otra vez *en* (211₄b). Resulta curioso el que *até* nunca se asocie a *que*, pero *até en* que sí: 98 ep.: *non pude abrir as portas atêen que sse maenfestou*; 369₁₀j; 11i: *atén en que a valía/da sortella lle dobrasse*. A *até en* que se intercala algunas veces es (que no me explico): 52₆a: *Atêes que un crerizon sandeu / furtou un cabrit' én et o comeu*; 59₇c: *atêes que*; Fiestas de Santa María 9₄h: *atén es que finou*.

Curioso es *fasta* (322₄e) que sin duda debemos considerar como un desliz de pluma del copista.

En mis lecturas prevalece la forma *atá*; cito algunos pasajes: año 1190 (Sancta Marinha): *una vice in anno ata colimbria* ⁽⁸²⁾; año 1190 (Almada): *atá dia da natal* ⁽⁸³⁾; año 1228: *ataa, atá* ⁽⁸⁴⁾; año 1258: *ata em o carvalio* ⁽⁸⁵⁾; año 1261: *ata* ⁽⁸⁶⁾. De *até* sólo dispongo de algunos ejemplos aislados: Libro de citraria 229; Santo Antonio 220: *atee* (por lo general *ataa* en esta obra); NUNES, Crestomatia 109 (siglo XIV): *até que* (mismo texto en general *atá*). Nótese que la Crónica Troyana ofrece *ata*, a veces *fasta*.

ATAÛDE s. m. *التابوت at-tābūt* «arca, ataúd»; DOZY-ENGELMANN 214; EGUÍLAZ 299.

«Caja para enterrar los muertos». Siete veces en las Cantigas: 43₉c, 13₃f, 14e, 184₆h (en consonancia con *ameude* — *recude* — *aiude* — *scude* — *engrude* — *stude*), 223₄d, 347₁₀f, 100a.

Cito para el sentido un pasaje que saco de la cantiga 184:

Maís quisu Santa María
á que o encomendara
sa madre, que non morresse
nen foss' él en ataudé

Y para confirmar el género, el último:

E o ataud' abríron

⁽⁸²⁾ PMH Leges 474.

⁽⁸³⁾ PMH Leges 475.

⁽⁸⁴⁾ SALAZAR 16.

⁽⁸⁵⁾ PMH Inquisitiones 343b.

⁽⁸⁶⁾ Revista lusitana 1910 XIII 10.

Los documentos que he leído revelan pocos casos de *ataúde* y todos bastante tardíos. Proviene algunos de PMH Scriptores de documentos que el editor califica de «anteriores al año 1325: p. 263: *dom Joham Affonso d'Aboquerque, o que trouuerom no ataúde muito homrrado*; p. 279, 285, 293, 362. RÜBECAMP p. 310 cita un ejemplo del año 1257 y p. 311 otro del año 1337; SALAZAR doc. 9 (p. 26₂) año 1257: *en ataude cum cubertura de III uaras destanforth uermello* ⁽⁸⁷⁾.

AZARÍA s. f. *السرية* *as-sariyya* «détachement de cavalerie (depuis cinq jusqu'à trois cents et cinq cents)» BIBERSTEIN KAZIMIRSKI s. v.; Vocabulista 532 «preda»; DOZY-ENGELMANN 226; EGUÍLAZ 320.

«Entrada en la tierra enemiga». En las Cantigas sólo se encuentra en dos pasajes, esto es, en 205₃d:

Na fronteira un castelo
de mouros mui fort' auia
que combateron crischãos
que sayan d' açaría
d' Ucrés et de Calatraua
con muita caualaria

y en 277₃d:

E d'est' un mui gran miragre
demostrou Santa María
en dezeseis almograues
que foron en azaría

Se puede concluir que variaba mucho la *azaría* en cuanto al número de los participantes; en una se trata de «muchacaballería» y en otra sólo de dieciseis almogávares.

Es bastante frecuente en los antiguos documentos gallego-portugueses. Aquí van algunos ejemplos de su uso: año 1111 (Soure, Coimbra): *Et de azaria nobis quintam partem uobis quatuor sine*

(87) No he tenido ocasión de verificar si los ejemplos de RÜBECAMP y SALAZAR del año 1257 son los mismos.

ulla alcaldaria ⁽⁸⁸⁾; año 1162 (Thomar) ⁽⁸⁹⁾; año 1178 (Pombal) ⁽⁹⁰⁾; año 1188-1230 (Castello-Bom): *Qui adduxerit maurum uel mauram de fonsado aut de azaria* ⁽⁹¹⁾; año 1209 (Castel-Rodrigo) ⁽⁹²⁾.

No he tropezado con este vocablo en mis lecturas españolas; los únicos ejemplos que me son conocidos del territorio español me ofrece EGUÍLAZ s. v. tomándolos, por su parte, de la colección de MUÑOZ; son de los fueros de Cáseda (*azaria*) y Daroca (*azaguaría*). Lamento de no tener a mano la obra de MUÑOZ para documentación ulterior. Significativo resulta el silencio de los antiguos diccionarios españoles ante este vocablo ⁽⁹³⁾.

AZEYTE s. m.؟ الزيت *az-zayt* «aceite»; DOZY-ENGELMANN 32, EGUÍLAZ 20; STEIGER 369; NEUVONEN 197.

«Aceite» en 385,f, único pasaje en que encuentro este vocablo en las Cantigas:

et leuou y sas candeas
de çera, ca non de seuo
nen d'azeyte nen de teas
nen como d'outras que arden
en algũa pobr' ermida

En mi obra «Los arabismos del español en el siglo XIII» he comprobado que *azeyte* hace su aparición en los documentos españoles desde mediados del siglo XIII. He añadido que el port. *azeite* pudiera ser un castellanismo, problema que he dejado por responder no conociendo la cronología del vocablo en el portugués. Ahora lecturas ulteriores de textos portugueses me han revelado que *azeite* menudea ya en documentos anteriores al año 1250. He aquí algunos ejemplos: año 1166 (Evora): *De carrega de azeite V solidos* ⁽⁹⁴⁾; año 1179 (Santarem): *azeite* ⁽⁹⁵⁾; año 1209 (Castello-Melhor) ⁽⁹⁶⁾; año 1212

⁽⁸⁸⁾ PMH Leges 357.

⁽⁸⁹⁾ PMH Leges 388.

⁽⁹⁰⁾ PMH Leges 398.

⁽⁹¹⁾ PMH Leges 759.

⁽⁹²⁾ PMH Leges 915.

⁽⁹³⁾ Según GILI GAYA.

⁽⁹⁴⁾ PMH Leges 393.

⁽⁹⁵⁾ PMH 407.

⁽⁹⁶⁾ PMH Leges 935.

(Vila-Franca de Xira)⁽⁹⁷⁾; año 1244 (Proença a Nova)⁽⁹⁸⁾.

Nótese que en portugués el vocablo *oleo*, correspondiente romance de *azeite*, abunda en los documentos de la época. Así leemos en uno del año 1209 (Penamacor) *oleo* dos veces⁽⁹⁹⁾. Podemos encontrarlo también en las Cantigas, por ej. en el epígrafe de la cantiga 304: *non quer que arça outr' oyo ant' o seu altar senon d'oliuas*.

G. SACHS ha supuesto que *oleo* español debiera su desaparición del habla de todos los días a su uso en el idioma litúrgico⁽¹⁰⁰⁾.

BALDÓN s. m. derivado de *balde* «por nada» que no se encuentra en las Cantigas, pero que hallamos por ej. en la Crónica Troyana II 79: *et nunca me sirven enbalde*. El vocablo *balde* se deriva de *باطل* *bātul* «por nada, por poco precio»; DOZY-ENGELMANN 234; EGUÍLAZ 335.

En las Cantigas sólo aparece en la locución adverbial *a baldón* «con libertad». El único pasaje que lo ofrece es 265:d:

E a Santa María, que ajudar
o quisess' e d'aquela coita tirar;
et ela o fez a seu sennor amar,
assí que o leixou entrar a baldón

— — —
En ssa casa et amostrar a leer
a seu fill' e outrossi a escreuer

La misma expresión se encuentra también en CV 575₁₇: *E oy-mays ¿que'no manterrà / por dar i tanto rico don / cava!' e armas a baldon*⁽¹⁰¹⁾. Significando «cuita, pena, desgracia» *baldon* se halla en la Crónica Troyana I 335: *sofreu por ela depòys moyto afant et baldon*. Ofrece el sentido de «injuria» en CV 909₁: *Un caualeiro me di' eu baldon / que me queria poner enteigom*.

(97) PMH Leges 563.

(98) PMH Leges 631.

(99) PMH Leges 540.

(100) En la Revista de filología española 1934 XXI 401-402. Es una crítica de la obra: Hans RHEINFELDER, *Kultsprache und Profansprache in den romanischen Ländern*. Genève 1933. (Biblioteca dell' «Archivum romanicum». Ser. II, vol. 18).

(101) Es una canción de Pero da Ponte. Cito según CAjuda p. 900.

En las Cantigas encontramos también el derivado *abaldonar* «despreciar» que tal vez haya sufrido la influencia de *baldon*. Aparece en 237_{3g}:

As cinque festas da Sennor
Rēynna corôada
jaiûaua esta moller
et non comia nada
senon pan et agua, pero
seendo denodada
muit' en su corp' abaldonar ;
est' era connoçudo

Parece significar «abandonar» en 55_{13h}:

que aos que ela ama
por II' errar non abaldôa

El mismo verbo aparece en la Crónica Troyana I 220: *abaldoarõno*.

A esta relativa parquedad de la familia *balde*—*baldon* (a los vocablos arriba mencionados sólo puedo añadir *en balde* en NUNES, Crestomatia 132 (siglo XIV), *baldosamente* en NUNES, Crestomatia 107 (siglo XIV) y *baldir* en CV 1157₂₃) en los documentos galaicoportugueses se opone la riqueza de *balde* y de sus derivados en los textos españoles. Hay que tomar en cuenta, además, que algunos textos galaicoportugueses con su atmósfera de melancolía y de *saudade* parecen muy propicios al uso de vocablos de esta índole.

¿Cómo interpretar entonces aquel silencio? Sin poder negar a *balde* y a su familia cierto valor poético cuya ausencia lo rechazaría de los textos literarios, y sin querer declararlo por castellanismo sin pruebas más evidentes, me contento con comprobar que en el galai-coportugués del siglo XIII *balde* — *baldon* era todavía algo extraño al habla común.

BELMEZ s. m. ⁽¹⁰²⁾ ملبس *malbas* «vestido, traje»; Voc. 625 «vestmentum»; MENÉNDEZ PIDAL, Mío Cid 502-503.

(102) Masculino por lo menos en el Cantar de Mío Cid 3073.

«Amparo, protección» en la cantiga 147,^h que cuenta como una mujer pobre dió su oveja a guardar a un ovejero que intentaba robársela, pero fracasó en su tentativa por la intervención de Santa María de Rocamador. La vieja dice alabando a la Virgen:

... Esto fez a Uirgen
que sempre teue Belmez

La acentuación aguda se comprueba por la consonancia con *ra-
fez — prez — pez — desfez*. Que yo sepa, es ésta la única acreditación de *belmez* fuera del español. Conforme con el uso en el español de entonces, el autor de las Cantigas emplea con el verbo *tener* y en el sentido metafórico este vocablo que originariamente indicaba una prenda de vestir, esto es «vestidura que se ponía sobre la camisa para evitar que la loriga y demás guarniciones molestasen el cuerpo» (103).

En la Crónica Troyana 203 leemos el pasaje siguiente (se habla de un carro): *Et por seer mays preçado auja as rrodas todas preçadas enderredor de belmazes con chapas douro ben feytas et ben obradas et auja oeixo et opontil et todo oal de marfil*. ¿Qué es *belmaz*? ¿Tiene algo que hacer con nuestro *belmez*? La forma fonética no conviene muy bien, pero tratándose de un vocablo algo raro, pudiera pensarse en una interpretación falsa. ¿Y qué significaría? A decidir del texto que acabo de citar, pudieran *belmazes* servir de «aleros» que *protegían* las ruedas. ¿Tenemos que ver en la denominación de esos aleros protectores una acepción concreta de *belmez* «amparo, protección»?

COTEIF, CUTEIF s. m. حطاف *huttayf*, diminutivo de حطاف *huttāf* «ravisser» BIBERSTEIN KAZIMIRSKI; éste es nombre agente del verbo *ha!af* «enlever, emporter, ravir, soustraire par ruse et à l'improviste» BIBERSTEIN KAZIMIRSKI; STEIGER 228-229, MENÉNDEZ PIDAL Revista de filología española 1914 I 86, y sobre todo MICHAËLIS DE VASCONCELLOS en Zeitschrift für romanische Philologie 1896 XX 216-217, 1901 XXV 171.

MENÉNDEZ PIDAL lo interpreta con «soldado de baja clase», y algo así debe entenderse también en las Cantigas 22,^c:

(103) MENÉNDEZ PIDAL, Mío Cid 502.

En Armenteira foi un laurador
 que un caualeiro, por desamor
 mui grande que auí'a seu sennor,
 foi polo matar, per nome Mateus

— — —
 Duas lançadas lle deu un peon,
 mas non l'entraron, et escantaçón
 cuidou que era o cuteif...

Como se ve, equivale aquí a *peon*. Sin duda eran los *coteifes* conocidos por su codicia porque un *caualeiro* avaricioso podía ser calificado de *coteif* en 194_{2e}:

D'est' auëo un miragre
 en terra de Catalonna
 d'un iograr que ben cantaua

— — —
 a casa d' un caualeiro
 foi pousar, cobijçoso

— — —
 aquel cuteif auarento
 tal cobijça ll' én crecia,
 que mandou a un seu ome

— — —
 Que lle teuess' a carreira

Aparece varias veces en mis lecturas, esto es, en CV (14₂₄, 62₁, 63, 104, (101) 74₁; *coteyses*, 53, 96, 14; 1024₁₃₆, 20) y en CB (356₆, 357₂₈). Me abstengo de citarles, porque ya van publicados en los estudios arriba citados y bien conocidos de MICHAELIS DE VASCONCELLOS y de MENÉNDEZ PIDAL.

No conozco este vocablo en las demás hablas de la Península; merece citarse, sin embargo, que en el poema de *Elena y María* (105), verso 278, se encuentra el adjetivo *cotayfeso*, derivado de *coteyfe*, a mi entender un leonesismo en este poema de marcado carácter leonés.

ÇURAME s. m.  *sulhām* «manteau à capuchon» DOZY
 I 679; DOZY-ENGELMANN 368-369, EGUÍLAZ 370.

(104) Nótese que el autor de esta canción es Alfonso el Sabio.

(105) Publicólo MENÉNDEZ PIDAL en Revista de filología española 1914 I 52-96.

Significa «capa que cubría los demás vestidos» en 57_{ah}:

hũa perna na mão
de gallina freame
que sacára con fame
enton d'un enpanada
que su un seu çurame
comer quisera

No escasea en los documentos que he leído: año 1251 (Cortes de Guimarães?): *Quicumque acceperit alicui capam zurame pellem aut aliam uestem* ⁽¹⁰⁶⁾; año 1253 (Lisboa?): *zorame* ⁽¹⁰⁷⁾; año 1291: *Et mando a maria ramallosa II. moyos de pan ao nouo et o meu curame que traço... mando ledar a esta dona aldora vna saya et hun çurame de vna uallancina* ⁽¹⁰⁸⁾; Cancionero de Baena 474: *çurame* ⁽¹⁰⁹⁾. Al lado de *çurame* existía también la forma *cerame* cuyo punto de arranque debe de ser *silhām*: SALAZAR hacia 1250 doc. 5 (p. 11₂₄): *cerame do Ioan Sobrino*; CV 1080₃₁: *çerame*; 1132₂: *cerome*; 8: *uijndem seu çeramen pardo*; año 1251 (versión romance del documento arriba citado): *capa ou çerame cu pele* ⁽¹¹⁰⁾; año 1348: *os panos que trouxer de cotio cerame et pellote et saya* ⁽¹¹¹⁾; año 1375: *senllos pelotes et cerames de uiado... cerame* ⁽¹¹²⁾. Además, SANTA ROSA cita en su Elucidario dos ejemplos de los años 1303 y 1307.

En frente de esta abundancia llama la atención la escasez o más bien la falta de este vocablo en los textos españoles. No lo he encontrado en mis lecturas de la literatura del siglo XIII. Tampoco lo menciona el *Tentative dictionary*. El glosario de las Cantigas hace observar, es verdad, que se halla en las *Cortes de León y de Castilla* (¿de qué año?), pero esto sería la única acreditación que ha llegado a mi conocimiento. Eso me hace creer que se trata de un vocablo propio a las hablas del Oeste. Su existencia en un documento del Centro sería, pues, una casualidad. Que yo sepa, tampoco lo conoce el catalán.

⁽¹⁰⁶⁾ PMH Leges 190.

⁽¹⁰⁷⁾ PMH Leges 195.

⁽¹⁰⁸⁾ CDGH 275.

⁽¹⁰⁹⁾ Autor de esta canción es Don Affonso Lopez de Bayam. Cito según el glosario de las Cantigas.

⁽¹¹⁰⁾ PMH Leges 191.

⁽¹¹¹⁾ CDGH 308.

⁽¹¹²⁾ CDGH 380.

ENXECO s. m. الشَّقْ *aš-šiqq* «pena, fatiga»; **DOZY-ENGEL-MANN** 261; **EGUÍLAZ** propone la etimología الشَكْ *aš-šakk* «duda».

«Pena, cuita», en 356_g:

Mais esta santa moller
os tirou d'aquel enxeco;
ca de tod' é sabedor

Bastante bien documentado en mis lecturas: hacia 1250 (reinado de Alfonso III): *o mal e o eyxeco* ⁽¹¹³⁾; Crónica Troyana I 112, 118; II 22: *uos ficaredes en paz et nō aueredes enxeco*; 52: *enxecos*; 161; CV 503: *de f' te execo em que anda* ⁽¹¹⁴⁾; **NUNES**, Contribuição: 46: *non quer paz mais eixeco*.

El tratamiento fonético *ašš* - > *epšš* - > *enšš* - indica claramente que *enxeco* es arabismo occidental. Más bien raro en el español del siglo XIII ⁽¹¹⁵⁾.

EXARAFE s. m. الشَرَف *aš-šaraf* «elevación, grandeza», también inf. del verbo *šaraf* «estar elevado encima de; dominar (un lugar)»; **EGUÍLAZ** 73, **NEUVONEN** 231.

Aparece en la cantiga 366_f:

E foi con eles a caça
ão chão de Tablada
en dereyto da aldea
que Coyra este chamada;
e víron da outra parte,
no exarafe, coitada
hũa aue que tragia
un falcon dos montadores

«Terreno elevado». Aplícase a la región conocida en las cercanías de Sevilla. No conozco otras acreditaciones de este vocablo en el galaicoportugués de la época ⁽¹¹⁶⁾, de modo que debe explicarse como perteneciente a la leyenda que ha servido de fuente al autor de las Cantigas.

⁽¹¹³⁾ PMH Leges 310.

⁽¹¹⁴⁾ Autor es Martin Moxa.

⁽¹¹⁵⁾ **NEUVONEN** 204.

⁽¹¹⁶⁾ Si no lo es *eixaraftis* en PMH Leges 195 que no entiendo.

FAAGAR v. tr. *حلق* *halaq* y *hālaq*; SPITZER Lexikalisches aus dem Katalanischen 6 y ss; NEUVONEN 183-186.

Hallamos el verbo *faagar* tres veces en las Cantigas. En el primer pasaje parece significar «lisonjear, adular con palabras»; es 178_{2e}:

Ao laurador nacera
muleta, com' aprix' eu,
en ssa casa, fremosynna,
que log' a seu fillo deu
et faagándo-o muito,
dizendo...

En los demás tiene la significación concreta de «acariciar». Estos pasajes son 251_g:

Quando chegou seu tempo
que en religión
meteron a mjnyna,
vêo-ll' a coração
de pedir o seu Fillo
da omágen enton
que faagar podesse
et en braços coller

y Fiestas de Santa María 10_{3i}:

Bêeytas las tas mãos con que foi faagada
a ssa pesõa santa e benauenturada

En las Cantigas aparece también el vocablo *faagu* en 132_{7b}:

Pero tanto o trouxeron
per faagu' e per engano,
que outorgar lla fezeron
que casass' en aquel ano

Significa «adulación, lisonjear». Para la correspondencia de este substantivo (¿postverbal?) con el origen árabe y con la forma verbal, véase NEUVONEN 185. Nótese que este arabismo ofrece en español los mismos sentidos que en el gallego de las Cantigas (y otros más).

Afaagar aparece en algunos textos galaicoportugueses de la época: CV 1065₁₁: *afagar*; Crónica Troyana I 253; II 212: *Et huus*

afaagaua por parauoa; 281b; Siete Partidas 4:27:3: *afalagan* (texto paralelo en castellano: *falaguen*); Livro de citraria 182: *afagandoo*; 192. NUNES, Contribuição 100: *começou d'afaagar*; *leixou sse afaagar*.

Encontramos el derivado *falagueyros* en las Siete Partidas 4:27:3 (texto paralelo en castellano: *falagueros*) y Vidas dos Santos Padres: *lôa p'alavra e faagueira*.

La ausencia de la -l- indica que el vocablo estaba bien arraigado en el gallego-portugués de la época de que se trata. Este arabismo es común a toda la Península. Como queda dicho en mi obra arriba citada, la etimología algo complicada y la conformidad de las acepciones en diferentes hablas peninsulares postulan un común punto de arranque para todos.

MESQUINNO, NNA adj. مسكين *miskîn* «pobre, miserable»; DOZY-ENGELMANN 314, EGUÍLAZ 451.

En las Cantigas tiene dos significaciones: 1) «pobre», opuesto a «rico»; 2) «miserable, desdichado». La primera de éstas deja comprobarse en un solo pasaje, esto es, en 195₃f:

A seu padr' agynna
mandou da menynna,
d'essa fremosynna,
que él lle daría
per que menguadosa
nunca fosse nen mesqynna,
mais sempr' auondosa

En el resto de los pasajes (cuento 52 casos) parece significar «miserable, desdichoso». Sólo citaré un ejemplo (6₉f):

mas deu mui máa noite
a sa madre a mesqynna,
que o andaua buscando

He aquí los demás pasajes: 9₃b, 21₂b, 23₆d, 26₄b, 43₁₂a, 45₃b, 54₁₁d, 57₄f, 59₁₀a, 64₁₅a, 71₇d, 75₃d, 85₃b, 86₇c, 89₄e, 114₄a, 119₃c, 127₂a, 145₃a, 147₂a, 149₁₁d, 167₆b, 174₆a, 182₃c, 205₈b, 218₉b, 236₁c, 237₁₉d, 255₁₀g, 268₈f, 269₂f, 281₃c, 305₂a, 310₈d, 315₂c, ₃c, 321₃h, 325₁₅b, 333₂e, ₁₁e, 336₃g, 340₄a, 350₃e, 369₆g, ₁₄f, ₂₁g, 381₁g, 389₄h, 392₄b, ₅c, 399₁₀d; Fiestas de Santa María 2₄a.

En mis lecturas la más antigua de las documentaciones es una en un documento del año 1175 (Arganil): *Mulier qui fuerit mechquina et habuerit casa* ⁽¹¹⁷⁾; si no me equivoco, significa aquí «pobre, que vive en escasez». Tiene el mismo sentido en un documento del año 1211: *Et esto he gram dano e perjuizo dos mezquinos* ⁽¹¹⁸⁾; asimismo en otro documento del mismo año ⁽¹¹⁹⁾.

Frecuente en la literatura de la época: CV 12₃, 74₁₈, 1030₃, 1194₁₇; CB 433₁₀; Crónica Troyana I 19: *Mizquino* (2 veces); 106: *ja mentre eu seia uiuo serej mesquino et auerej ondeme doer*; 119, 249, 251 (2 veces); II 61, 97: *mezquina* y *mizquina*; 120, 121. La misma frecuencia continúa en los textos algo posteriores: Santa María Egiciaca 194: *mesquinha*; 195; Duque Antioco 73: *cousas misquinhas*; Vidas dos Padres 245: *morto he aquel mesquinho*; Santo Antonio 193: *misquinha*; 209, 214, etc.; Dom Rodrigo 167: *mizquinho*; Sam Jeronimo 216, 220; CGC 1533, 2078.

Fuera de las Cantigas encontramos también dos derivados de *mesquinno*, el adverbio *mesquinamente* en Santo Antonio 199, y el sustantivo *mezquindade* en la Crónica Troyana II 164; Santa María Egiciaca 195 y NUNES, Contribuição 109, 315, 85: *mesquindade*.

Un derivado del *meskīn* se halla también en catalán bajo la forma *mesquí*. Ignoro la fecha de las primeras atestiguaciones.

MORAUIDÍ, MARAUIDÍ s. m. عرابي *murābiṭiyy* adj.
«relativo a los almorávides».

Significa «maravedí, moneda». Todos los pasajes en que aparece este arabismo en las Cantigas, resultan demasiado imprecisos para que se pueda concluir si se trata de la moneda árabe o de la cristiana. Curiosísimo es un pasaje de las Fiestas de Nuestro Señor Jesucristo (2;a) en el cual tiene casi el significado genérico de «moneda». Hablando de los Reyes Magos dice el poeta:

Esto, ca non marauidís,
ofereron a Daus los Reys

⁽¹¹⁷⁾ PMH Leges 403.

⁽¹¹⁸⁾ PMH Leges 164.

⁽¹¹⁹⁾ PMH Leges 177.

No es frecuente en las Cantigas; además del pasaje que cito arriba, lo hallo en cinco pasajes, son 63_{18c}, 146_{9e}, 321_{3g}, 377_{8g}. Ofrecen las formas citadas en la rúbrica, aquélla más fiel a su origen en cuanto a la fonética, y ésta con vocal de la primera sílaba asimilada a la de la siguiente.

Frecuentísimo en los documentos de la época, la mayoría de las veces abreviado en *m*., *mr*, o *mrs* que nada permiten decir del vocalismo. Se usan indistintamente de la moneda árabe y de la cristiana. Tan floja resulta su significación que hasta podía emplearse en un texto de argumento tan lejano como el de la Crónica Troyana.

En las Costumbres y fueros de Castello-Melhor del año 1209 vemos el derivado *marauidada* ⁽¹²⁰⁾.

Común a toda la Península.

RAFECE, RAFEZ adj. رخيص *rahīš* «barato», DOZY-ENGELMANN 329, EGUÍLAZ 478, STEIGER 169.

1. «barato, de poco valor»; 2) «vil, bajo»; 3) «fácil».

Significa «barato, de poco precio» en 187_{8c} (y en la repetición de esta cantiga, 394_{8c}):

do trijgo que sabedes que tornou tan rafez,
que toda a gente do que nos deu guarecía

Hallamos la segunda acepción en varios pasajes: 5_{18a}, 16_{15b}, 59_{3d}, 127_{1f}, 147_{1h}, 265_{3a}. Cito el último de estos pasajes:

Est' ome de linnage foi non rafez

La cantiga 20_{3g} ofrece un pasaje en el que, a mi entender, nuestro vocablo pudiera interpretarse «barato» o «vil»:

nos vai tentando [o demou]
con sabores rafece

Si no me equivoco, tiene el sentido de «fácil» en 177_{1f}:

porén dar lum' ao cego
rafece ll' é, a la fe

⁽¹²⁰⁾ PMH Leges 919.

Resulta bien documentado en mis lecturas: Crónica Troyana II 56, 76: *rrafez cousa de fazer*; CV 826₃, 6: *muy rafeçe molher*; 17, 20, 24, 34, 38; 1125₂₂; 1169₄, 7, 17; 1187₁₉. Un texto anterior al año 1325 dice: *Et meteo todo esto auer que assy amdou apanhamdo em milho, porque emtom era refeçe, e poseo em guarda* ⁽¹²¹⁾; otro texto, igualmente anterior al año 1325: *que emtom seriam mais poucos e cansados, e achariam a lide mais refeçe* ⁽¹²²⁾; Duque Antioco 66: *rrefeçe* «modesto»; Vidas dos Padres 238: *e uiuendo hi en hũa cela muy pequena e muy rafeçe*; 250: *rrefeces, refeces*; Dom Rodrigo 168: *rafeçe*; NUNES, Contribuição 59: *rrefeçe cousa* «barata cosa»; 128, 239, 17, 102: *rrefeçe*. En este último texto aparece también el derivado *rafecemente*, 47; algo más tarde se escribe *rrefecemente*, 118.

Antes tenía la opinión de que fuese *rafeçe* hispanismo en gallego-portugués ⁽¹²³⁾, pero delante de esta documentación abundante quedo vacilante. En espera de documentación ulterior me veo obligado a clasificarlo entre arabismos que pertenecen al portugués y al español sin poder señalar la cual de estas lenguas prevaleciese como punto de partida. Nótese que es frecuente en el español del siglo XIII ofreciendo algunos derivados. No lo conozco en el catalán antiguo.

RAUATA s. f. *ribā'* «ataque repentino» OLIVER ASÍN 79; NEUVONEN 121-125.

Empléase en la expresión *de rauata* que corresponde a la expresión *de rebate*, frecuente en el castellano del siglo XIII. Esta expresión significa «de repente». Se encuentra en 95_{9c}:

Et mandó-o tirar fóra et pos-ll' our' e prata
d'ant' e panos de seda, outros d'escarlata,
et mandou que os fillasse come de rauata

Hállase en otra locución más, esto es, en *sen rauata* «sin prisa, detalladamente». Es la cantiga 182_d que la ofrece:

D'est' un marauilloso
miragr' e mui fremoso
uos direi saboroso
et d'oír sen rauata

(121) PMH Scriptores 375.

(122) PMH Scriptores 281.

(123) NEUVONEN 201.

No he tropezado con esta expresión en mis lecturas españolas.

Las Cantigas nos ofrecen también un derivado de *rauata*; es **REUATOSO** en 195₂₀e:

Ment', e ela disse:
— Non foi quen oysse
nunca nen o visse
est'; e eu sandía
et mui reuatosá
sería sse y saísse
por tí mentirosa

En mi obra ya varias veces citada queda dicho, p. 125, que me inclino a ver en la *rauata* gallega un hispanismo. En aquel entonces no conocí, desgraciadamente, la historia de *rauata* en los dialectos orientales. Ahora estoy algo mejor documentado. He aquí mis apuntes:

La primera documentación que conozco, es del año 1188-1230 (Castello-Bom): *Nenguno omen qui fuxiere de bolta ó de reuata, tresquilen lo, et perda el quiron*¹²⁴. Hay algunas más en los fueros de la misma época: año 1209 (Castel-Rodrigo): *de bolta ou de rabata*⁽¹²⁵⁾; año 1209 (Castello-Melhor): *rebata*⁽¹²⁶⁾. Además de estas formas aparece *arrebato* en la Crónica Troyana II 211, 272: *Et tijuan penssado de dar arrebato ĩnos gregos*. En todos estos pasajes significa «ataque».

He registrado también algunos derivados. El más corriente es *arrebatar*: año 1222 (Vila Nova): *se algum for ladron e furtou e arrebato*⁽¹²⁷⁾; Crónica Troyana I 311 nota 719: *trauolle ĩua mĩo et arrebato* *lle hĩa luba* (en el texto: *tomouille hĩa luua*); Santa Maria Egiciaca 197: *revatada*; Santo Antonio 218: *arrevatando*; 206: *E com o empuxamento arrevatado dos ventos que faziam levamtou aas ondas do mar*. Parece significar «tomar con violencia». En los textos posteriores al siglo XIII aparecen también vocablos derivados del verbo *arrebatar*. Son *arrevatamento* en Santo Antonio 212: *E correrom as águas com arrevatamento*; y *arrevatadamente* en NUNES, Contribuição 164: *enfermidade que lhe veera arrevatadamente*; 293.

(124) PMH Leges 757.

(125) PMH Leges 889.

(126) PMH Leges 932.

(127) PMH Leges 591.

Si examinamos, además, el conjunto de las formas peninsulares, llegamos a un cuadro como sigue ⁽¹²⁸⁾:

	gall.-port.	español	catalán
<i>reuata</i> <i>rauata</i>	} siglo XII-XIII	<i>reuata</i> s. XII-XIV	
<i>arrebato</i>		<i>rebata</i> <i>rebete</i> <i>rebato</i>	
	finas del XIII-	} s. XIII-	
			(ar)rebat s. XIV-

Claro es que las acreditaciones y los datos arriba mencionados ilustran sólo muy escasamente la edad, la propagación y la frecuencia de nuestro vocablo en el antiguo romance peninsular. Pero a pesar de esta escasez podemos llegar a algunas observaciones interesantísimas: 1) las formas con *-a* final parecen ser las más antiguas; 2) estas formas parecen pertenecer al Centro y al Occidente de la Península; 3) estas formas no sobreviven al siglo XIV; 4) por su antigüedad y por su tratamiento fonético postulan un origen común (que pudiera ser *ribūta*, ¿nomen unitatis?, cf. *al-funduq* > *alfóndega*), y deben separarse, etimológicamente de *ribāt* > *rebate*, *rebato*.

Continuando nuestro razonamiento podemos concluir que: 5) no maravilla la generalización de la forma *rebate* en español, puesto que es la más etimológica ⁽¹²⁹⁾; 6) el desarrollo posterior del (ar)rebat portugués (y de sus derivados) muestra tan estrecha relación morfológica y semántica con el del *rebate* español (y de sus derivados) que sólo se explica — a mi entender — aceptando que *reuata* sufrió más tarde profundamente la influencia del vocablo correspondiente en el idioma vecino.

RECOUA s. f. ركوبة, *rakūba* «remonte, chevaux qu'on donne à des cavaliers pour les remonter» DOZY I 553, cf. aun *rakūb* f. *rekūba* «bestia de carga; cabalgadura (camello o caballo)» LERCHUNDI-SIMONET 144, y además *rakūb* «caravane» DOZY I 553; STEIGER 108. Otra etimología dan DOZY-ENGELMANN 329 y GONÇÁLVES VIANA II 354 que derivan *recova* de

(128) Debo estos datos en parte a OLIVER-ASÍN y a ALCOVER-MOLL.

(129) OLIVER ASÍN 14.

rakba (¿nomen unitatis?) de *rakb* «caravane» con vocal epentética y transposición del acento; para la posibilidad del paso fonético véase STEIGER 91.

Significa «caravana» en 374_e:

Et porend' a Gloriosa
lles fez que desbaratassen
hũa recoua mui grande
de mouros...

Fuera de las Cantigas hallo este arabismo sólo en la versión latina de las «Inquirições geraes» de Alfonso II en 1220. Dice: *et vadunt ad castellum et ad intorviscatam et ad ricouva* ⁽¹³⁰⁾.

No conozco este vocablo en los textos castellanos. Véase, sin embargo, también el vocablo *requa*, más adelante.

REDOMA s. f. رَدُومَة *radūma* «botella de vidrio»; DOZY-ENGELMANN 329, EGUÍLAZ 481, NEUVONEN 61.

Parece significar «botella» en 125_g:

D'aquesto foi mui coitado
o crérigu', e per seu saber
fez aiuntar os diabos
et disse-lles: — Ide fazer
com' eu a donzela aia
log' esta noit' en meu poder;
se non, en hũa redoma
todos uos ensserraria

En mi obra arriba citada había clasificado este arabismo de «occidental». Por lo tanto, había esperado encontrarlo en los antiguos documentos galaicoportugueses. A mi gran decepción, las únicas documentaciones de este vocablo resultaron bastante tardías. Sólo lo he hallado en NUNES, *Crestomatia* 67 (siglo XIV): *ên que estauã arredomas e uasos muy fremosos*; NUNES, *Contribuição* ⁽¹³¹⁾: *a redoma de vidro em que siia aquel pouco d'azeite*; 19, 112: *pois a rodoma deitarcm de cima da feestra a ffundo*; 18, 111: *hũa rodoma de vidro*. Por consiguiente, me quedo en espera de documentaciones ulteriores y considero, entretanto, este arabismo como común al portugués y al español.

(130) PMH Inquisitiones 122b.

(131) Me falta la referencia al párrafo.

REQUA s. f. رَكْبَة, *rakba* (¿ nomen unitatis de رَكْب, *rakb* «caravana» en DOZY I 552. DOZY-ENGELMANN 329, EGUÍLAZ 480, STEIGER 108 aceptan la etimología de ENGELMANN *rakūb(a)*, lo que me parece inadmisibile, véase NEUVONEN 173. Cf. también *recova*.

«Caravana» en 359.g:

et enuiou-o na requa
a Aliazira enton

Según el metro debía acentuarse *réqua*.

Se halla en algunos documentos antiguos: año 1188-1230 (Castello-Bom): *Tota requa que ueniere de portugal* ⁽¹³²⁾; año 1209 (Castello-Melhor): *Todos requeros que toren en rrecua a terra de moros ó de christianos e por castiel mellor ó por su termino pasarem den el portago a castiell mellor* ⁽¹³³⁾. En los mismos documentos aparece también el derivado *recuero*: año 1188-1230 (Castello-Bom): *Toto requero qui uendierit unum* ⁽¹³⁴⁾; año 1209 (Castello-Melhor): *recuero* ⁽¹³⁵⁾; véase también la cita relativa a *recua*.

En español resulta frecuente en los documentos del siglo XIII, pero no conozco ejemplos anteriores al siglo XIII. El tratamiento fonético algo particular y la derivación abogan por una procedencia común en las dos lenguas. Y la existencia de este arabismo también en los dialectos orientales (ignoro la fecha de las primeras documentaciones), parece indicar que se trata de un arabismo común a toda la Península.

TABAL s. m. طبل *tabal* «atabal, instrumento de percusión»; DOZY-ENGELMANN 207, EGUÍLAZ 295.

«Atabal, timbal» en 165._{13h}:

O Soldan diss' ao mouro :
— — —
guerra per nulla maneira
con ela [la Virgen] non fillarey,
et d'aquí me torno logo,
et fas tangel-o tabal

⁽¹³²⁾ PMH Leges 790.

⁽¹³³⁾ PMH Leges 936.

⁽¹³⁴⁾ PMH Leges 788.

⁽¹³⁵⁾ PMH Leges 935.

Asimismo en la repetición de esta cantiga 396_{13h}.

Es la Crónica Troyana el único texto entre mis lecturas que nos ofrece este arabismo y aun éste en forma articulada *atabales* (II 75). Eso parece comprobar la opinión de FIGUEIREDO que lo tiene por castellanismo.

XARA s. f. شعرة *ša'ra* «mata, breña»; EGUÍLAZ 430.

«Mata, lugar poblado de arbustos». Se encuentra en un pasaje poco claro en cuanto a la significación. Se trata de la cantiga 148_{3b}:

Un día caualgeua
per cabo d'ũa xara,
sa camisa uestida,
ca armas non s' uuiara ;
enton seus enemigos
lle sayron de cara
et déron-lle mui grandes
colbes et mui mortaes

Algo más adelante se dice en la misma cantiga (estrofa 7):

E os seus escudeyros
d'ele foron chorando
contra hũas aldeas

lo que comprueba que se trata de un lugar desierto.

Los versos siguientes de la misma estrofa ponen en evidencia que en esta *xara* hay zarzas:

Enton muitas das gentes
se foron y chegando
et acháron-o viuo
oabo d'uuns moraes.

No encuentro este vocablo en mis lecturas gallego-portuguesas y tampoco en los diccionarios portugueses que consulto. En cambio, CUVEIRO PIÑOL trae bajo *xara* y *xaral* la glosa «jara planta, y jaral». La ausencia de *xara* en los documentos antiguos me hace pensar que es hispanismo en las Cantigas.

Algunas consideraciones generales

Extensión geográfica

Ahora, examinados nuestros arabismos uno a uno, procederemos primero a una recapitulación de lo que queda dicho de la extensión geográfica de los mismos. Los datos reunidos permiten establecer la repartición siguiente (claro es que estas delimitaciones sólo pueden ser muy aproximadas):

1. Cabe empezar con los arabismos a los cuales el autor sólo ha recurrido *accidentalmente* y que, por lo tanto, son impropios al gallego. Designan instituciones musulmanas o vocablos relativos a las localidades en tierras musulmanas:

alcorán	exarafe
alfaquí(n)	aljama

2. Continuaremos con agrupar a parte, después, los arabismos *comunes* a toda la Península:

acequia	baldón
açoute	faagar
alcayde	mezquinno
algara	morauedí
almoxerife	recua
ataúde	

3. Los siguientes son *comunes* al español y al gallego-portugués:

acitara	aluaraz
alcayota	azeyte
alfamar	rafece
almocelela	rauata
almoeda	redoma

4. Un grupo importante forman los arabismos que sólo se encuentran en los dialectos occidentales de la Península. Llevan entre ellos un asterisco los vocablos que se ofrecen también en otros dialectos, pero bajo una forma diferente o como préstamo al gallego-portugués:

alfres	çurame
*atá	*enxeco
azaría	recoua
*coteife	

5. También nos conviene juntar a un grupo los arabismos que por su extensión o por su forma fonética dejan conocerse como préstamos al castellano o a otros dialectos del Centro y Oriente por intermedio del castellano. Llevan un asterisco los vocablos que se hallan también en los dialectos del Oeste, pero bajo una forma que no aparece en las Cantigas :

*alcázar	aluayalde
*alcauela	aluoroçarse
*aldea	belmez
*alguazil	tabal
almogáuar	xara
aluardán	

6. Fuera de los grupos arriba citados nos quedan todavía tres arabismos de los cuales en esta época sólo conocemos documentaciones gallegas :

algar	almafí
aljube	

Algo más adelante, en la p. 346, volveremos a hablar de ellos.

Nótese, por fin, que la repartición arriba expuesta se refiere a los arabismos de las Cantigas de Santa María.

Entre los 47 arabismos arriba mencionados figuran 11 que me parecen hispanismos en el gallego del autor de las Cantigas. Claro que en algunos casos he debido equivocarme en esta clasificación, pero estos hispanismos resultan tan numerosos (forman aproximadamente un cuarto de la totalidad) que merecen nuestra atención para un momento.

¿Cómo se explican ? Veo dos posibilidades para explicar esa abundancia. Primero, el autor de las Cantigas fué un castellano que dejó escapar a su gallego (¡ que no era su lengua materna !) algún que otro arabismo de su propio idioma o algunas veces castellanizó la forma de un arabismo gallego (eso sería por ej. el caso de *alguazil*). Segundo, bien se puede imaginar que la fuerza unificadora del castellano que iba aumentándose cada día con la expansión castellana, ya se hacía sentir hasta en la lejana Galicia. O tal vez convenga tener en cuenta las dos posibilidades juntas. En todo caso, desde el punto de vista del arabismo, resulta innegable una fuerte influencia española en el gallego de las Cantigas.

Frecuencia

Las Cantigas de Santa María contienen 235, 286 palabras ⁽¹³⁶⁾. Entre ellos hay 47 arabismos representados por 242 documentaciones en las Cantigas (incluidos los derivados). Esto significa que los arabismos forman un 0,1 % de la totalidad. Ya antes he comprobado que en el español del siglo XIII el tanto por ciento de los arabismos fué aproximadamente 0,4 % ⁽¹³⁷⁾.

A fiarnos en el testimonio de este texto gallego, los arabismos fueron 4 veces más frecuentes en español que en gallego en el siglo XIII. No hay que olvidar, sin embargo, que calculada nuestra proporción en gallego a base de un solo texto, resulta muy sensible la parte del azar en esta proporción.

Otros arabismos del gallego

Claro es que los arabismos hallados en las Cantigas de Santa María no representan todos los vocablos de origen árabe que corrían en el gallego del siglo XIII. El examen de otros textos gallegos revela, en efecto, que eran mucho más numerosos. A continuación voy a enumerar, sin profundizar el estudio, los arabismos con los cuales he tropezado en el curso de mis lecturas gallegas. He considerado como gallegos los textos siguientes:

⁽¹³⁶⁾ Quise llegar a una cifra tan exacta como posible y por lo tanto conté las palabras una a una. Para dar una idea de mi modo de proceder en este cálculo, cito que en la primera estrofa de la cantiga 104 hay, según mi proceder, 39 palabras:

E o que o fazer coida,
creed' aqesto por mi,
que aquel escarno todo
á de tornar sobre sí.

E d' aquest' un gran miragre
uos direi, que eu oy,
que feo Santa María:
oyde-mi-o a lezer

Además de las Cantigas he también tomado en cuenta las «Cantigas de las fiestas de Santa María», «Cantigas de las fiestas de Nuestro Señor Jesucristo», «Cantigas de Santa María no incluidas en los códices escurialenses». En cambio, he pasado por alto las cantigas que se repiten. La palabra *Jesu-cristo* cuenta por una.

⁽¹³⁷⁾ NEUVONEN 302-303.

Las canciones atribuidas a trovadores gallegos en los cancioneros de Colocci-Brancuti, de Vaticana, de Ajuda ⁽¹³⁸⁾ y las del Gallego-castelhano de LANG.

Los documentos incluídos en 1) la Colección diplomática publicada por la revista «Galicia histórica»; 2) la Historia de la S. A. M. I. de Santiago de Compostela, por López FERREIRO; 3) los Documentos gallegos de los siglos XIII al XVI, transcritos por Andrés Martínez SALAZAR.

Crónica Troyana.

En los textos gallegos pululan los vocablos enigmáticos. Sin duda alguna figuran entre ellos también algunos arabismos. En la lista que sigue a continuación, sólo incluyo vocablos cuya procedencia árabe me parece segura; he pasado por alto los demás. Asimismo he hecho caso omiso de casos posteriores al año 1400.

ACEDREX (< *aš-šitrang*) «ajedrez»; Crónica Troyana I 111: *asederex*; 207: *acederez* + nota 553: *xedrez*; II 45: *xedrez*.

ACHAQUE (< *aš-šakk* + *-atšakk-*) «causa, motivo»; Crónica Troyana II 270b ms. MP.

ACETRE (< **as-sitl*) «acetre»; CDGH 296 año 1326; 380 año 1375.

AÇUMBRE (< *at-tumn*) «medida de vino»; CDGH 282 año 1347.

ADARAGA, ADAGARA (< *ad-daraq* o *ad-daraka*) «escudo»; Crónica Troyana I 170, 224, 268; II 115, 142.

ADARUE (< *ad-darb*) «adarve, camino en lo alto de la muralla»; Crónica Troyana I 255, 317, 322.

ALARDO (< *al-ard*) «ostentación» CGC 2088.

ALARIDOS (< *al-arīd*) «grito (de guerra)»; Crónica Troyana I 293, II 91.

ALAROÇA (< *al-arūsa*) «novia»; CGC 1720.

ALAZAYRA (dem. de *al-asr* «seruidumbre» **ALCALÁ** 396₂₆) «esclavitud»; Crónica Troyana I 55.

(138) He considerado como gallegos a los trovadores que cita CARRÉ ALDAO en las pp. 111-126 de su obra, bien sabiendo que su lista no resulta definitiva y que clasifica entre gallegos a varios autores cuya procedencia gallega queda algo dudosa.

ALBARDAR (< *albarda* < *al-barda*^a) «echar la *albarda*, silla»; CV 955₃; 968 ep.₁, 6; 969₁, 5, 7; **ALBARDOES** CDGH 384 año 1375.

ALCAFRE (< *al-kafal*) «trasero, grupa»; Crónica Troyana I 316.

ALFAYATE (< *al-ḥayyāt*) «sastre»; **SALAZAR** 25 (p. 63₂₀): año 1272 *alteate*; 41 (p. 89₁₁) año 1283: *Johan Alfayate*; 46 (p. 96₁₉) año 1291: *alfayate*; CDGH 273 año 1253: *alfayate*.

ALFAYTE (< *al-ḥayt*) «sartal de cuentas» **ALCALÁ** 393₁₂) «sarta de perlas»; CDGH 160 año 1395.

ALFEREZ (< *al-fūris*) «alférez»; CDGH 76 año 1140: *alferiz*; 437 mismo año: *alferit*; SP 4-18-9: *alferez*.

ALGODON (< *al-quṭn*) «algodón»; CDGH 306 año 1395.

ALÍFAFE (< *al-liḥāf*) «cubierta de cama»; LF-Ap 156 año 955; CDGH 265 año 1262.

ALJUAU (> *al ḡa^aba*) «caja portatil para flechas»; Crónica Troyana I 204.

ALJOFRE (< *al-ḡawhar*) «aljófar»; Crónica Troyana II 132 nota 990: *aljofres*; CDGH 193 año 1348: *algofre*; 160 año 1395: *aliofar*.

ALMADRAQUE (< *al-matrah*) «colchón»; Crónica Troyana I 247; CDGH 239 año 1279; 279 año 1347; 306 año 1395.

ALMOFAR, ALMOFRE (< *al-maḡfar*) «parte de la loriga que cubría la cabeza y la nuca»; Crónica Troyana I 234, 241, 258, etc.

ALUALA (< *al-barū*) «carta real, documento público»; CDGH 310 año 1333: *alualla*; 385 año 1375; 144 siglo XIV.

ANNAFIL (< *an-naḡir*) «trompeta recta morisca»; Crónica Troyana I 199: *anafijs*; 289, 351; II 35, 42; CDGH 368 año 1320: *anafil*.

ARRAFEN (< *ar-riḥān*) «prenda»; CDGH 368 año 1320: *arraffees*.

ARRAUALDE (< *ar-rabad*) «arrabal»; Crónica Troyana I 349: *arraualde*; CDGH 360 año 1320: *arravalδος*.

ASARAUEA (< **as-sar^abiyya* < *as-sarb* «manada») «bandada»; Crónica Troyana I 138.

ATAFAL (< *at-tafar*) «ataharre»; CV 955₆.

AXUAR (< *aš-šuwūr*) «ajuar»; CDGH año 1400.

AZEMELA (< *az-zīmīla*) «acémila»; CDGH 84 año 1199: *zemīlam*; 191 año 1270: *azemelam*; 296 año 1326: *azemella*; 383 año 1375; Crónica Troyana I 142, II 235; **AZIMILLEYRO** CDGH 158 año 1395.

AZAUECHE (< *az-zabaġa*) «azabache»; Crónica Troyana I 280.

AZEYTUNA (< *az-zaytūn(a)*) «fruto de olivo»; Crónica Troyana ms. MP 282-283; CB 354₂.

CERAMIN (< *ṣamaniyy*) «medida de capacidad»; CDGH 313 año 1333: *ceramiis*; 151 año 1348.

FANEGA (< *fanīqa*) «fanega, medida para áridos»; CDGH 151 año 1348: *faneyga*; 609 año 1400.

FOÃO (< *fulār*) «fulano»; CV 1149₁₂, 1153₁, 1154₂; CB 375; SP 7-9-7 ms. del s. XIV.

FORRO (< *hurr*) «libre»; SP 7-9-7.

MARFIL (< ? + *al-fīl*) «marfil»; Crónica Troyana I 203, 360; II 161.

METCALES (< *mitqāl*) «moneda de vellón»; LF-Ap 85 año 915.

ROLDA (< *rubʿ*) «ronda»; Crónica Troyana I 264: *rrollda*; **RROLDAR** Crónica Troyana I 292.

TAÇA (< *ṭassa*) «taza»; CDGH 498 año 1305; 383, 384, 385 año 1375; 612 año 1400.

TALEGA, TELEGA, TAEGA, TEEGA (< *taʿlīqa*) «cierta medida»; **SALAZAR** 4 princ. del siglo XIII: *talega* (p. 8₆), *telega* (p. 8₇), *ataega* (p. 8₁₄); 47 año 1296: *taegā* (p. 97₁₃); CDGH 267 año 1262: *teegam*; 313 año 1333: *teeiga*.

Correspondencia fonética y semántica

Por lo general queda claramente establecida la correspondencia fonética entre los arabismos gallegos y sus orígenes árabes. Sólo en algunos casos no resulta satisfactoria (*alcayota*, *aljube*, *almafí*, *taagar*, *rauata*), pero ninguno de estos problemas (exceptuándose tal vez el de *almafí*) pertenece particularmente al gallego, sino a los bien conocidos y generales en el estudio de los arabismos de la Romania his-

pánica. Esta carencia de problemas propios es a mi entender un indicio de que los arabismos del gallego — tomándolos como conjunto y comparándolos con los del español — no pertenecen a los que podríamos llamar «arabismos directos». No destacándose del conjunto de los arabismos peninsulares deben bien hacer parte del movimiento interior de arabismos en los reinos cristianos.

Los problemas semasiológicos no difieren mucho de lo que queda arriba dicho de la correspondencia fonética. Por lo tanto, su penuria nos permite la misma conclusión que la correspondencia fonética.

Observaciones morfológicas

El único fenómeno morfológico que llama nuestra atención es la pobreza de la derivación. En efecto, resultan muy pocos los vocablos derivados de los arabismos gallegos. He aquí los que aparecen en las Cantigas :

açoute	açoutar
alcayde	alcaydesa
alcayota	alcayotaría
aldea	aldeano
faagar	faagu (139)
rauata	reuatoso

Podemos añadir a esto que los vocablos derivados *aluoroçarse* y *baldon* — *abaldonar* postulan la existencia en gallego-portugués de vocablos bases que no se encuentran en las Cantigas, pero sí en otros textos de la época.

Algunos de los arabismos de las Cantigas tienen derivados que se acreditan fuera de las Cantigas :

alcayde	alcaydaria
marauedí	maravididadá
mezquinno	mezquindade, mezquinhamente
rauata	arrevatar, arrevatadamente, arrevataçamente

A pesar de estas añadiduras parece bastante pobre la capacidad creadora de los arabismos gallegos. Y si tomamos en consideración

(139) O vice versa. Queda algo oscuro la relación entre *faagar* y *faagu*.

la larga lista de «otros arabismos gallegos» que acabamos de presentar, no se ameliora la situación en favor de la derivación. Al contrario, se acentúa la mengua de derivados. En aquella lista sólo podemos hallar tres derivados: *albardoes*, *azimilleyro*, *rroidar*. Este fenómeno me hace inclinar a la conclusión de que el hablante gallego sintió inconscientemente que los arabismos eran algo extraños a su habla normal, tal vez demasiado nuevos, y, por lo tanto, poco aptos a la derivación.

Algar, aljube, almafí

Cuando hicimos arriba la recapitulación de los arabismos de las Cantigas, nos sobraron tres que no cabían en los grupos 1-5 y que resultaron empleados en la época sólo en textos gallegos. Eran *algar*, *aljube* y *almafí*. Dado que estos arabismos no parecen ni portugueses ni españoles, ¿debemos creer que son propios al gallego sólo y que remontan a aquella época lejana en la que sufrieron los gallegos la influencia directa de los invasores musulmanos? Sólo después de larga vacilación me inclino a creer que en efecto hay algunos leves indicios que hablan por una respuesta afirmativa.

Durante la subyugación árabe Galicia era el punto extremo del reino árabe hacia el Noroeste de la Península. Seduce la suposición de que en estas regiones lejanas la supremacía musulmana nunca se aceptara sin protestas violentas de la parte de los nativos. Había desórdenes continuos y, en consecuencia, venganzas sangrientas, huídas, escondidos y escondites. Y escondites ideales eran entonces, como han sido siempre, las cuevas. ¡Cuántas veces debían oír los escondidos y sus compatriotas la palabra «cueva», *al-ġār*, de los labios de los perseguidores!

Lo que queda dicho arriba de *algar*, vale también para *aljube*. Si fué alcanzado el perseguido, los perseguidores le echaron en la más segura de las construcciones vecinas. Un pozo o un algibe, *al-ġubb*, era indicado para el propósito, y, como leemos por ej. en las Cantigas mismas, muchísimas veces aprovechado.

Así la época de la dominación musulmana en Galicia era un momento muy propicio para la imposición de préstamos de esta índole. La ausencia de las palabras *algar* y *aljube* de los textos españoles, portugueses y catalanes del siglo XIII (nótese que aparecen en ellos con frecuencia los vocablos sinónimos «cueva», «cisterna» y otros más) resulta muy significativo desde este punto de vista. Y si se tratase de un solo vocablo, nada diríamos, pero estamos en presencia de

dos cuya entrada conviene juntarse bien histórica y semasiológicamente. En estas condiciones, nada más natural, y por lo menos no imposible, que la entrada de la pareja *algar-aljube* en una época muy remota.

¿Y el caso de *almafí*? Ya hemos dicho que este vocablo es el único entre los arabismos de las Cantigas que ofrezca un tratamiento fonético algo particular. Si queremos ver en esta particularidad un error de audición causada por la ignorancia de lengua árabe, tal vez estemos justificados de remontar en la busca de la génesis de este error hasta los primeros tiempos de la invasión musulmana. Habla por la antigüedad de este arabismo también su existencia en dos documentos antiguos relativos a la región gallega. En cambio, si sólo vemos en esta forma una metátesis del arabismo corriente *marfil* (**malfil* > **amalfil* > *almafil*), desaparece la particularidad del tratamiento fonético desde este punto de vista, y no podemos basar en ella nuestra búsqueda de la antigüedad gallega.

Conclusiones finales

Debo confesar que me sorprendió mucho la abundancia de los arabismos en las Cantigas. Primero en ellas y después en gallego por lo general. No lo había esperado.

En efecto, si prescindimos de los arabismos accidentales (grupo 1) y de los arabismos que he sospechado de «hispanismos» (grupo 5, tomando en cuenta, sin embargo, los que son hispanismos sólo por su forma y existen también en gallego-portugués, esto es: *alcaçar*, *aldea*, *alguazil*) nos quedan entre los arabismos de las Cantigas 36 arabismos que parecen tener carta de naturaleza en gallego. Pongamos de relieve esta abundancia con una comparación: en las obras de *BERCEO* —excelente objeto de comparación en cuanto al vocabulario por tratar de temas casi análogos— sólo se hace constar 32 arabismos (de los cuales 12 comunes con los de las Cantigas ⁽¹⁴⁰⁾).

Y si añadimos a los arabismos de las Cantigas los 40 hallados fuera de las Cantigas —ellos podrían sin duda fácilmente multiplicarse si insistiéramos en la lectura de los textos gallegos— vemos aumentarse considerablemente la porción del elemento árabe en la formación del vocabulario gallego. En la literatura española del siglo

(140) Sólo he tomado en cuenta las obras publicadas en la edición de T. A. SANCHEZ esquilmadas a otro propósito en cuanto al arabismo.

XIII he hallado 272 arabismos ⁽¹⁴¹⁾. Si comparamos con ellos la setentena del gallego — sacados de materiales mucho menos copiosos — no podemos sino reconocer que los vocablos de origen árabe no escaseaban en el habla antigua del Noroeste.

Sin embargo, no cabe olvidar en esto una oposición: en gallego los arabismos abundan en cuanto al número, pero parecen escasear en cuanto a la frecuencia en el uso. A mi entender esto nos permite la afirmación de una conclusión ya expuesta: como ya queda comprobada por la poca aptitud a la derivación, asimismo la presente oposición aboga por el «modernismo» de los arabismos gallegos.

Y si los arabismos del gallego en el siglo XIII — considerados como un conjunto — son «modernos» en la época, se puede preguntar: ¿porqué son advenedizos exactamente en la lengua de fines del siglo XIII? Una explicación manifiesta se nos ofrece: hasta mediados del siglo XIII el gallego había sido la lengua poética de preferencia en la Península. Esta hegemonía significaba fuerza de resistencia hacia fuera, regionalidad y pureza dialectal en el vocabulario y expresión. Si el arabismo hubiera desempeñado antes un papel importante en la formación del vocabulario gallego, esta preponderancia regional habría producido una discontinuidad en este desarrollo. A fines del siglo XIII se cambió la escena: en la literatura ya no importaba tanto la poesía y el gallego, sino iba cediendo paso a la prosa y al castellano. Los fines del siglo XIII, parada la reconquista a las últimas victorias de Alfonso el Sabio, significaban para la Península cristiana fuerte desarrollo económico y cultural, y con él corrientes que transportaban influencias unificadoras de una región a otra. El testimonio de los arabismos de las Cantigas de Santa María nos revela que estas corrientes pasaban fácilmente las fronteras dialectales. Descubre además que apenas podemos separar de la expansión castellana el nacimiento de una de estas corrientes.

Curioso es comprobar, además, que ya en esta época existía una diferencia notable entre los arabismos de las hablas occidentales y centrales. Y no sólo en cuanto a la fonética, sino también en la imposición de los vocablos entrados en la lengua. Esto postula también una diferencia considerable en la estructura social y cultural en el Occidente y en el Centro de la Península tanto en las gentes que impusieron su influencia como en las que la sufrieron.

Y para dar fin a estas consideraciones sobre los arabismos del

(141) NEUVONEN 304.

gallego volveremos al problema que formulamos en las primeras páginas del presente estudio: ¿por que vías llegaron los arabismos al gallego? Creo que desde este punto de vista podemos sintetizar en pocas palabras lo que hemos dicho arriba. Entre los arabismos de las Cantigas sólo podemos señalar tres que con alguna probabilidad pueden deberse a lo que hemos llamado influencia directa. Por otra parte, hemos podido decir que una decena de estos arabismos se escriben a la cuenta de la influencia distante y que, en general, la fecha de su entrada parece ser el siglo XIII. El resto de los arabismos de las Cantigas, esto es, la gran mayoría, se deben a la influencia indirecta cuya duración abarca el largo período desde mediados del siglo VIII hasta fines del siglo XII (o, tratándose de la lengua literaria, hasta la hegemonia poética del gallego). La escasez de los documentos relativos a este período nos impide determinar más exactamente la fecha de entrada de cada una. Merece observarse, además, que entre ellos se esconden probablemente varios que se deben más bien a la influencia distante sin que ahora podamos — por falta de documentación suficiente y de rasgos fonéticos característicos — asignarles esta procedencia.

¿Podemos generalizar para el gallego en general las observaciones relativas a los arabismos de las Cantigas de Santa María? Creo que sí. Hay quien diga que los numerosos hispanismos que hemos descubierto entre ellos, se deben — ya lo hemos señalado varias veces en el curso de este estudio — a la pluma castellanizadora del autor. Es verdad, pero si examinamos otros textos gallegos, por ej. la Crónica Troyana y los documentos incluidos en CDGH, llegaremos aproximadamente a las mismas observaciones. Así el «hispanismo» de los arabismos — ¡qué paradoja! — de las Cantigas de Santa María no es una casualidad. Marca una tendencia general en el gallego de fines del siglo XIII.

Libros consultados

- ALCALÁ — PETRI HISPANI *de lingua arabica libri duo*. Pauli de LAGARDE studio et sumptibus repetiti. Gottingae 1883.
- ALCOVER-MOLL — *Diccionari catalá-valenciá-balear*. Obra iniciada de Antoni ALCOVER. Red. de Antoni ALCOVER y Francesch de B. MOLL. Palma de Mallorca 1930—.
- BALLESTEROS — *Historia de España y su influencia en la historia universal*. Por Antonio BALLESTEROS Y BERETTA. III. Barcelona 1922.

- Cantigas de Santa María — *Cantigas de Santa María*, de Don ALFONSO EL SABIO. Las publica la Real Academia Española. 1-2. Madrid 1889.
- CARRÉ ALDAO — Eugenio CARRÉ ALDAO, *Influencias de la literatura gallega en la castellana*. Madrid 1915.
- CUVEIRO PIÑOL — Juan CUVEIRO PIÑOL, *Diccionario gallego*. Barcelona 1876.
- DOZY — *Supplément aux dictionnaires arabes*. Par R. DOZY. 1-2. Leyde 1881.
- DOZY-ENGELMANN — *Glossaire des mots espagnols et portugais, dérivés de l'arabe*. Par. R. DOZY et W. H. ENGELMANN. 2^e éd. Leyde 1869.
- DU CANGE — *Glossarium mediae et infimae latinitatis, conditum a Carolo DU FRESNE DOMINO DU CANGE*. 1-0. Niort 1863-1887.
- EGUÍLAZ — *Glosario etimológico de las palabras españolas... de origen oriental...* por Leopoldo de EGUÍLAZ Y YANGUAS. Granada 1886.
- FIGUEIREDO — Cândido de FIGUEIREDO, *Novo dicionário da língua portuguesa*. 4.^a ed. corrigida e copiosamente ampliada. 1-2. Lisboa 1926.
- FREIJOMIL — Antonio Couceiro FREIJOMIL, *El idioma gallego*. Barcelona 1935.
- GARCÍA DE DIEGO — V. García de Diego, *Elementos de gramática histórica gallega*. Burgos 1909.
- GILI GAYA — Samuel GILI GAYA, *Tesoro lexicográfico 1492-1726*. Fasc. 1-2. A-B. Madrid 1947-1949.
- GONÇÁLVEZ VIANA — A. R. Gonçalves Viana, *Apostilas aos dicionários portugueses*. 1-2. Lisboa 1906.
- HERCULANO — A. HERCULANO, *História de Portugal desde o começo até o fim do reinado de Afonso III*. 8.^a ed. 1-8. Lisboa s. a.
- LANE — E. W. LANE, *An arabic-english lexicon*. 1-8. London 1863-1893.
- LERCHUNDI-SIMONET — *Crestomatía árabe-española*. Por Fr. José LERCHUNDI y Francisco Javier SIMONET. Granada 1881.
- MACHADO — José Pedro MACHADO, *Comentários a alguns arabismos do Dicionário de Nascentes*. (Boletim de filologia 1939-40 VI pp. 225-328).

- MACHADO, Alguns — José Pedro MACHADO, *Alguns vocábulos de origem árabe*. (Boletim de filologia 1939 VI pp. 1-33).
- MAYER — *Historia de las instituciones sociales y políticas de España y Portugal durante los siglos V a XIV*. Por Ernesto MAYER. 1-2. Madrid 1925-1926. (Publicaciones del «Anuario de historia del derecho español»).
- MENÉNDEZ PIDAL, Mío Cid — *Cantar de Mío Cid*. Texto, gramática y vocabulario. Por R. MENÉNDEZ PIDAL. 1-3. Madrid 1908-1911.
- MENÉNDEZ PIDAL, Orígenes — *Orígenes del español*. Por R. MENÉNDEZ PIDAL. 2.^a ed. corregida y adicionada. I. Madrid 1929. (Revista de filologia española — Anejo 1).
- Mestre Giraldo — Carolina MICHAËLIS DE VASCONCELLOS, *Mestre Giraldo e os seus tratados de alveitaria e cetraria*. Lisboa 1911. (Separata da «Revista Lusitana» 1910 XIII).
- MICHAËLIS DE VASCONCELLOS — Carolina MICHAËLIS DE VASCONCELLOS, *Randglossen zum altportugiesischen Liederbuch*. (Zeitschrift für romanische Philologie 1896 XX 145-218; 1901 XXV 129-174, 278-321, 533-560, 669-685; 1902 XXVI 56-75, 206-229; 1903 XXVII 153-172, 257-277, 414-436, 708-737; 1904 XXVIII 385-434; 1905 XXIX 683-711).
- NEUVONEN — *Los arabismos del español en el siglo XIII*. Por Eero K. NEUVONEN. Helsinki 1941. (Studia orientalia X: 1).
- OLIVER ASÍN — Jaime OLIVER ASÍN, *Origen árabe de rebato, arroba y sus homónimos*. Madrid 1928.
- RÜBECAMP — Rudolf RÜBECAMP, *A linguagem das Cantigas de Santa Maria, de Afonso X o Sábio*. (Boletim de filologia 1932-33 I 273-356; 1933-34 II 141-152).
- SCHÄFER — *Geschichte von Portugal*. Von Heinrich SCHÄFER. I. Hamburg 1836. (Geschichte der europäischen Staaten. Hrsg. von A. H. L. HEEREN und F. A. U. UKERT).
- SPITZER — Leo SPITZER, *Lexikalisches aus dem Katalanischen*. Genève 1921. (Biblioteca dell' «Archivum romanicum». Ser. II, vol. 1).
- STEIGER — *Contribución a la fonética del hispano-árabe y de los arabismos en el ibero-románico y el siciliano*. Por Arnaldo STEIGER. Madrid 1932. (Revista de filología española — Anejo 17).
- STEIGER, Corbacho — *Contribución al estudio del vocabulario del Corbacho*. Por Arnald STEIGER. Madrid 1923.

Tentative dictionary — *Tentative dictionary of medieval spanish*, compiled by R. S. BOGGS, Lloyd KASTEN, Hayward KENISTON, H. R. RICHARDSON. 1-2. Chapel Hill 1946.

Vocabulista — *Vocabulista in arabico*, pubblicato per la prima volta sopra un codice della Biblioteca Riccardiana di Firenze da C. SCHIAPARELLI. Firenze 1871.

EERO K. NEUVONEN

Universidad de Turku, Finlandia

Recensões Críticas

J. Mattoso Câmara Jr., *Os fonemas em português*
[em Boletim de Filologia (Rio de Janeiro) 9, p. 1-30].

Eis o primeiro estudo detalhado de carácter fonemático⁽¹⁾ sobre a língua portuguesa. Baseando-se nas ideias da escola de Praga e dos fonemáticos norte-americanos, o autor conseguiu elaborar uma obra de inegável mérito.

Visto que a língua portuguesa é falada com pronúncias bastante divergentes, quer na Europa quer no Ultramar, o autor limitou a sua descrição à «variedade fónica coloquial tensa» do Rio de Janeiro.

Do ponto de vista português, não será sem importância relevar que os quadros de vogais — por bem elaborados e explicados que sejam — não valem para o português de Portugal, em que há 8 vogais tónicas em vez de 7 (são bem distintos na pronúncia do centro e do sul «falamos» e «falámos», «banho» e «ganho»). Também é diferente o sistema das vogais átonas, mas é um erro dizer que «a pauta de 3 vogais (é) normal para o português europeu em qualquer posição átona» (p. 14), visto que / legar [ə]: ligar [i]: lugar [u]: lagar [ʊ] / apresentam já 4 vogais protónicas bem distintas: é apenas sob influência de consoante palatal que a oposição / ə : i / fica neutralizada. Além daquelas 4, há outras vogais, em palavras vulgares ou cultas: molhada [ɔ], padeiro [a], esquecer [ɛ], direcção [ɛ]. Nas regiões que já não distinguem entre *ó* e *ou* existe também um [o] protónico distinto do [u] e do [ɔ], p. ex. em *dourar*, *azougado*.

A interpretação das vogais nasais também está sujeita a discussão. Digamos desde já que em certas circunstâncias não há critério exacto para determinar o valor monofonemático ou difonemático dum certo elemento fónico duma deter-

(1) O autor emprega «fonémico, -a», etc. Visto que a palavra deriva do grego *φωνημ.* *φωνηματικός*, isto é, dum tema em -*af*, parece-nos preferível a forma *fonemático*, -a, que concorda, na formação, com «gramático», «cinemática», «somático» e outras.

minada língua ⁽²⁾. Sendo possíveis, no nosso caso, ambas as interpretações, resta só uma questão de conveniência e de coerência dentro do sistema que elaborarmos.

Acerca do sistema consonântico há alguma coisa a dizer. Os termos «consoantes oclusivas» (para p, t, k, b, d, g) e «consoantes fricativas» (para f, s, ʃ, v, z, ʒ) parecem-nos mal escolhidos. As consoantes b d g, pelo menos em posição intervocálica, pronunciam-se muitas vezes, senão geralmente, *sem oclusão* e, portanto, são fricativas. A diferença fundamental entre v, z, ʒ dum lado e b d g do outro consiste na presença ou ausência do que os foneticistas espanhóis chamam «rehilamiento» ⁽³⁾, isto é, numa fricção forte e susceptível de ser prolongada. As consoantes b d g (ao contrário de v z ʒ), quando não oclusivas, têm uma fricção *branda* e breve.

Não negamos a existência duma correlação p, b — t, d — k, g : f, v — s, z — ʃ, ʒ nem o carácter alofónico das diferenças entre b d g oclusivas e fricativas, mas parece-nos conveniente relevar a característica geral e persistente que diferencia a soma das variantes duns fonemas da soma das variantes de outros, única característica verdadeiramente fonemática.

Achamos inconveniente a interpretação das oposições / caro : carro / era : erra/, etc. Afirmar-se que o -rr- intervocálico é fonematicamente um composto de dois fonemas r + r, implica admitir, duma maneira geral, que dois fonemas iguais podem aparecer juntos. Este fenómeno, porém, não se dá com outras consoantes : não há correlação de geminação, como em italiano, nem junção difonemática de consoantes iguais, como em polaco. Convém, portanto, admitir a existência de dois fonemas vibrantes que estão em complementação parcial, fazendo oposição distintiva só em posição intervocálica.

O mesmo se pode dizer acerca da oposição / n : ñ (nh) / e, com certa reserva, da / l : ʎ (lh) /; em Portugal «nhata» e «lhama» são quase desconhecidos, «lhano» e as suas derivações pouco usadas. Resta apenas «lhe», palavra proclítica ou enclítica que pode estar em posição inicial de sílaba sem ser entre duas vogais, p. ex. em «mandar-lhe».

Considerando estes factos concluímos que há um certo paralelismo funcional nas três oposições / n : ñ / l : ʎ / r : rr) : r / e que não há 18, mas sim 19, fonemas consonânticos.

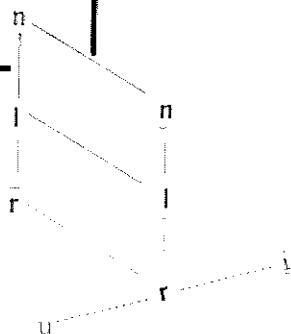
O fonema consonântico de maior perceptibilidade (Schallfülle), r, está por sua vez relacionado com as chamadas semivogais ou vogais assilábicas pelo facto de que existe nas mesmas posições : 1) final de sílaba (paí — paü — par); 2) entre consoante que precede e vogal que se segue (qujeto — qual — cravo); e 3) entre duas vogais (raio — raro / u existe apenas na segmentação morfemática : viu-a, deu-o).

Podemos, pois, representar as consoantes portuguesas pelo seguinte esquema :

⁽²⁾ Cf. o respectivo capítulo das *Grundzüge der Phonologie* TCLP 7 (Praga, 1938) em que Trubetskoi expõe os critérios que há para uma e outra valorização, deixando, porém, uma larga lacuna. Também o princípio da comutabilidade explicado por A. Martinet em *Acta Linguistica* I, p. 94-103, não permite uma solução satisfatória de todos os casos.

⁽³⁾ Cf. T. Navarro Tomás em *RFE* 21 (1934), p. 274-9.

p/b	t/d	k/g
f/v	s/z	ʃ/ʒ
m	n	



Reconhecemos que, apesar das anotações críticas que acabámos de apresentar, o trabalho de J. Mattoso Câmara Jr. tem alto valor para o conhecimento da estrutura da língua portuguesa. Não nos esqueçamos de que está ainda por fazer um estudo igualmente pormenorizado e bem fundamentado relativo à pronúncia de Portugal.

HELMUT LÜDTKE

Emilio Alarcos Llorach, **Fonología española**, Madrid, 1950 (em Biblioteca Románica Hispánica, III, Manuales), 160 págs.

O presente trabalho trata de fonologia estrutural ou fonemática e consiste em duas partes principais: fonemática geral e fonemática espanhola. A primeira parte é uma tradução e adaptação das ideias da escola de Praga, baseando-se sobretudo nos trabalhos de Trubetskoi e Jakobson; a segunda parte constitui uma obra original acerca do sistema fonemático do castelhano moderno, e um breve esboço do desenvolvimento desde o latim.

Seja-nos permitido assinalar alguns pontos errados. Na pág. 53 o autor diz que a correlação de molhamento se encontra em polaco, em russo, em japonês, onde às consoantes: normais p, t, k ... se opõem as molhadas p', t', k' ... Ora em russo k e k' não constituem oposição distintiva visto que k só se encontra

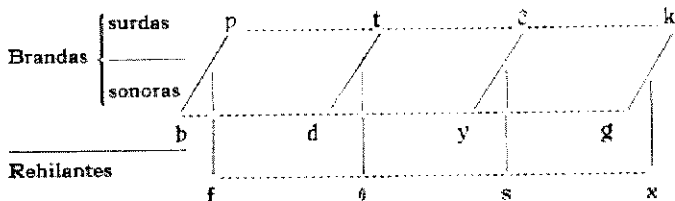
diante das vogais *a*, *o*, *u* ou em final de palavra e *k'* só diante de *e*, *i*; diante de consoante, a correlação de molhamento fica sempre neutralizada. Portanto, *k* e *k'* em russo são meras variantes dum único fonema *K*. Em polaco, nem *k* nem *p* fazem parte da correlação de molhamento, como demonstrou A. Martinet na sua excelente descrição do sistema fonemático polaco (1).

Na pág. 54 sg. diz que «fora do sistema se encontram outras consoantes: as líquidas. Em geral, opõem-se a todas as demais consoantes determinadas». É preciso relevar que em muitas línguas não europeias as líquidas (ou a líquida, se há só uma) se juntam quer às fricativas, formando uma correlação de continuidade ou de momentaneidade com as oclusivas, quer às «semivogais», formando com as oclusivas ou fricativas uma correlação de sonância. O autor sabe tudo isso e menciona para o primeiro caso o esquimó da Groenlândia, para o segundo o tâmil. Sistemas parecidos encontram-se nas línguas banto e nas línguas hiperbóreas e não são nada raros fora da Europa. Mas mesmo dentro do nosso continente há algumas línguas em que os fonemas líquidos se relacionam funcionalmente com as consoantes agudas (dentais e palatais), p. ex., em polaco e servo-croata, e mesmo em castelhano, como veremos mais adiante. Em outras línguas (português, italiano, inglês) o fonema vibrante (ou um deles) está relacionado com as chamadas semivogais.

O problema da sílaba e a teoria das revoluções momentâneas na fonemática diacrônica tencionamos tratá-los num trabalho futuro.

A segunda parte do livro, como dissemos, é dedicada ao sistema fonemático castelhano. O autor discute amplamente todos os problemas que se oferecem e chega a elaborar uma descrição clara e bem fundamentada. Seja-nos permitido, porém, mencionar algumas inconsistências.

A natureza das oposições, *b* : *f*, *d* : *θ*, *g* : *x*, não foi reconhecida; falar duma variante sonora de fonema surdo, como o autor faz implicitamente na pág. 114, referindo-se ao *z* sonoro em palavras como «juzgar», «diezmo», etc., é uma *contradictio in adjecto*: ou um fonema é realizado como surdo em todas as posições — ou essa qualidade de surdo não é relevante. Da mesma maneira que os fonemas, *b*, *d*, *g*, são indiferentemente plosivas ou fricativas, as fricativas *f*, *θ*, *s*, são indiferentes à correlação surda-sonora: diante de consoante sonora realizam-se como sonoras (cf. *aiçano*, *juzgar*, *nismo*), em todas as outras posições, como surdas. Porém, não se confundem com *b d g* naquela posição, a não ser dialectalmente (Castela-a-Nova); a diferença consiste na presença ou ausência do «rehilamiento» (2), isto é, uma fricção forte e susceptível de ser prolongada. Podemos classificar os 12 fonemas «consonadores» (Geräuschlaute) no seguinte esquema:



(1) Em *Acta Linguistica* I, Copenhague 1939.

(2) Cf. acerca deste problema T. Navarro Tomás em *RFE* 21 (1934), p. 274-9.

As duas qualidades relevantes que constituem os feixes correlativos são «rehilamiento» (3) e sonoridade. Mas uma não tem o mesmo valor estrutural da outra: a segunda fica neutralizada em final de sílaba, ao passo que a primeira persiste em todas as posições. Há arquifonemas, $p - b$, $t - d$, $\tilde{c} - y$, $k - g$, mas não há arquifonemas $p - f$ ou $f - b$, etc.

No que respeita às combinações de fonemas, as consoantes agudas, t , d , $\tilde{c}$, y , distinguem-se das correspondentes graves por não formarem grupos iniciais com l (cf. pág. 129 sg.); entre aquelas distinguem-se por sua vez as dentais das palatais por se ligarem com r . Além disso, as dentais e as rehilantes (menos f) são os únicos fonemas consonadores (4) que podem estar em final de palavra (5). A estes juntam-se, n , l , r , por lhes ser própria a mesma qualidade. Por outro lado, m , $\tilde{l}$, $\tilde{r}$, relacionam-se com $\tilde{c}$, y , (s) , por não entrarem em combinações tautossilábicas com outras consoantes.

Contrariamente à afirmação de Llorach de que, «em espanhol, só podem isolar-se funcionalmente as vogais das consoantes» (p. 64) — podemos dar a seguinte classificação funcional das consoantes:

A 1) c. que participam na correlação de sonoridade, a qual é neutralizável (= não rehilantes ou brandas);

2) c. que mantêm as oposições agudo: grave e anterior: posterior, mesmo em posição final de sílaba, e que não participam na correlação de sonoridade (=rehilantes);

3) c. que não participam na correlação de sonoridade nem mantêm as oposições agudo: grave, anterior: posterior em final de sílaba, e que não entram em combinações tautossilábicas com outras consoantes (= nasais);

4) c. que não têm a oposição agudo: grave (= líquidas).

[A classificação A 1-4 pressupõe que os fonemas de cada grupo pertencem à mesma «Überwindungsartklasse» (classe de fonemas que são realizados pelos órgãos fonadores pela mesma maneira de vencer o obstáculo). Os grupos 1) e 2) têm em comum a manutenção das oposições grave: agudo e anterior: posterior em final de sílaba, distinguindo-se por esta qualidade dos grupos 3) e 4); os primeiros são consonadores, os segundos, sonantes.]

B 1) c. de diversas «Überwindungsartklassen», excepto rehilantes e nasais, que possam estar em posição final de palavra e entrar em combinações tautossilábicas com outras consoantes (= dentais);

2) c. de diversas «Überwindungsartklassen», excepto rehilantes e nasais, que não estejam em posição final de palavra nem entrem em combinações tautossilábicas (= palatais);

3) c. brandas capazes de formarem combinações tautossilábicas com r , e , l (= graves).

(3) A correlação de rehilamiento é uma característica do português, espanhol, catalão, vasco, gascão e provençal. Que ela não esteja mencionada nas «Grundzüge» é um defeito perdoável, mas é um defeito, e não há razão nenhuma para não o corrigir.

(4) Palavras como «frac», «coñac» é claro que não contam.

(5) Nesta posição as oposições de sonoridade neutralizam-se, e só pode estar $-d$, mas não $-t$.

Esta classificação funcional permite o seguinte esquema dos fonemas consonânticos do castelhano:

		Graves		Agudos	
				posteriores	anteriores
Consonadores	Rehilantes	f	x	θ	s
	Brandas	p / b	k / g	t / d	ç / y
Sonantes	Nasais	m		n	ɲ
	Líquidas	laterais		l	ʎ
		vibrantes		r	rr

Este esquema mostra bem as relações estruturais que existem entre os fonemas. Ficam indefiníveis, funcionalmente, as relações entre , f , x , θ , s , entre , p , b , k / g , e entre , m , n , ɲ .

É interessante notar que esta indefinibilidade funcional das rehilantes coincide com uma diferença de localização em comparação com as brandas mais próximas. Isto mostra claramente a interdependência dos factos funcionais e dos factos fonéticos.

Apesar das observações que julgámos necessário fazer, o livro de Llorach não deixa de ser uma importante contribuição para o estudo da estrutura do espanhol; além disso, devemos reconhecer o seu valor como manual de introdução à fonemática geral, para todos os países de línguas hispânicas.

HELMUT LÜDTKE

Júlio Casares — *Introducción a la lexicografía moderna*. Prólogo de Walther von Wartburg.

(MADRID — Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Instituto «Miguel de Cervantes», 1950. *Revista de Filología Española*. Anejo LII. Volume de mm. 255 × 180, págs. XV + 354).

Num certo ponto (p. 300) da sua documentadíssima exposição acerca do plano de um monumental *Diccionario Histórico de la Lengua Española* e problemas metodológicos ou práticos que suscita, Julio Casares escreve: «...ese *Gran Diccionario español* que el mundo hispano aguarda ilusionado y que la

Academia se apresta a compilar, habrá de ser una obra única en su clase, como única es en la historia la vitalidad expansiva y verdaderamente imperial de una lengua que ha merecido ser el idioma oficial de más de veinte pueblos soberanos». Ecoam estas palavras como som vibrante de clarim, pois condensam e exprimem a orgulhosa alegria de quem, sentindo-se mentalmente em presença de obra gigantesca realizada, a aprecia num único olhar de paternal satisfação, segredando a si próprio um *exegi monumentum aere perennius*. Não é, todavia, visão antecipada de fantasia sonhadora: Casares sabe perfeitamente aonde quer chegar, e com que meios; o plano por ele gizado é, na sua magnitude, desenhado com primorosa nitidez de massas arquitectónicas, com viva e vigilante intuição das relações que ligam as fases diacrónicas e sincrónicas de cada facto linguístico, e — o que conta em alto grau em empreendimentos de tão grande fôlego — com o sereno entusiasmo de quem serve em boa consciência uma ideia arrojada e a ela dedica as forças de toda uma vida. Místico da lexicografia? Herói da lexicografia? Julio Casares é tudo isto junto, e ainda mais alguma coisa: um animador e um coordenador de energias. A todos os povos que se prezam e que, ciosos da sua individualidade nacional, reconhecem na riqueza e integridade da língua as mais preciosas arras da própria vitalidade, desejamos que — numa altura da sua história, em que valha a pena sintetizar os predicados positivos da sua alma — possuam um homem assim, capaz de levar a cabo um tal cometimento.

Quando, em 22 de Maio de 1947, a Real Academia Española resolveu empreender a elaboração de um *Thesaurus* histórico da língua espanhola nacional e ultramarina, tinha atrás de si uma primeira tentativa (frustrada pela guerra civil de 1936) de dicionário histórico, cujas bases foram gizadas em 1914; ora, que por circunstâncias trágicas, infelizmente, tenha falhado esta experiência depois da publicação de um 1.º volume (1933), dedicado à letra A, e de um 2.º (1936), que abrangia a letra B e parte da letra C, ninguém decerto lastimará, visto que, em plena discordância com o título, a obra não se afastava do tipo usual de dicionário académico senão na maior espessura. Por isso, a decisão de 1947 não foi, como não podia deixar de ser, uma pura e simples reposição daquele antigo projecto que na prática se revelara defeituoso e pouco eficiente, antes, pelo contrário, visa «emprender una obra de nueva planta sobre bases más sólidas, con mayor amplitud de criterio y con materiales más abundantes y de mejor calidad». Confessamos, sem desprimor por aquelas doudas agremiações que são as Academias nacionais, que sempre olhámos com desconfiança para os dicionários elaborados sob a sua égide: por um lado, enfermam de desigualdades, desarmonias, incongruências, distrações ou erros imputáveis principalmente ao seu pecado original de filhos de uma cooperativa de pais ilustres, de uma colectividade que (*absit iniuria verbo*) como hidra de mil cabeças escapa à responsabilidade precisa de um dirigente único, à unidade constante de critérios; por outro, arrogando-se geralmente o direito de conceder certificados de legitimidade e pureza ao material lexical, cingem-se a normas excessivamente cautelosas e restritas, de forma que um tal dicionário não consegue nunca ser o espelho sincero e completo da língua nacional. O último exemplo deste desfasamento foi, talvez, o Vocabulário iniciado pela defunta Academia de Itália com a publicação de um 1.º volume (letras A-B-C. 1941). Por felicidade, nada de semelhante há a temer desta grandiosa empresa lexicográfica projectada por um especialista de instintiva e finíssima sensibilidade a todos os aspectos de um

fenómeno linguístico, de penetrante intuição psicológica das categorias semânticas nas suas sucessões diacrónicas e ramificações sincrónicas, de admirável poder analítico e, repetimos, de uma extraordinária capacidade organizadora; de modo que, muito embora o «Seminário de Lexicografia», ao qual o monumental trabalho é confiado, seja um órgão académico, no caso específico não subsistem as perspectivas e as limitações quantitativas ou qualitativas inevitavelmente inerentes aos dicionários académicos, porque a responsabilidade absoluta da obra compete a um só homem de excepcional ténpera que se encontra à frente de um grupo de investigadores por ele directamente escolhidos, instruídos e treinados. Em vista disso, podemos ter a certeza de que Júlio Casares erigirá para a sua pátria o monumento mais insigne que um humanista pode sonhar: o repertório total, seguro e controlado de um imenso património linguístico elaborado no decurso de muitos séculos (desde meados do séc. XII até aos nossos dias), não só no território nacional, como também no de outros povos que chegaram mais tarde à luz da liberdade.

Neste livro Casares discute largamente as premissas metodológicas da obra empreendida; uma, todavia, queremos salientar, à qual talvez ele não dedique um espaço proporcional à sua importância: a dos textos críticos. Não há dúvida de que jamais será possível um dicionário histórico razoável enquanto a documentação escrita, literária ou não, pertencente ao passado não for posta à disposição do lexicógrafo em edições fidedignas, criticamente fixadas e comentadas, providas de glossários exaustivos. Este problema das «graves asechanzas con que nos amenazan a derecha e izquierda textos mendaces y editores incompetentes» deixou de o ser na Espanha, ou pelo menos encontra-se reduzido em termos bastante satisfatórios, graças ao intenso trabalho levado a cabo, especialmente nestes últimos anos de séria actividade editorial e de crítica textual; o «Seminario de Lexicografia» da Real Academia Española dispõe, portanto, de um material precioso, sem o qual seria mera ilusão tentar uma empresa deste género ⁽¹⁾.

(1) É lamentável não podermos fazer as mesmas considerações a respeito de Portugal, onde a edição crítica das obras clássicas, especialmente literárias, está ainda quase toda por fazer. Certamente a iniciativa privada não está em condições de realizar tal esforço; torna-se, portanto, necessário que um organismo estadual seja devidamente apetrechado e provido de meios adequados à vastidão da empresa, que o próprio prestígio nacional não permite adiar para mais tarde. Paralelamente a este problema, outro se esboça não menos importante e complexo: o do comentário crítico dos clássicos para as escolas superiores, para as pessoas cultas e para o povo.

Por muito óbvia que seja a extraordinária importância que tem para o lexicógrafo o poder dispor de textos criticamente seguros, a par da necessidade de a lexicografia acompanhar de perto os melhoramentos introduzidos na lição dos textos literários ou de simples valor documental, não resistimos à tentação de apresentar um exemplo que vale por mil.

O Desembargador Agostinho de Mendonça Falcão lembrou-se em má hora de introduzir na quarta edição do Dicionário de Moraes Silva (a págs. 401 do tomo II. Lisboa, 1858) o adjectivo *muliado*, acompanhando-o da seguinte defi-

Nesta série de lições para os colaboradores e futuros lexicógrafos, Casares encara sistematicamente todos os problemas de organização interna e externa que a elaboração de um dicionário histórico comporta quando se propõe registar e classificar criteriosamente «la totalidad de los hechos lingüísticos a que ha dado lugar la evolución y crecimiento del idioma desde su nacimiento». As soluções propostas baseiam-se em raciocínios de feição acentuadamente pragmática e exemplificativa, com os quais, todavia, nem sempre nos é possível concordar, como no caso da posição tomada perante o problema etimológico. Admitindo, em princípio, que «el lexicógrafo debe contentarse... con los resultados a que han llegado los cultivadores más solventes de la investigación etimológica», porque esta requer efectivamente uma forma mental característica «en la que entran por mucho las intuiciones especulativas, la inventiva ingeniosa y una cierta imaginación combinatoria capaz de formular, sobre la base de simples presunciones, las más osadas conjeturas», Casares afirma ser necessária ao lexicógrafo uma passividade que achamos francamente inconciliável com a ideia, hoje

nição: «Monstruoso, adulterado; que nasceu de principios heterogéneos, como os mús e mulas, cujos páes são animaes de diversa especie. II fig. Monstruoso, nascido de máo principio». Mendonça Falcão citava, logo a seguir, um único exemplo de uso deste adjectivo, desenterrado a págs. 422 da «editio princeps» (1721) dos *Apólogos dialogais* de D. Francisco Manuel de Melo: «... não estou bem com a política *mulhada* dos Religiosos». Como era de esperar, o novo lema passou sorrateiramente para todos os dicionários posteriores, desde o de Cândido de Figueiredo (em todas as edições) ao de J. M. Lacerda; desde o de Fr. Domingos Vieira ao de Gaspar Álvares Marques; desde o «Dicionário Contemporâneo» de Caldas Aulete (na 1.^a e 2.^a edição, e, naturalmente, na 3.^a que está em curso) à «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira» e a toda a espécie de dicionários escolares; Adolfo Coelho acolheu-o no seu «Dicionário Manual Etimológico da Língua Portuguesa», e Gonçalves Viana registou-o no «Vocabulário Ortográfico e Remissivo»; emigrou para o Brasil (sempre nas asas da fantasia dos dicionaristas, e nunca acompanhado de um exemplo qualquer de uso, que não fosse o malfadado período que S. Ex.^a exumara), alcançando as honras do triunfo ao ser acolhido por Laudelino Freire no «Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa» (a p. 3526, Vol. IV. Rio de Janeiro, 1943), pelos Autores do «Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa», e por Antenor Nascentes no «Dicionário Etimológico da língua portuguesa»; a Academia das Ciências de Lisboa concedeu-lhe o crisma oficial no «Vocabulário Ortográfico» de 1940, bem como a Academia Brasileira de Letras no «Pequeno Vocabulário Ortográfico» (1943), mas tivemos o prazer de o não ver no «Vocabulário Ortográfico resumido» de 1947. À falta de outros exemplos de uso, os dicionaristas architectaram uma fantasiosa definição etimológica (que é, como se sabe, um sistema perigoso que acarreta ricos bastante graves para o lexicógrafo—mas no caso específico o problema semântico afigurava-se claro e simples), definição que o excelente Mendonça Falcão legou generosamente aos seus sucessores e colegas em Lexicografia, os quais todos a copiaram com uma ou outra ligeira variante, com excepção de Fr. Domingos Vieira, que a reelaborou por sua conta do seguinte modo: «Corrompido, extraordinário, monstifero, espurio. Que dimana de principios heterogeneos, á similhaça dos machos e mulas, cujos paes

óbvia, de que o assentamento de um lema em muitos casos depende justamente do resultado das investigações etimológicas, como aliás admite no § 34. Os etimologistas não são, decerto, «irritabile genus»; mas, se é lícito julgar que os resultados das suas investigações não passam, muitas vezes, de «datos provisionales y inseguros» que o lexicógrafo se vê obrigado a associar «a los hechos lingüísticos estables y escrupulosamente comprobados, como son los que anota el lexicógrafo bajo la fe de múltiples documentos contestes», também será caso para perguntar com que critério se reconhecerão «los cultivadores más solventes de la investigación etimológica» nos quais o lexicógrafo possa confiar com plena segurança: não seria difícil exemplificar cabeçadas e desacertos em que cairam etimologistas, até dos mais abalizados, ou, pelo contrário, razoáveis hipóteses arriscadas e demonstradas por modestos investigadores. Não pode haver lugar para uma contraposição ou independência do processo pragmático da lexicografia à actuação da etimologia no seu terreno movediço: se é verdade que a etimologia de uma palavra não pode limitar-se à sua pré-história sob o aspecto puramente conjectural, devendo também ser corroborada com os dados oferecidos

são animaes de especie diferente. *Figuradamente*: Inaudito, extraordinario, portentoso, oriundo de má fonte».

Pois bem, (risum teneatis...) todo este romance lexical, que esperamos saia desta nota completamente desfeito, nasceu de um erro de leitura do manuscrito, cometido por um tipógrafo, não sabemos se ignorante ou cansado ou aborrecido, ou tudo isto junto, a quem fora confiada a composição de uma das mais infelizes edições de clássicos do nosso conhecimento: a dos «Apólogos dialogais» de D. Francisco Manuel de Melo (1721). Como é sabido, o autógrafo do «Hospital das Letras», onde vem a palavra incriminada, perdeu-se; mas todos os apógrafos que se conhecem estão de acordo em apresentar a lição *inculcada* onde o tipógrafo leu e compôs *mulhada*. Os apógrafos completos são três: o códice 1.007 (fl. 54^v), da Biblioteca da Casa Cadaval, em Muge; o ms. 3.546 (fl. 79^v) da Biblioteca Nacional de Lisboa; e o ms. 8.577 (fl. 176^v), também da Bibl. Nac. de Lisboa; um quarto apógrafo, incompleto, o ms. 338 da Bibl. Geral da Univ. de Coimbra, não chega até esta altura do diálogo. Em todos os três manuscritos (um dos quais serviu para a impressão de 1721, como será oportunamente evidenciado) a palavra *inculcada* está muito clara e não oferece quaisquer dúvidas; portanto, só uma distração do compositor, agravada por outra ainda mais flagrante do revisor (se é que teve revisor essa edição), podia imputar a D. Francisco Manuel de Melo um pensamento que não teve e a responsabilidade da cunhagem de um neologismo chocante e disforme que contrasta com os seus hábitos linguísticos; e não sabemos até que ponto se harmoniza com a estética da formação vocabular na língua portuguesa. De toda a maneira, para descargo de consciência, não devemos esquecer que, no caso de errada leitura do original por parte do tipógrafo, é bem possível que a palavra manuscrita *inculcada* tivesse sido lida como *mulhada*: um ligeiro exame comparativo dos elementos gráficos que constituem as duas palavras escritas «currenti calamo» pode confirmá-lo.

Concluindo esta nota, já demasiado extensa, mas talvez não inútil, aproveitamos a oportunidade que nos oferece o caso desta palavra, que deve ser expungida do vocabulário português por intrusa e inexistente, para confirmar quanto acima se disse a respeito do problema dos textos críticos e da sua projecção no trabalho lexicográfico.

pela sua fase documentada, não parece o melhor critério o da não-intervenção (ou neutralidade) do lexicógrafo perante o problema etimológico, não só porque o próprio estudo da história de uma palavra, ampliado segundo o plano grandioso que Júlio Casares tem elaborado, pode fornecer novas luzes à investigação etimológica e até orientá-la por novo caminho, mas também porque quem tiver a convicção de que o facto linguístico é de natureza eminentemente espiritual e social, e por isso mesmo rico de subentendidos psicológicos mais ou menos conscientes que convém sempre elucidar nos limites do possível, a fim de que conste com clareza a história do vocábulo desde o seu nascimento, achará excessivamente apodictica a afirmação que se lê a p. 35: «... lo que en un momento dado no existió en la mente del hablante ni del oyente, al cambiar entre sí un vocablo, no ha de existir tampoco para el lexicógrafo». Lembrados de que os estudiosos não podem hoje confiar em muitas etimologias consignadas nos dicionários académicos espanhóis, concluiremos que «la anamnesis quintaesenciada de los vocablos» é um ponto de partida imprescindível que o lexicógrafo não pode receber dos outros sem reservas; compete-lhe, pelo contrário, averiguá-lo, apreciá-lo e eventualmente modificá-lo quando a pedra de toque da mais antiga história semântica não confirma a hipótese etimológica. Isto, bem entendido, numa obra que, contrariamente àquilo que o ilustre Autor julga («... en un Diccionario de la lengua destinado a lectores de toda clase»), dirige-se a pessoas que têm definidos interesses intelectuais e estão em condições de não se perderem no ordenadíssimo labirinto da história de uma palavra com a documentação respectiva.

Considerações análogas surgem no nosso espírito a propósito da oposição de Lexicografia e Semântica, respectivamente classificadas como «arte» e como «ciência» em nome das definições anódinas que delas apresenta o Dicionário Académico espanhol. Ora, é precisamente num dicionário histórico da língua que se acentua a íntima colaboração (se não a própria identificação) destes dois ramos da Linguística. Se é verdade que a Semântica estuda o emprego usual e o emprego ocasional de uma palavra, enquanto a Lexicografia se limita a fixar, graduar e catalogar as acepções prescindindo do contexto e de quaisquer factos estranhos, não é menos evidente que a história de uma palavra é história da cultura e deve por isso ser investigada em plena conexão com a evolução dos conceitos que ela exprime: carácter eminentemente diacrónico, isto é, inerente ao estudo histórico de cada pormenor da língua na sua transformação, que deverá ser tido na devida conta por todo o lexicógrafo que queira afastar-se do empirismo pragmático. Ao escrever que «al enfrentarse el lexicógrafo con los fenómenos semánticos, no debe ir más allá de determinar las diferentes acepciones que de hecho concurren en un vocablo y de establecer, cuando sea posible, la relación en que están unas con otras» (p. 55), Casares dá-nos a impressão de que reduz o objecto da Semântica a «inquirir las causas de tales cambios», a investigar o fundamento psicológico-social-linguístico das variações de sentido; contudo, admitido e não aceito que Semântica seja apenas isso, o Autor acaba por reconhecer (veja-se a conclusão do § 23, na p. 57) que o conhecimento de tais causas deve estar bem presente na mente do lexicógrafo, quando queira esclarecer um conceito ou uma acepção. É, porém, muito provável que não estejamos aqui na presença de uma imprecisa delimitação do âmbito e alcance da Semântica, mas antes de um reflexo daquela ideal «imposibilidad y neutralidad del lexicógrafo» que deveria levar este a entrelaçar acepções e formular

definições «concienzadamente esterilizadas de todo germen capaz de originar un efecto estilístico». Talvez Casares insista demais nesta objectividade. Enquanto não encontrar maneira de reduzir uma definição a fórmula matemática ou química, o seu ideal de despersonalização do lexicógrafo chocará fatalmente contra uma realidade inegável: a língua é matéria viva, e um lexicógrafo que perante ela quisesse actuar como o dissector em frente da mesa anatómica acabaria por analisá-la até nos pormenores mais microscópicos, mas também voltaria a entregar um organismo sem vida em vez do complexo vital e dinâmico recebido. E então? Convirá então reconhecer que o lexicógrafo deve renunciar aos seus gostos pessoais e pôr de parte todos os elementos que não sejam universal e razoavelmente aceitáveis, mas sem que para isto deva limitar-se à função de alambique que de todo «hecho expresivo» segrega «su precipitado intelectual». A própria predilecção de Casares por certa fraseologia, bem pitoresca por sinal, tirada das ciências físicas e naturais (notemos, de passagem, que aqui temos um livro primoroso também pelo estilo comedido e cristalino) revela nitidamente uma tendência natural para o mais puro ascetismo lexicográfico, para a separação absoluta que pode existir entre o observador e o aquário. Os três exemplos de infracção deste ideal indicados por Casares não nos parecem muito significativos: os dois primeiros (*A Dictionary of the English Language*, de Samuel Johnson; e *Nuevo Diccionario de la Lengua Española*, por uma «Sociedad Literaria») reflectem tempos e ideias ultrapassados, e praticamente não infringem princípios contemporâneos, ainda menos infringindo «a posteriori» critérios vindouros; quanto ao terceiro (*Dizionario Moderno*, de Alfredo Panzini), seria mera ilusão de categoria retórica pretender colocá-lo no número dos dicionários, pois nesse «antibarbarus» a disposição alfabetada é aspecto de todo exterior e acessório. Panzini, que foi um dos vultos mais originais da literatura italiana deste século, podia ter vasado o mesmo material lexical num romance ou numa série de novelas de argumento linguístico, sem que por isso ficasse alterado o valor específico da obra, que é obra de arte muito mais do que de lexicografia. Uma prova banal, mas eloquente, desta diferença de tom e de atmosfera está nas nove edições que o «Dizionario moderno» de Panzini tem tido até 1950, enquanto duas outras obras, igualmente sérias e documentadas, mas de ordem puramente lexical, ficaram na primeira edição (o *Dizionario di esotismi* de António Iacono) ou conseguiram, quando muito, uma segunda edição, como o *Barbaro dominio* de Paolo Monelli. Em lugar de Alfredo Panzini, que não interessa para o caso, permitimo-nos recordar a Júlio Casares o nome de Niccolò Tommaseo, de quem são bem conhecidos o descomedimento e o azedume disseminados naquele «Dizionario della lingua italiana» que é ainda o maior monumento lexicográfico da Itália; mas devemos acrescentar que, exactamente como Johnson e os autores do «Nuevo Diccionario de la Lengua Española», os dicionaristas do séc. XX não têm seguido por esse caminho...

Casares, em seguida, dedica páginas de excepcional interesse a alguns aspectos especiais, mas muito frequentes, da língua: discute as características das locuções («combinación estable de dos o más términos, que funciona como elemento oracional y cuyo sentido unitario consabido no se justifica, sin más, como una suma del significado normal de los componentes») e ensaia uma classificação delas; passa depois ao estudo das expressões proverbiais (p. 185-204); consagra à análise dos modismos 38 páginas que figuram sem dúvida entre as mais finas do livro e oferecem matéria de meditações a qualquer dicionarista;

discute o problema do «terminus a quo» e o do «terminus ad quem», quando deve fixar os limites cronológicos do caudal lexical no plano diacrónico, derubando a barreira que os lexicógrafos do passado opunham aos escritores vivos e reclamando «plena libertad para utilizar cualquier texto contemporáneo que ofrezca interés para nuestros fines, sin excluir los escritos anónimos (documentos, textos legales, periódicos, etc.). No plano sincrónico, o Autor procura resolver criteriosamente os muitos problemas suscitados pela apreciação das várias camadas da língua comum, mas principalmente pela das línguas particulares, como a gírias e as terminologias profissionais. É opinião deste estudioso que devem entrar de pleno direito no seu Dicionário o material vocabular da «artesania» («que es reducido, que es estable y que, por lo general, es castizo»); os tecnicismos dos ofícios; os tecnicismos das artes liberais; a terminologia industrial (sobre cuja extensão Casares parece alimentar ilusões excessivamente optimistas), inclusive certos barbarismos horripilantes que nunca ninguém extirpará, infelizmente, por serem internacionais e, em geral, serem importações lexicais em íntima ligação com o lugar de origem de determinada indústria ou maquinaria. Pelo que respeita à terminologia científica, ameaçadoramente gigantesca e em contínua evolução, Casares tenciona submeter-se ao critério do especialista, «para que éste decidiera qué tecnicismos de su facultad eran los que por su importancia, por su difusión, por su vitalidad probable y por no tener expresiones equivalentes en el uso generalmente aceptado, habrían de incorporarse a un Diccionario de tipo integral»: critério correcto na aparência, se não soubéssemos que são justamente os especialistas os que contribuem em larga escala para a corrupção da língua (seria fácil prová-lo com inúmeros exemplos) e são levados instintivamente a considerar a sua tecnologia com cioso exclusivismo. Quanto ao critério eliminatório de que se fala a p. 287, não podemos louvá-lo, porque acaba por prejudicar gravemente a história das ciências. Muito judiciosas são as observações sobre os localismos e o seu acolhimento no Dicionário, em relação à grande expansão do idioma castelhano, e sobre os dialectismos.

Somos gratos a Júlio Casares por nos ter dado um livro que, embora esboce a problemática da lexicografia integral espanhola, será lido com proveito por quantos se ocupam de assuntos análogos em qualquer língua, porque os problemas inerentes à linguagem são comuns à totalidade do espírito humano. São lições traçadas com mão de mestre por um homem de extrema sensibilidade e preparação específica (vejam-se, por exemplo, as páginas luminosas consagradas às relações entre Estilística e Lexicografia), dotado de um finíssimo senso histórico-analítico, do qual é um exemplo elucidativo o estudo etimológico-semântico do lat. *ordo* e sua descendência espanhola (p. 74-87); são páginas ricas de ensinamentos, generosas de exemplificação baseada num conhecimento excepcionalmente vasto do caudal linguístico, penetrantes e originais na inquirição das várias facetas de cada problema.

Mais que uma resenha crítica do livro, que, pela multiplicidade dos assuntos exigiria um espaço excessivo, quisemos simplesmente exprimir algumas reflexões sugeridas pela leitura atenta do mesmo. Reunindo em si a ciência, a arte, a espiritual finura e a capacidade construtiva que precisam para erguer um tal monumento linguístico, Júlio Casares terá jus à gratidão da sua Pátria e à estima ilimitada dos estudiosos: por todos estes fala com autoridade Walther von Wartburg nas páginas introdutivas do livro.

GIACINTO MANUPPELLA

Werner Beinhauer, *Das Tier in der spanischen Bildsprache*. (Ibero-amerikanische Reihe, ed. R. Grossmann. 20). Hamburg, Ibero-amerikanisches Forschungsinstitut, 1949. 135 págs.

O Autor de *Spanische Umgangssprache* e de *Spanischer Sprachhumor* continua aqui os seus estudos sobre a metafórica da linguagem corrente e familiar espanhola, iniciados nas *Romanische Forschungen*, vol. 55, com um trabalho sobre a fraseologia relativa ao corpo humano. Como nas suas publicações anteriores, reúne na presente sobre o animal na metafórica popular espanhola um riquíssimo material, grande parte do qual não aproveitado até agora, dando-lhe uma interpretação sempre segura. Assim, este livro há-de enriquecer consideravelmente os futuros dicionários e dicionários de modismos espanhóis e será um valioso instrumento para trabalhos comparativos. A apresentação do material é feita numa forma hábil e animada; pelas felizes traduções alemãs, com que os exemplos espanhóis geralmente se acompanham, a obra dá ainda, aos conhecedores do espanhol, uma óptima introdução à linguagem familiar alemã.

No momento em que escrevemos estas linhas (Outubro de 1950), Werner Beinhauer está ainda tragicamente retido como prisioneiro de guerra; este facto explica a falta, neste seu livro, dum índice de matérias e índice de palavras que esperamos virão acrescentar-se-lhe para uma mais fácil consulta prática.

HARRI MEIER

Beinhauer não se limita a reunir vasto material e a explicar o seu significado em alemão mas procura sempre descobrir a causa da metáfora e fá-lo, diga-se, com penetração sóbria, evitando fantasias absurdas. Por vezes citam-se provérbios que ajudam à melhor compreensão e, não raro, os trabalhos anteriores, principalmente o de Riegler, são completados ou corrigidos em certos pontos. Por exemplo, a pág. 23 nota que *pájaro* entra como componente sentimental negativo mesmo nas expressões *pájaro gordo* ou *pájaro de cuenta*, e *pájaro de cuenta* não é, como pensa Riegler, uma pessoa de influência mas um cadastrado perigoso, um gatuno. A p. 39 explica que *está hecho un pez* na significação de 'mau discípulo' não se refere à pouca inteligência mas à mudez do peixe: 'mudo como um peixe' donde 'estar fora do assunto'. A frase *que vá usted a pisar un sapo* (p. 47) diz-se às pessoas mal acordadas, não como se se tivesse receio que pise um sapo, mas para lhe pregar um susto que lhes faria passar o sono. *Ratón* 'pedra no fundo do mar', 'escolho', não deriva somente do facto do rato ser roedor, como pensa Riegler, mas por comparação com um parasito que estraga às escondidas; *ratero* 'rastejante', 'voo rastejante dos pássaros' é pouco provável, como pensa Riegler, referir-se às pernas curtas do rato, porque não deriva de *ratón* mas de *rata*, pelo que julga mais provável uma alusão ao deslizar dos seus movimentos; o adj. *ratero* 'ignóbil, vil' deve ser influenciado por *rastrero*: daqui *rateria* 'pensamento vil' (p. 71 e nota 111). Contrariamente à explicação dada por Sharbi para a expressão *sudar como un pollo* — porque o pintainho recém-nascido sua fortemente — crê que originariamente se aludia à galinha assada (p. 88). *Desollar la zorra* não significa somente 'dormir pela acção do álcool', como pensa Riegler, mas também 'tocar-se da pinga' (p. 93).

Quando uma metáfora foi introduzida pela literatura ou pela Bíblia Beinhauer indica-o sempre e, assim, é possível reunir as que foram introduzidas em espanhol por essa via e podemos concluir que existem quase todas em português. Acepção religiosa dada à ovelha, cordeiro, pastor, etc.: *oveja* (Agnus Dei), *cordeiro de Diós*, *cordeiro sin mancilla*, *oveja que va al matadero, como un borrego que llevan al matadero*, *oveja descarriada*, *el chivo emisario*, *adorar al becerro de oro*, *heriré al pastor y se descarriaran las ovejas*. Também a má fama de que é objecto o cão, cuja designação, *perro*, se aplica a mouros e judeus, com o modismo *hacer tanta falta como un perro en missa*. Da Bíblia vêm o tomar-se a pomba para símbolo da inocência e a alusão ao corvo diluviano: *tomar la ida del cuervo* 'não voltar' e *ya viene el cuervo* 'chega auxílio', neste caso referido ao caso de Elias. De acordo com Sbarbi atribui a expressão *otro gallo le cantara* (p. 85) a um jogo de palavras de certo poeta, em que o rio espanhol *Gallo* é oposto a outro *Gallo* da Frigia preferido pela sua água e grande riqueza de peixe. Muitas metáforas e provérbios vêm das fábulas: *echar margaritas a los puercos*; *dentro está el asno (ya le vi la oreja)*; *las uvas de la zorra*; *están verdes*; *parece zorra que ha comido ágraz*; *meterse en la boca del lobo*; *reservarse la pata del león*; *leonera* (casa de jogo); *quien va a poner el cascabel al gato?*; *quien de ajenas se viste, en la calle le desnudan*; *engalanarse con plumas ajenas*; *hincharse como la rana que quiso igualarse con el buey*; *criar la sierpe en el seno*; também a ideia de força que se alia ao tigre ou a de trabalhadora à formiga.

Compreende-se que o autor de *Der spanische Nationalcharacter* e de *Der menschliche Körper in der spanischen Bildsprache* dirija todo o seu interesse para o que diz respeito à pessoa humana, seu aspecto físico, espiritual, moral, actividades, etc. As designações de objectos e de nomes abstractos não relativos ao homem apresentam material menos completo e basta comparar com o português para que a proporção mostre que Beinhauer teve em vista principalmente o paralelo homem-animal. Aproveitando o material coligido por Beinhauer e por nós em *Os animais na Linguagem Portuguesa*, vamos tentar agrupar o que há de comum e de diferente ao português e ao espanhol na preferência dos vários animais para a criação metafórica respeitante ao homem, pois muitas vezes «o português diverge do espanhol em coisas essenciais», conforme Heinz Kröll nota na crítica feita a este estudo de Beinhauer, o que um trabalho comparativo demonstraria (*R. F. P.*, v. IV, t. I, p. 239-242). Não esqueçamos, porém, que, pelo facto de não termos encontrado nos textos expressões portuguesas equivalentes, elas não possam existir na linguagem falada que, espontâneamente, cria a cada passo novas metáforas e comparações; muitas das nossas citações foram colhidas em textos literários que procuram reproduzir o falar do povo, principalmente em Aquilino Ribeiro e também Nemésio, Torga, Fialho, Camilo, etc. e nos vocabulários das gírias. Não indicamos aqui as fontes por o fazermos no citado trabalho e pomos de lado os provérbios.

Se compararmos as expressões para gordura, força e resistência física ou estatura elevada encontramos em comum, como termo de comparação, o gado taurino, bovino, porcino e cavalar, o gato, a baleia e o peru, mas o ptg. oferece mais variedade no que se refere ao toiro, o esp. no que diz respeito ao porco. O esp. usa metafóricamente as designações do camelo, do elefante, do hipopótamo, da sanguessuga e até do mastodonte enquanto o ptg. prefere o teixugo, a lontra, o arganaz, o lapouço, o busaranho (de musaranho), a pata choca, a ema, o besugo, o baiacu (Viotti), o cágado e o sapo.

Em ambas as línguas as bestas de carga e a fera designam as pessoas que trabalham brutalmente, mas encontramos em ptg. menos variedade de expressões e, enquanto o ptg. alude ao boi e ao camelo, o esp. prefere o lobo. O conceito de comilão sugere aos espanhóis mais comparações com animais. Em comum temos o *animal* ou o *bicho*, em geral, o lobo, o porco, o touro (ptg. bezerro), o cão, o avestruz. O esp. por seu lado compara o comilão ao tigre e ao cavalo, ao abutre, ao peru e ao frango, à sevandija, à sanguessuga, à lombriga, ao gafanhoto, ao bicho da seda e às moscas. O ptg. só tem a mais a jibóia. Já para as expressões referentes à bebedeira e ao bêbado notámos maior riqueza em ptg., sendo comuns a raposa e a mona, o bicho (esp. gusanillo) e o mosquito. O esp. só tem a mais o lobo, o burro e a pescada, ao passo que o ptg. faz referência ao macho, ao porco, à cabra e ao chibo, à gata, à cachorra, ao ganso, à ema, à perua, à torda, à cegonha, ao frango, ao pombo, à osga, à sanguessuga e à lagartixa (bras.).

Os pássaros são tidos em ambas as línguas na conta de petisqueiros e poco comilões. O furão goza da mesma fama em Portugal: o coelho, o rato, o camaleão e os insectos em Espanha.

Os espanhóis comparam as pessoas luxuriosas ao gato, ao macaco e ao pardal, enquanto os portugueses atribuem a afrodísia a ter comido miolos de burro.

Tanto em ptg. como em esp. a coelha é tomada para termo de comparação da mulher muito fecunda. Em ptg. emprega-se também nesse sentido a porca, a rata e a vaca 'boa ama'.

Para magreza, fraqueza física ou baixa estatura servem metafóricamente a cabra, o coelho, o rato, os pássaros e os animais marinhos, peixes e crustáceos (oferecendo o ptg. muitos mais exemplos para peixes), os vermes e insectos. O esp. tem a mais comparações com a gata parida (ptg. 'não pode com uma gata pelo rabo'), com o cavalo e com o macaco. Note-se que o ptg. tem uma preferência pelo cão, como animal magro, acepção em que não vem citado por Beinhauer em esp. (mas em chileno *galgo*, cp. Oroz, *Atenea*, 87, sp. p. 11), aludindo ainda à gazela, à fuinha, à chinchila, à perereca (bras.), à lagartixa e à osga torrada.

O cão aplica-se em ptg. e esp. para friorento, enquanto o suar muito lembra em ptg. o cavalo, o boi e o cão (irónico), e em esp. o frango e o pato.

Para pouco asseado tomam ambas as línguas o porco e o gato. O esp. escolhe a rata e os insectos; o ptg. o bode, o cão, a poupa e o sapo.

Em ptg. não encontramos animais associados às pessoas asseadas; Beinhauer cita em esp. a mula, o gato e o pirilampo.

Os espanhóis associam às pessoas idosas a rata e o papagaio; os portugueses a onça, a coruja, a serpe e atribuem a longevidade a ter comido carne de grou. O cordeiro, o cavalo e o potro, o macaco e o frango são igualmente associados à criança, mas já o rato é comparado diferentemente: o esp. *ratonado* é a criança que aprendeu a andar muito depressa; o ptg. *murganho* a criança enfezada. O esp. associa-a por seu lado ao bicho mau, à cegonha, à codorniz e à rã; o ptg. à vitela ou ao bezerro, à cabra, ao porco, ao coelho, ao gaio, ao chincharavelho, ao taralhão, ao perdigoto, à osga, ao mosquito, à formiga, ao piolho, ao bicho de pêssego e aos grilinhos (bras.).

No que diz respeito à voz humana, aliando-se às vezes a ideia de mexerico, encontramos em ptg. maior riqueza de comparações e diferenças na interpretação. Ambos se referem à voz do gado bovino, como ruidosa e pouco eufónica, à mudez

do peixe, ao ruído importuno da cigarra, das moscas e mosquitos, do besoiro (ptg.) e do grilo (esp.). O papagaio, a pega, o gralho valem por faladores inconscientes, as aves de canto designam os cantores de boa voz ou comparam-se-lhes. Note-se que o esp. atenta na voz desagradável da rata, enquanto o ptg. na mudez do rato e ouve a tosse do cão, o ladrar, o rosnar, o ganir, o uivar, todos aplicáveis à voz humana. O alcatraz e o galo são tidos em ptg. como maus cantores e a cobra e o sardão como silenciosos. O esp. tem comparações também com o furão e o ouriço, o ptg. com o cavalo, a cobra, a porca, o gato, e atribui a rouquidão à vista do lobo e da raposa. O ptg. vê o riso do macaco, o sorriso canino ou de cachorro e o esp. a *risa del conejo* ou as *lágrimas de perro*.

Relativamente à cor, são comuns as comparações da mosca no leite e da carocha para pessoas escuras, mas no bras. barata diz-se da pessoa pálida porque lá as baratas são louras. O esp. compara ainda com a doninha e com o monco do peru a vermelhidão das faces, que o ptg. associa ao bezerro e ao novilho, ao coral, à lagosta, ao camarão. A cor escura da tez relaciona com a mula ou a cabra, a mulher vestida de branco com a pombinha.

Grandes são as diferenças na escolha dos animais que exprimem o conceito de beleza, elegância, bom gosto no trajar: apenas uma certa aproximação entre a beleza feminina comparada com a égua e a mula. O esp. tem o macaco na conta de gracioso; o ptg. muito frequentemente faz associações entre a beleza feminina e a gazela, a borrega, a doninha, a ratinha, o peixe, a faneca, o passarinho, a arvéola, a garça, a narceja. Mais numerosas são em ambas as línguas as aproximações entre a fealdade e a má catadura humana e animal, principalmente com o cão, o porco, o urso, o macaco, o rato, certos pássaros (coruja, papagaio, catatua, gralho, grou, cuco, pintalegrete) e a barata. Os espanhóis acham feio o lobo, o grilo, o escaravelho, o cavalo, o sapo; os ptg., por seu lado, têm muitas comparações com peixes, além do bode, onça, gato, toupeira, cobra, esga, tartaruga, lesma, centopeia. Os olhos são comparados comumente aos do carneiro, da toupeira, do rato, do linco, da coruja, do besugo, do sapo. Em esp. aos do boi e da pulga; em ptg. aos do porco, do cão, do gato, do lobo, do gavião, do cágado, do gusano, etc. Os dentes, aos do rato. Em ptg. aos do cavalo, do coelho e do elefante: em ptg. aos do cão, do lobo, da cabra e do marraxo. A girafa e o cisne fazem-se notar pelo pescoço. Em ptg. também a garça e em esp. a cegonha. O gato pelas unhas aguçadas, a aranha pelas pernas compridas mas vacilantes e, em ptg., o cão pelas pernas tortas, a cegonha pelas pernas compridas, o pato pelas pernas curtas e a lontra pelos pés pequenos. Em esp. o gebo associa-se ao camelo e, em ptg., ao golfinho, à tartaruga e ao marreco (de pato marreco?). Muito poucos exemplos cita Beinhauer relativos às partes sexuais, de que encontramos muitos exemplos para o ptg., possivelmente porque teve mais interesse pelo que pode exprimir as reacções psicológicas ou pelo caricatural que mais de uma vez põe em relevo como característico do povo espanhol. A ideia de movimento é dada pelo cavalo, galgo, gato, coelho, cabra, boi, lebre, gamo, peixe, várias aves ou pássaros, carangueijo, caracol, lagartixa, cobra, conforme a ligeireza ou lentidão dos animais. O esp. tem a mais comparações com o cordeiro, a rata, o porco, o esquilo, o macaco, o camelo, a tartaruga, o escaravelho; o ptg. com o bicho, o burro, a gineta, o lobo, a onça, o morcego.

Os animais que se deixam conduzir em rebanho e as bestas de carga compararam-se aos espíritos servis, que se deixam guiar pelos outros. O macaco é o símbolo da imitação. A fraqueza de carácter é associada pelos ptgs. aos ani-

mais sem sangue : o peixe e a barata e, enquanto o ptg. usa *alma de chicharro*, o esp. alude à alma do mosquito. O servilismo e adulação são característicos do cão, animal que ptgs. e esps., escolhem para traduzir essa atitude ; o esp. compara à atitude rastejante da cobra ; o ptg. à baba da lesma (*lesmar*) ou ao movimento de abaixar da alverca (*alvercar*). A lisonja é dada pelo gato, pelo peru ou pelo movimento sinuoso da cobra, cfr. os espanhóis.

O camaleão, a cobra e a borboleta são em ambas as línguas associados ao espírito leviano ; em esp. também a andorinha e a abelha ; em ptg. a cabra, a lebre e os pássaros, quando se trate de mulheres. Zorra designa em ptg. e esp. a prostituta que, em ptg., também é associada à porca, ao boi, à vaca, à loba, à borboleta. O macho da cabra designa em ambas as línguas o homem atraído ; em esp., por causa da analogia com os chifres, alude-se ao caracol ; em ptg. temos o gamo, o boi, o porco e o cuco.

O touro vale como animal que causa medo e o cão, a lebre, a gazela e a galinha são símbolos da timidez e da cobardia. O esp. faz alusão ao coelho, ao gato, ao rato, ao macaco, ao passarinho, à codorniz, à lagartixa, à mosca, à formiga ; o ptg. ao leão entre ovelhas, à vaca (*avacalhar*, no bras.), ao perdigoto, às lombrigas, à barata, ao bicho de conta.

Em esp. torna-se o macaco para símbolo da vergonha, bem como o touro corrido ou a lebre. A pouca vergonha vê-a o esp. na cabra e o ptg. no cão.

O estúpido é figurado pelo burro, o borrego, o bezerro, o rato, a toupeira, a urso, o galo, os peixes (com maior variedade em ptg.), a mosca. Em esp. ainda na cabra, no macaco, no pardal, na codorniz, no cuco, no avestruz, no peru, no ganso, no pombo, no mocho, no percebe e no grilo ; em ptg. na vaca, no gato, no camelo, no coelho, na zebra, no jacaré, no lobo, no bácoro (cp. *bacorada* 'asneira'), na rola, no picanço, no grou, no pato, no tordo, no besoiro, na aranha.

A falta de habilidade e a inexperiência são expressas em ptg. pelo podengo, o gato, o passarinho e a aranha ; em esp. pelo porco, o macaco, e o galo.

Para teimoso serve o burro e o cavalo. Em ptg. também o cão, o carneiro e o porco.

O boi e o macaco exprimem o amuo. O ptg. compara ainda com o burro e o macho, a cabra (bras.), o urso, o coelho, o camelo, o mocho.

A muita paciência e impassibilidade são consideradas próprias do burro e, em esp., também do cavalo.

A inquietação, nervoso, loucura lembram animais muito ágeis e mexidos, como a cabra usada em ptg. e esp. ou, em esp., o coelho, os gatos à briga, os pássaros, o açor, o milhano, o rabo de lagartixa e, em ptg., o tordo, a galinha rhoca (bras.), a cobra, a aranha. A acção da mosca, da pulga, da formiga, do bicho carpinteiro, do tavão (estavanado), traduzem inquietação, desconfiança. O cão, a raposa e o zângão são os símbolos da preguiça, bem como em ptg. a vaca, o gamo, o bode (bras.), a galinha, o cágado, a lontra, o chicharro, a mosca, a mariposa (referido a homem).

A pessoa miserável, triste ou azarenta compara-se ao cão e à ave de mau agouro. Mas o esp. tem a mais o rato e a rata, a mula, a raposa, o porco, o coelho, a sardinha, o carangueijo, a traça, a pulga, o percebejo, o piolho, e o verme ; o ptg. prefere o macaco, o lobo, o urso, o gato, o peru, a galinha, o burro (*caveira de burro*), o caramujo, a mosca.

Os misantropos são em ptg. bicho do mato, do buraco (bras.), da toca, do monte, de conta, mocho e coruja ; em esp. prefere-se a fera, o urso, o cevado, a

rata, o furão, o pássaro, o bicho de concha, a ostra, a amêijoia, o caracol, a formiga morta.

O ptg. *ave rara* e o esp. *mirlo blanco* são as pessoas que aparecem raramente. O noctívago é em esp. e ptg. associado ao morcego; em esp. aos gatos, em ptg. ao noctibó e à lêmdea. A designação de *animal e fera*, com seus derivados, o leão, o tigre, o lobo, o boi, o touro e o bezerro, a cabra, o porco, o cão, o gato, o galo, os répteis, o caracol e a lesma (por causa da baba) são comparados às pessoas de mau carácter, cruéis, irascíveis ou vis. O esp. refere-se à hiena, ao rinoceronte, ao elefante, ao macaco, ao ouriço, ao pássaro mau, ao peru; o ptg. ao urso, à ovelha, à rês, ao burro, ao potro, ao furão, à toupeira, à corça, à toninha, ao gavião, ao pato bravo, à raia, ao bacalhau, à barata.

Oferece o esp. muitas expressões inspiradas em animais para os conceitos de 'maltratar', 'perseguir' ou 'ser perseguido, maltratado'; em ptg. encontramos poucos casos paralelos: o cão, o gerifalte e pouco mais. O esp. alude ao touro das touradas, à besta de carga, ao porco, à cobaia, aos animais perseguidos na caça, aos insectos importunos.

O ptg. e o esp. associam à esperteza, à manha e à capacidade de enganar, a raposa, o cão, o gato, o rato, o macaco, a mula, o coelho, o linco, o pássaro, a águia, a coruja, o peixe, a cobra, o crocodilo, a mosca. Em ptg. encontramos o bicho, o boi, o cavalo e o burro, a onça (bras.), o urso, a jararaca (bras.), a anta, a rês, a fuinha, o furão, o melro, o pardal, o avestruz, a sirigaita, o laverco, o marreco, o gavião, o açor e o bicho de concha, o caramujo, o coral, o cágado, a osga, a abelha. Não encontramos em ptg. alusão ao porco, à lebre, ao esquilo, ao cuco, à rã, ao lagarto, à lagartixa, ao basilisco, à barata, à vespa, à aranha, todos estes usados em esp.

A coragem exprime-se pelo acto de enfrentar o touro ou, segundo a fábula, de pôr o cascavel ao gato. O leão é o símbolo da valentia. O touro e o lobo criam situações perigosas. Em ptg. também a fera, a cabra, o cão e a cobra são comparados ao corajoso; em esp., ao lado do tigre, do lobo, do potro, vem a pulga na série dos animais imprudentes e como situação perigosa alude-se ao vespeiro, à praga dos gafanhotos e à dificuldade de levar o gato à água. Para persistente tem o esp. o gato, o furão e o percevejo.

O galo e o peru são os símbolos do vaidoso. Em esp. é a mula de feira, em ptg. o chicharro, o paspalhão, a rã. A coquete compara-se à perdiz e ao melro. O que vive livremente ou leva vida errante compara-se aos pássaros ou ao caracol e, em esp., ao touro, à rata e aos bichos do mato.

Para importuno e maçador escolheram o ptg. e o esp. o cão, a mosca, o mosquito, o piolho, o percevejo. No esp. encontramos referência ao acto de tourear, à carne de pato, à ostra, à amêijoia; em ptg. ao boi, ao taralhão, à enchova, à abelha, à pulga, à carraça.

As pessoas felizes, contentes e alegres são comparadas ao gato, ao rato, aos pássaros, ao peixe. Em esp. temos também a raposa, a rã e a abelha; em ptg. o cão, o porco e o carrapato.

Para os laboriosos escolhe-se a formiga e a abelha. Em esp. o pássaro, a aranha e o bicho da seda; em ptg. o muito estudo associa-se, pela analogia entre a atitude de baixar a cabeça, com o *marrar* do touro.

O invejoso lembra em esp. o gato, em ptg. o sapo. A avareza, a ganância, o egoísmo comparam-se ao lobo, ao abutre, aos parasitas. Em esp. também ao

cuco, ao gafanhoto e à aranha; em ptg. ao cão, à fuinha, à foca, ao morcego, ao porco, ao alcatrate, ao peru, ao bufo, ao tubarão, à ostra, ao polvo.

O bom carácter, a docilidade e a inocência são comparadas à ovelha e ao cordeiro, ao cão, aos pássaros e, principalmente, à pomba e à rola. A gata e o rato exprimem em esp. mansidão de génio e o cavalo nobreza de carácter; em ptg. a galinha indica bondade.

O pombo e a rola são escolhidos para designação dos namorados. Em ptg. muitas outras designações derivadas das de animais se aplicam à namorada, à amante, ao namorado, ao acto de namorar, etc. Encontrámos nos textos e vocabulários de gírias: *cachorrinha* (cp. esp. *más enamorado que un perro*), *bichinha*, *gatinha*, *potranca*, *mula*, *garanhão*, *rinchão*, *rinchar*, *gazela*, *corça*, *leão*, *toirear*, *peru*, *peruar*, *arrastar a asa*, *engalfiçar*, *pintalegrete*, *pegá*, *bespa* (v. mais em Leite de Vasconcelos, *Antroponímia*, 211). A sogra, a esposa, o companheiro são a *fera* ou *foca*, a *raposa* ou *cegonha* e o *pardal*. Algumas designações cita Beinhauer relativas a profissões: *lobo marino*, *marinheiro*; *pajarraco negro* e *cucaracha*, *padre*, *golondrina*, *desertor*, *pájaro de cuenta*, *cadastrado*, *ratón*, *urraca*, *picaza*, *manos de águia*, *ladrão*. Em ptg. reunimos abundante material: *bicho*, *fera*, *tigre*, *urso*, *mula de enterro*, *coelho*, *rata*, *ganso*, *truta*, *lagarto azul* para estudantes de vários graus e escolas: *fera* e *morcego* para professores, *jacaré*, Bedel da Universidade de Coimbra; *raposão*, *dromedário*, *gato*, *gatuno*, *rato*, *ratazana*, *rateiro*, *ratoneiro*, *milhafre*, *cisne*, *dragão*, *formigueiro*, *formigão*, para ladrão; *grulha*, *juiz*; *rato de cadeia*, *advogado*; *leopardo*, *javardo*, *onça*, *morcego*, *cabra*, *cabro*, *cabrito*, *cabrada* (bras.), *mastins*, *cão de fila*, *pardal*, *cegonha*, *cuco*, *bufo*, *coruja*, *rã*, *sapo*, *mosca*, *varejo*, *grilo a cavalo*, *lacrau*, *percevejo*, *galfarro*, *polícia*; *lebre*, *cavalo branco*, *oficial de diligências*; *toupeira*, *galo*, *galucho*, *galo enfeitado*, *capão*, *pavão*, *palmipede*, *pinguim*, *picanço* (*companhia do*), *alforreca*, *pescada*, *escaravelho*, *chato*, *aranha* para soldado; *morcego*, *padre*; *vaca* (bras.) e *formigão*, *seminarista*; *barata*, *irmã de caridade* (bras.); *pata choca*, *sacristão*; *galo*, *jornalista*; *foca*, *repórter bisonho*; *lobo* ou *leão do mar*, *marinheiro valente*; *jararaca*, *porteira* (bras.); *eguarico*, *pastor*; *gafanhoto*, *ciclista*, *varredor* (bras.); *papagaio*, *porteiro dos cavaleiros nas praças de touros*; *cabra cangaceiro*; *gato pingado*, o que conduz o cadáver nos enterros; *andorinha*, *modista que vai a Paris buscar modelos* (bras.); *perdigão*, *anarquista*, *burro*, *miguelista*, *formiga branca*, *partidário de Afonso Costa*, *pioelho verde* *membro da Legião Portuguesa*.

A comparação do uso metafórico de animais, no que diz respeito ao homem, mostra que, ao lado de muitos casos análogos entre o ptg. e o esp., algumas divergências há: mesmo quando um animal é tomado para exprimir o mesmo conceito, às vezes, é encarado sob diferentes aspectos em ptg. e esp. Assim, na associação rato-criança o esp. alude à viveza do rato e o ptg. à sua pequenez e magreza; os espanhóis notam os sons desagradáveis da rata, os portugueses o silêncio do rato; aqueles atentam nas lágrimas do cão, estes na sua tosse e no seu sorriso. Os espanhóis têm mais expressões alusivas à fealdade do lobo, mas os portugueses detêm-se na dos peixes. Quando comparámos os animais usados para os movimentos, vemos, por exemplo, que o esp. tem presente a imagem do cavalo e da mula coxa e o ptg. tem, por seu lado, a do cão de lata ao rabo, que o esp. aproveita a rapidez do coelho, enquanto o ptg. se limita ao seu movimento de agachar-se; o esp. alude mais à ligeireza dos pássaros no voo, enquanto o ptg. se compraz em comparar os seus passos saltitantes aos da mulher e repara na sua posição no ninho; diferente é também a observação do caracol. Ao

tomar a lebre como símbolo da cobardia e da timidez, o esp. é mais explícito, aludindo ao facto da lebre 'dormir com os olhos abertos' e crê que o medo contagia o homem que comer o animal, facto este de transmissão das qualidades, de origem possivelmente totémica que o ptg. conserva em vários outros animais e o esp. não: *chupar baratas, comer cobra, comer carne de grou*, etc. O ptg. associando a manha à velhice tem a expressiva imagem do *raposão do rabo pelado* e enquanto o esp. escolheu a *mula de alquiler* para símbolo da manha, o ptg. preferiu a *mula de físico* e por vezes é mais minucioso, insistindo nas particularidades que tornam o animal esperto: *coelho de dente fino, pássaro de bico amarelo, sargo velho*. Estes exemplos e muitos outros que as metáforas reunidas e postas em confronto nos proporcionam são já significativos quanto às divergências mais ou menos grandes entre o ptg. e o esp. bem como aos seus paralelismos, muitos dos quais se estendem, de resto, a outras línguas. O confronto dos provérbios, das designações de objectos, das imprecações, mesmo das alcunhas e do folclore não deixariam de apresentar aspectos sugestivos.

DELMIRA MAÇÃS

Roger Pinon **La coccinelle wallone, messagère de bonheur.** — *La Wallonie Libre*, Junho de 1946.

Le folklore de la coccinelle dans la province de Liège. *Bulletin de la Société Royale «Le Vieux-Liège»*, Março de 1949, p. 355-359.

Le folklore de la coccinelle. *Idem*, Maio de 1950, p. 472-475.

Le folklore de la coccinelle dans la province de Namur. Les Lettres Mosanes, Páscoa de 1949, p. 102-106.

Le folklore de la coccinelle dans le Roman Pays de Brabant. Le Folklore Brabançon, Novembro de 1949, p. 167-171.

Le folklore de la coccinelle dans le Hainaut. Pro Wallonia, 1950, p. 5-9.

Le folklore de la coccinelle dans la province de Luxembourg, sp. 1949.

Le carabe doré dans le folklore wallon, Revue Verviétoise d'Histoire Naturelle, n.º 5, 6, 7 de 1950, p. 60-67.

Le folklore du grillon en Wallonie. *Idem*, n.º 8, 9, 10 de 1950, p. 84-95.

La chauve-souris dans le folklore wallon. *Idem*, n.º 11, 12 de 1951, p. 14-22.

Roger Pinon vem dedicando a sua atenção a alguns animais cujo interesse folclórico vale a pena ser explorado. Em primeiro lugar, publica vários artigos sobre a joaninha; em 1950 aparece o trabalho sobre o carabo dourado, o grilo e o morcego. Para breve anuncia-se um estudo sobre o caracol, a que se seguirão possivelmente outros relativos ao besoiro, à libelinha, ao gafanhoto, etc. R. Pinon limita o seu campo de investigação à Valónia, região bem sua conhecida e, aí, faz uma colheita exaustiva das designações por que o animal é conhecido, dando todas as variantes fonéticas dialectais, das tradições, crenças, fórmulas, jogos, topónimos, antropónimos, etc., ainda vivos entre o povo, os quais completa

e compara com o material já publicado. É indiscutível o valor destas monografias sobre animais, quando feitas com o cuidado e critério de R. Pinon e o interesse que oferecem tanto à Linguística como à Etnografia comparada. Em português, relativamente à joaninha, contamos com o trabalho de Bouza Brey para o galego-português; o louva-a-deus e o lagarto têm a sua monografia mas o grilo e o morcego, o caracol, o besoiro, etc., esperam ainda quem se interesse por eles e, enquanto a sua vez não chega, ficam em situação muito inferior relativamente aos seus irmãos valões. Isto prova a necessidade de investigações in loco orientadas por estas palavras com que R. Pinon termina o estudo sobre o cáрабо dourado: «O naturalista, como o folclorista e o dialectólogo, estuda não sòmente o insecto em si mesmo, mas ainda o seu papel e a sua importância na vida humana. Qual é a parte de crença e de observação justa naquilo que o povo vai buscar ao animal? E donde vêm a grande variedade das denominações e as crenças que persistem com tenacidade entre os humildes e as crianças?» A rica colheita de designações e fórmulas relativas à joaninha e ao cáрабо permitem a R. Pinon organizá-las em grupos e comparar entre si as que são comuns a vários insectos, procurando sempre separar o que é próprio de cada um, do que resulta de confusões e cruzamentos. É digna de nota esta preocupação de «dar a César o que é de César» conforme as suas palavras, trabalho aliás nem sempre fácil. Quanto às designações da joaninha, temos as que a fazem animal de Deus ou de um santo; as que são antropónimos, primitivos nomes de santos; as que resultam de confusão com outros insectos; as que a identificam com a vaca e a galinha; as que resultam de jogos (*horloge* por se pedir à joaninha que indique as horas). O galego-português apresenta muito menos variedades (temos *boi-de-deus* (?) cf. Morais, X.^a, *santa-luzia*, *galinha-de-são-pedro*, *bichinho-de-diós* e *paraxiña-de-diós* para o primeiro grupo, faltando os tão vulgares *são-martinho* e *são-jão* ou mais raros *são-crepim* e *santa-teresa*, embora desta se possa aproximar o ptg. *teresa*, comum à borboleta e à joaninha).

Das numerosas designações do cáрабо dourado, apenas cinco considera R. Pinon como lhe sendo com certeza próprias: *bête d'or*, por causa dos tons dourados do insecto, *cheval-du-bon-dieu*, derivado do modo saltitante como anda, *clou-d'or*, por analogia com a forma da cabeça do prego, *jardinière*, por destruir muitos bichinhos, *carosse-du-bon-dieu*. As restantes resultam de confusões (*martin-du-soleil*, *bête-du-bon-dieu*, *poule-du-bon-dieu*, com a joaninha; *maréchal*, com o *bousier*; *sauteuse-du-bon-dieu* com o pulgão, *couturière* com a rala) ou de cruzamentos (*vache-d'or*, *vache-du-bon-dieu*, *cheval-d'or*, *cheval-de-saint-martin*, *cheval-du-diable*, *cheval-de-pré*, *cheval-du-bon-dieu*, *poule-d'or*, *couturière-du-bon-dieu*, *sauteuse-du-bon-dieu*).

Dá-nos Pinon algumas hipóteses para explicar certas designações ou critica explicações anteriores mas fá-lo sempre com grande prudência, evitando fantasias absurdas para os casos mais difíceis, preferindo dizer francamente que não percebe o motivo que levou a chamar-se assim ao animal, como no caso de *galinha* para a joaninha e o cáрабо dourado. Explica a designação de *maréchal* dado ao *bousier* por ser sujo e negro como os ferradores. *Couturière* 'ralo' por causa do movimento rápido das patas do cáрабо ou, talvez preferivelmente, por este cortar as raízes tenras (Bouza Brey, no entanto, prefere uma explicação estimativa para a designação galega da joaninha, *costureiriña*: porque as costureiras são geralmente muito estimadas, por serem assenhoradas, namoradas, bonitas, prendadas, etc.). Repugna-lhe aceitar a origem mítica das designações da

joaninha vaca e *galinha* proposta por Pauwels, segundo o qual teriam em vista valorizar a sua importância mitológica ou mágica, dando-lhe os nomes dos animais de maior valor para os camponeses. Inclina-se mais para a analogia entre o modo de andar dos insectos e o da vaca ou do cavalo mas não rejeita a tese do inglês Lewis Spence que atribuiu muitas designações de insectos a terem eles sido para os Celtas metamorfoses de fadas ou espíritos e vários factos lembra Pinon que parecem apoiar esta tese, como o de a vaca ser em muitas mitologias a divindade da chuva e o cavalo ser animal mitológico associado ao Sol. O cábaro podia ser metamorfose do espírito da chuva (matá-lo atrai chuva) mais tarde cristianizado: *bête-à-bon-dieu*. O facto de se lhe pedir ouro nas fórmulas reforça a tese 'ritualista': só um deus pode fornecer riqueza e outro — o deus da fecundidade e da abundância, o deus da chuva fertilizante que pode fazer chover ouro e que se metamorfoseia num animal dourado. Em Couvin dizem que ele grita quando se aperta na mão ou quando se aproxima da orelha e, segundo R. Pinon, só um deus pode falar por intermédio de animais. Mas R. Pinon recomenda cepticismo para estas explicações fáceis. Porém, vê nas designações da joaninha derivadas de *mariée*, principalmente em *mariée-salée*, ou seja, *mariée-du-soleil* a chave que nos explica o carácter mítico da joaninha que, como 'noiva do sol', 'consagrada ao sol', adquiriu tanta importância nos oráculos do estado do tempo, do amor, etc. Da *mariée* deriva R. Pinon *marene*, *marinière* (mas lembra também a peça de vestuário feminina assim designada) e *marie*. Esta última é, de resto, comum às mais diversas regiões, desde a Noruega à Roménia; em português ouviu Leite de Vasconcelos, em Alegrete, *mariavoa* (cp. os galegos *pitafol* e *papasol*).

As designações do morcego recolhidas por Pinon são todas formadas com o lat. *cava* + *souris*, contaminadas, nalguns casos, por *queue* e *cat* (comparação com um gato que apanha ratos), influências onomatopeicas, etc. Ao contrário da joaninha e do grilo, o morcego é considerado portador de desgraça, pressagiando chuva, mas também bom tempo, fogo, morte. É acusado de companheiro das bruxas e de sugar o sangue dos adormecidos, pelo que é perseguido e, nalgumas regiões, espetado à porta de casa para afugentar os outros e porque, matando-o, afasta-se o perigo. No dia 2 de Fevereiro, em Nismes, os rapazes fazem uma caçada aos morcegos, depois do que cantam:

«filez, filez, mes bons amis,
car le bonheur vous attend là-bas»

como anunciando a libertação dos maus agoiros. Dá-nos R. Pinon 26 tipos de fórmulas, sendo as mais numerosas as que pretendem atrair o animal com promessas ou ameaças; mas também as há de afastamento e outra em que se lhe pede para nos levar ao Paraíso. Em português também o morcego é considerado agoirente e lembramos um passo das *Novelas do Minho*, de Camilo, quando o farmacêutico Macário Afonso vendo dois morcegos a voltear no quarto de dormir «pareceu-lhe agoiro» (v. II, p. 10, ed. Lisboa, 1945). Na Valónia é conhecido o valor do morcego na feitiçaria e, entre nós já Gil Vicente se lhe refere (cp. *Obras Completas*, V, 187). Do séc. XIII encontra R. Pinon a crença de que esfregar a cara com o sangue do morcego tira a barba; entre nós é precisamente o contrário «faz crescer a barba» (cf. *Positivismo*, IV, 288). Comum é a crença de que se enrola aos cabelos mas em Portugal especifica-se «aos cabelos da

mulher»; na Valónia a calvície diz-se que é provocada pela urina do animal na cabeça. Não dá R. Pinon nenhuma contribuição do morcego na linguagem metafórica, na Toponímia ou na Antroponímia; não teria encontrado vestígios? Em Portugal há vários topónimos e, como alcunha, cita A. C. Pires de Lima *Morcego* (Rev. Lusit., XIX, 236). Com uso metafórico, aplica-se depreciativamente aos noctívagos, designando o guarda-nocturno e a polícia 'regimento de morcegos', o padre e o jesuíta, por andarem vestidos de preto; «não ser morcego» indica que não se gosta de andar de noite, às escuras.

Relativamente ao grilo, as suas designações na Valónia são quase todas, com poucas excepções, originadas no ruído produzido pelo insecto. O grilo goza na Valónia, como em Portugal, boa fama de dar felicidade e prometer dinheiro: não será por acaso que uma das interpretações do seu canto é *riche, riche, riche*. Também anuncia bom tempo. Por isso é mau sinal se deixa de cantar e as fórmulas incitam-no a cantar e, ao mesmo tempo é costume apanhá-lo e conservá-lo em gaiolas. Em Portugal crê-se que se ele chupar uma gota de sangue é sinal de dinheiro e, na feira da Lixa, em Penafiel, vendia-se um canudo com um grilo dentro que se dizia ser o Diabo; quem metesse o dedo no canudo para o grilo chupar, enriquecia (*Positivismo*, III, 328). O nosso conto *Frei João Sem Cuidados* está muito próximo da versão dada por R. Pinon, cujo personagem é *Krèkion* (Grillon). Dá-nos R. Pinon a contribuição do grilo na Toponímia e Antroponímia. Aqui vê alusão à magreza do antepassado que lhe teria valido essa alcunha. Também em Portugal o grilo está representado em ambas, mas não haverá vestígio totémico? Na Valónia vale o grilo como animal pequenino, segundo as expressões metafóricas da língua: aplica-se a sua designação afectuosamente às crianças ou depreciativamente para indicar que são enfezadas, raquíticas; nesta acepção se aplica aos anões, mesmo animais, às caras doentias e aos olhos doentes: usa-se a comparação *mêgue comme on critchon* 'magro como um grilo'. Também pode traduzir viveza de movimentos. *Grilo macho* aplica-se depreciativamente em português a mulher esgaldada; no Brasil *grilinhos* são os rapazes que guardam os automóveis na praça, em São Paulo (Viotti). A sua insignificância exprime-se na exclamação portuguesa *cebo de grilo* e no modismo *andar aos grilos*. Mas, na gíria, é o ruído que se aproveita, podendo *grilo* ser ao mesmo tempo relógio, telefone, apito de polícia e, daí, talvez agente de polícia. O *cricri*, brinquedo citado por R. Pinon, corresponde ao nosso.

DELMIRA MAÇAS

Harri Meier — Span. -port. **cama**, rum. **pat** Bett: Vox Romanica, 10 (1948-1949) págs. 73-86.

Nas duas áreas extremas da România, na Ibéria e na Dácia, o lat. *lectus* aparece substituído, parcialmente na primeira, totalmente na segunda, por inovações. No português e no espanhol (mas não no catalão), *cama* desterra quase por completo *leito*, *lecho*. Do mesmo *cama* há representantes na Girona e na Auvergne. Não se tinha explicado até agora satisfatoriamente a etimologia da palavra. Propusera-se um étimo grego; falara-se de origem ibérica. Entre outros motivos graves, a distribuição geográfica do termo opunha-se a uma e outra das hipóteses: dificilmente se encontraria justificação para o isolamento a oeste

da România do grecismo ou para o não aparecimento do iberismo no catalão e seu aparecimento na Auvergne. Na Dácia, *lectus* desapareceu por completo perante a palavra *pat*. Para esta palavra tinham-se proposto as etimologias: gr. *πάτος*, «caminho calcado», no grego moderno, «chão», em lat. *patulus* > **patus* «aberto, estendido». A análise de dois mapas do AIS, 1170 «cama dos animais» e 1477 «palhiço, moinha» leva o autor a formular para um e outro dos casos, hipóteses etimológicas paralelas totalmente diversas das mencionadas. No m. 1477, distingue-se na parte centro-meridional da Itália (precisamente a região cujos dialectos, como H. M. vem há muito demonstrando, oferecem múltiplas coincidências fonéticas, morfológicas, sintácticas e lexicais com o Ocidente da Península Ibérica) uma vasta área em que a moinha ou palhiço é designada com termos como *kāma*, *kamyër*, *skráma*. Os mesmos termos foram registados numa região da Istria e num ponto da Calábria, o que demonstra a antiguidade da sua origem. No mapa 1470, verifica-se como numa série de pontos da Toscana se designa a «cama dos animais» com o termo *patto*. O mapa 1471 «mettere lo strame», fornece alguns outros elementos, em especial o verbo *impattá*, *àmpattá*.

Os dialectalismos e as palavras das línguas faladas nos extremos da România estão, na opinião do A., intimamente relacionados. Para o demonstrar, começa por chamar a atenção para o facto de em port. *cama* se aplicar indiferentemente ao móvel onde se deitam os homens e ao sítio onde se deitam os animais e sublinha o vigor com que a palavra mantém, além deste último, uma série de significados ligados à vida camponesa (ainda mais manifestos nos derivados). Querirá isto dizer que o significado primário foi o de «cama dos animais», apesar de ser ele que se encontra hoje em segundo plano, como o prova a necessidade da determinação? Em dialectos franceses e italianos dá-se hoje esporadicamente a passagem da designação da cama dos animais à de 'leito do homem'. Dever-se-á o aparecimento de *cama* a um fenómeno semelhante? Aceitando como válida esta hipótese de trabalho, estuda o A. a origem das designações para «cama dos animais» e verifica que elas provêm de duas fontes principais: ora são deverbais de verbos que significam 'estender' como *sternere* ou 'deitar' como *iacere*, ora são designações dos materiais com que aquela cama se faz, materiais muito variados como o demonstra para a Itália a lista que acompanha o m. 1170 do AIS. Outras vezes, são os nomes dados ao leito que passam para o material: p. ex. muitos dos nomes dados às agulhas do pinheiro — que servem em certas regiões para fazer a cama dos animais — vêm de *mollis* ou *molligo* 'o mole, o leito': *molicho*, *moniço*, *muanha*, *munha*, *molime*. Entre os materiais assim usados estão: a *palha*, o *palhiço*, a *moinha*. As fronteiras semânticas entre estas designações são pouco claras, como o demonstra a própria história de *palha*. *Palea* parece ter significado em latim 'moinha' (*baile de blé*), só muito raras vezes 'palha'. É o significado de 'moinha' que a palavra conserva em dialectos retorromanos em que a 'palha' se designa com um derivado de *stramen*, ao passo que as línguas que generalizaram derivados de *palea* no sentido de 'palha' usam para 'moinha' ou derivados sufixais: *palhiço*, *paillette* ou atributos: *palha miúda*, *menue paille*. Quanto a *moinha*, termo mais comum em port., está ligada para o A. não com *moer*, como geralmente se afirma, mas com *molligo* que tanto se teria empregado para designar a *Montia rivularis* e outras plantas como no sentido de 'moleza' e ainda 'humidade'. Que a moinha se emprega para fazer camas de animais, indica-o a lista de materiais do m. 1170. Que termos que designam a 'moinha' adquirem o

sentido de 'cama dos animais', demonstra-o o facto de termos como *areste*, *raska* aparecerem simultaneamente no m. 1170 e, com mais frequência, no m. 1477. E a frequente ausência, atrás referida, de limites precisos na aplicação de designações deste tipo, permite mesmo supor que *skrama*, *káma* se tivesse aplicado a outros materiais utilizáveis para preparar a cama do gado além da 'moinha'. É, portanto, possível a evolução semântica 'moinha' > 'cama dos animais' > 'cama' e a existência de uma relação entre o termo dialectal italiano e o esp.-port. A variante ital. *skrâma* conduz-nos ao étimo *squamare* 'descascar, escamar' (lat. *squama* 'pellicule du millet, paillette'). *Cama* será uma forma paralela de *escama*, ambas regressivos de *escamar*. *Descamar* existe em port. e é curioso observar que oferece, a par do significado 'escamar' o de 'dispor em camadas: acamar', que, se pode ser devido a cruzamento com *cama*, pode também revelar a relação semântica originária. Quanto à cronologia, *cama* já teria adquirido o sentido de 'cama dos animais' em latim vulgar, como o supõe o seu aparecimento esporádico nesse sentido no domínio galo-românico.

No que respeita ao rom. *pat*: o termo dialectal italiano *patto* pertenceria à família de *pactum*, '*zusammengedrängt*' 'comprimido, apertado' (donde 'restos de palha' '*Abfall von Stroh*' no friulês) **impactare* ou à de **pattum* 'a base, o que foi calcado, pisado, achatado' **impattare*, se é que as duas famílias não formam, como é mais provável, uma só, admitida em latim vulgar, como parece dever-se admitir, uma evolução -*ct*- > -*tt*-. O termo empregado inicialmente para 'cama dos animais' sofreu uma evolução semântica perfeitamente paralela, à do termo esp. -port. mas conduzida mais longe, já que os representantes de *lectus* desapareceram.

Entre outros concorrentes de *lectus* só *stratum* conseguiu esporadicamente impor-se. Em português, aparecem vestígios do seu emprego na língua arcaica no sentido de 'cama dos homens' e em termos dialectais comuns ao galego e ao leonês no sentido de 'cama dos animais'. Também está representado em rom. em vários sentidos, dos quais o mais raro é o de 'cama, móvel'. Foi provavelmente a multiplicidade de sentidos que a palavra já tinha em latim que obsteu a que esta inovação tivesse o sucesso das duas outras.

As hipóteses do A. são para ambos os casos atractivas e parecem convincentes. Não se pode contudo deixar de observar que, quanto a *cama*, persistem algumas dificuldades. Com efeito, se a evolução '*spreu*' > '*streu*', ou seja, 'moinha' > 'cama dos animais' é muito antiga, como exige a demonstração da sua hipótese, como explicar que no mapa 1170, «strame» não apareça um único representante de *káma*, *skrâma*? — A suposição de que *moinha*, *moanha*, *munha*, pertençam à família de *molligo* (< *mollis*) é semânticamente muito clara e aceitável mas oferece dificuldades fonéticas quanto à evolução do -*ll*- (dificuldades que não surgem para as outras formas aduzidas: sob a forma de *l* ou de *r* elas conservam a consoante dupla latina). Um cruzamento etimológico popular de **molinha* com *moler* (< *molere*), quando esta última forma ainda se conservava, poderá explicar uma queda do -*l*- da primeira arrastado pela do -*l*- da segunda? O A. admite o cruzamento, mas aparentemente entre *moinha* e *moer* e interessando, portanto, só à história do sentido da primeira palavra (pg. 81).

Índice de palavras e expressões do tomo XII

Galego — Português

- abaldonar*, ant., 324
abecoinha, *abecuinha*, 111
abescoinha, *abescuinha*, 111
abéspra, alg. ocid., 27
abetoninha, *abitoninha*, 111
abibe, 111 e n. 8
aboucar, 207
acanhár, 277 n. 16
acanhamento, 277 n. 16
acanhofado, 277 n. 16
acedrez, *acederez*, ant., 342
acequia, *acequa*, ant., 295
acetre, ant., 342
achaque, ant., 342
acítara, ant., 296, 339
açoutar, ant., 297, 345
açoute, ant., 297, 339, 345
açumbre, ant., 342
adagara, *adaraga*, ant., 342
adarue, ant., 342
adema, 133
adil, 133
adubadela, 207
afagar, *afaagar*, ant., 329, 330
afalagar, ant., 330
agradar, 222
agrícola, 288
aguazil, ant., 310
agulha, 35
alâmpada, 273
alampar, 274
alampo, 274
alardo, ant., 342
alaridos, ant., 342
alaroça, ant., 342
alazayra, ant., 342
albarda, ant., 343
albardar, ant., 343
albardoes, ant., 343, 346
alboroçarse, ant., 318
alboroço, ant., 318
alcabila, ant., 299
alcáçar, *alcacer*, ant., 297, 298, 340, 347
alcafre, ant., 343
alcaidaria, ant., 302, 345
alcaide, *alcayde*, ant., 300, 301, 302, 339, 345
alcaiote, 302
alcauela, ant., 298, 340
alcaydesa, ant., 301, 302, 345
alcayota, ant., 302, 303, 339, 344, 345
alcayotar, ant., 303
alcayotaria, ant., 303, 345
alcorán, ant., 303, 339
aldea, ant., 304, 305, 339, 345, 347
aldeão, *aldeano*, ant., 304, 305, 345
aldeia, *aldeya*, ant., 304
alfamar, ant., 305, 306, 339
alfaquí[n], ant., 306, 339
alfayate, *alfeate*, ant., 343
alfayte, *alifayte*, ant., 343
alferez, *alferit*, *alferiz*, ant., 343
alfóndega, ant., 335
alforreca (met.), 372
alfres, ant., 306, 339
alfreses, *alfrezes*, ant., 306
algar, ant., 307, 308, 340, 346, 347
algara, ant., 308, 339
algodon, ant., 343
algofre, ant., 343
alguarue, *algarue*, ant., 307 e n. 40, 311
alguazil, ant., 309, 310, 340, 347

- algube*, ant., 307, 311
alifate, ant., 343
aljama, ant., 310, 339
aljaua, ant., 343
aljofo, *aliofar*, ant., 343
aljubádo, ant., 311
aljub[e], ant., 311, 340, 344, 346, 347
almadraque, ant., 343
almafi, *almafil*, ant., 311, 312, 340, 344, 346, 347
almocela, *almocella*, ant., 312, 313, 339
almoceleiro, ant., 313
almoeda, ant., 313, 314, 339
almofacilha, 103
almofada, 103
almofadar-se, 103
almofar, *almofre*, ant., 343
almogáuar, *almograue*, ant., 314, 315, 340
almonedar, ant., 314
almonedero, ant., 314
almoxarife, *almoxerife*, ant., 315, 316
almozala, *almuzala*, ant., 313
almuxarife, ant., 316
almuzeia, 313 n. 64
aluala, *alualia*, ant., 343
aluaraz, ant., 316
aluardán, *aluardão*, ant., 316, 317, 340
aluayaide, ant., 317, 318, 340
aluoroçar-se, ant., 318, 340
aluoroço, ant., 318
alvaiade, *alvaade*, ant., 317
alvazil, *alvazile*, ant., 300, 309, 310
alvercar, 370
amargo, 276 n. 14
amarroar, 207
amassadela, 207
amexa, 33
ammatide, ant., 312
amolgar, 207
amuganhar, 207
amuncar, 207
anafil, *annafil*, *anafijs*, ant., 343
andar em pancas, 207
andorinha (met.), bras., 372
animal, 371
apaleiar, 207
apalpar, 207
apertar, 223
apespontar, 284
apicoia, 288
aporrrear (-etar, -echar, -inhar), 207
aprisco, 287, 288
**apriscola*, 288
apunhar, 207
aranha (met.), 372
árbore, *arbe*, alent., 27 n. 29
areia, 222
argumento, gir., 207
argumento (baculino), 207
arrafen, ant., 343
arrastar (a asa), 372
arraualde, *arravaldos*, ant., 343
arrebatar, ant., 334
arreganhar, 277 n. 16
arreigotada (ou *arraigotada*), 207
arrelampado, 274
errelampar, 274
(ar)rest(r)alar, ant., 207
arrevatadamente, ant., 334, 345
errevatamento, ant., 334, 345
arrevatar, ant., 334, 345
arrimar, 207
arrochada, 297
arrochar, 207
arrombar, 207
arrumar, 207
asarauea, ant., 343
asederex, ant., 342
aspaço, bras., 207
assapar, 207
assapatar, 207
assentar (lambadas), 207
assiirar, ant., 150
assobiadeira, 116
assocar, 207
astroso, 151
afa, *atá*, ant., 318, 319, 339
ataega, ant., 344
atafal, ant., 343
atagantar, 207
atamancar, 207
atarracar, 207
ataúde, ant., 320, 321, 339
até, *atén*, ant., 318, 319
avacalhar, bras., 370
avanar, *abanar*, alg. ocid., 27
avecoinha, 111

- ave-fria*, 111
ave rara, 371
avetoninha, 111
axuar, ant., 344
azaguaría, ant., 322
azaría, ant., 321
azeueche, ant., 344
azeite, *azeyte*, 322, 323, 339
azemela, *azcmelam*, *azemella*, ant., 344
azeytuna, ant., 344
azimilleyro, ant., 344, 346
baca (Barreiro, Palmela), 30
bacorada, 370
bainha, 28
baitcho (V. do Conde), 21
bája, *báge*, alg. ocid., 27
balde, ant., 323, 324
baldir, ant., 324
baldón, *baldon*, ant., 323, 324, 339
baldosamente, ant., 324
bapor, alg. ocid., 27
barata (met.), bras., 372
barbante, 204
barcia, gal., 256
barrer, alg. ocid., 27
barveito, ant., 133
bascunho, 283 n. 25
bassadoiro, 283 n. 25
bassoira, alg. ocid., 27
batachim, 104, 109
becuinha, 111
beira-mar, *beira-rio*, 270
belmazes, *belmez*, ant., 324, 325, 340
bengala, 270, 272
bentoinha, 113
bescoço, 283 n. 25
bespa (met.), 372
bespra, alg. ocid., 27
bestigo, 141
bibe ou *bibes*, 111 n. 8
bicha, 9, 16, 17, 18
bichinha (met.), 372
bichinho-de-díós, gal., 374
bicho (met.), 372
bicho-macho, 16
bilro, 283
bique-bique, 116
bispontar, 283 n. 25
bisponto, 289
bite-bite, 116
boa[s]-noite[s], 106
bodas, *vodas*, ant., 28
bodivo, ant., 28
bodo, 28
bofé, 22
boi-de-deus, 374
boeira, *boeirinha*, 105 n. 2
boita, 113
boizito, 112
bólhara, transm., 143
bolo, gal., 264 n. 118
bom, *boa*, 222
bonecra, 273 n. 12
borrego, 226
boubela, 115
bourar, minh., 207
brabante, ant., 204
brebe, alg. ocid., 27
brugia, ant., 204
brujas, *brujes*, ant., 204
bruxelas, 205
bubela, 115
buduna, bras., 207
bufo (met.), 372
buizito, 112
bunheiro, 113
burro (met.), 372
burro (*caveira de*), 370
ca'ra (met.), 372
cabrada, bras., 372
cabrito, *cabro* (met.), 372
cachapim, 104, 105
cacheira e vars., 10
cachios, 10
cacho (*gacho*) e vars., 9, 10, 16, 17, 18, 31, 33, 36
cachopo, *cachopinho*, 9, 18
cachorrinha (met.), 372
cachorro, *cachorrinho*, 9, 16, 17, 18
caçarra, 107
caitcha (V. do Conde), 21
cal, 283 e n. 27
calcaré, 116
calce, *calço*, 283, 284
calcoré, *calculé*, *calcurré*, 116
caldeirinha (*cadeirinha*), 106
calmar (...murros), 207
cama, 376, 377, 378

- camboa*, 142, n. 30
cambraia, 270, 272
cana, 275
cancil, gal., 276
canga, 271, 275, 276, 277, 277 n. 15, 78, 279, 279 n. 17, 280, 282 e n. 23
canga, gal., 282
cangaçais, 279
cangaceirada, 279
cangaceiro, 279
cangaço, 278, 279, 280
cangado, 280
cangadoiro, 280
cangalha, *cangalhas*, 280, 281, 282
cangalhada, 280
cangalhão, 280
cangalheira, *cangalheiro*, 280
cangalho, 279, 280 n. 20, 280, 281, 282
cangallas, gal., 282
cangalleira, gal., 282
cangallo, gal., 282
canganho, 278
cangão, 279
cangar, 274, 275, 277 n. 15, 278, 279 e n. 17
cangar, gal., 282
cangaraço, 279
cango, 278, 279, 280, 282
cangorça, 280
cangraço, 279
cangueira, *cangueiro*, 280
canguicho, 278
canhas, 277 n. 16
canhenho, 277 n. 16
canho, *canhestro*, 277 n. 16
canhol, 277 n. 16
canhona, 277 n. 16
canhoto, *canhoteiro*, 277 n. 16
canil, 280 n. 20
canorça, 280
cansil, gal., 276
cantadeira, 116
cântara, *cântaro*, 273 n. 12
canzil, 274, 276, 280 e n. 20
cão (de fila), (met.), 372
capão (met.), 372
capilota, 207
carcalhão, 116
carcalhé, *carcalher*, 116
carcalhota, 116
carneira, 270, 272
carpaza, gal., 257
carrapicho, 10
cartchanetinha, 9, 17
caruma, 35
carvalho, 259
casabeque, alg. ocid., 27 n. 28
casca, 143
cascalho, 143
casco, 143
castalho, 281 e n. 22
cata-vento (é um), 193
cauda, 288
cavador, 106
cá-vai, 106
cavalinho, 115 e n. 13
cavalo (branco), (met.), 372
cavalo rinchão, 115
cebada (Barreiro, Palmela), 30
cedo-vem, *cedovém*, 104
cegonha (met.), 372
cequia, ant., 295
ceramin, ant., 344
cerame, *cerome*, ant., 327
cerceta, 116
cerdo, 107
chamar, 21
chaminé e vars., 9, 15-18 e n. 18
chapéu e vars., 25
chapim, 104, 105
chapim-azul, etc., 105
chapim rabilongo, 105, 106
chás-chás, *chaz-chaz*, 107
chasco, a, 107
chafo (met.), 372
chave, 9, 13, 16, 17, 18, 20, 23, 25
cheirar mal, 223
chiadeira, 113
chiave, 12
chicharro (alma de), 370
chicorrio, 108
chicotear, 207
chilreta, 107
chinha, 106
chinha-de-poupa, etc., 106
chinha-la-raiz, 108
chinchafães, 113 n. 10
chinchatoles, etc., 113 e n. 10.

- chinchalaré*, 106
chinchão, *chinchona*, 108
chincharavelha, 106
chincharavelho, etc., 106
chincharra-velha, 106
chinchavareilho, 106
chincheiro, 108
chincerabelho, 106
chinchim, 108
chinchinim, 104
chincho, 108
chincra, 113
chinqueta, 13
chirrobía, 108
choca e vars., 9, 11, 16, 17, 20
chocar e vars., 9, 11, 17
chopim, 108
choradeira, 111 n. 8
chover e vars., 10, 17
chuço (Bairrada), 207
chumbadoiro, 13
chupão, 15 e n. 18
chupar, 108
chupim, 108
chureta, *churreca*, 107
chuva e vars., 9, 10, 16, 17, 18, 19,
 20, 23, 30, 31, 36
chuvada, 10
chuviscar e vars., 10
chuvisco, 10
chuvisnar, 10
cieiro, 147, 149
cioyo, gal., 250
cisne (met.), 372
clé e vars., 12
coar, 222
cobarde, *covarde*, 28
cobra-capelo, 270
coca, gal., 233
cochicha, 113
cochicho, 109
codorni, 116
coelho (met.), 372
coice, 283 n. 26, 289 n. 33
coim, 111
cola, 288
comareiro, minh., 140
cómaro, ant. e gal., 140, 141
combaro, beir., estrem., 140
combona, ant., 142 n. 30
combro, minh., alg., etc., 140
cômore, 139, 140
con, gal., 233
**congar*, 275
consiirar, *consirar*, 150
corça (met.), 372
corcalhé, *corculher*, 116
cordonz, 116
coruja (met.), 372
coscunho, 283
costureiriña, gal., 374
cotayfeso, ant., 326
coteif, *coteife*, ant., 325, 326, 339
coteyfe, *coteyses*, ant., 326
cotovia, 109, 110
cotovia de poupa, 110
couquilhada, 110
coxear, 21
cracolé, 116
cricri, 376
cru, 222
cuco, 115, 372
cuinha, *cuim*, 111
cunha, 283
cuño, gal., 283
cuôitcho (V. do Conde), 21
çurame, ant., 326, 327, 339
curculher, 116
curro, gal., 257
cuteif, ant., 325
dar (castanha), 207
dar (voltas ao miolo), 193
deitar (uma asa abaixo), 207
derreter (com lenha), 207
descamar, 378
descangalhar, 281
descangar, 281, 282
desencangalhar, 281
desencangar, 277 n. 16, 278, 281
desencanhar, 277 n. 16, 281
devanear, 192, 193
devaneo, 192
domingo, 276 n. 14
dorna, gal., 234 n. 14
dragão (met.), 372
dromedário (met.), 372
eguariço, 372
eido, gal., 257

- eixaraffis*, ant., 328 e n. 116
embanar, alg. ocid., 27
encangado, 281
encangalhado, 281
encangalhar, 179 n. 17, 278, 281
encangallar, gal., 282
encangar, 179 n. 17, 278, 280
encanhar, 277 n. 16
encastalhar, *encastalhado*, 281
enchida, *enchido*, 11
engalriçar, 372
enxeco, ant., 328
escada, 222
escamar, 378
escanga, 281
escangadeira, 281
escangalhação, 282
escangalhar, *escangalhado*, 282
escangalho, *escangalhamento*, 282
escanganhadeira, 281
escanganhar, 279, 281
escanganho, 281
escangar, 278, 281
escaravelho (met.), 372
estregar (as orelhas), 207
esmoucar, 207
espálho, lisb., 24 n. 26
espiga, 222
espinha, 222
estamboirar (o canastro), 207
estavanado, 370
estrever-se (*atrever-se*), dial. ant., 22
exarate, ant., 328, 339
eyxeco, ant., 328
faagar, ant., 329, 339, 344, 345
faagu, ant., 329, 345
faagueira, ant., 330
faça-a-poda, 105
fado, 222
faicha (V. do Conde), 21
falagar, ant., 330
falagueyros, *falagueros*, ant., 330
fanega, *faneyga*, ant., 344
farinha triga, *f. trigo, 271
fazer dançar (na corda *bamba*), 207
fechar, 13, 14 n. 17
fecho, *fechadura*, 13
feijão, 222
feio, 222
felosa, *feloca*, 112, 113
fêmea, 222
fento, minh., 234
tera, 371, 372
ferifolha, *ferifolho*, 112, 113
ferreirinha, 105
ferreiro, 105, 113 e n. 10
figera (*fizera*), dial. ant., 22
figo das lampas, 270, 271
figo das vindimas, 271
figo do S. João, 271 n. 6
figo lâmparo, 273
figo lampo, 223, 270
figo vindimo, 270
figuera, 33
firafolha, 112
flamenga, *flamengo*, 205
flamengaria, 205
flandreiro, bras., 205
flandres, 203, 205
flocha, 113
foão, ant., 344
foca (met.), 372
fole, 112
foleca, *folecha*, *foleco*, 112, 113
folecrea, 112, 273 n. 12
folha, 113
folosa, 112
formiga branca (met.), 372
formigão (met.), 372
formigueiro (met.), 372
forro, ant., 344
frande, bras., 205
frandesca, bras., 205
frandulagem, 205
frei-folha, 112, 113
frisa, 205
froles (*flores*), dial. ant., 22
fuim, 112, 113
fuinha, *fuinho*, 112, 113
fuleca, *fulecrea*, 112
funcho, gal., 257
fura-bolsas, 113
furifolha, 112
gacho, v. *cacho*
gafanhoto (met.), 372
gagosa, 107
gaiola, 31
gaita, 196

- gábara*, transm., 143
gajas, ant., 143
galfarro (met.), 372
gaígo, 272, 276 n. 14
galinha, 374, 375
galinha-de-são-pedro, 374
galo (met.), 372
galucho, 372
gamela, 31
gancho, 196
gândara, 130, 136, 137
ganso (met.), 372
garanhão (met.), 372
gastalho, 281 n. 22
gastar, 281 n. 22
gatinha (met.), 372
gato, 31, 372
gato pingado (met.), 372
gatuno, 372
gaucho, 13
gávea, 31
gazela (met.), 372
gengiva, 276
genro, 127
gile-gile, girre-girre, 113
gode, godos..., 138 n. 25a
godinhos, 138 n. 25a
gogo, beir., 138
goiões, 138, n. 259
golfo, 31
golpe, 31
grãos (grãos), dial. e ant., 22
grilo, grilinhos, 376
grilo (a cavalo), (met.), 372
grilo (cebo de), 376
grilos (andar aos), 376
grim-grim, 116
grulha (met.), 372
guincho, 113
hável, alg. ocid., 27
holanda, 203, 205
holandilha, 205
holandilheiro, 205
holão, 205
horsa, 280
igreja, 257
ipre, ipres, 204, 205
ir (à cara, ao lombo, à pavana, às ventas de alguém), 207
jacaré (met.), 372
janeiras, 270, 272
jararaca (met.), bras., 372
javardo (met.), 372
jimbrow, 234 n. 15
joga, jogla (Pinhel), 138
jogas (Vilarinho da Furna), 138
jogo, minh. e transm., 138
jungir, 276
labrego, 226
lacrão (met.), 372
ladrião, 223
lagarto (azul), (met.), 372
lágrima, 222
lampa, lampas, 267, 269, 270, 271 e n. 7 e 8
lampaa, lanpaa, ant., 269 e n. 5
lâmpada, 267, 269
lâmpado, 273
lâmpão, 273
lâmparo, 273
lampedejar, 274
lâmpedo, 274
lampeiro, 273
lampejo, 274
lampo, 269, 270, 271 e ns. 6 e 7
lampoga, 269, 273
lânha, pânha, etc. (Coimbr.), 24 n. 26
lapa, 207
lapada, 207
láparo, 142 n. 31
latibó, 106
lavareda, alg. ocid., 27
lavar à pescola ou à piscola, 286
leão (met.), 372
lebre (met.), 372
leito, 376
leopardo (met.), 372
lesmar, 370
levar a palma, 272
levar as lampas, 270, 272
lima-a-serra, 105
linho, 222
livra, alg. ocid., 27
lobo ou leão do mar, 372
lódão, lodo, 273
lombo, 142, n. 30
lúparo, gal., 143
maça, 271 n. 6, 272

- maçacuca*, 271
maçã (de) cuco, 271
maias, 270, 272
malha-ferreiro, 105
mámoa, 141
manga, 276 n. 14
manhã, 222
manocha, 13
marauidi, ant., 331
marauidadada, ant., 332, 345
marfil, ant., 312, 344, 347
marfim, *marffym*, ant., 312
mariavoa, 375
marrada, 207
marrar, 207, 371
mastins (met.), 372
matraqueando (estar), 193
mejengra, 104, 105, 108, 273 n. 12
menina de cinco olhos, 207
mesa, 223
mesquidade, ant., 331
mesquinha, *mesquinno*, ant., 330, 331
mesquinhamente, ant., 331
metcales, ant., 344
mezquindade, ant., 331, 345
mezquinno, *mezquino*, ant., 331, 339
milhafre (met.), 372
mílhara, 143, 273 e n. 12
mílhara, *mílhara*, 273 n. 12
milhos, 273
minhoca, 112
misquinha, *mizquina*, ant., 331
mjsquinho, ant., 331
mó, 222
moanha, 377, 378
mocha, e vars., 9, 16, 17, 20
moer, 377, 378
moinha, 377, 378
moinho, 222
moleque, gir., 207
moler, 378
moliço, *molime*, 377
**molinha*, 378
mona, 13
monacha, 13
moniço, 377
moquenco, 207
moquenquice, 207
morauidi, *moravedi*, ant., 331, 339
morcego (met.), 372, 376
mosca (met.), 372
moscardo, 107
**moscarro*, 107
mucella, ant. (top?), 313
mula (met.), 372
mula (de enterro), (met.), 372
muliado (sic), 360
munha, 377, 378
murganho, 368
nabo, 222
nada, 272
nangra, 273 n. 12
nêngara, *nengra*, o, 273 n. 12
ninhego, 225
ninho, 225
noite-boa, 106
noitibó, 106
olmafi, ant., 312
onça (met.), 372
orbalho (Barreiro, Palmela), 30
orça, 280
órfão, *orfo*, 273 n. 11
osteda, ant., 206
ostedilha, ant., 206
ostende, 205
polha, 377
palha centeia, 271
palha (de) centeio, 271
palha miúda, 377
palhiço, 377
palmípede (met.), 372
pantrigueiro, 271
pão (de) trigo, 271
papagaio (met.), 372
papasol, gal., 375
papellingas, ant., 206
parachim, 104
parafusar (estar a), 193
pardal (met.), 372
parpalhaça, *parpalhaz*, 116
parpalhão, 116
parpalhó, *parpalhoz*, 116
paspalhar, *paspalhaz*, 116
paspalho, *paspilhoz*, 116
pássara, *passarinha*, 115
patachim, 104, 109
pata choca (met.), 372
patassim, 109

- patuscos*, 207
pavão (met.), 372
paxariña-de-díós, gal., 374
pecarrechinho, 9
pechar, gal., 13
pedreiro, 113
pegá (met.), 372
pepelijnga, ant., 206
pepino, 289
peras lampas, 270, 271
percalços, 289
perceve, 284
percevejo (met.), 372
perdigão (met.), 372
perluí, *perluiz*, 114
perna, 290
perpoém, 284
perponto, *perponte*, *perpunto*, 284
perscais, 283, 284, 290
perspineiro, 289, 290
peru (met.), 372
peruar, 372
pescada (met.), 372
pescais, *pescal*, 283
pescalço, 283
pescaz, 282 e n. 24, 283, 284, 287, 289 n. 33
pescoço, 283 n. 25, 284 e n. 28, 288, 289
pescola, 284, 285, 286, 287, 288, 289
pescunho, 282 e n. 24, 283 e n. 25, 284, 287, 288, 289
pescuño, gal., 283
pespegar, 207
pespeneiro, *pespenheiro*, 289, 290
pespenhero, 290
pesperneiro, 289, 290
pespinheiro, *pespinhero*, 289, 290
pespontar, *pespontear*, 283 n. 25, 284
pesponto, 284, 288, 289
pêssego, 271 n. 6, 272
peto, 114, 115 e n. 13
petón, gal., 233
peto real, etc., 115 e n. 13
peto rinchão, 115
pezcuño, gal., 283
pezpiño, gal., 289 n. 35, 290 n. 37
piadeira, *piadeiro*, 116
picanço (*companhia do*), (met.), 372
pica-pau, 115 e n. 13
picheira (*pitcheira*), 9, 19
pilorada, bras., 207
pimpalhão, 108
pimpim, 106, 108, 109
pimpim-servém, 106
pimpuihã, 108
pincho, 13
pinguim (met.), 372
pinhor, 289
pinta, 114, 115
pinta-cardeira, *p.-caldeiras*, 106
pinta-ferreiro, 105
pintalegrete (met.), 372
pinta-rô-rô, 113 n. 10
pintainho, 115
pintalhão, 108
pintar, 108
pinto, 114, 115
piolho verde (met.), 372
pipi, 115
pipino, 289
pirolé, 114
piroliz, *piruliz*, 114
piscaços, *piscazes*, 289
piscoço, 289
piscola, 284, 285 e n. 30, 286, 287, 288, 289
«piscola», 285 e n. 29
pisponto, 289
pita, 11, 114
pita-cega, 114
pita-de-água, 114
pitapol, gal., 375
pitinha, *pitinho*, 114
pito, 114
pito-bravo, 114
pitrol, 289
poda-a-vinha, 105
polinheiros, minh., 207
pomba, 392
pontapés (a), 223
**poscola*, 288
**poscunho*, 282
posponto, 284 n. 28
potranca (met.), 372
poupa, 115
poupa o pão, 115
poupar, 115

- preluiz*, 114
preto, 223
punhada, 207
punhos, 207
quejando, quegendo, ant., 207
querer, 223
rã, 222, 372
racha, 19
rafece, rafez, ant., 332, 333, 339
raffecemente, ant., 333
rangedeira, 116
raposa, raposão (met.), 372
rata, ratazana (met.), 372
rateiro, 372
rato (met.), 372
rato (de cadeia), (met.), 372
ratoneiro, 372
rauata, ant., 333, 334, 335, 339
rebelde, 202
rebeldia, 202
recona, ant., 335, 339
recua, ant., 337, 339
recuero, ant., 337
redoma, ant., 336, 339
refeice, refecemente, ant., 333
relampadejar, 274
relâmpago, relâmpado, 267, 273 274
relampar, relampaguear, 274
**relâmp(a)ro*, 274
relampear, relampejar, 274
relampejo, 274
relampo, 273, 274
relaposo, 274
relamprar, 274
relinchão, 115
renatoso, ant., 334, 345
requa, ant., 336, 337
resio, gal., 258
revatada, ant., 334
revel, revelia, 202
rinchão, 115, 372
rinchar (met.), 372
rola, rolo, 116
rolda, rrolda, ant., 344
rosa, 222
roldar, ant., 344, 346
rua (homem de), 184 n. 1
ruão, ruano, 184 n. 1
sachola, 19
sámago, gal., 139 n. 26
samo, 139 n. 26
santa-luzia, 374
Santa Luzia ('pancada'), 207
santa-teresa, 374
são-crespim, 374
são-joão, 374
são-martinho, 374
sapatada, 207
sapo (met.), 372
saragoça, 270, 272
sardão, 152 n. 47
seara, 125, 131
seda, 222
seijo, gal., 258
semeada, 125, 137
semeia-linho..., 105
semeia-milho..., 105 e n. 2
senra, ant., 125, 126, 127, 131, 132
sieiro, gal., transm., 148
siira, sira, ant., 150, 151
silva, gal., 258
singelo, 276
sirgo, 276 n. 14
síria, alent., minh., 151
sirics, gal., 150
soro, 223
sótão, soto, 273 n. 11
surdivã, 104, 105
surdivais, surdivém, 105, 106
sutâmbaro, gal., 138
tabal, ant., 337, 340
taberna, taverna, 28
taça, ant., 344
taega, ant., 344
tafurea, tafureya, 197
tagant(e)ar, 207
tajasno, 107 n. 3
talega, ant., 344
támara, tamaro, gal., 138, 139
tâmpão, 273
tanjardo, tanjarra, tanjarro, 107
tanjasno, 107
teega, teegam, teeiga, ant., 344
teiró, 282, 284
telega, ant., 344
tem-te-lá, 116
tem-te-na-raiz, 108
tenro, 127

- tentilha*, 109
tentilhão, *tentilha*, 106, 108, 109
teoria, 207
teresa, 374
tigre (met.), 372
tingir, 276
tinta-raiz, 108
tintilhão, 109
tintim, 106, 108, 109
tio, 223
toirear (met.), 372
tomboro, ant., 141
tómore, ant., 141 n. 29
toninha, 111
tostões (*tostões*), dial. ant., 22
toupeira (met.), 372
touta, 110
toutiço, 110
toutinegra, 110
traduzir, 186 n. 2
trapeira, 15 n. 18
trasladar, *trasladado*, 185 n. 2
fresladar, *frelladar*, 185 n. 2
trigo (pão), 270, 272
trigueirão, 108
trinta-raizes, 108
trouve, dial. ant., 22
truta (met.), 372
tuinha, *tuinho*, 112, 113
tuterriar, 207
tutinegra, 110
um, *uma*, *ũa*, 222
unir (*coletes*), 207
urce, gal., 259 n. 95
urso (met.), 372
usteda, ant., 206
vaca (met.), bras., 372
varejo (met.), 372
várzea, 256
veiga, 223
vengala, alg. ocid., 27
vento, 25
ventoinha (*é uma*), 193
verdizela, 111
verrumar (*estar a*), 193
vesgo, 276 n. 14
vessadoiro, 283 n. 25
vigita (*vizita*), dial. ant., 22
vigitar (*vizitar*), dial. ant., 22
vindimo (*figo*), 271 n. 6
vinícola, 288
voda, alg. ocid., 27, 28
xara, ant., 338, 340
xedrez, ant., 342
xenro, gal., 127
xerga, 276 n. 14
xoca, 11
xocar, 11
xoga, gal., 138
zemilam, ant., 344
zeribanda, 207
zieiro, minh., 148
zieiro (*branco*), minh., 148
zimbrar, 207
zimbros, 234 n. 15
zirto, 113
zorame, ant., 327

Espanhol e Catalão

- abubilla*, 115
ácere, sant., 256
açote, 297
-adia (*acostadia*, *adelantadia*, etc.), 201
águila (*manos de*), 372
alba, cat., 197
albat, cat., 197
elcauera, ant., 299
alcayct, *alcayeta*, 302
algibe, 311
aliaga, manch. e val., 196
aljub, cat., 311
almohadilla, 103
almoneda, 314
andal (*andar*), S. de Gata, 253 n. 88
anjup, cat., 311
arçayo, ast., 256
arjup, cat., 311
arruego, arag., 258
arrufadia, 201
artiga, cat., 133
astruch, cat. ant., 151

- astrugo*, ant., 151
aujup, cat., 311
auíaga, cast. e arag., 196
beldaque, 203
barbecho, *barvecho*, 133
barbeytos, nav. arag. ant., 133
barda, Sant., 256
barza, arag., 256
becerro (met.), 367
biesca, ast., 259
bizcocho, *biznieta*, 290 n. 37
bobia, leon., 256
bodón, 259
boíga, cat., 133
bollo, 264 n. 118
borrego (met.), 367
bramante, 204
busto, 246 n. 68
cabel (*cabar*), S. de Gata, 253 n. 88
cadozo, zam., 256
cajigo (*caxigo*), 259
cals, cat. e moc., 283 n. 27
canga, ast., etc., 257, 282
cangalla, 282
cangallero, 282
cangallo, 282
cangar, 282
cangón (Mérida), 282 e n. 23
cáparo, leon., 142
carvajo, 259
casca, 143
cascajo, 143
cáscara, 143
cauba, cat., 257
cencero, *cenero*, arag., 133 n. 10
cenojo, arag., 250
cenullo, arag., 250
cerrada (< *ferrada*), arag., 251 n. 79
ceto (< *feto*), arag., 251 n. 79
chesta, moc. (por *cesta*), 249
chinta, moc. (por *cinta*), 249
chivo (met.), 367
chorlito, 114
cincar (< *fincar*), ast., 251 n. 79
cingla, arag., 258
cinojo, salm., 250
cinojo, ast., 250
cizón (< *fixón*), arag., 251 n. 79
coa, cat., 289 n. 33
cogujada, 110 e n. 5
cogullada, cat., 110 e n. 5
cola, 288, 289 n. 33
cómaro, ast. acid., 140
copo, and., 233
cordal, ast., 257
cordero, (met.), 367
cotoliu, *cotoliva*, cat., 110 e n. 5
coutrocio, ast., 257
cucaracha (met.), 372
cuervo (met.), 367
cuña, 283, 287
cuspiñeiro, Cabrera A., 289 n. 35
cuzcuñeiro, Cabrera A., 289 n. 35
cuzquilleiro, Cabrera A., 289 n. 35
desollar (*la zorra*), 366
devanar, *devanear*, 192, 193
devaneos (*de cabeza*), 193
duerna, 234 n. 14
enriedo, ast., 134
escarrón, arag., 257
escuso, cast. ant., 248.
esperiégá, 225
cstrambote, cast., 196
estribillo, 196
estribo, 196
estribote, 196
fayo, arag., 257
fidear, 196
fidearse, jud.-esp. Marroc., 196
fideo, 196
floresía, 259
fresno, 234
gabarda, arag., 257
gáge, 143
geita, 195, 196
galgo (met.) chil., 368
gállara, 143
gallo (met.), 367
gancho, 196
gandaral, montanh., 137
gándaro, mont., 137
gánigo, ten., 257
gatge, cat., 143
geldre, 203
golondrina (met.), 372
granda, ast., 137 n. 21
guaita, cast. e cat., 196
guareña, salm., 257

- guijarro*, 136 n. 20
guixarru, ast., 136 n. 20
helecho, 234
humilde, 200
ipres, esp. e cat., 204
izaga, 235 n. 17
jerno, leon. ant., 127
jogo, marag., 138
labriego, 226
lama, 259
lámpara, *lâmpada*, 273
lecho, 376
lecina, arag., 257
llosa, Sant., 257
lobo marino (met.), 372
luengo, cast. ant., 248
mallo, arag., 257
mesquí cat., 331
múete, ast., 134
miñosa, 112
mirlo blanco, 371
mocacilla, *mohacilla*, salm., 102 e n. 4, 103
mofaza, 102, 103
moja, 101
mojáa, 102
mojacilla, estrem., 102 e n. 4, 103
mojar, *mojada*, 101, 102 e n. 2
mojasuela, and., 101, 102 e n. 3
moral, 264
morcuervo, alav., 257
muera, arag., 257
niego, 225
nío, 225
nisu, ast., 257
nora, ast., 257
olanda, 203
orgullía, 201
oriégano, ast., 134
osadia, 201
osterda, 206
oveja (met.), 367
pájaro (*gordo*, *de cuenta*), 366, 372
pajarraco negro (met.), 372
pala, arag., 239 e n. 42
palaciego, 225
pastor (met.), 367
penas, Babia, 290 n. 36
perpiñeiro, Cabrera, 289 n. 35, 290
perpunte, 284
perrilo, 102 n. 3
perro (met.), 367
pescola, dial., 285, 289 n. 33
pescozo, ast., 290 n. 37
pescuezo, 288
pescuño, 282, 283, 287, 288, 289
pespeñero, ast.-leon., etc., 289 n. 35, 290
pespiñeiro, ast.-leon., 289 n. 35, 290
pespiñero, ast.-leon., 289 n. 35, 290
pespunte, 288
pestorejo, 288
pez (*estar hecho un*), 366
pezcuño, leon., 290 n. 37
pezpeneiro, ast.-leon., 289 n. 35, 290
pezpiñeiro, ast.-leon., 289 n. 35, 290
picaza (met.), 372
pil (*pedir*), S. de Gata, 253 n. 88
piscozo, leon. ocid., 290 n. 37
pita, 114
pito, ast., 114
pizpiñeiro, ast.-leon., 289 n. 35, 290
pizpunto, Babia, 290 n. 37
planar, *planear*, 193
plantar, *plantear*, 193
pobo, cast. dial., 258
portazadia, 201
pueyo, arag., 258
quejigo, 259
quel (*caer*), S. de Gata, 253 n. 88
queny, *quiny*, cat., 207
quíento, arag., 207
radas, cast. ant., 249
rastrero, 366
rateria, 366
ratero, 366
ratón, 366, 372
ratonato, 368
rebate, *rebato*, 333, 335
rebel, 200, 202
rebelar(se), 200
rebelde, 200, 201
rebeldía, 200, 201 n. 1
rebele, 200
rebelión, 200
rebellar (*rebelle*, etc.), ant. e dial., 200
rebielle, ant., 200
renata, 335

- reteler*, cat., 284
rolletal, salm., 258
royo, arag., 258
sámbano, berc., 139 n. 26
sapo (*pisar un*), 366
sarda, arag., 152 n. 48
sardón, ast., 152 n. 48, 258
šardón, Cabrera, 152 n. 48
sardonai, leon., 152
sarza, sant., 258
šcižo, sanabr., 258
sel (*salir*), S. de Gata, 253 n. 88
sel, sant., 258
sembráda, 125, 135
seminera, montanh., 134 n. 13
sen, 147 n. 41
sená, arag. ant., 147 n. 42
senara, 125, 131
senbrada, ant., 135
senera, arag., 147 n. 41
senra, ant., 126, 127, 132
serna, 127-30
siero, ast., salm., 148, 149
sinera, ant., 134
sinoya, cast. ant., 249
so, cast. ant., 248
son, cat., 249
sošámbano, leon., 138 n. 26
sošámbaro, mont., 138
sudar (*como un pollo*), 366
suela, 101, 102
tafurea, cast. e cat., 197
tafurella, *tafureya*, cat., 197
tafurera, cast. e cat., 197
tafuría, 197
tállaro, salm., 143
támara, 142
támbara, dial., 138 n. 26
táramo, ast., 138 n. 36
tarma, ast., 138 n. 26
tartera, arag., 258
tenrera, ast., 127
ternera, 127
tienu, ast., 127
toilo, salm., 258
topo, can., 233
totovia, 110 e n. 5
tozal, arag., 258
turó, cat., 259
tusal, ribagorz., 258
tutuvía, dial., 110
uce, uz, 259
urgullía, 201
urraca (met.), 372
vanear, 192
vascos, 216
veleta (*es una*), 193
veraniego, 225
xenrru, ast., 127
xira, *xiria*, ast., 150, 151
xógara, ast., 138
yerno, 134

Francês, Franco-provençal, Provençal

- amande*, 195
arrat, gasc., 250
arré, gasc., 250
arroda, gasc., 250
astruc, prov., 151
bête-à-bon-dieu, 375
bête d'or, 374
bête-du-bon-dieu, 374
bousier, 374
brabant, 203
canne, 272
carosse-du-bon-dieu, 374
casail, 143
cheval-de-pré, 374
cheval-de-saint-martin, 374
cheval d'or, 374
cheval-du-bon-dieu, 374
cheval-du-diable, 374
clédar, 135
clou d'or, 374
cochevis, 110 e n. 5
correli, prov., 114
courlieu, *courlis*, 114
couturière, 374
couturière-du-bon-dieu, 374
critchon (*mégue comme on*), 376
essidrar, limos., 150
estreup, prov., 196

- estriu*, prov., 196
fliscar, gasc., 14 n. 17
gãb, dial., 33
gabio, dial., 33
gãge, 143
gaiole, dial., 33
galfater, 33
ganda, alp., 137
girouette (tête de), 193
gorsa, 236 n. 32
**gueldre*, 203
heasso, gasc., 235 n. 16
horloge ('joaninha'), 374
jardinière, 374
jurdouasso, gasc., 235 n. 16
jurdoun, gasc., 235 n. 16
lãmbros, gasc., 137
lampa, prov., 273
lampe, 273
lampera, lampeza, prov., 273
lhéco, Barèges, 136 n. 20
maréchal, 374
marene, 375
marie, 375
marié-salée, mariée-du-soleil, 375
marinière, 375
martin-du-soleil, 374
menue paille, 377
monjoie, 262
paillette, 377
pale, paio, gasc., 239
papeline, 203
pervage, 284
pinatasso, gasc., 235 n. 16
popeline, 203
poule d'or, 374
poule-du-bon-dieu, 374
pourpoint, 284
quai, 216
quenh, quinh, prov., 207
ren, prov., 272
rien, 272
sauteuse-du-bon-dieu, 374
savart, ant., 147
seminaire, 152
séné, 147 n. 41
taluresse, 197
turiut, 114
vache d'or, 374
vache-du-bon-dieu, 374

Italiano e Sardo

- affliscare*, ant. logud., 14 n. 17
âmpattá, dial., 377
âpara, sardo, 142 n. 34
âpara, alghero, 142 n. 34
arêa, sardo, 222
arêste, dial., 378
arrâa, sardo, 222
badile, 239 n. 42
bakka, logud., 28
belenu, logud., 28
binu, logud., 28
bôu, bôa, sardo, 222
calzoni, 33
carrucoia, 33
castagna, 33
chente, 207
chigno, ant., dial., 207
chiurletto, 114
chiurli, chiurlo, 114
cincia, cincera, 106
cincia codona, etc., 106
cinciallegra, 106
cinciarella, 106
cinciazzurra, 106
coccoveggia, 110
cru, sardo, 222
espia, sardo, 222
faxô, sardo, 222
fémia, sardo, 222
fidelli, 196
figu de lâmpadas, sardo, 223, 270, 273
frîšu, logud., 14, n. 17
gabana, 33
gabilli, 33
gaglio, 33
gardzûni, dial., 33
gertsûni, dial., 33
gastâne, dial., 33
genncru, sard., ant., 146

- ggarúkura*, *karrúkura*, Bass., 32 n.
 35, 33
gomito, 33
gráddara, sardo, 143
impattá, dial., 377
káma, dial., 377, 378
kamyer, dial., 377
kowai, sardo, 222
lágrima, sardo, 222
lampada, *lámpana*, 273
lâmpadas, sardo, 268, 270, 273
lâmpera, cors., 273
liu, sardo, 222
mandzanu, sardo, 222
manganu, *mangáu*, sardo, 222
mó, *moa*, sardo, 222
moiu, *muiu*, sardo, 222
níu, sardo, 222
olanda, 203
patto, dial., 378
peskray, *peskraye*, nap., 284, 290
piskray, nap., 284, 290
pita, it. dial., 115
preskray, *priskaye*, nap., 284, 290
puskray, 290
quegno, ant. e dial., 207
quen, *quentre*, 207
raba, sardo, 222
rapa, 222
raska, dial., 378
roza, sardo, 222
sâpara, cors., 142
seda, sardo, 222
sêna, 147 n. 41
senaria, piem. ant., 134
senavra, lomb., 144 n. 37
sido, ant., 149
sidro, luqu., 149
silva, calabr., 258
skawa, sardo, 222
skráma, dial., 377, 378
sollavina, dial., 139
strambo, 196
strambotto, 196
taforea, *taforella*, 197
tenneru, sard. ant., 146
tottavilla, *tottovilla*, 110
tséppara, sardo, 142, 147
túvara, *túvera*, sardo, 142 n. 33
úu, *úa*, sardo, 222
úvara, sardo, 142 n. 33
vazóu, sardo, 222
vémia, sardo, 222
vuosco, Capri, 258
zômbaru, sardo, 142 n. 33

Romeno e Reto-rom.

pat, 376, 377, 378

siena, lad. centr., 147

Latim e românico

acna (*agna*), 32
acūcula, 221
ae[vi]tate-, 221
*albatu*s, 197
*albu*s, 197, 245
**alneone*, 245
alneorum, 251
alniceu, 245
*alnu*s, 245
aliūrium, 248
*altu*s, 248
alveu, 197

amandula, 195
amaricus, 276 n. 14
*amaru*s, 276 n. 14
amiddula, *amyndula*, 195
amygdala, 195
angulata, 245
angulona, 246
*angulu*s, 245
aprīlis, 221
**aprisiccola*, 288
**«apriscus»*, 287, 288
aquas mixtas, 233

- astrōsus*, 151
**astrūcus*, 151
atrium, 246
aureus, 246
avis + ībis, 111 n. 8
basilica, 246
**besticulum*, 141
bis + colere, 286
buda, 259
bustum, 246 e n. 68
calce-, *calx*, 283 n. 26 e 27, 289 n. 33
camba (gamba), 33
**cambica*, 274, 275
camella (gamelia), 31
**caneus* ou **canius*, 277 n. 16., 281
canīce, *canicae*, 276 e n. 14, 277, 278, 279, 280 e n. 20, 281
canicaceus, 279
**canicaculu* ou *-caliu*, 280 n. 20
**canicancu*, 279, 281
**canīcīle*, 276, 280 e n. 20
**canicus*, a, 277, 278, 279
**canīle*, 280 n. 20
canis, 276, 277 e n. 16, 279, 280 e n. 20
canis gallicus, 272
canna, 274, 275
**cannica*, 274, 275
capita, 110
caprellus, 232
capulu, 31
caput vallis, 251 n. 82
castaneta, 234 n. 15
castrum, 246
cataracta, 246
cattu, 31
**cauca*, **cauta*, 110
cauda, *cōda*, 288, 289 n. 33
cavea, 31, 33
caveola, 31, 33
ceila, 250
**cerquus*, 247
chlōreus, 114 n. 11
cicnus (cignus), 33
cilium, 233
circus, 250
cobius (gobius), 33
cōda, 288, 289 n. 33
-cōla, *colere*, 287
colaphus, 31
colpu (colfu), 31
**complutum*, 246
concilium, 250
continiale, 246
confluentes, 246
confluentia, 233 n. 11
conjugare, 274, 275
copula, 277
crassatur (grassatur), 32
cubitu, 33
cucullus, 233
culus, 288
Cimulus, 139, 140, 141
cuncus, 288
decus, 246
deorsum, 248
dominicus, 134, 248, 276 n. 14
dominium, 248
dominus, 276 n. 14
dorsum, 246
eglesia, 218, 221 e n. 2
ego, 221
elix, *elice*, 247, 250
equile, 246
esox, 216
**ex-siderāre*, 150
lagetum, 246
fanum, *fanulum*, 246
**farstigium*, 216
fastigium, 216
fastus, 216
favilla, 221
fecundus, 246
fellosus, 112
fenacea, 235 n. 16
fenuculum, 250
ficūtum, 221
**filelli*, 196
fīstīla, 14 n. 17
fīstīllare, 14 n. 17
flexus, 247
flumen, 247
fluvianus, 247
foedus, 221
fonte alba, 245
fonte Iberi, 251
forfex, 247
formica, 221
tractum, 235

- gallicus*, 272, 276 n. 14
gallus, 276 n. 14
generu, 127, 134, 146
humiliatorium, 247
iacere, 377
ilex, 247
**impactare*, 378
**impattare*, 378
imudavit, 218, 221 e n. 2
insula, 248
**iscla*, 248
iubentutis, 27
iuventudis, 221 e n. 2
janua, 247
jeniperu, 234 n. 15
labina, 138
lama, 137
lampāda, *lampas*, 268, 269
lampare, 274
lebra, 218, 221 e n. 2
lece (*lege*), 32
lectus, 376, 377, 378
lucus, 247
maceria, 247
magistru, 221
mammula, 141, 233
**maneanu-*, 222
manica, 276 n. 14
manus, 276 n. 14
mattiana (*poma*, pl. de *pomum*), 272
medius, *medianus*, 248
medulla, 221
milia, 273
molnu-, 222
molligo, 377, 378
mollis, 377, 378
monasterium, 255
(nulla res) nata, 272
ovis, 247
pectum, 378
palea, 377
paternus, 247
**patrinu*, 221
**pattum*, 378
patulus, 377
**patus*, 377
perpunctus, 284
persicum, 272
pessulare, 13 e 14 n. 17
phaseolu, 222
pictus, 114
**pikkus*, 115
pinna, 290
**pittus*, 114, 115
pluvia, 31
pollicipede-, 284
pontivatus, 221 n. 2
porcile, 247
**poscalce*, 283
**poscocceu*, 288
**poscuneu*, 288
**pospunctu*, 284
post, 282, 283, 284, 288, 289 n. 33, 290
post + auricula, 288
**postcalx*, 283
postcras, 284, 290
post-punctum, 284 n. 28
propagine, 284
punctum, 284, 288
quadrifinia, 247
quassare, **quassicare*, 143
quercus, 247
querquedula, 116
quid genus, **quid genitus*, 207
ratis, 249
rebellare, 200
rebellis, 200
regina, 221
reguiascat, 218, 221
residuus, 258
retro, 284
rivi angulus, 245
rivus, 221
rota, 221
rubeus, 248
sanguinetum, 265 n. 121
saxum, 258
seminarium, *seminaria*, 134 e n. 13
sena, lat. med., 147 n. 41
**sénara*, *senára*, 125-136, 141, 147, 152
senaria, lat. med., 132-33
sēricus, 276 n. 14
sero, 144
sīdera, 150, 151
sidereus, 149
sīdus, 149
silva, 258
squama, 378

- squamare*, 378
sternere, 377
strambus, 196
stramen, 377
stratum, 378
sub, 248
synagoge, 249
tabula, 197
**tatula*, 197
**tauta*, 110
tego, 215
telum, **telaria*, 284
teneru, 146
tenraria (vacca), lat. med., 127
trifinica, 247
trifinium, 247
triginta, 221
tumba, 141 n. 29
tumulus, 141 n. 29
uiginti, 215
ulice, 259
upupa, 115
**upupella*, 115
ursus, 215
vacca, 28
vagina, 28
vanus, 192
venenu, 28
versus, **versicus*, 276 n. 14
vervactum, 133
vervex, 247
vescus, 259
vetus, 247
vinu, 28
votivu, 28
votu, 28

Basco e línguas pré-latinas (Celta, Fenício, Ibérico, etc.)

- adar*, 216
**aieiaga*, 196
alde, basc. ant., 152
aniero, 216
ar, irl., 147
ara, 240
araticos, ind.-europ., 215
ardan-oi, 240
arecorata, *areicoraticos*, 215
arriaga, 196
art, irl., 215
arte, 235
arth, galês, 215
**artika*, gaul., 133
astigar, 235
barr, ir., 216
barscunes, *bascunes*, 216
beles, *bels*, 218
belsa, 242
beltz, 218
bezu, 216
**bhars*, 216
bhuztis, ind ant., 216
**bodika*, gaul., 133
braca, 143
brogilos, 242
cae, galês, ant. irl., 216
camba, gaul., 274, 275
**cambita*, gaul., 274, 275
canga, gaul., 274, 276
cario, 226
conterbia, 215
cueliocos, 215
deiuoreigis, 215
ebures, 242
eche-berri, 239
ehauwe, galês, 216
cheuc, bret., 216
ehoc, corn., bret., 216
eo, *genit. iach*, irl., 216
eoğ, galês, 216
errege, *erroma*, *errota*, 250
fiche, ant. irl., 215
gadir, 243
**ganda*, 137
**gandara*, 136
ganem, irl., 136
ganskio, 196
gastain, 235
gezi, 216
gori, 216
gortia, 236
gortica, 215
(h)artz, 215

- iratze*, 215
izoki(n), 216
kai, 216
karabo, 237 n. 35
kaskailu, 143
kaskar, kazkar, 143
**kiřáro*, gaul., 135
**kómaro* ou **kumaro*, 139, 141
**kombaro*, gaul., 141 n. 30
**lámara*, 137, 139
landa, celt., germán., etc., 216
**lanka*, gaul., 143
larru, 216
ledaisama, 215
legar, 136 n. 20
lika, 136 n. 20
lizarr, 235
lur, 216
lutiacos, 215
madari, 235
mando, 216, 218
mandu-, *mandyo*, 218
mannu-, 218
nanto, 242
**nde*, ind.-eur., 218
oġei, 215
**ono-*, 147 n. 42
osca, 242
otz, 240 n. 51
[pa]partis, lit., 216
páramo, celtiber, 259
pitt-, 114 n. 12, 115
raith, irl., 215
raithneach, irl., 216
ratís, gaul., 216
rhedyn, galês, 216
Sāyaka, ind. ant., 144
sego, 242
segobirices, 215
**sei* ind.-eur., 144
senū, ant. ind., 144
**sinara*, 125, 126, 127-30, 152
**sēnára*, 130-32, 143, 144, 153
**senūs*, gaul., 147
sen(h)ar, 216
**sennas*, gaul. tard., 147
sil, irl., 143
sinara, 143
**sinnūs*, **sindūs*, 147 n. 41
**támaro-*, 138
tech, irl., 215
teg, irl., 215
tegi, 215
**teutā-*, 220
todi, cimr., 139
tōyam, ind. ant., 139
ugain, galês, 215
ugans, corn., 215
ugent, bret., 215
ugoint, galês, 215
urki, 235
zama, 139 n. 26
zerri, 107

Grego

- ἄρκτος*, 215
kalaphatein, 33
κόλπος, 31
λάμαρα, 137 n. 24
λαμπαδηρορρί, 268
λαμπαδίσται, 268
λαμπάς, ἄδος, 267, 268
λάμπω, 267, 274
μαυρούσιος, 260 n. 100
συνθλαχούσιος, 260 n. 100
πάτος, 377
γλωφεύς, 114 n. 11

Germânico

<i>blank</i> , 197	<i>munds</i> , 253
<i>braida</i> , 253	<i>rek</i> , 254
<i>burg</i> , 253	<i>sinth</i> , 253
<i>gaits</i> , gót., 196	<i>skulka</i> , 253
<i>gild</i> , 253	<i>tauen</i> , 139
<i>gunds</i> , 253	<i>wahta</i> , 196
<i>hammer</i> , norueg., 239 n. 44	<i>wald</i> , 253
<i>hanka</i> , germ. (m. alto al.), 276	<i>wardja</i> , 253
<i>lammer</i> , tirol., 137	<i>wilja</i> , 254
<i>meisinga</i> , franc., 104	<i>wults</i> , 253
<i>mêreis</i> , 253	

Árabe, moçárabe, hebraico

<i>ad-daraqā</i> , <i>ad-daraka</i> , 342	<i>al-hayt</i> , 343
<i>ad-darb</i> , 342	<i>al-hayyāt</i> , 343
<i>ad-day'a</i> , 304	<i>al-kafal</i> , 343
<i>água</i> , moç., 221 n. 2	<i>al-lihāt</i> , 343
<i>agwa</i> , moç., 221 n. 2	<i>al-magtar</i> , 343
<i>al-'ard</i> , 342	<i>al-matrah</i> , 343
<i>al-'arīd</i> , 342	<i>almohaza</i> , 103
<i>al-'arūsa</i> , 342	<i>al-mugāwir</i> , 314
<i>al-'asr</i> , 342	<i>al-munādā'</i> , 313
<i>al-bar ā</i> , 343	<i>al-musallā</i> , 312
<i>al-baras</i> , 316	<i>al-muṣrif</i> , 315
<i>al-barda'a</i> , 343	<i>al-quabīla</i> , 298
<i>al-bardūn</i> , 316	<i>al-qā'id</i> , 300
<i>al-bayād</i> , 317	<i>al-qasr</i> , 297
<i>al-burūz</i> , 318	<i>al-qawwād</i> , 302
<i>alcalá</i> , 255	<i>al-qur'ūn</i> , 303
<i>alcudia</i> , 255	<i>al-qutn</i> , 343
<i>al-fāris</i> , 343	<i>al-wazīr</i> , 309
<i>al-fars</i> , <i>al-far'a</i> , 306	<i>an-nafīr</i> , 343
<i>al-fīl</i> , 314	<i>ar-rabad</i> , 343
<i>al-funduq</i> , 335	<i>ar-rihān</i> , 343
<i>al-ja'ba</i> , 343	<i>as-sakā + atšakk</i> , 342
<i>al-ḡama'a</i> , 310	<i>as-sakk</i> , 328
<i>al-ḡūr</i> , 307, 346	<i>as-sūqiya</i> , 295
<i>al-ḡūra</i> , 308	<i>as-saraf</i> , 328
<i>al-ḡarb</i> , 307	<i>as-sarb</i> , 343
<i>al-ḡawhar</i> , 343	<i>*as-sar'biyya</i> , 343
<i>al-ḡubb</i> , 311, 346	<i>as-sariyya</i> , 321
<i>al-hakīm</i> , 306	<i>as-sawt</i> , 297
<i>al-hamar</i> , 305	
<i>al-ḥamma</i> , 255	

- aš-šiqq*, 328
as-sitāra, 295
**as-sitl*, 342
aš-šitrānġ, 342
aš-šuwār, 344
at-tālūt, 320
at-tafar, 343
at-tumn, 342
az-zabāga, 344
az-zūmila, 344
az-zayt, 322
az-zaytūn(a), 344
baraz, 318
barbuda, moç., 221 n. 2
bātil, 323
bib, «voz afric.», 112 n. 8
bībat, 112 n. 8
bledos, moç., 221 n. 2
Çarakozta, 221 n. 2
dorada, moç., 221 n. 2
fād, 196
faniqa, 344
fulūn, 344
gemel, 32 n. 35
gezira, 255
gimel, hebr., 32 n. 35
guad, 254
gubb, 311
halaq, *hūlaq*, 329
hataf, 325
hattā, *h-tta*, 318, 319 e n. 81
hurr, 344
huttayf, *huttaf*, 325
iben, *bani*, 256
Kórtoba, 221 n. 2
madeja, *madecha*, moç., 221 n. 2
malbas, 324
márkaz, 196
miskīn, *meskīn*, 330, 331
mitqūl, 344
murābitġyy, 331
nadū, 313
pulido, moç., 221 n. 2
rābita, 255
radūma, 336
rahal, 255
rahīs, 332
rakb, *rakba*, 335
rakba, *rakb*, 337
rakūb(a), 337
rakūba, *rakūb*, 335
ribūt, *ribūta*, 333, 335
rubt, 344
ša 'ra, 338
šaraf, 328
salem, hebr., 230 n. 3
sogro, moç., 221 n. 2
silhūm, *silhūm*, 326, 327
tabal, 337
tafurija, 197
ta 'līqa, 344
tamaniyy, 344
tassa, 344
toledoth, hebr., 230 n. 3
yabal, 255
yabal xulair, 250 n. 75

Outras línguas

- gang*, *ganga*, chinês ou anamita, 277
lami, georg., 138 n. 25
 n. 15, 278

Onomatopeias

- batachim*, 104, 109
bem dito, 105
bem te vi, 109 n. 4
bite-bite, bique-bique, 116
buí, 112
cachapim, 104, 105
calcaré, carcalhé, 116
cá vai, cá vai..., 106
cavar, cavar..., 106
cedo vem, cedo vim, 104
cento e vinte, 104 n. 1
cháas-chás, chaz-chaz, 107
chicorrio, chirrobia, 108
chinha-la-raiz, 108
chinchalaré, 106
chincharrabelho, chincerabelho, 106
(chin)chinchim, 108
chinchinim, 104
chincra, 113
chiurlí, it., 114
chopim, 108
chorlito, esp., 114
chova aqui, 105
cochicho, cochicha, 109, 113
coim, 111
corculher, 116
correli, prov., 114
cose-me aqui, 105
cotovia, 109, 110
courlis, courlieu, fr., 114
cricri, 376
cuduvi, cutuvi, 109
cuim, cuinha, 111 e n. 7
curculher, 116
curlew, ingl., 114
curreliii, 114
cutxi... cutxi... cutxitxitxi..., 109
cu-uí, 111 e n. 7
dluí dluí, 116
fuí, 112
fuim, fuinha..., 112, 113
gá-gá, 107
gile-gile, 113
gui... gui, 113
i-chaz-chaz, i-trantã, 107
keduvi, 109, 111 n. 6
khá-khá, 107
ki-uí, knuí, 111
parpalhaz, paspalhaz, 116
patachim, 104, 109
perlui, 114
pimpim, pimpimpim, 106, 108, 109
pipi, pi pi, 114 n. 12, 115
pirrelirii, 114
piruliz, 114
pitt-, 114 e n. 12, 115
poda-a-vinha, 105
pou-pou-pou, poupa o pão, 115
preluís, 114
rínchão, 115
rola, rolo, 116
ruu-ruu, ruu-truu, 116
semeia-linho, 105
semeia-milho, 105 e n. 2
semimi, semimim, 104, 105
setiti(m), setevi(m), 104, 105, 106
surdivã, surdivém, 104, 105
tem-te-lá, 116
tem-te-na-raiz, 108
tinta-raiz, trinta-raizes, 108
tintim, tintintim, 106, 108, 109
tintintaraba, 106
tirrelirii, 114
ti-uí, 111
tour-tour, fr., 116
tsi-tsi-txi-txitxitxarraíize, 106
tuí, 112
tuinha, tuinho, 112, 113
tuzai-tuzai-tarati..., 110
txintxintxarrabè, 106
txitxixètèxè-ròrrò-txutxiia, 108
txó...pim, txó-pimpim, 108
uite uite, uíke uíke, 116
zirro, 113
zi... zi, 113

Nomes próprios (origem de topónimos, etc.)

- Abdera*, 243
Abienus, 244 n. 65
Adabels, 218
Aemilius, 244, 245
Aia, *Alantia*, 231 n. 8a
Alba, *Albantia*, 231 n. 8a
Albanus, 244
Albinus, 244
Albucius, 244 n. 63
Ambacta, 220
Ambada, *Ambadus*, 218, 220
Ambaicus, 221, 225
Ambaticus, 221
Ambrones, 260
Anagilde, *Anagildi*, 253, 254
Anas, 254
Ἀνδρόδακτος, 218
Aninius, 244 n. 63
Anius, 242
**Anobriga*, 241 n. 53
Antubelus, lusit., 218
Ansilane, 254
Antilius, 244 n. 63
Antius, 244 n. 63
Arcailo, 220
Arcobriga, 241
Argaila, 220
Arginius, 245 n. 67
Arronidaeci, 225
Ascarici, 254
Atabels, 218
Attilane, 254
Augustobriga, 241, 243
Aurafrigida, 149
Baetio, 254
Balcus, 242
Balnear, 261
Bandiaeapolosegus, 226
Bandueca[da]go, 221
Barbatus, 245
Belisama, 238 n. 37
Bercius, 242
Blandius, 242
Bletisama, 238 n. 37
**Bodobriga*, 241 n. 53
Bracara, *Bracala*, 142
Cebinus (*Gabinus*), 32
Caesaraugusta, 243
Caesarobriga, 241, 243
Caius, 33
Calagurris, 239 n. 45
Callaeci, 225
Calvinus, 244
Cantosama, 238 n. 37
Cantunaecus, 225
Carcus, 245
Carioca, 226
Cariocieco, 226
Carta + toba, 230
Cassius, 244
Castrum Sigerici, 254 n. 90
Cavinnus, 244 n. 63
Ceceaigis, 221
Cervilius, 244 n. 63
Cervius, 243
Cetobriga, 241 n. 53
Cneus (*Gneus*), 33
Complutum, 246
Corimbriga, 241 n. 53
**Cordinus*, 244 n. 64
Corduba, 136, 238
Cornelius, 244 e n. 63
Cornus, 242
Dessobriga, 241
Dianium(?), 260
Durus, 244 n. 63
Elenus, 244 n. 65
Eliocroca, 226
Emerita, *Augusta*, 243
Emporion, 243
Fafilanis, *Fafilane*, 254
Faventia, 243
Fidentia, 243 n. 61
Flaccius, 244
Flavii (*villa*), 251
Flaviobriga, 241
Flavius, 244
Fortinius, 244 n. 63
Francia, 262
Fraxineti, 34
Froilanis, *Froilane*, 254
Fustanius, 244
Gaius, 33
Gallius, 244

- *Gavisius, 242 n. 59
 *Girgilius, 245
 Gothorum, 251, 260
 Gracchurris, Graccurris, 239 n. 45, 243
 Granius, 245
 Gumilane, 254
 Guntherici, 254
 Iberos, 260
 Icolisama, 238 n. 37
 Ἰνδιέλης, 218
 Indibilis, 218
 Isponuba, 238 n. 38
 Juliobriga, 241, 243
 Karioca, ant., 226
 Lacobriga, 241 e n. 53
 Lamaecum, 225
 *Langobriga, 241 n. 53
 Laurinius, 245 n. 66
 Laurus, 242
 *Lectius, 242
 Ledaisama, 238 n. 37
 Legio VII Gemina, 243
 Licinius, 245
 Limia, 232
 Littus, 242
 Lucanius, 245
 Lucius, 242, 245
 Lugilde, 254
 Lupinius, 245
 Lupus, 255
 Maenuba, 238 n. 38
 Magilo, 222
 Magones (Portus), 243
 Μελγᾶς, 136
 Malaca, 243
 Mallius, 244
 Mandonio, 218
 Marcus, 245
 Marinae (Castrum Sanctae), 251
 Marius, 245
 Mars Cariociecus, 225, 227
 Martianum, 250
 *Martilius, 244 n. 64
 Martinus, 242, 244 e n. 63
 Martius, 242
 Marti Tilieno, 227
 Matrinus, 244
 Matugenus, 222
 Maurelli, 251
 Μελγᾶς, 260 n. 100
 Melgaecus, 225
 Mirobriga, 241
 Monioya, 262 n. 109
 Mons Februarius, 236, 251
 Mons Gaudii, 262 n. 110
 Mons solarius, 250 n. 75
 Monte Jovico, 260
 Mundobriga, 241
 Munn, 227
 Nemausus, Némausus, 135
 Nemetobriga, 241 n. 53
 Ninnanis, Ninnane, 254
 Oliveto, 236
 Ὀνύβα, 135
 Onuba, 238
 *Orinius, 244 n. 64
 Ὀσσόνυβα, 135
 Ossonuba, 238 n. 38
 Ὀυανθᾶς, 260 n. 100
 Ovetum, 247 n. 67
 Paccius, 245
 Petri (Castrum), 251
 Petri (villa), 251
 Pompelona, 243
 Pontius, 242
 Quintius, 244
 Requesindi, 254
 Requilanis, Requilane, 254
 *Roda, 184 n. 1
 Roderici, 254
 Sabinus, 242, 244 e n. 63
 Salamiri, 254
 Salduba, 238 n. 38
 Sallaecus, 225
 Saltu novale, 235
 Sambroca, 226
 Sancti Adriani (ecclesia), 264
 Sancti Johannis, 264 n. 117
 Sancti Justi, 264 n. 117
 Sancti Poncii, 264
 Sancti Victoris, 263, 264 n. 117
 Sarnus, 242
 Sataba, 145
 Satarrue, 145
 Scatius, 245
 Segisama, 238 n. 37
 Segisamone, 242
 Segobriga, 242

- Segontia*, 242
Senessa, 145
Senia, 146
Senigallia, 146
Senum, 146
Septimum Decimum, 261 n. 105
Sires, 276 n. 14
Servilius Caepio, 243
Sesimbriga, 241, n. 53
Sierium, ant., 149
Sigerici (Castrum), 251
Sinni (Villa de), ant., 147 n. 41
Sinnia, ant., 147 n. 41
Sinnuri, 147 n. 41
Sirius, 150
Socra mortua, 235
Sububa, 136
Talenus, 244 n. 65
Tamaris, Tamarus, 138, 147
Theoderici, 254
Thunuba, 136
Tiberos, 260
Toudopalandaigae, 220
Trebius, 242
Turris alba, 235
Uxama, 238
Uxisama, 238 n. 37
Vagodonnaegus, 225
Valerius, 242
Vara, Varantia, 237 n. 8a
Varcilenae, 227
Vasecus, 226
Veneris, 260
Verinius, 244 n. 63
Vettienus, 244 n. 65
Villa Adosindae, 254 n. 90
Villa Gothorum, 251
Villa Guntherici, 254 n. 90
Vulpilius, 242
Vulturius, 242
Wiliulti, 254
Witerici, 251

Topónimos

- Aar, Aare*, 232
Acered, 256
Aceredo, 256
Acerrada, 256
Ademonte, 253
Adaulte, 253, 254
Adra, 243
Adrio, 246
Agilde, 253
Aguarón, 233
Águasal, 233
Águatón, 233
Águaza, 233
Águilafuente, 252 n. 84
Aidro, Adro, 246
Aiguafreda, 233
Aiguamurcia, 233
Alagón, 232
Alanís, 260
Alastuey, 240
Albacete, 255
Albañá, 243
Albiñana, Albrñana, 243
Alboniga, 241
Albuñol, 261
Alcalá, 255
Alcántara, 255
Alcarraque, 34
Alcazar, 246, 255
Alcira, 255
Alconchel, 250
Alcubierre, 239
Alcudia, 255
Aldealabad, 251
Aldealcorvo, 251
Aldealengua, 248
Aldealgordo, 252
Aldealseñor, 252
Aldeia Cimeira, 304
Aldeia da Figueira, 304
Aldeia das Vendas, 305
Aldosende, 253
Algéciras, 255
Alhadas, 246
Alhama, 255
Alhambra, 255
Alhamila, 255
Alho, 246

- Alhos Vedros*, 246
Allo, 245
Allón, 245
Almadraza, 255
Almadén, 255
Almáçôvar, 255
Aimonacia, 255
Almonaster, 255
Almostér, 255
Alpanseque, 252
Alpuébriga, 241
Amarís, 254
Arbasaguas, 233
Ambonúy, 240
Ambroza, 260
Ampudia, 236
Ampurias, 243
Amurrio, 239
Aña, 245
Añevieja, 246
Andal, 253 n. 88
Ardalucía, 260 e n. 100
Andalus, 260
Angculême, 238 n. 37
Aniágo, 242
Aniñón, 244 n. 63
Anllada, 245
Anilo, 245
Anobra, 241 n. 53
Añón, 245
Anseán, 254
Ansemil, 253
Ansemonde, 253
Antillon, 244 n. 63
Antuña, 245 n. 66
Antuñana, 245 n. 66
Arzánigo, 244 n. 63
Aquilué, 240
Ara, 232
Aragón, 232
Aragones, 261
Arabel, 240
Arán, 232
Arándiga, 238
Ararzueque, 252
Araya, 240
Arba, 231, 232
Arborbuena, 251
Ardanué, 240
Ardanuy, 240
Argauza, 231
Argayadas, 256
Argayo, 256
Argemil, 253
Argenton, 232
Argentona, 232
Arguiñana, 245
Arizo, 254
Arlauza, 231
Arnejo, 232
Arno, 232
Arceya, 231, 232
Arredonda, 250
Arteta, 235 en. 18
Articda, 235 n. 18
Arulle, 253
Arve, 232
Asánaque, 241
Ascarís, 254
Asón, 232
Astigarraça, 235
Astigarreta, 235
Asún, 241
Atapuerca, 252
Atián, 254
Atián, 254
Aubusson, 244 n. 63
Augaslongas, 233
Augasmestas, 233
Auñón, 245
Aurafrède, 149
Ávena, 238 n. 39
Azille, 245 n. 66
Balastuy, 240
Balême, 238 n. 37
Balesme, 238 n. 37
Balzac, 242
Bardomil, 253
Bañolas, 261
Bañols, 261
Bañuelos, 261
Barbacena, 244
Barcábo, *Barcávo*, ant., 136
Barcena, 256
Bardai, 256
Barreiro, 30
Barveita (Villa de), 133
Barzal, 256

- Báscara*, 142
Bascones, 261
Bascuñana, 244
Baselgas, 246
Beasque, 237 n. 35
Beauce, 242 n. 57
Bellême, 238 n. 37
Belsierre, 239
Benabarre, 239
Benafátima, 256 n. 94
Benafessim, 256 n. 94
Benatim, 256 n. 94
Benagil, 256 n. 94
Benasque, 237 n. 35
Benatrite, 256 n. 94
Beniaján, 256
Beniardá, 256
Beriatjar, 256
Benicarló, 256
Benicasim, 256
Benichembea, 256
Benitayó, 256
Beni Hassan, 256 n. 93
Berillup, 256 n. 93a
Benimartull, 256
Benimaurelle, 256 n. 93a
Benimuslem, 256
Benisanó, 256
Beni Suef, 256 n. 93
Beniteiró, 256
Beni Unif, 256 n. 93
Benlaygua, 252
Bentué, 240
Beranvilla, 252 n. 84
Berbegal, 247
Berbeguera, 247
Bercianos, 261
Berdún, 215, 241
Berraco, 232
Bersac, 242
Bertamül, 253
Bertancourt, 252 n. 84
Bertosende, 253
Besalú, *Bessalú*, 215, 241
Beselga, 246
Bielsa, 242 e n. 57
Biéntina, 238 n. 39
Biesca, 259
Biniamar, 256
Biniaxá, 256
Binicalaf, 256
Binitaref, 256
Bintacáque, 241
Bisaurri, 239
Bistuíte, 253
Blanzac, 242
Bobia, 256
Bocígano, 238
Bodón, 259
Bodonat, 259
Bohonal, 259
Boidobra, 241 n. 53
Bollic, 264 n. 118
Bolo, 264 n. 118
Boñar, 261
Bótina, 238 n. 39
Botué, 240
Brácana, 238
Braga, 142
Brandomil, 253
Brea, 253
Breda, 253
Bruello, 242
Bruges, 204
Buenos Aires, 149
Buesa, 236
Buitrago, 242
Buñol, 261
Buñuel, 261
Burbáguena, 238
Burgos, 253
Busmayor, 246
Busmourisco, 246
Busnovo, 246
Bustiello, *Bustillo*, 246
Busto, *Bustos*, 246
Busto Chão, *B. Frio*, 246
Buzneco, 226
Cabocalles, 251
Cabra, 232
Cabredo, 247 n. 69
Cabriel, 232, 250
Cabrilla, 232
Cáceres, 246
Cádiz, 243
Cadozo, *Cadozos*, 256
Caderechas, 246
Cadreita, 246

- Cagigosa*, 259
Cajigal, Cajigar, 259
Cajigueira, 259
Calaceite, 255
Calatañazor, 255
Calatayud, 255
Calatrava, 255
Caldera, 234
Caldera, Caldero, 234
Calderón, 234
Calderuela, 234
Calders, 234
Calahorra, 239 n. 45
Callén, 245
Calvignano, 245 n. 66
Calvino, 245 n. 66
Calvinyá, 243
Camarma, 237
Camba, 142 n. 30
Cambarro, 252
Camino Francés, 261
Camparriondo, 250
Campiel, 250
Campiengo, 248
Camporra, Camporro, 252
Campotero, 251
Cañamaque, 252
Canga, Cangas, 257
Cangas de Onís, 257
Caniego, 226
Cantalapiedra, 252
Cantalobos, 252
Cantavieja, 252
Cantillana, 244
Capileira, 250
Caravancos, 237 n. 35
Caravedo, 237 n. 35
Cáraves, 237 n. 35
Carbajal, 259
Carbajosa, 259
Carballa, 259
Carballal, Carballedo, 259
Carvallás, 235 n. 16
Carballeira, 259
Carballo, 259
Carchema, 244
Carioga, ant., 226
Carpaceira, 257
Carpazal, 257
Carpazás, 235 n. 16
Carpazas, 257
Carrión, 232
Cartagena, 243
Casal do Láparo, 142 n. 31
Casal do Vento, 149
Casale del Vento, 149
Cassá, 243
Castenda, Castendo, 234 n. 15
Castielfabib, 255
Castralvo, 245, 246
Castillo, Castillón, 246
Castro, 246
Castrofuerte, 246
Castrogonzalo, 251
Castrojeriz, 251, 254 n. 90
Castronuevo, 246
Castropetre, 251
Castorramil, 254 n. 90
Castrosante, 251
Castroserracín, 261
Castrotierra, 251
Catariño, 252
Caua, 257
Cavaliñ, 232
Cazalegas, 226
Cazurra, 239
Cécina, 238 n. 39
Ceia, 144
Célticos, 261
Cénaret, 134 n. 13
Cent fontes, 236 n. 23
Centellas, 263
Cerbiago, 243
Cerceda, Cercedo, 247
Cerdún, 241
Cerezaledo, 235
Cerquedo, Cerqueira, 247
Cerqueiral, 235
Cerrazo, 233
Cerrodo, 233
Cerrillo, 233
Cervelló, 244 n. 63
Cervía, 244
Cervol, 232
Chantôme, 238 n. 37
Charleville, 252 n. 84
Chavarri, 240 n. 46
Chavián, 244

- Chaviñon*, 244 n. 63
Chella, 250
Cherch, *Chercos*, 250
Cherro, 250
Chiécina, 238 n. 39
Chillarón, 232
Chipiona, 243
Chiprana, 244
Ciervo, *Ciervos*, 232
Cituentes, 236
Cingla, 258
Cintruénigo, 238
Cioça, 226
Cirviago, 243
Cisaque, 241
Ciudad Rodrigo, 252
Clamor, *Clamosa*, 250
Clares, 250
Coblence, 233 n. 11
Coca, 233
Códena, 238 n. 39
Cotiñal, 246
Cotrentes, 233
Cogollo, 233
Coimbra, 241 n. 53
Col de la Pale, 239
Colloto, 248
Coma, 233
Comarão, 140
Comaros, *Comoros*, 140
Comba, 233
Combro, 140
Cornejón, 232
Compludo, 246
Complentes, 233
Con, 233
Concilio, 250
Cóndate, 135
Condáte, 135
Conde, *Condes*, 135
Confiente, 233 n. 11
Confianza, 233 n. 11
Conflens, *Conflans*, 233 n. 11
Conflent, 233
Conflenti, *Confoulens*, 233 n. 11
Congosto, 233
Contrueces, 257
Copa, *Copo*, 233
Cordal, 257
Cordignano, 244 n. 64
Cordiñanes, 224 n. 64
Cordinhã, 244 n. 64
Córdoba, 136, 230, 238
Cornago, 242
Cornellá, 244
Cornellán, 245 n. 66
Corneille, 245 n. 66
Cornello, 245 n. 66
Cornillon, 244 n. 63
Cortinán, 244
Coruña, 242
Coscollano, 244
Cotarro, 252
Cctorra, 252
Couffoulens, *Coutlens*, 233 n. 11
Covadonga, 248
Cregenzán, 244
Creixenturri, 239 n. 45
Crespiá, 244
Cuadrovena, 247
Cuart dels Valls, 261 n. 106
Cuart de Poblet, 261 n. 106
Cuarte, 261
Cucazorra, 252
Cudiel, 250
Cuelgamures, 252
Cuerpo de Hombre, 234
Cuervo, 232
Cueza, 231
Cuiebro, 232
Culunia, 242
Cuñarro, 252
Curdiel, 250
Curro, *Curros*, 257
Daroca, 231
Deço, 246
Denia, 260
Denúy, 240
Descarga-María, 252
Despeñaperros, 252
Deva, 215, 231
Deza, 231
Diego Alvaro, 252 n. 84
Domingo, ant., 134
Domeño, 248
Domienço, *Domingo*, ant., 134
Don Alvaro, 252 n. 84
Don Jimeno, 252 n. 84

- Doras*, 232
Dorna, Dornas, 234 e n. 14
Dos Hermanos, 234
Doso, 246
Duerna, 234 n. 14
Duero, 231, 232
Duesos, Dueso, 246
Durango, 244 n. 63
Duratón, 232
Duruelo, 232
Eguils, 246
Eibedo, 236
Eido, 257
Eidovello, 257
El Cejo, 233
El Monte Cebrero, 236
Elche, 247, 250
Embún, 241
Encobada dos Láparos, 142 n. 31
Énova, 238
Entrambasaguas, 233
Entrambasmestas, 233
Entrambosrios, 233
Entrerrios, 233
Enviny, 236
Enxido, 11
Eriná, 244
Eriste, 236
Ervige, 254
Esaro, 232
Escacena, 244
Escarilla, 257
Esclañá, 244
Escobedal, 235
Escos, 248
Escuernavacas, 252
Esculca, 253
Excusa, 248
Ésera, 232
Esla, 231
Espantaperros, 252
Espinaredo, 235
Estalavedra, 248
Estopiñán, 244
Estriégana, 238
Évora, 242 n. 55
Fabás, 235
Faedo, 246
Faenza, 243 n. 61
Fafián, Fafilás, 254
Fagilde, 253
Famiñán, 244
Fanlo, 246
Fano, 246
Fão, 246
Faucena, 244
Fayos, 257
Feás, 235
Felechares, 234
Felechosa, 234
Felgosa, 234
Felgueira, 234
Felgucrosa, 234
Félsina, 238 n. 39
Fental, Fenteira, 234
Fentosa, 234
Ferreira, 250
Fervedoira, 234
Fervença, 233
Fervencedo, 233
Fervenza, 233
Fervoirá, 234
Fianteira, 234
Ficaíra, 250
Fidenza, 243 n. 61
Fieiteira, 234
Fieitosa, Fieitoso, 234
Filgueira, 234
Filgueiroa, 234
Firvida, 234
Fiamicell, 247
Fíandres, 205
Flassá, 244
Fleix, Flix, 247
Florejachs, 242
Fluixá, 244
Flumen, 247, 250
Fluviá, 247
Faiedo, 246
Folgosinho, 112, 234
Folgozo, 234
Folgueira, 234
Folgueirosa, 234
Folguerúa, 234
Fonte Pudedá, 236 n. 25
Fontepedre, 251
Fontibre, 251
Fontoria, Fontoura, 246

- Forca de Alano*, 260 n. 102
Fortiñón, 244 n. 63
Foz-Tua, 270
Fraile, 234
Francés, 262
Franciach, 242
Franza, 262
Frátina, 238 n. 39
Frayán, 244
Frechazo, 235
Frechinal, 234
Fregenal, 234
Fregenite, 234
Freijal, 234
Freijeiro, 234
Freijendo, 234 n. 15
Freijido, 234
Freijoso, 234
Freixante, 234
Freixedo, 34, 234
Freixeiro, 234
Freixeneda, 234
Freixinet, 234
Frejeneda, 234
Fresneda, *Fresnedo*, 234
Fresnedal, 235
Fresnedoso, 235
Fresnera, 234
Fresnosa, 234
Fretemunde, 253
Friosende, 253
Friulte, 253
Frojan, 254
Frollais, 254
Frontián, 244
Frugilde, 253
Fuentes de Oñoro, 251
Fuentidueña, 251
Fulgueira, 234
Funchal, 257
Fustañá, 244
Gabarda, 257
Gabardosa, 257
Gabarra, 257
Gabarret, 257
Gállego, 261
Gállegos, *Galleguillos*, 225, 261
Gárigo, 257
Garn, 205
Gande, *Gante*, 205
Gardamil, 253
Garona, 232
Gascones, 261
Gascueña, 261
Gastanaga, 235
Gausac, 242 n. 59
Gavignano, 245 n. 66
Gavigno, 245 n. 66
Gayá, 244
Genique, 241
Gennor, *Gennos*, 146
Gésera, 238 n. 39
Gibalbin, 255
Gibraléon, 255
Gibrallaro, 255
Gibraltar, 255
Gil, 236
Gimonde, 253
Godão, 260 n. 101
Godin, 260 n. 101
Godinho, *Godinhos*, 260 n. 101
Godón, *Godones*, 260 n. 101
Godos, 260
Goimil, 253
Gómara, 238
Gomeán, 254
Gomesende, 253
Gondomar, 253, 254
Gondomil, 253
Gondosende, 253
Gondrame, 253
Gondulte, 253
Gontariz, 254
Gordún, 241
Gotor, 260
Grande (ant. *Gandras*), 137 n. 21
Grandal (ant. *Grandale*), 137 n. 21
Grandamea, 248
Grandela, *Grandella*, 137 n. 21
Grañén, *Grañena*, 245
Griegos, 261
Grijaiba, 257
Grijoa, 257
Grijota, 248, 257
Grist, 236
Guadalén, 254
Guadalajara, 254
Guadalaviar, 254

- Guadalhorce*, 255
Guadalmedina, 254
Guadalquivir, 254
Guadalupe, 232, 255
Guadiana, 254, 255 n. 91
Gualda, 253
Guardasivienes, 252
Guardia, 253
Guareña, 257
Guarga, 250
Guaso, *Guasa*, *Guasillo*, 236
Gude, *Gudes*, 260 n. 101
Gueldre, 203
Guilán, 254
Guilfonso, 254
Guilfrey, 254
Guillamil, 253, 254
Guillarey, 254
Guilluf, 254
Guillurte, 253
Guiles, 246
Guirguillano, 245
Guisamonde, 253
Guitiriz, 251, 254
Gundriz, 253
Guntimil, 253
Gustovedro, 247
Gutierre Muñoz, 252 n. 84
Haedo, 246
Héas, 235 n. 16
Helechál, 234
Helechosa, 234
Helguera, *Helguero*, 234
Hermisende, 253
Hermunde, 253
Hervededo, *Hervederas*, 234
Hervedosas, 234
Hervencias, 233
Hicndelaencina, 252
Hochschlegel, 239 n. 44
Holanda, 203
Hontoba, 245
Hontoria, 246
Horcajo, 233
Huecha, 231
Huelago, 238
Huelma, 237
Huelva, 238
Huerva, 231
Huesca, 230, 242
Ibia, 231
Ibor, 231
Iborra, 239
Ibros, 260
Igüerri, 239
Ijánaque, 241
Iicedo, *Ilche*, 247
Ilerda, 230
Illana, 244
Inciñán, 244
Ipres, 204
Irabién, 245 n. 65
Iruega, 226
Isabarre, 239
Isábena, 231
Isar, 232
Isara, 147
Isarilla, 232
Isclès, 248
Isère, 232
Isil, 236
Isique, 241
Isuella, 231
Isuerre, 239
Isún, 241
Jábaga, 238
Jabalón, 232
Jabier, 240 n. 46
Jelón, 232
Jánovas, 247
Jiloca, 231
Jirueque, 252
Judraque, 252
Junta(s), 249
Junzano, 244
Juyá, 244
Karioga, ant., 226
Koblenz, 233 n. 11
La Bola, 264 n. 118
Labayén, 245 n. 65
Laciana, 244
Ladruñán, 244
Laguarta, 250
La Huerce, 247
Laluengo, 248
Lama, *Lamas*, 259
Lamego, 225
Láncara, 143

- Lanteira*, 250
La Rad, 249
La Rábida, 255
La Rápida, 255
Las Arredondas, 250
Las Arripas, 250
Las Berbigueiras, 247
Lascuarre, 239
Las Gabarras, 257
Las Ilces, 247
Las Mestas, 233
Las Puentes, 251
Las Rades, 249
Las tres Soreillas, 234
Las tres Sorores, 234
Lebosende, 253
Lebrede, 247 n. 69
Leca (Tortolo de la), ant., 136 n. 20
Lechago, 242
Lecina, 257, 264
Leciñena, 245
Ledesma, 238
Legarda, 136 n. 20
Legarralde, 136 n. 20
Legarres, 136 n. 20
Legarria, 136 n. 20
León, 243
Lerida, 230
Liédema, 238
Ligüerre, 239
Liguerzana, 238
Lima (Toscana), 232
Lima (port.), 232
Liña, 264
Liquiniano, 245
Litago, 242
Lituego, 226
Lituénigo, 238
Lizarraga, 235
Llafranch, 235
Llimiana, 244
Llissá, 244
Lilosa, Alfonso, 257
Lloch-franch, 235
Llorach, 242
Llosa, Lloses, 257
Loarre, 239
Lo de la Vieja, 249
Lo de tío Fallo, 249
Lo de tío Sidro, 249
Lo del Gato, 249
Loma, 233
Lomada, 233
Lomba, 233
Lombo, Lombillo, 233
Lomo, Lomilla, 233
Longroiva, 241 n. 53
Lorenzana, 244
Los Mallos, 257
Los Recios, 258
Louriñán, 245 n. 66
Louriño, 245 n. 66
Lucainena, 245
Lucena, Luchena, 245
Luciana, 244
Lucina, 245
Luesma, 237, 238
Lugilde, 253
Lugo, 247
Lupinén, 245
Luquiano, 245
Luzaga, 219, 242
Maceira, Macera, 247
Macer, 242
Madariaga, 235
Madre, 234
Madremaña, 260
Madriñán, 244
Madruédano, 238
Magaña, 231
Magasca, 231
Mahón, 243
Mail, 239 n. 43
Mairena, 245
Majalobas, 252
Majano, 244
Málaga, 243
Malh, 239
Mallá, 244
Mallo, 239
Mallos de Riglos, 239
Mambla, 233
Mamola, ant., 141
Manciena, 245 n. 65
Mandara, ant., sard., 146
Mandas, 146
Manjabálago, 252
Manjoya, 262 n. 109

- Mantiel*, 250
Manzaneque, 252
Marceille, 245 n. 66
Marcén, 245
Marchena, 245, 250
Marro, *Marrón*, 232
Marsá, 244
Martes, 260
Martigliano, 244 n. 64
Martignaco, 242
Martignone, 244 n. 63
Martillac, 244 n. 64
Martillán, 244 n. 64
Martiñán, 244, 245 n. 66
Martíño, 245 n. 66
Marzán, 244, 250
Masarach, 242 n. 59
Mascaraque, 252 n. 86
Mascún, 241
Matajudéos, 252
Matalayegua, 252
Mataporquera, 252
Matromanía, 260 n. 98
Mayá, 244
Mazarulleque, 252
Meana, 248
Meitufe, 253
Mentuy, 240
Mercurín, 260
Mérida, 243
Meriñán, 244
Michelena, 245 n. 65
Mignone, 232
Millá, *Millán*, 244
Milladoiro, 247
Millena, 245
Miño, 231, 232
Mirafuentes, 252
Monesma, 238
Moriz, 227
Montañana, 244
Montarrón, 233
Montarruego, 258
Montdidier, 252 n. 84
Monte Arruebo, 258
Monteayudo, 233
Montecalvo, 233
Monte Cebrero, 251
Montecelo, 233
Montecorto, 233
Montedónigo, 248
Montefrío, 233
Montefuerte, 233
Montefurado, 233
Montejo, 233
Montelongo, 233
Montemayor, 233
Montenegro, 233
Monterrubio, 233
Monte Ruego ou *Montarruego*, 258
Montiel, 250
Montillón, 233
Montjaich, 260
Montón, 233
Montorra, 252
Montoto, 248
Montoufo, 233
Montovo, 245
Montroig, 233
Montserrat, 233
Monxoi, 262
Morales, 264
Morcuera, *Morcuero*, 257
Morille, 251
Mouroyo, 258
Muera, 257
Mula, 232
Muller muerta, 234
Muna, 227
Muñao, 227
Munébrega, 241
Muñeiz, *Muñez*, 227
Muñis, *Munioz*, 227
Munna, 227
Muñoz, 265
Munt Fabrayr, 236 n. 28, 251
Murello freito, 235 n. 20
Muriel, 250
Murillo el Fruto, 235
Murviedro, 248
Nalón, 232
Nandulfe, 253
Nante, *Nantes*, 242
Navalquejido, *Navalquexigo*, 25 e n. 19
Navardún, 215, 241
Navarros, 261
Navia, 231
Navianos, 261

- Neila*, 231
Nemours, 135
Nemse, 135
Nervia, *Nervión*, 232
Nidáguila, 251
Nimes, 135
Ninán, *Ninás*, 254
Nisal, *Nisales*, 257
Nora, 257
Novegilde, 253
Nueno, 261
Nuño Gómez, 252 n. 84
Odearce, 255 n. 91
Odeleite, 255 n. 91
Odelouca, 255 n. 91
Odemira, 255 n. 91
Ódena, 238
Odiana, 255 n. 91
Odiel, 255 n. 91
Odivarga, 255 n. 91
Oisème, 238 n. 37
Ola, *Olla*, 234
Olloniego, 226
Olmosalbos, 245
Omedal, 235
Onís, 245
Oñón, 245
Ontalba, 245
Ontiñena, 245
Ontoria, 246
Oreja, *Orejana*, 245 n. 66
Orellán, *Orellana*, 244
Orgañá, 244
Orignac, 244 n. 64
Orignano, 244 n. 64
Oriñana, 244 n. 64
Osca, 242 n. 56
Osma, 238
Ostende, 206
Otero, 248
Oto, *Otura*, 248
Oviedo, 247
Oviñana, 244
Pachena, 245
Pácina, 238 n. 39
Paderna, 247
Paderne, 247
Padierno, *Padiernos*, 247
Padriñán, 244
Pales, 239
Palomeque, 252
Pampaneira, 250
Pamplona, 243
Panzano, 244
Papatrigo, 252
Parriel, 250
Patrignone, 244 n. 63
Pedralba, 245
Pedra Longa, 187 n. 8
Pedro Martínez, 252 n. 84
Peña Donas, 234
Penalonga, 187 n. 8, 188
Peña Trevineá, 247
Penaguila, 251
Peñalba, 245
Peñamea, 248
Peñarroya, 248, 258
Peñascosa, 248
Penha, 187 n. 8
Penha Longa, 187 e 188 n. 8
Peñón, 233
Peñorra, 233, 252 n. 85
Peñueco, 233
Peñuela, 233
Pera Longa, 187 e n. 8
Pernia, 231
Petón, 233
Piancenza, 243 n. 61
Pigüena, 231
Pisueña, 231
Pisuerga, 231
Pizzo Badile, 239 n. 42
Placencia, 243
Plaisance, 243 n. 61
Plasencia, 243
Pobo, 258
Poboleda, 258
Ponferrada, 251
Pontecorvo, 235
Pontevedra, 247, 251
Ponzago, 242
Ponzano, 244
Poperinge, 203
Porciles, 247
Poveda, 258
Povedal, 235, 258
Pradoluengo, 248
Preixana, 244

- Préjano*, 238
Puebla de Trives, 260
Puente, Honda, 251
Puente la Reina, 252 n. 84
Puente Nueva, 251
Puentes Viejas, 251
Puerto de Sueve, 260
Puyeo, 258
Puigdelí, 251
Purchil, 247, 250
Puyarraego, 250, 258
Quecedo, 247
Queiroga, Queiriga, Queiruga, 226, 227
Quejigo, Quejigal, 259
Quinto, 261
Quinzán, Quinzano, 244
Quiroga, 227
Rábago, 238
Racamonde, 253
Rafal, Ráfales, 255
Rafelcofer, 255
Rafelguarat, 255
Rafol de Salem, 255
Rágama, 238
Ramastué, 240 n. 49
Randamil, 253
Randulfe, 253
Ranedo, 247 n. 69
Rapún, 241
Rássina, 238 n. 39
Recarey, 254
Receguette, 254
Recesende, 253, 254
Recimil, 253, 254
Recimonde, Recimunde, 253, 254
Regemonde, 253
Regimil, 253
Rejosende, 253
Renanué, 240
Represa, 236
Requesende, 253
Requián, Requiás, 254
Résina, 238 n. 39
Resoba, 145
Réstema, 238 n. 39
Revillagodos, 260
Rialbo, 245
Riangulo, 236
Rianjo, 245
Riaño, 236, 245
Ribarroya, 248
Ribatejo, 270
Ribesalbes, 245
Ribota, 245, 248
Risova, 136, 145
Rcbledal, 235
Rocio, 258
Rollete, 258
Romaña, 261
Romancos, 261
Romanillos, 261
Romanos, Romanones, 260
Romanzado, 261
Roris, 254
Rosio, 258
Rosornil, 253
Rosas, 243
Rótova, 238
Rozamonde, 253
Ruão, 184 n. 1
Rudrón, 232
Rúlina, 238 n. 39
Ruósina, 238 n. 39
Saavedra, 247
Sabiñánigo, 244 n. 63
Sacajos, 252
Sachechores, 263
Sada, 145
Sádaba, Sádava, 136, 145, 238
Sadarrue, 145
Sadernes, Sadernas, 145
Saderra, 145
Sadurnín, 264
Saelices, 263
Safiz, 263
Sagra morta, 235 n. 22
Sahagún, 236, 264
Sahechores, 264 n. 117
Sahelices, 263
Salardú, 241
Saltacaballo, 252
Sambitero, 264
Sarnil, 254
Sampil, 263
San, pol., 146 n. 40
Sanabra, 144 n. 37
San Acisclo, 262
San Ananias, 264

- San Andrés*, 262
San Antolín, 264 n. 115
San Antonio, 262
San Asenjo, 263
San Asensio, 263
San Atilano, 262
San Bandilio, 262
San Baudelio, 264 n. 118
San Benito, 263
Sanfiteiro, 263 n. 112
San Fiz, 263
San Frechoso, 263
San Fructuoso, 263
San Fulgencio, 262
San Gallant, 262
San García, 262
San Gervasio, 263
Sangineto, 265 n. 121
San Gineto, 265 n. 121
Sangoñedal, 265 n. 121
San Goñedal, 265 n. 121
Sangoñedo, 265
Sanguñedo, *Sanguñedo*, 265
Sanjiao, *San Jián*, 263
Sanjillao, 263
San Jorde, 263
San Jorge, 263
San Juan, 262
San Julián, 263
Sanjurjo, 263
San Llorente, 263
San Magín, 262
San Marcedo, 262
San Marcial, 263
San Martín, 262
San Martín del Bollo, 264
San Mauricio, 262
San Medel, *San Medir*, 263 n. 113
San Bento, 263
San Bollo, 264
San Borondón, 263
San Brandán, 263
San Brégimo, 263
San Bricio, 262
San Calixto, 262
San Cebrián, 263
San Celoni, 262
San Cerni, 264 n. 116
Sanchidrián, 264
San Cipriano, 263
San Clodio, 262
Sancobad, 263
San Cristobal, 262
Sancucao, 263
San Cuçat, 263
San Dalmay, 262
San Damiás, 262
San Daniel, 262
Sandamil, 253
Sandoval, 235 n. 21
San Emeterio, 262
San Eufrasio, 262
San Facundo, *San Fagundo*, 263, 264
Santaquin, 236
San Felechoso, 263
San Felices, 263, 264 n. 117
Sanfelismo, 263
San Feliu, 263
San Ferreol, 262
San Miquel, 262
San Miniato, 263
San Morales, 264
San Mori, 262
San Muñoz, 264, 265
San Pedro, 262
San Pelayo, *San Payo*, 263
San Poncio, *San Pons*, 263
San Privat, 262
San Quirce, 264 n. 117
San Saturnino, 262, 264 n. 116
Santaballa, *St.^a Baya*, 263
Santa Cecilia, 263
Santa Colomba, *St.^a Comba*, 263
Santa Eufemia, 264
Santa Eulalia, 263
Santa Juliana, 263
Santa Lecina, 264
Santa Liña, 264
Santa Magdalena, 262
Santa Maria del Bollo, 264
Santa Olalla, *St.^a Olaja*, 263
Santa Olaya, *St.^a Olaria*, 263
Santa Perpetua, 262
Santa Sabina, 262
Santa Úrsula, 262
Santalla, 263
Santader, 263
Santa Olaya, *Santaya*, 263

- Santecilla*, 263
Sant'Elías, 263
Santelices, 263
Santervás, 263
Santianes, 263
Santibáñez, 263
Santillán, Santillana, 263
Santiorjo, 263
Santiponce, 264
San Tirso, 264
Sant'Isle, 263
Santiurjo, Santiurde, 263
Santiuste, 264 n. 117
Santiz, 264
Sant Llop, 264
Sant Marsal, 263
Santolaja, 263
Santolín, 263
Santoña, 264
Santolís, 264
Santotornil, 264 n. 116
Santovenia, 264
Sant Pere, 263
Santullán, Santullano, 263
Santurde, Santurce, Santurjo, 263
San Verísimo, 262, 263
San Victorio, 263, 264
San Vital, 263 n. 112
San Vitero, 263
San Zoillo, Sanzoles, 263
Saornil, 264
Saoto Nobale, 235
Saraqusta, 243
Sarceda, 258
Sardoal, 152 n. 47
Sardón, 152 n. 48, 258
Sardonedo, 152 n. 48
Sarriego, 226
Sariñena, 245
Sarnago, 242
Sasamón, 242
Sástago, 238
Savallá, 244
Savegnago, 242
Sávena, 238 n. 39
Savignac, 242
Savignone, 244 n. 63
Saviñán, 244
Schaufel, Schaufelberg, 239 n. 42
Schaufelspitze, 239 n. 42
Schaufelwiesen, 239 n. 42
Schufel, Schufelberg, 239 n. 42
Schufelmatten, 239 n. 42
Sebane, Sebanes, 263
Secorún, 241
Segorbe, 241, 242
Segovia, 230, 242
Seijal, Seijeda, 258
Seijalvo, 258
Seijo, Sejo, 258
Seivane, 263
Sel de la Peña, 258
Sel del Hoyo, 258
Sel del Manzano, 258
Scna, 144, 146 e n. 40, 153
Senabal, 144 n. 37, 153
Senabo, ant. esp., 145, 153
Senabria, Senabre, 144 n. 37, 153
Sénarets, 134 n. 13
Σέναρςς, 146 n. 40, 147
Senávra, 144 n. 37
Senebue, Senegüé, 145, 153
Senéra, 147 n. 41, 153
Senes, Senés, Senis, 145, 146
Senmanat, 263
Senna, Senni, 147 n. 41
Sennori, Sénnorí, 146
Sennuru, Sénore, 146 n. 40
Señorente, 263
Senóva, 136, 145, 153
Senra do Bispo, 125
Sent, 141
Seoanes, 264 n. 117
Seriñá, 244
Serviglio, Servigliano, 245 n. 66
Servillas, 235
Sesma, 238
Sesulte, 253
Setúbal, 241 n. 53
Siabal, 144 n. 37
Sian, 146 n. 40
Sieiro, Sieira, 148, 149
Sienra, 126, 127, 134
Sieres, 149
Sierio, ant., 149, 152
Sierna, 134
Siero, 148, 149, 153
Siétamo, 261

- Siete Moinhos*, 248 n. 70
Siguenza, 242
Silbellas, 235
Silva, Silvar, 258
Silvamayor, 258
Silveira, Silvela, 258
Silvota, 248
Simonena, 245 n. 65
Singia, 258
Sinnai, 147
Sinoba, Sinova, 249
Sins, 147
Sisamón, 242
S. João das Lampas, 269
Soaserra, 248
Soavila, 248 n. 70
Socauba, 257
Socueva, Sofuentes, 248
Soiglesia, Solago, 248
Somolinos, 248 n. 70
Somonte, 248
Son Ferragut, Son Juliá, 249
Son Ramón, Son Muntaner, 249
Sorga, Sorgue, 232
Soriana, 244
Sorripas, 250
Souhesme, 238 n. 37
Suevos, Suegos, 260
Tábara, Tabar, 142
Tacoradi, Tacoronte, 241 n. 52
Tafaraut, 241 n. 52
Tafuriaste, 241
Tagaluche, 241
Taganana, Taguasinte, 241
Taibique, 241
Tajahuerce, 247, 252
Tajaste, 241
Tajo, 231
Tamaduste, Tamadiste, 241
Tamaguste, 241
Tamaide, Tamaimo, 241
Tamára, 238
Tamaraceite, Tamareikat, 241 e n. 52
Tambre, 138, 142, 232
Támega, 232
Tamer, 138
Támesis, 232
Támmaro, 138, 232 n. 9
Tamoga, Tamuja, 232
Tamurejo, 232
Tancajote, 241
Tancaiaporta, 252
Tarascón, 237 n. 35
Taberna, 238
Tardáquila, 252
Tardelcuende, 252
Tarragona, 230
Tárega, 238
Tartera, 258
Tasartico, 241 n. 52
Taserualt, 241 n. 52
Tavar, 142
Tefirabe, 241 e n. 52
Tegueste, Teguisse, 241
Tejequac, Tejequiete, 241
Tejeleite, Tejirote, 241
Telero, 227 n. 5
Tembleque, 252
Temijiráque, 241
Tenerife, 241
Terroba, Terrobes, 136, 145, 235, 245
Tesequite, Teseneite, 241
Tesine, 241
Tiermas, 261
Tierz, 261
Tigaiga, Tigalate, 241
Tijarafe, 241
Tirón, 232
Tisalaya, 241 n. 52
Tiulle, 253
Toimil, 253
Toldanos, Toldaos, 261
Toledo, 230
Tollo, 258
Tombo, 141 n. 29
Topo, 233
Torcón, 232
Tordelrábano, 252
Tordómar, 255
Torlengua, 249
Tornavacas, 252
Toro, 251, 260
Toroba, 235
Tosal, 258
Touris, 254
Trambasaguas, 233
Trastemil, 253
Trastulle, 253

- Trebago*, 242
Treviño, 247
Trijueque, 252
Tuartas, 250 n. 77
Turégano, 238
Turleque, 252
Turón, 259
Turruncún, 241
Ucedo, *Uceda*, 259
Uces, *Uceira*, 259
Ulldemolins, 236
Unarre, 239
Unqueira, 250
Urcal, *Urceira*, 259 n. 95
Urquiaga, 235
Utebo, 261
Uzal, 259
Valbuera, 251
Valcarlos, 251
Valcuende, 251
Valdegoda, 260 n. 101
Valença, *Valence*, 243 n. 61
Valencia, 243
Valenza, 243 n. 61
Valeyrc, 242
Valfarta, 251
Valhermosa, 251
Vallfagona, 246
Vallota, 248
Valmeo, 248
Valparaiso, 251
Varciles, 227
Velascálvaro, 252 n. 84
Venasca, *Venasque*, 237 n. 35
Vento, 149
Verdú, 241 n. 54
Vérignon, 244 n. 63
Viérnoles, 260
Viesca, 259
Vilachave, 251
Viladóniga, 248
Vilagudín, 260 n. 101
Vilapedre, 251
Villa (de) Aldemiro, 254 n. 90
Villa (de) Aramiro, 254 n. 90
Villadonga, *Villadóniga*, 248
Villaescusa, 248
Villa (de) Froila, 254 n. 90
Villafuella, 254 n. 90
Villagómez, 252
Villagondriz, 254 n. 90
Villalengua, 249
Villalán, 260 n. 102
Villaldemiro, 254 n. 90
Villamartín, 252
Villamea, *Villameana*, 248
Villapedre, 251
Villaroya, 258
Villasinde, 254 n. 90
Villa (de) Sindila, 254 n. 90
Villatoro, 251, 260
Villa (de) Teudela, 254 n. 90
Villatuelda, 254 n. 90
Villazaide, 255
Villehardouin, 252 n. 84
Voltoya, 231 n. 8a
Vuitdemolins, 236
Vulpellac, 242
Wamba, 254
Xeixo, 258
Yátova, 238 n. 38
Yebra, 242
Yeguas, 232
Yèvre, 242 n. 55
Yudego, 226
Yunta(s), 249
Yuslapeña, 248
Yuso, 248
Zampuerma, 251 n. 81
Zanzabornín, 264 n. 116
Zapardiel, 250 n. 76
Zaragoza, 243